



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**ÊNIO JOSÉ TONIOLO**

**MANUSCRITOS DA VILA NOVA DE CASTRO:  
UM ESTUDO FILOLÓGICO DE DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVIII  
E XIX**

---

Londrina  
2007

**ÊNIO JOSÉ TONIOLO**

**MANUSCRITOS DA VILA NOVA DE CASTRO:  
UM ESTUDO FILOLÓGICO DE DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVIII  
E XIX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa Dra Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina  
2007

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

T665m Toniolo, Ênnio José.

Manuscritos da Vila Nova de Castro : um estudo filológico de documentos dos séculos XVIII e XIX / Ênnio José Toniolo. – Londrina, 2007. 416f. : il. + anexos no final da obra.

Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2007.

Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – História – Teses. 2. Manuscritos – Castro (PR) – Teses. 3. Filologia portuguesa – Teses. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(81)



**ÊNIO JOSÉ TONIOLO**

**MANUSCRITOS DA VILA NOVA DE CASTRO:  
UM ESTUDO FILOLÓGICO DE DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVIII  
E XIX**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera – UEL

---

Prof. Dr. Heitor Megale – USP

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes –  
UNESP

---

Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck – UEL

---

Profa. Dra. Cláudia Valéria Penavel Binato -  
UNESP

Londrina, 30 de novembro de 2007

*À*

*Maria Aparecida.*

*Sem ela, não.*

## AGRADECIMENTOS

É tão bom poder dizer “muito obrigado”! Devo tanto a tantos! Em primeiro lugar, ao Criador Todo-Poderoso, que me conduziu sempre pelos melhores caminhos, e à Virgem, Mãe mediadora junto a seu Filho.

À paciente e sábia Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera, orientadora incansável e otimista, além de amiga de todas as horas. Sem esquecer os demais docentes da Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL, competentes e dedicados.

A todos os colegas do Projeto *Para a história do português paranaense: Estudos diacrônicos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX*, da Universidade Estadual de Londrina, de modo particular aos amigos Cláudio, Joyce, Fabiane, Celciane, Rosa, Elvira – pela ajuda companheira e amável.

Ao Professor José Cezar dos Reis pelas magníficas lições de Paleografia, tão úteis na leitura dos manuscritos.

Aos Professores Doutores Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto, a cujas estimulantes e enriquecedoras aulas na USP pude assistir. Também sou grato aos colegas uspianos, especialmente ao Phablo e à Érica pela amável ajuda que tantas vezes me proporcionaram.

Aos colegas do Departamento de Lingüística da UNESP, câmpus de Assis, mormente aos da área de Latim, pelo estímulo, companheirismo e favores inúmeros.

Aos familiares, tantas vezes privados da atenção merecida: filhas Teresa Cristina e Ana Lúcia, genros Eurico e Luiz Carlos e – *last but not least* – o neto Luís Henrique.

TONIOLO, Ênnio José. **Manuscritos da Vila Nova de Castro: um estudo filológico de documentos dos séculos XVIII e XIX.** 2007. 431f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

## RESUMO

Esta tese fundamenta-se na interdependência entre a sincronia e a diacronia, conforme tem sido proposto por vários estudiosos, especialmente nas últimas décadas. Nessa abordagem, fatos sincrônicos atuais explicam-se a partir de diacronias pretéritas. O trabalho tem por objetivo específico, respeitando as normas vigentes, editar textos oficiais produzidos na Vila de Castro (Paraná), no final do século XVIII e início do XIX, com o intento de comprovar que tais textos, embora majoritariamente de natureza oficial, podem servir de *corpus* para o estudo da língua portuguesa no Paraná e fazer parte de um grande banco de dados que constituirá a base fatural para o conhecimento das mudanças sofridas pela língua portuguesa no Brasil. O trabalho está dividido em cinco partes principais: A apresentação, em que se discorre a respeito do *corpus* que serve de base à tese e a introdução, com as relações entre sincronia e diacronia e os objetivos do trabalho. A seguir, o resumo da história da Província e da vila de Castro (para se compreender o contexto social em que foram produzidos os manuscritos) e os critérios de edição, que é conservadora, por se destinar ao estudo lingüístico. Em seguida, o estudo ortográfico-fonético do *corpus*, com uma análise grafemática e ortográfica dos documentos editados, em que se trata das marcas da oralidade presentes nos documentos, e também um levantamento dos topônimos e antropônimos. Em quarto lugar, figuram as normas glossariais, seguidas de um glossário seletivo. Finalmente, a conclusão, as referências bibliográficas e o *corpus* manuscrito com a transcrição justalinear.

**Palavras-chave:** Manuscritos de Castro. Edição. Ortografia e estudo filológico.

TONIOLO, Ênnio José. **Manuscritos da Vila Nova de Castro: um estudo filológico de documentos dos séculos XVIII e XIX.** 2007. 431f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

### **ABSTRACT**

This thesis is based on the interdependence between synchrony and diachrony, as it has been proposed by many linguists, particularly in the last decades. In that approach, current synchronic facts are explained starting from past diachronies. The work has as a specific goal, respecting the norms in use, to edit official texts produced in Castro Village (State of Paraná), at the end of the XVIII<sup>th</sup> century and beginnings of the XIX<sup>th</sup>, aiming to prove that such texts, although having chiefly an official nature, can be useful as corpus for the study of the Portuguese language in Paraná and to be part of a great database that will constitute the factual for base the analysis of the changes that happened in the Portuguese language in Brazil. The work is divided in five main parts: The presentation, in which the author discusses the characteristics of the corpus that is used as the base for the thesis, and the introduction, with the relationships between synchrony and diachrony and the aims of the work. Subsequently, is presented the summary of the history of the Province (State) and of Castro Village (in order to make understandable the social context where the manuscripts were produced) and the criteria of edition, which is conservative, because directed to linguistic research. Lately, the orthographic-phonetic study of the corpus, with a graphematic and orthographic analysis of the edited documents, in which there is an approach of spoken language features appearing in the documents, and also a list of the place and people names. In fourth place, are presented the glossary norms, followed by a selective glossary. Finally, the conclusion, the bibliographical references and the manuscript corpus with its transcription in parallel columns.

**Keywords:** Manuscripts from Castro. Edition. Orthography and philological approach.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	18
1.1 SINCRONIA <i>VERSUS</i> DIACRONIA .....	18
1.2 POR QUE PUBLICAR MANUSCRITOS?.....	19
1.3 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS .....	23
1.4 ADMITINDO OS ÓBICES .....	25
<b>2 HISTÓRIA DO PARANÁ E DE CASTRO</b> .....	28
2.1 PORTÂNCIA.....	28
2.2 PRIMEIROS EUROPEUS NO PARANÁ .....	28
2.3 A CONQUISTA DO LITORAL .....	30
2.4 O CAMINHO DO PEABIRU .....	30
2.5 O PARANÁ ESPANHOL .....	31
2.6 ATAQUES BANDEIRANTES .....	32
2.7 OS CAMPOS GERAIS .....	34
2.8 A MINERAÇÃO E O TROPEIRISMO .....	36
2.9 AS CÂMARAS MUNICIPAIS .....	42
2.10 HISTÓRIA DE CASTRO .....	46
2.11 A SOCIEDADE CAMPEIRA CASTRENSE.....	48
2.12 GOVERNADORES DA CAPITANIA DE SÃO PAULO.....	51
2.13 QUADRO HISTÓRICO SINÓTICO.....	51
<b>3 CRITÉRIOS DE EDIÇÃO</b> .....	55
<b>4 ELEMENTOS ORTOGRÁFICO-FONÉTICOS</b> .....	61
4.1 INTRODUÇÃO .....	61
4.2 GRAFEMAS E FONEMAS .....	62
4.3 O TEXTO COMO EXPRESSÃO DE SUA ÉPOCA .....	63
4.4 TENTATIVA DE ESTATÍSTICA, POR FASE, DAS GRAFIAS ETIMOLÓGICAS.....	66
4.5 DEMAIS FLUTUAÇÕES GRÁFICAS.....	74

4.6 GRAFEMAS PARA REPRESENTAR AS VOGAIS .....	76
4.7 GRAFEMAS NA REPRESENTAÇÃO DAS SEMIVOGAIS .....	76
4.8 DITONGO /EY/, REPRESENTADO PELOS GRAFEMAS <EI> E <EY> .....	78
4.9 DITONGO /OW/ .....	82
4.10 O GRAFEMA H .....	83
4.11 NASALAÇÃO .....	85
4.11.1 Variação Gráfica dos Ditongos Nasais: .....	89
4.12 GRAFEMAS PARA REPRESENTAR AS CONSOANTES .....	95
4.12.1 Grafias para o Fonema /s/ .....	95
4.12.2 Uso do Grafema <s> em lugar de <ç> .....	96
4.12.3 Uso do Grafema <ss> em lugar de <ç> .....	97
4.12.4 Uso do Grafema <ss> em lugar de <c> .....	98
4.12.5 Uso do Grafema <ss> em lugar de <s> .....	98
4.12.6 Uso do Grafema <s> em lugar de <c> .....	98
4.12.7 Uso do Grafema <s> em lugar de <ss> .....	100
4.12.8 Uso do Grafema <c> em lugar de <s> .....	102
4.12.9 Uso do Grafema <c> em lugar de <ss> .....	102
4.12.10 Uso do Grafema <ç> em lugar de <ss> .....	103
4.12.11 Uso do Grafema <ç> em lugar de <s> .....	103
4.12.12 Uso do Grafema <ç> em lugar de <c> .....	104
4.13 O ARQUIFONEMA /S/ FINAL DE SÍLABA .....	104
4.13.1 Grafema <s> por <x> .....	104
4.13.2 Grafema <x> por <s> .....	104
4.13.3 Grafema <s> por <z> .....	104
4.13.4 Grafema <z> por <s> .....	105
4.14 GRAFIAS PARA O FONEMA /z/ .....	106
4.15 GRAFIAS PARA O FONEMA /ʃ/ .....	108
4.16 GRAFIAS PARA O FONEMA / ɲ/ .....	109
4.17 GRAFIA PARA O FONEMA /v/ E /ç*/ .....	109
4.17.1 Diacríticos .....	110
4.18 ACENTUAÇÃO GRÁFICA .....	111
4.19 CRASE .....	114
4.20 SEPARAÇÃO SILÁBICA .....	116

4.21 MAIÚSCULAS.....	117
4.22 FORMAS COLADAS E COM FRONTEIRA DE PALAVRA .....	118
4.23 ABREVIATURAS .....	126
<b>5 MARCAS DA ORALIDADE .....</b>	<b>132</b>
5.1 TROCA DE <V> POR <B>.....	132
5.2 USO DO GRAFEMA <E> EM LUGAR DO GRAFEMA <A> .....	135
5.3 USO DO GRAFEMA <E> EM LUGAR DO GRAFEMA <I> .....	136
5.4 USO DO GRAFEMA <I> EM LUGAR DO GRAFEMA <E> .....	138
5.5 USO DO GRAFEMA <EI> EM LUGAR DOS GRAFEMAS <E> E <I>.....	140
5.6 USO DO GRAFEMA <EM>, <EN> EM LUGAR DOS GRAFEMAS <IM>, <IN>.....	140
5.7 USO DO GRAFEMA <IN>, EM LUGAR DO GRAFEMA <EN>.....	142
5.8 USO DO GRAFEMA <U> EM LUGAR DO GRAFEMA <O> .....	142
5.9 USO DO GRAFEMA <O> EM LUGAR DO GRAFEMA <U>.....	143
5.10 SÍNCOPE DE VOGAIS ÁTONAS.....	144
5.11 MONOTONGAÇÃO DE /EY.....	145
5.12 EPÊNTESE .....	146
5.13 METÁTESE.....	146
5.14 ROTACISMO.....	148
5.15 MARCAS DO ARCAICO .....	148
5.16 LUSITANISMOS .....	149
<b>6 OBSERVAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS.....</b>	<b>150</b>
6.1 ADVÉRBIOS EM –MENTE .....	150
6.1.1 Os Advérbios em <i>-mente</i> no Português Atual .....	150
6.1.2 Origem dos Advérbios em <i>-mente</i> .....	152
6.1.3 Formas Coladas e Não Coladas.....	155
6.2 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS .....	159
<b>7 A ARGUMENTAÇÃO NUM MANUSCRITO DE 1811.....</b>	<b>161</b>
<b>8 TOPÔNIMOS E ANTROPÔNIMOS.....</b>	<b>167</b>
8.1 INTRODUÇÃO.....	167

8.2 TOPÔNIMOS .....	167
8.3 ANTROPÔNIMOS .....	170
8.3.1 Personagens que Subscreveram os Documentos do <i>Corpus</i> .....	171
8.3.2 Personagens Mencionados nos Documentos do <i>Corpus</i> .....	180
<b>9 GLOSSÁRIO</b> .....	190
<b>10 CONCLUSÃO</b> .....	226
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	227
<b>ANEXO – FAC-SÍMILES E TRANSCRIÇÕES</b> .....	241

## APRESENTAÇÃO

Meu primeiro contato mais próximo com a Filologia deu-se na Universidade de Lisboa, onde fui aluno de Joseph Maria Piel, José Ângelo Peral Ribeiro, Luís Filipe Lindley Cintra – os três já falecidos – e de Ivo José de Castro, então um rapaz entusiasta e promissor no início da carreira.

Muito mais tarde, vim a ensinar Latim e Filologia na UNESP – campus de Assis. Ao iniciar o doutorado na UEL, minha orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanderci de Andrade Aguilera, na ocasião interessada em fomentar as pesquisas em torno dos manuscritos paranaenses, aconselhou-me a trabalhar com os da Vila Nova de Castro, inclusive porque a minha dissertação de mestrado abordara a linguagem rural de Tibagi, município vizinho e que outrora fez parte do vastíssimo território castrense.

Além disso, eu fizera a licenciatura em Ponta Grossa, cidade que, como Castro, fica no coração dos Campos Gerais. Assim, explica-se a escolha desse tema para a tese, que visa (também) a ampliar o acervo de diversos tipos de textos, mesmo oficiais, que documentem o uso da língua portuguesa, nas várias fases de sua história. (Megale; Cambraia, 1999, p. 9). Tal corpus deve abranger um conjunto de documentação representativa, não só da linguagem informal, mas também da mais elaborada, própria de documentos oficiais e da produção literária. (Morais, 2002, p. 69)<sup>1</sup>

De fato, ao confrontarem-se, por exemplo, vários *certificados*, pode-se notar que o referido uso varia, intensamente, de acordo não só com o *status* da pessoa a quem se dirige o documento, mas principalmente com a habilidade de quem escreve. (Barbosa, 1999, p. 120)

O presente *corpus* apresenta uma apreciável vantagem: É um conjunto de textos originais, ao que se saiba inéditos, todos produzidos no município de Castro, e que não foram objeto de atualizações ortográficas, nem de correções (Silveira, 2004, p. 217).

Dessa forma, a organização de um grande banco de dados do Paraná, que envolve muito de “trabalho braçal”, contribuirá para que os pesquisadores da diacronia gastem menos tempo reunindo dados de fases pretéritas do idioma (Cohen, 2004, p. 119). Trazemos aqui um *corpus* que, se não completamente homogêneo, ao menos, revela um *tipo*

---

<sup>1</sup> “No atual estado dos estudos sobre a formação do português brasileiro, é premente a necessidade de construção de uma filologia de textos escritos no Brasil.” (Lobo, 2001, p. 18)

*de texto* (Barbosa, 1999, p. 15). São fontes primárias, com o apreciável caráter — salvo raras exceções — de autógrafas.

É oportuno lembrar a observação de Teysser (1982, p. 73): “Para a morfologia, sintaxe e o vocabulário o fim do século XVIII e o início do século XIX parecem ter sido uma espécie de época de transição entre o português clássico e o que se pode chamar o português contemporâneo.” É justamente este o período abrangido pelo presente *corpus*.

O material utilizado compõe-se de manuscritos conservados no Arquivo do Estado de São Paulo<sup>2</sup> e digitalizados por iniciativa da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanderci de Andrade Aguilera, constituindo na UEL um banco de dados referentes à Quinta Comarca da Capitania de São Paulo, depois Província do Paraná. A tese fundamenta-se, claramente, num *corpus* de reduzidas dimensões. Não é de desprezar, contudo, a vantagem de trabalharmos com textos perfeitamente datados e localizados: Dentro do recorte temporal, de 1776 a 1841, e espacial, provenientes da Vila Nova de Castro – qualidades nem sempre encontradas pelo pesquisador.<sup>3</sup>

Por outro lado, a documentação remanescente de épocas pretéritas, embora predominantemente não-literária, concentra-se no século XIX; à medida que se recua no tempo, ela decresce em progressão geométrica (Mattos e Silva, 2002, p. 452). O caso de Castro não é diferente: Os primeiros manuscritos disponíveis datam de 1776.

O corpus consta de 62 documentos, em 94 fólios, assim classificados:

Ata – “Registro resumido das ocorrências de uma reunião, assembléia ou sessão, assim como das decisões tomadas por seus membros.” (Belloto, 2002, p. 48)

Carta – “Documento não-diplomático, mas de desenho mais ou menos padronizado, informativo, ascendente, descendente, horizontal, conforme o caso.” (Belloto, 2002, p. 51)  
Optou-se por denominar carta oficial a correspondência dirigida pela Câmara de Castro ao Capitão General e a outras autoridades, seguindo a lição do Prof. Heitor Megale e o exemplo de Vasconcelos, 2006, p. 5, 49, 58, ss.

Certidão – “Documento diplomático testemunhal comprobatório.” (Belloto, 2002, p. 57)

Lista – “Documento não-diplomático testemunhal de assentamento ou informativo. Rol de nomes ou itens diversos reunidos com uma finalidade específica.” (Belloto, 2002, p. 72).

<sup>2</sup> Caixa 12, ordem 238. Os manuscritos encontram-se em bom estado de conservação.

<sup>3</sup> Cf. a afirmação de Clarinda Maia sobre o corpus que utilizou: “(...) só excepcionalmente são conhecidas a data de redação, a naturalidade do escriba, o local onde habitualmente exercia o seu cargo, a sua inserção ou não na população local, etc., (...)” (Maia, 1986, p. 9)

“Até 1831, as cidades e vilas do Brasil contavam com as Milícias, que nada mais eram do que tropas de segunda linha. Existem livros-mestres dos regimentos, embora muitos estejam extraviados ou perdidos. Estes livros importam relações nominais dos milicianos.

Trazem, portanto, *nome e sobrenome, filiação paterna, naturalidade, idade, estado conjugal, bem como dados acerca de sua estatura, cor da pele, cor dos olhos, formato do rosto, formato da testa, cor e tipo de cabelo, espessura da sobrancelha, presença ou não de barba, sua densidade, formato e cor*. Indicam, ainda, *a posição militar do miliciano, posto atua, companhia e esquadra a que pertencem, data em que assentou praça, promoções recebidas e transferências havidas.*”<sup>4</sup>

Mapa: “Documento não-diplomático informativo. Na administração colonial, usava-se mais a denominação *mapa* para o quadro que relaciona as espécies e as quantidades constantes do carregamento de uma embarcação, designando os portos de embarque e desembarque.” (Belloto, 2002, p. 73)

Parecer – “Documento diplomático opinativo ou não-diplomático e, dependendo da instância, ascendente ou horizontal. Opinião técnica ou científica sobre um ato, servindo de base para a tomada de decisão. O mesmo que *consulta*.” (Belloto, 2002, p. 78)

Portaria – “Documento diplomático dispositivo de correspondência, descendente. Na administração colonial: ordem régia expedida em nome do soberano e que contém instruções sobre aplicação de leis, normas de serviço, nomeações, demissões ou punições.” (Belloto, 2002, p. 79)

Especificação dos documentos, número de fólios e porcentagem:

Documentos	Número de fólios	Porcentagem
Atas	3	3,19 %
Cartas	2	2,13 %
Certidões	8	8,51 %
Listas	7	7,45 %
Mapas de carga	1	1,06 %
Cartas oficiais	66	70,22 %
Pareceres	1	1,06 %
Portarias	1	1,06 %
Relações	5	5,32 %
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100,00 %</b>

<sup>4</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. Fontes coloniais. In: Samara; Dias; Bivar, 2005, p. 48.

A relação completa dos documentos, com a especificação dos fólhos, tipologia e datação é a seguinte:

Número de ordem	Documento	Fólio	Tipologia	Datação	Número no banco de dados da UEL
1	1	1r	Lista	1776	<u>249</u>
2		1v	Lista	1776	<u>250</u>
3		2r	Lista	1776	<u>251</u>
4		2v	Lista	1776	<u>252</u>
5		3r	Lista	1776	<u>253</u>
6		3v	Lista	1776	<u>254</u>
7		4r	Lista	1776	<u>255</u>
8	2	1r	Portaria	02-06-1787	<u>256</u>
9	3	1r	Carta oficial	31-07-1797	<u>257</u>
10	4	1r	Carta oficial	21-02-1798	<u>258</u>
11	5	1r	Carta oficial	21-02-1798	<u>259</u>
12	6	1r	Carta oficial	11-06-1798	<u>263</u>
13	7	1r	Certidão	11-06-1798	<u>262</u>
14	8	1r	Carta oficial	21-09-1798	<u>260</u>
15	9	1r	Certidão	21-09-1798	<u>261</u>
16	10	1r	Carta oficial	15-03-1799	<u>265</u>
17	11	1r	Carta oficial	15-05-1799	<u>264</u>
18	12	1r	Carta oficial	31-12-1800	<u>266</u>
19	13	1r	Carta oficial	31-12-1800	<u>267</u>
20	14	1r	Certidão	31-12-1800	<u>268</u>
21	15	1r	Carta oficial	16-03-1801	<u>269</u>
22	16	1r	Carta oficial	07-04-1801	<u>271</u>
23		1v	Carta oficial	07-04-1801	<u>272</u>
24	17	1r	Carta oficial	26-05-1801	<u>273</u>
25	18	1v/2r	Mapa	Inícios de 1802	<u>270</u>
26	19	1r	Carta oficial	21-04-1802	<u>732</u>
27	20	1r	Carta oficial	22-01-1803	<u>274</u>
28	21	1r	Carta oficial	18-05-1803	<u>275</u>
29	22	1r	Carta oficial	16-12-1803	<u>276</u>
30		1v	Carta oficial	12-05-1803	<u>277</u>
31		2r	Carta oficial	12-05-1803	<u>278</u>

32		2v	Carta oficial	12-05-1803	<u>279</u>
33	23	1r	Carta oficial	16-12-1803	<u>280</u>
34	24	1r	Certidão	16-12-1803	<u>281</u>
35	25	1r	Carta oficial	13-03-1804	<u>282</u>
36		1v	Carta oficial	13-03-1804	<u>283</u>
37	26	1r	Carta oficial	04-03-1808	<u>284</u>
38	26	2r	Parecer	04-03-1808	<u>285</u>
39	27	1r	Carta	02-01-1808	<u>287</u>
40	28	1r	Carta oficial	02-10-1808	<u>286</u>
41	28(a)	1r	Carta oficial	30-09-1810	<u>288</u>
42	29	1r	Carta	17-12-1810	<u>289</u>
43	30	1r	Certidão	01-02-1811	<u>290</u>
44	31	1r	Carta oficial	29-06-1811	<u>291</u>
45		1v	Carta oficial	29-06-1811	<u>292</u>
46	32	1r	Carta oficial	15-06-1812	<u>293</u>
47	33	1r	Certidão	15-06-1812	<u>294</u>
48	34	1r	Carta oficial	30-12-1812	<u>295</u>
49	35	1r	Carta oficial	17-06-1816	<u>296</u>
50	36	1r	Carta oficial	08-02-1817	<u>297</u>
51	37	1r	Carta oficial	29-09-1817	<u>298</u>
52	38	1r	Certidão	29-09-1817	<u>299</u>
53	39	1r	Carta oficial	24-03-1818	<u>347</u>
54	40	1r	Carta oficial	01-04-1818	389
55	41	1r	Carta oficial	29-12-1818	<u>300</u>
56		1v	Carta oficial	29-12-1818	<u>301</u>
57	42	1r	Carta oficial	14-01-1819	<u>304</u>
58	43	1r	Carta oficial	03-05-1819	<u>305</u>
59		2r	Relação	03-05-1819	<u>306</u>
60		3r	Relação	03-05-1819	<u>307</u>
61		4r	Relação	03-05-1819	<u>308</u>
62	44	1r	Carta oficial	03-06-1819	<u>309</u>
63		1v	Carta oficial	03-06-1819	<u>310</u>
64	45	1r	Carta oficial	02-09-1819	<u>311</u>
65	46	1r	Carta oficial	17-08-1820	<u>313</u>
66	47	1r	Carta oficial	02-11-1820	<u>314</u>

67	48	1r	Carta oficial	18-11-1820	<u>315</u>
68	48 (a)	1r	Carta oficial	09-01-1821	<u>319</u>
69	49	1r	Carta oficial	15-06-1821	<u>321</u>
70	50	1r	Carta oficial	30-09-1821	<u>322</u>
71		1v	Carta oficial	30-09-1821	<u>323</u>
72		2r	Carta oficial	30-09-1821	<u>324</u>
73	51	1r	Carta oficial	22-10-1821	<u>326</u>
74		2r	Carta oficial	22-12-1821	<u>327</u>
75		3r	Relação	21-10-1821	<u>328</u>
76		4r	Carta oficial	22-10-1821	<u>329</u>
77	52	1r	Carta oficial	22-10-1821	<u>330</u>
78		2v/3r	Relação	21-10-1821	<u>331</u>
79	53	1r	Carta oficial	13-01-1822	<u>332</u>
80		1v	Carta oficial	13-01-1822	<u>333</u>
81		2r	Carta oficial	13-01-1822	<u>334</u>
82	54	1r	Certidão	05-06-1822	<u>335</u>
83	55	1r	Ata	28-07-1822	<u>341</u>
84		2r	Ata	28-07-1822	<u>342</u>
85		2v	Ata	28-07-1822	<u>343</u>
86		3r	Carta oficial	29-07-1822	<u>340</u>
87	56	1r	Carta oficial	15-09-1822	<u>337</u>
88		1v	Carta oficial	15-09-1822	<u>338</u>
89		2r	Carta oficial	15-09-1822	<u>339</u>
90	57	1r	Carta oficial	02-11-1822	<u>344</u>
91		2r	Carta oficial	02-11-1822	<u>345</u>
92	58	1r	Carta oficial	02-12-1822	<u>346</u>
93	59	1r	Carta oficial	07-01-1828	<u>318</u>
94	60	1r	Carta oficial	18-01-1841	<u>317</u>

A presença majoritária de Cartas oficiais obriga a consideração de se tratar de um gênero, com características formais bem delineadas: vocativo inicial, corpo do texto, local e data, despedida, assinatura(s) – tudo contextualiza o(s) autor(es) numa determinada realidade histórico-social. (Lopes, 2005, p. 15)

Das gramáticas e tratados de ortografia, serão principalmente usados neste trabalho reproduções por meio de *download* das seguintes obras:

LIMA, Luis Caetano de. *Orthographia da lingua portugueza*. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736. Disponível em: <[http://purl.pt/8/2/1-658-p\\_PDF/1-658-p\\_PDF\\_24-C-R0072/1-658-p\\_0000\\_capa-13\\_t24-C-R0072.pdf](http://purl.pt/8/2/1-658-p_PDF/1-658-p_PDF_24-C-R0072/1-658-p_0000_capa-13_t24-C-R0072.pdf)>. Acesso em: 04 janeiro 2006.

LOBATO, António José dos Reis. *Arte da grammatica da lingua portugueza, composta e offerecida ao Illmo. e Exmo. Senhor Sebastião José Carvalho*. Lisboa: Na Regia Officina Tipografica, 1770. Disponível em: <<http://purl.pt/196/2/>>. Acesso em 15 agosto 2006.

MADUREIRA FEIJÓ, João de Moraes. *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excelentissimo Duque de Lafoens*. 2. ed.. Coimbra: Na Officina de Luis Seco Ferreyra, 1739. Disponível em: <<http://purl.pt/13>>. Acesso em 24-01-2007.

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 SINCRONIA *VERSUS* DIACRONIA

Durante o apogeu do estruturalismo, deu-se uma importância menor à diacronia. Contudo, “depois de algumas décadas de predomínio e de valorização do descritivismo sincrónico” (Maia, 2002, p. 231) voltou-se a valorizar a perspectiva histórica: “Os eventos do passado podem iluminar o presente, levando-nos a uma maior compreensão dos sistemas atuais, ou de como eles acabam por apresentar esta ou aquela forma: (...)” (Morais, 1998, p. 247)

Parece consensual que a oposição sincronia/diacronia não existe no objeto (língua) e sim na maneira de encará-lo (Coşeriu, 1968, p. 275). A profunda relação entre ambas pode ser comprovada por meio de exemplos que se encontram no estudo de nossa língua:

a) Numa visão sincrônica, os nomes portugueses fazem o plural acrescentando o morfema **-(e)s**; mas os terminados em **-ão** têm formas plurais que, em grande parte, só se explicam diacronicamente,<sup>5</sup> a partir da origem latina:

<b>-ões</b>	<b>-ães</b>	<b>-ãos</b>
leones > leões	canes > cães	manus > mãos
*corationes > corações	panes > pães	christianos > cristãos
electiones > eleições	scribanes > escrivães	germanos > irmãos

b) Nossos pronomes pessoais, e os de várias línguas indo-européias, apresentam um vestígio de declinação, como resto de velhas sincronias (Cabral, 1973, p. 165-168):

Nominativo	eu	tu	ele
Acusativo	me	te	o
Dativo	mim	ti	lhe
Ablativo	(co)migo	(con)tigo	(con)sigo

<sup>5</sup> Miazi, 1972, p. 88. Houve, sabidamente, interferências analógicas em vários plurais.

c) A coexistência de radicais<sup>6</sup> diferentes, como *olho* e *ocular*, *veia* e *venoso*, *paz* e *pacífico*, *vida* e *vital*, explica-se em termos diacrônicos.<sup>7</sup>

d) A formação do futuro nas línguas românicas, com o uso de um auxiliar (geralmente **habere**), vai esclarecer a existência da mesóclise, ainda viva em Portugal, mas hoje confinada entre nós à língua culta literária do PB: *vê-lo-ei*, *emprestar-lhe-ia*.

Essa “retomada dos estudos diacrônicos do português” data de meados da década de 1980 (Megale & Cambraia, 1999, p. 9), e deve-se sobretudo a um problema nosso, do Brasil: “a questão lingüística da língua que usamos, o português brasileiro, língua oficial majoritária de nosso país.” (Mattos e Silva, 2004, p. 44) Por exemplo, quando e como o Português Brasileiro e o Português Europeu começaram a afastar-se um do outro? Onde localizar os primeiros focos de divergência? Estas questões fazem parte de uma investigação maior, porquanto

não se trata simplesmente de catalogar mudanças, mas usá-las para refletir sobre a natureza da linguagem que, entre outras características, é mutável inerentemente. (...) A investigação da natureza da linguagem requer que se leve em consideração que as línguas são objetos cujo primeiro modo de existência é o tempo. (Morais, 1998, p. 247 e 248)

## 1.2 POR QUE PUBLICAR MANUSCRITOS?

Para conhecer o passado distante dos idiomas, só temos duas fontes: os textos remanescentes, e as observações dos gramáticos da época.<sup>8</sup> As gramáticas, em geral, foram redigidas tendo em vista a norma padrão, empregada no estilo literário; não costumam, portanto, refletir com exatidão (às vezes nem sequer com muita aproximação) a linguagem viva.

---

<sup>6</sup> Empregou-se aqui a nomenclatura tradicional. Cf. Cunha; Cintra, 1985, p. 75. Mattoso Câmara refere-se a *alomorfes*, mas lembra que em outras terminologias esses elementos denominam-se *lexemas* e também *semantemas*. (Câmara Jr., 1969, p. 47)

<sup>7</sup> Maurer Jr., 1967, *passim*.

<sup>8</sup> “Por outro lado, é extremamente útil o recurso ao testemunho de gramáticos coevos ou de época ligeiramente posterior, constituindo as suas observações um útil marco de referência no processo evolutivo da língua.” (Maia, 1986, p.304-305)

A documentação manuscrita irá comprovar as grandes linhas das conclusões teóricas, que descrevem o idioma numa sincronia passada,<sup>9</sup> uma vez que “o estudo de qualquer fenómeno evolutivo da língua deve fundamentar-se numa consistente base textual.”(Maia, 2002, p. 239). Daí o valor desse enorme acervo, em boa parte ainda inédito, que vem desde a carta de Pero Vaz de Caminha, passando pelos cronistas coloniais, pelos relatos dos jesuítas, pelas narrativas dos viajantes... englobando os testamentos, as doações, as escrituras... Aí está certamente uma das tarefas da Filologia: analisar os textos antigos, para preservá-los e interpretá-los. Um primeiro passo é transcrevê-los, mantendo tanto quanto possível a forma original, editando-os e facilitando o acesso aos estudiosos. Um *corpus* amplo e organizado constituir-se-á num material confiável onde se possa pesquisar.<sup>10</sup>

Reciprocamente, quanto mais se souber acerca de uma variante passada da língua, melhor se poderá decidir sobre problemas de edição apresentados pelos textos seus contemporâneos. Daí se compreende que a filologia tenha acompanhado a teorização a respeito das mudanças lingüísticas, fornecendo textos fidedignos e se beneficiando dos avanços teóricos.

A utilização de documentos antigos manuscritos, tantas vezes contendo dados “parciais, fragmentários e de limitado alcance sociolingüístico” ( Maia, 2002, p. 234), apresenta uma série de problemas ao pesquisador. Uma das primeiras questões é verificar com que exatidão os registros escritos representam a fala (Monaretto, 2005, p. 120). Sabidamente, “ a escrita está comprometida por uma série de convenções, e pelo favorecimento de certas construções em detrimento de outras,”( Moraes, 2002, p. 70) porque a língua escrita nunca será expressão fiel da língua falada (Maia, 1986, p. 15), sendo antes um derivado mais ou menos direto e imperfeito da oralidade.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> “Se pelas teorias da Lingüística Histórica e com suporte de teorias lingüísticas em geral se pode chegar à caracterização esquemática de um momento na história passada de uma língua, são os dados empíricos, fornecidos pela documentação remanescente que confirmarão ou não as teorias e que permitem rastrear e em parte reconstruir o seu uso vivo.” (Mattos e Silva, 1991, p. 40)

<sup>10</sup> “(...) como não temos acesso a dados intermediários da evolução do português do Brasil entre os séculos XVI e XX, lamentavelmente não podemos avaliar esses estágios evolutivos de maneira significativa.” (Naro & Scherre, 2007, p. 53)

<sup>11</sup> “(...) nous situons la représentation graphique, non pas sur un plan d'égalité avec la manifestation orale du langage, mais comme un dérivé plus ou moins direct de celle-ci.” (Llorach, 1968, p. 519). Há os que defendem posição diferente: “On tend donc aujourd'hui à voir dans la langue écrite un système secondaire, simple reflet de la langue parlée. Cette conception risque toutefois d'être contredite par le fait bien connu que la langue écrite n'est pas jamais une pure copie de la langue parlée, car sur bien des points chacune des deux suit ses propres règles.” (Hammarström, 1964, p. 332)

Mesmo os manuscritos produzidos durante o período chamado “fonético”<sup>12</sup> da ortografia portuguesa não reproduziam com rigor certas distinções fonológicas – e muito menos as fonéticas...<sup>13</sup> Tais imprecisões tiveram diferentes causas :

(a) como ensinou Saussure, a escrita existe para representar a oralidade; ora, esta representação é forçosamente infiel; é certo, contudo, que estudos mais recentes negam esta possibilidade de mera “representação” da oralidade. Por exemplo, Marcuschi (2001, p. 17):

(...) sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada, quanto equivocada, de que escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala, como se verá adiante. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e o tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados. Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

(b) além da polivalência dos signos gráficos, os manuscritos apresentam uma poligrafia dos fonemas: Um mesmo fonema é representado por grafemas<sup>14</sup> diferentes (no português atual, por exemplo, x e ch); ademais, os grafemas têm alógrafos.

É preciso, portanto, ter em mente que, mesmo levando sempre em conta esse distanciamento e essas convenções, “há que deixar sempre vaga uma margem nestes exercícios de adivinhação retrospectiva” (Marquilhas, 1991, p. 15). Em outras palavras, é

<sup>12</sup> Denominação utilizada, por alguns autores, como, por exemplo, Coutinho (1969, p. 72). É rótulo certamente inadequado, por ser inviável uma ortografia fonética.

<sup>13</sup> “(...) a falta de rigor na representação gráfica da língua falada, mesmo nos períodos em que se tentou a primeira fixação gráfica dessa língua através do estabelecimento de uma escrita de tipo fonológico em estado mais ou menos puro.” (Maia, 1986, p. 299)

<sup>14</sup> Admite-se que grafema seja a menor unidade distintiva da cadeia gráfica, composta por uma letra ou um grupo de letras. (Gonçalves, 2003, p. 19) É uma constante gráfica discreta, dotada de valor funcional. (Idem, p. 60)

necessário haver muita prudência quando se faz qualquer afirmativa sobre a língua falada em período histórico muito anterior ao nosso.<sup>15</sup>

Assim, a ocorrência isolada de um metaplasmo pode sempre ser atribuída a um engano do escriba; mas a sua reiteração em vários documentos é inquestionável vestígio de um fenômeno lingüístico. E uma oscilação sistemática na escrita bem pode refletir uma mudança em andamento na oralidade.<sup>16</sup> Exemplificando: Determinadas variações lingüísticas hoje existentes podem ser a resultante de tendências embrionárias no passado<sup>17</sup> – toda variação tem sua diacronia! – e nos manuscritos podem encontrar-se os seus primeiros rebentos. É um dos pontos em que a Dialectologia e a Filologia convergem.<sup>18</sup> A isso alude Mattos e Silva (2004, p. 55): “O levantamento exaustivo de depoimentos diretos e indiretos sobre todos os processos linguageiros havidos a partir dos inícios da colonização, possui alguns indícios, assistematicamente reunidos, por Serafim da Silva Neto no seu livro de 1950.”

Mesmo nos textos oficiais, escapam ao escriba traços da língua falada; o exame cuidadoso de uma razoável massa de documentos poderá neles atestar esses vestígios do PB colonial.<sup>19</sup> É certo que por vezes tais traços são esparsos e tênues; a propósito da concordância entre sujeito e verbo, afirmam Naro e Scherre (2007, p. 154): “O que encontramos nos documentos é apenas uma fraca infiltração da fala na escrita.” De fato, assim é: raros traços da oralidade conseguiram insinuar-se nos manuscritos, pautados normalmente pela linguagem culta da elite escolarizada.

---

<sup>15</sup> “(...) não sejamos por demais ambiciosos e estejamos cientes de que as interpretações diacrônicas serão sempre aproximações viáveis.” (Mattos e Silva, 2004, p. 62)

<sup>16</sup> “A repetição dos mesmos traços lingüísticos em vários documentos escritos por diferentes notários não pode deixar de ser significativa. E se essas particularidades se mantêm ainda actualmente, se bem que numa área não totalmente coincidente, não podem restar dúvidas de que já na época a que se referem os documentos em questão elas caracterizavam a linguagem falada da região.” (Maia, 1986, p. 15) “Consideraremos, contudo, que, sendo a documentação escrita que permanece, e sendo essa uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico, já que, não havendo então uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz.” (Mattos e Silva, 1991, p. 39)

<sup>17</sup> Cf. Naro, Anthony Julius & Scherre, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

<sup>18</sup> “(...) a variação lingüística não pode esquecer do passado, pois fontes escritas podem revelar pistas de estágios e de tendências de mudanças lingüísticas, possibilitando identificar suas origens e propagação.” (Monaretto, 2005, p. 127) “(...) e continua a fazer-se crítica textual de documentos do passado, base também necessária como fonte para a recolha dos dados confiáveis para estudos histórico-diacrônicos (...).” (Mattos e Silva, 2004, p. 44)

<sup>19</sup> “Convém ainda ter presente que a língua escrita de documentos notariais só de certo modo e em certo grau reflecte a língua do copista e o falar local ou regional, (...). Apesar disso, algumas – ou mesmo muitas – formas da língua falada escaparam na transcrição de documentos desse teor (...).” (Maia, 1986, p. 303)

### 1.3 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Desta forma, como objetivo geral, o presente estudo propõe-se:

**Formar um *corpus* representativo do português no Paraná pré-emancipação, editando manuscritos disponíveis, de natureza oficial, originários da Vila Nova de Castro.**

Por outro lado, o contato direto com esta documentação autêntica e confiável encerra um sabido valor para os estudiosos de História,<sup>20</sup> admitindo-se o axioma de que não se faz História sem documentos.<sup>21</sup> Além disso, a transcrição semidiplomática adotada torna o texto mais “legível” para os pesquisadores de outras áreas que não a filológica. Por exemplo, é sabido ser a genealogia um importante auxiliar na pesquisa das famílias tradicionais, constituintes das elites – no caso, paranaenses – permitindo a análise temporal dos itinerários familiares ao longo dos tempos. Sem conhecer as genealogias familiares, não se pode fazer uma análise segura desses grupos, os quais produziram e acumularam uma memória genealógica inscrita (às vezes *principalmente!*) na documentação oficial. (Oliveira, 2001, p. 5, 16-19 e 32, n.10). Os numerosos antropônimos e topônimos encontrados no *corpus* – tantas vezes escassamente representados nos textos literários (Maia, 2002, p. 241) – permitem uma primeira análise, certamente superficial, a ser completada por outros pesquisadores.

Assim, pode-se indicar como objetivo específico nesta investigação:

**Editar criteriosamente documentos que possam contribuir para o conhecimento da história do Brasil nos séculos XVIII e XIX e, acessoriamente, resgatar informações de natureza antroponímica, genealógica e toponímica.**

---

<sup>20</sup> “(...) o estudo direto dos documentos, condição essencial para o ensino científico e moderno da História.” (Blanco, 1956, p. 8)

<sup>21</sup> “O documento manuscrito é elemento-chave para o historiador por constituir-se em fonte direta de informação: (...)” (DIAS, Madalena; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. Paleografia para o período colonial. In: Samara; Dias; Bivar, 2005, p. 17).

O Projeto *Para a história do português paranaense: Estudos diacrônicos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX*, da Universidade Estadual de Londrina, visa a trazer a parcela paranaense deste trabalho, procurando desvelar a diacronia dos traços da língua falada nas araucárias, desde quando seu território era ainda a Quinta Comarca da Capitania de São Paulo. Isso porque “a realidade lingüística do Brasil setecentista é, pelas circunstâncias histórico-sociais de Colônia, muito pouco conhecida. As atividades culturais eram escassas e os escritores, como documentaram os críticos e historiadores da literatura, refletiam, muito de perto, as tendências literárias da Metrópole.” (Morel Pinto, 1988, p. 28)

Dentre a realidade lingüística “muito pouco conhecida”, uma das questões em aberto é a fidelidade maior ou menor dos escribas da época à ortografia, teoricamente em vigor naquele período, a pseudo-etimológica. É o que se pretende fazer no *corpus*. Além disso, partir do texto escrito, mesmo quando o escriba se policia, podem-se conjecturar alguns traços (embora escassos) da oralidade. O *corpus* é também fonte para o conhecimento do léxico da época.

Logo, o objetivo específico da constituição de um *corpus* é:

**Verificar se estes documentos, apesar de seu conteúdo majoritariamente administrativo, encerram uma variabilidade que lhes permite fornecer dados para a história da língua portuguesa no Paraná, no que se refere à ortografia, fonética e léxico.**

É conveniente lembrar que não se ambiciona fazer aqui uma descrição completa dessa fase do idioma no Paraná, porém apenas reconstituir alguns traços relevantes, que possam esclarecer as sincronias posteriores.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> “On remarquera que le but ainsi défini n’implique pas une description complète de la langue, mais seulement le relevé de traits caractéristiques choisis, (...)” (Rychner, 1962, p. 9).

#### 1.4 ADMITINDO OS ÓBICES

Neste tipo de estudos, prefere-se, naturalmente, um *corpus* formado de textos com variado estilo<sup>23</sup>, e presumivelmente mais próximos da oralidade: Cartas pessoais, diários, bilhetes, relatos de pessoas pouco instruídas. Ainda assim, cumpre levar em conta que, embora esses escritos, trocados entre familiares, amigos e amantes, tenham caráter muito confessional, certamente escamoteiam ainda os usos lingüísticos normais diários, camuflando-os atrás dos clichês e estilos próprios da respectiva época de produção. (Gonçalves Barbosa, 2002, p. 430)

Acrescenta-se outro óbice: é normalmente diminuta a quantidade de documentos remanescentes que apresentem essas características de coloquialidade; com o passar do tempo, esses papéis foram destruídos – nem sempre se deu importância a eles – ou se perderam.

É de se levar em conta que os documentos do *corpus* foram redigidos quase sempre pela elite letrada da época. No caso de documentação oficial, estamos diante de textos redigidos por pessoas cultas, certamente no estilo formal. Mas há que se levar em conta o número forçosamente pequeno de pessoas instruídas no Brasil da época. Além disso, não sabemos com exatidão “o que era ser culto no passado, tampouco se o que sentimos como formal, fosse, para eles, informalidade.” (Barbosa, 2005, p. 28)

É bom lembrar, também, que, até princípios do século XIX, estava proibida a existência de tipografias no Brasil: Toda a produção impressa que circulava entre nós era importada. Eram raros os livros entre nós: Em 15 inventários da Capitania de São Paulo, entre 1578 e 1700, são relacionados apenas 55 títulos.<sup>24</sup> Em conseqüência, deveria ser forçosamente restrito o material impresso – e, portanto, apto a servir de modelo de linguagem culta - à disposição dos escassos leitores (Barbosa, 2005, p. 32). Eles estavam presumivelmente muito mais expostos à oralidade circundante do que à escrita culta. Assim, “em um país eminentemente rural e com taxas (quase) nulas de alfabetização, a fala das elites também terá sofrido o influxo das mudanças que paulatinamente foram dando conformação ao português vernáculo brasileiro.” (Lobo, 2001, p. 37)

---

<sup>23</sup> “(...) pelo escrutínio das fontes documentais remanescentes, ou seja, com base em um *corpus* diacrônico seriado, constituído de documentos de tipos os mais diversificados possíveis, que serão a forma de aproximação possível para captar as variações lingüísticas conviventes e, conseqüentemente, prováveis mudanças em curso, que o exame da documentação do passado para o presente poderá indicar.” (Mattos e Silva, 2002, p. 451).

<sup>24</sup> Assalim, 2007, p. 33.

Além disso, é bom lembrar que, por exemplo, no campo da fonética/fonologia, são muitas as indagações que permanecem, mesmo quando os pesquisadores trabalham com a língua atual, e utilizando informantes representativos.<sup>25</sup> Portanto, avalie-se o quanto de “adivinhação retrospectiva” terá de ocorrer, quando se investiga a fonética a partir de velhos texto escritos! Não se pode, portanto, exigir dos manuscritos aquilo que eles não podem dar: uma imagem fiel da oralidade.<sup>26</sup>

Por outro lado, enfrentam-se extremas dificuldades para identificar a naturalidade do escriba, (autor de cada fonte selecionada) ou seu grau de instrução (e onde se instruiu), bem como as viagens que fez e as influências que sofreu.<sup>27</sup> A circunstância de termos no *corpus* uma maioria de cartas oficiais da Câmara Municipal de Castro, com a assinatura de diversos vereadores em cada documento, impede (ou, ao menos, dificulta muito) a atribuição da autoria.

Mas uma questão importante se põe: o surgimento das variedades geográficas, dos traços paranaenses do PB – refletir-se-á nos documentos? Estarão visíveis neles ao menos algumas particularidades regionais? Em que medida?<sup>28</sup>

Sem dúvida, para que se possa, no Brasil, analisar adequadamente o material escrito do passado, será necessário que um levantamento simétrico se faça em Portugal, para que surjam conclusões adequadas, com fundamento na comparação de como se transformou diacronicamente o idioma nas duas margens do Atlântico.<sup>29</sup>

Todos esses obstáculos não nos devem desanimar: Como escreve uma pesquisadora, “começamos, aqueles que estão envolvidos nesse projeto, a afinar os nossos instrumentos na direção da reconstrução e escrita de uma história do português brasileiro, que será o nosso concerto final, em futuro que não deverá ser longínquo, mas que não pode ser muito próximo, a meu ver.” (Mattos e Silva, 2002, p. 443)

<sup>25</sup> “On rappellera, d’autre part, les hésitations des phonologues eux-mêmes, lorsqu’il s’agit d’établir le système phonologique d’une langue vivante observable *in situ*.” (Rychner, Jean. Remarques sur les introductions phonétiques aux éditions de textes en ancien français. *Studia Neophilologica*, Upsala, nº 1 (v. 34), p. 20, 1962).

<sup>26</sup> “A única atitude verdadeiramente perigosa é aquela que consiste em pedir a esses documentos mais do que eles podem dar: uma imagem fiel da língua falada nos locais onde foram redigidos.” (Maia, 1986, p. 17)

<sup>27</sup> “(...) são poucos os documentos que indicam a naturalidade do notário; mas mesmo que essa indicação fosse mais freqüente, nada saberíamos das suas diferentes residências, viagens, leituras e outras circunstâncias que poderiam condicionar a sua maneira de falar ou escrever.” (Maia, 1986, p. 34)

<sup>28</sup> “O problema central posto por este tipo de trabalhos consiste em saber se os documentos reflectem diferenças lingüísticas locais (...).” “(...) os textos antigos, uma vez que estes deixam apenas transparecer algumas particularidades das variedades regionais.” (Maia, 1986, p. 11 e 9)

<sup>29</sup> “(...) debe insistirse en el recordatorio de que si se desea investigar sobre cimientos firmes en el español americano, ha de conocerse lo mejor posible el español metropolitano, pues así no se afirmará sin más, verbigracia, que el uso de *en* con verbos de movimiento, en lugar de *a*, en ciertas zonas de América, sólo se debe a la acción de sustratos indígenas: estas situaciones de bilingüismo quizá hayan supuesto un apoyo en el afianzamiento de dicha construcción, que, no obstante, era bastante frecuente en la norma culta de los siglos XVI-XVII, y el *ir en casa* todavía persiste en muchos sitios de España como rasgo popular.” (Gracia, 1999, p. 121)

Apesar do compreensível pessimismo por parte dos pesquisadores,<sup>30</sup> é preciso tentar encontrar os fios perdidos. *Tentar*, ao menos!

Após essas considerações, apresenta-se a estrutura geral da tese, que tem a seguinte conformação: No capítulo 2, faz-se um conspecto da *história do Paraná*, na intenção de estabelecer o contexto em que se produziram os documentos; no capítulo 3 são fixados os *critérios de edição* que orientaram a transcrição dos manuscritos constituintes do *corpus*. No capítulo 4 são analisados *elementos ortográfico-fonéticos* e no capítulo 5, *marcas da oralidade* presentes no *corpus*. Algumas *observações morfo-sintáticas* formam o capítulo 6. No capítulo 7, examina-se a argumentação num documento constante do *corpus*, datado de 1811. O capítulo 8 é constituído por um rol de *topônimos e antropônimos*. O *glossário* forma o capítulo 9 e a *conclusão* encerra o trabalho, seguida pelas *referências*. O anexo abrange os manuscritos e as respectivas transcrições.

---

<sup>30</sup> “(...) nunca poderá esperar-se que os documentos antigos reproduzam fielmente a língua falada com as suas diferentes variedades regionais.” (Maia, 1986, p. 14)

## 2 HISTÓRIA DO PARANÁ E DE CASTRO

### 2.1 PORTÂNCIA

A história do Paraná já foi escrita várias vezes, por estudiosos muito mais competentes, e à luz de farta documentação. Aqui se apresenta um mero resumo, destinado a dar o fundo histórico da época em que se redigiram os manuscritos do *corpus*. De fato, para quem estuda períodos um tanto recuados da história do idioma, será útil conhecer aspectos da sociedade na qual o idioma era utilizado, pois os acontecimentos históricos, embora sejam fatos extralingüísticos, podem favorecer os processos de mudanças nas línguas (Mattos e Silva, 1991, p. 11 e 17)

Dessa maneira, embora os estudos sobre a História do Português estejam centrados em uma metodologia nuclearmente lingüística, suas hipóteses e explicações fundam-se também em informações historiográficas. Um claro exemplo é a palatalização carioca do *-s* em final de sílaba ou palavra, atribuída unanimemente ao impacto causado na sociedade do Rio de Janeiro pela chegada da Família Real e seus acompanhantes, foragidos da invasão napoleônica, em princípios do século XIX.

Em vista disso, apresenta-se a seguir uma síntese da história paranaense, focando, como é natural, a região de Castro – os Campos Gerais, e o período abrangido pelos séculos XVIII e XIX.

### 2.2 PRIMEIROS EUROPEUS NO PARANÁ

Na região do atual Estado do Paraná, no início do processo de colonização portuguesa no Brasil, houve incursões de estrangeiros que buscavam extrair madeira da região, embora nela não houvesse pau-brasil. Não deixaram, no entanto, vestígios apreciáveis.

A primeira notícia sobre nosso litoral é dada por Hans Staden, que, em 1549, veio ao Brasil como tripulante de um navio espanhol destinado ao Rio da Prata. Devido a um temporal, a embarcação foi forçada a procurar abrigo e aportou no Superagüí. (Martins, 1953, p. 199)

Entre 1522 e 1524, Aleixo Garcia, náufrago da armada de João de Solis, foi abandonado na ilha de Santa Catarina. Partindo do litoral paranaense, à frente de uma expedição, atravessou as regiões meridionais do Guairá<sup>31</sup> até ao Iguaçu; daí passou ao Paraguai, que subiu; atravessou o Chaco e atingiu a região de Potosi e Sucre, de onde se retirou para o Paraguai. De lá, Aleixo Garcia enviou dois dos seus companheiros para a base de Santa Catarina, transportando algumas amostras de ouro e prata.

Pode dar-se como certo que Aleixo Garcia foi o primeiro europeu a atravessar o território do atual Estado do Paraná, utilizando as veredas do Peabiru. (Westphalen, 1957, p. 46)

Poucos anos depois, em 1531, Pero Lobo, um dos capitães da armada de Martim Afonso de Sousa, internava-se igualmente na parte meridional do Guairá, numa expedição que terminou ingloriamente sob as flechas dos indígenas, nas margens do Iguaçu. (Cortesão, 1951, p. 67; Sousa, 1976, p. 27)

O território que hoje constitui o Estado do Paraná fez parte das duas capitânicas hereditárias mais meridionais do país: A primeira, de São Vicente, concedida a Martim Afonso de Souza, iniciava-se na barra de São Vicente e terminava na baía de Paranaguá, incluindo Itanhaém, Iguape e Cananéia.<sup>32</sup> A outra, de Santo Amaro, coube a Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso. Sua delimitação era bastante indecisa, mesmo para os portugueses: começava na altura da barra de Paranaguá e vagamente se estendia até onde fosse parte da legítima conquista lusitana.<sup>33</sup> Depois ambas constituíram a Capitania de São Paulo. (Carneiro, 2003, p. 430; Martins, 1953, p. 51-52)

O atual território paranaense estava, portanto, quase todo localizado a oeste da linha de Tordesilhas, pertencendo teoricamente à coroa espanhola. Essa linha passava na faixa litorânea, de modo que o território acima e além da Serra do Mar cabia à Espanha. (Drabik 1900, p. 13; Wachowicz, 2001, p. 45-46)

---

<sup>31</sup> Optou-se pela denominação espanhola *Guairá*, uma vez que tais regiões pertenciam, teoricamente, a Castela.

<sup>32</sup> “(...) esta Capitania, q’ antigam.<sup>te</sup> se denominava de S. Vicente foi doada a Martim Aff.<sup>o</sup> de Sousa com cem legoas de costa, q’ principiavaô trese legoas ao Norte de Cabo Frio, e acabavaô dose legoas ao Sul da Cananea, (...)” (Cleto, 1900, p. 124).

<sup>33</sup> “(...) e ainda pela conveniência, para Portugal, de deixar indecisa sua fronteira do Brasil com as possessões espanholas, visto como a linha delimitadora lhe interceptava expansão a um sedutor hinterland por correr a relativamente pequena distância da costa meridiana atlântica, o acordo de Tordesilhas não foi, na prática, de nenhuma maneira obedecido.” (Martins, 1953, p. 50)

### 2.3 A CONQUISTA DO LITORAL

“Não se pode precisar o ano em que começou o povoamento efetivo do nosso litoral e do planalto correspondente, mas em ambos foi, sem dúvida, a exploração de ouro a origem das suas primeiras povoações: - a de Paranaguá e a de Curitiba.”<sup>34</sup> (Martins, 1953, p. 59) (Cf. Wachowicz, 2001, p. 64-65)

Entre 1570 e 1584, as “minguadas faisqueiras auríferas” (Taunay, 1976, p. 181) atraíram levas de portugueses para as encostas da Serra do Mar — Paranaguá e arredores; os ribeirões da baía já eram freqüentados desde 1554 por aventureiros de São Vicente, Santos, de Cananéia e de outros lugares. O metal, porém, não era muito, e logo se acabou. (Borba, 1986, p. 5; Carneiro, 2003, p. 431; Wachowicz, 2001, p. 47; Westphalen, 1984, p. 107)

Por outro lado, a Serra do Mar confinou os recém-chegados na orla atlântica, até que os caminhos facilitassem o transporte através da bruteza das escarpas; isto fez o povoamento do planalto e o seu desenvolvimento ocorrerem com lentidão. (Martins, 1953, p. 9)

### 2.4 O CAMINHO DO PEABIRU

Era uma primitiva trilha indígena, uma via natural que fazia a comunicação entre o Atlântico e o interior do continente, com várias ramificações secundárias, tornando-o um verdadeiro sistema de caminhos (Oliveira, 2003, p. 53-54; Westphalen, 1957, p. 45). Estendia-se por mais de 100 léguas, da costa de S. Vicente ao Rio Paraná, atravessando os rios Tibagi, Ivaí e Piquiri, por onde os povos indígenas se comunicavam com o mar e com as regiões mais distantes do ocidente. Para oeste, o caminho prosseguia, atingindo o Peru e a costa do Pacífico. (Martins, 1953, p. 87)

Sobre o seu traçado, informa Roderjan (1992, p. 24): “depois de passar em território paulista pelo ‘Campo da Faxina’ (Itapeva) e do Apiaí, penetrava no primeiro planalto paranaense pelo vale do Açungui (Ribeira). Daí seguia para o Alto-Tibagi, Ivaí, serra

---

<sup>34</sup> “(...) entre 1550 e 1565 aventureiros vindos de Cananéia estabeleceram-se em Paranaguá, na ilha da Cotinga.” (Drabik, 1900, p. 9)

da Esperança, vale do Piquiri, até alcançar o rio Paraná.” Esse caminho, contudo, ainda não foi localizado com exatidão (Schimidlin, 2004, p. 62), mas sabe-se que foi utilizado pelos povoadores europeus, para penetrarem nessas regiões.

## 2.5 O PARANÁ ESPANHOL

Os primeiros europeus a ocupar o interior do Paraná atual foram espanhóis do Paraguai. Martinez de Irala fundou Ontiveros (1554), transferida depois para junto à foz do Piquiri, com o nome de Ciudad Real del Guairá. Em 1576, fundou-se a Villa Rica del Espiritu Santo, na confluência do Corumbataí com o Ivaí. (Westphalen, 1984, p. 106)

Devido à indecisão das fronteiras entre a Espanha e Portugal, determinadas pelo Tratado de Tordesilhas, os dois países julgavam-se com direitos sobre o território do hoje Paraná. Assim sendo, os jesuítas estabeleceram-se em Assunção e começaram, desde 1609, a evangelizar a região do Guairá, a qual abrangia a parte sul da atual Bolívia, a região meridional de Mato Grosso e também parte do atual Estado do Paraná. (Cortesão, 1951, p. 63-64). “Essa região era percorrida por diversas tribos de índios nômades chamados Guaranis pelos espanhóis, e Carijós pelos portugueses e destes eram inimigos.” (Sousa, 1976, p. 279)

É interessante observar que foram chamados para esse trabalho os jesuítas do Brasil (sendo alguns discípulos de Nóbrega e Anchieta), por já terem conhecimento da língua tupi (Oliveira, 2003, p. 77). Durante aproximadamente duas décadas (1610 a 1629), autorizados pela coroa espanhola, os padres da Companhia de Jesus fundaram cerca de 13 reduções de índios guaranis (Wachowicz, 2001, p. 33), contando as efêmeras, como São Pedro e Jesus Maria. Tais reduções localizaram-se no “quadrilátero fluvial” demarcado pelos rios: a leste, o Tibagi; a oeste, o Paraná; ao sul, o Iguaçu e ao norte o Paranapanema (Oliveira, 2003, p. 48; Westphalen, 2000, p. 114). Foi nos vales desses rios – os mais importantes da região – que se desenvolveu a atividade jesuítica, que não penetrou, apesar da proximidade, na área abrangida pelo atual Estado de São Paulo.<sup>35</sup>

Na margem esquerda do Paranapanema, junto à foz do Pirapó, fundaram em 1610 a redução de Nossa Senhora do Loreto e, no mesmo ano, a montante, Santo

---

<sup>35</sup> “Entre o Tietê ou Anhambi desse tempo e o Paranapanema, não houve, entretanto, povoação índio-cristã, embora estivesse compreendida no campo de ação da catequese. As reduções foram fundadas ao sul do Paranapanema, do Rio Paraná ao Tibagi, a partir do ano de 1610.” (Martins, 1953, p. 65)

Inácio.<sup>36</sup> A partir de 1622, mais onze *pueblos*: Descendo o Tibagi, iniciaram, naquele ano, São Francisco Xavier<sup>37</sup>; construíram, em 1624<sup>38</sup>, São José e, no ano seguinte, Encarnación; depois, São Tomé<sup>39</sup> e Conceição dos Gualachos.<sup>40</sup> Em 1626, na margem direita do Iguaçu, Santa Maria Maior; na margem esquerda do Ivaí, São Paulo (1627) e no ano seguinte, na mesma margem, Santo Antônio.<sup>41</sup> Em 1628, ergueram São Miguel do Ibituruna<sup>42</sup>. Finalmente, ainda em 1628, Arcanjos<sup>43</sup> (Los Siete Arcangeles).<sup>44</sup>

Nas reduções, que seguiam planos urbanísticos com um traçado ordenado de ruas, procuraram levar os índios ao catolicismo e à prática de costumes europeus: trabalhos manuais, agricultura, lazer, defesa militar.

Sustenta Oliveira (2003, p. 118): “A redução foi um espaço onde se possibilitou a organização de uma comunidade caracterizada pela ordem, a produção agrícola, a proteção das crianças, velhos, viúvas e enfermos, o trabalho sistemático nas oficinas e a construção de templos.”

## 2.6 ATAQUES BANDEIRANTES

Apesar de estarem unidas as duas coroas ibéricas, a presença espanhola no interior paranaense era temida pelos portugueses: receavam a expansão castelhana para leste. Em contraposição, desejavam chegar às minas de Potosí e, naturalmente, prear índios para trabalhos agrícolas (Wachowicz, 2001, p. 35-36). De fato, para os bandeirantes, a população de índios aldeados, superior a 100.000 indivíduos, “sedentarizados e disciplinados no trabalho agrícola, pastoril e artesanal se ofereciam como o saque mais tentador” (Ribeiro, 1995,

<sup>36</sup> Oliveira, 2003, p. 89-90; Sousa, 1976, p. 282.

<sup>37</sup> No atual município de Ibiporã. (Baptista, 2002, p. 16)

<sup>38</sup> Oliveira, 2003, p.95, aponta o ano de 1625.

<sup>39</sup> “De duração mais efêmera e com poucos registros na documentação jesuítica encontra-se a fundação das reduções de San Miguel (1626), San Antonio (1627), San Pedro (1627), Concepción de Nuestra Señora de los Guañanos (1627), Santo Tomé (1628) e Jesus Maria (1628), pois começava a se tornar freqüente o aliciamento dos indígenas dessas reduções pelos bandeirantes paulistas.” (Oliveira, 2003, p. 98) Manuel Preto apossou-se de Jesus Maria em março de 1629. (Taunay, 1975, p. 44)

<sup>40</sup> “(...) à margem direita do Corumbataí criaram *Conceição dos Galachos*, também em 1628. (Sousa, 1976, p. 283)

<sup>41</sup> Sousa, 1976, p. 283.

<sup>42</sup> “(...) estaria localizada na margem esquerda do Rio das Cavernas, no atual município de Tibagi.” (Baptista, 2002, p. 16). Atacada por Antônio Bicudo em 23 de março de 1629. (Taunay, 1975, p. 44)

<sup>43</sup> Azevedo, 1971. p. 63.

<sup>44</sup> Oliveira, 2003, p. 97

p.367). Por estes motivos, as reduções foram atacadas e destruídas pelas bandeiras; a que causou mais dano foi a de Manoel Preto e Antônio Raposo Tavares, em 1629. Morreram na peleja cerca de 15.000 índios, e outros 60.000 foram escravizados e vendidos em S. Paulo e nas Capitânicas do Norte. (Martins, 1953, p. 70; Serrão; Marques, 1986, p. 41; Taunay, 1975, p. 43-49)

Mais ou menos em fins de 1631 ou princípios de 1632, tinham sido destruídas onze reduções<sup>45</sup> e as populações de duas (Loreto e Santo Inácio) evacuadas para a mesopotâmia parano-uruguaia. (Taunay, 1975, p. 48). Assim, o ocidente do Paraná transformou-se num vazio demográfico, já que “o apresamento em um período de 100 anos teria realizado um ativo de 360.000 escravos, mais ou menos” (Ellis Júnior, 1950, p. 306), e os castelhanos de Ontiveros e Ciudad Real del Guairá emigraram em peso para além-Paraná.

Os guaranis do Guairá, nos seus agrupamentos mais numerosos, foram escravizados ou emigraram; e os espanhóis, vencidos nos seus redutos. Mais tarde, o território foi invadido por índios de outras etnias, especialmente Gês.(Martins, 1953,p.31 e 58)

O bandeirismo de apresamento, iniciado no final do século XVI, teve como principais conseqüências:

1 – O fracasso da primeira tentativa de colonização do interior paranaense, realizada pelos espanhóis e jesuítas; dela, só restaram algumas diminutas ruínas das reduções, voltando ao abandono uma vasta área, que já se estava incorporando à civilização; os Caingangues ocuparam o sertão entre os rios Tibagi, Paranapanema e Paraná, nos territórios de Castro, Guarapuava e Palmas. Aí opuseram resistência ao povoamento, atacando os tropeiros nas suas excursões pela estrada de S. Paulo aos campos da Vacaria. (Martins, 1953, p. 112; Oliveira, 2001, p. XV);

2 – A formação de uma barreira à expansão de um possível império teocrático-jesuítico, com a anexação ao Brasil do território abrangido pelas reduções, mediante os tratados de limites de Madrid e Santo Ildefonso e o alargamento do território português para o sul;<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> Sousa (1976, p. 311) afirma que “12 reduções tinham sido destruídas ou abandonadas e duas cidades espanholas tinham sido evacuadas.”

<sup>46</sup> Fato curioso é que a documentação hispano-jesuítica em nenhum momento considera os paulistas como súditos do monarca espanhol – que de fato o eram. (Taunay, 1975, p. 56)

3 – A relativa melhoria das condições econômicas do planalto paulista, com a fornecimento de mão-de-obra para a indústria açucareira<sup>47</sup> (Santos, 1974/75, p. 86; Wachowicz, 2001, p. 42).

## 2.7 OS CAMPOS GERAIS

No Paraná, os Campos Gerais constituem uma faixa estreita e alongada de campos limpos e, nas depressões mais úmidas, pequenos capões isolados, onde outrora havia milhões de pinheiros. Esse tipo de vegetação vai desde o Rio Itararé até as proximidades do Rio Negro. O relevo é ondulado, apresentando aqui e ali grotas escavadas por lajeados, rios e arroios, com muitas cachoeiras e remansos. (Lange, 2002, p. 1-00) Saint-Hilaire (1964, p. 10 e 31) disse da região: “são esses campos uma das mais belas regiões por mim percorridas desde que chegara à América.” “Do que acabo de dizer, pode-se concluir que não exagero em dar aos Campos Gerais a denominação de *Paraíso terrestre do Brasil*.” Secundando-o, Francisco Lange deu a um de seus livros o título: *Campos Gerais: visões do paraíso*.

Ocupado o litoral paranaense, os garimpeiros foram subindo o leito dos rios que deságuam na baía de Paranaguá e, transpondo a Serra do Mar, chegaram aos Campos de Curitiba. Muitos se fixaram no planalto curitibano, aprendendo com os índios a conhecer a terra, as estações climáticas, os produtos usados pelos naturais e a maneira de produzi-los, acrescentando a isto cereais europeus que, em razão do clima, aclimataram-se rapidamente. Criavam gado<sup>48</sup>, que era levado para Sorocaba desde 1704 (Drabik, 2003, p. 7;

<sup>47</sup> “(...) o Nordeste, ocupado pelo flamengo, não podia manter o seu tráfico africano. Com isso, a indústria bélica planaltina, durante os 24 anos do domínio holandês, teve o monopólio do fornecimento de braços à lavoura canavieira e à indústria açucareira.” (Ellis Júnior, 1950, p. 304) “Missões inteiras, das mais ricas e populosas, como Guaira (oeste paranaense), Itatim (sul do Mato Grosso) e Tapes (Rio Grande do Sul), foram assim destruídas pelos bandeirantes paulistas, que saquearam seus bens e escravizaram seus índios. É de supor que paulistas tenham vendido mais de 300 mil índios, principalmente missionários, aos senhores de engenho do Nordeste.” (Ribeiro, 1995, p. 368) “O bandeirante era um pirata de terra, que pilhou e aprisionou índios e num segundo momento buscou ouro e pedras preciosas. Destruuiu, aqui no Paraná, as missões de Guairá, eram doze reduções que eles destruíram. Levaram tudo que podiam conduzir, não só os índios, mas também as alaias das igrejas, livros, tudo que eles podiam roubar, gado, tudo! Tudo que podiam pilhar eles levaram, também lá no Rio Grande do Sul, destruíram dezoito reduções e levaram tudo, não construíram cidade nenhuma, não ampliaram fronteira nenhuma. Quem é que ampliou a fronteira do Brasil? Quem é que povoou o Brasil? Quem é que descobriu o sertão e correu? O tropeiro.” (Flores, 2004, p. 14-15)

<sup>48</sup> “Escasseados novos descobrimentos e as produções das minas, os grupos advindos passaram a explorar o pastoreio e esse novo gênero de vida foi exigindo esforços sedentários, fixados em torno dos ‘currais’ de criação e foram surgindo os sítios e nas zonas deles os arraiais estáveis, nebulosas de aldeias, vilas e cidades.

Ao surto de novos descobrimentos de ouro noutras regiões do país, nas Minas Gerais, principalmente, a criação se desenvolveu, e aos Campos de Curitiba vinham os aventureiros da Vila de Santa Ana do Parnaíba,

Roderjan, 1992, p. 24 e 29). No final do século (o XVII), a pecuária expandiu-se na região, favorecendo a abertura de caminhos e a concentração das populações em torno dos pousos, resultando, assim, no desenvolvimento de várias cidades e na substituição do ouro como principal produto na economia regional, uma vez que a mineração em Minas Gerais relegava este setor, no Paraná, a um segundo plano.

Pela sua utilidade – dele aproveita-se tudo<sup>49</sup> – o gado desponta como uma das melhores opções, especialmente em razão da extensão dos campos. Nessa época, Curitiba passa a ser conhecida como “o lugar de fazendas e currais de gado.” (Drabik, 2003, p. 7)

Os pastos curitibanos ligavam-se aos Campos Gerais através da região de Campo Largo, já há muito percorrida pelos garimpeiros (Ritter, 1978, p. 229; Wachowicz, 2001, p. 79). Porém só mais tarde é que os povoadores chegaram aos Campos Gerais. Essa área esteve praticamente abandonada no século XVII, porque a sociedade surgida em Curitiba naquela época não era suficientemente forte para ocupá-la; só o conseguiram, ajudados pelos paulistas, a partir do início do século XVIII. Assim, é a partir de 1704 que são concedidas sesmarias nos campos marginais do Rio Iapó. “Os proprietários destas sesmarias foram homens de grandes posses e das principais famílias paulistas.” (Rosas, 1993, p. 13) Nas margens do rio, onde era mais fácil a travessia, foi-se formando um aglomerado de ranchos, o “pouso do Iapó”, onde o Capitão-General D. Luiz Antônio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus, “criou uma companhia de cavalaria, distribuindo patentes e, organizando-a, preenchendo todos os postos, entregando o comando ao capitão Francisco Carneiro Lobo.” (Rosas, 1993, p. 16) É ele quem subscreve o primeiro manuscrito do *corpus* (Doc. 1, fól. 4r, l. 38).

A relativa proximidade da região com o centro consumidor de Sorocaba favoreceu a implantação da pecuária. (Ritter, 1978, p. 229) As autoridades portuguesas apoiavam as penetrações nas terras sulinas, uma vez que pretendiam expandir o domínio luso até o Rio da Prata. São fatores que configuraram os Campos Gerais como uma região de passagem. (Oliveira, 2001, p. 97; Reis, 1982, p. 308).

As florestas que se estendiam de Castro para o norte e noroeste, até o Paranapanema, eram infestadas por índios bravios. (Rocha Pombo, 1974, p. 87; Saint-Hilaire,

---

centro de compra e venda de ouro e de formação de bandeiras descobridoras, buscar o gado preciso para as suas entradas e permanência nos sertões de Sabará e Ouro Preto.” (Martins, 1953, p. 217) “Quando o ouro dos nossos rios e riachos começou a escassear, os criadores já tinham encontrado o novo mercado para seu gado em São Paulo.” (Drabik, 2003, p. 8)

<sup>49</sup> “O século XVIII foi o século do couro. Hoje nós estamos na era do plástico, onde tudo é feito de plástico. No século XVIII, tudo era feito de couro. Roupas, móveis, tudo!” (Flores, 2004, p. 20)

1964, p. 77). Este último autor (1964, p. 45-48) relata ataques dos índios coroados às casas dos paulistas, por volta de 1820. No *corpus* encontramos referências a essa presença: “(...) esta *Villa* he | prencipiada denovo eSe acha estabelecida emhua fromteira | degentio, *que* Coaze Sempre o Povo della Seve emvadido (...)” (Doc. 10, fól. 1r, l. 14-16)

Além desse perigo, a gravidade dos acontecimentos no Prata voltou a atrair as atenções para o ocidente do Paraná. Já com a presença da Corte no Brasil, ocuparam-se os campos de Guarapuava e de Palmas (Westphalen, 2000, p. 117). A ocupação foi feita por meio de expedições que representaram um peso para os fazendeiros e o povo castrense, pelo recrutamento compulsório e a obrigatoriedade de diversas contribuições.(Baptista, 2002, p.20)

No *corpus* encontra-se uma evidência desse descontentamento no Doc. 31, fól. 1r, de 29-06-1811:

Sendo esta villa deCastro demuito Moderna fundaçã; igualmente composta deindividuos nimiamente pobres: foce por comsiquencia emCasas desofrer continuados destacamentos, efrequentes transportes demantimentos (...); por que sendo transportados os miseraveis pobres para qual Expediçã por tres mezes, por *que* ja naõ ha mais gente *para* os render, ficaõ retidos *por* seis oumais mezes, e*porque* huma taõ longa auzencia de suas cazas lhes rezulta taõ grandes prejuizos; (...)

## 2.8 A MINERAÇÃO E O TROPEIRISMO

A mineração de ouro (1701-80) e, mais tarde, a de diamante (1740-1828), nos territórios de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, incorporaram estas regiões à vida e à economia da colônia e vieram alterar substancialmente o aspecto um tanto rural e desarticulado dos primeiros núcleos coloniais. A primeira consequência foi a afluência para aquelas áreas de uma impressionante massa de aventureiros, provenientes de várias partes da colônia e do além-mar. Vilas e povoados no litoral paulista esvaziaram-se de homens.<sup>50</sup> O súbito incremento populacional, numa região que se viu semeada de vilas e arraiais, gerou de imediato uma crise de abastecimento de gêneros alimentícios, ferramentas, roupas, armas, munições e inúmeros itens, cuja produção a província mineral não podia ou não conseguia

<sup>50</sup> “Só a descoberta de minas de ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, veio modificar essa situação de pobreza, apesar de ter provocado o despovoamento de São Paulo e o abandono das lavouras.” (Roderjan, 1992, p. 10)

suprir. Uma vez que nas áreas mineradoras pouco ou nada se plantava ou criava, foi natural que surgisse ali um novo e animado mercado consumidor para o gado em pé, para bois de carro, para cavalos de montaria e muares de tração e carga. De início, o transporte desses bens deu-se à custa do índio e do negro. Isso, porém, logo se revelou inadequado e insuficiente para a demanda de transporte, porque exigia grande número de indivíduos e estes tinham alto preço no mercado de escravos. Restaram duas alternativas: as vias fluviais (nem sempre convenientes) e as bestas de carga. (Curitiba, 1985, p. 21; Rabello, 1980, p. 75).

A solução foi encontrada nos campos meridionais, onde, durante o século XVII, os missionários, especialmente jesuítas, foram praticamente os únicos colonizadores. (Ribeiro, 1995, p. 152; São Paulo, 2004, p. 82) Desenvolveu-se, então, no país, o mercado interno, a partir do centro consumidor mineiro, que dinamiza o comércio de longa distância entre as regiões.

Nas regiões do Sul, o gado, introduzido pelos jesuítas nos primeiros tempos das missões, se multiplicava em liberdade; touros e vacas, cavalos e éguas, não recebendo trato algum, voltavam ao estado selvagem.<sup>51</sup> A mula<sup>52</sup>, e não o cavalo, era o animal preferido para o transporte, por ser dotada de surpreendentes qualidades de resistência para as longas caminhadas e grande capacidade para suportar peso, o que a tornava adequada ao serviço. (Wachowicz, 2001, p. 109)

A tropa *arreada*, isto é, formada por animais portando arreios, destinava-se ao transporte de cargas; as mulas suportavam no lombo duas bruacas de couro com até 45 quilos de mercadorias cada uma, (Filipak, 2003, p. 43) em marchas diárias de mais ou menos 24 quilômetros, as quatro léguas das jornadas antigas. (Almeida, 1971, p. 69)

Estes animais eram encaminhados pelos espanhóis às minas de Potosi. Com o declínio da mineração hispano-americana, houve uma superprodução pecuária sem destino econômico (Schimidlin, 2004, p. 63). Providencialmente, surgiu nova fonte de consumo: o ciclo do ouro brasileiro.<sup>53</sup> Foram essas necessidades de alimentação e transporte que provocaram a integração dos territórios do Sul à economia colonial brasileira; mesmo com a decadência da produção de ouro e o encerramento do ciclo, continuavam as necessidades dos núcleos populacionais surgidos no território da mineração.

---

<sup>51</sup> Queiroz, 1977, p. 65.

<sup>52</sup> A mula é um híbrido, geralmente estéril, proveniente do cruzamento de jumento e égua.

<sup>53</sup> "Trapeiros paulistas faziam, então, verdadeiras expedições de captura no Sul do país, em busca de cavalos, de éguas, de mulas, que traziam para a célebre feira de Sorocaba. Eram vendidos e, em seguida, encaminhados para as minas ou para as grandes plantações de abastecimento que se estendiam entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro." (Idem, ibidem)

Os Campos Gerais tornaram-se logo importantes também como fornecedores de carne; é notável a quantidade de sesmarias requeridas nas primeiras três décadas do século XVIII<sup>54</sup> e a quantidade de gado informado pelos requerentes. Houve uma verdadeira ‘corrida’ à região, embora os proprietários muitas vezes entregassem as sesmarias a administradores (os fazendeiros), encarregados de torná-las produtivas. (Drabik, 2003, p. 13-14; Ritter, 1978, p. 231) Houve também grande desenvolvimento da pecuária no Rio Grande do Sul.<sup>55</sup>

Os vários climas do planalto, as pastagens abundantes e fartamente irrigadas, a terra fértil, o caminho mais curto, a meio termo do mercado de gado de Sorocaba com a região grandemente produtora dos campos da Vacaria (Rio Grande do Sul), a floresta repleta de materiais de fácil comércio (Erva Mate) e de construção econômica (o Pinho); - eram outras tantas condições especialíssimas para as preferências dos que, no século XVIII, buscavam a vida estável, as atividades pacíficas, a segurança, as expectativas da fortuna, no sul paulista,<sup>56</sup> onde os sucessos dos primeiros povoadores acenavam às esperanças como estrelas guadoras no firmamento verde dos pinheirais. (Martins, 1953, p. 224)

O transporte em lombo de muares revelou-se apropriado pelas seguintes razões principais:

- 1 – dificuldade de se construírem estradas;
- 2 – pequena densidade demográfica do país;
- 3 – vasta extensão de nosso território;
- 4 – existência de inúmeras escarpas, rios e outros obstáculos, dificultando a passagem de qualquer transporte. (Wachowicz, 2001, p. 109)

As necessidades do mercado fizeram surgir, por volta de 1750, a Feira de Sorocaba<sup>57</sup>, onde os compradores de Minas Gerais e os tropeiros sulinos negociavam.

---

<sup>54</sup> “No final do século XVIII grande parte dos Campos Gerais fora concedido em sesmarias, embora povoado escassamente.” (Ritter, 1978, p. 229)

<sup>55</sup> “No fim do século XVIII, quinhentas e trinta e seis estâncias funcionavam na província de São Pedro, (...)” (Queiroz, 1977, p. 67)

<sup>56</sup> “Só nas regiões do Baixo Paraná e do Prata poder-se-iam encontrar descampados próprios, em grandes extensões planas, para aí ser localizada a grande produção de muares, imperativamente requerida pela economia brasileira.” (Ellis Júnior, 1979, p. 85)

<sup>57</sup> “(...) Sorocaba, em São Paulo, era a meca dos tropeiros na época colonial. Da sede desse centro comercial, milhares de quilômetros de estradas primitivas se irradiavam para remotas vilas de todos os recantos da região.” (Albuquerque, 1978, p. 138). “Sorocaba vive mais intensamente nos tempos de feiras que muita capital de província.” (Ritter, 1978, p. 233)

De 1730 a 1880, pouco mais ou menos, o Rio Grande do Sul foi o único mercado produtor de muares para todo o Brasil do centro e do sul, e para quase todo o Brasil dos outros quadrantes. (Almeida, 1971, p. 109)

Coube aos Campos Gerais do Paraná o importante papel de regular o fornecimento constante de animais para os mineiradores. A viagem desde os pastos do Sul até a grande Feira extenuava os animais e lhes reduzia muito o peso; por isso, os fazendeiros paranaenses passaram a ‘invernar’, isto é, estacionar o gado por uns três meses nos Campos Gerais, em lugares de solo melhor e pasto mais abundante, com muitas fontes e riachos, para recuperar o peso, antes de o levarem à Feira, que se realizava depois da estação das chuvas, em maio, junho e julho. (Deffontaines, 1926, p. 169; Drabik, 2003, p. 20; Queiroz, 1977, p. 71; Saint-Hilaire, 1964, p. 24; Westphalen, 1957, p. 53). Estas invernadas passam a ser fonte de renda para muitos castrenses:

(...) the o prezente | o não tem povoado Com animais pois antes | todo este decurço de tempo paçado, tem | ella desfrutando em allugueis o dito Campo | servindo de Invernada para os tropeiros. Como | de prezente seacha (...). [Doc. 46, fól. 1r, l 8-13, 17/agosto/1820]

A feira começou a declinar por volta de 1860, e praticamente morreu vinte anos depois (Almeida, 1945, p. 128),<sup>58</sup> devido ao esgotamento do ciclo do luar, depois de século e meio de vigência, com a construção das ferrovias, que tornaram o luar superado como meio de transporte.<sup>59</sup> “A diminuição do tropeirismo é diretamente proporcional ao crescimento ferroviário nas décadas de 1870 e 1880.” (Oliveira, 2001, p. 100)

Os rebanhos sulinos eram grandes, mas as estradas até o local de consumo eram péssimas ou inexistentes. Para o deslocamento dos animais, foi preciso abrir uma via entre os campos Gerais e o Rio Grande do Sul, passando pelos campos de Vacaria, conhecida como *Caminho das Tropas*, ou *Estrada Real do Viamão*. (Deffontaines, 1926, p. 169; Roderjan, 1992, p. 57; Taunay, 1975, p. 187)

Era um caminho rústico, aproximando-se o mais possível da Serra Geral, para atravessar os rios geralmente ainda pequenos, muitos a vau – uma verdadeira picada aberta por Cristóvão Pereira de Abreu, que transportou uma tropa de 800 animais desde o Rio

<sup>58</sup> Há outras opiniões, contudo: “A última [feira] realizou-se em 1897.” (São Paulo, 2004, p. 97)

<sup>59</sup> Ellis Jr, 1979. Cf. Carneiro, 2003, p. 434.

Grande de São Pedro até Sorocaba, em 1731, gastando 13 meses na viagem. (Almeida, 1945, p. 99 e 103; Borba, 1986, p.6; Drabik, 2003, p.11; Roderjan, 1992, p.57; Taunay, 1975, p.188)

Embora o caminho seguisse através de campos naturais, incluía também trechos de floresta, travessia de rios, atoleiros e despenhadeiros, ataques de índios, saqueadores e animais selvagens. (Oliveira, 2001, p. 99; São Paulo, 2004, p. 84) No *corpus* são mencionadas estas asperezas:

(...) Gravíssimos prejuízos pelos mãos *caminhos* que tem de | passar, como he hum grande Sertão, que fica entre as *Villas* | doPrincipe eade Lages, onde as *Veze*s peressem tropas in | teiras, sendo estas perdas damnozas aProvincia, (...). [Doc. 50, fól. 2r, l. 1-4]

Ao longo desta rota, multiplicaram-se os sítios produtores de gêneros de subsistência (Ritter, 1978, p. 242) e quase todas as cidades atuais são antigos pousos de tropeiros e lugares de descanso ou internada de gado: Itapetininga, Itapeva, Itararé, Sengés, Jaguariaíva, Piraí, Castro, Carambeí, Palmeira, Ponta Grossa, Campo Largo, Lapa, Lajes, Chapecó, Cruz Alta, Santo Antônio da Patrulha...

Nestes núcleos, surge certa vida urbana, centrada na administração, na religião, no pequeno comércio local, e a eles os proprietários das sesmarias compareciam em datas especiais. (Almeida, 1945, p. 101; Linhares, 1953, p. 61 e 208; Oliveira, 2001, p. 97; São Paulo, 2004, p. 95) Mais tarde, os trilhos da estrada de ferro Paraná-Santa Catarina seguiram com fidelidade o roteiro apontado secularmente.

A partir de meados do século XVIII, o Paraná foi acentuadamente zona de trânsito, e o tropeiro passou a ser valorizado socialmente, até porque se dedicava a um negócio lucrativo<sup>60</sup> (Rabello, 1980, p. 81; Westphalen, 1957, p. 50). Por volta de 1820, “o preço de um muar no Rio Grande do Sul oscilava entre 1 e 2 mil réis, a depender do animal, e chegava a 27 mil réis em Sorocaba. Desse valor, descontava[m]-se cerca de 3 mil e tantos réis de impostos, passagem de rios, salários e outras despesas. O restante, portanto, configurava um lucro razoável.” (São Paulo, 2004, p. 95-96)

Com razão escrevia Rocha Pombo (1974, p. 82) em 1882: “Uma das indústrias do gosto de muitos habitantes do município é o comércio de bestas, as quais, importadas do Rio Grande e internadas na província, vão ser vendidas na feira de Sorocaba.”

<sup>60</sup> “(...) o comércio de animais era talvez a mais importante fonte de renda da capitania [*de São Paulo*] na época; (...)” (Santos, 1974-75, p. 88) “A grande rentabilidade oferecida pelo tropeirismo levou pessoas de várias origens a investirem no negócio.” (Oliveira, 2001, p. 99)

No *corpus* documenta-se o fato:

(...) sendo amaior parte dos habi | tantes deste destrito, tropeiros que giraõ com onegocio de | animais, desde aCapitania deSaõ Pedro do Rio Grande | athe esta Provincia (...). [Doc. 50, fól. 1v, l. 24-27]

A influência cultural do tropeirismo foi certamente muito grande; por exemplo, o mate passou a ser usado até em Minas Gerais, como atestam os versos das Cartas Chilenas:

“Agora, Doroteu, agora estava  
Bamboando, na rede preguiçosa  
E tomando, na fina porçolana  
O mate saboroso, (...).”<sup>61</sup>

E um personagem envolvido na Inconfidência declarou ter recebido de outro um recado: “Que não fosse tão prompto para o bem commum, e que lhe mandasse uma Cuya para beber congonha.”<sup>62</sup>

A relativa unidade lingüística do Brasil com certeza muito deve aos tropeiros:

Na História do Brasil, o tropeirismo tem um lugar de destaque: foi, além de primeiro avanço na expansão do território, o desbravador de caminhos entre o Norte e o Sul; o difusor de comércio; o veículo de comunicação entre as diferentes e distantes regiões; o fixador do homem no campo; o criador de núcleos urbanos e o sustentáculo da uniformidade da língua em território tão vasto.” (Drabik, 2003, p. 18)

Atualmente, a Rota dos Tropeiros é a nova rota turística do Paraná, composta por 16 municípios: Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Balsa Nova, Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa, Carambeí, Castro, Tibagi, Telêmaco Borba, Piraí do Sul, Arapoti, Jaguariaíva e Sengés.<sup>63</sup>

<sup>61</sup> GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas chilenas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940. p. 241 [Carta 9ª, v. 1-4]

<sup>62</sup> Rio de Janeiro, 1936. v. 2, p. 43.

<sup>63</sup> Rota dos Tropeiros. Disponível em: <<http://cidadesdobrasil.com.br/cgi-cn/news.cgi?cl=099105100097100101098114&arecod=14&newcod=782>>. Acesso em 29-11-2005.

## 2.9 AS CÂMARAS MUNICIPAIS

A imensidão do território brasileiro e as distâncias enormes entre os centros de povoamento exigiram a descentralização administrativa, concretizada por meio das municipalidades, que se iam formando por livre desejo, sem que fossem necessários atos do poder central. Criada a vila, a seis léguas uma da outra (no interior do país)<sup>64</sup> e levantado o pelourinho no centro duma praça, estava instalado o município. (Sousa, 1937, p. 34). As Câmaras tornaram-se organismos fundamentais para os colonos defenderem seus interesses,<sup>65</sup> garantindo, ainda, uma continuidade nos projetos de governo e na administração, que a constante troca de pessoas enviadas pela metrópole não conseguia criar. (Miranda, 2002, p.56).

As leis do Reino garantiam aos municípios a autonomia<sup>66</sup> na escolha do governo local<sup>67</sup>: Juizes, vereadores, procuradores e almotacéis, bem como fixavam as competências<sup>68</sup> da respectiva Câmara (Torres, 1969, p. 120).

Assim, as Ordenações Manuelinas determinavam (Livro I, título XLV) *Em que modo se fará a eleição dos Juizes, e Vereadores, e outros Officiaes*:

Antes que os Officiaes do derradeiro anno da eleição passada acabem se seruir seus Officios, nas oitauas de Natal do dito anno sejam juntos em Camara com os homens bons, e pouo chamado a Concelho, e o Juiz mais velho requererá a todos os que presentes forem, que nomeem seis homens pera Enlegedores, (...).

<sup>64</sup> “(...) dentro da terra firme, e Sertão senão poderia fazer Villas, sem q’ de hũa a outra houvesse a distancia de seis legoas; nesta restricção, q’ o Sñr. D. Ioaõ 3º fez a resp.<sup>to</sup> de criação de Villas no Sertão, e ampla liberade de se erijirem na Marinha, parece se dedus bem, q’ elle conheceo já a utilidade incomparavelm.<sup>te</sup> mayor de se povoar antes a Marinha, q’ o Sertão.” (Cleto, 1900, p. 202)

<sup>65</sup> “Elementos de unidade e de continuidade entre o Reino e seus domínios, pilares da sociedade colonial portuguesa nos quatro cantos do mundo, as Câmaras Municipais Ultramarinas foram igualmente órgãos fundamentais de representação dos interesses e das demandas dos colonos.” (Bicalho, 1998, p. 252).

<sup>66</sup> “Durante os 290 (duzentos e noventa) anos em que existiram câmaras municipais na América Portuguesa, ou seja de 1532 a 1822, nunca qualquer Rei de Portugal praticou qualquer ato de violência contra qualquer uma delas ou de seus membros.” (Ferreira, 1980, p. 51)

<sup>67</sup> “O nome de conselho, equivalendo a município, é expressão usada na península Ibérica, não havendo, segundo Alexandre Herculano, vestígios dela além dos Pirineus.” (Torres, 1969 p. 118).

<sup>68</sup> “(...) fiscalizava o comércio, cuidava de pesos e medidas, arrematação de contratos para o abastecimento de gêneros essenciais, como o sal e a farinha, cuidava da feitura das leis e da justiça, ocupava-se da defesa da cidade, (...)” (Miranda, 2002, p. 56) “Cabia-lhes [aos moradores] administrar, através das Câmaras, o pagamento de impostos perenes e temporários lançados pela metrópole em ocasiões especiais, impor taxas ocasionais, arrendar contratos, arrecadar ‘contribuições voluntárias’ etc. Cabia também àqueles moradores arcar quase que inteiramente com os custos da defesa, (...)” (Bicalho, 1998, p. 254)

Estes seis eleitores elaboravam, em reunião secreta, três listas de nomes que serviriam como Juizes, Vereadores e Procuradores e, se fosse o caso, Tesoureiros, para os próximos três anos. As listas eram lacradas em *pelouros*, colocados nas diferentes divisões de um saco, o qual era guardado num cofre com três chaves, cabendo a cada um dos vereadores em fim de mandato a guarda de uma das chaves.

E no tempo que ouuerem de tirar os pelouros dos ditos Officiaes, segundo seu foro, e costume, mandaram apreguoar a Concelho, e presente todos huï moço de hidade de sete annos meterá a maõ em cada huï repartimento do dito sacco, e reuolverá bem esses pelouros, e tirará de cada repartimento huï pelouro, e aquelles que sahirem nos pelouros sejam Officiaes esse anno, e outros nom.

O processo, portanto, envolvia votação e também sorteio, para determinar quem exerceria o ofício no ano seguinte, uma vez que a eleição<sup>69</sup> fazia-se de três em três anos — num só escrutínio escolhiam-se três conselhos sucessivos.

Posteriormente, as Ordenações Filipinas, de 1604,

fixaram as atribuições gerais dos municípios do Império Português, estabelecendo um sistema para as eleições dos oficiais das Câmaras, mas deixando sabiamente algumas determinações a cargo dos costumes e forais das municipalidades e senhores de terras. É interessante observar, nas atribuições municipais, os deveres dos vereadores, a administração dos bens do Conselho, as obras e benfeitorias que a Câmara poderia realizar, as posturas, as taxas a serem impostas, as *fintas* a impor quando as rendas do Conselho não eram suficientes para as despesas, as *coimas*, a *bolsa*, imposto aplicado na alimentação e condução dos presos.” (Sousa, 1937, p. 34).<sup>70</sup>

Com a Restauração de 1640, que devolveu a Portugal a independência em relação à Espanha, as Ordenações Filipinas (que repetiam, nesse aspecto, as prescrições manuelinas) foram confirmadas por D. João IV em 1643.

Os vereadores exerciam mandatos de um ano, de 1º de janeiro a 31 de dezembro, sem férias ou recesso, e a título gracioso; mas, se faltassem a uma sessão, pagavam multa de 100 réis,<sup>71</sup> contra qual muitas vezes reclamavam, alegando a dificuldade para se

<sup>69</sup> As eleições são descritas com mais detalhes em Garcia, 1956, p. 97 ss; Serrão; Marques, 1976, p. 321-322; Sousa, 1976, p. 223 e Torres, 1969, p. 123.

<sup>70</sup> *Finta*: tributo lançado em proporção dos rendimentos de cada um; *coima*: multa.

<sup>71</sup> Prevista nas *Ordenações Manuelinas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984. Livro I, título XLVI, 33.

deslocarem, muitas vezes de fazendas distantes, em períodos de mau tempo. Eleitos, não podiam recusar o encargo, nem ser reconduzidos, a não ser após três anos da conclusão do mandato. (Ferreira, 1980, p. 41-42; Garcia, 1956, p. 100; Segurado, 1970, p. 133) Pelo menos os vereadores da capital paulista tinham o privilégio de, nas procissões, virem, com seu estandarte, imediatamente após o pálio.<sup>72</sup>

Eram membros da Câmara: o *Juiz*, seu presidente nato, três ou quatro *vereadores*, um *escrivão*, um *procurador* e, em alguns lugares, um *tesoureiro*. (Serrão; Marques, 1976, p. 321-322, Sousa, 1937, p. 36) Ao juiz cabia a jurisdição sem apelação nem agravo até determinado valor. Era o típico juiz de primeira instância. Competia-lhe superintender a polícia da vila, tendo como subordinados o alcaide e seus homens; o *procurador do Conselho* zelava pela causa pública, como pontes, chafarizes, calçadas e cobrava as rendas municipais. Os três *vereadores*, com os primeiros membros, deliberavam acerca de questões de interesse público. O *escrivão* encarregava-se da escrita municipal e guardava uma das chaves da arca do Conselho. (Torres, 1969, p. 122 e 136)

As câmaras tinham, portanto, funções simultaneamente legislativas, executivas e judiciárias: Não havia separação de poderes. Seus membros denominavam-se oficiais, porque a cada um cabia um ofício, isto é, um encargo no conselho.<sup>73</sup>

Nos casos graves, a Câmara convocava as chamadas *juntas gerais*, nas quais se deliberava à pluralidade de votos da nobreza, milícia e clero. “A essas deliberações assistiam ordinariamente os governadores, capitães-mores e oficiais de justiça e fazenda, ou de moto-próprio, ou por convocação das câmaras.” (Garcia, 1956, p. 104) É o que ocorreu durante os meses agitados que precederam nossa Independência, na

Vereação Extrahordinaria que SeSelebrou em 28 | de Julho de 1822 para o qual foram convocados, o Povo, Tropa e | Nobreza. (Doc. 55, fól. 2, l. 2-4)

Uma vez que as Câmaras de Portugal Metropolitano eram exatamente iguais às do Brasil<sup>74</sup>, alguns historiadores negam que o nosso país tenha sido colônia, sustentando que, de fato e de direito, o Brasil foi sempre uma província do Império Lusitano, até ser

<sup>72</sup> “Respeito ao acompanhamento das procissões, não entra em duvida, que a Camara com o seu estandarte é quem deve seguir imediatamente após do pallio, sem intermediar outra alguma corporação ou pessoa particular.” (Registo, 1921, v. XIII, p. 117)

<sup>73</sup> Para as atribuições das Câmaras, ver: *Ordenações Manuelinas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984. Livro I, título XLVI.

<sup>74</sup> “(...) adotando em tudo a legislação reinícola para a sua organização, sem nenhuma instituição peculiar que as distinguisse das municipalidades portuguesas então vigentes.” (Garcia, 1956, p. 91)

elevado a Reino Unido a Portugal e Algarves,<sup>75</sup> em 1816: “Em nenhum documento dos séculos XVI, XVII, XVIII e começos do século XIX se encontram as rebarbativas, impróprias e acomodáticas palavras **colônia** e suas derivadas **colonizações, colonos e colonizadores.**” (Ferreira, 1956, p. 537)

As câmaras recebiam também o título de senado,<sup>76</sup> certamente por influência da assembleia romana, uma vez que em Portugal não havia essa Câmara Alta. Dizia-se, então, *o Senado da Câmara*. Assim, o Pe. José Gouveya de Athayde enviou parecer, em 1808,<sup>77</sup> à Câmara de Castro, dirigindo-se aos “*Senhores do Nobre Senado*”, o qual se intitulou “senado” pelo menos em três ocasiões: no Doc. 41, fól 1r, l. 10; Doc. 49, fól 1r, l. 13 e Doc. 55, 1r, l. 13.

De um modo geral, as Câmaras da Capitania de São Paulo eram muito pobres (Rabello, 1980, p. 139). Saint-Hilaire (1964, p. 75) assegura que “a câmara municipal de Castro era extremamente pobre.” Tal escassez de recursos é reafirmada nos documentos:

(...) sendo esta villa cituada aopé do | Rio chamado ýapo, oqual por ser alguma couza | grande, por cazualidade emalguns annos da | vau; neste setemconservado aannos huma | ponte, a qual abem tempo seacha cahida – | Sem Sepuder levantar por ser esteComselho | muito pobre, (...). (Doc. 25, fól. 1r, l. 12-18) [1804]

(...) este Conselho he sumamente pobre, sem | patrimonio algum, aumenos quanto baste | paraas suas ordinarias despezas, (...). (Doc. 37, fól. 1r, l. 16-18) [1817]

(...) agrande pobreza em *que* este concelho Seve (...). (Doc. 44, fól. 1r, l. 22) [1819]

(...) este Senado, o qual | achandosse pobre eSem meios defazer outras festas (...). (Doc. 49, fól. 1r, l. 13-14) [1821]

Um viajante, relatando sua passagem pela região em 1783, testemunhou que “os da freguezia do Yapó, distantes della 30 leguas, vivem miseraveis, pois só o fazem da sua pequena lavoura e de alguns animaes que criam para venderem aos passageiros.”<sup>78</sup>

<sup>75</sup> Ferreira, 1956, p. 529.

<sup>76</sup> É o caso da “Senado da Camara daCidade eCorte | do Rio de Janeiro”, mencionado no Doc. 55, fól 2r, l. 15-16.

<sup>77</sup> Doc. 26, fól. 2r.

<sup>78</sup> Abreu, 289, 1902., p. 289.

A própria capital, São Paulo, tinha um único chafariz em 1806, cuja “fonte não é perenne em todo o circulo do anno, e que alem disso ella não basta para a povoação presente, e muito menos bastará para a futura.”<sup>79</sup>

Em período posterior, a economia paranaense alicerçou-se na erva-mate: Na fase 1920-1930, foi o terceiro produto de exportação do Brasil, vendido principalmente para as regiões do Prata e um dos principais responsáveis pela emancipação da Quinta Comarca em 1853. (Linhares, 1953, p. 85; Oliveira, 2001, p. 92)

Mais adiante, iniciou-se o ciclo do café, nas terras vermelhas do norte do Estado.

## 2.10 HISTÓRIA DE CASTRO

No início do século XVIII, os paulistas se interessaram pelas terras dos Campos Gerais; o Capitão-Mor Pedro Taques de Almeida requereu, para si e seus parentes, uma sesmaria de 14 léguas, que foi indeferida pela coroa. Os membros de seu clã fizeram, então, com sucesso, requerimentos individuais de áreas menores e se estabeleceram com fazendas e currais. (Ritter, 1978, p. 243-245)

Na viagem com os animais, o mais difícil era transpor os rios; os tropeiros naturalmente procuravam um trecho mais raso, um *vau*. O *vau do Iapó* determinou assim por onde passaria o caminho. Devido às enchentes (*Iapó* quer dizer “rio que alaga”), os tropeiros eram forçados a acampar na margem esquerda, até a baixa das águas. Não se sabe a época exata em que foram surgindo alguns ranchos, em função da passagem dos tropeiros, para lhes prestar serviços: Ferrarias, selarias, armazéns... Em 1748 já viviam ali 56 casais. (Baptista, 2002, p. 18; Borba, 1986, p. 8) A situação geográfica da vila, na passagem obrigatória das tropas, trouxe-lhe o progresso.<sup>80</sup> No *corpus* há várias menções aos “(...) tropeiros que tranzitaõ para o Continente do Sul (...)” (Doc. 56, fól. 1r, l. 11)

O Morgado de Mateus, Dom Luís Antônio, apressou-se em transformar o pequeno pouso em freguesia do Iapó, em 1780, quando já contava com um total de 1059

<sup>79</sup> São Paulo, 1921. v. XIII. p. 381.

<sup>80</sup> “O desenvolvimento precoce da Vila Nova de Castro, como terceiro núcleo populacional de importância na Quinta Comarca (Paraná) se deve ao tropeirismo e sua situação ao lado do rio Iapó, passagem obrigatória das tropas que transitavam no eixo Norte-Sul do Brasil Meridional.” (BORBA, Oney Barbosa. Causos da nossa gente. *Historiadores do Paraná*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense; Banco do Estado do Paraná, 1981. p. 28.)

moradores e 238 escravos (Roderjan, 1992, p. 86). O Iapó é mencionado, por exemplo, em documento de 1786:

P.<sup>a</sup> Lourenço Ribr.<sup>o</sup> de Andrade, Cap<sup>m</sup> m.<sup>r</sup> da villa de Curytiba.  
A vista do requerim.<sup>to</sup> incluzo, averiguará Vm.<sup>ce</sup> a ordem com q. o Furriel de Aux.<sup>es</sup> do Yapó tirou os animaes, de q. tratão os sup.<sup>es</sup>, e me informará com brevid.<sup>e</sup>, p.<sup>a</sup> eu dar as providencias q. me parecerem de justiça. D.<sup>s</sup> g.<sup>e</sup> a Vm.<sup>ce</sup> S. Paulo a 10 de Janr.<sup>o</sup> de 1786. // Fran.<sup>co</sup> da Cunha e Menezes.//<sup>81</sup>

O território abrangido pela freguesia do Iapó era muito amplo, abrangendo todo o sertão do Paraná. (Rosas, 1993, p. 39). Em década e meia, a povoação desenvolveu-se muito:

Os anos decorridos entre 1774 até 1789 apresentaram uma modificação notável, em 15 anos o seu comércio aumentou, já possuía 576 moradores, casas comerciais, alfaiates, sapateiros, ourives, carpinteiros, latoeiros, ferreiros etc., fazendas povoadas de gado, ‘homens abastados e capazes de servirem em câmara’. (Rosas, 1993, p. 65)

Em 20 de janeiro de 1789, o Ouvidor Francisco Leandro de Toledo Rendon erigiu em vila a freguesia do Iapó, com a denominação de Vila Nova de Castro, em honra de Martinho de Melo e Castro, então Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos.<sup>82</sup> A vila passa a ter jurisdição sobre uma área enorme, que abrangia, ao norte, as terras até o rio Itararé e todo o oeste, o chamado ‘Sertão do Tibagi – todo o interior do Paraná e do atual Estado de Santa Catarina (Borba, 1986, p. 11; Martins, 1953, p. 173; Roderjan, 1991, p. 76-77).

As primeiras autoridades foram: Juiz Presidente: José Felix da Silva; Vereadores: Guilherme Pereira dos Santos, Joaquim José de Ávila e Antônio Castanho; Procurador: Alferes Francisco Ferreira de Andrade (Rosas, 1992, p. 22).

Saint-Hilaire (1964, p. 75-76) visita a região em 1820, julgando a terra e os homens a partir de sua visão européia – como era natural. Descreve a vila de Castro muito menos favoravelmente do que sua paisagem: “Ao tempo de minha viagem, possuía a vila mais ou menos cem casas que formava três extensas ruas; eram aquelas muito pequenas,

<sup>81</sup> *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. Ofícios do General Francisco da Cunha Menezes (Governador da Capitania) – 1782 - 1786.* São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1961. v. 85, p. 182.

<sup>82</sup> Rosas (1993, p. 37-52) contesta a versão corrente de que o nome da vila tenha sido homenagem ao poderoso ministro.

construídas de pau-a-pique (...).” Uma das vias certamente seria a das Tropas, “Três ou quatro negociantes, mulheres de vida irregular e alguns artífices constituíam quase toda a população permanente de Castro. Dos últimos, os mais numerosos eram os seleiros, o que não é de admirar, pois os habitantes da região passam a vida sobre o lombo dos cavalos.”

A economia castrense baseava-se na pecuária, e no comércio com os tropeiros:

Castro, este pouso de tropeiros que cresce e se transforma em aldeia, vila e cidade, tem uma economia voltada, além da pecuária, para a subsistência e para o fornecimento de gêneros alimentícios e serviços aos condutores de tropas que por ali passavam. A pecuária é a maior atividade econômica (Castro é o maior criatório de animais da Província de São Paulo), estando a extração de erva-mate num patamar inferior. O restante da produção é de gêneros de subsistência ou de suprimentos para as tropas (arroz, feijão, milho, fumo). (Pereira; Iegelski, 2002, p. 65)

Com certo orgulho, podem os castrenses dizer que a primeira cidade paranaense é Castro: Foi criada pela província do Paraná, em 1857. Já Curitiba e Paranaguá o foram pelo governo de São Paulo.

## 2.11 A SOCIEDADE CAMPEIRA CASTRENSE

Baseados no litoral paranaense, e em São Vicente<sup>83</sup>, os portugueses foram conquistando o interior do Paraná, onde surgiram três áreas principais de criação de gado: os campos de Curitiba (de 1668 em diante); os Campos Gerais (ocupados a partir de 1704) e os campos de Guarapuava, já no início do século XIX (Oliveira, 2001, p. 96 Ritter, 1978, p. 230) Descendentes das primeiras famílias de Curitiba e Paranaguá, constituem novas famílias com gente vinda de São Paulo e suas vilas. (Roderjan, 1992, p. 89)

Para um historiador (Oliveira, 2001, p. 96), os proprietários das fazendas moravam em São Paulo, Santos, Paranaguá e Curitiba; a pecuária era administrada pelos capatazes, chamados “fazendeiros”. Saint-Hilaire (1964, p. 16) faz observação oposta –

---

<sup>83</sup> “Precedidos pelos moradores de Curitiba e Paranaguá, muitos paulistas ajudaram a ocupar os Campos Gerais. Na verdade, a história tem reservado quase que uma hegemonia de paulistas na ocupação dos Campos Gerais, mas não foi assim. A grande afluência de paulistas aos Campos Gerais se verifica a partir de 1722, quando a região de Curitiba e parte dos Campos Gerais já produziam e exportavam gado para São Paulo havia décadas.” (Drabik, 2003, p. 7)

levado talvez pelo pouco contato com a região: “Os proprietários abastados dos Campos Gerais não fazem como os dos termos de Itapeva e Itapetininga. Estes auferem as rendas longe de suas propriedades; os outros têm o bom senso de residir em suas terras.”

Mais tarde, aberto o caminho para Sorocaba, os sesmeiros foram organizando aos poucos a criação de gado para a produção em grande escala. Saint-Hilaire assegura (1964, p. 80): “Nenhum distrito da Província de São Paulo forneceu nesse ano [1838] tantos cavalos, mulas, bois e carneiros como o de Castro; mas foi ultrapassado por alguns desses distritos no que tange à produção do solo propriamente dita.”

O solo dos campos nem sempre era fértil, e o capim ralo não permitia a acumulação de grande número de cabeças por unidade de área. Porém a vastidão dos campos compensava em parte a deficiência, e a escassez de gente. “Dois ou três campeiros eram suficientes para centenas de cabeças de gado.” (Linhares, 1953, p. 62). Certamente havia muitas pessoas desocupadas e bastante pobreza:

(...) tendo em ci esta | Povoação hum grande numaro depobreza oriunda do gentio da= | terra. Sem estabelecimento *que* vivem de Selario detropas (...). [Doc. 10, fól. 1r, l. 24-26]

No que se refere à etnia, Saint-Hilaire julgou haver poucos negros no Paraná. Westphalen rebate esta opinião, considerando-a um “mito” (Westphalen, 1984, p.13)<sup>84</sup>

Como quer que seja, os europeus, nas sesmarias e propriedades menores, “aprenderam o cultivo da mandioca, o uso de mundéus, paris, covo, arapucas, o uso de fibras, taquaras, o roçado para plantação, enfim, aprenderam aqui, por necessidade, do silvícola, o ensinamento ou os meios de vida inexistentes no Reino de Portugal.” (Borba, 1986, p. 45)

Esta sociedade, por causa da situação de guerra constante contra os castelhanos no sul e os índios a oeste, se tornou um tanto militarizada.<sup>85</sup> Como era natural, a mobilização para as guerras sulinas, com recrutamentos mais ou menos forçados, provocava ondas periódicas de descontentamento. Saint-Hilaire (1964, p. 71-72) refere a angústia da população castrense devido às tentativas de se preencherem os claros na milícia local. Com

<sup>84</sup> A discussão prossegue: “O que se fez no Paraná – é exato que no período colonial não se fez quase nada – não se baseou no braço escravo. Os poucos escravos para aqui conduzidos não foram além dos serviços domésticos de um ou outro senhor mais abastado.” (Linhares, 1953, p. 166) Por sua vez, Martins (1953, p. 307) afirma que os escravos, na Castro de 1884 eram apenas 402. Mais: “Nossa população geral era, em 1890, de cerca de 250.000 almas e de 5,17% o coeficiente negro.” (Martins, 1953, p. 312)

<sup>85</sup> A Guarda Nacional, criada mais tarde ao tempo do Império, era outra forma de mediação entre a aristocracia e o Estado Imperial; “nada mais era que a atualização da velha instituição das ordenanças e milícias coloniais.” (Oliveira, 2001, p. 173)

freqüência os homens requisitados eram chefes de família, os quais preferiam fugir, embrenhando-se no mato, ou deslocando-se para o *Continente do Sul*.

Evidentemente, o número de analfabetos em tal tipo de sociedade – voltada para a pecuária – era muito elevado.

Por outro lado, a situação de relativo isolamento em que a população vivia, e as ameaças enfrentadas, levavam os conjuntos de famílias a formarem clãs parentais, unidos por consangüinidade e afinidade. (Oliveira, 2001, p. 24-25, 72, 97 e 201)<sup>86</sup>

Os elementos integrantes da elite sempre lutaram para aumentar seu poder, e, assim, disputas surgiram entre autoridades políticas, eclesiásticas e militares da Comarca. “A Igreja constantemente entrava em choque com os outros poderes constituídos (Câmara, Capitão-General, Capitão-Mor), visando fazer prevalecer a sua grande autoridade, tanto no campo material como no espiritual.” (Rabello, 1980, p. 204-206). Exemplo disso, colhido no *corpus*, foi a contenda em torno das conhecenças<sup>87</sup>, em que o Bispo de São Paulo

determina aos Reverendos Parochos, que se= | conservem naposse dos uzos, eCostumes estabelecidos nas suas Respectivas Igrejas, e = | incluzivamente ode levarem as Conhecenças pella desobriga da Quaresma, ou Sejaõ | Colados, ou encomendados os mesmos Parochos, abrindocom esta determinação | hua concideravel brexa na Provizaõ Regia de 28 de Abril de 1730 emque | Sua Magestade inteiramente as prohibe; epor outra parte animando aos Parochos aque | Se oponhaõ as deliberaçoins das mesmas Camaras (...). (Doc. 22, fól. 1r, l. 04-09)

Rosas (1993, p. 25-26 e 71-78) resume a luta de oito anos em torno do tributo contestado.

Sobre o poderio da aristocracia rural, basta lembrar que, dos oito títulos de nobreza concedidos a paranaenses durante o Segundo Reinado, cinco couberam a grandes proprietários rurais e/ou tropeiros:

<sup>86</sup> “O isolamento em que se viram obrigados, por serem populações diminutas ocupando vastos espaços físicos, vivendo pobremente em seus sítios e fazendas, dependentes dos recursos que dispunham e que restringiam suas atividades econômicas, favoreceu o desenvolvimento de uma sociedade patriarcal, fortemente estruturada em laços de parentesco, estes muitas vezes indispensáveis à sua sobrevivência.” (Roderjan, 1992, p. 2)

<sup>87</sup> Correspondência relativa a esta polêmica das conhecenças – uma taxa cobrada pelos vigários na comunhão anual dos fiéis – foi publicada em *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. Offícios do General Horta aos Vice-Reis e Ministros – 1802 -1807*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990, v. 95, p. 62-69. Ver igualmente: São Paulo, 1921. v. XIII. p. 11-14 e 316-318, e Serrão; Marques, 1986, p. 308.

Barão de Antonina (João da Silva Machado) – Grande proprietário rural e negociante de tropas.

Barão e Visconde de Guarapuava (Antônio de Sá Camargo) – Grande proprietário rural e tropeiro.

Barão dos Campos Gerais (David dos Santos Pacheco) – Idem.

Barão do Monte Carmelo (Bonifácio José Batista) – Idem.

Barão de Guaraúna (Domingos Ferreira Pinto) – Idem.(Oliveira, 2001,p.167-168)

Em fase posterior, contudo, aumentou a influência dos exportadores de erva-mate: “A análise da composição da primeira Assembléia Legislativa do Paraná afirma a presença direta na elite política regional dos principais atores econômicos da Província, os veteranos da grande propriedade rural, os comerciantes ervateiros e tropeiros.” (Oliveira, 2001, p. 154)

## 2.12 GOVERNADORES DA CAPITANIA DE SÃO PAULO

Uma vez que quase todas as cartas oficiais da Câmara de Castro, constantes do *corpus*, foram dirigidas aos Capitães-Generais, Governadores da Capitania, menciona-se o nome destas autoridades, e o período em que exerceram o cargo.

Francisco da Cunha e Menezes	1782 – 1786
José Raimundo Chichorro da Gama Lobo	1786 – 1788
Bernardo José de Lorena	1788 – 1797
Antônio Manoel de Mello Castro e Mendonça	1797 – 1802
Antônio José de Franca e Horta	1802 – 1811
Luiz Telles da Silva, Marquês de Alegrete	Novembro 1811 – 1813
Francisco de Assis Mascarenhas, Conde da Palma	08-12-1814 – 1819
João Carlos de Oeyhausen	1819 – 1821

## 2.13 QUADRO HISTÓRICO SINÓTICO

Neste quadro, dispõem-se algumas datas significativas da história de Castro, do Paraná, da Capitania de São Paulo, do Brasil e de Portugal, para se ter idéia da distribuição cronológica dos acontecimentos e da eventual relação entre eles. Como é natural, tendo o Paraná feito parte da Capitania de São Paulo até 1853, nem sempre é fácil separar a história de uma região e de outra.

Castro	Paraná	São Paulo	Brasil	Portugal
	1522 - Aleixo Garcia atravessa o Paraná.			
	1531 - Expedição de Pero Lobo			
	1541 - Viagem de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca.			
	1608 - O Rei da Espanha cria a Província del Guairá			
	1648 - Paranaguá é elevada a vila.			
				1640 - Restauração. Fim da União Ibérica.
	1693 - Curitiba é elevada a vila.			
1704 - Distribuição de sesmarias no Iapó. Fundação da Fazenda Capão Alto.				
		1709 - A Capitania de São Vicente passa a chamar-se São Paulo		
		1720 - Desmembra-se a Capitania de Minas Gerais		
			1731 - Abertura do Caminho das Tropas	
		1745 - Criação do bispado de S. Paulo		
				1750 - Tratado de Madri.
			1753 a 1756 - Guerra dos Sete Povos das Missões.	
		1765 - 1775 - Governo de Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus		
		1767 - Fundação de São José dos Campos.		
		1769 - Fundação de Atibaia, Faxina e Mogi Mirim.		
	1770 - Fundação de Guaratuba .			
1774 - Paróquia e freguesia de Santana do Iapó.				

Castro	Paraná	São Paulo	Brasil	Portugal
1777 - Instalada a Companhia de Cavalaria.				
1789 - Elevada a Vila.				
1798 - Criação da Câmara Eclesiástica .				
				1808 – Vinda da Família Real.
			1822 – Independência.	
1832-Criada a Guarda Nacional, com 309 praças.				
1833 – Criados os “distritos de paz”: Castro, Guartelá, Jaguariaíva, Ponta Grossa e Santa Ana de Conchas.	1833 - Criada a Freguesia da Palmeira.			
1853-Castro tinha 5.899 habitantes.	1853 – Emancipação do Paraná.			
1854 - Instalação da Comarca.				
1855 - Chegam os imigrantes alemães e poloneses.				
1857 – Castro elevada a cidade.				
	1869 – Elevação de Palmeira a vila.			
	1872 – Pirai é elevada a freguesia. Tibagi passa a vila.			
	1873 – Conclusão da estrada da Graciosa.			
1876 – Conclusão da igreja paroquial.				
	1877 – Palmeira passa a ser cidade.			
		1880 – Extingue-se a feira de Sorocaba.		
	1881 – O Paraná tinha 24 municípios, sendo 11 no antigo Termo de Castro.			
1883 – Primeiro número do <i>Echo dos Campos</i> , semanário castrense.				

Castro	Paraná	São Paulo	Brasil	Portugal
1887 – Primeiro número do semanário <i>Correio dos Campos</i> .				
1888 – Primeiro número de <i>O Yapó</i>				
	1892 – Criada a Diocese de Curitiba, abrangendo os territórios do Paraná e Santa Catarina.			
1894 – Castro é a capital do Estado de janeiro a abril (Revolução Federalista)				
1911 - Chegam os holandeses a Carambeí.				
	1913 – Instalação da Universidade do Paraná.			
1926 - Criação da diocese de Ponta Grossa, abrangendo Castro.				
1946 – Pirai emancipa-se de Castro.				
1958 – Imigração japonesa.				

### 3 CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Quando escolhe textos manuscritos como *corpus*, o pesquisador se depara com dificuldades de vária natureza.<sup>88</sup> Uma delas será a escolha do tipo de edição – subordinado à finalidade pretendida. Conforme a finalidade, cumpre seguir um conjunto de normas, necessariamente dotadas de coerência interna e explicitadas com clareza.<sup>89</sup>

De acordo com Spina (1977, p. 78-80), há quatro formas básicas de edição de um texto:

- a) Edição diplomática – é uma reprodução como se fosse cópia perfeita do manuscrito, “na grafia, nas abreviações, nas ligaduras, em todos os seus sinais e lacunas, inclusive nos erros e nas passagens estropiadas.” (p. 78). Baseia-se numa transcrição rigorosamente conservadora, preservando todos os elementos presentes no original,<sup>90</sup> mas perdeu muito de sua importância com as modernas técnicas de reprodução mecânica.
- b) Edição semidiplomática – representa uma tentativa de melhoramento do texto, dividindo as palavras, desdobrando as abreviaturas e até suprimindo a pontuação, com o duplo objetivo de tornar a leitura acessível a um público não especializado, e obviar falhas na produção do texto.
- c) Edição paleográfica – mais perfeita que a reprodução fac-similar, descreve todas as minúcias de natureza caligráfica.
- d) Edição crítica – pode resultar de um manuscrito único<sup>91</sup> ou do confronto de vários testemunhos, quase sempre apógrafos<sup>92</sup>, buscando restabelecer o texto em sua genuinidade.

Optou-se por uma edição semidiplomática, devido a duas razões principais:

- a) a transcrição é claramente conservadora<sup>93</sup>, permitindo, por exemplo, a manutenção de traços ortográficos que possam ter repercussões fonéticas; eventualmente, esses fenômenos

<sup>88</sup> Cf. Silveira, 2004, p. 116-118; Vasconcelos, 2006, p. 50-58.

<sup>89</sup> Cambraia, 2005, p. 109-110.

<sup>90</sup> Cambraia, 2005, p. 93.

<sup>91</sup> Spina, 1977, p. 87.

<sup>92</sup> Cf. Cambraia, 2005, p. 104.

<sup>93</sup> “Embora o aspecto sobre o qual se exija fidelidade ao original seja variável, em virtude da natureza do estudo lingüístico que se vai realizar, se gráfico-fônico, morfológico, léxico-semântico ou sintático, em termos ide[a]is, todavia, julga-se que os critérios de transcrição de textos a partir dos quais se fazem edições que servirão de base a estudos de natureza lingüística devem ser amplamente conservadores.” (Lobo, 2001, p. 105)

só virão a ser detectados em futuras pesquisas baseadas nos mesmos *corpora* editados na atualidade; assim, fica protegida a hipótese de um “resgate histórico da língua.”<sup>94</sup>

b) ocorrendo o “melhoramento do texto”, de que fala Spina, facilita-se a leitura por parte dos pesquisadores de outras áreas, nem sempre afeitos a esse tipo de textos.

Para facilitar o cotejo da edição com o original, apresenta-se o fac-símile de cada um dos fólhos, em ordem cronológica, com a respectiva transcrição justalinear.

É sabido que a transcrição de um manuscrito implica certa interpretação, uma vez que o editor, de uma forma ou de outra, intervirá; por isso, a leitura terá que ser extremamente cuidadosa, porque tem que buscar a maior fidelidade, de modo a não alterar o conteúdo. Não só o sentido: Também o significante, uma vez que certos traços fonéticos muitas vezes transparecem através de distinções ortográficas aparentemente sutis. Nunca é demais frisar, na leitura, a importância da exatidão. Por outro lado, esta não deve prejudicar outra qualidade essencial: A inteligibilidade, levando-se em conta que a edição<sup>95</sup> de um texto poderá servir de base a estudos não só especificamente lingüísticos, mas também históricos, toponímicos, genealógicos, biográficos, literários (Blanco, 1956, p. 17-20). É com certeza difícil alcançar a transcrição perfeita.<sup>96</sup> Porém um estudioso assegura: Até mesmo os erros apresentados numa *primeira leitura má* podem servir de estímulo para que alguém realize outra melhor.<sup>97</sup> E dá como exemplo a carta que um padre remeteu do vice-Reinado de Nueva España em 1592, em que uma frase foi transcrita como “no soy amigo *de los curas*”, ¿ cómo lo diría uno que lo era?, donde se lee *de locuras*” (Gracia, 1999, p. 125, nota 12)

Como quer que seja,

Está claro que, tratándose de textos, no puede haber otro criterio filológico que el del puro y simple respeto a los mismos: cuanto menos se manipule el manuscrito de que se trate, cuanta más fidelidad le guarde el lingüista lo mismo en su lectura y comentario que en su transmisión editorial, con tanto mayor rigor quedará garantizada la fiabilidad filológica, que ha de ser todo lo grande a que en materia de exactitud puede aspirar el científico (...). Ciertamente, en filología todo detalle formal es sagrado, pues no en vano esta ciencia, estrictamente hablando, no tiene otra finalidad que no sea el estudio de los textos y su transmisión. (Gracia, 1999, p. 119)

<sup>94</sup> Vasconcelos, 2006, p. 52.

<sup>95</sup> “Editar um texto consiste em reproduzi-lo.” (Spina, 1977, p. 77)

<sup>96</sup> “(...) la transcripción de los manuscritos debe estar libre de errores de lectura, aun a sabiendas de que resulta sumamente difícil lograr este desiderátum en su integridad, (...)” (Gracia, 1999, p. 125)

<sup>97</sup> “(...) incluso una deficiente lectura previa, aun cuando los fallos en ocasiones sean clamorosos, ayuda a realizar otra transcripción mejor.” (Gracia, 1999, p. 125)

Quanto às normas para transcrição, já Boléo (1946, p. 70-71) sugeria:

Seria, sem dúvida, de grande vantagem que um pequeno grupo de historiadores e filólogos, de comum acordo, à semelhança do que fez o Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha, elaborasse as normas para a edição de textos portugueses. Ainda que não fossem impostas por um organismo oficial, o simples facto de serem publicadas já serviria de orientação aos estudiosos mais exigentes.”

Já contamos, no Brasil, com as “Normas para transcrição aprovadas no II Seminário para a História do Português Brasileiro” (Campos do Jordão, maio de 1998):<sup>98</sup>

1. A transcrição será conservadora.

2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas<sup>99</sup>, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:

a) respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura: m.<sup>10</sup> a ser transcrita “munto”.

b) no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Deos” e “Deus”, que levam à abreviatura: D.<sup>s</sup> a ser transcrita “Deus”.

3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: epor ser; aellas; daPiedade; ominino; dosertão; mostrandoselhe; achandose; sesegue.<sup>100</sup>

<sup>98</sup> Cf. Megale, 1998, p. 32-34; Cambraia e Megale, 2001.

<sup>99</sup> “(...) las abreviaturas, todavía frecuentes en el siglo XVI, si bien reiteradas en unas pocas voces, cada vez menos en las centurias siguientes, (...)” (Gracia, 1999, p. 127)

“Não me parece defensável, por ex. (salvo tratando-se de uma edição diplomática ou de uma edição reservada aos eruditos), que se publiquem documentos sem desdobrar as abreviaturas, tendo o cuidado, porém de pôr em itálico as letras desenvolvidas. Dir-se-á que é o respeito pelo texto que preceitua este procedimento; mas eu não sei bem se se trata de escrúpulo científico ou de comodidade. É realmente muito mais fácil e rápido *copiar* documentos do que interpretá-los...” (Boléo, 1946, p. 70).

“Todas as abreviaturas foram resolvidas. Das letras que as formam, as que figuram no documento, vão impressas em tipo ‘comum’, as que nós suprimos, em tipo **preto**.” (Blanco, 1956, p. 20)

“(...) recorri ao itálico para indicar as letras desenvolvidas” (Maia, 1986, p. 29)

<sup>100</sup> Serafim da Silva Neto apresenta norma diversa: “separar as palavras que no manuscrito vêm juntas; assim, transcrever *alluxuria* por *a lluxuria*; *entoda* por *em toda*.” (Silva Neto, 1956, p. 23) O mesmo ocorre em Clarinda Maia: “foram separadas as palavras que nos manuscritos apareciam unidas. Respeitou-se, porém, a grafia dos manuscritos nos casos das enclíticas que aparecem, em geral, ligadas à palavra anterior (...)” (Maia, 1986, p. 21)

4. A pontuação original será rigorosamente mantida.<sup>101</sup> No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marcado: [espaço]. Exemplo: que podem prejudicar. [espaço] Os dias passam e ninguém comparece.
5. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração.<sup>102</sup> Exemplos: aRepublica; documercio; edemarcando tambem lugar; Rey D. Jose; oRio Pirahý; oexercicio; hé m.<sup>to</sup> conveniente.
6. Será respeitado o emprego de maiúsculas<sup>103</sup> e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo: nota 1. Pirassocunda por Pirassonunga; nota 2. deligoncia por deligencia; nota 3. adverdinto por advertindo.
8. Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que o lugar convencional é a casa de Pedro no largo da matriz>.
9. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplo: todos ~~ninguém~~ dos presentes assignarom; sahiram ~~sahiram~~ aspressas para o adro. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a **coloca entre colchetes duplos**. Exemplo: Fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] **em direção oposta**.
10. Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer no final do documento, informando-lhe a localização.
11. Intervenções do editor não devem ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem a dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes.<sup>104</sup> Exemplo: não deixe passar neste [registro] de Areas.

<sup>101</sup> Para Serafim, deve-se “pontuar o texto, paragrafar, pôr traços nos diálogos”. (Silva Neto, 1956, p. 23)

<sup>102</sup> Cf. Marco, 2000, p. 383.

Silva Neto (1956, p. 23) sugere “com parcimônia, introduzir acentos agudos e circunflexos, sempre que isso puder evitar confusões e dúvidas; (...)”

<sup>103</sup> “(...) la inestabilidad en el uso de las mayúsculas, (...)” (Gracia, 1999, p. 127) No interior de palavra, algumas vezes é reconhecidamente difícil distinguir maiúscula de minúscula anormalmente grande – inexactidão inevitável nos textos manuscritos. “Les types écrits à la main présentent des différences qui ne sont conditionnées que par l’inexactitude inévitable de celui qui écrit à la main.” (Hammarström, 1964, p. 334) Disso resultaram algumas decisões certamente evitadas de arbitrariedade.

<sup>104</sup> “As letras que faltam no documento e que também não têm o correspondente sinal abreviativo, incluem-se entre colchetes. [.]” (Blanco, 1956, p. 21)

12. Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível].<sup>105</sup>
13. Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corroídas + ou – 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.
14. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: | entre as linhas. A mudança de fôlio receberá a marcação com o respectivo número na seqüência de duas barras verticais: || 1 v. || 2 r. || 3 r.
15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.
16. As assinaturas simples ou rubricas de punho de quem assina **serão sublinhadas**. Os sinais públicos **serão indicados entre colchetes**. Exemplos: assinatura simples: Bernardo Jose de Lorena; sinal público: [Bernardo Jose de Lorena].<sup>106</sup>

### Normas adicionais:

Além dessas, optou-se por utilizar outras normas complementares de edição. Assim, devido à dificuldade para empregar fonte adequada, substituiu-se o grafema de <y> com ponto sobreposto pelo grafema <ẏ><sup>107</sup>. É solução acoimada de pouco fidedigna,<sup>108</sup> contudo, as ocorrências deste grafema, no *corpus* todo, não passam de onze.

O grafema <s> apresenta diferentes alógrafos: um <s> longo, (j) que ocorre em posição inicial e medial – por exemplo em *só* (Doc. 25, fól 1r, l. 19) –, e um <s> redondo que ocorre em posição final<sup>109</sup>, como em *temos* (Doc. 21, fól. 1r, l. 01). Ambos foram uniformizados num só, <s>, com base na lição de um pioneiro: “O j pode ser substituído por

<sup>105</sup> “As raras conjecturas que se fizeram, motivadas pela ilegibilidade dos manuscritos, vão formalizadas por parênteses rectos.” (Marquilhas, 1991, p. 103).

<sup>106</sup> Lobo, 2001, p. 23-24.

<sup>107</sup> “Na transcrição de y omitiu-se o ponto que, por vezes, aparece sobre essa vogal, quer quando faz parte de ditongos decrescentes, quer noutros casos.” (Maia, 1986, p. 28) “Quanto à transcrição, ela é rigorosamente diplomática, aparecendo sublinhadas as abreviaturas desenvolvidas. Só não foram respeitados os seguintes elementos gráficos: inscrição de ponto sobre y no manuscrito de Manuel dos Santos; distribuição complementar dos alógrafos minúsculos s longo e s redondo em todos os impressos e em alguns manuscritos: s longo surge em posição inicial e média, s redondo em posição final.” (Marquilhas, 1991, p. 103)

<sup>108</sup> “(...) tampoco es por completo fidedigna la transcripción que no refleja el rasgo curvo o el punto que adornaban la ‘y’, incluso los dos puntos, uno sobre cada astil, con que esta letra a veces se corona, así en algunos documentos indianos.” (Gracia, 1999, p. 133)

<sup>109</sup> Cambraia; Megale, 2001, p. 15.

s; (...).”<sup>110</sup> Comentando Manuel Andrade de Figueiredo (1670-1735), *Nova Escola para aprender a ler, escrever & contar* (± 1722), afirma Gonçalves (2003, p. 903): “Por outro lado, importa referir que a distinção entre <◀-s> é de ordem meramente tipográfica, sendo que o primeiro tipo, o chamado *s* latino, em geral ocorre em posição inicial de palavra (◀eguinte, ▶ejaõ), quando precedido ou seguido de outro grafema consonântico (e▶ta, a▶pera, con▶oantes), ou dobrado em posição intervocálica (di▶▶imular, impo▶▶ivel), ou apenas no primeiro elemento (po▶essor, ma▶sas, po▶suir), ao passo que no restantes contextos só aparece <s>, (...).”

Por outro lado, o <R> e o <S> maiúsculos, com som de “rr” e “ss” foram transcritos com <R> e <S> maiúsculos:

cabello castanho CoRedio  
 IllustriSimo eExcellentiSimo  
 paSando.<sup>111</sup>

Para facilitar a comparação com a cópia do manuscrito, que figura ao lado da respectiva transcrição, foi respeitada a mudança de linha do original (critério que se sobrepõe à 14ª norma das NHPB). (Cambraia e Megale, 2001, p. 14)

“Quando a leitura paleográfica de uma palavra for duvidosa, colocar-se-á uma interrogação entre colchetes depois da mesma [?].”<sup>112</sup>

<sup>110</sup> Vasconcelos, lv. 1, parte 1, p. 315.

<sup>111</sup> Samara; Dias; Bivar, 2005, p. 21.

<sup>112</sup> DIAS, Madalena; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. Paleografia para o período colonial. In: Samara; Dias; Bivar, 2005, p. 21.

## 4 ELEMENTOS ORTOGRÁFICOS-FONÉTICOS

### 4.1 INTRODUÇÃO

Entre os estudos gramaticais efetuados no século XVIII, ocuparam a primeira plana os ortográficos – tantas vezes polêmicos e sem grande base científica – uma herança dos períodos anteriores.<sup>113</sup> “Tendo conhecido uma regulamentação oficial tardia, a ortografia portuguesa sempre foi um tema discutido e tratado ora com a displicência devida aos assuntos fúteis ou menores, ora com a paixão suscitada pelas matérias sensíveis e de lesa-majestade.” (Gonçalves, 2003, p. 16-17)

Essa preocupação com a ortografia justifica-se por estar ela na gênese da gramática: O termo vem de gramma “letra”, sendo a escrita considerada a forma legítima e “correta” da linguagem. Quando se mencionava “gramática”, pensava-se normalmente em “língua escrita”. Os gramáticos setecentistas reconhecem as numerosas divergências entre os estudiosos: “(...) entre os nossos Authores reina huma grande variedade de Orthographia; e por cada parte se offerecem razoens de muita força.” (Caetano de Lima, 1736, p. 120). “(...) em materias de ortografia se me apartar das regras, que alguns seguem, ninguem repute isto por erro por serem nesta materia tantas as opiniões quantos os Escritores.” (Lobato, 1770, p. XLVII) A polêmica em torno da ortografia persistiu na centúria seguinte, e se prolongou até inícios do século XX...

Não parece ociosa a intenção de descrever alguns aspectos gráficos do *corpus*, uma vez que nele se reflete a escrita efetivamente praticada na sociedade castrense da época e se vislumbram traços de oralidade. Quanto a estes, o lingüista historiador encontra uma dificuldade adicional, que é saber “distinguir nos hábitos de escrita do passado os que têm significado, do ponto de vista lingüístico, dos que não têm” (Lobo, 2001, p. 104). Até que ponto a ortografia de manuscritos pode servir de base para a análise fonética?

Mesmo as descrições dos gramáticos da época são deficientes, porquanto, no século XVIII, fazia-se uma fonética “de tipo intuitivo, amparada no legado conceptual e terminológico greco-latino transposto para análise do português, como marca da filiação histórica e lingüística numa tradição transnacional.”( Gonçalves, 2003, p. 73) A situação

---

<sup>113</sup> Morel Pinto, 1988, p. 15.

perdurou por largo tempo, devido ao conhecimento ainda rudimentar da fonética articulatória e da acústica.

## 4.2 GRAFEMAS E FONEMAS

Como quer que seja, a questão ortográfica perpassa qualquer análise de manuscritos: Num *corpus* escrito, nada mais natural que examinar suas características ortográficas. Nesta etapa, várias questões se colocam:

a) a delicada relação entre os grafemas e os fonemas representados<sup>114</sup>, envolvendo aspectos fronteiriços à ortografia e à fonética, e as diferentes soluções que surgiram para problemas como representar fonemas inexistentes em latim – língua que servia normalmente de ponto de partida;<sup>115</sup>

b) a própria questão ortográfica, a respeito da qual pode-se até lembrar que a grafia é qualquer representação escrita de um enunciado, enquanto a ortografia implica uma grafia selecionada entre outras, ou seja, uma grafia “normal”. (Gonçalves, 2003, p. 19)

Ora, a questão ortográfica portuguesa arrastou-se, insolúvel, durante séculos; Marquilhas (1991, p. 8), por exemplo, afirma:

apesar de no século XVIII se terem criado em Portugal excepcionais condições culturais para a convenção de uma única ortografia, essa convenção nunca chegou a ser celebrada, nem sequer tacitamente, podendo falar-se apenas de várias ortotipografias, umas vezes paralelas, outras vezes divergentes.

A esperada “regulamentação oficial” só se efetivou no século XX.<sup>116</sup>

<sup>114</sup> “(...) o que importa é pôr em relação os grafemas com os fonemas da época a que os textos se referem e não com os fonemas actuais.” (Maia, 1986, p. 304)

<sup>115</sup> “Il existe donc, quoiqu’elle soit obscure et compliquée, une certaine relation entre ce qui est graphique et ce qui est phonique. (...) L’orthographe française tentait de reproduire à ses débuts l’aspect phonique de la langue, sans toutefois modifier l’inventaire des graphèmes hérité du latin. Pour ce faire, on utilise des graphies complexes pour les phonèmes qui n’existaient pas en latin, (...)” (Llorach, 1968, p. 559)

<sup>116</sup> “Tam pouco existe ortografia oficial, nem sei qual documento de fácil consulta a poderia impor, visto que o Estado não publica nem dicionários nem gramáticas. Por outra parte, com raras exceções, cada gramática, e cada dicionário apresenta seu sistema próprio, poucas vezes justificado, ou mesmo explicado, afora as diverjências na escrita de inúmeros vocábulos, assistemáticas, ou em desacôrdo com os sistemas seguidos, isto quando mesmo os seus autores adoptaram ou inventaram algum.” (Viana, 1904, p. 1)

Opina um estudioso que a ausência de uma norma fixa para a escrita, ainda no século XVII, tornou-a oscilante e, por isso mesmo, capaz de dar boas pistas sobre a pronúncia então usada. (Almeida, 2002, p. 3) Estas “pistas” podem ser usadas para textos de séculos seguintes – até para o XXI; basta lembrar as “oscilações” encontradas nos textos produzidos por alunos do Curso Fundamental e pelos grafiteiros, além de muitas placas e avisos expostos ao público...

#### 4.3 O TEXTO COMO EXPRESSÃO DE SUA ÉPOCA<sup>117</sup>

Coincidindo com a fase arcaica do idioma, o primeiro período da ortografia portuguesa veio até o século XVI, e é chamado fonético, porque nele se procurava escrever mais ou menos como se pronunciava. (Coutinho, 1969, p. 71-72). Como assinalou um dos gramáticos pioneiros:

A primeira e principal regra da nossa ortografia é escrever tôdalas dições com tantas lêteras com quantas as pronunciamos, sem poer consoantes ociosas, como vemos na escritura italiana e francesa. E dado que a dição seja latina, como a derivamos a nós, e perder sua pureza, logo a devemos escrever ao nosso modo; por semelhante exemplo: *orthographia*; é vocábulo grego e os Latinos o escrevem desta maneira atrás e nós o devemos escrever com estas lêteras: *ortografia*, porque com elas a pronunciamos. (Barros, 1957, p. 57)

No século XVIII, todavia, como opinou Barbosa (1999, p. 178), a situação era a de uma *pluri-ortografia*. De fato, analisando as teorias e práticas da época, Gonçalves (2003, p. 40 ss) concluiu que havia quatro tipos fundamentais de sistemas: etimológico, misto, filosófico e simplificado.

No primeiro, que alguns denominam *período pseudo-etimológico da história da ortografia portuguesa* (Coutinho, 1969, p. 71-80) vigora o “predomínio arrasador” (Williams, 1961, p. 41) da componente etimológica, buscando a recuperação gráfica dos étimos (verdadeiros ou supostos), com acintosa desatenção à pronúncia, através da reposição dos grafemas greco-latinos: *anno*, *cabello*, *paroch*, *subdito*...

---

<sup>117</sup> Miller, 1990, p. 48 ss.

Tais tendências etimologizantes já eram evidentes nas primeiras gramáticas e ortografias do idioma, em decorrência do deslumbramento com a cultura greco-latina. Não se pode esquecer, igualmente, a “longa coexistência”<sup>118</sup> dos dois idiomas, por motivos bem conhecidos. Assim, aplicavam à ortografia o que faziam ao descrever a língua portuguesa: aproximavam-na, o quanto possível do ideal contemporâneo de perfeição e pureza - a língua latina. Dessa forma, os grupos consonânticos <ct>, <gn>, <cç>, <pç> e <pt>, por exemplo, eram um verdadeiro emblema da latinidade, fator aceito e apreciado de nobilitação do nosso idioma.<sup>119</sup>

Essa preocupação etimológica produziu muitas vezes grafias contaminadas, isto é, “falsas regressões ortográficas, e.g., *th* em *thesoura* e em *ethymologia*; *y* em *phylosophia*; duplo *cc* em *occeano*” (Williams, 1961, p. 40) – com incrustações de letras parasitas, que transmitiam certamente ao leitor a impressão de ser o escriba culto e latinista... Também em francês isso ocorreu: *poids* recebeu artificialmente um <d> “justificado” por uma falsa etimologia (*pondus*), quando, na realidade, vem de *pensum* (cf. o ital. port. e esp. *peso*). (Burney, 1970, p. 16).

Nos Setecentos, representaram este sistema João de Moraes Madureira Feijó, Luís Caetano de Lima, Frei Luís do Monte Carmelo, João Pinheiro Freire da Cunha e Bernardo de Lima e Melo Bacelar.

Gonçalves Viana foi implacável com essa tendência etimologizante:

(...) a denominada ortografia etimológica é uma superstição herdada, um erro científico, filho do pedantismo que na época da ressurreição dos estudos clássicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade clássica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a conseqüente instrução das classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quasi sem protesto. (Viana, 1904, p. 8-9)

Um livro em particular, a *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, de João de Moraes Madureira Feijó, publicada pela primeira vez em 1734, conheceu grande circulação, tendo ajudado a difundir, durante século e meio,

<sup>118</sup> “L’ ‘étimologysme’ de l’orthographe des scribes s’explique en grande partie par cette longue coexistence.” (Burney, 1970, p. 13).

<sup>119</sup> TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Características gráficas de um texto português setecentista. In: *Anais do I Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/>>. Acesso em 15 abril 2007.

um modelo ortográfico de cunho etimologizante<sup>120</sup>, cuja influência repercutiu nas obras de autores posteriores. (Gonçalves, 2003, p. 44; Williams, 1961, p. 41)

De facto, com excepção da *Grammatica Portugueza* (1770), de António José dos Reis Lobato, texto oficial para o ensino do português com numerosíssimas edições em Setecentos, a *Orthographia ou Arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Lingua Portugueza* madureirense registou um número de edições sem paralelo no mesmo século: além da primeira edição, de 1734, conheceu em 1739 duas segundas impressões (...) ocorrendo as restantes em 1781 (3ª impressão), 1786 (4ª impressão mais correcta), 1802 (6ª impressão), 1814 (...). (Gonçalves, 2003, 45-46)<sup>121</sup>

Madureira Feijó (1739, p. 20-26) defende a grafia etimológica porque ela distingue parônimos, como **facto/fato**, homônimos, como **paço/passo**,<sup>122</sup> e serve para conhecermos a origem latina das palavras; e defende um dos traços de tal ortografia: grafar consoantes meramente etimológicas, que não eram pronunciadas: “Dobraõ as consoantes, porque as Latinas, de que saõ derivadas, tambem as dobraõ.”

Frei Luís do Monte Carmelo, no seu *Compendio de Orthographia* (1767), imita Madureira, sem dele divergir substancialmente.

Esses manuais com certeza exerceram uma duradoura influência, predominando a tendência etimologizante até as primeiras propostas, em 1855, de Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu. E mesmo que boa parte do nosso *corpus* tenha sido redigido no século XIX, é fora de dúvida que foram largamente empregados os usos ortográficos da centúria anterior: A tendência da escrita é sabidamente ser conservadora, apesar das naturais mudanças fonéticas sofridas pelo idioma.<sup>123</sup> Lembremos também que o emprego de uma ortografia etimologizante era um sinal de pertinência à elite, destacando a pessoa culta da

<sup>120</sup> Feijó “corporiza o momento áureo da corrente etimológica em Portugal, até então sem rivais de peso, já que a tendência fonetizante só virá a ter novo arauto na década seguinte, com Verney (1746), (...)” (Gonçalves, 2003, p. 21-22)

<sup>121</sup> A autora menciona outras impressões da obra em 1818, 1824, 1836 e 1861.

<sup>122</sup> “Si l’on considère enfin que les ‘étymologismes’ permettent la différenciation visuelle des homonymes e constituent des ‘surdéterminations optiques’ favorables au déchiffrement des grimoires, on en conclura que l’orthographe des scribes présentait tout de même, à l’époque où elle fut créée, quelques avantages.” (Burney, 1970, p. 19-20)

<sup>123</sup> “Chaque génération de scribes hérite du ‘système’ de conventions graphiques établi par la génération précédente et ne tiendra guère compte des réalités phoniques contemporaines, qui peuvent avoir subi des changements par rapport à celles que connaissaient les générations antérieures. Ainsi l’écriture reste toujours en arrière sur l’évolution phonétique, relativement rapide à cette époque de l’histoire du français. Nous assistons à un processus d’archaïsation graphique, pour ainsi dire, permanent.” (GOSSEN, Charles Théodore. L’interprétation des graphèmes et la phonétique historique de la langue française. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, Strasbourg, n° VI, 1, p. 150, 1968).

multidão analfabeta ou semi-alfabetizada. Era um “escrever” difícil, inacessível a qualquer um, e resultante de um longo aprendizado ortográfico.

Os chamados sistemas mistos demonstram, em graus diferentes, um cruzamento de grafias etimológicas e pseudo-etimológicas (por ex. *he, hum*, etc), com grafias fonéticas (*alfabeto, cazais*, por ex.) e concessões ao uso. Na verdade todos os sistemas gráficos com longa tradição atestam, em proporções diferentes, uma certa ‘miscigenação’ de princípios, característica partilhada pela maior parte das ortografias. (Gonçalves, 2003, p. 54-55)

A corrente etimológica prevaleceu em Portugal durante os séculos XVIII e XIX; só a partir da década de 1870, procura-se “atender à natureza diassistemática da língua e conciliar a diacronia (etimologia) com a sincronia (fonética ou sistema fonológico).” (Gonçalves, 2003, p. 17)

#### 4.4 TENTATIVA DE ESTATÍSTICA, POR FASE, DAS GRAFIAS ETIMOLÓGICAS

Buscou-se avaliar, em termos numéricos, a tensão, no *corpus*, entre os dois sistemas ortográficos: o baseado na *etimologia*, e o *simplificado*. Barbosa (2005, p. 30), com propósito diverso, tomou caminho diferente: Propôs os jornais do século XIX como textos-modelo e considerou a grafia etimologizante como marca de prestígio. Ocorre que a imprensa surgiu no Paraná somente após a emancipação da Província, em 1853. Assim, na impossibilidade de um cotejo com textos jornalísticos paranaenses publicados nas décadas em que foi redigido nosso *corpus*, as oscilações gráficas foram verificadas mediante a comparação dos manuscritos entre si; os 94 fólhos foram divididos, com certa arbitrariedade, em três períodos, de modo a obter-se um número mais ou menos equivalente de fólhos em cada fase, bem como distribuí-los por uma dimensão temporal semelhante.

Resultou, esquematicamente, no seguinte:

Fases	Número de fólhos	Seqüência de fólhos	Período	Abrangência do período
Fase I	34 fólhos	1 a 34	1786 a 1803	17 anos
Fase II	33 fólhos	35 a 67	1804 a 1820	17 anos
Fase III	27 fólhos	68 a 94	1821 a 1841	21 anos

Ao invés de se considerar apenas a ocorrência de dada palavra no *corpus*, preferiu-se computar o número de vezes que ela foi empregada. Por exemplo: Na *fase II*, surgem ambas as grafias, villa e vila. Porém villa aparece 28 vezes, enquanto vila se encontra duas vezes apenas. Não pareceu correto atribuir o mesmo peso a cada uma das duas formas. Figura entre parênteses retos o número de ocorrências, imediatamente após a respectiva forma.

Separaram-se em três listas as palavras

- (a) com grafia etimológica defensável;
- (b) as resultantes de pseudo-etimologia, quase sempre *ultracorreções*;<sup>124</sup>
- (c) as de grafia simplificada.

Porém deixaram de ser considerados os casos de latinizações que permaneceram até nossos dias; é o caso de vocábulos como *acresce*, *excelencia*, *exornou*, etc. (Barbosa, 2005, p. 35). Incluiu-se apenas um vocábulo, por apresentar ambas as formas: a grafia latinizante, e a simplificada que a reforma não contemplou: *humilde* e *umilde*.

Não se levaram em conta palavras — abreviadas nos manuscritos — suscetíveis de originar dúvidas quanto à grafia. Realmente, uma abreviatura como **d.<sup>a</sup>**, pode perfeitamente ser desenvolvida em **dita** ou **ditta**. O mesmo ocorre com **camr.<sup>a</sup>** (Doc. 42, fól. 1r, l. 10 e 13) que igualmente admite ser desenvolvida em **camara** ou **camera**, já que as duas formas existem no *corpus*, numa proporção aproximada de 5 ocorrências de **camara** para cada 4 de **camera**.

---

<sup>124</sup> “Deve ser lembrado que, em muitos casos, na ânsia de investir numa variante gráfica de prestígio, os *escrevedores* do século XVIII praticam verdadeiras *ultracorreções*. Dentro desse espírito, latinizam ou helenizam os vocábulos sem que essas soluções gráficas encontrem fundamento histórico.” (Barbosa, 1999, p. 191)

Fase I - Documentos 1 a 24, fól 1r			
<i>Grafias com fundamento etimológico; total: 240</i> accepção actualmente anno [63] atestaSam cabello [38] comprehendido [2] daquelle delles ditta [2] ditto ellas [2] encyclica [2] facto [2] Fellipe humildes Ignacio [8] illustrissimo [26] manufacturas mappa naquella nella oCCaziaõ officiais [8] officiaes [2] officiais [3] parochia parochiado parochiais parochiano	parrocho [18] pello <sup>125</sup> [5] promette subditos [4] tranSsumpto villa [37]	atenção atendendo atentas cabelo [6] comercio daquele datada [6] deles destrito [3] excellentiSimo Felipe [2] iluminações iluminado Luis [12] oferta permitidas prontamente santissimo sete [2] setembro sudito [7] suplemento suplica (subst.) suplica (v.) suplicamos [3] suplicando titulo tranquilidade trono [2] umildes vasalo [2]	
	<i>Grafias pseudo-etimológicas; total: 18</i> apennas athe athé autoridade brazaõ desauthorizada hinda jubillos Luiz medianna [4] rellativa [Saõ] Paullo [3] the thé		
	<i>Grafias simplificadas; total: 72</i> anos [2] anualmente apetesemos aprovar aqueles		

Ocorrências: Grafias etimológicas: 240

Pseudo-etimológicas: 18

258

Simplificadas: 72

Total: 258 + 72 = 330

Algumas observações a respeito do quadro: a classificação das grafias como etimologizantes ou simplificadas baseia-se principalmente em Madureira Feijó (1739), como segue: *accepção* (p.75), *actual* (p. 162), *amarello* (p. 64), *anno* (p. 73 e 185), *anualmente* (p. 74), *apetecer* (p. 75), *aprovar* (p. 75), *applaudido* (p. 75), *aquella*, *aquelle* (p. 64), *athé* (p. 87), *atenção* e *attentar* (p. 88), *attender* (p. 88), *attrahir* (p. 60, 88), *delles*

<sup>125</sup> Referindo-se a *per + o*, observa Madureira Feijó (1739, p. 68): “Há outros que sempre escrevem com dous *ll*; e naõ reprovoo, porque como saõ palavras compostas, e mudão o *R* em *L*, na composiçaõ podem accrescentar, ou diminuir alguma letra.”

(p. 65), *ellas* (p. 65), *excellente* (p. 65), *humilde* (p. 60), *Ignacio* (apêndice: Nomes propios), *iluminação* (p. 66), *illustrissimo* (p. 66), *mappa* (p. 75), *nella* (p. 66), *offerta* (p. 54), *official* (p. 54), *párocho* (p. 45), *permitter* (p. 88), *Philippe* (p. 63 e 76), *prometter* (p. 88), *sanctissimo* (p. 48), *settembre* (p. 77), *somma* (p. 73), *sufficiencia* (p. 54), *supplemento* (p. 76), *supplicar* (p. 76), *supprir* (p. 76), *thrôno* (p. 88), *transumpto* (p. 77) e *villa* (p. 67).

Fase II – Doc. 25, fól 1r a 48, fól 1r			
<i>Grafias com fundamento etimológico; total: 204</i> accaõ [2] açãõ afectos <sup>126</sup> acto [3] afferiçõins [2] anno [39] annuais aquella aquelle aSignada asignalado aSumpto atrahidos attento commandada <sup>127</sup> commandante comprehendia daquelle [3] della [3] delle [3] distinctos dstricto [3] efectivo efficas ella [5] elle elles [2] extrahida [3] factõ [2] falla <sup>128</sup> [4] fallecido humilde [6] illustrissimo [33] immediatamente immortaliza nella nelle	objecto [2] occupar offerecer offerecia offertas officiais official officio [7] omnipotencia parocho pello [3] prescriptas promptos recto reprehensaõ [2] solemne subdito [15] villa [28]	atençaõ atenciosos atenciozos [2] atende atendendo [2] atrahidos compriendido conteudo daquele [2] datada [3] destrito dezasete exselentissimo <sup>129</sup> flagelo inteligenciados jubilo objeto oCaziam officio promete pronta relativo [2] santissimo satisfaçaõ [2] satisfazer setembro soma [3] somada sudito [8] suficiencia suplemento suplica (subst.) [4] suplicantes [3] tranquilidade umilde [4] vasalo [2] vassalagem vila [2] zelozo	
	<i>Grafias pseudo-etimológicas; total: 16</i> alfferes allugueis athe [2] autoridade Avilla [3] contheudo [2] dellegado suditto the [3] titullo		
	<i>Grafias simplificadas; total: 76</i> anualmente apotecemos aprontando [2] aprovar aquela [3] aquele [2]		

Ocorrências: Grafias etimológicas: 204

Pseudo-etimológicas: 16  
220

Simplificadas: 76

Total: 220 + 76 = 296

<sup>126</sup> Madureira Feijó recomenda *ff. Affecto* (p. 52).

<sup>127</sup> Para Madureira Feijó (1739, p. 69) “nas palavras, que assim no Latim, como no Portuguez, são compostas das preposiçoens *Com*, e *In*, e de dicçoens, que principiẽm por *M*, mudaremos o *N* das preposiçoens em *M*; e escreveremos dous (...).”

<sup>128</sup> Origina-se no latim *fabulare*; são descabidos os *ll*. (Miller, 1990, p. 53)

<sup>129</sup> Uma ocorrência, no Doc. 25, fól. 1r, l. 23.

Observações: Para Madureira Feijó (1739), deveríamos grafar: *afferir* (p. 165), *aquêlle* (p. 192), *assumpto* (p. 84), *effectivo* (p. 53), *ella* (p. 68), *elle* (p. 58 e 65), *immediatamente* (p. 72), *intelligencia* (p. 66), *recto* (p. 48), *nella*, *nelle* (p. 66), *offerecer* (p. 54), *prompto* (p. 76), *septembro* (p. 77), *solemne* (p. 69 e 73) e *tranquillo* (p. 67).

Fase III – Documentos 48 (a), fól. 1r a 60, fól. 1r		
<i>Grafias com fundamento etimológico; total: 202</i> adoptado adoptavam afecta agravada anno [28] aquella aquella assignar assignado [3] assignantes assignarão assignaram assignatura [2] attento [4] atto [apto] commando commercio [2] commigo communicar damnozas daquela [3] daquela [2] della [6] delle [2] dstricto [2] ditta [5] ditto [4] efficacia ella [4] elle [9] elles [5] erecção	escripturas [2] extincto extrahida [3] extrahir fallecido iluminado illustres [2] illustrissimo [24] immenças [2] immenço [2] monarchas naquella naquelle nella [4] officiais offerecemos offeressem officiais [2] official officio [16] prompta [3] subscripto solemnidade subdito [3] vassallos villa [27]	deffençôr emminentes escolla esmolla estilo falla [3] notta [2] relligiaõ [2] relligioza saptisfaçaõ [2] saptisfazer [2] the [7] vottos zello 34
	<i>Grafias pseudo-etimológicas; total: 34</i> athe [4] autoridade [2] commarca <sup>130</sup> dactadas	<i>Grafias simplificadas; total: 39</i> aplaudido comarca [2] conteudo daquele [2] datada [2] datado [2] defençor defensor [2] destrito [8] dita [2] inteligenciados jubilo Luis [6] objeto ofeciais suplicamos [2] suprir [4] titulo

Ocorrências: Grafias etimológicas: 202

Pseudo-etimológicas: 33

235

Simplificadas: 39

Total: 235 + 39 = 274

Madureira Feijó prescreve: *adoptar* (p. 76), *aggravar* (p. 56 e 166), *damno* (p. 73), *efficacia* (p. 53), *fallecido* (p. 65), *illustre* (p. 66), *monarcha* (p. 45), *vassallo* (p.67).

<sup>130</sup> Discutível a etimologia. Segundo Nascentes (1966, p. 189) “a base é marca, no sentido de ‘provincia da fonteira.’ Figueiredo dá um b. lat. *commarca* ou *comarcha*.” Bluteau grafia *comarca*.

Comparando inicialmente as grafias com fundamento etimológico em relação às falsas regressões (grafias pseudo-etimológicas), obtemos o seguinte resultado:

Fases	Totais de ocorrências	Grafias etimológicas	Grafias pseudo-etimológicas
I	258 100%	240 93,0 %	18 6,7 %
II	220 100%	204 92,7%	16 7,3%
III	235 100%	202 86,0%	33 14,0%
<i>Totais:</i>	713	646	67
	<i>Médias:</i>	90,6 %	9,4%

Os resultados indicam uma clara predominância, no *corpus*, da tendência etimológica em face da pseudo-etimológica, no que se refere ao emprego de grafias latinizantes e, em muito menor grau, helenizantes. Em 90,6 % dos casos, foi observado o critério etimológico, contra 9,4% de pseudo-etimologias. Essa consistência revela a presença de uma norma obedecida com bastante fidelidade,<sup>131</sup> e um conhecimento razoável dela por parte dos escribas.

Patenteia-se, também, um acréscimo na percentagem de grafias pseudo-etimológicas, que passam de 6,7% para 14% - o dobro.

Ao avaliar a proporção final de emprego de palavras grafadas segundo a etimologia frente às simplificadas, preferiu-se somar os resultados das duas listas (grafias etimológicas e pseudo-etimológicas), uma vez que o princípio subjacente a ambas é o mesmo. Comparando-se as ocorrências nas três fases, chegou-se ao seguinte resultado:

Ocorrências computadas	Grafias etimológicas	Grafias simplificadas
330 100%	258 78,2 %	72 21,8 %
296 100%	220 74,3 %	76 25,7 %
274 100%	235 85,7 %	39 14,3 %

<sup>131</sup> A conclusão semelhante já tinha chegado Sílvio de Almeida Toledo Neto (Características gráficas de um texto português setecentista. In: *Anais do I Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/>>. Acesso em: 15-04-2007).

Conclui-se que a porcentagem de grafias simplificadas aumenta na segunda fase, diminuindo sensivelmente na terceira. Isto significa uma adesão mais decidida ao princípio etimológico a partir aproximadamente de 1821 – coincidindo com a independência política do país. Como interpretar esse fato? Poderia ser atribuído a uma difusão maior dos princípios etimologizantes, que demorariam a penetrar na sociedade pouco alfabetizada do Brasil, a partir das gramáticas publicadas no reino.

Todavia, é razoável vislumbrar outra hipótese: Os manuscritos da terceira fase teriam sido produzidos por autores mais instruídos que os das duas primeiras, portanto mais capazes de seguir a grafia etimologizante, segundo opina Barbosa (2005, p. 31): “Se, e somente se, o uso da grafia for significativo – em quantidade e variedade consideráveis – quanto mais o referido redator mantiver um paralelo perfeito entre a forma latina oficial e o que escreve, maior seria o grau de conhecimento da norma culta de sua época via estudo (particular, público ou religioso).”

Também pode-se levar em conta o fato de que as grafias “simplificadas”, especialmente as ocorrências isoladas, poderiam naturalmente resultar de lapsos do escriba, o qual, ao invés de *villa*, teria grafado *vila*, em consequência de mera desatenção.

#### 4.5 DEMAIS FLUTUAÇÕES GRÁFICAS

Outras flutuações gráficas<sup>132</sup>, com formas paralelas de uma mesma palavra, às vezes indicando também oscilações fonéticas, ocorrem no *corpus*; assim, por exemplo,

---

<sup>132</sup> Mencionadas em Assalim, 2007, p. 91 e ss; Vasconcelos, 2006, p. 101 e ss.

- na mesma linha: **definição** e **defenida**. (Doc. 22, fól. 1r, l. 45)  
**enformar** e **informar** (Doc. 41, fól. 1r, l. 26)
- no mesmo documento:
  - arremataçam** e **arremataçaõ** (Doc. 43, fól 3r, l. 05 e 07)
  - assignados** e **asinada** (Doc. 24, fól. 1r, l. 34 e 36)
  - culuna** e **coluna** (Doc. 20, fól. 1r, l. 04 e 09)
  - ditta** e **dita** (Doc. 56, fól. 1v, l. 27 e 29)
  - enxentes** e **enchentes** (Doc. 51, fól. 2r, l. 20 e 27)
  - escrivam**, **scrivam** e **escrivaõ** (Doc. 43, fól. 4r, l. 11, 15 e 18)
  - expediçaõ** e **expedisaõ** (Doc. 31, fól. 1r, l. 15 e 34)
  - exzentos** e **eizentos** (Doc. 4, fól. 1r, l. 14 e 18)
  - felicidade** e **fellecidade** (Doc. 55, fól. 1r, l. 15 e 23)
  - lemite** e **limite** (Doc. 21, fól. 1r, l. 05 e 17)
  - milicianos** e **melicianos** (Doc. 44, fól. 1r, l. 14 e 17)
  - ministerio** e **menisterio** (Doc. 22, fól. 2r, l. 11 e 36)
  - paiz** e **pais** (Doc. 11, fól. 1r, l. 08 e 16)
  - praça** e **praSa** (Doc. 1, fól 1, l. 12 e 17)
  - taõ bem** e **tambem** (Doc. 55, fól. 2r, l. 12 e 24)
  - terseiro** e **terceiro** (Doc. 48, fól. 1r, l. 13 e 20)

Tais oscilações, embora certamente mais numerosas no período arcaico da língua, são bastante freqüentes no *corpus*, denunciando a tensão entre a tendência em “escrever como se pronunciava” e a preocupação etimologizante. Refletem, inclusive, as oposições entre os gramáticos e ortógrafos da época – para não mencionar as contradições internas dos próprios tratados de ortografia.

#### 4.6 GRAFEMAS PARA REPRESENTAR AS VOGAIS

No *corpus*, à semelhança de outros manuscritos da época, os grafemas que representam os fonemas vocálicos são seis: <a>, <e>, <i, y>, <o> e <u>. Os grafemas <i> e <y> são equivalentes, embora o emprego de <y> seja de baixa frequência, (...).<sup>133</sup>

De fato, <y> com valor de vogal <i> parece ter ocorrido em apenas duas palavras: *Cyrino* (Doc. 3, fól. 1r, l. 29) e *tomou aSy* (Doc. 35, fól. 1r, l. 16)

#### 4.7 GRAFEMAS NA REPRESENTAÇÃO DAS SEMIVOGAIS

Para o iode, mantinha-se no século XVIII a tradicional representação por intermédio de <i>, <e>, <y> e <j> (Marquilhas, 1991, p. 85) Como hoje, o mais usado era o grafema <i>.

Assim, o ditongo /ay/ é representado muitas vezes com a grafia atual: *Gerais* (Doc. 1, fól. 1r, l. 02); *Carvalhais* (Doc. 1, fól. 1r, l. 07), *sinais* (Doc. 1, fól. 2r, l. 09)... Mas usava-se também o grafema <e>, seguindo a recomendação de Madureira Feijó (1739, p. 106): “Todos os nomes, que no singular acabaõ em *al*, no plural acabaõ em *aes* agudo; como *Canal, Canâes, Animal, Animâes, Fatal, Fatâes; Jornal, Jornâes; Casal, Casâes; Moral, Morâes; Plural, Plurâes* etc.” Há 14 ocorrências:

animaes (Doc. 27, fól. 1r, l. 05 e 10) <sup>134</sup>	officiaes (Doc. 21, fól. 1r, l. 07), (Doc. 22, fól. 2r, l. 06)
expeciaes (Doc. 22, fól. 2r, l. 14)	
geraes (Doc. 50, fól. 1r, l. 06-07)	prezenciaes (Doc. 31, fól. 1r, l. 04)
nacionaes (Doc. 50, fól. 1v, l. 04)	quaes (Doc. 53, fól. 1v, l. 34), (Doc. 55, fól. 3r, l. 20)
Novaes (Doc. 55, fól. 2r, l. 45)	reaes (Doc. 35, fól. 1r, l. 10)
	tribunaes (Doc. 22, fól. 1r, l. 11), (Doc. 22, fól. 1v, l. 25)

<sup>133</sup> ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. *Grafemas e diacríticos em manuscritos setecentistas*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-08.html>>. Acesso em: 31-12-2004.

<sup>134</sup> Contudo, *animais* ocorre seis vezes: Doc. 10, fól. 1r, l. 28, Doc. 50, fól. 1v, l. 26 ...

Seguem-se os casos em que a semivogal /y/ é representada pelos grafemas <i> e <y>; também ocorre o grafema <y> com um ponto sobreposto, o qual, por dificuldade de fonte, é substituído por um acento agudo, isto é, <ý> nas 11 ocorrências em que figura o grafema.

Inicialmente, dão-se as lexias em que há flutuação gráfica; nestes casos, na primeira coluna, consta a grafia atual; na segunda, as grafias que ocorrem no *corpus*, com o número de ocorrências entre parênteses retos; e na terceira, os documentos em que se encontram as lexias.

foi	foi [32]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 11), (Doc. 10 fól. 1r, l. 03)...
	foy [2]	(Doc. 30, fól. 1r, l. 14), (Doc. 37, fól. 1r, l. 03)

Iapó	Iapó [1]	(Doc. 51, fól. 2r, l. 17)
	Hiapó [1]	(Doc. 53, fól. 1v, l. 23)
	Hyapo [2]	(Doc. 2, fól. 1r, l. 02 e 16)
	ýapo [1]	(Doc. 25, fól. 1r, l. 12-13)
	yapõ [1]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 02)
Maio	Maio [8]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 23), (Doc. 22, fól. 2v, l. 13)...
	Mayo <sup>135</sup> [3]	(Doc. 17, fól. 1r l. 18), (Doc. 32, fól. 1r, l. 07)...
	Maýo [1]	(Doc. 11, fól. 1r, l. 22)

maior	maior [6]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 30), (Doc. 50, fól. 1v, l. 24)...
	mayor [5]	(Doc. 17, fól. 1r l. 04), (Doc. 20, fól. 1r, l. 11)...

meio	meio [9]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 11), (Doc. 22, 2v, l. 06)...
	meyo [2]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 04), (Doc. 34, fól. 1r, l. 05)

registei	registei [1]	(Doc. 9, fól. 1r. l. 06)
	registeý [1]	(Doc. 30, fól. 1r, l. 07)

A seguir, aquelas em que só aparece o grafema <y>:

cheyo [4] (Doc. 20, fól. 1r, l. 03, 10 e 13), (Doc. 25, fól. 1r, l. 04)

payol<sup>136</sup> [1] (Doc. 16, fól. 1r, l. 17)

prezensiey [2] (Doc. 33, fól. 1r, l. 20), (Doc. 38, fól. 1r, l. 15)

Saõ Payo [1] (Doc. 1, fól. 2r, l. 06),

Saopayo [8] (Doc. 15, fól. 1r, l. 31), (Doc. 16, fól. 1v, l. 16)...

Sao payo [2] (Doc. 10, fól 1r, l. 43), (Doc. 11, fól. 1r, l. 26)

voyo<sup>137</sup> [1] (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 03)

<sup>135</sup> Caetano de Lima (1736, p. 64) aponta a grafia *Mayo*, e na p. 65, *mayor*.

<sup>136</sup> *Payol* é a grafia indicada por Caetano de Lima (1736, p. 64).

Finalmente, as lexias em que só figura <y>:

- Anháya [1] (Doc. 1, fól. 2v, l. 11)  
 baýles [1] (Doc. 38, fól. 1r, l. 21)  
 nomeýo [1] (Doc. 2, fól. 1r, l. 12-13)  
 Oeýnhausen [1] (Doc. 46, fól. 1r, l. 19),  
 Ohýnhausen [1] (Doc. 45, fól. 1r, l. 23),  
 Ohýnhauzem [2] (Doc. 47, fól. 1r, l. 17), (Doc. 48, fól. 1r, l. 29)

Parece não haver critério visível para o emprego de <i> e <y> quando semivogais. (Assalim, 2007, p. 118)

#### 4.8 DITONGO /EY/, REPRESENTADO PELOS GRAFEMAS <EI> E <EY>

No dizer de Gonçalves (2003, p. 84), <ei> e <ey> distinguem-se  
 - pela posição: <ei> aparece em posição não-inicial, ao contrário de <ey>;  
 - pela distinta realização fonética: <ey> corresponde apenas a /ey/ ,  
 enquanto o grafema <ei> representa a ambos, /ey/ e /ɛy/, nos plurais como *réis*, *coronéis*.

De fato, no *corpus*, o grafema <ey> ocorre 11 vezes, sempre com valor de /ey/:

- cheyo [4] (Doc. 20, fól. 1r, l. 03, 10 e 13), (Doc. 25, fól. 1r, l. 04)  
 Gouveya [1] (Doc. 26, fól. 2r, l. 08)  
 meyo [2] (Doc. 13, fól. 1r, l. 04), (Doc. 34, fól. 1r, l. 05)  
 prezensiey [2] (Doc. 33, fól. 1r, l. 20), (Doc. 38, fól. 1r, l. 15)  
 veyo [1] (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 03)  
 xeyo [1] (Doc. 1, fól. 2v, l. 27)

A estes 11, se podem acrescentar duas ocorrências com <ey>:

- nomeýo (Doc. 2, fól. 1r, l. 12-13)  
 registey (Doc. 30, fól. 1r, l. 07)

Resulta um total 13 ocorrências, sempre com a grafia <ey> para /ey/.

Por outro lado, <ei> ocorre 287 vezes no *corpus*, sendo 276 correspondendo a /ey/ e 11 a /ɛy/:

<sup>137</sup> Veyo é a grafia indicada por Caetano de Lima (1736, p. 64).

Almeida [6]	deixarei [1]	inadiáveis [1]	passei [1]	respeitáveis [2]
alqueire [2]	dinheiro [2]	informei [1]	Peixoto [1]	respeitavel [23]
asseitar [1]	direito [1]	inteiro [3]	Pereira [6]	respeito [5]
beijaõ [1]	eifeito [1]	invadiáveis	perfeita [2]	respeitosos [2]
beijar [1]	eizatas [1]	[1]	porteiros [2]	seis [7]
cadeia [3]	elegeiraõ [1]	janeiro [9]	preito [1]	sujeitos [1]
Carneiro [8]	eleiçaõ [2]	lei [1]	preseitos [1]	suspeita [1]
cheias [1]	eleitos [1]	Leiria [4]	primeira [3]	suspeitos [1]
Correia [1]	estrangeiro [1]	Leite [15]	primeiramente	Teixeira [5]
conceito [2]	feita [10]	Loureiro [1]	[1]	terseira [1]
correçam [1]	feitos [2]	madeiras [1]	primeiro [7]	terseiro [8]
correçaõ [5]	Ferreira [13]	maneira [1]	queimando [3]	tropeiros [7]
correçoens	fevereiro [2]	meias [3]	queira [3]	veixame [2]
[1]	Freire [6]	meios [7]	receita [17]	verdadeira [1]
dei [1]	Freitas [1]	mizeráveis [1]	registrei [1]	verdadeiramente [1]
deixa [1]	fronteira [3]	oitenta [1]	rei [1]	Vieira [1]
deixando [3]	habeis [1]	Oliveira [9]	reino [9]	
deixar [1]		padroeira [1]	respeita [1]	

As grafias para /ɛy/ representam um total de 11:

allugueis [1] (Doc. 46, fól. 1r, l. 11)  
 fieis [3] (Doc. 3, fól. 1r, l. 27), (Doc. 5, fól. 1r, l. 17), (Doc. 55, fól. 1r, l. 25)  
 quartéis [5] (Doc. 51, fól. 1r, l. 26 e 31), (Doc. 53, fól. lv, l. 02 e 06), (Doc. 53, fól. 2r, l. 20)  
 reis [2] (Doc. 26, fól. 1r, l. 18), (Doc. 51, fól. 3r, l. 09)

Também – muito raramente – encontra-se a representação com <j>:

ojto (Doc. 6, fól. 1r, l. 03 e 04)<sup>2</sup>, (Doc. 7, fól. 1r, l. 08)  
 ojtubro (Doc. 23, fól. 1r, l. 03), (Doc. 24, fól. 1r, l. 09)<sup>138</sup>  
 escrevj, e asignej (Doc. 54, fól. 1r, l. 26), (Doc. 55, fól. 2r, l. 41)

Encontramos, nesta fórmula convencional, o grafema <j> com o valor de <i> no caso de escrevj.

Nuns tantos casos, Soares Barbosa (1822) informa que o <x> é pronunciado como *eiz* quando em posição intervocálica ou precedido de <e>: *Exactidão, Exordio, Exequias, pronunciados como Eiz-actidam, Eiz-ordio, Eiz-equias; Sexto, Explico, Exceder – Seisto, Eisplico, Eisceder.* (Gonçalves, 2033, p. 494)

<sup>138</sup> Mas outubro: (Doc. 28, fól. 1r, l. 22), (Doc. 52, fól. 1r, l. 02-03)

Temos um indício dessa pronúncia no Doc. 4, fól. 1r, em que nas linhas 14 e 18 encontramos a flutuação gráfica **exzentos** e **eizentos**.

É muito provável que ocorresse o mesmo nos casos:

execução	execução [4]	(Doc. 22, fól. 2v, l. 04), (Doc. 36, fól. 1r, l. 17)...
	exZecusaõ [1]	(Doc. 25, fól. 1r, l. 08-09)

exzerset (Doc. 2, fól. 1r, l. 12)

exzersetem (Doc. 7, fól. 1r, l. 17-18)

exselencia (Doc. 28, fól. 1r, l. 02-03)

exzemplos (Doc. 31, fól. 1r, l. 23)

exZecusaõ (Doc. 25, fól. 1r, l. 08-09)

O ditongo /uy/ segue a grafia atual:

Ruivos (Doc. 1, fól. 1v, l. 27) ruiva (Doc. 1, fól. 2v, l. 08; l. 23) ruivo (Doc. 1, fól. 2v, l. 09; Doc. 1, fól. 3r, l. 19)

Mas ocorre também grafado <ue>: constitue (Doc. 21, fól. 1r, l. 16)

A semivogal fechada posterior /w/ aparece representada por <o> em ditongos decrescentes.

Ocorrências com flutuação gráfica:

dirigiu	dirigio [5]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 04), <sup>139</sup> (Doc. 44, fól. 1r, l. 20), (Doc. 55, fól. 1r, l. 07-08), (Doc. 55, fól. 2r, l. 16 e 25-26)
	derigiu [1]	(Doc. 32, fól. 1r, l. 15)

seu	seu [34]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 12 e 16) ...
	seo [23]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 20 e 23), (Doc. 22, fól. 2r, l. 11, 14, 21, 36 e 38) ...

<sup>139</sup> Nos doc. 5, fól. 1r, l. 04 e doc. 55, fól. 1r, l. 07-08, *derigio*.

## Ocorrências sem flutuação gráfica:

abriu	abrio	[1]	(Doc. 50, fól. 1r, l. 25)
assistiu	aSestiu	[2]	(Doc. 43, fól. 2r, l. 15), (Doc. 43, fól. 3r, l. 04)
céu	ceo	[3]	(Doc. 14, fól. 1r, l. 08-09), (Doc. 15, fól. 1r, l. 24)...
deu	deo <sup>140</sup>	[3]	(Doc. 23, fól. 1r, l. 08), (Doc. 24, fól. 1r, l. 16), (Doc. 53, fól. 2r, l. 16)
Deus	Deos <sup>141</sup>	[14]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 22), (Doc. 11, fól. 1r, l. 21)...
escreveu	escreveo	[2]	(Doc. 53, fól. 1r, l. 13), (Doc. 56, fól. 1r, l. 20)
estabeleceu	estabeleceo	[2]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 15), (Doc. 22, fól. 1v, l. 40) <sup>142</sup>
expediu	expedio	[1]	(Doc. 55, fól. 3r, l. 18-19)
leu	leo	[1]	(Doc. 50, fól. 1r, l. 17)
meu	meo	[3]	(Doc. 27, fól. 1r, l. 15, 20 e 25)
presidiu	prezedio	[1]	(Doc. 24, fól. 1r, l. 19)
recebeu	recebeo	[2]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 09), (Doc. 43, fól. 3r, l. 04)
pareceu	pareceo	[1]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 17)
procedeu	procedeo	[2]	(Doc. 45 fól. 1r, l. 09), (Doc. 54, fól. 1r, l. 07-08)
ao menos	aumenos		(Doc. 37, fól. 1r, l. 17)

## Os ditongos crescentes mostram alguma flutuação:

cópia	copia	[8]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 05), (Doc. 55, fól. 3r, l. 12)...
	copea	[2]	(Doc. 50, fól. 1r, l. 21), (Doc. 53, fól. 2r, l. 15)
judicial	judiceal		(Doc. 24, fól. 1r, l. 02)
	judicial		(Doc. 30, fól. 1r, l. 02-03)
garde	goarde	[5]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 22), (Doc. 25, fól. 1r, l. 30), (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 11), (Doc. 29, fól. 1r, l. 14), (Doc. 31, fól. 1v, l. 03)
	garde	[3]	(Doc. 36, fól. 1r, l. 18), (Doc. 55, fól. 1r, l. 23)...
léguas	legoas	[2]	(Doc. 48(a), fól. 1r, l. 05), (Doc. 50, fól. 1v, l. 09-10)
	leguas	[1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 19)
Manuel	Manoel	[48]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 14)...
	Manuel	[9]	(Doc. 6, fól. 1r, l. 21)...
qual	qual	[33]	(Doc. 19, fól. 1r, l. 14)...
	coal	[3]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 19), (Doc. 9, fól. 1r, l. 11)...
qualidade	qualidade	[3]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 11), (Doc. 45, fól. 1r, l. 14), (Doc. 52, fól. 1r, l. 08)
	coalidade	[1]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 17)

<sup>140</sup> Caetano de Lima (1736, p. 121) inclina-se por <eo> nos pretéritos.

<sup>141</sup> Em *A Conceição*, ocorre sempre *Deos* (duas vezes), *deoza* (41 vezes), *deozes* (duas vezes). (Miller, 1990, p. 57-58).

<sup>142</sup> No Doc. 22, fól. 1v, l. 40, *estabaleceo*.

## Ocorrências sem flutuação gráfica:

pátio	pateo	(Doc. 50, fól. 1r, l. 18)
aguardente	agoa ardente	(Doc. 11, fól. 1r, l. 11), (Doc. 18, fól. 1v/2r)
quase	coaze	(Doc. 10, fól. 1r, l. 16)
qualquer	coalquer	(Doc. 7, fól. 1r, l. 17)
quarenta	Coarenta	(Doc. 1, fól. 1r, l. 10)

## 4.9 DITONGO /ow/

O ditongo /ow/ foi atingido pela monotongação a partir do século XVII, opina Teysen (1982, p. 52); no *corpus*, ela ocorreu uma vez – ressaltada sempre a hipótese de *lapsus calami*: “(...) **sen**to praSa em 20 de *Setembro* de 1766 (Doc. 1, fól. 4r, l. 23). Em algumas palavras, /ow/ foi substituído por /oy/. Para Caetano de Lima (1736, p. 129), a troca de <ou> por <oi>, era considerada própria do “discurso familiar”; ele recomenda que se escreva e pronuncie <ou>. Mas Monte Carmelo (1767) apresenta a grafia *dois*. (Gonçalves, 2003, p. 98) Já Madureira Feijó (1739, p. 122-123) grafia *dous* e *vinte e dous*, bem como *dous a dous*, *de dous em dous* (p. 125) e corrige *agoiro*, *agoirar* para *agouro*, *agourar* (p. 167). Contudo, em *A Conceição* (Gonzaga) encontram-se *loiro* (nome da planta), *dois*, *thezoiros* e *toiro* (Miller, 1990, p. 301, 320, 352 e 353).

O *corpus* parece testemunhar essa variação; temos:

coisa	couza [5]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 26 e 45), (Doc. 25, fól. 1r, l. 13)...
	coisa [1]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 16)
dois	dous [8]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 12), (Doc. 8, fól. 1r, l. 03)...
	dois [4]	(Doc. 55, fól. 1r, l. 20 e 26), (Doc. 53, fól. 1r, l. 35)...
outubro	outubro [2]	(Doc. 28, fól. 1r, l. 22), (Doc. 52, fól. 1r, l. 02-03)
	ohtubro [2]	(Doc. 23, fól. 1r, l. 03), (Doc. 24, fól. 1r, l. 09)
noite	noute [2]	(Doc. 33, fól. 1r, l. 17), (Doc. 38, fól. 1r, l. 20)

#### 4.10 O GRAFEMA H

Era empregado principalmente por motivação etimológica - nem sempre obedecida, uma vez que encontramos no *corpus* abitacaõ (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 05), umildes (Doc. 17, fól. 1r, l. 20)...

Foi usado no *corpus* também para

a) marcar o hiato entre duas vogais diferentes (Williams, 1961. p. 35):

Opina este autor que

a letra *h* foi usada antes de vogais iniciais, talvez, no início, para indicar o hiato com a vogal final de palavra precedente; mais tarde, esquecido esse objetivo, veio a ser o *h* considerado parte da grafia regular da palavra: *ha* por *a* (artigo); *hi* por *i* ou *y* (arcaico), *hidade* por *idade*; *hir* por *ir*; *hordenar* por *ordenar*; *honde* por *onde*. *hu* por *u* (arcaico); *hum* por *um*; *husar* por *usar*.” (Idem, *ibidem*)

De fato, parece haver prova da afirmativa em *parahiço* (Doc. 37, fól. 1r, l. 11), e talvez em

**E estahe Excellentissimos / Senhores** (Doc. 56, fól. 2r, l. 03-04)

Como quer que seja, ocorreu o emprego, certamente latinizante, “do *h*, letra ‘vazia’, a apartar as vogais de um hiato” (Marquilhas, 1991, p. 81)<sup>143</sup>, em pelo menos 31 ocorrências.

ahi (Doc. 55, fól. 2r, l. 12)

atrahidos (Doc. 31, fól. 1r, l. 14)

cahida (Doc. 51, fól. 2r, l. 18)

cahir (Doc. 57, fól. 1r, l. 07)

comprehendia (Doc. 26, fól. 2r, l. 04)

comprehendidas (Doc. 22, fól. 1v, l. 20)

extrahida (Doc. 22, fól. 2r, l. 07), (Doc. 43, fól. 2r, l. 03), (Doc. 43, fól. 3r, l. 02)

extrahordinaria (Doc. 50, fól. 1r, l. 03-04), (Doc.

55, fól. 1r, l. 02 e 24), (Doc. 55, fól. 2r, l. 02 e 14-15)

extrahir (Doc. 51, fól. 1r, l. 07)

Pirahi (Doc. 6, fól. 1r, l. 06), (Doc. 7, fól. 1r, l. 19)

prohibe (Doc. 22, fól. 1r, l. 09, 29), (Doc. 22, fól. v, l. 41), (Doc. 22, fól. 2r, l. 05)

rehedificaçaõ (Doc. 53, fól. 1v, l. 30)

reprehenssaõ (Doc. 27, fól. 1r, l. 08 e 23)

sahem (Doc. 50, fól. 2r, l. 08)

sahidas (Doc. 51, fól. 2r, l. 26), (Doc. 53, fól. 1v, l. 32)

sahindo (Doc. 44, fól. 1r, l. 27)

sahirem (Doc. 31, fól. 1r, l. 37)

sahiraõ (Doc. 40, fól. 1r, l. 08)

<sup>143</sup> “Sem aludir ao uso diacrítico do ‘h’ de forma directa, João Pinheiro Freire da Cunha adopta-o, todavia, nas listas de exemplos, de onde saíram *Recahir*, *Retrahir*, *Sahir*, *Bahia*, *Ahi*, *Dahi*, *Bahú* (p. 133).” (Gonçalves, 2003, p. 157)

Contudo, em outros casos o <h> não foi empregado: *compriendido* (Doc. 26, fól. 1r, l. 10), *extraordinaria* (Doc. 55, fól. 3r, l. 04), (Doc. 55, fól. 3r, l. 10) e *conteudo* (Doc. 56, fól. 1r, l. 03)

b) indicar vogal aberta<sup>144</sup> ou monossílabo tônico: he e não e, ou seja, distinguir parônimos; eis o que prescrevia Madureira Feijó (Feijó, 1739, p. 58): “(...) em muitas he preciso para differença de outras, que sem H se equivocaõ, como E conjunção e He, terceira pessoa do verbo *Est*, (...)” Curiosamente, já na página seguinte este autor grafa a forma verbal com acento, portanto desfazendo a possível homografia: **hé**.

No *corpus*, assim de distribuem as ocorrências:

é	he [32]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 04, 14), (Doc. 30, fól. 1r, l. 19)...
	hé [3]	(Doc. 25, fól. 1r, l. 27), (Doc. 26, fól. 1r, l. 13)...

c) encorpar graficamente pequenos vocábulos<sup>145</sup>. Said Ali (1965, p. 44) dá outra explicação:

Em português antigo o emprego do *h* inicial não era determinado pela preocupação etimológica. (...) Denotaria o *h* inicial o pequeno esforço com que proferiam, ou supunham proferir, a vogal inicial de alguns vocábulos. Isto ressalta sobretudo dos monossílabos *he*, *hũ*, *hi* (ainda hoje *ahi*) nos quais se respeitou esta escrita ainda muito tempo depois de modernizado o sistema ortográfico medieval.

Como quer que seja, encontram-se no *corpus*:

hir (Doc. 22, fól. 2r, l. 19), (Doc. 28, fól. 1r, l. 17)

hindo (Doc. 45, fól. 1r, l. 12-13)

Por outro lado, apesar de também haver uma exigência etimológica, ocorrem formas do verbo haver sem <h>:

sempre a perigo (Doc. 16, fól. 1r, l. 21)

neste setemcomservado aannos huma | ponte (Doc. 25, fól. 1r, l. 15-16)

ella amuitos an | nos tem desfrutado este Campo (Doc. 46, fól. 1r, l. 06-07)

havendosse pri[n] | cipiado a *muitos* annos (Doc. 57, fól. 1r, l. 07-08)

<sup>144</sup> Uso também recorrente em outras línguas: “(...) comme il n’y a pas encore d’accent, ou ajoute des consonnes pour marque la valeur des voyelles: c’est ainsi que le z final rapelle que *e* a le son *é*; d’où les graphies du XIV<sup>e</sup> siècle, *chez*, *nez*, etc., qui se sont maintenues jusqu’à notre époque.” (Burney, 1970, p. 14)

<sup>145</sup> Miller, 1990, p. 59.

por iSo a | huns poucos deannos (Doc. 37, fól. 1r, l. 18-19)

huma | ponte, a qual abem tempo seacha cahida (Doc. 25, fól. 1r, l. 15-16)

ouveSemos (Doc. 26, fól. 1r, l. 09-10), (Doc. 37, fól. 1r, l. 05)

ouvemos (Doc. 48, fól. 1r, l. 09)

**mas** *houve* (Doc. 43, fól. 1r, l. 04)

Noutras grafou-se a forma etimológica:

mehadeser (Doc. 27, fól. 1r, l. 21)

#### 4.11 NASALIZAÇÃO<sup>146</sup>

Discute-se, aqui, um aspecto polêmico da ortografia portuguesa – a representação da nasalidade – num estágio em que não se oficializara ainda nenhum tratado ortográfico. As discussões são muito antigas – desde quando as línguas românicas firmavam sua identidade frente ao latim. Essa autonomia, contudo, carecia ainda de sustentação, particularmente no caso da escrita, que não possuía regras oficializadas.

Assim, formas como *coraçõ*, *coraçam*, *coraçom* provavelmente não significam uma escrita baseada com exatidão na fala de seus escritores, mas denunciam hipóteses que eles faziam acerca da grafia do português.

Como é natural esperar, o *corpus* reflete a incoerência então existente na representação das nasais: Daí, a oscilação, mencionada por Assalim (2007, p. 125 e ss), entre o uso

do til sobreposto à vogal ou à semivogal: *yapõ* (Doc. 1, fól. 1r, l. 02); *povoaçãõ* (Doc. 10, fól 1r, l. 25);

do acento circunflexo: *orfãos* (Doc. 52, fól. 1r, l. 04);

do acento agudo – muito raro: *húa* (Doc. 53, fól. 1v, l. 18)

de vogal seguida de consoante nasal: *emviou* (Doc. 47, fól. 1r, l. 03), *mandado* (Doc.53, fól. 1r, l. 31).

<sup>146</sup> SOUZA, Nazarete de. Aspectos da nasalidade na carta de Pero Vaz de Caminha. *Revista Philologus*, nº 37. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/>>. Acesso em: 28 maio 2007. A existência de vogal fonologicamente nasal em português é negada por Câmara Jr. (1964, p. 241-242), que a interpreta como *vogal oral + arqui fonema nasal*.

No interior das palavras, a nasalidade é representada por <m>, antes de <b>, <c>, <d>, <f>, <g>, <q>, <s>, <t>, <v>, como se verifica nos exemplos abaixo:

**B:**

embadindo (Doc. 16, fól. 1r, l. 16)

**C:**

comcelho (Doc. 43, fól. 2r, l. 01-02)

**mas** *concelho* (Doc. 43, fól. 2r, l. 12), (Doc. 44, fól. 1r, l. 22) [16]

emcargos (Doc. 10, fól. 1r, l. 19)

emchugar (Doc. 3, fól. 1r, l. 11)

emcinua (Doc. 10, fól. 1r, l. 08-09)

emcontrar (Doc. 41, fól. 1r, l. 12)

**mas** *encontra* (Doc. 22, fól. 2r, l. 36), *encontrarem* (Doc. 41, fól. 1r, l. 08)

**D:**

Comde (Doc. 1, fól. 2v, l. 01)

comduta (Doc. 19, fól. 1r, l. 05-06 e 08-09)

**F:**

bemfazejo (Doc. 44, fól. 1r, l. 08)

comferencia (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 04)

comfiados (Doc. 52, fól. 2v e 3r, l. 08, 12, 16, 24 e 32)

comfiçaõ (Doc. 10, fól. 1r, l. 21)

comfirmado (Doc. 24, fól. 1r, l. 18)

comforme (Doc. 13, fól. 1r, l. 11), (Doc. 38, fól. 1r, l. 10)

**mas** *conforme* (Doc. 5, fól. 1r, l. 15), (Doc. 42, fól. 1r, l. 05), (Doc. 47, fól. 1r, l. 06), (Doc. 55, fól. 1r, l. 29), (Doc. 55, fól. 2v, l. 15)

emformar (Doc. 44, fól. 1r, l. 22), (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 06), (Doc. 41, fól. 1r, l. 26)

**mas** *informar* na mesma linha (Doc. 19, fól. 1r, l. 16), (Doc. 25, fól. 1r, l. 20), (Doc. 41, fól. 1r, l. 03, 18 e 26), (Doc. 46, fól. 1r, l. 06), (Doc. 56, fól. 1r, l. 10), (Doc. 59, fól. 1r, l. 12), (Doc. 60, fól. 1r, l. 03) *informação* (Doc. 19, fól. 1r, l. 13), *informei* (Doc. 41, fól. 1r, l. 16), *informaçõins* (Doc. 41, fól. 1r, l. 16), *informaçãõ* (Doc. 41, fól. 1r, l. 18-19), (Doc. 56, fól. 2r, l. 04) *informaraõ* (Doc. 42, fól. 1r, l. 11), *informarmos* (Doc. 46, fól. 1r, l. 03)

emforme (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 01)

emfrioies (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 02)

**mas** *inferiores* (Doc. 26, fól. 2r, l. 05),

**G:**

ninguem (Doc. 25, fól. 1r, l. 24)

**Q:**

emquanto (Doc. 41, fól. 1r, l. 20), (Doc. 57, fól. 1r, l. 18)

**S:**

bems (Doc. 11, fól. 1r, l. 17)

**mas** *bens* (Doc. 267, fól. 1r, l. 25), (Doc. 52, fól. 2v e 3r, l. 08, 13, 17 e 32)

comselho (Doc. 3, fól. 1r, l. 9-10), (Doc. 25, fól. 1r, l. 17), (Doc. 28, fól. 1r, l. 06)

**mas conselho** (Doc. 37, fól. 1r, l. 16), (Doc. 43, fól. 4r, l. 09)... [14]  
 comservado (Doc. 25, fól. 1r, l. 15)  
 comServaSaõ (Doc. 12, fól. 1r, l. 04-05), (Doc. 15, fól. 1r, l. 21-22)  
**mas conservar** (Doc. 57, fól. 1r, l. 03) *conservarem*(Doc. 22, fól. 1r, l. 05)  
*conservaçaõ* (Doc. 49, fól. 1r, l. 16), (Doc. 51, fól. 2r, l. 25), (Doc. 53, fól. 1v,  
 l.31),  
 (Doc. 55, fól. 1r, l. 20)  
 consideraçaõ (Doc. 11, fól. 1r, l. 07)  
 considerarme (Doc. 29, fól. 1r, l. 04)  
**mas consideraõ** (Doc. 22, fól.2r, l. 04) *considera* (Doc. 50, fól. 1v, l. 13)  
 comsequencia (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 02)  
 comsiquencia (Doc. 31, fól. 1r, l. 12), (Doc. 35, fól. 1r, l. 02)  
**mas consequencia** (Do. 50. fól. 1r, l. 07), (Doc. 51, fól.1r, l. 06), (Doc. 55, fól. 3r, l.  
 09)  
 comsodem (Doc. 10, fól. 1r, l. 31)  
 premsipal mente (Doc. 15, fól. 1r, l. 08)  
**mas principalmente** (Doc. 51, fól. 2r, l. 19), (Doc. 52, fól. 1v, l. 25)  
*principal* (Doc. 52, 2v e 3r) [6]

## T:

aComteSeraõ (Doc. 19, fól. 1r, l. 09)  
**mas acontecido** [6]: (Doc. 10, fól. 1r, l. 18), (Doc. 22, fól. 2r, l. 31)...  
 comtentamento (Doc. 5, fól. 1r, l. 16-17),(Doc. 14, fól. 1r, l. 11), (Doc. 34, fól. 1r, l. 04)  
**mas contentamento** (Doc. 20, fól. 1r, l. 03)  
 comtentes (Doc. 5, fól. 1r, l. 16)  
 comtente (Doc. 15, fól. 1r, l. 06), (Doc. 31, fól. 1r, l. 25 e 27) [3]  
**mas continente** (Doc. 17, fól. 1r, l. 05), (Dc. 40, fól. 1r, l. 07), (Doc. 56, fól. 1r, l. 11)  
 [3]  
 comtinuadas (Doc. 31, fól. 1r, l. 02)  
 comtinuados (Doc. 31, fól. 1r, l. 13)  
**mas continuamente** (Doc. 44, fól.1r, l. 27), (Doc. 50, fól. 1v, l. 27), (Doc. 51, fól.2 r, l.  
 22), (Doc. 53, fól. 1r, l. 16), (Doc. 53, fól. 1v, l. 28),  
*continuos* (Doc. 16, fól. 1r, 20),  
*continuas* (Doc. 56, fól. 1v, l. 30)  
 comtudo (Doc. 11, fól. 1r, l. 16), (Doc. 29, fól. 1r, l. 09)  
**mas contudo** (Doc. 10, fól. 1r, l. 29 e 34)  
 emtrar (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 02)  
**mas entrarem** (Doc. 53, fól. 1v, l. 19) *entrar* (Doc. 60, fól. 1r, l. 07)  
 fromteira (Doc. 10, fól. 1r, l. 15)  
**mas fronteira** (Doc. 16, fól. 1r, l. 05 e 19), (Doc. 40, fól. 1r, l. 06)

## V:

emvergonhados (Doc. 37, fól. 1r, l. 21)  
 emviarme (Doc. 29, fól. 1r, l. 03)  
 emviou (Doc. 47, fól. 1r, l. 03)  
**mas inviou** (Doc. 56, fól. 1r, l. 06), (Doc. 56, fól. 2r, l. 08)  
*inviassem* (Doc. 53, fól. 2r, l. 17)  
*inviallo* (Doc. 58, fól. 1r, l. 07)

Por outro lado, verificam-se três ocorrências de <n> antes dos grafemas <p> e <b>, quando o padrão conservado tradicionalmente é o uso de <m> e nunca de <n>.

Podem ser atribuídas a lapsos do escriba:

conprida (Doc. 1, fól. 2r, l. 03, 08, 14), Dezenbro (Doc. 26, fól. 1r, l. 21) e tempo (Doc. 29, fól. 1r, l. 13)

Nas demais ocorrências, a representação da nasalidade antes de <b> e <p> coincide com o padrão moderno, já presente em Madureira Feijó (1739, p. 69) e outros gramáticos: “Antes de B. P. M sempre se escreve M.” E confirma na p. 73, quando se refere ao <n>, que seria, por exclusão, empregado nos demais casos: “O uso desta letra he facil depois de sabermos, quando se escreve M, como fica dicto acima.”

### **MB:**

ambito (Doc. 22, fól. 2r, l. 21)

Assemblea (Doc. 55, fól. 2r, l. 28)

Dezembargo (Doc. 51, fól. 1r, l. 15)

Dezenbro (Doc. 12, fól. 1r, l. 10), (Doc. 13, fól. 1r, l. 17), (Doc. 23, fól. 1r, l. 19),  
(Doc. 24, fól. 1r, l. 12 e 37)

lembramos (Doc. 50, fól. 1v, l. 20), (Doc. 50, fól. 2r, l. 10)

lembrando (Doc. 53, fól. 1v, l. 36)

lembrar (Doc. 41, fól. 1r, l. 19), (Doc. 56, fól. 1r, l. 27)

lembrou (Doc. 57, fól. 1r, l. 12)

membros (Doc. 36, fól. 1r, l. 12)

nombramento (Doc. 2, fól. 1r, l. 20)

Novembro (Doc. 5, fól. 1r, l. 03), (Doc. 32, fól. 1r, l. 03), (Doc. 48, fól. 1r, l. 27)

rombo (Doc. 1, fól. 2v, l. 18; fól. 3v, l. 09; fól. 4r, l. 22)

Setembro (Doc. 9, fól. 1r, l. 16), (Doc. 28, fól. 1r, l. 03), (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 13),  
(Doc. 37, fól. 1r, 24-25), (Doc. 38, fól. 1r, l. 25-26)

tambem (Doc. 2, fól. 1r, l. 07), (Doc. 4, fól. 1r, l. 08), (Doc. 11, fól. 1r, l. 12), (Doc. 25, fól. 1r,  
l. 10), (Doc. 32, fól. 1r, l. 15), (Doc. 34, fól. 1r, l. 09), (Doc. 43, fól. 2r, l. 18), (Doc. 51,  
fól. 1r, l. 25), (Doc. 51, fól. 2r, l. 07), (Doc. 53, fól. 1r, l. 07), (Doc. 53, fól. 1r, l. 39),  
(Doc. 53, fól. 1v, l. 13), (Doc. 55, fól. 2r, l. 24)

xumbo (Doc. 16, fól. 1v, l. 02)

### **MP:**

A representação da nasal com <m> antes de <p> é a regra:

Companhia (Doc. 1, fól. 1r, l. 01), (Doc. 2, fól. 1r, l. 05, 12)

campos (Doc. 1, fól. 1r, l. 02)

comprida (Doc. 1, fól. 1r, l. 11, 15, 20, 25, 28), (Doc. 1, fól. 1v, l. 06, 12, 17, 21), (Doc. 1,  
fól. 2r, l. 23), (Doc. 1, fól. 2v, l. 03, 08, 22, 27), (Doc. 1, fól. 3r, l. 07, 12, 18, 28, 33),  
(Doc. 1, fól. 3v, l. 03, 14, 19, 24, 29), (Doc. 1, fól. 4r, l. 03, 08, 20, 35)

emprego (Doc. 2, fól. 1r, l. 13)

tempo (Doc. 2, fól. 1r, l. 07)...

#### 4.11.1 Variação Gráfica dos Ditongos Nasais:

Com referência aos ditongos, é significativo o que afirma uma estudiosa:

É antiga (remonta ao século XVI, ou seja, aos alvares da metalinguística portuguesa) a discussão teórica sobre a grafia destes ditongos; no século XVIII a questão continua ainda a ser debatida entre os gramáticos. A nível prático, a escolha mais frequente é a da utilização da grafia com til, mas não deixa de ser usado o grafema próprio da consoante nasal junto do grafema vocálico. (Marquilhas, 1991, p. 84)

##### Ditongo /ãy/:

Madureira Feijó (1739, p. 5) grafa **mã̃y**, seguindo Cetano de Lima (1736, p. 72 e 134). No *corpus* ocorrem:

capitains (Doc. 4, fól. 1r, l. 03)  
 capitaens (Doc. 17, fól. 1r l. 08-09), (Doc. 39, fól. 1r, l. 04)  
 Guimarains (Doc. 16, fól. 1r, l. 15), (Doc. 19, fól. 1r, l. 06), (Doc. 55, fól. 2r, l. 45-46)  
 Guimaraens (Doc. 56, fól. 2r, l. 16), (Doc. 58, fól. 1r, l. 18)

##### Ditongo /ãw/:

A respeito de <ão>, Madureira Feijó (1739, p. 70) afirma:

Duvidaõ muitos se as nossas palavras Portuguezas, que acabaõ em *am*, se haõ de escrever sempre com *am*, ou com este dithongo *-aõ*. E a razaõ de duvidar he; porque no fim de similhantes palavras sempre sõa hum *O* levemente tocado na pronunciaçaõ; o que naõ succede na pronunciaçaõ de *am*, quando se escreve no principio, ou no meyo das palavras: v.g. *Amparo*, *Amplo*, *Campo*, etc. aonde *am* naõ sõa com *O* final, com nestas: *Caõ*, *Falcaõ*, *Paõ*, etc.

Vê-se que o gramático distingue perfeitamente /ã/ (campo) de /ãw/ (cãõ). A seguir, ele discute a diferença entre /ãw/ tônico (*serãõ*) e átono (*eram*), posicionando-se:

Eu porém (...) digo: que todos os nomes, que acabaõ com som forte, ou em que carregamos mais a pronunciaçaõ, se escrevaõ com *aõ*, como *Alemaõ*, *Christaõ*, *Joaõ*, *Sebastiaõ*, etc. E os que forem breves, teraõ accentu na penultima, ou na vogal antecedente: como *Christóvaõ* *Estêvaõ* etc. Nas linguagens dos verbos, as que acabarem breves, teraõ os mesmos accents na vogaes penultimas ao dithongo, como: *Elles amárão*, *Ensinára]o*, *Lêraõ*, *Ouviraõ* do preterito. E as que foram longas, naõ teraõ os taes accents. (Madureira Feijó, p. 70-71)

João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811?) “junta-se aos que colocam o til sobre a segunda vogal”: *aõ* (Gonçalves, 2003, p. 160)

Este ditongo é majoritariamente representado pela grafia <aõ>, que é sempre usada por Bluteau, mesmo quando forma verbal, segundo Marquilhas (1991, p. 84). A respeito, lembra Vasconcelos (1961, p. 157): “Costumamos soletrar *á ó til: ão*. Diz-se assim, e não, como se esperaria, *à til ó*, porque antigamente, por exemplo, no século XVI, se escrevia *aõ* e não *ão*.”

É esta grafia <aõ> a majoritária no *corpus*<sup>147</sup> e, muitas vezes, o til toma a forma aproximada de um apóstrofo nasalando a vogal *o*. Também ocorre, como hoje, sobre o <a> numas poucas palavras listadas abaixo – um total de 14 ocorrências; em quatro outras talvez possa também interpretar-se como estando sobreposto aos dois grafemas, <a> e <o>, certamente para indicar a nasalidade que a ambos atingia.<sup>148</sup> Estão igualmente presentes <ão>, <am> e <aon>, conforme se mostra a seguir:

Grafema <aõ>	Grafema <ão>	Grafema duvidoso: <ão> ou <aõ>
Mais de 400 ocorrências	14 ocorrências	4 ocorrências
	povoação (Doc. 10, fól. 1r, l. 22) vierão (Doc. 18, fól. 1v) algodão (Doc. 18, fól. 1v) importação (Doc. 18, fól. 1v) exportação (Doc. 18, fól. 1v) não (Doc. 29, fól. 1r, l. 08 e 12) não (Doc. 58, fól. 1r, l. 04, 05, 07 e 11) satisfação (Doc. 34, fól. 1r, l. 04) orfãos (Doc. 54, fól. 1r, l. 02) ameassão (Doc. 55, fól. 1r, l. 18)	importação (Doc. 50, fól. 2r, l. 09) não (Doc. 51, fól. 1r, l. 11) eleição (Doc. 54, fól. 1r, l. 10) senão (Doc. 58, fól. 1r, l. 06)

<sup>147</sup> Referindo-se à *Orthographia* (1736) do Pe. Caetano de Lima, Gonçalves (2003, p. 91) supõe que “decerto por dificuldades ortográficas, nas minúsculas, o til aparece sobre a segunda vogal (aõ) apesar da doutrina do autor sobre o ditongo <ão>, visto na exemplificação o til figurar sobre a primeira vogal.”

<sup>148</sup> “O til ocupava geralmente as duas vogais, porque ambas elas efectivamente eram nasaladas.” (LAPA, Manuel Rodrigues. Apêndice a Huber, 1986, 365)

## Grafema &lt;am&gt;:

## Substantivos - Sílabas tônicas:

arrematação	arremataçam [2]	(Doc. 43, fól. 3r, l. 05 e 09)
	arremataçaõ [1]	(Doc. 43, fól. 3r, l. 07)
capitão	capitam [49]	
	capitaõ [6]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 09), (Doc. 48, fól. 1r, l. 08), (Doc. 52, fól. 2v/3r, l. 12), (Doc. 55, 2r, l. 45), (Doc. 55, 2v, l. 03 e 04)
certidão	certidam [3]	(Doc. 23, fól. 1r, l. 13), (Doc. 24, fól. 1r, l. 35), (Doc. 39, fól. 1r, l. 06)
	certidaõ [1]	(Doc. 8, fól. 1r, l. 11)
constituição	constituiçam [1]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 35)
	constituiçaõ [1]	(Doc. 50, fól. 1r, l. 06)
coração	coraçam [1]	(Doc. 41, fól. 1v, l. 02)
	coraçãõ [2]	(Doc. 27, fól. 1r, l. 24), (Doc. 44, fól. 1r, l. 08)
correição	correiçam [3]	(Doc. 28, fól. 1r, l. 12 e 16), (Doc. 53, fól. 1v, l. 04),
	correiçaõ [4]	(Doc. 19, fól. 1r, l. 10-11), (Doc. 51, fól. 1r, l. 12 e 28-29), (Doc. 53, fól. 1r, l. 27)
declaração	declaraçam [1]	(Doc. 42, fól. 1r, l. 09)
	declaraçaõ [1]	(Doc. 52, fól. 1r, l. 07)
escrivão	escrivam [19] <sup>149</sup>	(Doc. 14, fól. 1r, l. 01-02), (Doc. 24, fól. 1r, l. 01-02)...
	escrivaõ [7]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 02), (Doc. 1, fól. 1r, l. 11)...
mãos	maons [6]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 12), (Doc. 13, fól. 1r, l. 19), (Doc. 15, fól. 1r, l. 29), (Doc. 16, fól. 1v, l. 13), (Doc. 27, fól. 1r, l. 27), (Doc. 34, fól. 1r, l. 06)
	maos [2]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 41), (Doc. 11, fól. 1r, l. 24)
nação	naSam [1]	(Doc. 37, fól. 1r, l. 23)
	naçaõ [1]	(Doc. 50, fól. 1v, l. 13)
obrigação	obrigaçam [1]	(Doc. 58, fól. 1r, l. 02)
	obrigaçaõ [1]	(Doc. 22, fól. 1v, l. 23), (Doc. 34, fól. 1r, l. 05)
ocasião	oCaziam [1]	(Doc. 48, fól. 1r, l. 16)
	oCCaziaõ [2]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 02), ocaziaõ (Doc. 37, fól. 1r, l. 14)
provisão	provizam [2]	provizam (Doc. 9, fól. 1r, l. 04-05), proviSam (Doc. 26, fól. 1r, l. 10)
	provizaõ [2]	(Doc. 26, fól. 1r, l. 20), (Doc. 33, fól. 1r, l. 04)

<sup>149</sup> Uma ocorrência de *scrivam* (Doc. 43, fól. 4r, l. 15)

religião	religiam [1]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 08)
	relligiaõ [2]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 34), (Doc. 57, fól. 1r, l. 19)
representação	representaçã [20]	(Doc. 17, fól. 1r, l. 13-14), (Doc. 51, fól. 4r, l. 02 e 17)...
	representaçam [1]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 18)
sermão	sermam [2]	(Doc. 33, fól. 1r, l. 14), (Doc. 38, fól. 1r, l. 19)
	sermaõ [1]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 11)
tão <sup>150</sup>	tam [2]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 18), (Doc. 31, fól. 1r, l. 04)
	taõ [2]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 25), (Doc. 25, fól. 1r, l. 06)
união	uniam [1]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 39)
	uniaõ [1]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 33)

Sem flutuação:

attestaSam (Doc. 19, fól. 1r, l. 14)

publicaçã (Doc. 40, fól. 1r, l. 04)

Sílaba átona:

órfãos	orfaons [6]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 02), (Doc. 14, fól. 1r, l. 02)...
	orfãos [3]	(Doc. 52, fól. 1r, l. 04 e 07), (Doc. 54, fól. 1r, l. 02)
	orfaõs [1]	(Doc. 52, fól. 2v e 3r, l. 01)
também	tambem [1]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 24)
	taobem [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 18)
	taõ bem [2]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 29), (Doc. 55, fól. 2r, l. 12)

Na terceira pessoa do plural dos verbos, no presente do indicativo, o poema *A Conceição*, escrito antes de 28-12-1807, por Tomás Antônio Gonzaga, apresenta <aõ>; em cem por cento dos casos – cerca de 95 formas (Miller, 1990, p. 63-66). Em nosso *corpus* também ocorre majoritariamente a grafia <aõ> - 16 ocorrências. Três ocorrências, no entanto, trazem <am>; de notar que são formas de verbos auxiliares:

estam (Doc. 16, fól. 1r, l. 07-08), (Doc. 44, fól. 1r, l. 27)

sam (Doc. 50, fól. 1v, l. 02)

<sup>150</sup> Em *A Conceição*, a forma tam aparece uma única vez, ao lado de taõ – 9 vezes. (Miller, 1990, p. 56).

<ão>	<aõ> [16]	achaõ (Doc. 22, fól. 2r, l. 24), (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 04), (Doc. 52, fól. 2v e 3r, l. 01), chamaõ (Doc. 22, fól. 2r, l. 26), consideraõ (Doc. 22, fól. 2r, l. 04)
	<am> [3]	estam (Doc. 16, fól. 1r, l. 07-08), (Doc. 44, fól. 1r, l. 27), sam (Doc. 50, fól. 1v, l. 02)

No presente do subjuntivo, há unanimidade em <aõ>, com 11 ocorrências:

consintaõ (Doc. 56, fól. 1r, l. 28)  
constituaõ (Doc. 22, fól. 1r, l. 38)  
oponhaõ (Doc. 22, fól. 1r, l. 10)  
pocaõ (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 02)  
poSaõ (Doc. 16, fól. 1r, l. 30)  
sejaõ (Doc. 22, fól. 1r, l. 06 e 37), (Doc. 22, fól. 1v, l. 13 e 20), (Doc. 51, fól. 4r, l. 09-10), (Doc. 53, fól. 2r, l. 04)  
sofraõ (Doc. 56, fól. 1r, l. 33)  
tenhaõ (Doc. 56, fól. 1v, l. 01)

O pretérito perfeito, à semelhança do presente do indicativo, apresenta a maioria (23) das formas com <aõ>:

-ão	-aõ [23]	aConteSeraõ (Doc. 19, fól. 1r, l. 09), assignarão (Doc. 50, fól. 1r, l. 16), concorreraõ (Doc. 5, fól. 1r, l. 14)...
	-am [3]	assignaram (Doc. 55, fól. 2r, l. 40), fizeram (Doc. 7, fól. 1r, l. 20), puzeram (Doc. 49, fól. 1r, l. 12)

O imperfeito do indicativo mostra equilíbrio: duas formas com <aõ>, duas com <am>:

eraõ (Doc. 10, fól. 1r, l. 14)  
estavaõ (Doc. 55, fól. 2r, l. 33)

achavam (Doc. 52, fól. 1r, l. 06)  
adoptavam (Doc. 52, fól. 1r, l. 22)

Provavelmente devido à natureza do *corpus*, não ocorreram verbos no futuro do presente, e o futuro do pretérito limitou-se a uma única forma, com a terceira pessoa do plural em <aõ>:

poderiaõ (Doc. 50, fól. 2r, l. 09-10)

#### Ditongo / êy /:

Esse ditongo, quando grafado /ein/, ocorreu apenas uma vez,:

homeins (Doc. 41, fól. 1r, l. 15)

### Ditongo /õy /:

Para o ditongo /õy/, assegura Marquilhas (1991, p. 84) que Bluteau grafa <oens> no manuscrito. Madureira Feijó (1739, p. 25) também o emprega: razoens

No *corpus*, foram encontradas 18 ocorrências de <oens> e 15 de <oins>, assim distribuídas:

-ões	<oens> [18]	aferisoens (Doc. 43, fól. 2r, l. 07), certoens (Doc. 16, fól. 1r, l. 20), correioens (Doc. 51, fól. 2r, l. 06), (Doc. 53, fól. 1v, l. 12-13)...
	<oins> [15]	aferiçoins (Doc. 51, fól. 3r, l. 05), afferiçoins (Doc. 43, fól. 3r, l. 05 e 09), condiçoins (Doc. 47, fól. 1r, l. 11)...

A forma *objeçõens* (Doc. 41, fól. 1r, l. 08) aparece com duas marcas de nasalação. É a única ocorrência desse tipo no *corpus*.

Quanto à forma *rezão*, afirma Huber (1986, p. 150) que “(...) *rezão* (1450) a par de *razão*, forma mais antiga *razom*. Neste último caso, só se poderia falar em dissimilação depois de *razom* ter dado *razão*. Mas talvez o *e* indique apenas a pronúncia do *a* átono, que possivelmente já então se pronunciava como no português moderno; (...)”

### O problema de hum, huma

A respeito, cita-se Madureira Feijó (1736, p. 71-72):

Como se há de pronunciar a palavra Huma

Entre pessoas sabias, e doutas se altercou a duvida, se esta palavra *Huma*, se havia de pronunciar ferindo com o *M* o *A*, deste modo *Hu-ma*, ou unido o *M* ao *Hu*, e separando o *A*; deste modo *Hum-a*. E como a duvida passasse a teima, fui consultado para a decisam, e respondi: que por uso se pronunciava do primeiro modo; mas que pelo rigor da arte, se devia pronunciar do segundo por duas razoens: a primeira he, porque a palavra *Huma* compõemse de *Hum* accrescentando a particula *A*; assim como *Boma*, na opiniaõ dos que a pronunciaõ com *M*, compõem-se de *Bom*, accrescentando a particula *A* para o genero feminino. E se ninguem pronunciaria *Bo-ma* ferindo com *M* o *A*, tambem naõ devemos pronunciar *Hu-ma* ferindo do mesmo modo. O mesmo se ve na palavra *Alguma* derivada de *Algum*, que melhor se pronuncia *Algum-a*, do que *Algu-ma*.

A segunda razaõ, a que naõ ouvi resposta, he: que saõ muitos, ou todos os que doutamente escrevem *Hũa*, e *Algũa* com til por cima do *U*, supprindo o *M*: mas assim he, que o til nunca fere na pronunciaçaõ alguma vogal, nem se pode pôr em lugar do *M* nas mais palavras, em que o *M* fere alguma vogal: logo he certo, que nas palavras *Huma*, e *Alguma*, o *M* naõ fere a vogal seguinte, e deve pronunciarse *Hum-a*, *Algum-a*; ou se escrevaõ com *M*, ou com til.”

Segundo Williams (1961, p. 83), desenvolveu-se um fonema labializado nasal entre o /u/ tônico e o /a/ final: *ūnam* > *hũa* > *uma*. Isto, porém, ocorreu apenas com *uma* seus derivados, como *alguma*. Vê-se que *ũa* era a forma preferida por Madureira Feijó. E a coexistência de grafias diferentes no *corpus* sugere a sobrevivência da pronúncia /ũa/, ainda muito viva na língua portuguesa. Apresentam-se a seguir as ocorrências:

huma [25] (Doc. 16, fól. 1r, l. 14), (Doc. 20, fól. 1r, l. 04)...

hũa [4] (Doc. 44, fól. 1r, l. 13 e 21), (Doc. 57, fól. 1r, l. 08)...

hua [10] (Doc. 10, fól. 1r, l. 05 e 15), (Doc. 21, fól. 1r, l. 11, 16 e 17)...

huã [1] (Doc. 31, fól. 1r, l. 16)

hũa [2] (Doc. 51, fól. 2r, l. 11), (Doc. 52, fól. 1r, l. 05)

húa [3] (Doc. 53, fól. 1v, l. 18, 34 e 35)

algua [3] (Doc. 10, fól. 1r, l. 17), (Doc. 22, fól. 1r, l. 26), (Doc. 22, fól. 1v, l. 23),

alguã [1] (Doc. 26, fól. 2r, l. 06)

alguãs [2] (Doc. 53, fól. 1r, l. 20), (Doc. 57, fól. 1r, l. 18)

alguma [4] (Doc. 25, fól. 1r, l. 13 e 25), (Doc. 44, fól. 1r, l. 21), (Doc. 53, fól. 1r, l. 17)

Comprova-se, portanto, a existência, na época, de diferentes soluções para representar a nasalação; só a regulamentação ortográfica oficial, bem posterior, conseguiu unificar esse aspecto.

## 4.12 GRAFEMAS PARA REPRESENTAR AS CONSOANTES

### 4.12.1 Grafias para o Fonema /s/

No português antigo, havia dois fonemas sibilantes surdos, semelhantes, mas distintos: Um, grafado com <s> ou <ss>, e outro com <c> ou <ç>. (Said Ali, 1965, p. 49) O desaparecimento da distinção entre eles ocorreu já a partir do século XV e a decisão pela escrita de uma ou de outra forma ficou dependendo da etimologia – quando fosse possível estabelecê-la. Daí as naturais oscilações e confusões, de que há ressonâncias no *corpus*. Um aspecto atual dessas oscilações é comprovado em Aguilera (1997, p. 136): 65% dos erros ortográficos, encontrado no *corpus* da autora,

são devidos a erros relativos aos grafemas do fonema /s/ em português. Para lembrar, esse fonema construtivo-fricativo alveolar surdo pode ser representado, na escrita, por nove grafemas e/ou dígrafos: s em *saúde, vamos*; ss em *pessoa, missa*; sc em *descer, ascender*; sç em *desço, nasça*; ç em *raça, força*; c em *cedo, macio*; x em *experiência, excêntrico*; xc em *exceção, excelente*; z em *feliz, raiz*.

Encontram-se, portanto, os grafemas <s> e <ss> por <c> e <ç>, como segue:

#### 4.12.2 Uso do Grafema <s> em lugar de <ç>

Ocorrências com flutuação gráfica:

aferições	affferiçois [3]	(Doc. 43, fól. 3r, l. 05 e 09), (Doc. 51, fól. 3r, l. 05)
	aferisoens [1]	(Doc. 43, fól. 2r, l. 07) <sup>151</sup>
alcançada	alcançada [1]	(Doc. 53, fól. 1r, l. 38)
	alcansada [1]	(Doc. 51, fól. 1r, l. 23)
conservação	conservação [4]	(Doc. 49, fól. 1r, l. 16), (Doc. 51, fól. 2r, l.25)...
	comservasaõ [2]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 04-05), (Doc. 15, fól. 1r, l. 21-22)
consternação	consternação [2]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 10), (Doc. 22, fól. 2 r, l. 32)
	consternaSaõ [1]	(Doc. 16, fól. 1r, l. 22)
esperança	esperansa [1]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 08)
	esperança [1]	(Doc. 37, fól. 1r, l. 20)
expedição	expedição [4]	(Doc. 16, fól. 1f, l. 04), <sup>152</sup> (Doc. 31, fól. 1r, l. 15)
	expedisaõ [1]	(Doc. 31, fól. 1r, l. 34)
	expedissaõ [1]	(Doc. 27, fól. 1r, l. 06)
informação	informação [2]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 17), <sup>153</sup> (Doc. 56, fól. 2r, l. 04)
	informaSaõ [1]	(Doc. 19, fól. 1r, l. 13)
nomeação	nomeação [5]	(Doc. 28(2), fól. 1r, l. 05), (Doc. 39, fól. 1r, l. 04)...
	nomeasaõ [1]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 20)

<sup>151</sup> Uma ocorrência de *aferiçoins*: Doc. 51, fól. 3r, l. 05.

<sup>152</sup> Uma ocorrência de *espediçaõ*: Doc. 16, fól. 1f, l. 04.

<sup>153</sup> Uma ocorrência de *informaçoins*: Doc. 41, fól. 1r, l. 17.

ordenança	ordenança [13]	(Doc. 2, fól. 1r, l. 01), (Doc. 17, fól. 1r, l. 07)...
	ordenanSa [2]	(Doc. 23, fól. 1r, l. 07), (Doc. 24, fól. 1r, l. 15)
praça	prasa [31]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 14)
	praça [12]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 12)...
presença	prezença [29]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 07 e 33), (Doc. 11, fól. 1r, l. 19)...
	prezensa [2]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 02), (Doc. 7, fól. 1r, l. 28)
representação	representaçãõ [15]	(Doc. 51, fól. 4r, l. 02 e 17), (Doc. 53, fól. 2r, l. 11)
	representaSaõ [1]	(Doc. 15, fól. 1r, l. 04-05)
serviço	serviço [7]	(Doc. 2, fól. 1r, l. 09), (Doc. 4, fól. 1r, l. 14)...
	servisso [2]	(Doc. 27, fól. 1r, l. 10), (Doc. 60, fól. 1r, l. 10) <sup>154</sup>
	ServiSo [1]	(Doc. 29, fól. 1r, l. 11)
sustentação	sustentaçãõ [1]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 39),
	SustentaSão [1]	(Doc. 15, fól. 1r, l. 14)

Sem flutuação gráfica:

abensoado (Doc. 36, fól. 1r, l. 15)  
 ameaSando (Doc. 16, fól. 1r, l. 18)  
 aSougue (Doc. 11, fól. 1r, l. 13)  
 atestaSam (Doc. 19, fól. 1r, l. 14)  
 dansas (Doc. 5, fól. 1r, l. 13)

#### 4.12.3 Uso do Grafema <ss> em lugar de <ç>

determinação	determinaçãõ [4]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 07), (Doc. 53, fól. 2r, l. 19)...
	determinassão [1]	(Doc. 27, fól. 1r, l. 14)
ameaçam	ameaSando [2]	(Doc. 16, fól. 1r, l. 18), (Doc. 31, fól. 1r, l. 15-16) <sup>155</sup>
	ameassaõ [1]	(Doc. 55, fól. 1r, l. 18)

assucar (Doc. 18, fól. 1v/2r)  
 pescosso (Doc. 50, fól. 1v, l. 16)

<sup>154</sup> Uma ocorrência de *servisso*: Doc. 60, fól. 1r, l. 10.

<sup>155</sup> Uma ocorrência de *amease*: Doc. 31, fól. 1r, l. 15-16.

#### 4.12.4 Uso do Grafema <ss> em lugar de <c>

perecer	perecido [2]	(Doc. 2, fól.1 r, l. 08), (Doc. 22, fól. 2, l. 23) <sup>156</sup>
	peressem [1]	(Doc. 50, fól. 2r, l. 03)
necessário	neSeSarias [4]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 02), <sup>157</sup> (Doc. 6, fól. 1r, l. 13)...
	neSseçarios [1]	(Doc. 48, fól. 1r, l. 14)
	neceSaria [1]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 05),
	neçeçarias [1]	(Doc. 47, fól. 1r, l. 12)

asseitar (Doc. 55, fól. 1r, l. 20)

#### 4.12.5 Uso do Grafema <ss> em lugar de <s>

reprehenssão (Doc. 27, fól. 1r, l. 08 e 23)

perpetuarsse (Doc. 41, fól. 1r, l. 27)

#### 4.12.6 Uso do Grafema <s> em lugar de <c>

acerto	acerto [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 09)
	aserto [1]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 24)
acontecer	acontecido [6]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 18), (Doc. 22, fól. 2r, l. 31)...
	aComteSeraõ [1]	(Doc. 19, fól. 1r, l. 09)
alcance	alcance [2]	(Doc. 51, fól. 4r, l. 13), (Doc. 53, fól. 1r, l. 16)
	alcanse [1]	(Doc. 51, fól. 1r, l 23), <sup>158</sup> (Doc. 53, fól. 2r, l. 08)
apetecemos	apetecemos [1]	(Doc. 44, fól. 1v, l. 06)
	apetesemos [1]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 19)

<sup>156</sup> Uma ocorrência de *perecendo*: Doc. 22, fól. 2, l. 23

<sup>157</sup> Uma ocorrência de *nesesidade*: Doc. 4, fól. 1r, l. 02.

<sup>158</sup> Uma ocorrência de *alcansada*: Doc. 51, fól. 1r, l 23.

cidade	cidade [14]	(Doc. 25, fól. 1r, l. 21), (Doc. 50, fól. 1r, l. 04)...
	sidade [1]	(Doc. 1, fól. 2v, l. 30)
circular	circular [7]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 09), (Doc. 22, fól. 2v, l. 05)
	sirculares [1]	(Doc. 55, fól. 3r, l. 18)
circunstância	circunstancias [4]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 26 e 44), (Doc. 44, fól. 1v, l. 03)...
	sirconstancias [2]	(Doc. 2, fól. 1r, l. 14), (Doc. 6, fól. 1r, l. 12-13)
comércio	comercio [3]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 33), (Doc. 51, fól. 2r, l. 23)...
	comersio [1]	(Doc. 25, fól. 1r, l. 19)
encerrar	enserar [1]	(Doc. 33, fól. 1r, l. 15-16)
	incerrada [1]	(Doc. 55, fól. 3r, l. 14)
mencionada	menSionada [4]	(Doc. 15, fól. 1r, l. 17), (Doc. 17, fól. 1r, l. 08)...
	mencionada [3]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 42), (Doc. 48, fól. 1r, l. 24)...
mercê	merSe [2]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 04), (Doc. 15, fól. 1r, l. 20)
	merce [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 12)
oferecer	ofereSe [2]	(Doc. 28(a), fól. 1r, l. 08), (Doc. 34, fól. 1r, l. 06) <sup>159</sup>
	oferece [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 06), (Doc. 27, fól. 1r, l. 24-25) <sup>160</sup>
	offerecemos [2]	(Doc. 55, fól. 1r, l. 21-22), (Doc. 55, fól. 2r, l. 30) <sup>161</sup>
	offeressem [1]	(Doc. 49, fól. 1r, l. 15)
ofício	officio [15]	(Doc. 29, fól. 14, l. 02), (Doc. 30, fól. 1r, l. 14)...
	offisio [2]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 19), (Doc. 22, fól. 2v, l. 07) <sup>163</sup>
oitocentos	oito sentos [3]	(Doc. 19, fól. 1r, l. 10) <sup>164</sup>
	oito Sentos [1]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 05)
preciso	persizo [4]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 24), (Doc. 15, fól. 1r, l. 24-25)...
	percizo [1]	(Doc. 60, fól. 1r, l. 10)
pertencente	pertencente [4]	(Doc. 51, fól. 1r, l. 14 e 28), (Doc. 53, fól. 1r, l. 29)...
	pertensente [2]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 22), (Doc. 43, fól. 3r, l. 08)

<sup>159</sup> Uma ocorrência de *ofereSer*: Doc. 34, fól. 1r, l. 06 e outra de *offeressem*: Doc. 49, fól. 1r, l. 15.

<sup>160</sup> Uma ocorrência de *offerecer*: Doc. 27, fól. 1r, l. 24-25.

<sup>161</sup> Uma ocorrência de *offerecia*: Doc. 55, fól. 2r, l. 30.

<sup>162</sup> Uma ocorrência de *oficio*: Doc. 47, fól. 1r, l. 07.

<sup>163</sup> Uma ocorrência de *ofisio*: Doc. 22, fól. 2v, l. 07.

<sup>164</sup> Duas ocorrências de *sete sentos*: Doc. 6, fól. 1r, l. 04 e Doc. 7, fól. 1r, l. 08.

preciosa	presioza [3]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 21), (Doc. 15, fól. 1r, l. 23)...
	precioza [1]	(Doc. 50, fól. 1v, l. 20)
preceitos	preceitos [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 22)
	preSeittos [1]	(Doc. 20, fól. 1r, l. 12)
predecessores	predecessores [1]	(Doc. 49, fól. 1r, l. 17)
	predeSeçores [1]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 22)
	prodeceçor [1]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 29)
sacerdote	sacerdote [2]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 28) , (Doc. 22, fól. 2r, l. 17-18)
	saSerdotes [1]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 08)
suficiente	suficiente [2]	(Doc. 60, fól. 1r, l. 08), suficiencia (Doc. 48, fól. 1r, l. 16)
	sufisiente [1]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 09-10)
terceiro	terseiro [6]	(Doc. 6, fól. 1r, l. 10), (Doc. 7, fól. 1r, l. 14)...
	terceiro [4]	(Doc. 23, fól. 1r, l. 12), (Doc. 45, fól. 1r, l. 17)...

Sem flutuação:

beneplasio (Doc. 4, fól. 1r, l. 24)	sellebrou (Doc. 55, fól. 1r, l. 04-05), (Doc. 55, fól. 3r, l. 04)
exzerset (Doc. 2, fól. 1r, l. 12)	
exzersetrem (Doc. 7, fól. 1r, l. 17-18)	sima (Doc. 1, fól. 3r, l. 13), (Doc. 1, fól. 4r, l. 22),
selebram (Doc. 57, fól. 1r, l. 05)	(Doc. 60, fól. 1r, l. 13), SuSeSivos (Doc. 35, fól. 1r, l. 07-08)

#### 4.12.7 Uso do Grafema <s> em lugar de <ss>

assentar	aSentar [2]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 16) aSentamos (Doc. 10, fól. 1r, l. 12-13)
	assentando [1]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 26)
mandasse	mandaSe [2]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 24), (Doc. 52, fól. 2r, l. 12)
	mandasse [1]	(Doc. 53, fól. 2r, l. 12)
necessário	neSeSario [3]	(Doc. 6, fól. 1r, l. 13), (Doc. 23, fól. 1r, l. 15)...
	necessario [3]	(Doc. 51, fól. 2r, l. 01), (Doc. 53, fól. 1v, l. 08)...
	neceSaria [1]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 05)
necessidade	necessidade [11]	(Doc. 51, fól. 1r, l. 30), (Doc. 51, fól. 2r, l. 04 e 16)...
	nesesidade [1]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 02)

nosso	nosso [28]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 06 e 17), (Doc. 10, fól. 1r, l. 04)... <sup>165</sup>
	nosso [9]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 10), (Doc. 31, fól. 1r, l. 30)...
passado	passado [11]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 04), (Doc. 36, fól. 1r, l. 02)...
	pasado [4]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 3), (Doc. 8, fól. 1r, l. 03-04)...
	paçado [1]	(Doc. 46, fól. 1r, l. 10)
passar	passar [8]	(Doc. 50, fól. 2, l. 02), (Doc. 51, fól. 2r, l. 20), (Doc. 53, fól. 1v, l. 26)... <sup>166</sup>
	paSar [3]	(Doc. 26, fól. 1r, l. 17), paSaSe (Doc. 33, fól. 1r, l. 23) paSei (Doc. 2, fól. 1r, l. 15)
	paçar [2]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 18), paçamos (Doc. 47, fól. 1r, l. 12)
passo	paSo [12]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 35), (Doc. 9, fól. 1r, l. 15)...
	passo [5]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 07), (Doc. 56, fól. 1v, l. 28)... <sup>167</sup>
pessoa	pessoa [13]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 21), (Doc. 11, fól. 1r, l. 18)...
	pesoa [6]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 09), (Doc. 25, fól. 1r, l. 25)...
	peçoas [1]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 26-27)
posse	posse [4]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 15), (Doc. 22, fól. 1r, l. 05)...
	poSes [1]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 05)
santíssimo	Santissimo [1]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 09)
	santiSimo [1]	(Doc. 33, fól. 1r, l. 14-15)
sereníssimo	sereniSimo [4]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 07), (Doc. 14, fól. 1r, l. 06), (Doc. 32, fól. 1r, l. 09)
	serenissimo [1]	(Doc. 49, fól. 1r, l. 16)
submissão	submissaõ [1]	(Doc. 27, fól. 1r, l. 08)
	Submisaõ [1]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 02)
suficiente	sufisiente [2]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 09-10), (Doc. 24, fól. 1r, l. 13)
	soficiente [1]	(Doc. 60, fól. 1r, l. 08)
vassalo	vassalo [5]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 04), (Doc. 27, fól. 1r, l. 17) <sup>168</sup>
	vasalo [3]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 18), (Doc. 29, fól. 1r, l. 07)
	vaçalos [1]	(Doc. 16, fól. 1r, l. 30)
	vacalos [1]	(Doc. 31, fól. 1r, l. 08)

<sup>165</sup> Com as formas *nosso, nossa, nossos, nossas*.

<sup>166</sup> Duas ocorrências de *passaõ*: Doc. 51, fól. 2r, l. 20 e Doc. 53, fól. 1v, l. 26; uma de *passam*: Doc. 56, fól. 1r, l. 29; uma de *passemos*: Doc. 48, fól. 1r, l. 07; duas de *passow*: Doc. 43, fól. 4r, l. 29, Doc. 51, fól. 3r, l. 03; uma de *passara*: Doc. 36, fól. 1r, l. 06.

<sup>167</sup> Duas ocorrências de *passagem*: Doc. 53, fól. 1v, l. 35 e Doc. 56, fól. 1v, l. 30.

<sup>168</sup> Uma ocorrência de *vassalagem*: Doc. 36, fól. 1r, l. 12 e duas de *vasalagem*: Doc. 21, fól. 1r, l. 18 e Doc. 29, fól. 1r, l. 13.

Sem flutuação gráfica:

altisimo (Doc. 49, fól. 1r, l. 08)	ExcelentiSimo (Doc. 24, fól. 1r, l. 07), (Doc. 25, fól. 1r, l. 23), (Doc. 30, fól. 1r, l. 10)
aSestio (Doc. 35, fól. 1r, l. 14), (Doc. 43, fól. 2r, l. 15)	fideliSima (Doc. 35, fól. 1r, l. 06)
asinada (Doc. 24, fól. 1r, l. 36)	misa [5] (Doc. 5, fól. 1r, l. 08), (Doc. 33, fól. 1r, l. 13)...
aSistencia (Doc. 15, fól. 1r, l. 06), (Doc. 25, fól. 1r, l. 07), (Doc. 22, fól. 2r, l. 28)	pagaSem (Doc. 26, fól. 1r, l. 10)
beneses (Doc. 22, fól. 2r, l. 02)	SeSenta (Doc. 9, fól. 1r, l. 14)
dezaSeis (Doc. 24, fól. 1r, l. 11)	SuSeSivos (Doc. 35, fól. 1r, l. 07-08)
deZasete (Doc. 33, fól. 1r, l. 06)	

#### 4.12.8 Uso do Grafema <c> em lugar de <s>

Com flutuação <c>/<s>:

conselho	conselho [18]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 10), (Doc. 37, fól. 1r, l. 16)...
	concelho [5]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 06), (Doc. 22, fól. 1r, l. 13)...
consequência	consequencia [4]	(Doc. 28(a), fól. 1r, l. 02), (Doc. 50, fól. 1r, l. 07)...
	concequencia [1]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 02)
senado	senado [14]	(Doc. 26, fól. 2r, l. 01), (Doc. 41, fól. 1r, l. 10)...
	cenado [1]	(Doc. 55, fól. 3r, l. 16)
sentimentos	sentimentos [3]	(Doc. 41, fól. 1v, l. 02), (Doc. 44, fól. 1r, l. 08)...
	sentimentos [2]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 34), (Doc. 11, fól. 1r, l. 20)
sertão	sertaõ [2]	(Doc. 2, fól. 1r, l. 08), (Doc. 50, fól. 2r, l. 02)
	certoens [1]	(Doc. 16, fól. 1r, l. 20)

Sem flutuação:

centidos (Doc. 37, fól. 1r, l. 21)	concideraçã (Doc. 41, fól. 1r, l. 24)
cituada (Doc. 25, fól. 1r, l. 12)	expatriarce (Doc. 41, fól. 1r, l. 29)
concideravel (Doc. 22, fól. 1r, l. 08)	pencionado (Doc. 11, fól. 1r, l. 08-09, 10, 12)

#### 4.12.9 Uso do Grafema <c> em lugar de <ss>

focce [fosse] (Doc. 31, fól. 1r, l. 12)  
 clace (Doc. 22, fól. 1v, l. 13 e 20)  
 interece (Doc. 21, fól. 1r, l. 16)

#### 4.12.10 Uso do Grafema <ç> em lugar de <ss>

impresso	impresso [1]	(Doc. 50, fól. 1r, l. 13)
	impreços [1]	(Doc. 55, fól. 3r, l. 03)
possa	possa [3]	(Doc. 2, fól. 1 r, l. 10), (Doc. 51, fól. 1r, l. 32)...
	poça [2]	(Doc. 11, fól. 1r, l. 08), poço l(Doc. 59, fól. 1r, l. 12)
remessa	remessa [3]	(Doc. 52, fól. 2v/3r, l. 03 e 05), (Doc. 53, fól. 2r, l. 13)
	remeça [2]	(Doc. 55, fól. 3r, l. 14 e 16)
submissão	submissaõ [5]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 02), (Doc. 27, fól. 1 r, l. 08) <sup>169</sup> ...
	sumiçaõ [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 35)

Sem flutuação:

comfiçaõ (Doc. 10, fól. 1r, l. 21)  
 confiçaõ (Doc. 22, fól. 2r, l. 26)  
 devaça (Doc. 43, fól. 4r, l. 11 e 15)  
 expreçadas (Doc. 2, fól. 1r, l. 15)  
 opreçoins (Doc. 22, fól. 2r, l. 41)

#### 4.12.11 Uso do Grafema <ç> em lugar de <s>

recurso	recurso [1]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 11)
	recurço [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 22)
verso	verso [1]	(Doc. 9, fól. 1r, l. 13),
	verço [1]	(Doc. 30, fól. 1r, l. 19)

Sem flutuação:

recurço (Doc. 46, fól. 1r, l. 10)  
 Avulços (Doc. 1, fól. 1r, l. 03)  
 concurço (Doc. 22, fól. 2r, l. 34)  
 extençaõ (Doc. 31, fól. 1r, l. 16-17)

<sup>169</sup> Três ocorrências de *submissos*.

#### 4.12.12 Uso do Grafema <ç> em lugar de <c>

circunstanças (Doc. 2, fól. 1r, l. 14-15)

#### 4.13 O ARQUIFONEMA /S/ FINAL DE SÍLABA

É representado no *corpus* de diferentes maneiras, como ocorre na ortografia atual, porém dela discordando em alguns aspectos. Assim, ocorrem:

##### 4.13.1 Grafema <s> por <x>:

esposto (Doc. 5, fól. 1r, l. 09)

espediçaõ (Doc. 16, fól. 1v, l. 03-04)

##### 4.13.2 Grafema <x> por <s>:

especial (Doc. 4, fól. 1r, l. 20)

especiaes (Doc. 22, fól. 2r, l. 14)

extribado (Doc. 22, fól. 2r, l. 14)

##### 4.13.3 Grafema <s> por <z>:

faz	fas [2]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 04), (Doc. 29, fól. 1r, l. 04)
	faz [1]	(Doc. 51, fól. 4r, l. 06)

	felis [4]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 21), (Doc. 33, fól. 1r, l. 08)... <sup>170</sup>
--	-----------	---

feliz	felis [4]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 21), (Doc. 33, fól. 1r, l. 08)... <sup>170</sup>
feliz	feliz [1]	(Doc. 49, fól. 1r, l. 07)
fez	fes [9]	(Doc. 23, fól. 1r, l. 03), (Doc. 24, fól. 1r, l. 10) <sup>171</sup> ...
	fez [2]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 40), (Doc. 58, fól. 1r, l. 05)

juiz	juis [27]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 20), (Doc. 10, fól. 1r, l. 41)...
	juiz [1]	(Doc. 55, fól. 2r, l. 08)

Sem flutuação:

capas (Doc. 10, fól. 1r, l. 06)

matris (Doc. 21, fól. 1r, l. 04-05), (Doc. 35, fól. 1r, l. 08 e 18)

pas (Doc. 15, fól. 1r, l. 22)

talves (Doc. 41, fól. 1r, l. 21), (Doc. 53, fól. 1r, l. 18)

fis (Doc. 27, fól. 1r, l. 11)

des [dez] (Doc. 24, fól. 1r, l. 09), (Doc. 35, fól. 1r, l. 07)

#### 4.13.4 Grafema <z> por <s>:

Luís	Luis [19]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 14), (Doc. 1, fól. 2r, l. 01)...
	Luiz [2]	(Doc. 6, fól. 1r, l. 10), (Doc. 54, fól. 1r, l. 01)

mês	mez [8]	(Doc. 49, fól. 1r, l. 02 e 06), (Doc. 50, fól. 1r, l. 05)...
	mês [2]	(Doc. 55, fól. 3r, l. 02 e 10)

	pais [7]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 27), (Doc. 11, fól. 1r, l. 16)...
	paiz [2]	(Doc. 11, fól. 1r, l. 08), (Doc. 18, fól. 1v/2r, l. 03) <sup>172</sup>

miliciaz (Doc. 11, fól. 1r, l. 06)

Lista geral das grafias de /s/:

acreSido (Doc. 17, fól. 1r l. 04)

acresendo (Doc. 31, fól. 1r, l. 29)

acrecendo (Doc. 22, fól. 2r, l. 27)

assemblea (Doc. 55, fól. 1r, l. 16-17),

(Doc. 55, fól. 2r, l. 28)

assim (Doc. 4, fól. 1r, l. 15), (Doc. 15, fól.

1r, l. 19), (Doc. 25, fól. 1r, l. 05)

exzerserem (Doc. 7, fól. 1r, l. 17-18)

mençonado (Doc. 40, fól. 1r, l. 07)

nasimento (Doc. 32, fól. 1r, l. 08-09),

(Doc. 33, fól. 1r, l. 08)

nasSimento (Doc. 13, fól. 1r, l. 06),

(Doc. 14, fól. 1r, l. 06)

perzensa (Doc. 6, fól. 1r, l. 15)

<sup>170</sup> Uma ocorrência de *filis*: Doc. 36, fól. 1r, l. 03.

<sup>171</sup> Uma ocorrência de *fês*: Doc. 55, fól. 3r, l. 10.

<sup>172</sup> Uma ocorrência de *paizes*: Doc. 18, fól. 1v/2r, l. 03.

atenciozo (Doc. 28, fól. 1r, l. 24),  
 (Doc. 39, fól. 1r, l. 13)  
 decizaõ (Doc. 22, fól. 2v, l. 05 e 10),  
 (Doc. 53, fól. 2r, l. 21)  
 eleiçaõ (Doc. 54, fól. 1r, l. 08)  
 empoziçaõ (Doc. 11, fól. 1r, l. 08)  
 exselencia (Doc. 28, fól. 1r, l. 02-03)  
 exzerser (Doc. 2, fól. 1r, l. 12)

pessuido (Doc. 36, fól. 1r, l. 10)  
 proSimo (Doc. 8, fól. 1r, l. 03), (Doc. 32, fól. 1r, l. 03)  
 rezoluçaõ (Doc. 22, fól. 1r, l. 28)  
 suceSso (Doc. 22, fól. 1r, l. 11)  
 Sucidio (Doc. 11, fól. 1r, l. 14)  
 uzança (Doc. 43, fól. 3r, l. 11),  
 (Doc. 43, fól. 4r, l. 16 e 19)  
 vereaçãõ (Doc. 55, fól. 1r, l. 02)

#### 4.14 GRAFIAS PARA O FONEMA /z/

Williams (1961, p. 40) dá uma indicação precisa a respeito do período pseudo-etimológico de nossa ortografia: “Na mesma época, abundaram falsas regressões ortográficas, e.g., *th* em *thesoura* e em *ethymologia*; *y* em *phylosophia*; duplo *cc* em *occeano*. Dentre essas, inscreve-se a troca de *s* final por *z*, em *mez*, *portuguez*, *poz*, etc., que brotou de imitação de palavras como *simplez*, *vez*, *fez*, etc.”

As duas sibilantes sonoras do português antigo, geralmente representadas pelos grafemas <*s*> e <*z*>, confluíram num único fonema predorsodental sonoro.<sup>173</sup> A distinção antiga, refletida na ortografia, desapareceu mas, por força da tradição, continuamos grafando *coser* e *cozer*, por exemplo. Todavia, no século XVIII, surgiu uma tendência: O grafema <*z*> tentar usurpar o lugar do <*s*> intervocálico. Houve uma reação contra esta prática (talvez influenciada pela fonética), agora com base na etimologia (Said Ali, 1965, p. 50-51).

Mas o *corpus* apresenta um grande número de ocorrências demonstrando a força usurpadora mostrada pelo <*z*>.

Assim, temos, com flutuação gráfica:

coisa	couza [5]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 26 e 45), (Doc. 25, fól. 1r, l. 13)...
	coisa [1]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 16)
felizes	felizes [2]	(Doc. 20, fól. 1r, l. 13), (Doc. 22, fól. 1r, l. 12)
	felises [1]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 10)

<sup>173</sup> Teysser, 1982, p. 50-51.

provisão	provizaõ [13]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 04), (Doc. 22, fól. 1r, l. 08, 29) <sup>174</sup> ...
	proviSam [1]	(Doc. 26, fól. 1r, l. 10)

Sem flutuação:

abuzar (Doc. 22, fól. 2r, l. 12)	mizero (Doc. 27, fól. 1r, l. 12)
apezar (Doc. 51, fól. 1r, l. 09), (Doc. 53, fól. 1r, l. 24), (Doc. 56, fól. 2r, l. 06)	mizeravel (Doc. 31, fól. 1r, l. 03)
aplauzo (Doc. 14, fól. 1r, l. 12), (Doc. 36, fól. 1r, l. 15)	mizeraveis (Doc. 31, fól. 1r, l. 18)
apozentadoria (Doc. 43, fól. 4r, l. 14)	oCaziaõ (Doc. 37, fól. 1r, l. 14)
apresentarem (Doc. 40, fól. 1r, l. 03-04 e 05)	paizes (Doc. 18, fól. 1v/2r)
apresentados (Doc. 40, fól. 1r, l. 08)	pezado (Doc. 10, fól. 1r, l. 19), (Doc. 20, fól. 1r, l. 05), (Doc. 44, fól. 1r, l. 17)
apresentandose (Doc. 41, fól. 1r, l. 12)	plauzível (Doc. 49, fól. 1r, l. 12)
apresentada (Doc. 54, fól. 1r, l. 15)	prezente [28] (Doc. 2, fól. 1r, l. 15), (Doc. 5, fól. 1r, l. 10)...
apresentará (Doc. 56, fól. 1r, l. 22)	prezidente [31] (Doc. 3, fól. 1r, l. 03), (Doc. 7, fól. 1r, l. 20-21) <sup>175</sup> ...
apresentarmos (Doc. 37, fól. 1r, l. 22)	pouzo (Doc. 15, fól. 1r, l. 07)
atenciozo (Doc. 28, fól. 1r, l. 24), (Doc. 39, fól. 1r, l. 13)	precizo (Doc. 10, fól. 1r, l. 17)
atrazados (Doc. 51, fól. 2r, l. 09), (Doc. 53, fól. 1v, l. 16)	preciza (Doc. 22, fól. 1r, l. 27),
atrazo (Doc. 57, fól. 1r, l. 09)	precizas (Doc. 44, fól. 1r, l. 21)
auzente (Doc. 2, fól. 1r, l. 05)	preSiza (Doc. 17, fól. 1r, l. 08)
auzencia (Doc. 24, fól. 1r, l. 23), (Doc. 31, fól. 1r, l. 21)	perzensa (Doc. 6, fól. 1r, l. 15)
avizo (Doc. 32, fól. 1r, l. 05 e 14), (Doc. 37, fól. 1r, l. 03)	prezedio (Doc. 24, fól. 1r, l. 19)
azas (Doc. 44, fól. 1r, l. 04)	preSioza (Doc. 15, fól. 1r, l. 23)
bazes (Doc. 50, fól. 1r, l. 06, 12 e 21)	precioza (Doc. 50, fól. 1v, l. 20)
brazão (Doc. 13, fól. 1r, l. 13)	prezumimos (Doc. 58, fól. 1r, l. 09)
Brazil (Doc. 18, fól. 1v/2r), (Doc. 55, fól. 1r, l. 15-16), (Doc. 55, fól. 2r, l. 37), (Doc. 55, fól. 3r, l. 08)	perSizamos (Doc. 15, fól. 1r, l. 24-25)
cauza (Doc. 28, fól. 1r, l. 07), (Doc. 42, fól. 1r, l. 11)	piezoza (Doc. 31, fól. 1r, l. 35), (Doc. 57, fól. 1r, l. 13)
cauzando (Doc. 51, fól. 2r, l. 18)	prezidida (Doc. 45, fól. 1r, l. 07)
caza [8] (Doc. 15, fól. 1r, l. 10-11), (Doc. 16, fól. 1r, l. 13)...	prezos (Doc. 51, fól. 2r, l. 12), (Doc. 53, fól. 1v, l. 19)
cazamentos (Doc. 26, fól. 1r, l. 09)	princeza (Doc. 55, fól. 2r, l. 37)
cazo [4] (Doc. 22, fól. 1v, l. 21), (Doc. 22, fól. 2r, l. 31)...	prouizorio (Doc. 50, fól. 1r, l. 05)
cazualidade (Doc. 25, fól. 1r, l. 14)	provizoens (Doc. 26, fól. 1r, l. 09)
concluzaõ (Doc. 57, fól. 1r, l. 27),	provizorio [7] (Doc. 50, fól. 1r, l. 05 e 15)...
confuzaõ (Doc. 22, fól. 2r, l. 03)	quizer (Doc. 53, fól. 1r, l. 09)
	quizera (Doc. 29, fól. 1r, l. 07)
	religioza (Doc. 57, fól. 1r, l. 14)
	representamos (Doc. 4, fól. 1r, l. 04-05 e 08)

<sup>174</sup> Uma ocorrência de *provizam*: Doc. 9, fól. 1r, l. 04-05.

<sup>175</sup> Uma ocorrência de *prizedente*: Doc. 51, fól. 3r, l. 22 e duas de *prizidente*: Doc. 44, fól. 1v, l. 11 e Doc. 51, fól. 4r, l. 22.

- damnozas (Doc. 50, fól. 2r, l. 04)  
 decizaõ (Doc. 22, fól. 2v, l. 05 e 10),  
 (Doc. 53, fól. 2r, l. 21)  
 dezaforado (Doc. 44, fól. 1r, l. 26)  
 dezagrado (Doc. 27, fól. 1r, l. 04)  
 dezejamos (Doc. 19, fól. 1r, l. 18),  
 (Doc. 31, fól. 1v, l. 02), (Doc. 44, fól. 1v,  
 03)  
 dezejos (Doc. 25, fól. 1r, l. 27-28),  
 (Doc. 29, fól. 1r, l. 09)  
 dezejaria (Doc. 41, fól. 1r, l. 23)  
 dezembargo (Doc. 51, fól. 1r, l. 15),  
 (Doc. 53, fól. 1r, l. 30)  
 dezertado (Doc. 19, fól. 1r, l. 07)  
 em cluza (Doc. 6, fól. 1r, l. 11), (Doc. 23, fól.  
 1r)  
 excuzaria (Doc. 27, fól. 1r, l. 18)  
 exposiçaõ (Doc. 50, fól. 1v, l. 19)  
 exzemplos (Doc. 31, fól. 1r, l. 23)  
 exZecusaõ (Doc. 25, fól. 1r, l. 08-09)  
 exzersetem (Doc. 7, fól. 1r, l. 17-18)  
 forçozo (Doc. 44, fól. 1r, l. 18)  
 forioza (Doc. 19, fól. 1r, l. 08)  
 freguezia (Doc. 26, fól. 1r, l. 19)  
 gloriozo (Doc. 55, fól. 1r, l. 19)  
 incluza (Doc. 39, fól. 1r, l. 06), (Doc. 51, fól. 1r, l.  
 08)  
 incluzo (Doc. 41, fól. 1r, l. 03)  
 izentado (Doc. 21, fól. 1r, l. 12)  
 izentar (Doc. 31, fól. 1r, l. 36)  
 izentou (Doc. 43, fól. 3r, l. 11)  
 juizes (Doc. 19, fól. 1r, l. 10, 12 e 15)  
 mezes (Doc. 31, fól. 1r, l. 19 e 21),  
 (Doc. 40, fól. 1r, l. 04)  
 representemos (Doc. 44, fól. 1r, l. 21)  
 representante (Doc. 10, fól. 1r, l. 10),  
 (Doc. 11, fól. 1r, l. 04), (Doc. 50, fól. 1v, l.  
 22)  
 representa (Doc. 10, fól. 1r, l. 32), (Doc. 17,  
 fól. 1r l. 03)  
 representaçaõ [11] (Doc. 17, fól. 1r l. 13-  
 14), (Doc. 51, fól. 4r, l. 02 e 17)...  
 representaSaõ (Doc. 15, fól. 1r, l. 04-05)  
 representaõ (Doc. 16, fól. 1r, l. 05)  
 representado (Doc. 16, fól. 1v, l. 04),  
 (Doc. 41, fól. 1v, l. 01)  
 representar (Doc. 57, fól. 1r, l. 26)  
 requezitos (Doc. 48, fól. 1r, l. 14)  
 respeitoza (Doc. 21, fól. 1r, l. 18)  
 respeitozos (Doc. 57, fól. 1v, l. 10),  
 (Doc. 58, fól. 1r, l. 18)  
 Reserva (Doc. 25, fól. 1r, l. 25)  
 rezervada (Doc. 56, fól. 1r, l. 24)  
 rezoluçaõ (Doc. 22, fól. 1r, l. 28)  
 rezistar (Doc. 8, fól. 1r, l. 06-07)  
 resolvido (Doc. 10, fól. 1r, l. 07)  
 resulta (Doc. 31, fól. 1r, l. 22)  
 resultado (Doc. 43, fól. 2r, l. 06)  
 rezes (Doc. 43, fól. 3r, l. 14)  
 roSas (Doc. 16, fól. 1r, l. 24)  
 uzo (Doc. 22, fól. 1r, l. 05), (Doc. 26, fól. 2r, l. 05)  
 venturoza (Doc. 3, fól. 1r, l. 05-06)  
 venturozos (Doc. 36, fól. 1r, l. 05)  
 vigorosa (Doc. 41, fól. 1v, l. 03)  
 115

#### 4.15 GRAFIAS PARA O FONEMA /ʃ/

Em geral, a grafia do fonema /ʃ/ segue as convenções gráficas atuais, com <ch> e <x>. Ocorrem as seguintes permutas no *corpus*:

Grafias de <ch> por <x>:

baicha (Dóc. 1, fól. 3v, l. 18), (Doc. 1, fól. 4r, l. 30)

emchugar (Doc. 3, fól. 1r, l. 11)

Grafias de <x> por <ch>, bem mais numerosas:

axaõ (Doc. 48(a), fol. 1r, l. 04)	enxentes (Doc. 51, fól. 2r, l. 20), (Doc. 53, fól. 1v, l. 32-33)
axar (Doc. 2, fól. 1r, l. 05 e 10)	
axasse (Doc. 59, fól. 1r, l. 04)	fexado (Doc. 58, fól. 1r, l. 03)
axem (Doc. 59, fól. 1r, l. 10)	fexamento (Doc. 56, fól. 1v, l. 11 e 22-23)
baxarel (Doc. 19, fól. 1r, l. 06)	Maxado (Doc. 43, fól. 2r, l. 17), (Doc. 55, fól. 2v, l. 12)
brexa (Doc. 22, fól. 1r, l. 08)	xeyo (Doc. 1, fól. 2v, l. 27)
	xumbo (Doc. 16, fól. 1v, l. 01)

#### 4.16 GRAFIAS PARA O FONEMA /ʒ/:

lonje (Doc. 16, fól. 1r, l. 29)  
 magestade (Doc. 21, fól. 1r, l. 13), (Doc. 22, fól. 1r, l. 09, 16, 27), (Doc. 22, fól. 1v, l. 41),  
 (Doc. 22, fól. 2r, l. 05), (Doc. 36, fól. 1r, l. 03), (Doc. 50, fól. 1r, l. 14)  
 esteia (Doc. 11, fól. 1r, l. 09)  
 eiuntamente (Doc. 26, fól. 1r, l. 06)  
 vejã [beijã] (Doc. 11, fól. 1r, l. 24)  
 veiaõ (Doc. 10, fól. 1r, l. 40)

#### 4.17 GRAFIA PARA O FONEMA /v/ E /G/

Em vários manuscritos do *corpus*, ocorre o grafema <u> em lugar de <v>:

Aluaro (Doc. 1, fól. 1r, l. 09)  
 aluarinho [15] (Doc. 1, fól. 1r, l. 24), (Doc. 1, fól. 1v, l. 25)...  
 Feuereiro [27] (Doc. 1, fól. 1, l. 13, 22, 26 e 30), (Doc. 1, fól. 1v, l. 04, 13, 19, 23 e 28)...

Também ocorre <I> por <J>, ambos maiúsculos:

Iaguariaiva, Iaguaraiva (Jaguaraíva): Doc. 40, fól. 1r, l. 13; Doc. 51, fól. 4r, l. 10;  
 Doc. 53, fól. 1v, l. 40.  
 Ianeiro (Janeiro): Doc. 37, fól. 1r, l. 04.  
 Ianuario (Januário): Doc. 1, fól. 3v, l. 12.  
 Ioaõ (João): Doc. 1, fól. 1r, l. 23; ); Doc. 1, fól. 2v, l. 11; Doc. 1, fól. 3r, l. 06, 11 e 26;  
 Doc. 1, fól. 3v, l. 01; Doc. 1, fól. 4r, l. 19...

Ioaquim (Joaquim): Doc. 1, fól. 1v, l. 24; Doc. 1, fól. 3v, l. 17; Doc. 1, fól. 4r, l. 34.  
 Ioze (José): Doc. 1, fól. 1r, l. 08, 18 e 23; Doc. 1, fól. 1v, l. 05, 15 e 20; Doc. 1, fól. 2r, l. 01;  
 Doc. 1, fól. 2v, l. 16; Doc. 1, fól. 3r, l. 17; Doc. 1, fól. 4r, l. 01 e 11;  
 Doc. 4, fól. 1r, l. 30, 31 e 33...  
 Iuiz (Juiz): Doc. 3, fól. 1r, l. 03; Doc. 7, fól. 1r, l. 20; Doc. 41, fól. 1v, l. 10...  
 Iuizo (Juízo): Doc. 26, fól. 2r, l. 4.  
 Iulho (Julho): Doc. 8, fól. 1r, l. 03; Doc. 55, fól. 3r, l. 02.  
 Iunho (Junho): Doc. 2, fól. 1r, l. 17 e 22.  
 Iuramento (Jurmento): Doc. 36, fól. 1r, l. 04.  
 Iuros (Juros): Doc. 52, fól. 2v e 3r, l. 10, 14, 19, 22, 26, 30 e 34.

#### 4.17.1 Diacríticos

No exame desta questão, parece conveniente alargar a noção de diacríticos, admitindo que

no capítulo dos diacríticos estão compreendidos todos os sinais auxiliares das unidades representativas quer do campo vocálico quer do campo consonântico. Aqui cabem, portanto, os acentos gráficos e outros sinais que conferem às unidades gráficas um valor distinto daquele que em regra assumem quando sem eles. Esta concepção lata de diacrítico implica o alargamento do seu âmbito para além do domínio tradicional dos três acentos – agudo, grave e circunflexo –, estando compreendidos por isso sinais auxiliares como o til, o trema, a cedilha, e o ‘h’, este último com função diacrítica. (Gonçalves, 2003, p. 145)<sup>176</sup>

Dessa forma, discute-se o emprego do trema, da cedilha e do grafema <h> no *corpus*. Não foi encontrada nenhuma palavra com trema; seu uso era certamente limitado.

A cedilha empregava-se nos mesmos moldes de hoje, ressalvados alguns casos (oito ocorrências) em que aparece <ç> antes de <i>:

deligência (Doc. 2, fól. 1r, l. 10)	ofiçial (Doc. 2, fól. 1r, l. 09)
Luçianno (Doc. 1, fól. 2r, l. 26)	opreçivo (Doc. 41, fól. 1r, l. 22)
Luçiano (Doc. 40, fól. 1r, l. 17)	parteçipo (Doc. 40, fól. 1r, l. 09)
mençionado (Doc. 40, fól. 1r, l. 07)	sirconstanças (Doc. 2, fól. 1r, l. 14-15)

Poucos casos apontam as ocorrências negativas (**ca**, em vez de **ça**), que presumivelmente se devem a lapso do escriba:

<sup>176</sup> Mattoso Câmara mantinha posição quase idêntica; cf. Câmara Jr., 1964, p. 107.

Marco [março] (Doc. 26, fól. 2r, l. 06)  
 confiança (Doc. 27, fól. 1r, l. 06)  
 presença (Doc. 31, fól. 1r, l. 09), (Doc. 50, fól. 1v, l. 07), (Doc. 51, fól. 4r, l. 01)  
 ordenanças (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 02-03)  
 abitacão (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 05)

Tal número de “lapsos”, contudo, indicam também a possibilidade de o escriba atribuir ao grafema <c> o som de /s/.

#### 4.18 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

No *corpus*, a acentuação **stricto sensu** é empregada com extrema sobriedade: Em 94 fôlios, encontram-se apenas 93 palavras acentuadas. Em quatro delas, a sílaba acentuada não é a tônica; numa das quatro, foi marcada a subtônica - Sómente (Doc. 2, fól. 1r, l. 16) – e nas três restantes, uma sílaba átona - aosque seâprezen | tarem dentro dedous mezes (Doc. 40, fól. 1r, l. 03-04); e circûnstancias, com duas ocorrências no mesmo fôlio (Doc. 59, fól. 1r, l. 04-05 e 10)<sup>2</sup>

Dos sinais gráficos usados (acento agudo e circunflexo), este último marcava também a sílaba tônica, não implicando, neste caso, o fechamento da vogal (Acioli, 1994, p. 54; Almeida, 2002, p. 8). Bluteau (1712, p. 68), apoiando-se em Duarte Nunes de Leão, esclarece:

... escreveremos os preteritos dos verbos com accento agudo na penultima v.g *Amára, Ouvíra, &c.* & os futuros com accêto circumflexo na ultima, v.g. *Amarâ, Ouvirá, &c.*

A seguir, Bluteau confirma o uso recomendado por Leão: Usar o circunflexo para distinguir vogais fechadas de abertas, exemplificando com as palavra *cór* e *côr*.<sup>177</sup>

Observe-se o emprego da acentuação, dividindo o *corpus* nas três fases já indicadas:

<sup>177</sup> Cf. Leão, 1983, p. 73.

Fase I - Doc 1 a 24, fól 1r			
Acento agudo		Acento circunflexo	
Abertura e tonicidade	Tonicidade	Fechamento e tonicidade	Tonicidade
fê [2] Hyapó thé só é José	está Itú já [2] Pernagoá pór será	vê	athê [3] encylica fâs hê José [3]
Total: 7	Total: 7	Total: 1	Total: 9

Na Fase I, ocorrem, não acentuadas: *the* [té] (Doc. 16, fól. 1r, l. 07), *athe* [até] (Doc. 16, fól. 1r, l. 28), *Encyclica* (Doc. 22, fól. 1r, l. 02 e 15), *fe* (Doc. 24, fól. 1r, l. 05 e 33)...

Já na Fase II, notam-se:

Fase II - Doc. 25, fól 1r a 48, fól 1r			
Acento agudo		Acento circunflexo	
Abertura e tonicidade	Tonicidade	Fechamento e tonicidade	Tonicidade
athé fê hé [3] pé só [5]	alvará dár faltará lugár pára [prepos.] publicár será		aSâz criâr hê [2] verâ [verá]
Total: 11	Total: 7	Total: 0	Total: 5

Encontram-se, porém, no *corpus*: *yapo* (Doc. 25, fól 1r, l. 13), *the* [té] (Doc. 30, fól. 1r, l. 18), (Doc. 38, fól. 1r, l. 14), (Doc. 46, fól. 1r, l. 08), *athe* [até] (Doc. 33, fól. 1r, l. 08), (Doc. 36, fól. 1r, l. 06), *fe* (Doc. 30, fól. 1r, l. 06 e 20), (Doc. 33, fól. 1r, l. 05), (Doc. 38, fól. 1r, l. 07 e 22)...

A última fase (III) apresenta o seguinte resultado:

Fase III – Doc. 48 (a), fól. 1r a 60, fól. 1r			
Acento agudo		Acento circunflexo	
Abertura e tonicidade	Tonicidade	Fechamento e tonicidade	Tonicidade
é fê Hiapó Iapó [Capitam] Mór [9] só [3]	acontecerá [2] allíás apresentará corregirá dá está [2] fã[s] ficará [2] há [3] já [2] Maracaná poderá será [2] terá [2] vé [5]	deffençôr pôr [2] pôs	hê [2] mãos [maus] sô [só] tê
Total: 16	Total: 27	Total: 4	Total: 5

Ocorre, todavia, **so** desprovido de acento (Doc. 56, fól. 1v, l. 05)

Outras lexias não acentuadas: vera [verá] (Doc. 60, fól. 1r, l. 06), *esta conforme* (Doc. 55, fól. 1r, 29), (Doc. 55, fól. 2v, l. 15), *esta acordado* (Doc. 56, fól. 1v, l. 05), *the* [té] (Doc. 52, fól. 2v e 3r, l. 10, 14, 18, 22, 26, 30 e 34), *athe* [até] (Doc. 50, fól. 1v, l. 27), (Doc. 50, fól. 2r, l. 04), (Doc. 53, fól. 1r, l. 17)...

Acentuada indevidamente:

prostrados aopes de Trono Com á= | mais profunda Sumiçaõ (Doc. 10, fól. 1r, l. 34-35)

Quanto ao emprego dos acentos agudo e circunflexo, computou-se, em síntese:

	Acento agudo		Acento circunflexo	
	Abertura e tonicidade	Tonicidade	Fechamento e tonicidade	Tonicidade
Fase I	7	7	1	9
Fase II	11	7	0	5
Fase III	16	27	4	5
Ocorrências totais	<b>34</b>	<b>41</b>	<b>5</b>	<b>19</b>

Observando-se o quadro, embora os dados não abranjam grande quantidade de ocorrências, chega-se à seguinte conclusão: à medida que se incrementava o uso do acento agudo para indicar tonicidade, diminuía a frequência do circunflexo com esta função. Simetricamente, o circunflexo passava a indicar, cada vez mais, apenas o fechamento da vogal.

#### 4 19 CRASE

A crase de vogais (a+a), como é aceita no português contemporâneo, só foi assinalada em três casos, não com o acento grave atual, mas com acento agudo, que seria, na época, a identificação gráfica da crase. (Tavares, 1993, p. 90).

De fato, nos Autos da devassa,<sup>178</sup> por exemplo, as crases são desta maneira assinaladas:

“E sendo-lhe lidas as primeiras, e segundas perguntas, e Respostas, que ás mesmas deu; (...).” (p. 110)

“(...) terras mineraes contiguas ás do dito Coronel (...).” (p. 146)

“(...) é bem verosimil, que saiba sobre os particulares motivos, que occoriam áquelle Coronel (...).” (p. 148)

“Respondeu, que o dito Victoriano costuma ir algumas vezes áquella Casa, maiormente nos Domingos á Missa; (...).” (p. 159)

“(...) negando-se á devida obediencia, e sujeição ao seu Principe, e Senhor natural.” (p. 216)

“(...) entregou elle Respondente o seu Requerimento áquelle Doutor, asseverando-lhe este, que o levava para dar á Excellentissima Senhora Viscondessa de Barbacena, (...).” (p. 266)

No *corpus*, não se encontrou duplicação de vogais que assinalasse o encontro delas. Transcrevem-se, inicialmente, as ocorrências em que não houve qualquer indicação gráfica de crase, quando esta seria de rigor:

Subir aRial presença (Doc. 10, fól. 1r, l. 06)

apennas chega atenrra Idade (Doc. 10, fól. 1r, l. 21)

fedelidade aCoroa dePortugal (Doc. 13, fól. 1r, l. 14)

A Respeitavel presença (Doc. 15, fól. 1r, l. 02), (Doc. 16, fól. 1r, l. 02)

oponhaõ as deliberaçoins (Doc. 22, fól. 1r, l. 09)

avista da provizaõ regia (Doc. 22, fól. 1r, l. 13)

avista doque Vossa Excelencia determina (Doc. 22, fól. 2r, l. 04)

avista do dito | requerimento, ereposta do dito Vigario (Doc. 26, fól. 1r, l. 14-15)

Avista da Sempre respeitavel ordem de Sua Alteza Real (Doc. 26, fól. 2r, l. 02)

avista da bem palpavel, e bem reconhecida Regencia (Doc. 36, fól. 1r, l. 09)

Relati | vas as provizoens decazamentos (Doc. 26, fól. 1r, l. 08-09)

dos quais setiraõ as contas para as remeter a SeCretaria doGo| verno (Doc. 28, fól. 1r, l. 13-14)

todas as mais despezas foraõ feitas aCusta | destaCamera (Doc. 35, fól. 1r, l. 21-22)

proce. | demos a nomeaçãõ dos Capitaens para mais tres | Companhias de Ordenanças desta Villa

<sup>178</sup> Rio de Janeiro, 1936. v. 2.

(Doc. 39, fól. 1r, l. 03-05)

A respeitavel prezença de *Vossa Excelencia* e *Sua Senhoria* fa | zemos subir o Requerimento dos

Vereadores (Doc. 42, fól. 1r, l. 02-03)

Em Cumprimento a Ordem de *Vossa Excelencia* de 30 de *Setembro* (Doc. 45 fól. 1r, l. 05) se procedeo a nomeaçã | de tres homens benemeritos (Doc. 45 fól. 1r, l. 09-10)

huma Circular datada de 8 de Agosto, dirigida por *Vossa Excelencia* | as camaras das Villas (Doc. 50, fól. 1r, l. 26-27)

entre as *Villas* | doPrincipe eade Lages, onde as *Veze* peressem tropas in | teiras (Doc. 50, fól. 2r, l. 02-04)

sendo estas perdas damnozas aProvincia, e athe aomesmo | Estado (Doc. 50, fól. 2r, l. 04-05) Levo aprezença de *Vossas Excelencias* a | Sua Representaçã, eaNotta Seguinte.

(Doc. 51, fól. 4r, l. 01 e 02)

Recebemos outra Cir | cular de*Vossas Excelencias* com data de 6 de *Novembro*, *que* tambem Segue | as Camaras da *Setima* Estrada (Doc. 53, fól. 1r, l. 06-08) oque tudo fizemos publicar eRegistrar | no Livro *Competente* e Seguir a Camara emediata *dadita*

Estra | da na forma do Estillo. (Doc. 53, fól. 1r, l. 10-12)

copea daResposta que | oDoutor Ouveidor da Comarca, deo á Representaçã daquella Ca | mara

(Doc. 53, fól. 2r, l. 15-17)

Sepro | cedeo a Eleiçã deSargento Mor das | Ordenanças desta Villa de Castro, (Doc. 54, fól. 1r, l. 07-09)

He por isso que este Senado, unindo Suas Supli | cas as doPovo, e Camara dessa Cidade, tem ahonra | deSubir a Augusta Prezença de*Vossa Alteza Real* (Doc. 55, fól. 1r, l. 12-14)

afalla que omesmo Senado daCamara do Rio de Janeiro diri | gio aAugusta Prezença de*Sua Alteza Real* (Doc. 55, fól. 2r, l. 25-26)

affalla, que omesmo Senado, eRe | prezentaçã do Povo daquella Cidade

levaram a Prezença |

Augusta, de*Sua Alteza Real*, oPrincipe Regente (Doc. 55, fól. 3r, l. 05)

as Sirculares, *que* eSse *Excelentissimo* Governo ex | pedio as Camaras das

*Villas da Setima*

Estrada (Doc. 55, fól. 3r, l. 18-19)

esta Camara em 24de Junho des | te anno, enviou aprezença de*Vossas*

*Excelencias* huma

Reprezen- | tação, por maõ do Reverendo Antonio Teixeira Camello

(Doc. 56, fól. 1r, l. 05-07)

ficando assim os morado- | res desta Villa, com Seos Logradores

Sacrificados | aVontade,

einteresse doditto *Capitam Mór* (Doc. 56, fól. 2r, l. 01-03)

E estahe *Excelentissimos* | *Senhores* aimparcial Informaçã que podemos

dar | aRepresentaçã

Chamada dos Tropeiros (Doc. 56, fól. 2r, l. 03-05)

Os três casos em que a crase foi assinalada com acento agudo foram:

dando á Sucessã | de Nossos Augustos, e taõ queridos Monarchas (Doc. 49, fól. 1r, l. 08-09) vinha derigida ás Camaras dasVillas (Doc. 51, fól. 1r, l. 04)

copea daResposta que | oDoutor Ouvidor da Comarca, deo á Representação daquela Ca |  
mara,

(Doc. 53, fól. 2r, l. 15-17)

É possível que, em duas ocorrências, em dois documentos em que um é cópia do outro, ambos redigidos pelo mesmo escriba, tenha sido considerada crase a fusão de **a** (objeto direto) e o **a** inicial de **abonou**:

Vindo aficar esta Camara alcansada com | oSeu Procurador que ábonou na  
*quantia* de 75\$721 *reis*. (Doc. 51, fól. 1r, l. 2 3-24)

Vin | do aficar esta Camara alcançada *para* com o Seo Procurador que |  
ábonou na *quantia* de 75\$ 721 *reis* (Doc. 53, fól. 1r, l. 37-39)

A ausência de marcas gráficas para a crase sugere que já não haveria distinção fonética entre a e à, tal como geralmente ocorre hoje no Brasil inteiro, em contraste com a norma culta lusitana.

#### 4.20 SEPARAÇÃO SILÁBICA

A separação de sílabas, para a translineação, seguiu geralmente as normas atuais, ressalvadas as seguintes exceções:

ado-ptado (Doc. 55, fól. 2r, l. 24-25)

algum-as (Doc. 2, fól. 1r, l. 08-09)

a-nno (Doc. 2, fól. 1r, l. 07-08),

(Doc. 29, fól. 1r, l. 03-04)

assi-gnar (Doc. 56, fól. 1r, l. 16-17)

Ba-ptista (Doc. 55, fól. 2r, l. 09-10)

ba-rba (Doc. 1, fól. 1r, l. 15)

descupav-el (Doc. 27, fól. 1r, l. 21-22)

des-obriga (Doc. 22, fól. 1r, l. 29-30)

destri-cto (Doc. 50, fól. 1r, l. 08-09)

gr-andes (Doc. 1, fól. 3v, l. 09)

ma-nde (Doc. 15, fól. 1r, l. 16-17)

marinh-a (Doc. 1, fól. 1r, l. 03)

n-em (Doc. 41, fól. 1r, l. 04-05)

o-fficio (Doc. 30, fól. 1r, l. 08-09)

segu-ndo (Doc. 7, fól. 1r, l. 12-13)

sismar-ia (Doc. 46, fól. 1r, l. 04-05)

submi-ssamente (Doc. 27, fól. 1r, l. 25-26)

tabel-llião (Doc. 54, fól. 1r, l. 02-03)

Para assinalar, no fim da linha, a translineação, encontram-se no *corpus* três soluções:

a) com o uso do hífen, como é feito atualmente:

oJuis Prezidente emais offeciais daCa-  
Mera

(Doc. 16, fól. 1v, l. 14-15)

b) da maneira prevista por Vernay, citado por Gonçalves (2003, p. 183): com “a utilização de um sinal similar, mas distinto do hífen (=), para distinguir a divisão silábica em final de linha da ligação realizada pelo hífen, (...)” :

portodo o terreno do nosso paiz não achamos estabelacimento so=  
Lido emque sepoça por esta empoziçãõ *que* ja não esteia pen=  
cionado, *porque* o Sal. genero da*primeira* nececidade que gastaõ es=  
tes povos já Seacha pencionado em Pernagoá em 2000*reis*,

(Doc. 11, fól. 1r, l. 07-10)

c) empregando ambos os processos:

Sua Magestade prohihe aos Parochos olevarem as Conheçenças, edaCarta Ency-  
clica de *Vossa Excelencia* em *que* manda aos Parochos *que* as Levem, Contra aquillo mes=  
mo *que* Sua Magestade ja tem determinado, que não podendo aSentar emcoisa cer=  
Ta entre os vastos Limites doSacerdocio, edo Imperio, recorrerãõ aesta

(Doc. 22, fól. 1r, l. 14-17)

d) simplesmente separando as sílabas da palavra, sem qualquer sinalização gráfica; é o processo mais freqüente:

Procurador *que* serviraõ o anno proximo pas  
sado de 1818 conforme *por* elles nos hé Supli  
cado, e conformando nos a *mesma* Suplica, so  
bre o*termo* de Vereança daquelle dia 26 de*Dezembro*

(Doc. 42, fól. 1r, l. 04-07)

#### 4.21 MAIÚSCULAS

No *corpus*, aparecem letras maiúsculas mesmo no interior de palavra, como era freqüente na época. Madureira Feijó (1739, p. 22-24) dá as regras para o emprego da capitalização, sem abordar os nomes dos meses, os quais, de acordo com os hábitos ortográficos coetâneos, tinham inicial maiúscula (Tavares, 1993, p. 88). É o que se comprova no *corpus*:

Janeiro [11] (Doc. 25, fól. 1r, l. 02), (Doc. 27, fól. 1r, l. 30)...  
 Feureiro [30] (Doc. 1, fól. 1, l. 13, 22, 26 e 30), (Doc. 1, fól. 1v, l. 04, 13, 19, 23 e 28)...  
 Fevereiro [5] (Doc. 4, fól. 1r, l. 26), (Doc. 5, fól. 1r, l. 19)...  
**mas** fevereiro (Doc. 1, fól. 1v, l. 19 e 28)

Março [23] (Doc. 1, fól. 1r, l. 17), (Doc. 1, fól. 2r, l. 05 e 11)...  
 Abril [27] (Doc. 6, fól. 1r, l. 03), (Doc. 16, fól. 1v, l. 08)...  
 Maio [9] (Doc. 10, fól. 1r, l. 38), (Doc. 21, fól. 1r, l. 23), (Doc. 22, fól. 1v, l. 13)...  
 Mayo [4] (Doc. 11, fól. 1r, l. 22), (Doc. 17, fól. 1r, l. 18)...  
 Junho [16] (Doc. 2, fól. 1r, l. 17), (Doc. 6, fól. 1r, l. 18)...  
 Julho [8] (Doc. 3, fól. 1r, l. 25), (Doc. 8, fól. 1r, l. 03)...  
 Agosto [7] (Doc. 46, fól. 1r, l. 17), (Doc. 47, fól. 1r, l. 07) ...  
 Setembro [4] (Doc. 9, fól. 1r, l. 16), (Doc. 28, fól. 1r, l. 03)...  
 Outubro aparece usualmente abreviado: **8br.<sup>o</sup>**  
 Há uma ocorrência com inicial minúscula: outubro (Doc. 28, fól. 1r, l. 22)  
 Novembro [3] (Doc. 5, fól. 1r, l. 03), (Doc. 32, fól. 1r, l. 03)...  
 Dezembro [13] (Doc. 12, fól. 1r, l. 10), (Doc. 13, fól. 1r, l. 17)...  
 dezembro [4] (Doc. 14, fól. 1r, l. 14-15), (Doc. 41, fól. 1v, l. 04)

Havia o costume de grafar com maiúscula a palavra inicial da segunda página de um escrito, mesmo que se tratasse de substantivo comum. É o que se verifica no *corpus*, no início de seis documentos :

23, fól. 1v; 31, fól. 1v; 44, fól. 1v; 50, fól. 1v; 53, fól. 1v; e 56, fól. 1v.

Madureira Feijó (1739, p. 22) condena essa prática:

Quanto ás letras iniciaes, sempre se escreve com a primeira letra grande a primeira palavra só da primeira regra<sup>179</sup>, por onde principia qualquer papel, que se escreve; e naõ no principio de cada pagina, como alguns costumaõ, e he erro; (...).

#### 4.22 FORMAS COLADAS E COM FRONTEIRA DE PALAVRA

Em numerosos trechos do *corpus*, os escribas tendem ao traçado contínuo, a “escrita de linha cheia, sem levantar a pena do papel” (Acioli, 1994, p. 42), de que resultam grafias como *denovo eSe acha* (Doc. 10, fól.1r). No caso das línguas clássicas, chamava-se *monocondylia*.<sup>180</sup> Tavares (1993, p. 73) usa a denominação “conglomerados gráficos”. Essa maneira de grafar, explica uma estudiosa, permite que

<sup>179</sup> Regra: linha.

<sup>180</sup> GARCIA, Antonio Bravo. *Juan Dalasseno y el Canonici gr. 65 (S. C. 18518)*. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Faventia/article/viewFile/45628/55355>>. Acesso em: 16 fevereiro 2007.

linhas inteiras sejam escritas num traçado contínuo (a chamada *Processada Encadeada*) – sem que o notário levante a pena do papel – ou que a levante, para carregar a pena de tinta, ao longo da escrita de uma palavra, provocando lacunas que dificultam imensamente a leitura desses manuscritos e que, muitas vezes, são responsáveis por interpretações errôneas. (Assalim, 2007, p.22)

Tal traçado faz desaparecer as fronteiras de palavras, colando-as entre si, podendo gerar ambigüidade, quando a palavra colada à seguinte (ou à anterior) pode ser entendida como sílaba inicial – ou final – de uma terceira que resultaria da junção de ambas. É o mesmo princípio do cacófato.

É lícito admitir a influência de outros fatores. Aguilera (1997, p. 134), citando Cagliari, lembra que

na fala, não existe a separação de palavras – a não ser quando marcada pela entonação do falante. Dessa forma, para dividir a escrita, um dos critérios usados são os grupos tonais do falante ou conjunto de sons ditos em determinadas alturas, por exemplo: *em com trou, de pois*.

Esse uso foi condenado já por Duarte Nunes de Leão, na XVIIIª de suas “Regras gerais da ortografia da língua portuguesa”:

Que em a escritura não liguemos letras a outras e muito menos a dicção a outra, como fazem geralmente os escrivães, por razão de com ãa penada fazerem muitas letras e em pouco espaço mais escritura, respeitando mais ao seu proveito que ao dos leitores. Porque de tal ligatura nasce confusão e obscuridade, ainda em letra de boa mão, e não se lê senão o que se tira por descrição. (Leão, 1983, p. 144)

A hipótese inicial é que a colagem se fazia geralmente entre dois vocábulos: Uma palavra gramatical monossilábica – *o, do, no* – ou, em raros casos, dissilábica: *pelo, pela, pelos, pelas*, ligada a outra com qualquer número de sílabas. Dessas formas aglutinadas, normalmente uma delas era um clítico. A razão seria usar a pena “abastecida”, molhada, sem levantá-la do suporte, escrevendo o conjunto de palavras num único traço,<sup>181</sup> até esgotar-se a

---

<sup>181</sup> RUIZ GARCÍA, Elisa. *Manual de codicología*. Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid: Pirámide, 1988, p. 384. Apud: PINHEIRO, Ana Virginia. Glossário de codicologia e documentação. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v. 115, p. 191, 1995.

tinta da pena. Desta forma, no caso de próclise, supôs-se que a colagem seria menos freqüente, à medida que a palavra posterior tivesse mais sílabas.

Assim, formas como **oBairro**, **davilla**, seriam mais freqüentes que **doCorregedor**, **afellicidade**.

Procedeu-se a uma contagem das palavras gramaticais coladas e com fronteira de palavra, fazendo-se abstração das possíveis diferenças diacrônicas entre os primeiros e os últimos textos estudados.

Devido ao grande número de termos que podiam ocorrer na primeira posição de colados, não se consideraram:

Artigos indefinidos	Pronomes pessoais	Pronomes indefinidos
de hum Vassalo Constante ede hum povo	Eusou sudito eu prezensiey Dia para Nos	detodooCoração apor todas as medidas

Demonstrativos	Preposições	Verbo <i>haver</i>
destaCamera oquefor servido esta villa sobre este objeto por essa Razão esta Camara	ataõ grande bem de caza, em caza Deos Goarde aVossa Excelencia comfestejos deIgreja atestando com verdade sobre este	aannos abem tempo ella amuitos an   nos se hade fazer
Relativos, exceto <i>que</i>	Possessivos	Numerais
Aquem destta villa oqual neste Pais onde habita   mos cujo prencipio	VossaExcelencia tem ede Seos Augustos denossa aSua Alteza	tres dias de Ilu   minaçõens em primeiro lugar Sétima Estrada segundo mandado

Advérbios
por este ja haverpago nunca por elles mas Sim

Mostram-se, em resumo, os totais, no *corpus*, de palavras gramaticais coladas e com fronteira; o ponto de referência é a **primeira palavra**, geralmente um determinante. Assim, no primeiro quadro, temos:

Artigo definido <b>o</b>	
oCeo ..... 169	O Falecido Coronel. 125

Isto significa que à esquerda foram computadas as ocorrências em que o artigo definido **o** apareceu colado à palavra seguinte. Por exemplo:

oCeo (Doc. 3, fól.1r)  
 oposto (Doc. 2, fól.1r), (Doc. 6, fól.1r)  
 oCargo (Doc. 7, fól. 2r)

À direita, as ocorrências com fronteira de palavra:

O Falecido Coronel Francisco(Doc. 52, fól. 2v e 3r)  
 o serviço (Doc. 2, fól.1r)  
 o Procurador (Doc. 10, fól.1r)

Assim, o quadro completo é o seguinte:

Artigo definido <b>o</b>		Artigo definido <b>a</b>	
oCeo ..... 169	O Falecido Coronel.125	afazenda..... 153	A importação..... 59

Artigo definido <b>os</b>		Artigo definido <b>as</b>	
oscstigos..... 6	os prezos ..... 86	asConhecenças ..... 5	as despezas ..... 72

Preposição + artigo: <b>DO</b>		Preposição + artigo: <b>DOS</b>	
doPovo ..... 76	do Mez ..... 150	Dosmais ..... 2	dos Tropeiros ..... 86

Preposição + artigo: <b>DA</b>		Preposição + artigo: <b>DAS</b>	
damesma ..... 163	da mesma ..... 128	dasVillas..... 2	das Ordenanças.. 65

Preposição + artigo: <b>NO</b>		Preposição + artigo: <b>NOS</b>	
nodia ..... 27	no dia 9 ..... 34	enos annos ..... 2	nos pouzos..... 16

Preposição + artigo: <b>NA</b>		Preposição + artigo: <b>NAS</b>	
naprezença ..... 35	na conservaçaõ..... 51	..... 0	nas destintas..... 13

Preposição + artigo: <b>AO</b>		Preposição + artigo: <b>AOS</b>	
aoAlcaide ..... 28	ao Escrivam ..... 30	aospes ..... 3	aos Viajantes ..... 31

Preposição + artigo: <b>À</b>		Preposição + artigo: <b>ÀS</b>	
chega atenrra idade 16	procedeo a nomeaçãõ 15	..... 0	derigida ás Camaras.7

Preposição + artigo: <b>PER + O</b>		Preposição + artigo: <b>PER + OS</b>	
PelloConcelho ..... 1	pelo Rio Tubaji .... 22	..... 0	pellos Tribunaes .. 4

Preposição + artigo: <b>PER + A</b>		Preposição + artigo: <b>PER + AS</b>	
PelaCoroaçãõ .....2	pella desobriga .. 21	0	pelas Cortes..... 7

Conjunção <b>e</b>		Palavra <b>QUE</b>	
eva   rias dansas....317	de 3 e 5 domesmo ..207	quepor ellefoy ..... 9	faria que adita....370

Os totais computados são:

Formas coladas..... 1.016 Com fronteira de palavra..... 1.599

Total geral: 2.615 ocorrências

Porcentagens: Formas coladas.... 38,85% Com fronteira de palavra..... 61,15%

A seguir, procurou-se verificar a influência do número de sílabas da palavra seguinte, colocando-se em **negrito** as quantidades e porcentagens majoritárias:

Palavra gramatical	Palavra posterior					
	colada			com fronteira		
	Número de sílabas		Total	Número de sílabas		Total
até duas	três ou mais	até duas		três ou mais		
o	71 <b>42%</b>	98 58%	169 <b>100%</b>	61 <b>49%</b>	64 <b>51%</b>	125 <b>100%</b>
os	5 <b>83%</b>	1 <b>17%</b>	6 <b>100%</b>	30 <b>35%</b>	56 <b>65%</b>	86 <b>100%</b>
a	81 <b>53%</b>	72 <b>47%</b>	153 <b>100%</b>	26 <b>44%</b>	33 <b>56%</b>	59 <b>100%</b>
as	1 <b>20%</b>	4 <b>80%</b>	5 <b>100%</b>	30 <b>42%</b>	42 <b>58%</b>	72 <b>100%</b>

Comprovou-se a hipótese, mas com duas exceções que a contrariam:

a) os grupos formados de *o* + *monossílabo/dissílabo*, como *oBairro* (*Doc. 6, fól.1r*) revelaram-se **menos** freqüentes do que os formados por *o* + *trissílabo/polissílabo*, como *oRepublicano* (*Doc. 24, fól.1r*);

b) a hipótese também foi infirmada no caso da anteposição de **as**; porém esse fato pode atribuir-se ao escasso número de ocorrências: apenas cinco no total.

do	46 <b>61%</b>	30 <b>39%</b>	76 <b>100%</b>	65 <b>43%</b>	85 <b>57%</b>	150 <b>100%</b>
dos	1 <b>50%</b>	1 <b>50%</b>	2 <b>100%</b>	42 <b>39%</b>	44 <b>61%</b>	86 <b>100%</b>
da	86 <b>52%</b>	77 <b>48%</b>	163 <b>100%</b>	50 <b>39%</b>	78 <b>61%</b>	128 <b>100%</b>
das	0 <b>00%</b>	2 <b>100%</b>	2 <b>100%</b>	29 <b>45%</b>	36 <b>55%</b>	65 <b>100%</b>

Novamente, a hipótese não se verificou apenas nas formas em que **das** foi anteposto; igualmente, o pequeno número de ocorrências impede uma conclusão definitiva. O mesmo se diga das pequenas quantidades equivalentes na anteposição de **dos**.

no	24 92%	2 8%	26 100%	25 74%	9 26%	34 100%
nos	2 100%	0 00%	2 100%	12 75%	4 25%	16 100%
na	25 71%	10 29%	35 100%	10 20%	41 80%	51 100%
nas	0 00%	0 00%	0 00%	5 38%	8 62%	13 100%

Agora, a hipótese foi infirmada no caso das fronteiras de palavra; construções como no Livro (Doc. 9, fól.1r) e *nos dias* (Doc. 5, fól.1r) revelaram-se mais freqüentes que as do tipo *no Conhecimento* (Doc. 56, fól. 1r) e *nos limites* (Doc. 21, fól.1r).

ao	14 50%	14 50%	28 100%	10 33%	20 67%	30 100%
aos	2 67%	1 33%	3 100%	10 32%	21 68%	31 100%
à	9 56%	7 44%	16 100%	1 7%	14 93%	15 100%
às	0 00%	0 00%	0 00%	2 29%	5 71%	7 100%

pelo	0 00%	1 100%	1 100%	9 41%	13 59%	22 100%
pelos	0 00%	0 00%	0 00%	3 75%	1 25%	4 100%
pela	0 00%	2 100%	2 100%	4 19%	17 81%	21 100%
pelas	0 00%	0 00%	0 00%	3 43%	4 57%	7 100%

e (conj.)	173 55%	144 45%	317 100%	77 37%	130 63%	207 100%
-----------	---------	---------	----------	--------	---------	----------

Confirmou-se a hipótese, excetuados os casos da anteposição de *pelos* e *pela*, também discutíveis pelo escasso número de ocorrências: Quatro para cada uma.

que	8 89%	1 11%	9 100%	242 65%	128 35%	370 100%
-----	-------	-------	--------	---------	---------	----------

A palavra **que**, nas suas várias funções, contrariou a hipótese no caso de ser seguida por palavra de duas ou mas sílabas, isto é, construções como *tudo o mais que for* (Doc. 4, fól.1r) revelaram-se muito mais freqüentes (65%) do que as do tipo *conta que Remetemos*, (Doc. 53, fól. 1r).

Distinguindo as diferentes funções da palavra **que**, efetuou-se uma estatística, na tentativa de verificar se a **palavra anterior** a ela teria alguma interferência no comportamento. Eis o resultado:

que	P a l a v r a   p o s t e r i o r					
	colada			com fronteira		
	Número de sílabas		Total	Número de sílabas		Total
até duas	três ou mais	até duas		três ou mais		
Pron. relat.	45 73%	0 00%	45 100%	0 00%	0 00%	0 00%
Conj. integ.	10 16%	0 00%	10 100%	0 00%	0 00%	0 00%
Outras	7 11%	0 00%	7 100%	0 00%	0 00%	0 00%
Totais:	62					0

Conclusão: Quando o **que** vem colado à palavra anterior, esta só pode ter uma ou duas sílabas – quase sempre uma: *emque sepoça* (Doc. 11, fól.1r), *he oque há* (Doc. 52, fól. 1r).

Quando o **que** vem colado à palavra posterior, embora seja um número mínimo de ocorrências – nove – a hipótese se verificou; ela foi, porém, contrariada no caso, muito mais freqüente, em que há fronteira com a palavra posterior, como se vê na tabela abaixo:

que	P a l a v r a   p o s t e r i o r					
	colada			com fronteira		
	Número de sílabas		Total	Número de sílabas		Total
até duas	três ou mais	até duas		três ou mais		
Pron. relat.	7 88%	1 12%	8 100%	165 65%	88 35%	253 100%
Conj. integ.	1 100%	0 00%	1 100%	44 60%	29 40%	73 100%
Outras	0 00%	0 00%	0 00%	28 64%	16 36%	44 100%
Totais:			9 +			370 = 379

Isto é, pela hipótese, esperar-se-ia que o número de formas como *mantimentos* | *que exprementamos* (Doc. 31, fól. 1r) fosse inferior ao de grafias como *Algodão que vem defora* (Doc. 11, fól.1r), o que não aconteceu.

Mais ainda: A hipótese supõe um grande número de **ques** colados à palavra seguinte que tivesse uma ou duas sílabas; o total não passou de 9, em 379 ocorrências possíveis. O fenômeno resta, provisoriamente, sem explicação.

Fez-se um levantamento similar com os pronomes átonos, chegando-se ao seguinte resultado:

	Colados	Com fronteira
<b>me</b> proclítico	13	1
<b>me</b> enclítico	8	1
<b>o</b> proclítico	16	8
<b>o</b> enclítico	1	0
<b>a</b> proclítico	4	1
<b>a</b> enclítico	2	0
<b>se</b> proclítico	95	45
<b>se</b> enclítico	24	6
<b>lhe</b> proclítico	2	13
<b>lhe</b> enclítico	1	1
<b>os</b> proclítico	0	6
<b>os</b> enclítico	0	2
<b>as</b> proclítico	0	6
<b>as</b> enclítico	0	0
<b>nos</b> proclítico	1	38
<b>nos</b> enclítico	7	5
<b>lhes</b> proclítico	0	5
<b>lhes</b> enclítico	0	0
Totais	174	138

Separando-se proclíticos e enclíticos, temos:

	Colados	Com fronteira	Totais
Proclíticos	131 52%	123 48%	254 100%
Enclíticos	43 74%	15 26%	58 100%
Totais	174	138	312

Vê-se que os oblíquos colados são mais freqüentes do que aqueles com fronteira, sendo maioria decisiva no caso de ênclise. Estava ainda em vigor, portanto, ao

menos em parte, o que se afirmava a respeito de fases mais antigas do idioma: “Escreviam-se outrora os enclíticos unindo-os, sem separação alguma, à palavra a que ficavam subordinados e continuou-se esta prática ainda em tempo de Vieira e Bernardes.” (Said Ali, 1965, p. 47)

#### 4.23 ABREVIATURAS

O uso de abreviaturas prende-se com certeza à economia de tempo, tinta e papel<sup>182</sup>, elementos não desprezíveis numa época em que os textos eram produzidos manualmente, e o papel, no caso brasileiro, era importado da Europa. Spina (1977, p. 44) justifica sua profusão “em razão da raridade e conseqüentemente do custo elevado do material da escrita.”

Processos de abreviação<sup>183</sup>:

a) Abreviaturas que tomam por base “sinais gerais”. São aquelas que indicam simplesmente a abreviação de uma palavra sem indicar qual o elemento que falta.

Subdividem-se em:

- abreviaturas por siglas – quando se utiliza a letra inicial da palavra; é o processo mais antigo de abreviação mas, por gerar ambigüidade, foi quase sempre abandonado em favor das abreviaturas por síncope. Exemplos: V. = vossa; S. = são

- abreviaturas por suspensão ou apócope – quando se suprime o final da palavra. Ex.: □① = que.

A este caso especial se refere Madureira Feijó (1739, p. 104):

O uso universalmente recebido do til, he sobre o Q deste modo, □.① E daqui infiro eu, que o til naõ so suppre as letras, que dissemos a cima, mas tambem he nota, ou sinal de abbreviatura; porque ninguem dirá, que o til pode supprir as vogaes, nem se assignará palavra, em que possa succeder: logo quando se escreve sobre o □①, não suppre o U, e o E, mas he sinal de abbreviatura.

<sup>182</sup> Aguilera; Cavalheiro, 2001, p. 10. “As abreviaturas são um exemplo da economia de meios gráficos, (...)” (Gonçalves, 2003, p. 188).

<sup>183</sup> Aguilera; Cavalheiro, 2001, p. 17-19; Flexor, 1990, p. XII; Spina 1977, p. 47.

- abreviaturas por contração ou síncope – quando se suprimem letras no meio do vocábulo; ocorrem três tipos; escrevem-se:

- a primeira e a última letra: f.<sup>o</sup> = filho; V.<sup>a</sup> = villa
- a primeira e as últimas letras: M.<sup>el</sup> = Manoel; D.<sup>or</sup> = Doutor
- as primeiras letras e a última: Ajud.<sup>e</sup> = Ajudante; Cor.<sup>a</sup> = Coritiba
- as primeiras e últimas letras: Corr.<sup>dor</sup> = Corregedor; att.<sup>tos</sup> = attentos

- abreviaturas por letras superpostas: usam-se geralmente as letras iniciais da palavra e, em suspensão, uma ou mais letras, geralmente as finais – a última ou as últimas.<sup>184</sup>

Ex.: Capp<sup>am</sup> = Cappitam

No *corpus*, as abreviaturas por letras sobrepostas normalmente estão acompanhadas de ponto, embora também apareçam sem ele: Ex<sup>a</sup> - Excelencia (Doc. 6, fól. 1r, l. 17)

b) Abreviaturas que tomam por base “sinais especiais”, que indicam quais os elementos que faltam à palavra abreviada.

Subdividem-se em:

- Sinais de significado fixo – independentemente do lugar em que estiverem colocados. Ex.: hífen ou til colocados em cima de uma letra podem indicar M ou N, ou ainda contração de letras como cõtẽ = contém
- sinais de significado relativo – isto é, que dependem da letra em que se encontram ou da direção em que são colocados. Ex.: o traço horizontal colocado sobre o q = que; colocado na haste q = quem.

Alistam-se a seguir as abreviaturas mais comuns no *corpus*:

- Ajud.<sup>e</sup> – Ajudante (Doc. 55, fól. 2v, l. 06)
- Alm.<sup>da</sup> – Almeida (Doc. 1, fól. 2v, l. 06)
- Ant.<sup>o</sup> – Antonio (Doc. 55, fól. 2v, l. 07)
- anualm.<sup>te</sup> – atualmente (Doc. 10, fól. 1r, l. 20)
- aq.<sup>l</sup> – aqual (Doc. 55, fól. 3r, l. 14)
- att.<sup>tos</sup> – attentos (Doc. 55, fól. 3r, l. 27)
- atualm.<sup>te</sup> – atualmente (Doc. 22, fól. 2v, l. 01)
- authorid.<sup>e</sup> – autoridade (Doc. 56, fól. 1r, l. 18)

<sup>184</sup> Cambraia e Megale, 2001, p. 17-18.

auz.<sup>te</sup> – auzente (Doc. 2, fól. 1r, l. 08)  
 brevi.<sup>de</sup> – brevidade (Doc. 41, fól. 1r, l. 05)  
 Cap.<sup>am</sup> – Capitam (Doc. 55, fól. 2v, l. 05)  
 Cap.<sup>m</sup> – Capitam (Doc. 54, fól. 1r, l. 12)  
 Capp.<sup>am</sup> – Cappitam (Doc. 1, fól. 01, l. 05)  
 cert.<sup>am</sup> – certidam (Doc. 39, fól. 1r, l. 06)  
 chamam.<sup>to</sup> – chamamento (Doc. 57, fól. 1v, l. 01)  
 cid.<sup>e</sup> – cidade (Doc. 55, fól. 3r, l. 06)  
 claram.<sup>te</sup> – claramente (Doc. 22, fól. 1v, l. 12)  
 Comp.<sup>a</sup> – Companhia (Doc. 1, fól. 1r, l.01)  
 comp.<sup>te</sup> – competente (Doc. 55, fól. 3r, l. 20)  
 conformid.<sup>e</sup> – conformidade (Doc. 52, fól. 1r, l. 10)  
 conhecim.<sup>to</sup> – conhecimento (Doc. 56, fól. 1r, l. 09)  
 Cons.<sup>o</sup> – Conselho (Doc. 53, fól. 1v, l. 10)  
 Contin.<sup>e</sup> – Continente (Doc. 40, fól. 1r, l. 07)  
 continuam.<sup>e</sup> – continuamente (Doc. 56, fól. 1r, l. 33)  
 Cor.<sup>a</sup> – Coritiba (Doc. 1, fól. 1r, l. 19)  
 corr.<sup>te</sup> – corrente (Doc. 49, fól. 1r, l. 02)  
 Corr.<sup>dor</sup> – *Corregedor* (Doc. 28, fól. 1r, l. 12)  
 cumprim.<sup>to</sup> – cumprimento (Doc. 45, fól. 1r, l. 05)  
 d.<sup>a</sup> – dita (Doc. 53, fól. 2r, l. 18)  
 diariam.<sup>te</sup> – diariamente (Doc. 22, fól. 2r, l. 35)  
 D.<sup>or</sup> – Doutor (Doc. 38, fól. 1r, l. 05)  
 d.<sup>ro</sup> – dinheiro (Doc. 43, fól. 1r, l. 04)  
 dinh.<sup>ros</sup> – dinheiros (Doc. 52, fól. 1r, l. 06)  
 Dzbr.<sup>o</sup> – dezembro (Doc. 27, fól. 1r, l. 03)  
 emedeatam.<sup>te</sup> – emedeatamente (Doc. 51, fól. 1r, l. 05)  
 ent.<sup>to</sup> – entretanto (Doc. 41, fól. 1r, l. 05)  
 Escr.<sup>am</sup> – escritam (Doc. 43, fól. 4r, l. 05)  
 expressam.<sup>te</sup> – expressamente (Doc. 22, fól. 1r, l. 29)  
 Extrahordinr.<sup>a</sup> – extrahordinaria (Doc. 55, fól. 1r, l. 04)  
 Ferr.<sup>a</sup> – Ferreira (Doc. 13, fól. 1r, l. 26)  
 Fevr.<sup>o</sup> – fevereiro (Doc. 1, fól. 1r, l. 13)  
 f.<sup>o</sup> – filho (Doc. 1, fól. 1r, l. 09)

Fran.<sup>co</sup> – Francisco (Doc. 1, fól. 1r, l. 05)  
 frontr.<sup>a</sup> – fronteira (Doc. 10, fól. 1r, l. 15)  
 g.<sup>al</sup> – geral (Doc. 51, fól. 1r, l. 19)  
 g.<sup>e</sup> – guarde (Doc. 43, fól. 1r, l. 06)  
 Gov.<sup>o</sup> – governo (Doc. 53, fól. 1r, l. 03)  
 grd.<sup>e</sup> – grande (Doc. 22, fól. 2v, l. 01)  
 id.<sup>e</sup> – idade (Doc. 1, fól. 1r, l. 10)  
 Ign.<sup>co</sup> – Ignacio (Doc. 1, fól. 1r, l. 23)  
 igualm.<sup>te</sup> – igualmente (Doc. 22, fól. 1r, l. 43)  
 impedim.<sup>to</sup> – impedimento (Doc. 45, fól. 1r, l. 08-09)  
 incluzivam.<sup>te</sup> – incluzivamente (Doc. 22, fól. 1r, l. 06)  
 infelici.<sup>de</sup> – infelicidade (Doc. 41, fól. 1r, l. 20)  
 Intr.<sup>os</sup> – interinos (Doc. 40, fól. 1r, l. 15)  
 Joaq.<sup>m</sup> – Joaquim (Doc. 50, fól. 2r, l. 17)  
 Mag.<sup>de</sup> – magestade (Doc. 4, fól. 1r, l. 15)  
 M.<sup>el</sup> – Manoel (Doc. 11, fól. 1r, l. 23)  
 M.<sup>ço</sup> – março (Doc. 1, fól. 1r, l. 17)  
 merecim.<sup>tos</sup> – merecimentos (Doc. 45, fól. 1r, l. 16)  
 Mir.<sup>da</sup> – Miranda (Doc. 1, fól. 1r, l. 06)  
 Mor.<sup>a</sup> – Moreira (Doc. 31, fól. 1v, l. 19)  
 m.<sup>to</sup> – muito (Doc. 10, fól. 1r, l. 13)  
 n.<sup>al</sup> – natural (Doc. 1, fól. 1r, l. 09)  
 necessid.<sup>e</sup> – necessidade (Doc. 51, fól. 1r, l. 30)  
 off.<sup>es</sup> – officiaes (Doc. 21, fól. 1r, l. 07)  
 off.<sup>o</sup> – officio (Doc. 53, fól. 1r, l. 14)  
 Olivr.<sup>a</sup> – Oliveira (Doc. 28, fól. 1r, l. 26 e 27)  
 Ouv.<sup>or</sup> – Ouvidor (Doc. 50, fól. 1r, l. 13)  
 p.<sup>a</sup> – para (Doc. 10, fól. 1r, l. 09)  
 p.<sup>te</sup> – parte (Doc. 22, fól. 1r, l. 09)  
 pagm.<sup>to</sup> – pagamento (Doc. 11, fól. 1r, l. 05), (Doc. 26, fól. 1r, l. 20)  
 peq.<sup>no</sup> – pequeno (Doc. 53, fól. 1v, l. 32)  
 Per.<sup>a</sup> – Pereira (Doc. 23, fól. 1r, l. 23 e 24)  
 Pinhr.<sup>o</sup> – Pinheiro (Doc. 1, fól. 1v, l. 20 e 24)  
 precariam.<sup>te</sup> – precariamente (Doc. 57, fól. 1r, l. 24)

- prez.<sup>ca</sup> – presença (Doc. 11, fól. 1r, l. 19)  
 prez.<sup>te</sup> – presente (Doc. 22, fól. 2r, l. 20)  
 presentem.<sup>e</sup> – presentemente (Doc. 56, fól. 1r, l. 08)  
 Prezid.<sup>e</sup> – presidente (Doc. 39, fól. 1r, l. 15)  
 p.<sup>to</sup> – primeiro (Doc. 27, fól. 1r, l. 13)  
 principalm.<sup>e</sup> – principalmente (Doc. 51, fól. 2r, l. 19)  
 procedim.<sup>to</sup> - procedimento (Doc. 41, fól. 1r, l. 22)  
 Prov.<sup>ca</sup> – Provincia (Doc. 53, fól. 1v, l. 28)  
 q.<sup>es</sup> – quaes (Doc. 53, fól. 1v, l. 34)  
 qualq.<sup>r</sup> – qualquer (Doc. 27, fól. 1r, l. 21)  
 q.<sup>do</sup> – quando (Doc. 27, fól. 1r, l. 05)  
 rendim.<sup>to</sup> – rendimento (Doc. 51, fól. 2r, l. 01)  
 reprez.<sup>a</sup> – representa (Doc. 10, fól. 1r, l. 32)  
 requerim.<sup>to</sup> – requerimento (Doc. 41, fól. 1r, l. 13)  
 Ribr.<sup>o</sup> – Ribeiro (Doc. 41, fól. 1r, l. 07)  
 S.<sup>tos</sup> – Santos (Doc. 16, fól. 1v, l. 19)  
 S.A.R – Sua Alteza Real (Doc. 55, fól. 2r, l. 30)  
 seg.<sup>te</sup> – seguinte (Doc. 22, fól. 1v, l. 03)  
 sentim.<sup>tos</sup> – sentimentos (Doc. 55, fól. 1r, l. 10)  
 Siq.<sup>ra</sup> – Siqueira (Doc. 1, fól. 2v, l. 11)  
 Snr.<sup>a</sup> – Senhora (Doc. 11, fól. 1r, l. 19)  
 sobred.<sup>ta</sup> – sobreditta (Doc. 55, fól. 3r, l. 14)  
 solt.<sup>to</sup> – solteiro (Doc. 1, fól. 1v, l. 02).  
 sóm.<sup>te</sup> – sómente (Doc. 2, fól. 1r, l. 16)  
 S.<sup>r</sup> – Senhor (Doc. 2, fól. 1r, l. 14)  
 Teixr.<sup>a</sup> – Teixeira (Doc. 56, fól. 1r, l. 07)  
 t.<sup>po</sup> – tempo (Doc. 53, fól. 1v, l. 26)  
 ten.<sup>te</sup> – tenente (Doc. 1, fól. 01, l. 05), (Doc. 55, fól. 2v, l. 01)  
 V.<sup>a</sup> – villa (Doc. 3, fól. 1r, l. 24)  
 von.<sup>de</sup> – vontade (Doc. 27, fól. 1r, l. 24)  
 Xa.<sup>er</sup> – Xavier (Doc. 1, fól. 2r, l. 12)

Nos meses, existe uma curiosa abreviatura com base em algarismos:

- 7.<sup>bro</sup> – setembro (Doc. 1, fól. 3r, l. 25)

Encontra-se, também, a abreviatura... que não abrevia: é a pseudo-abreviatura (Cabraia; Megale, 2001, p.14); é o caso de *xey.*<sup>o</sup> [xeyo], no doc. 1, fól 2v, l.27.

Em alguns documentos empregaram-se poucas abreviaturas; em outros, muitas mais. Veja-se o contraste:

Documento 33 – 153 palavras – 1 palavra abreviada	0,65 %
Documento 30 – 117 palavras – 1 palavra abreviada	0,85 %
Documento 24 – 219 palavras – 2 palavras abreviadas	0,91 %
Documento 48, fól 2r - 106 palavras - 35 palavras abreviadas	33,01 % abreviadas
Documento 42 – 134 palavras – 37 palavras abreviadas	27,61 % abreviadas
Documento 27 – 316 – 64 palavras abreviadas	20,15 % abreviadas

Os números levam-nos a uma reflexão: nem sempre a economia era o fator decisivo para o uso de abreviaturas: o documento nº 27, um dos mais ricos em palavras abreviadas, foi redigido por José Félix da Silva, o poderoso latifundiário dono de várias fazendas, entre as quais a lendária Fortaleza. Não lhe faltavam, com certeza, “tempo, tinta e papel”...

## 5 MARCAS DA ORALIDADE

As oscilações gráficas constituem um importante indício para o conhecimento da oralidade, uma vez que a realização de uma mudança “dá origem necessariamente a fases de variação entre as formas lingüísticas mais conservadoras e mais inovadoras.” (Maia, 2002, p. 233).

### 5.1 TROCA DE <v> POR <b>

Num pequeno número de palavras – não mais que oito – ocorre a troca do <v> pelo <b>; são elas:

brabo (Doc. 16, fól. 1r, l. 06)

Catanduba (Doc. 17, fól. 1r l. 12) mas *Tucunduva* (Doc. 46, fól. 1r, l. 04)

embadindo (Doc. 16, fól. 1r, l. 16)

mas *invadida* (Doc. 56, fól. 1v, l. 30)

Embetuba (Doc. 16, fól. 1r, l. 28)

fribulo (Doc. 22, fól. 2r, l. 19)

Garapuaba (Doc. 31, fól. 1r, l. 15)

mas *Guarapuava* (Doc. 27, fól. 1r, l. 06) e *Garapuava* (Doc. 29, fól. 1r, l. 05)

Jaguaraiba (Doc. 17, fól. 1r l. 13)

mas *Jaguariaiva* (Doc. 40, fól. 1r, l. 13), *Jaguaraiva* (Doc. 51, fól. 1r, l. 27 e 30), (Doc. 51, fól. 3r, l. 10), (Doc. 51, fól. 4r, l. 03-04 e 11), (Doc. 53, fól. 1v, l. 03, 05 e 40), (Doc. 53, fól. 2r, l. 05)

breador [vereador] (Doc. 41, fól. 1r, l. 10 e 24)

O fenômeno admite várias explicações. Por exemplo, afirma-se que “os documentos latinos estão de acordo com o testemunho das línguas românicas, indicando o uso de *v* por *b*, pelo menos desde o século II, e também de *b* por *v*, o que evidencia a igualdade de pronúncia das duas letras.” (Maurer Jr., 1959, p. 33). Como prova, apresentam-se correções que o *Appendix Probi* fazia à fala do povo: *baculus* non *vaclus* (nº 9), *alveus* non *albeus* (nº 70), *vapulo* non *baplo* (nº 215).

É também defensável uma influência do setentrão lusitano, onde ocorre

a pronúncia como [b] ou [β] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *binho*, *abó* por *vinho*, *avó* (...). (Cunha; Cintra, 1985, p. 11)

Apesar de pouco numerosas as ocorrências, quatro delas são topônimos: Catanduba, Embetuba, Guarapuaba e Jaguaraíba. Os estudiosos esclarecem que os quatro têm origem indígena:

**Catanduva:** “Do tupi *ka’á tãg tĩba* ‘mato muito ralo’. (Nascentes, 1966, p. 157; cf. Ferreira, 2006, p. 78)

**Guarapuava:** “De origem guarani ‘*guara*’... garça + ‘*pu*’... barulho + ‘*ava*’... sufixo que dá idéia de lugar: lugar cheio de rumor de pássaros, ou ‘*guara*’... lobo + ‘*pu*’... barulho + ‘*ava*’: lugar onde se ouve rumor ou uivos de lobos.” (Ferreira, 2006, p. 131)

**Imbituva:** “De origem tupi ‘*imbê*’... espécie de cipó, pertencente à família das arácias *philodendronbipinnatifidum*, muito abundante na região e mais a palavra ‘*tuva*’... lugar: lugar de muito imbê.” (Ferreira, 2006, p. 140; cf. Nascentes, 1966, p. 397).

**Jaguariaíba:** “Vem do guarani ‘*jaguá*’... cão + ‘*i*’... rio + ‘*aiva*, *ayua*, *aiba*’... ruim, louco: rio do cachorro ruim ou louco.” (Ferreira, 2006, p. 155)

Ora, o tupi não possuía o fonema /v/, pelo que se depreende do “alfabeto” e do “índice de palavras e afixos tupis” que Barbosa (1956) apresenta às p. 27 e 472. Isto é confirmado por Afonso A. de Freitas:

Quanto à consoante lusa – *v* –, gradativamente vai ela desbancando a influência da nheengatu – *b* –: hoje ninguém, falando o português de São Paulo, será capaz de pronunciar *Caçapaba*, *Boçoroca*, *Aricanduba*, *Ubaia*, como ainda há cinquenta anos passados era corrente, porém *Caçapava*, *Voçoroca*, *Aricanduva*, *Uvaia*, etc. (Freitas, 1976, p. 23)

Saint-Hilaire (1964, p. 17 e *passim*) emprega a forma Jaguariaíba pelo menos seis vezes e esclarece em nota (p. 42, n. 10): “Cito este rio sob o nome que lhe dão na região; mas Pedro MÜLLER e o autor da carta de São Paulo publicada no Rio de Janeiro em

1847, escreveram *Jaguaraíva*, sendo também menos certas as formas *Jaguarihyba* e *Jocuriahy*, admitidas por Casal.”

A respeito dos fonemas guaranis, contudo, informou em e-mail de 02-07-2007 o Prof. Harald Thun (da Universidade de Kiel): “O guaraní tanto antigo como moderno tem o /v/ mas não tem o /b/, somente o /b/ prenasalizado que é /mb/.”

Na *Viagem ao país dos jesuítas* (Muricy, 1975), em que se relata uma expedição pelo interior do Paraná, em busca das ruínas da Villa Rica del Espíritu Santo, figuram numerosos diálogos, reproduzindo, com presumível fidelidade, a linguagem dos sertanejos paranaenses no ano de 1896, nos quais chama a atenção a troca de /v/ por /b/. O próprio autor afirma: “Na sua linguagem, curiosa e pitoresca, além dos vícios comuns à parte ignorante da nossa população (...) o **o** é por vezes substituído pelo **e**, **i**, **u**: possuir (pessuí, pissuí), conversa (cumbersa), em que o **v** é também substituído pelo **b**.” (p. 55)

No livro, colhem-se muitos exemplos:

Valia > balia: “ (...) decerto eles pensa que barba de caboclo não tem balía.” (p. 60) **Balia** também nas p. 173, 179, 267 e 289.

“E bamo laçá o alimá, (...)” (p. 88) “Puxe essa xerengue atôa e bamo peleá um eito.” (p. 309)

“É de coisa mais triste e mais feia que eu quero cumbersá com eles, (...)” (p. 94) **Combersá** surge novamente nas p. 140 e 299.

“Decerto ôviu a nossa cumbersa.” (p. 95) A forma **cumbersa** repete-se à p. 99, 119, **Combersa** na p. 143, 157, 307 e 344.

“(...) o corredô, quando vai galopeá o pareiêro, já vai combersado, (...)” (p. 119)

“Chegô c’aquele bufo barbaridade e não combersô!” (p. 243)

“Nhor não, Nhô Bino, o que nós combersemo tá de impé, eu curo o boi.” (p. 290)

“É cobarde, (...). (p. 144) **Cobarde**, nas p. 306 e 317.

“Vossuncê me dêxe brificá a moda dele...” (p. 104) **Brificá** novamente na p. 109 e 351.

“Já emburtô... Empareiô...” (p. 108)

“(...) desde que teje imburtado.” (p. 114)

“(...) e se fiquemo tamém ali, meio emburtado c’os cachorro.” (p. 201) **Emburtado**, nas p. 204, 205 e 316.

“Mais de nada baleu os conseios dos parente.” (p. 148)

“E já se pinxô p’ro mato sobre um burto que vinha se arrastando por o chão, (...)” (p. 149) **Burto** nas p. 183, 202, 219, 288, 309 e 370.

“Era cabocro balente e feis uma roçada, c’a foice, na bugrada, barbaridade.” (p. 150) **Balente** nas p. 184, 204, 206, 296, 307, 308, 309, 321, 328, 347, 353 e 370.

“Que balentão!” (p. 184)

“Ora, ora, ora, fresca balentia! Ansim, inté eu matava tigre! (p. 184) **Balentia**, na p. 206.

“Seus óio têm labareda

De fogo de taquará, (...)” (p. 173)

(...) eu vim trazê nhô Xando, que tava com bergonha de vim sozinho!” (p. 174)

“Eu tava descansando o corpo véio da badiação do dia entero, (...)” (p. 182)

“Decerto mecê se baleu do ajudório do cachorro e pulô de facão em riba dele...” (p. 184)

“(...) cheguei de vereda c’a ponta do facão na maia grande do sobaco<sup>185</sup> da banda de amuntá (...).” (p. 205)

Pode ser, portanto, que estas formas do *corpus*, grafadas com <b>, reflitam uma permuta de fonemas na oralidade paranaense – mais freqüente nos séculos XVIII-XIX do que hoje.

## 5 2 USO DO GRAFEMA <E> EM LUGAR DO GRAFEMA <A>

O *corpus* apresenta certa oscilação entre <a> e <e>, nas seguintes palavras:

Grafia atual	No <i>corpus</i>	Número de ocorrências
câmara <sup>186</sup>	camera	80
	camara	65
salário	selario	1
rascunho	rescunho	1
número	numaro	1
estabelecidos/das	estabalacidos	1
	estabalecidos	1
	<i>estabelecidas</i>	1

As grafias indicam a possível pronúncia da vogal átona como semifechada /a/ - [+ central -alta, - baixa ], como na prosódia lusitana atual da pretônica de *lagar*.<sup>187</sup> Said Ali (1965, p. 34) afirma que “a distinção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo”, e que isto “conclui-se da circunstância de representar-se às vezes, em sílaba átona, *a* etimológico pela letra *e*, e outras vezes *e* etimológico pela letra *a*.”

<sup>185</sup> No município paranaense de Porto Rico, um trecho piscoso do Rio Paraná é conhecido pelos moradores como “Subaco do Urubu”!

<sup>186</sup> Bluteau registra: *Camara ou Camera*.

<sup>187</sup> Cunha; Cintra, 1985, p. 37-38.

### 5.3 USO DO GRAFEMA <E> EM LUGAR DO GRAFEMA <I>

Encontra-se igualmente uma notável flutuação<sup>188</sup> entre os grafemas <e> e <i> em posição átona, fenômeno antigo na língua, e constante através das épocas (Nunes, 1956, p. 60). Muitas vezes, trata-se de dissimilações: *dilatado* → *delatado*; *dirigido* → *derigido*, etc. Em outros casos, futuras pesquisas poderão revelar se essa variação representa

— a presença do arquifonema /I/, com uma realização fonética oscilando entre [e] e [i], tão comum no Brasil<sup>189</sup>; ou

— “uma etapa intermediária à realização da vogal central [ə] que significou uma evolução no Português Europeu e foi considerado um fator de conservadorismo no Português do Brasil. Esse é justamente um dos pontos que mais distinguem o PB frente ao PE e essa mudança ocorreu justamente entre os séculos XVIII e XIX.” (Silveira, 2004, p. 229-230)<sup>190</sup>

Para uma sistematização melhor do material, serão tratadas separadamente as duas flutuações (<e> por <i> e <i> por <e>), subdividindo-se as ocorrências em posição pretônica, tônica e postônica.

Posição pretônica:

circunstância	sirconstancias [2]	(Doc. 6, fól. 1r, l. 12-13), sirconstanÇias (Doc. 2, fól. 1r, l. 14-15)
	cerconstanciada [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 05-06)
dilatado	delatados [2]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 20), (Doc. 29 fól. 1r, l. 14)
	dilatada [1]	(Doc. 36, fól. 1r, l. 07)
dirigido/a	derigido/a [3]	(Doc. 51, fól. 1r, l. 04), (Doc. 53, fól. 1r, l. 03 e 19)
	dirigido/a [2]	(Doc. 44, fól. 1r, l. 02), (Doc. 50 fól. 1r, l. 26)

<sup>188</sup> “Na posição pretônica de palavras que continham *i* na sílaba tônica, o grafema *e* alterna com *i*: (...).” (Maia, 1986, p. 362)

<sup>189</sup> Saint-Hilaire (1964, p. 81, n. 15) observou que “existem na língua portuguesa certos sons mistos difíceis de apanhar, nunca se podendo estar de acordo sobre a sua ortografia. Assim, Neuwied entendeu chamarem *Ciri* a certo povoado da Província do Espírito Santo, ao passo que eu entendi *Ceri*, (...).”

<sup>190</sup> “Em posição átona, mas particularmente na sílaba pretônica, o grafema *e* apresenta-se, nos textos estudados, bastante instável, podendo alternar com outras vogais ou ditongos, ou até, algumas vezes, desaparecer: (...).” (Maia, 1986, p. 355)

dirigir	derigir [6]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 03), (Doc. 53, fól. 1r, l. 24), derige (Doc. 21, fól. 1r, l. 03), (Doc. 25, fól. 1r, l. 06), derigio (Doc. 5, fól. 1r, l. 04), derigiu (Doc. 32, fól. 1r, l. 15)
	dirigir [4]	(Doc. 49, fól. 1r, l. 04), dirigio (Doc. 44, fól. 1r, l. 20), (Doc. 55, fól. 2r, l. 16), dirigimos (Doc. 58, fól. 1r, l. 10)
felicidade	felicidade [6]	(Doc. 41, fól. 1v, l. 03), (Doc. 44, fól. 1r, l. 03)...
	felecidade [6]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 07 e 23), (Doc. 20, fól. 1r, l. 10)...
felicitar	felicitar [2]	(Doc. 49, fól. 1r, l. 08), (Doc. 50, fól. 2r, l. 10)
	felecitar [2]	(Doc. 25, fól. 1r, l. 28), felecite (Doc. 16, fól. 1v, l. 06)
fidelíssima	fedeliSima [2]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 03), fedelidade (Doc. 13, fól. 1r, l. 14)
	fideliSima [1]	(Doc. 35, fól. 1r, l. 06)
imediatamente	emediatamente [2]	(Doc. 23, fól. 1r, l. 03), emediata (Doc. 53, fól. 1r, l. 11)
	immediatamente [1]	(Doc. 28, fól. 1r, l. 10)
limite	limites [4]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 17), (Doc. 22, fól. 1r, l. 17)...
	lemite [2]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 05), lemitado (Doc. 37, fól. 1r, l. 22)
milícia	melicia [3]	(Doc. 50, fól. 1r, l. 09), (Doc. 54, fól. 1r, l. 17), melisia (Doc. 4, fól. 1r, l. 11)
	milicia [2]	(Doc. 11, fól. 1r, l. 04), (Doc. 60, fól. 1r, l. 05)
milicianos	melicianos [2]	(Doc. 25, fól. 1r, l. 26-27), (Doc. 44, fól. 1r, l. 17)
	milicianos [1]	(Doc. 44, fól. 1r, l. 14-15)
ministério	ministerio [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 11)
	menisterio [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 36)
oficiais	offeciais [10]	(Doc. 4, fól. 1r, l. 17), (Doc. 7, fól. 1r, l. 22)... <sup>191</sup>
	oficiais [4]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 41), (Doc. 12, fól. 1r, l. 13)...
participamos	participamos [2]	(Doc. 41, fól. 1r, l. 08), participa (Doc. 36, fól. 1r, l. 03)
	partecipamos [1]	(Doc. 22, fól. 2v, l. 08), parteçipo (Doc. 40, fól. 1r, l. 09)
riqueza	riqueza [1]	(Doc. 50, fól. 1v, l. 13)
	requeza [1]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 13)
utilizar	utilizar [1]	(Doc. 50, fól. 1v, l. 12)
	uteliza [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 30)

<sup>191</sup> Uma ocorrência de *ofeciais*: Doc. 59, fól. 1r, l. 09.

## Ocorrências sem flutuação gráfica:

ademetir (Doc. 37, fól. 1r, l. 11)\	insufeciencia (Doc. 51, fól. 2r, l. 13),
aSestio (Doc. 35, fól. 1r, l. 14), (Doc. 43, fól. 2r, l. 15)	(Doc. 53, fól. 1v, l. 20)
certefico [8] (Doc. 7, fól. 1r, l. 06),	magnefiSencia (Doc. 13, fól. 1r, l. 08)
(Doc. 9, fól. 1r, l. 06)...	meleciannas (Doc. 8, fól. 1r, l. 05),
corregirá (Doc. 50, fól. 2r, l. 11)	(Doc. 59, fól. 1r, l. 18)
creaçõeS (Doc. 56, fól. 1r, l. 33)	menistro (Doc. 19, fól. 1r, l. 09 e 11),
defenida (Doc. 22, fól. 1r, l. 45)	(Doc. 22, fól. 1r, l. 37)
deferente [5] (Doc. 44, fól. 1r, l. 28),	meretiSimo (Doc. 38, fól. 1r, l. 05)
(Doc. 48(a), fól. 1r, l. 04)...	partecipamos (Doc. 22, fól. 2v, l. 08)
deficuldade (Doc. 60, fól. 1r, l. 09)	poSebelidade (Doc. 13, fól. 1r, l. 11)
deligençia (Doc. 2, fól. 1r, l. 10)	pervilegiados (Doc. 4, fól. 1r, l. 13)
demanaõ (Doc. 22, fól. 1r, l. 21)	previlegiados (Doc. 44, fól. 1r, l. 14)
desfarçar (Doc. 27, fól. 1r, l. 07)	previlegios (Doc. 4, fól. 1r, l. 11),
despoziçoins (Doc. 22, fól. 1r, l. 32)	premicias (Doc. 22, fól. 1r, l. 32)
destin(c)to/a [4] (Doc. 3, fól. 1r, l. 17),	prezedio (Doc. 24, fól. 1r, l. 19 e 24-25)
(Doc. 27, fól. 1r, l. 16)...	repremir [3] (Doc. 4, fól. 1r, l. 03),
destrebuida (Doc. 28(a), fól. 3, l. 03)	(Doc. 10, fól. 1r, l. 18)...
destri(c)to [18] (Doc. 6, fól. 1r, l. 06),	requezitos (Doc. 48, fól. 1r, l. 14)
(Doc. 10, fól. 1r, l. 31)...	sertefique (Doc. 25, fól. 1r, l. 21-22)
devidem (Doc. 56, fól. 1v, l. 26-27)	sufecientes (Doc. 56, fól. 1r, l. 29-30)
devina (Doc. 36, fól. 1r, l. 16)	vereficar (Doc. 22, fól. 1r, l. 41-42)
edeficios (Doc. 22, fól. 2r, l. 33-34)	vertudes (Doc. 36, fól. 1r, l. 11)
emnimigo (Doc. 16, fól. 1r, l. 27)	vezinhança (Doc. 31, fól. 1r, l. 29),
eregir (Doc. 4, fól. 1r, l. 12)	(Doc. 44, fól. 1r, l. 27)
exzençaõ (Doc. 31, fól. 1r, l. 32)	

## Posição tônica

dízimo	dizimo [3]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 33 e 36), (Doc. 22, fól. 1v, l. 12)
	dezimo [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 20-21)

destinguerão [pretérito] (Doc. 37, fól. 1r, l. 14)

## Posição postônica

príncipe	principe [5]	(Doc. 31, fól. 1r, l. 33), (Doc. 32, fól. 1r, l. 04)...
	princepe [3]	(Doc. 22, fól. 2v, l. 12), (Doc. 27, fól. 1r, l. 15)...

## 5.4 USO DO GRAFEMA &lt;I&gt; EM LUGAR DO GRAFEMA &lt;E&gt;

Quando ocorre <i> em lugar de <e> nas palavras com <i> na sílaba tônica, Maia (1986, p. 362) opina que “o uso deste grafema corresponde a uma alteração de tipo

assimilatório”, presente no português antigo e PE popular, bem como no português brasileiro;<sup>192</sup> o alçamento da vogal pretônica seria uma harmonização vocálica, quando a tônica fosse vogal alta. No *corpus*, a permuta de <e> por <i> ocorre mesmo quando não é <i> a vogal tônica.

consequência	consequencia [4]	(Doc. 28(a), fól. 1r, l. 02) <sup>193</sup> , (Doc. 50, fól. 1r, l. 07)
	comsiquencia [3]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 02), (Doc. 31, fól. 1r, l. 12)...
despesa	despeza [24]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 23), (Doc. 28, fól. 1r, l. 13)...
	dispeza [2]	(Doc. 43, fól. 1r, l. 03), (Doc. 44, fól. 1r, l. 26)
presidente	prezidente [29]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 03), (Doc. 7, fól. 1r, l. 20-21)...
	prizidente [3]	(Doc. 44, fól. 1v, l. 11), (Doc. 51, fól. 4r, l. 22).. <sup>194</sup>
reais	reais [4]	(Doc. 38, fól. 1r, l. 08), (Doc. 45, fól. 1r, l. 03)...
	riais [1]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 06)
real	real [19]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 03), (Doc. 16, fól. 1r, l. 31)...
	rial [6]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 06 e 36), (Doc. 11, fól. 1r, l. 18)...
vereador	vereador [7]	(Doc. 11, fól. 1r, l. 27 e 29), (Doc. 23, fól. 1r, l. 23 e 25)...
	veriadador [7]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 23, 24 e 25), (Doc. 11, fól. 1r, l. 28)...

Ocorrências sem flutuação gráfica:

bixigas (Doc. 1, fól. 2, l. 09), (Doc. 1, fól. 4r, l. 13)	instantania mente (Doc. 10, fól. 1r, l. 05)
dispendeu (Doc. 43, fól. 2r, l. 12)	liais (Doc. 16, fól. 1r, l. 30)
divida [devida] (Doc. 27, dól. 1r, l. 08)	sismarias (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 06), (Doc. 46, fól. 1r, l. 05-06)
establicimentos (Doc. 10, fól. 1r, l. 28)	sugiridas (Doc. 41, fól. 1r, l. 28)
filis (Doc. 36, dól. 1r, l. 03)	veriança (Doc. 33, fól. 1r, l. 23)
imulimentos (Doc. 10, fól. 1r, l. 24)	

<sup>192</sup> Exemplos colhidos nos anos 1970, em Tibagi, região vizinha de Castro: Isfregadera, istômugo, istrepe, istrivo, minino, miricano, mixirica, pissiguero, rilique [reliquia], siquiiio [sequilho], vistígio. (Tonio, 1981, passim)

<sup>193</sup> Uma ocorrência de *comsequencia*: Doc. 28(a), fól. 1r, l. 02.

<sup>194</sup> Uma ocorrência de *prizedente*: Doc. 51, fól. 3r, l. 22.

### 5.5 USO DO GRAFEMA <EI> EM LUGAR DOS GRAFEMAS <E> E <I>

Algumas formas, pouco numerosas, com ditongo – quase sempre inicial - <ei> ou <ey> ocorreram no *corpus*. Trata-se de uma tendência que se manifestou no antigo galego-português (Maia, 1986, p. 357). No *corpus*, ocorreram: *eizensoens* (Doc. 4, fól. 1r, l. 17), *eizentos*, (Doc. 4, fól. 1r, l. 18), *eifeito* (Doc. 5, fól. 1r, l. 05-06), *elegeiraõ* (Doc. 7, fól. 1r, l. 10), *veixame* (Doc. 15, fól. 1r, l. 05), (Doc. 25, fól. 1r, l. 23-24)<sup>195</sup>, *Aleixandre* (Doc. 22, fól. 1r, l. 35), *eigualmente* (Doc. 35, fól. 1r, l. 16) e *eizatas* (Doc. 41, fól. 1r, l. 17).

Podem ser grafias resultantes de ultracorreção, atribuível à monotongação de /ey/. O fenômeno, que se produziu no sul de Portugal, conforme aponta Teysser (1982, p. 64) é hoje muito freqüente no Brasil, especialmente antes de /r/, /l/ e /ʒ/, como há muitos anos já assinalou Amaral (1955, p. 50).

Muitos falantes, na atualidade, raciocinam assim: “Se eu falo *quejo*, o certo é *queijo*; se eu digo *Texera*, a norma culta é *Teixeira*; então, o correto será *bandeija*, *carangueijo*...” Analogamente pode ter pensado o escriba, de onde as ultracorreções.

### 5.6 USO DO GRAFEMA <EM>, <EN> EM LUGAR DOS GRAFEMAS <IM>, <IN>

A respeito, informa Nunes (1956, p. 62):

Em algumas falas populares do país, com exceção das duas províncias ao sul do Tejo, e já desde o século XVI pelo menos, soa *ĩ-* a vogal nasal *ẽ-*, quer originária, sem dúvida pela mesma razão porque a oral *e* vale de *i* nas mesmas falas; assim ouvem-se frequentemente ao povo dessas regiões pronúncias como *imbição*, *sindeu*, *quingosta*, *alinterna*, etc. É talvez devido a isso que os vocábulos latinos *pendicare*, *vindicare*, *singellu-*, etc., deram *pingar*, *vingar*, *singel* ou *singelo*, quando a sua transformação regular seria *pengar*, *vengar* (cf. o espanhol *vengar* e fr. *venger*) (...). Pelo mesmo motivo, ou antes por influência literária, diz-se e escreve-se hoje *inteiro*, *inveja*, *injúria*, *infinda*, *ingratidão*, em vez de *enteiro*, *enjúria*, *enfinda*, *enratidão*, como regularmente diziam e escreviam os nossos antigos.

<sup>195</sup> Mas *vexame*: (Doc. 15, fól. 1r, l. 19), (Doc. 16, fól. 1r, l. 05), (Doc. 51, fól. 2r, l. 19), (Doc. 51, fól. 4r, l. 12), (Doc. 53, fól. 1v, l. 25).

## Ocorrências com flutuação gráfica:

impedir	empedir	(Doc. 26, fól. 1r, l. 10)
	impedimento	(Doc. 45, fól. 1r, l. 08-09)
imposição	impozição [1]	(Doc. 56, fól. 1r, l. 17)
	empozição [1]	(Doc. 11, fól. 1r, l. 08)
inclusa	em cluza [2]	(Doc. 6, fól. 1r, l. 11), (Doc. 23, fól. 1r, l. 14)
	incluzivamente [1]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 06)
inferiores	emfrioeres	(Doc. 48(a), fól. 1r, l. 02)
	inferiores	(Doc. 26, fól. 2r, l. 05)
inteligência	emteligencia	(Doc. 28(a), fól. 1r, l. 07)
	inteligenciados	(Doc. 44, fól. 1r, l. 07)
invadido	envadido	(Doc. 10, fól. 1r, l. 16), (Doc. 31, fól. 1r, l. 28), (Doc. 16, fól. 1r, l. 16) <sup>196</sup>
	invadida	(Doc. 56, fól. 1v, l. 30)
princípio	prencipio	(Doc. 32, fól. 1r, l. 08), (Doc. 37, fól. 1r, l. 08), (Doc. 10, fól. 1r, l. 15) <sup>197</sup> (Doc. 33, fól. 1r, l. 07), (Doc. 35, fól. 1r, l. 04-05) <sup>198</sup>
	principios [3]	(Doc. 21, fól. 1r, l. 14-15), (Doc. 22, fól. 1v, l. 40)... <sup>199</sup>
principalmente	prencipalmente [1]	(Doc. 16, fól. 1r, l. 10-11), (Doc. 10, fól. 1r, l. 11) <sup>200</sup>
	principalmente [7]	(Doc. 51, fól. 2r, l. 19), (Doc. 53, fól. 1v, l. 25)

## Ocorrências sem flutuação gráfica:

Imbituva	Embetuba	(Doc. 16, fól. 1r, l. 28)
imposição	empozição	(Doc. 11, fól. 1r, l. 08)
impelidos	empelidos	(Doc. 31, fól. 1r, l. 03)
incapaz	emCapas	(Doc. 31, fól. 1r, l. 12-13)
incômodos	encomodos	(Doc. 31, fól. 1r, l. 05)
informe	emforme	(Doc. 48(a), fól. 1r, l. 01)
insinua	emcinua	(Doc. 10, fól. 1r, l. 08-09)
insultos	emsultos	(Doc. 4, fól. 1r, l. 04), (Doc. 16, fól. 1r, l. 10)

<sup>196</sup> Uma ocorrência de *envadidos*: Doc. 31, fól. 1r, l. 28, outra de *embadindo*: Doc. 16, fól. 1r, l. 16.

<sup>197</sup> Uma ocorrência de *prencipiada*: Doc. 10, fól. 1r, l. 15.

<sup>198</sup> Uma ocorrência de *prencipiow*: Doc. 33, fól. 1r, l. 07; uma ocorrência de *prencipiando*: Doc. 35, fól. 1r, l. 04-05.

<sup>199</sup> Uma ocorrência de *prencipiada*: Doc. 57, fól. 1r, l. 18.

<sup>200</sup> Uma ocorrência de *prencipais*: Doc. 10, fól. 1r, l. 11.

## 5 7 USO DO GRAFEMA <IN>, EM LUGAR DO GRAFEMA <EN>

A flutuação mencionada no item anterior ocorre também de maneira inversa: o grafema <en> apresenta certa instabilidade, alternando principalmente com <in>. (Cf. Maia, 1986, p. 355 ss.)

### Posição pretônica

Ocorrências com flutuação gráfica:

enterros	enterrada	(Doc. 22, fól. 2r, l. 28)
	interros	(Doc. 10, fól. 1r, l. 24)
enviar	inviou [4]	(Doc. 56, fól. 1r, l. 06), (Doc. 56, fól. 2r, l. 08), (Doc. 53, fól. 2r, l. 17) <sup>201</sup> , (Doc. 58, fól. 1r, l. 07)
	emviarme [2]	(Doc. 29, fól. 1r, l. 03), (Doc. 47, fól. 1r, l. 03) <sup>202</sup>

Ocorrências sem flutuação gráfica:

encerrada	incerrada	(Doc. 55, fól. 3r, l. 14)
entendendo	intendendo	(Doc. 41, fól. 1r, l. 17)

## 5 8 USO DO GRAFEMA <U> EM LUGAR DO GRAFEMA <O>

Em sílaba átona, o grafema <o> apresenta uma oscilação, alternando com <u> (Maia, 1986, p. 396). No *corpus*, em início de palavras, surge sempre o grafema <o>: *obediente, objecto*<sup>203</sup>, *oblaçoins, obrar, obrigação, obrigado, observamos, observancia, obstaculos, ocazioens, ofreecer, opulencia, oponhaõ, opreçivo, opreçoins...*

As ocorrências de <u> nas demais sílabas átonas não foram muitas, mas indicam o alçamento [o] > [u], iniciado aparentemente no século XVII e completo por volta de 1800, conforme sugere Teysser (1982, p. 61-62): *absulutos* (Doc. 4, fól. 1r, l. 14), em *puder* de (Doc. 15, fól. 1r, l. 11), *Sem Sepuder* levantar (Doc. 25, fól. 1r, l. 17), *imulimentos*

<sup>201</sup> Uma ocorrência de *inviasssem*: Doc. 53, fól. 2r, l. 17; outra de *inviallo*: Doc. 58, fól. 1r, l. 07.

<sup>202</sup> Uma ocorrência de *emviou*: Doc. 47, fól. 1r, l. 03.

<sup>203</sup> Indicaria, talvez, uma pronúncia aberta do *o* inicial, como ocorre atualmente no português lusitano, no caso de *o+b+consoante*? Cf. Cuesta; Luz, 1971, t. 1, p. 330.

(Doc. 10, fól. 1r, l. 24), *suberano* (Doc. 13, fól. 1r, l. 03), *culuna* (Doc. 20, fól. 1r, l. 04)<sup>204</sup>, *sucego* (Doc. 22, fól. 1r, l. 20), *mauZuleu* (Doc. 35, fól. 1r, l. 19), *coverto* (Doc. 35, fól. 1r, l. 19), *rucio* (Doc. 43, fól. 2r, l. 08)<sup>205</sup>, *CuMandante* (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 03, 08 e 11).

### 5.9 USO DO GRAFEMA <O> EM LUGAR DO GRAFEMA <U>

Ocorre em três posições: pretônica, postônica e final. Reflete a existência do arquifonema /U/.

Em posição pretônica, com flutuação gráfica:

avultado	avoltado [1]	(Doc. 37, fól. 1r, l. 15)
	avultado [2]	(Doc. 51, fól. 2r, l. 23), (Doc. 53, fól. 1v, l. 29)
Curitiba	Coritiba [34]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 19), (Doc. 1, fól. 1v, l. 11, 20 e 24), (Doc. 1, fól. 2r, l. 07, 13, 17, 22 e 27), (Doc. 1, fól. 2v, l. 02 e 11), (Doc. 1, fól. 3r, l. 01, 17, 21, 26 e 32), (Doc. 1, fól. 3v, l. 01, 08, 12, 18, 22 e 32), (Doc. 1, fól. 3v, l. 01, 08, 12, 18, 22 e 32), (Doc. 1, fól. 4r, l. 01, 07, 15, 24, 29 e 34)
	Curitiba [1]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 02)
luminárias	lominarias [1]	(Doc. 14, fól. 1r, l. 08-09)
	luminarias [4]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 12), (Doc. 32, fól. 1r, l. 11), (Doc. 38, fól. 1r, l. 16), (Doc. 49, fól. 1r, l. 12),
circunstâncias	sirconstansias [2]	(Doc. 2, fól. 1r, l. 14), (Doc. 6, fól. 1r, l. 12-13)
	circunstancias [4]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 26 e 44), (Doc. 44, fól. 1v, l. 03)...

Sem flutuação gráfica:

cumprimento	comprimento [5]	(Doc. 6, fól. 1r, l. 02), (Doc. 8, fól. 1r, l. 08)...
cumprido	comprido [1]	(Doc. 8, fól. 1r, l. 12)
fúriosa	fórioza [1]	(Doc. 19, fól. 1r, l. 08)
opulenta	opolenta [1]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 12)
suficientes	soficientes [1]	(Doc. 60, fól. 1r, l. 08)

Posição postônica:

frívolo	fribulo [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 19)
---------	-------------	---------------------------

<sup>204</sup> Mas *coluna* linhas abaixo: (Doc. 20, fól. 1r, l. 09)

<sup>205</sup> Mas *rocio* linhas abaixo: (Doc. 43, fól. 3r, l. 13) e noutro documento (Doc. 51, fól. 3r, l. 08)

Posição final:

ônus	onos [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 18)
	onnos [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 27)
laudamus <sup>206</sup>	laudamos [1]	(Doc. 14, fól. 1r, l. 11), (Doc. 33, fól. 1r, l. 16-17)

### 5.10 SÍNCOPE DE VOGAIS ÁTONAS

Teyssier (1982, p. 66) observou que “o português vem sendo trabalhado desde séculos pela tendência ao enfraquecimento das vogais átonas.” O *corpus* apresenta diversos casos de síncope de vogais pretônicas, especialmente /e/, que podem ser atribuídas, certamente a lapsos dos escribas, como sugere Maia (1986, p. 360): “É certo que ocorrem nos textos, desde o século XIII, algumas formas com síncope de *e* pretônico (...). Mas são formas muito esporádicas que sempre nos podem deixar a dúvida de tratar-se de lapsos dos copistas,” sugerindo, contudo, traços de oralidade.

Foram anotados:

estabelecida (Doc. 10, fól. 1r, l. 15)	emfrioeres (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 02)
estabelecimento (Doc. 10, fól. 1r, l. 26)	obdecendo (Doc. 60, fól. 1r, l. 02)
establicimento (Doc. 10, fól. 1r, l. 28)	ofreecer (Doc. 10, fól. 1r, l. 13)
establacimento (Doc. 11, fól. 1r, l. 08)	partcipar (Doc. 3, fól. 1r, l. 04)
establecer (Doc. 11, fól. 1r, l. 05)	sobrana (Doc. 10, fól. 1r, l. 36), (Doc. 11, fól. 1r, l. 19)
exprementamos (Doc. 31, fól. 1r, l. 31)	breador (Doc. 41, fól. 1r, l. 10 e 24)
exprimentaõ (Doc. 50, fól. 1v, l. 27)	verador (Doc. 50, fól. 2r, l. 17)
infrioeres (Doc. 59, fól. 1r, l. 04 e 09)	vranças (Doc. 43, fól. 2r, l. 16)

Inegavelmente, para ouvidos brasileiros, tais síncopes evocam influência lusitana. É lícito supor que os escribas fossem portugueses natos, ou que tivessem estudado em Portugal. Estas grafias podem indicar também uma redução da vogal átona, talvez encontrada no Brasil àquela época, e hoje predominante apenas no PE.

<sup>206</sup> Na expressão latina: *Te Deum laudamus*.

### 5.11 MONOTONGAÇÃO DE /EY

Já foi observado que, no Brasil, é geral a monotongação de /ey/ > /e/ antes de /r/, /f/ e /z/ (Amaral, 1955, p. 50). No *corpus*, esse ditongo ocorreu 108 vezes nas condições em que costuma monotongar-se:

alqueire [2]	deixarei [1]	inteiro [3]	Pereira [6]	terseira [1]
beijaõ [1]	dinheiro [2]	Loureiro [1]	porteiros [2]	terseiro [8]
beijar [1]	estrangeiro [1]	madeiras [1]	primeira [3]	tropeiros [7]
Carneiro [8]	Ferreira [13],	maneira [1]	primeiramente	verdadeira [1]
deixa [1]	fevereiro [2]	Oliveira [9]	[1]	verdadeiramente
deixando [3]	Freire [6]	padroeira [1]	primeiro [7]	[1]
deixar [1]	fronteira [3]	Peixoto [1]	queira [3]	Vieira [1]
			Teixeira [5]	<b>Total: 108</b>

Computando-se os casos em que ocorreu o fenômeno, verifica-se um total de 114 ocorrências de /ey/ nas condições em que costuma haver monotongação, e ela efetivou-se apenas seis vezes:

bejam (Doc. 11, fól. 1r, l. 24)  
 bejamos (Doc. 12, fól. 1r, l. 12), (Doc. 13, fól. 1r, l. 19)  
 bejaõ (Doc. 15, fól. 1r, l. 28), (Doc. 16, fól. 1v, l. 12)  
 bejo (Doc. 27, fól. 1r, l. 27)

Estes vestígios, contudo, embora escassos, “podem ser vistos como dados significativos se lembrado o fato de serem verdadeiras *baixas* no estado de vigília aplicado aos textos” cerimoniosos, certamente redigidos com o cuidado correspondente ao destino – a circulação oficial. (Barbosa, 1999, p. 170)

### 5.12 EPÊNTESE<sup>207</sup>

Nos grupos consonantais eruditos <dm> e <dv> há três ocorrências de epêntese de <e>

ademetir (Doc. 37, fól. 1r, l. 11)

adevertem (Doc. 28, fól. 1r, l. 04)

adevogar (Doc. 41, fól. 1r, l. 10)

É marca típica da fonética brasileira (Silveira, 2004, p. 232) , sendo de notar que a vogal epentética, em vastas regiões do país, é [i]; nos Campos Gerais, porém, na atualidade, costuma ser [e].

### 5.13 METÁTESE

É metaplasmo freqüente nas variedades populares do Brasil e de Portugal, que também ocorreu na língua arcaica.<sup>208</sup> Já observava Duarte Nunes de Leão (1983, p. 223):

Traspassam-se as letras de um lugar a outro, como foi em *fenestra*, por que dizemos *freesta*; de *capistrum*, *cabresto*; por *feria*, *feira*; por *vicario*, *vigairo* e como em *sylvester* por que dizemos *silvestre*; em *niger*, *negro* em *pauper pobre*; de *zinziber*, *gengivre*.

Na linguagem rural de Tibagi, município vizinho a Castro, anotaram-se:

*barganha* > *breganha*, *querosene* > *criosene*, *tormenta* > *tromenta*, *precisão* > *percisão*, *torceu* > *troceu*<sup>209</sup> ...

No *corpus*, ocorreram as seguintes metáteses – ressalvada sempre a hipótese de *lapsus calami* do escriba:

bárbaro > brabaro (Doc. 15, fól. 1r, l. 12)

burlesco > brulesco (Doc. 38, fól. 1r, l. 20)

<sup>207</sup> “Na fala coloquial, os encontros consonantais do tipo -pt-, -tm-, -pn-, -ps- são naturalmente desfeitos, por suarabácti, oferecendo, dessa forma, dificuldade na escrita, pela falta de correspondência entre ambos os sistemas oral e escrito: *capturado*; *rítimo*, *empenotizar*. (Aguilera, 1997, p. 138)

<sup>208</sup> Nunes, 1956, p. 154-155.

<sup>209</sup> Toniolo, 1981, *passim*.

determina > detremina (Doc. 8, fól. 1r, l. 09-10)

mas *determina* (Doc. 47, fól. 1r, l. 08)

determinação > detreminasaõ (Doc. 7, fól. 1r, l. 30)

determinar > detreminar (Doc. 2, fól. 1r, l. 10), (Doc. 25, fól. 1r, l. 30)

determinava > detreminava (Doc. 37, fól. 1r, l. 0)

determinou > detreminou (Doc. 38, fól. 1r, l. 10)

A respeito, assim de manifesta Barbosa (1999, p. 162-163):

Certos itens lexicais, como os cognatos de *determinar* e *pretender*, apresentam maior índice de ocorrência. Ao que parece, esses casos estariam espelhando variantes bem ativas, pois não se pode dizer que sejam problemas de grafiação de pessoas pouco hábeis na escrita.

extorções > extroçoins (Doc. 41, fól. 1r, l. 28)

extorquindo-se > extroquindoce (Doc. 10, fól. 1r, l. 22)

mas *extorquidas* (Doc. 22, fól. 1r, l. 43)

permitem > premitem (Doc. 29, fól. 1r, l. 08)

preciso > persizo (Doc. 3, fól. 1r, l. 24), (Doc. 16, fól. 1v, l. 02)

percizo (Doc. 60, fól. 1r, l. 10)

precisamos > persizamos (Doc. 15, fól. 1r, l. 24-25)

preciosa > persioza (Doc. 13, fól. 1r, l. 15)

presença > perzensa (Doc. 6, fól. 1r, l. 15)

mas *prezensa* (Doc. 3, fól. 1r, l. 02), (Doc. 7, fól. 1r, l. 28)

*prezença* [23 ocorrências]<sup>210</sup>

*prezenca* (Doc. 51, fól. 4r, l. 01)

*prezença* (Doc. 16, fól. 1r, l. 02)

pretendemos > pertendemos (Doc. 36, fól. 1r, l. 16)

pretendido > pertendido (Doc. 41, fól. 1r, l. 07), (Doc. 46, fól. 1r, l. 06)

pretendida > pertendida (Doc. 46, fól. 1r, l. 03)

pretende > pertende<sup>211</sup> (Doc. 56, fól. 1v, l. 22)

<sup>210</sup> (Doc. 10, fól. r, l. 06 e 33), (Doc. 11, fól. 1r, l. 19), (Doc. 13, fól. 1r, l. 04), (Doc. 15, fól. 1r, l. 02), (Doc. 17, fól. qr, l. 14), (Doc. 21, fól. 1r, l. 02), (Doc. 22, fól. 2v, l. 09), (Doc. 23, fól. 1r, l. 17), (Doc. 25, fól. 1r, l. 12 e 29), (Doc. 41, fól. 1r, l. 06), (Doc. 41, fól. 1r, l. 25), (Doc. 44, fól. 1r, l. 12), (Doc. 50, fól. 2r, l. 10), (Doc. 51, fól. 2r, l. 05), (Doc. 53, fól. 1v, l. 12), (Doc. 55, fól. 1r, l. 03), (Doc. 55, fól. 2r, l. 26), (Doc. 55, fól. 3r, l. 06), (Doc. 55, fól. 3r, l. 17), (Doc. 56, fól. 1r, l. 06), (Doc. 57, fól. 1r, l. 13).

privilegiados > pervilegiados (Doc. 4, fól. 1r, l. 13)

procissão > porsisaõ (Doc. 5, fól. 1r, l. 11), (Doc. 33, fól. 1r, l. 16), (Doc. 38, fól. 1r, l. 18)

procurador > percurador (Doc. 23, fól. 1r, l. 26)

#### 5.14 ROTACISMO

Observou-se um caso: *compremento* (Doc. 37, fól. 1r, l. 02)

Pode-se supor razoavelmente que *suplimento* (Doc. 24, fól. 1r, l. 04) seja uma ultracorreção, por *suprimento*.

#### 5 15 MARCAS DO ARCAICO

Essas marcas são freqüentes no glossário, como se verá oportunamente. São exemplos:

alcaide (Doc. 43, fól. 4r, l. 02): “E ante de o dito Alcaide seruir, lhe será em Camara dado juramento sobre os Sanctos Auangelhos, (...)”<sup>212</sup>

capitão general (Doc. 7, fól. 2r, l. 33)

conhecença (Doc. 21, fól. 1r, l. 8-9)

desobriga (Doc. 10, fól. 1r, l. 19-20)

finta (Doc. 10, fól. 1r, l. 17): “(...) porem se a finta nom ouuer de seer mais que atee quatro mil

reaes, (...)”<sup>213</sup>

Uma forma como *exprementamos* (Doc. 31, fól. 1r, l. 31) pertence simultaneamente à linguagem arcaica e à rural, ocorrendo também na fala culta coloquial.<sup>214</sup>

Aparece um exemplo do velho participio em *-udo*:

a pratica do aSumpto nella conteudo. (Doc. 26, fól. 2r, l. 03)

<sup>211</sup> Ocorre nas Cartas Chilenas: “Outro, para pagar, pertende espera; (...)” (GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas chilenas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940. p.168. [Carta 2ª, verso 240])

<sup>212</sup> *Ordenações manuelinas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. p. 382-283.

<sup>213</sup> *Ordenações manuelinas*, cit. p. 335.

<sup>214</sup> Duarte Nunes de Leão condena a forma *esprimentar*, recomendando *experimental*. (Leão, 1983, p. 165)

A antiga regência do verbo *assistir*:

“...naõ só= | voluntariamente aSestio com apolvora, para | as descargas que sederaõ ...”

(Doc. 35, fól. 1r, l. 13-15)

Até a antiga forma *el-rei*:

El Rey NoSo Senhor (Doc. 38, fól. 1r, l. 09-10); Viva ElRei Constitucional (Doc. 55, fól. 2r, l.35)

## 5 16 LUSITANISMOS

Alguns traços lingüísticos, hoje típicos de Portugal, aparecem no *corpus*; denunciam, talvez, a presença de escribas lusitanos, ou de pessoas aqui residentes que se instruíram no reino.

Por exemplo, a expressão ao pé de, hoje só usada no Brasil em frases feitas como *ao pé da letra* e (*bofetão ao*) *pé do ouvido*: “sendo esta villa cituada aopé do | Rio chamado ýapo, (...)” (Doc. 25, fól. 1r, l. 12-13)

Encontra-se no *corpus* uma contração dos pronomes oblíquos átonos *me + a = ma*:

“areprehenssão de quem | mapode dar, epunir” (Doc. 27, fól. 1r, l. 08-09)

É uma construção com evidente sabor lusitano. Vejamos o que dizem dois gramáticos a respeito: “No Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lo, no-lo, vo-lo*, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.” (Cunha e Cintra, 1985, p. 300)

O mesmo se pode afirmar dos numerais *dezaSeis* (Doc. 24, fól. 1r, l. 11) e *dezasete* (Doc. 33, fól. 1r, l. 06), em vez de *dezesseis* e *dezessete* (Cunha e Cintra, 1985, p. 363), ao que parece as únicas formas vigentes em nosso país.

## 6 OBSERVAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS

### 6.1 ADVÉRBIOS EM –MENTE

Embora se trate de um problema também ortográfico, discutem-se aqui esses advérbios, devido a seu aspecto mórfico. No *corpus*, verificaram-se 64 ocorrências dessas formas, sendo 57 sem fronteira e 7 com ela: *instantania mente* em contraste com *felismente*. Para facilitar o cotejo entre os períodos, desprezou-se uma ocorrência isolada, sómente, num documento de 1776, uma vez que as demais surgem apenas a partir de 1797. A natureza da documentação predominante (cartas oficiais) explica o número relativamente baixo de formas dessa natureza; é sabido que tal advérbio, usualmente um modalizador, será mais freqüente em textos argumentativos. São modalizadores asseverativos, por exemplo, *efetivamente*, *obviamente*, *inegavelmente*, *incontestavelmente*, *realmente*, etc (Basílio, 1998, p. 23)

Pareceu razoável aceitar a possibilidade de considerar *–mente* um elemento de composição, e não um sufixo, na esteira de estudos de Geraldo Cintra (1983) e Margarida Basílio (1998), cujos argumentos se resumem mais adiante. Por igual, examinar-se-ão as ocorrências no *corpus*, e as possíveis razões para *–mente* aparecer com fronteira de palavra.

#### 6.1.1 Os Advérbios em *-mente* no Português Atual

De início, observando o aspecto fonológico, vemos que

nas formações em *-mente* a acentuação da palavra base não se submete totalmente à do sufixo, como é de regra nas formações sufixais do português brasileiro. Considere-se, por exemplo, a diferença de padrão acentual entre *nitidamente* e *nitidez* ou *inutilmente* e *inutilidade*: no primeiro membro do par temos um padrão acentual com dois picos, enquanto no segundo, o acento da palavra base se neutraliza frente ao acento do sufixo. (Basílio, 1998, p. 16)

Por outro lado, as vogais médias abertas, “embora passando à posição pré-tônica em virtude do acréscimo de *-mente*, deixam de apresentar o fechamento característico desta posição, como vemos em *certamente, brevemente, supostamente*, em oposição a *certeza, brevidade e suposição*.” (Basílio, 1998, p. 16)

Em termos sintáticos, podemos enumerar mais de um adjetivo, e utilizar *-mente* apenas na última formação; é a *fatoração*, à semelhança da matemática, que permite pôr-se em evidência o elemento formador *-mente*. Assim, é possível dizer-se: “No meu time jogará quem estiver bem – moral, física e tecnicamente.” Tal fato parece indicar “o caráter não afixal de *-mente*.” (Basílio, 1998, p. 17) Para Epifânio da Silva Dias, esta fatoração torna-se possível na ausência de ênfase (Dias, 1959, p. 174); Rodrigues Lapa concorda, afirmando que “a repetição do *-mente* produz uma sensação de intensidade” e aponta o exemplo queirosiano: “Cruges respirava largamente, voluptuosamente.” (Lapa, 1968, p. 191).

Desta maneira, *-mente* seria o único sufixo a ter este privilégio. Contudo, existe argumento contrário, porque “há uma situação análoga no lado da prefixação em pares do tipo *micro* e *macro estrutura, infra* e *super estrutura, maxi* e *mini saia, multi* ou *interdisciplinar*, e assim por diante” (Basílio, 1998, p. 18)

A fatoração é antiga no idioma, como se comprova com a Gramática de João de Barros: “O avérbio, ainda que não tem tanta força como o verbo e nome em seu regimento, muitas dições se regem dele e alguns têm estes três acidentes. Muitas vezes se ajuntam dous em alguma conjunção, como *muito bem se fez isto*.”

E com conjunção se ajuntam dous e três, como: *bem prudente e sagazmente se houveram os Romanos contra os Cartagineses*.” (Barros, 1957, p. 45)<sup>215</sup>

Além disto, é o único a exigir concordância de gênero: Só se agrega a adjetivos femininos – ou que possam ser analisados como femininos. “Formações adverbiais em *-mente* são construídas a partir da forma feminina do adjetivo correspondente, assim configurando uma situação que fere frontalmente a regra geral de que formas flexionadas não podem ser derivantes.” (Basílio, 1998, p. 16).

<sup>215</sup> Mencionam-se três exemplos de autor do século XVIII (1734): “(...) ambas as duas Coroaz, ajudandose, e correspondendose reciproca e amigavelm.<sup>te</sup> em todos os accidentes do tp.<sup>o</sup> q’ occurressem, sem perverter nem contradizer em cousa algũa, aquella mais pura, e exacta observancia dos Tractados da páz.” “Ao q’ respondi sincera, e verdadeiram.<sup>te</sup> me nao’ haviaio’ chegado taes poderes d’El Rey meu Amo (...)” “(...) e saquiou intrepida, e escandalozam.<sup>te</sup> não’ pequena p.<sup>te</sup> do reconcavo desta Cid.<sup>e</sup>, (...)” (MIRALES, José de. Historia militar do Brasil. *Anaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. XXII, p. 85, 91 e 139, 1900). [Sublinhado nosso]

João de Barros já havia observado o fato: “Per outra maneira soprimos grande diversidade de avérbios, ajuntando a um nome ajetivo feminino esta palavra, *-mente* e dizemos: *boamente, màmente, escassamente, grandemente*, etc., que quer dizer ‘boa, má, escassa, grande, vontade’.” (Barros, 1957, p 40)

Tal concordância de gênero, portanto, daria também origem a palavra com flexão interna<sup>216</sup>, uma vez que os sufixos flexionais de gênero e número ocorrem sempre nesta ordem, seguindo-se aos derivacionais, no final do vocábulo (Cintra, 1983, p. 78):

vers - o

vers - o - s

vers - inh - o - s

vers - ícul - o - s

lind - o

lind - o - s

lind - a

Porém:

lind - a - mente

### 6.1.2 Origem dos Advérbios em *-mente*

O latim clássico formava advérbios derivados principalmente por meio de três sufixos:

(I) -e, -o: com os adjetivos e participios da segunda declinação<sup>217</sup>

**Aperte** resistere (= resistir abertamente) (*Sallustio, BI 40, 2*)

**Praeclare** intellego (= compreendo muito bem) (*Cic. Rep. IV, IV, 4*)

Exemplos latinos com o sufixo –o: “His paratis rebus, milites **silentio** naues conscendere iubet, (...)” (= preparadas estas coisas, manda os soldados subirem em silêncio

<sup>216</sup> Ocorre flexão interna de número: *balãozinho / balõeszinhos*. Exemplo do Prof. Paulo de Tarso Galembeck.

<sup>217</sup> Na língua artificial esperanto, Zamenhof utilizou o morfema latino: *trankvila* (tranquilo), *trankvile* (tranqüilamente); *forta* (forte), *forte* (fortemente); *klara* (claro[a]), *klare* (claramente)...

nos navios) (*Caesar, BC 1, 27, 5*) “Tunc veniam **subito**, nec quisquam nuntiet ante (= então virei subitamente, sem que ninguém anuncie antes) (*Tib. 1, 3, 89*)

O sufixo –e sobreviveria no rumeno –*ește*: *românesc* → *românește* (Maurer Júnior, 1959, p. 163): *a vorbi românește* (falar rumeno). Mas é freqüente o adjetivo masculino: *foarte larg* (= mui largamente). Em português também ocorre tal emprego, observando-se que, neste caso, “não dispondo de marca morfológica, o adjetivo adverbializado precisa de aparecer junto ao verbo”, para evitar ser tomado como atributo do sujeito (Hummel, 2002, p. 56): *falar alto, andar apressado, vender barato, enxergar direito, passar direto, falar (cobrar) errado, beber escondido, respirar fundo, falar grosso, pegar leve, correr ligeiro, chorar manso, pensar negativo, descer redondo, seguir reto, comprar separado, jogar sujo, comparecer urgente...*

(II) -(i)ter: com adjetivos da terceira declinação

**Audacter** ac fortiter sententias dicere (= exprimir opinião com coragem e energia) (*BC 1, 1, 2*)

(III) -tim: com substantivos e adjetivos

Laxat **furtim** Danaos (= solta furtivamente os gregos) (*En II, 258-259*)

**Passim** silentia et gemitus (= em toda a parte silêncio e pranto) (*Tac. An. 2, 82, 3*)

Nemine **nominatim** compellato (= sem especificar nomes) (*Tac. An. 16, 27, 2*)

Ipse **paulatim** dispersos milites in unum contrahit. (= reúne pouco a pouco num só ponto os soldados dispersos) (*Sal. BI 98, 4*)

Com o desuso destes afixos<sup>218</sup>, o latim vulgar preferia formar o advérbio a partir do masculino dos adjetivos: *delicatum loquitur* (= fala delicadamente), processo que existe no português, como se viu acima. Contudo, prevaleceu o emprego de **-mente**, originado, em termos diacrônicos, do ablativo singular do substantivo feminino latino *mens, mentis* (Hummel, 2002, p. 44).

<sup>218</sup> Duarte Nunes de Leão menciona essa “deficiência” do português: “Outra curteza he como tambem a todos os mais Hespanhoes, Franceses & Italianos, que como os nomes não tem desinencias certas de casos, como tem os latinos, não tem meo para deriuarem delles seus aduerbios, & supprimos essa falta com esta palavra mente, porque os latinos dizem, prudenter, & fortiter, & assi dizem os Italianos como nos, & os Franceses o suppreem com esta adjeção syllabica mant, que he o mesmo.” (Leão, 1945, p. 306 [Cap. XIX])

Trata-se de recurso antigo, uma vez que já se encontram vestígios deste uso de **mente** no próprio latim clássico (Coutinho, 1969, p. 264; cf. Hummel, 2002, p. 44):

'bona mente factum, ideo palam' (Quintiliano, Inst. Orat. V, 10, 52)

“Sed obstinata mente perfer, obdura.” (Catulo, II, 8) Mas com ostinada mente persevera, insiste.

“(…) consolor socios, ut longi taedia belli / mente ferant placida, (…)” (Ovídio, Metam. liber XIII, v. 214-215)

Ernesto Carneiro Ribeiro menciona, sem indicar as fontes, que o “ablativo latino de mens mentis (...) em alguns casos já oferecia na língua matriz o sentido que ajunta ao adjetivo a que se apõe: *pia mente, devota mente, simulata mente*. (Ribeiro, 1956, p. 112)

No latim cristão, aparecem expressões formadas com o ablativo *mente*, indicando sentimento ou intenção:

“(…) hi resistunt veritati, homines corrupti mente, (…).” (= resistem à verdade, homens corrompidos de entendimento) (2 Tim. 3: 8)

Já no latim vulgar, teria **mente** assumido a significação de *modo* (Nunes, 1967, p. XCV)

A forma feminina do adjetivo, ao qual se agrega, decorreria de uma simples regra de concordância: O substantivo **mente**, sendo feminino, obrigava o adjetivo a tomar este gênero.

Nas outras línguas românicas, também figura –mente:

bojament “loucamente” (Catalão)

No francês, temos *franchement, honnêtement, doucement* (francamente, honestamente, docemente), embora os falantes hoje prefiram *d'une façon franche et honnête* ou construção equivalente.

Em espanhol, emprega-se mesmo a fatoração: *Puedes decir franca y honestamente* (= podes falar franca e honestamente).

Esses advérbios “eram, ao princípio, pouco freqüentes na língua; foram os escritores que, reconhecendo o seu valor expressivo, os começaram a usar gradualmente nos seus livros.” (Lapa, 1968, p. 188)

### 6.1.3 Formas Coladas e Não Coladas

Durante parte da diacronia do idioma, grafou-se *–mente* descolado do adjetivo, de certa forma confirmando a visão de que ele não é um sufixo, mas elemento de composição de palavra. No espanhol, a gramática de Nebrija o grafa normalmente com fronteira de palavra – 14 ocorrências nos primeiros 17 fôlios, havendo somente uma forma sem fronteira, *ligeramente*, por sinal no fôlio 1r, inicial. (Nebrija, 1992)

A fusão dos dois elementos num só vocábulo surge no final do período arcaico, segundo Silveira Bueno (1967, p. 163), que cita exemplos de Dom Duarte: “Segundo a pratica que per myn passey, este acho boo regimento brevemente scripto.” “E aquestas hom muyto sobejo em cada hũa, mas tanto de que razoadamente avoonta de se contente ou deva contentar.”

É o que se verifica em Fernão de Oliveira:

Na declinação natural onde falamos das dições tiradas: podemos tãbem meter os auerbios os quaes quando são tirados polla mayor parte ou semp’ acabão em mente. como cõpridamente. abstadamente. chammente. e porem ha hi muitos q’ não são tirados como. antes. despois. asinha. logo. çedo. tarde. e quasi podemos notar q’ os auerbios acabados em .mente. sinificação calidade. e não todos os q’ sinificação qualidad’ acabão em .mête. porq’ ja agora não diremos prestesmente. como disserão os velhos nẽ raramête os quaes velhos tãbẽ forão amigos de pronũciar hũs certos nomes verbaes em .mento. como cõprimêto, afeiçoamêto. e outros q’ ja agora não vsamos. (Oliveira, 1954, p. 83)

João de Barros, segue a mesma prática: “A todas estas cousas corresponde o nome ajetivo *bons*, com que perfeitamente recebemos aquela notícia, *os homens bons*.” (Barros, 1957, p. 43)

Em Camões, surgem apenas formas sem fronteira:

Altamente lhe doe perder a gloria, (I, 31)

Deueis de ter sabido claramente (I, 24)

Que em casos tão estranhos claramente, (III, 82)

Que nos no mar ouuimos claramente, (IV, 94)

Vi claramente visto o lume viuo (V, 18)

Que claramente poem aberto o rosto (X, 58)

Como a sua superficie, claramente. (X, 77)  
 Tambem aos maos se dà, mas falsamente. (X, 84)  
 Que fortissimamente pelejaua; (IV, 40)  
 Destas & outras victorias longamente (IV, 47)  
 Contarte longamente as perigosas (V, 16)  
 Depois de ter pisada longamente (V, 47)  
 Hum monte alto, que corre longamente, (VII, 21)  
 Tiuerão longamente na cidade (IX, 1)  
 Ora fogem do centro longamente (X, 90)  
 Porque eis os seus acesos nouamente (IV, 39)  
 Manda logo os feitores Lusitanos  
 Com toda sua fazenda liurementemente,  
 .....  
 Recebe o Capitão de melhormente  
 Os presos que as desculpas, (...). (IX, 12)

Pera cantaruos mente as Musas dada  
 .....  
 Como a presaga mente vaticina, (X, 155)

### Distribuição das ocorrências.

No *corpus*, ocorrem com fronteira de palavra:

felis mente (Doc. 3, fól. 1r, l. 18, 1797)  
 nova mente (Doc. 4, fól. 1r, l. 12, 1798)  
 total mente (Doc. 4, fól. 1r, l. 13, 1798)  
 instantania mente (Doc. 10, fól. 1r, l. 05, 1799)  
 primeira mente (Doc. 10, fól. 1r, l. 09, 1799)  
 reverente mente (Doc. 11, fól. 1r, l. 24, 1799)  
 premsipal mente (Doc. 15, fól. 1r, l. 08, 1801)

Sem fonteira de palavra:

Sómente (Doc. 2, fól. 1r, l. 16, ano de 1787). Ocorrência desprezada, como foi explicado acima.  
 felismente (Doc. 4, fól. 1r, l. 25, ano de 1798)  
 uniformemente (Doc. 7, fól. 1r, l. 10, 1798)  
 prontamente (Doc. 8, fól. 1r, l. 06, 1798)

anualmente (Doc. 10, fól. 1r, l. 20, 1799)  
 actualmente (Doc. 16, fól. 1r, l. 05-06, 1801)  
 prencipalmente (Doc. 16, fól. 1r, l. 10-11, 1801)  
 incluzivamente (Doc. 22, fól. 1r, l. 06, 1803)  
 inteiramente (Doc. 22, fól. 1r, l. 09, 1803)  
 claramente (Doc. 22, fól. 1r, l. 12, 1803)  
 doutamente (Doc. 22, fól. 1r, l. 25, 1803)  
 expressamente (Doc. 22, fól. 1r, l. 29, 1803)  
 igualmente (Doc. 22, fól. 1r, l. 43, 1803)  
 peculiarmente (Doc. 22, fól. 1v, l. 03, 1803)  
 claramente (Doc. 22, fól. 1v, l. 12, 1803)  
 igualmente (Doc. 22, fól. 2r, l. 08, 1803 )  
 igualmente (Doc. 22, fól. 2r, l. 23, 1803)  
 diariamente (Doc. 22, fól. 2r, l. 35, 1803)  
 atualmente (Doc. 22, fól. 2v, l. 01, 1803)  
 novamente (Doc. 22, fól. 2v, l. 08, 1803)  
 uniformemente (Doc. 24, fól. 1r, l. 26, 1803)  
 iuntamente (Doc. 26, fól. 1r, l. 06, 1808)  
 emediatemente (Doc. 27, fól. 1r, l. 03, 1808)  
 submissamente (Doc. 27, fól. 1r, l. 25-26, 1808)  
 imediatamente (Doc. 28, fól. 1r, l. 10, 1808)  
 igualmente (Doc. 31, fól. 1r, l. 11, 1811)  
 nimiamente (Doc. 31, fól. 1r, l. 12, 1811)  
 fugitivamente (Doc. 31, fól. 1r, l. 26, 1811)  
 oCularmente (Doc. 33, fól. 1r, l. 20, 1812)  
 voluntariamente (Doc. 35, fól. 1r, l. 14, 1816)  
 igualmente (Doc. 35, fól. 1r, l. 16, 1816)  
 deviduamente (Doc. 37, fól. 1r, l. 06, 1817)  
 voluntariamente (Doc. 37, fól. 1r, l. 12-13, 1817)  
 sumamente (Doc. 37, fól. 1r, l. 16, 1817)  
 nimiamente (Doc. 41, fól. 1r, l. 15, 1818)  
 temetuosamente (Doc. 41, fól. 1r, l. 15-16, 1818)  
 somente (Doc. 41, fól. 1r, l. 19, 1818)  
 juntamente (Doc. 41, fól. 1r, l. 26, 1818)  
 actualmente (Doc. 43, fól. 4r, l. 17, 1819)  
 anualmente (Doc. 44, fól. 1r, l. 23, 1819)  
 igualmente (Doc. 44, fól. 1r, l. 26, 1819)  
 continuamente (Doc. 44, fól. 1r, l. 27, 1819)  
 Rellativamente (Doc. 46, fól. 1r, l. 04, 1820)  
 verdadeiramente (Doc. 46, fól. 1r, l. 05-06, 1820)  
 continuamente (Doc. 50, fól. 1v, l. 27, 1821)  
 emedeatamente (Doc. 51, fól. 1r, l. 05, 1821)  
 indespinsavelmente (Doc. 51, fól. 1r, l. 29, 1821)  
 principalmente (Doc. 51, fól. 2r, l. 19, 1821)  
 continuamente (Doc. 51, fól. 2r, l. 22, 1822)  
 Continuamente (Doc. 53, fól. 1r, l. 16, 1822)  
 novamente (Doc. 53, fól. 1r, l. 21, 1822)  
 indispensavelmente (Doc. 53, fól. 1v, l. 04, 1822)  
 principalmente (Doc. 53, fól. 1v, l. 25, 1822)  
 continuamente (Doc. 53, fól. 1v, l. 28, 1822)

prezentemente (Doc. 56, fól. 1r, l. 08, 1822)  
 continuamente (Doc. 56, fól. 1r, l. 33, 1822)  
 precariamente (Doc. 57, fól. 1r, l. 24, 1822)  
 Rellativamente (Doc. 59, fól. 1r, l. 01, 1822)

### Em síntese:

Décadas	Sem fronteira de palavra	Com fronteira de palavra
1791 – 1800	4	6
1801 – 1810	20	1
1811 – 1820	19	-
1821 – 1830	14	-

A impressão inicial, a partir dos dados supra, é de que as formas com fronteira de palavra foram-se extinguindo entre 1790 e 1810. Dessa década em diante, as formas coladas são praticamente as únicas que se encontram. Contudo, sabe-se da história da língua que essa fronteira já havia desaparecido séculos antes.<sup>219</sup>

No entanto, as formas bimembres aparecem pelo menos oito vezes em Megale e Toledo Neto, 2005. Nessa obra, figuram 47 documentos brasileiros, redigidos de 1626 a 1700, estando os advérbios em *-mente* assim distribuídos:

Com fronteira de palavra	Sem fronteira de palavra	Ocorrências duvidosas <sup>220</sup>
pessoal <i>mente</i> - linha 58 invioLavel <i>mente</i> - linha 154 misticamente - linha 627 milagroza <i>mente</i> - 1084 Effetiva <i>mente</i> - 1161 soo <i>mente</i> - 1632 fiel <i>mente</i> - 1717 iusta <i>mente</i> - 1746  Total: 8	Ejuntamente - linha 229 miudamente - linha 312 façilmente - linha 232 Realmente - linha 594 continamente - linha 604 successivamente - linha 667 sumariamente - linha 777 pessoalmente - linha 778 in   teiramente - linha 813 euerdadeiramentesirua - linha 837 Inteiramente - linha 839 ejuntamente - 1059 masjuntamente - 1841 priuatiuamente - 1871 eparticularmente - 1873 vltimamente - 1874-1875 eprincipalmente - 3721 principalmente - 4004 voluntariamente - 4009 principalmente - 4053 politicamente - 4072 voluntariamente - 4074  Total: 22	só=   <i>mente</i> - linha 232 sepeçoal-  <i>mente</i> - 1129 inteyra   <i>mente</i> - linha 1833 eparticular   <i>mente</i> - linha 1978 actual   <i>mente</i> - 3974 voluntaria   <i>mente</i> - 4058  Total: 6

<sup>219</sup> “No século XVI usou-se dividir com hífen a terminação adverbial *-mente*, do adjectivo a que se junta, **livremente**, por ex.: Seria plausível esta escrita, mormente quando a terminação afecta vários adjectivos consecutivos, como **triste- e saudosa-mente**. Assim são escritos êstes advérbios nas ORDENAÇÕES FILIPINAS, publicadas no tempo de D. João IV. Usou-se também separar do adjectivo esta terminação: **livremente**: cf. **de boa mente**.” (Viana, 1904, p. 192-193, nota 1)

<sup>220</sup> Duvidosas, uma vez que nelas o fim da linha coincide com a possível fronteira.

Total de ocorrências: 36

Bimembres: 8 – 22,22%  
 Unimembres: 22 – 61,11%  
 Duvidosas: 6 – 16,67%

Observações finais:

O pequeno número de ocorrências, no *corpus*, de advérbios desse tipo, não favorece, obviamente, conclusões definitivas. Uma vez que o elemento *–mente* já se havia “colado” muito tempo antes da redação dos manuscritos, podem-se apenas formular hipóteses explicativas para a existência destas formas com fronteira de palavra:

a) haveria uma espécie de arcaísmo ortográfico; por alguma razão desconhecida, as formas com fronteira de palavra teriam sobrevivido através de gerações inteiras, vindo à luz aqui e ali e sendo objeto de imitação;

b) tais formas (com fronteira) podem ser apenas resultado de uma transcrição incorreta nossa, como resultado de interpretar mal o espaço, às vezes irregular, que os escribas deixavam entre as palavras (por vezes grafadas sem fronteira<sup>221</sup>) e mesmo entre as sílabas; no caso, por mera coincidência, tal espaço acabou sendo visto como separando o elemento *–mente*;

c) seria apenas um *lapsus calami*, ou, talvez, sintoma de alfabetização incompleta: o escriba teria visto *–mente* como elemento de uma palavra composta. Separável, portanto. A circunstância de não poder apurar com certeza a identidade do(s) escriba(s) impede a atribuição da autoria de qualquer dos textos a uma ou várias pessoas.

## 6.2 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS

Retomando o levantamento referente aos pronomes oblíquos:

---

<sup>221</sup> “L’usage moderne d’espaces blancs accompagnant les signes s’est établi assez tard.” (= o uso moderno de espaços em branco acompanhando os signos fixou-se tardiamente). (Llorach, 1968, p. 550)

	Colados	Com fronteira
<b>me</b> proclítico	13	1
<b>me</b> enclítico	8	1
<b>o</b> proclítico	16	8
<b>o</b> enclítico	1	0
<b>a</b> proclítico	4	1
<b>a</b> enclítico	2	0
<b>se</b> proclítico	95	45
<b>se</b> enclítico	24	6
<b>lhe</b> proclítico	2	13
<b>lhe</b> enclítico	1	1
<b>os</b> proclítico	0	6
<b>os</b> enclítico	0	2
<b>as</b> proclítico	0	6
<b>as</b> enclítico	0	0
<b>nos</b> proclítico	1	38
<b>nos</b> enclítico	7	5
<b>lhes</b> proclítico	0	5
<b>lhes</b> enclítico	0	0
<b>Totais</b>	174	138

Separando-se, agora, proclíticos e enclíticos, resulta:

	Colados	Com fronteira	Totais
Proclíticos	131 52%	123 48%	254 100%
Enclíticos	43 74%	15 26%	58 100%
<b>Totais</b>	174	138	312

Vê-se que os oblíquos colados são mais freqüentes do que com fronteira, sendo maioria decisiva no caso de ênclise. Estava ainda em vigor, portanto, ao menos em parte, o que se afirmava a respeito de fases mais antigas do idioma: “Escreviam-se outrora os enclíticos unindo-os, sem separação alguma, à palavra a que ficavam subordinados e continuou-se esta prática ainda em tempo de Vieira e Bernardes.” (Said Ali, 1965, p. 47)

Por outro lado, cotejando-se todos os casos de próclise com todos os de ênclise, temos:

$$\begin{array}{r} \text{Todos os casos de próclise: } 131 + 123 = 254 \quad \mathbf{81\%} \\ \text{Todos os casos de ênclise: } 43 + 15 = \frac{58}{312} \quad \frac{19\%}{100\%} \end{array}$$

É o predomínio claríssimo da próclise, indicando, já naquela época, a colocação que predomina atualmente no Brasil.

## 7 A ARGUMENTAÇÃO NUM MANUSCRITO DE 1811

Neste capítulo, procura-se observar os recursos argumentativos utilizados pelos “oficiais da Camera” da Vila Nova de Castro, numa carta oficial encaminhada ao Capitão General da Capitania de São Paulo, Antônio José de Franca e Horta, em 29 de junho de 1811, solicitando que a vila fosse dispensada do recrutamento que então se fazia na *Quinta Comarca* para fornecer contingente à expedição de desbravamento dos sertões de Guarapuava (Roderjan, 1992, p. 181-188).

Por longo tempo os estudiosos julgaram que uma das principais funções da linguagem seria *representar o mundo*, e fazer desta representação o assunto da comunicação. Contudo, na atualidade, aceita-se o fato de que **nenhum discurso é neutro**, nenhum ato de comunicação é inocente, mas, antes, é inerentemente argumentativo. O componente argumentativo passou a ser observado em todas as situações comunicativas, ou seja, a argumentação é vista como intrínseca à natureza da linguagem (Benedito, 2003).

Isto porque o homem

por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar** constitui o ato lingüístico fundamental, pois **a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. (Koch, 1984, p. 19)

Cada um de nós, conforme as circunstâncias, é levado a argumentar, quer se trate de defender os próprios interesses, justificar sua conduta, censurar um amigo ou opor-se ao governo (Oléron, 1983, p. 3-4).

Esta postura leva a observar, no documento em foco, alguns recursos argumentativos, os quais se tornam particularmente visíveis, uma vez que o texto defende um ponto de vista antagônico ao da autoridade a quem se dirige. Todavia, tendo em conta a época e o meio utilizado — correspondência manuscrita — o número de tais recursos torna-se forçosamente restrito.

Análise do texto:

### Transcrição semidiplomática

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

Por quanto nos movidos pelas continuadas vexações, *que* suporta este miseravel Povo, em pelidos pela testemunhas prezenciaes detantos, etam grandes emcomodos praticados entre nos neste Pais onde habitamos, animados pela experiencia do benigno, e Paternal a Colhimento com que Vossa Excellencia atende as humildes Suplicas dos tristtes eafectos vacalos, nos da Lugar a por mos na respeitavel prezenca de Vossa Excellencia oflagelo, que nos oprime: Sendo esta villa deCastro demuito Moderna fundação; igualmente composta deindividuos nimiamente pobres: foce por comsiquencia emCasas pas desofrer continuados destacamentos, efrequentes transportes demantimentos eatrahidos da mesma para aexpedição deGarapuaba; sem que ella amease huã total ruina oufinal destruição; edefacto nos avemos gemer debaixo desua imfragavel extençaõ; por que sendo transportados os miseraveis pobres para qual Expedição por tres mezes, por *que* ja não ha mais gente *para* os render, ficaõ retidos por seis oumais mezes, epor*que* huma taõ longa auzencia de suas cazas lhes rezulta taõ grandes prejuizos; desta maneira esCandalizados apenas saõ exzemplos daquele destacamento, na mesma acção. Com suas familias sevão transportando para oContinente doSul fugitivamente edestta forma setem des povoado esteComtinento onde vivemos naõ com menos risco desermos emvadidos pelos Bugres pela propinquidade desua vezinhança: eacrescendo mais aonos clamor; afalta demantimenttos que exprementamos pelamesma razãõ ponderada. E como temos emvistta aExzenção dada por Vossa Excellencia aos habitantes davilla doPrincipe para naõ serem tirados *para* aquela Expedisaõ. Por tanto tendo Lugar napiedoza atenção deVossa Excellencia esta noSa humilde Suplica rogamos nos queira izentar desahirem desta villa para aquela expedição peSoa[s] Pessoas moradoras, estabelecidas: sendo isto do agrado deVossa Excellencia aquem dezejamos huma perfeita saude por *muitos annos* que Deos Goarde Vila deCastro em Camera de29 de Junho de1811./.

DeVossa Excellencia

Subditos reverentes.

Luiz Castanho de Araujo

Diogo Bueno de Almeida

Bernardo Moreira Pais

Visente Joze de Gois

Joze Vellozo deCarvalho

### Lição modernizada

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor,

Porquanto nós, movidos pelas continuadas vexações *que* suporta este miserável povo, impelidos pelas testemunhas presenciais de tantos e tão grandes incômodos praticados entre nós neste País onde habitamos, animados pela experiência do benigno e paternal acolhimento com que Vossa Excelência atende às humildes súplicas dos tristes e afeitos<sup>222</sup> vassalos, nos dá lugar a por mos na respeitável presença de Vossa Excelência o flagelo *que* nos oprime: Sendo esta vila de Castro de muito moderna<sup>223</sup> fundação, igualmente composta de indivíduos nimiamente pobres, fosse por consequência incapaz de sofrer continuados destacamentos<sup>224</sup>, e frequentes transportes de mantimentos e atraídos da mesma para a expedição de Guarapuava; sem que ela ameace uma total ruína ou final destruição; e de fato nós a vemos gemer debaixo de sua infragável extensão; porque sendo transportados os miseráveis pobres para a qual expedição por três meses, e porque já não há mais gente para os render<sup>225</sup>, ficam retidos por seis ou mais meses, e porque uma tão longa ausência de suas casas lhes resulta tão grandes prejuízos, desta maneira escandalizados apenas são exemplos daquele destacamento, na mesma ação. Com suas famílias se vão transportando para o Continente do Sul<sup>226</sup> fugitivamente e desta forma se tem despovoado este Continente onde vivemos, não com menos risco de sermos invadidos pelos bugres, pela propinquidade<sup>227</sup> de sua vizinhança; e acrescento mais ao nosso clamor a falta de mantimentos que experimentamos pela mesma razão ponderada. E como temos em vista a isenção dada por Excelência aos habitantes da Vila do Príncipe<sup>228</sup> para não serem tirados para aquela expedição; portanto, tendo lugar na piedosa atenção de Vossa Excelência esta nossa humilde súplica, rogamos nos queira isentar de saírem desta vila para aquela expedição pessoas moradoras, estabelecidas, sendo isto do agrado de Vossa Excelência, a quem desejamos uma perfeita saúde por muitos anos, que Deus guarde. Vila de Castro, em Câmara<sup>229</sup> de 29 de Junho de 1811.

De Vossa Excelência

Súditos reverentes,

Luís Castanho de Araujo

Diogo Bueno de Almeida

Bernardo Moreira Pais

Vicente José de Góis

José Veloso de Carvalho

<sup>222</sup> *afeito*: oprimido; do latim *affectus*

<sup>223</sup> *moderna*: recente. Castro tinha sido elevada a vila em 1789, portanto apenas 22 anos antes.

<sup>224</sup> *destacamento*: significava antigamente “ação de destacar”, daí “recrutar soldados entre os civis”; posteriormente, passou ao sentido concreto de “agrupamento de ação militar que se separa do grosso das tropas”.

<sup>225</sup> *render*: revezar.

<sup>226</sup> *Continente do Sul, Continente de São Pedro*: Rio Grande do Sul.

<sup>227</sup> *propinquidade*: proximidade, vizinhança; do latim *propinquitatis*, *-atis*.

<sup>228</sup> *Vila [Nova] do Príncipe*: atual cidade da Lapa.

<sup>229</sup> *Câmara/Câmara*: sessão dos “oficiais do conselho”, equivalentes aos atuais vereadores.

Dentre os numerosos recursos argumentativos existentes, os autores da carta oficial analisada deram bastante ênfase à seleção lexical, a qual se prende à relação dinâmica e constitutiva que se estabelece entre o *sujeito* e a *linguagem*, dela decorrendo, muito naturalmente, uma concepção de estilo alicerçado na *escolha vocabular* (Fiad, 2000, p. 132). Os “oficiais da Câmara” utilizaram amplamente de termos intensificadores, principalmente adjetivos, para reforçar a descrição dos males pelos quais passavam, e o lenitivo que a autoridade poderia proporcionar à infeliz condição dos moradores:

**continuadas** vexações  
**miserável** povo (**miseráveis** pobres)  
testemunhas **presenciais**  
**tristes** e **afeitos** vassallos  
o **flagelo** que nos **oprime**  
**continuados** destacamentos  
**frequentes** transportes de mantimentos  
**gerner** debaixo de sua infragável extensão  
uma **total** ruína ou **final** destruição  
**propinqüidade** de sua vizinhança  
pela mesma razão **ponderada**  
pessoas **moradoras**, **estabelecidas**

Para salientar a bondade do governante e a acolhida que esperavam para o pedido, empregam-se termos que enaltecem o Capitão General e frisam a submissão dos castrenses:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor  
benigno e paternal acolhimento  
respeitável presença  
piedosa atenção  
humilde súplica (humildes súplicas)  
perfeita saúde  
que Deus guarde.  
súditos reverentes

A submissão é reiterada no final do texto: Mesmo após a insistência no pedido, os vereadores deixam claro que esperam ser atendidos “sendo isto do agrado de Vossa Excelência”. Conformam-se, portanto, com a decisão da autoridade.

Cabe destacar a utilização de um vocabulário erudito, abrangendo latinismos, o que sugere, na redação do texto, a influência (embora não explícita no texto e assinaturas) de um clérigo:

**afeitos** vassallos  
 indivíduos **nimiamente** pobres  
**infragável** extensão  
 pela **propinqüidade** de sua vizinhança

Os subscritores do pedido não eram cidadãos anônimos, porém os “oficiais da Câmara”, porta-vozes da população da vila. Assim, os cultismos empregados harmonizam-se com o peso adicional da autoridade.

Alguns modalizadores empregados:  
**igualmente** composta de indivíduos nimiamente pobres  
 se vão transportando para o Continente do Sul **fugitivamente**

O texto apresenta, igualmente, dêiticos<sup>230</sup> em bom número; os autores frisam a distância espacial em que se situa a Vila de Castro em relação a São Paulo (Capital), e a distância entre eles próprios e a autoridade:

**nós**, movidos pelas continuadas vexações que suporta **este** miserável povo  
 entre **nós neste** País  
 acolhimento com que **Vossa Excelência** atende  
**nos** dá lugar  
 o flagelo que **nos** oprime: Sendo **esta** vila de Castro  
**nós** a vemos gemer  
 debaixo de **sua** infragável extensão  
 uma tão longa ausência de **suas** casas  
**desta** maneira escandalizados  
**daquele** destacamento  
**suas** famílias se vão transportando **para o Continente do Sul**

<sup>230</sup> “Dêixis – Faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar.” (Câmara Jr., 1964, p. 101). Os dêiticos apontam, no espaço ou no contexto: Este lápis.

**desta forma** se tem despovoado **este** Continente  
 propinquidade de **sua** vizinhança  
 acrescento mais ao **nosso** clamor  
 dada por **Vossa Excelência**  
 para não serem tirados para **aquela** expedição  
 atenção de **Vossa Excelência esta** nossa humilde súplica  
 saírem **desta** vila para **aquela** expedição  
 sendo **isto** do agrado de **Vossa Excelência**  
**Vila de Castro, em Câmara**  
 De **Vossa Excelência** Súditos reverentes

A argumentação poderia visar à objetividade do raciocínio silogístico puro:

O governante piedoso não sobrecarrega os vassalos pobres;  
 Ora, esta vila é pobre e incapaz de fornecer o contingente requerido;  
 Portanto, a piedade de Vossa Excelência a dispensará da recruta.

Contudo, na sua atividade argumentativa, os sujeitos argumentadores buscaram — mais que num relato inteiramente objetivo dos fatos — provocar emoções, mobilizar a afetividade, encaminhando a mente do destinatário no sentido que os enunciadores tinham em mira.

Num texto argumentativo, em geral utiliza-se uma pluralidade de argumentos; a razão para isto é que raramente um só deles possui a força de levar à convicção. A ordem de apresentação deles pode ir do mais fraco ao mais forte, preparando favoravelmente o espírito do receptor para arrastá-lo à persuasão final. (Oléron, 1983, p. 110-111) Parece que, no caso presente, o argumento final foi lembrar *a isenção dada por Vossa Excelência aos habitantes da Vila do Príncipe para não serem tirados para aquela expedição*. Isto é, se os habitantes de lá foram dispensados, por que nós não o seríamos? Deu-se visibilidade ao fato — talvez o elemento mais importante da argumentação (Garcia, 1974, p. 363).

É possível censurar nos autores o emprego de vocabulário e sintaxe muito sofisticados, que resultaram num conjunto de frases caudalosas e confusas, com aquela aparência “labiríntica, que esplendeu nos séculos XVI e XVII” (Garcia, 1974, p. 93-94),

talvez por influência da oralidade.<sup>231</sup> Tais construções hoje se evitariam, porque não seriam compreendidas, ou só o seriam parcialmente (Oléron, 1983, p. 24). Todavia, dada a natureza do documento, é de se prever que tanto destinatores como destinatário estavam habituados a tal estilo de escrita, costumeiro na correspondência oficial dos inícios do século XIX. Era a linguagem esperada, que não causava surpresas.

Tratando-se de um texto manuscrito, não puderam, obviamente, ser usados alguns recursos, como grafar alguns termos em itálico e negrito. Por outro lado, uma vez que naquela época a pontuação era escassamente empregada, não figuram no texto reticências, travessões, pontos de exclamação e interrogação.

Vê-se, portanto, que, há pouco menos de duzentos anos, os obscuros vereadores de uma pobre e atrasada vila interiorana da Capitania de São Paulo conseguiram argumentar satisfatoriamente perante a autoridade, na defesa dos seus interesses.

---

<sup>231</sup> Observação do Prof. Paulo de Tarso Galembeck.

## 8 TOPÔNIMOS E ANTROPÔNIMOS

### 8.1 INTRODUÇÃO

Os manuscritos de natureza oficial podem fornecer materiais muito produtivos relativamente a certas áreas lexicais, como a toponímia e a antroponímia, às vezes escassamente representadas nos textos literários. (Maia, 2002 p. 241) Em consequência, alistam-se os topônimos do *corpus*, mesmo aqueles que possam ter menor importância, por denominarem propriedades rurais, na expectativa de também serem úteis às pesquisas históricas.<sup>232</sup>

### 8.2 TOPÔNIMOS

A paragem ou pouso do Iapó tornou-se freguesia em 1774; no *corpus*, a primeira menção à **Freguesia de Santa Anna do Hyapo** ou **Freguesia do Hyapó** é de 2 de junho de 1787. (Doc. 2, fól. 1r, l. 02 e 16). Anos mais tarde, em 1789, foi elevada a vila, com o nome de **Vila Nova de Castro**; tal denominação teria sido homenagem ao ministro português Martinho de Mello e Castro. Esse é o topônimo que figura no termo de abertura do livro I de atas da Câmara Municipal, de 1789; com o correr do tempo, desapareceu o adjetivo **Nova**, restando apenas **Vila de Castro**. (Borba, 1986, p. 23-25)

No *corpus* aparecem as diferentes denominações – às vezes, duas distintas num mesmo documento; é o caso das três certidões firmadas por Manoel Machado da Silva, que têm um intróito padronizado, mencionando a **Villa Nova de Castro**, mas o fecho é **Villa de Castro**:

Manoel Machado daSilva  
Escrivaõ daCamera Orfaons Judi  
cial eNotas nesta villa nova  
deCastro e seu Termo por Provizaõ  
Regia etcetera.

---

<sup>232</sup> “(...) toda publicação tem que ser uma *reprodução inteligente* de materiais para a história, exigindo para tal como mínimo, ir acompanhada daqueles esclarecimentos históricos, biográficos, topográficos, numeração, pontos de referência e índices minuciosos, - onomástico, topográfico e geral, - que permitam que a obra seja utilizada convenientemente. (Blanco, 1956, p. 19-20)

Na última, de 1803, talvez por algum motivo burocrático ou legal, provisão é substituída por suplimento. Temos, portanto, nas certidões:

**Villa Nova de Castro e Villa de Castro** (Doc. 7, fól. 1r, l. 03-04 e 35, de 11-06-1798), (Doc. 9, fól. 1r, l. 03-04 e 16, de 21-09-1798) e (Doc. 24, fól. 1r, l. 03 e 36, de 16-12-1803).

Demais ocorrências, em que se verifica a flutuação toponímica:

**Villa Nova de Castro** (Doc. 6, fól. 1r, l. 18, de 11-06-1798) e (Doc. 23, fól. 1r, l. 19, de 16-12-1803).

**Villa de Castro** [65] (Doc. 3, fól. 1r, l. 24, de 31-07-1797), (Doc. 4, fól. 1r, l. 25)...

**Parochia de Santa Anna de Castro** (Doc. 18, bifól. 1v/2r, l. 03, de 1802)

**Villa da Senhora Santa Anna de Castro** (Doc. 55, fól. 2r, l. 06, de 1822)

O *corpus* registra a primitiva denominação de **Parochia de Santa Anna de Castro** ainda em uso em 1802; **Villa Nova de Castro**, até 1803; e **Villa de Castro** desde 1797. Vê-se, portanto, que houve certa demora em fixar-se o topônimo, certamente devido à natural resistência oferecida pela população às novas denominações; é que há sempre uma inércia coletiva levando as pessoas a continuarem o uso de uma antiga denominação.

Demais topônimos mencionados na documentação:

**Agudos:**...huma paragem de Campos e Matos, denominada os Agudos... (Doc. 50, fól. 1v, l. 9-10)

**Carrapato:** ... nobairro do Carrapato... (Doc. 17, fól. 1r, l. 11)

**Catanduba:** ... nobairro de Catanduba... (Doc. 17, fól. 1r, l. 12)

**Continente do Sul:** ...Continente do Sul... (Doc. 31, fól. 1r, l. 25-26), (Doc. 40, fól. 1r, l. 07)

**Curitiba:** ... da Curitiba... (Doc. 1, fól. 1r), (Doc. 41, fól. 1r, l. 29), (Doc. 50, fól. 2r, l. 6)

...de Cor.<sup>a</sup> (Doc. 1, fól. 1r, l. 19), (Doc. 1, fól. 1v, l. 11), (Doc. 1, fól. 1v, l. 24), (Doc. 1, fól. 3r, l. 01, 17, 21, 26, 32), (Doc. 1, fól. 3v, l. 01, 08, 12, 18, 22, 33), (Doc. 1, fól. 4r, l. 01, 07, 15, 24, 29 e 34)

...da Villa de Coretiba (Doc. 51, fól. 4r, l. 06), (Doc. 53, fól. 2r, l. 16)

**Fazenda da Barra:** ... a fazenda da Barra... (Doc. 16, fól. 1r, l. 16)

**Fazenda da Fortaleza:** Fazenda da Fortaleza... (Doc. 29, fól. 1r, l. 15)

**Fazenda de Jaguariaíva:** Fazenda de Jaguariaíva o 1º de Abril de 1818. (Doc. 40, fól. 1r, l. 13)

**Fazenda do Limoeiro:** ... da Fazenda do Limoeiro (Doc. 22, fól. 2r, l. 20)

**Guarapuava:** ... de Guarapuava (Doc. 27, fól. 1r, l. 06)

... de Garapuava (Doc. 29, fól. 1r, l. 05)

...de Gararapuaba (Doc. 31, fól. 1r, l. 15)

- Iapó**<sup>233</sup> ... em yapõ... (Doc. 1, fól 1r, l. 02),  
 Freguezia de Santa Annado Hyapo (Doc. 2, fól. 1r, l. 02)  
 Freguezia do Hyapó (Doc. 2, fól. 1r, l. 16)  
 ... ao pe do rio chamado ýapo... (Doc. 25, fól. 1r, l. 12-13)  
 ... aPonte do Rio Iapó (Doc. 51, fól. 2r, l. 17)  
 ... aPonte do Rio Hiapó (Doc. 53, fól. 1v, l. 23)
- Ilha de São Miguel:** ... *natural* da Ilha de S. Miguel (Doc. 1, fól. 4v, l. 11)
- Imbituva:** ... entrada por embetuba... (Doc. 16, fól. 1r, l. 28)
- Itu:** ... *natural* de Vila Itu ... (Doc. 1, fól 1r, l. 14)  
 ... da Camera da Villa de Itú... (Doc. 21, fól. 1r, l. 07)  
 ... *natural* de Itu... (Doc. 1, fól. 2v, l. 26)
- Jaguariaíva:** ... nobairro de Jaguaraiba... (Doc. 17, fól. 1r, l. 13)  
 ... Porto de Jaguariaiba ... (Doc. 43, fól. 3r, l. 07)  
 ... Jaguaraiva [6] (Doc. 51, fól. 1r, l. 27), (Doc. 51, fól. 3r, l. 10)...
- Lajes:** ... de Lages... (Doc. 16, fól. 1r, l. 07), (Doc. 50, fól. 2r, l. 03)
- Minas Gerais:** ... *natural* das | das minas gerais... (Doc. 1, fól. 2 v, l. 06-07)
- Paranaguá:** ... Commarca deParanagua eCoritiba ... (Doc. 55, fól. 2r, l. 07)  
 ... da marinh | a de de Parnagoa... (Doc. 1, fól 1r, l. 03-04)  
 ... pensionado em Pernagoá... (Doc. 11, 1r, l. 10)
- Piraí do Sul:** ... do Bairro do Pirahi eFurnas... (Doc. 7, fól. 1r, l. 19)  
 ... oBairro de Pirahi eFurnas... (Doc. 6, fól. 1r, l. 06)
- Porto:** ... da *sidade* do Porto... (Doc. 1, fól. 2v, l. 31)
- Rio de Janeiro:** ... do Rio de Janeiro... (Doc. 1, fól. 1v, l. 02)
- Sabará:** ... da *villa* de Sabara... (Doc. 1, fól. 3v, l. 28)
- Santo Amaro:** ... *natural* de Santo Amaro... (Doc. 1, fól. 2 v, l. 16)
- São Paulo:** ... *natural* | de Saõ Paulo... (Doc. 1, fól. 1r, l. 10)  
 ... Se | cretaria do Governo daCapita | nia de SaõPaulo... (Doc. 9, fól. 1r, l. 09-11)

<sup>233</sup> "P.<sup>a</sup> Lourenço Ribr.<sup>o</sup> de Andrade, Cap.<sup>m</sup> m.<sup>r</sup> da villa de Curytiba. A vista do requerim.<sup>to</sup> incluzo, averiguará V.<sup>cc</sup> a ordem com q. o Furriel de Aux.<sup>es</sup> do Yapó tirou os animaes, de q. tratão os sup.<sup>es</sup>, e me informará com brevid.<sup>e</sup>, p.<sup>a</sup> eu dar as providencias q. me parecerem de justiça. D.<sup>s</sup> g.<sup>e</sup> a Vm.<sup>cc</sup> S. Paulo a 10 de Janr.<sup>o</sup> de 1786.// Franc.<sup>co</sup> da Cunha e Menezes." (*Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. Offícios do General Francisco da Cunha Menezes (Governador da Capitania) – 1782 - 1786*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1961. v. 85, p. 182).

**Sorocaba:** ... de Sorocaba ... (Doc. 1, fól. 2r, l. 02), (Doc. 1, fól. 3r, l. 11), (Doc. 1, fól. 3v, l. 11)

... pagaõ | o imposto em serocaba... (Doc. 11, fól. r, l. 15)

**Tibagi:** ... ebanhada pelo Rio Tubaji ... (Doc. 50, fól. 1v, l. 11)

**Tucunduva:** ... que Requerido tem do Tucunduva ... (Doc. 46, fól. 1r, l. 05)

**Viamão:** ...natural de Viamaõ... (Doc. 1, fól. 1r, l. 10, l. 23)

**Vila do Príncipe:** ... aos habitantes davilla doPrincipe ... (Doc. 31, fól. 1r, l. 33)

**Yrioca:** ...natural de Yrioca ... (Doc. 1, fól. 3r, l. 06)

### 8.3 ANTROPÔNIMOS

Efetou-se um levantamento dos antropônimos que figuram no *corpus*, separados em duas listagens: Os de pessoas que subscreveram documentos, e os que neles foram mencionados. Também constam alguns dados biográficos, com freqüência resumidos, de todos esses indivíduos. Um dos objetivos desse capítulo é facilitar uma possível pesquisa futura sobre quem sejam os autores dos manuscritos; outra meta é facilitar o acesso a dados de natureza meramente genealógica, uma vez que tais levantamentos encontram, aqui e ali, estudiosos interessados.

Foi atualizada a grafia dos antropônimos, no que se refere a iniciais maiúsculas, acentuação e ortografia. Assim:

Afonceca → Afonseca

Joze, Jozê, Jozé, Josê, Iozê, Iosê → José

Athayde → Ataíde

Luçiano, Lucianno → Luciano

Avilla → Ávila

Manoel → Manuel

Azevedo → Azevedo

Maxado → Machado

Barboza → Barbosa

Mello → Melo

Beneditto → Benedito

Niculao → Nicolau

Borgez → Borges

Novaiz → Novais

Cyrino, Cerino → Cirino

Rodriguez → Rodrigues

<sup>234</sup> “Os nomes Patronimicos, que são aquelles que se derivam dos nomes dos pays, e avós, também acabaõ em Z; como Alvarez de Alvaro. (...) Gonçalves de Gonçallo. Rodriguez de Rodrigo.” (Madureira Feijó, 1739, p. 101) Tal uso já fora recomendado por Duarte Nunes de Leão (Leão, 1983, p. 80)

Duminguês → Domingues	Roza → Rosa
Felis → Félix	Saopayo → Sampaio
Generozo → Generoso	Sobtil → Sutil
Gonçalvez <sup>234</sup> → Gonçalves	Vellozo → Veloso
Gouveya → Gouveia	Visente → Vicente
Guimarains, Guimaraens, Guimaraez → Guimarães	Viturino → Vitorino
Ignacio → Inácio	

### 8.3.1 Personagens que Subscreveram os Documentos do *Corpus*

Alistam-se os antropônimos das pessoas que assinaram os documentos do *corpus*, embora raramente se possa afirmar que qualquer delas os tenha redigido. Os dados biográficos, muito sintéticos, destinam-se a facilitar uma eventual pesquisa genealógica, até por parte dos descendentes, muitos deles com certeza ainda hoje habitando os Campos Gerais.

**Almeida, Diogo Bueno:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó. (Doc. 1, fól. 2v, l. 26). Nascido em São Paulo, filho de Ignácio de Sá Arruda e Antônia de Almeida Bueno. Casado no Capão Alto (1770) com Teresa de Oliveira (Negrão, v. 3, p. 591) Vereador em 1811. (Doc. 31, fól. 1v, l. 08)

**Almeida, Inácio Taques de:** Era filho de Lourenço Castanho Taques e Ana Arruda Coutinho. Nasceu em Itu, mais ou menos em 1691. Era Capitão de Ordenança na “Freguezia de Santa Annado Hyapo” em 1787. (Doc. 2, fól. 1r, l. 01-02). Casou em Curitiba, em 1<sup>as</sup> núpcias, com Margarida da Silva. Tiveram os filhos José Pompeu (14-06-1731), Ana de Arruda (28-06-1733), Inácio Taques Pires (1735?), Manuel Ribeiro de Almeida (1739?), Antônia Ribeiro (23-10-1741), Maria das Neves (1742?), Branca de Almeida (31-10-1745), Eusébio Pedroso de Barros (03-11-1747), Escolástica Pedrosa (19-02-1752) e Teresa Maria de Jesus (15-01-1755). Casado no Guartelá, em 2<sup>as</sup> núpcias, com Anna Luiza de Quadros. De notar-se que Inácio Taques de Almeida dava aos filhos os sobrenomes dos padrinhos. Foi tronco da família Taques no Paraná. Devotos de Sant’Ana, os Taques doaram uma área aos frades, onde se ergueu a capela de Sant’Ana do Iapó, que ficou pronta ali por 1751. (Baptista, 2002, p. 18; Lopes, 2004, p. 15-19; Negrão, v. 1, p. 288; v. 5, p. 157-194)

**Andrade, Francisco Ferreira de:** Alferes, casado com Escolástica Pedrosa, filha de Inácio Taques de Almeida. (Lopes, 2004, p. 20) (Doc. 2, fól. 1r, l. 11)

**Araújo, Luís Castanho de:** Natural da vila de Araçariguama, casou-se em 27-04-1767 com Rosa do Espírito Santo Coutinho, filha de Bartolomeu da Rocha Carvalhais. Em 1799 vivia do negócio de tropas no caminho do Rio Grande. Faleceu em 30-08-1830. (Lopes, 2004, p. 109, 110 e 112; Negrão, v. 3, p. 609) Juiz Presidente da Câmara em 1800. (Doc. 12, fól. 1r, l. 15)

**Araújo, Miguel Rodrigues de:** Era genro de Luciano Carneiro Lobo (Lopes, 2004, p. 286) Foi indicado para capitão da Quinta Companhia das Ordenanças em 1820 (Doc. 48, fól. 1r), posto que ocupava em 1822 (Doc. 55, fól. 2v, l. 5).

**Ataíde, José Gouveia de:** Vigário em 1808. (Doc. 26, fól. 2r, l. 8-9)

**Ávila, Vicente Ferreira de:** Era alferes e Procurador da Câmara em 1816 (Doc. 35, fól. 1r, l. 16-18)

**Azevedo, José Leite de:** Ajudante e vereador em 1798. (Doc. 4, fól. 1r, l. 31), (Doc. 7, fól. 1r, l. 24-25)

**Betim<sup>235</sup>, José Rodrigues:** Era capitão-mor em 1798 (Doc. 7, fól. 1r, l. 10). Natural de Itu, era filho de Bento Rodrigues Bueno e Maria de Araújo. Possuía fazenda no Tabor, e faleceu em 6 de janeiro de 1811. (Lopes, 2004, p. 120 e 121) “Este benemérito cidadão, um dos mais nobres caracteres de que Castro se deve orgulhar, serviu com aplausos de todo o povo durante muitos anos.” (Rocha Pombo, 1974, p. 92)

**Borges (de Macedo), Joaquim José:** Era filho do capitão Cirino Borges de Macedo e sua primeira mulher Rosa Maria da Silva. (Lopes, 2004, p. 41) Indicado para capitão da 3ª

---

<sup>235</sup> “Do casamento com Maria Garcia Rodrigues Betimk, tornado Betim, filha de Garcia Rodrigues Velho, nasceram oito filhos, em cujos nomes se nota a mesma variação antroponímica, relativamente aos apelidos: Rodrigues Paes (Garcia), Dias Leite (Pedro), Paes (Custódia, Isabel e Catarina), Paes Leme (Mariana), Leite (Maria) e Leme (Ana Maria), nenhum deles repetindo no ordenamento antroponímico o nome do pai que se tornaria célebre, mas já renomado na época.” (DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Memória paulistana: Os antropônimos quinhentistas na Vila de São Paulo do Campo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo (USP), nº33, p. 122, 1992).

Companhia das Ordenanças, em 1819 (Doc. 45, fól. 1r, l. 13-14), era capitão em 1822 (Doc. 55, fól. 2v, l. 5), ano em que, por ocasião da Independência, num arroubo de entusiasmo, queimou o tronco e derribou o pelourinho. (Rosas, 1993, p. 28). Foi o primeiro prefeito de Castro, em 1835, ano em que seu irmão José ocupava o mesmo cargo em Curitiba. (Baptista, 2002, p. 90-91).

**Canto, José Morato do:** Natural de Paranaguá, era casado com Anna Maria do Espírito Santo. (Negrão, v. 4, p. 112) Vereador em 1804. (Doc. 25, fól. 1v, l. 04).

**Carvalhais, Bento da Rocha:** “Bento da Rocha Carvalhais era filho de Bartolomeu<sup>236</sup> da Rocha Carvalhais e Margarida Domingues, casou-se no dia 1º de março de 1808 com Rita Joaquina de Jesus, filha de Antônio Pazes Marcelo e Bernardina Teresa de Jesus, viúva de Joaquim Pinheiro da Silva.” (Lopes, 2004, p. 492). Em 1776 era alferes da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó (Doc. 1, fól. 1r, l. 01-02).

**Carvalhais, José da Rocha:** Vereador em 1803. (Doc. 20, fól. 1r, l. 22). Nascido em 01-02-1733, filho de Manuel da Rocha Carvalhais (natural da freguesia de Dantas, bispado do Porto). (Lopes, 2004, p. 180) Há dois homônimos, um, filho de Bento da Rocha Carvalhais, e outro, também Joze da Rocha Carvalhais, soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Alvaro Bartolomeu da Rocha Carvalhais (Doc. 1, fól. 1r, l. 18-19).

**Carvalho, José Veloso de:** Vereador em 1811. (Doc. 31, fól. 1v, l. 11).

**Coitinho, Antônio Novais:** Vereador em 1821. (Doc. 49, fól. 1r, l. 23).

**Dias, Manuel Ferreira:** Era filho de Jorge Pereira e Merenciana Dias, casado no dia 11 de junho de 1776 com Ana do Pilar. Faleceu em 16 de junho de 1819. (Lopes, 2004, p. 341-342). Vereador em 1804. (Doc. 25, fól. 1v, l. 04).

**Ferreira, José Manoel:** Vereador em 1817. (Doc. 36, fól. 1r, l. 20). Era alferes, filho do sargento-mor Antônio José Ferreira (natural de Braga) e Beatriz Ana de Oliveira Rosa. José

---

<sup>236</sup> Talvez *Álvaro Bartolomeu*.

Manoel Ferreira residiu em Santa Cruz (Castro), casado (em 05-02-1795) com Iria Balbina da Piedade Martins, filha do capitão-mor Rodrigo Felix Martins e de Ana Maria de Jesus. Faleceu antes de 29-11-1829. Sua filha, Maria Rita da Purificação, casou com o Ten. João Baptista Teixeira Guimarães (\* 24-06-1796), descobridor do Campo-Erê. (Lopes, 2004, p. 478-479; Negrão, v. 4, p. 584).

**Ferreira, Miguel da Rocha:** Vereador (Doc. 55, fol. 1r, l. 27-28), presente à vereação extraordinária de 28 de julho de 1822. (Doc. 55, fól. 2r, l. 10-11).

**França, Manoel Gomes:** Vereador em 1818 (Doc. 39, fól. 1r, l. 17). Mencionado no Doc. 56, fól. 1v, l. 15.

**Freire, Luiz Vicente de Faria:** Escrivão da Câmara, Órfãos, Tabelião e Anexos em 1822. (Doc. 54, fól. 1r, l. 1).

**Frias, Manuel José de:** Natural da vila de Itu, nascido por volta de 1759. (Lopes, 2004, p. 404). Era capitão em 1882 (Doc. 55, fól. 2r, l. 46) e juiz da vila de Castro em 1824. (Lopes, 2004, p. 148 e 411).

**Garcia, Antônio Domingues:** Era natural de Sorocaba, nascido entre 1782 e 1786, casado com Ana Delgada. Falecida a esposa, casou com Francisca de Paula Pereira, filha de Manuel Pereira dos Santos e de Maria do Nascimento. Tinha negócio de secos e molhados. Faleceu em Castro, a 12 de setembro de 1841. (Lopes, 2004, p. 37-38). Vereador em 1812 (Doc. 34, fól. 1r, l. 14), 1816 (Doc. 35, fól. 1r, l. 30), 1822 (Doc. 57, fól. 1v, l. 15)...

**Garcia, Vicente Domingues:** Vereador em 1820 (Doc. 46, fól. 1r, l. 24), (Doc. 48. fól. 1r, l.34).

**Gavião , Aecio Alvares Moniz:** Juiz presidente da Câmara em 1821 (Doc. 49. fól. 1r, l. 20).

**Góis, Paulino José de:** Vereador em 1812 (Doc. 32, fól. 1r, l. 24).

**Góis, Vicente José de:** Vereador em 1808 (Doc. 28, fól. 1r, l. 28) e 1817 (Doc. 36, fól. 1r, l.21).

**Gomes, Bernardo José:** Vereador em 1818 (Doc. 39, fól. 1r, l. 19) e 1821 (Doc. 49, fól. 1r, l.24).

**Guimarães, Manoel José de Novais:** Capitão. (Doc. 55, fól. 2r, l. 45) Vereador (Doc. 56, fól. 2r, l. 17).

**Leal, Generoso Pinto:** Vereador em 1819. (Doc. 45, fól. 1r, l. 28). Nascido em torno de 1798, casado com Pacífica Perpétua, com as filhas Iria e Ana. Possuía campos no Barreiro, com área de meia légua em quadra, nas proximidades do rio Pitangui. (Lopes, 2004, p. 468-469).

**Leiria, Antônio da Silva:** Nasceu por volta de 1769, casado com Isabel dos Santos; ela faleceu em 1850 ou 1851; ele, em 24-12-1851. Tiveram os filhos Manuel, Antônio, Domingos, Maria, Libânia, Querubina, Escolástica, Ana, Joaquina e Francisca. (Lopes, 2004, p 457-458, 462-463) Indicado para o posto de capitão da 3ª Companhia das Ordenanças, em 1819. (Doc. 45, fól. 1r, l. 17-18).

**Leite, Domingos:** Vereador em 1797 (Doc. 3, fól. 1r, l. 31).

**Leite, Joaquim Barbosa:** Era alferes e juiz presidente da Câmara em 1822. (Doc. 55, fól. 2r, l. 8-9).

**Leme, José Ribeiro de Afonseca<sup>237</sup>:** Indicado para capitão de uma das companhias de ordenanças (Doc. 23, fól. 1r, l. 11-12) Era Juiz de Órfãos em 1821. (Doc. 52, fól. 1r) Fazendeiro, casado com Maria da Conceição, filha de Joaquim de Almeida Faria, de Jaguariaíva; não deixaram filhos. (Negrão, v. 3, p. 595-596).

**Lobo, Francisco Carneiro:** Casou-se em 1752 com Quitéria Rodrigues da Rocha (nascida em 1733). Tiveram os filhos – todos batizados no Capão Alto -: Gabriel, Luciano, Francisco Carneiro Lobo Filho e Mariana. Um de seus filhos naturais, o capitão Joaquim Carneiro Lobo, fugiu com Ana, filha de Jeremias de Lemos Conde. Casou-se em segundas núpcias em Curitiba (12-12-1767) com Maria de Jesus Vasconcelos. Em 1776 era capitão da *Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais da Curitiba em Yapõ* (Doc. 1, fól. 1r, l. 05).

---

<sup>237</sup> José Ribeiro de Fonseca Leme, segundo Negrão (v. 5, p. 595-596)

Segundo Diniz (2003, p. 34) a *Companhia de Cavalaria* foi instalada em 30-01-1777. Fez parte das expedições a Guarapuava sob o comando do Ten. Cel. Afonso Botelho de Sampaio e Sousa; destacou-se em combate em 1772. Faleceu em 09-04-1795, em Castro. (Lopes, 2004, p. 25, 184, 188-190; Negrão, v. 3, p. 591-593). O solar da família Carneiro Lobo é atualmente a sede do Museu do Tropeiro, em Castro.

**Lobo, Joaquim Carneiro:** Juiz Presidente da Câmara em 1821. (Doc. 50, fól. 2r, l. 17). Natural de Taubaté, nascido por volta de 1752. Teve os filhos Hermógenes, Jeremias e Joaquim. (Roderjan, 1992, p. 97) Casou-se por volta de 1792 com Ana, filha de Jeremias de Lemos Conde. (Lopes, 2004, p. 192).

**Lobo, José Carneiro:** Vereador em 1803 (Doc. 23, fól. 1r, l. 25) e 1820 (Doc. 48, fól. 1r, l. 31); sargento-mor em 1841 (Doc. 60, fól. 1r, l. 18).

**Lobo, Luciano Carneiro:** Nascido em 27-10-1757, era filho de Francisco Carneiro Lobo. Famoso por sua fortuna e boas maneiras (Rosas, 1993, p. 80),

Luciano Carneiro Lobo foi o fundador de Jaguariaíva e capitão-mor e teve muita projeção política e social nos Campos Gerais. Aparece com destaque nas listas de Ordenança, sendo seu filho José Carneiro Lobo, sargento-mor da vila de Castro.” (Roderjan, 1992, p. 96)

Era capitão-mor em 1818 (Doc. 40, fól. 1r, l. 17); participava de touradas, mas estava em maio de daquele ano “bastantem.<sup>te</sup> atacado do reumatismo”. (*Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. Ofícios, bandos e portarias dos Senhores Governadores Interinos da Capitania de São Paulo – 1817 - 1819*. Edições Arquivo do Estado de São Paulo, v. 88, 1963. p. 66). Marido de Quitéria Rodrigues da Rocha, tiveram a filha Escolástica, que se casou com Miguel Rodrigues de Araújo, o qual possuía terras na paragem São Tomé. (Lopes, 2004, p. 184 e 286; Negrão, v. 3, p. 593).

**Macedo, Cyrino Borges de:** Nascido em Paranaguá em 1768, casado com Rosa Maria da Silva. Mudou-se para a Vila Nova de Castro em 1790. Ali foi juiz ordinário, vereador (Doc. 3, fól. 1r, l. 29). e, em 1814, presidente da Câmara. Fazendeiro abastado, comerciava com animais. Sua filha mais velha casou-se com Balduino Taques. (Baptista, 2002, p. 27 e 90)

**Macedo, José Borges de:** Ajudante, filho de Cirino Borges de Macedo. (Negrão, v. 6, p. 9) (Doc. 43, fól. 1r, l. 11).

**Machado e Silva, Antônio Machado (ou Antônio Machado da Silva):** Vereador em 1800 (Doc. 12, fól. 1r, l. 17). Nascido por volta de 1768 em Minas Gerais (Lopes, 2004, p. 304-305), faleceu em 13 de abril de 1826. (Lopes, 2004, p. 169).

**Martins, Álvaro Gonçalves:** Alferes. (Doc. 34, fól. 1r, l. 15) Era procurador, quando fez parte da comissão encarregada da construção da capela de Nossa Senhora dos Remédios, de Tibagi, em 1835. No ano seguinte, a Câmara de Castro o nomeou subprefeito do novo povoado de Tibagi. (Baptista, 2002, p. 131). Era um dos tropeiros castrenses na feira de Sorocaba, em 1877. (Diniz, 2003, p. 63).

**Martins, Rodrigo Felix:** “Nascido em Castro (freguesia do Iapó, Campos Gerais de Curitiba), foi batizado na igreja matriz de Castro a 25 de dezembro de 1782. (...) Tudo faz crer que não se dedicava à política, pois poucas citações encontramos no Livro de Atas da Câmara de Castro. A vereança de 20 de junho de 1822 traz a sua assinatura.<sup>238</sup> Nos anos seguintes encontramos somente as assinaturas dos seus irmãos Lúcio, Álvaro e Bento, sendo aquela ata o último testemunho da sua permanência em Castro.” (Roderjan, 1992, p. 281 e 281). Foi capitão-mor; era casado com Anna Maria de Jesus, e proprietário da fazenda de Santo Antônio da Barra do Tibagi. (Lopes, 2004, p. 74; Negrão, v. 1, p. 553, nota).

**Mello, Antônio de:** (Doc. 42, fól. 1r, l. 19). Um José Antônio de Mello foi indicado para capitão da Quinta Companhia das Ordenanças em 1820 (Doc. 48, fól. 1r) Será o mesmo?

**Oliveira, Joaquim Pereira de:** Vereador em 1818. (Doc. 39, fól. 1r, l. 16).

**Oliveira, José Soares de:** Vereador em 1808. (Doc. 28, fól. 1r, l. 27).

**Oliveira, José Sutil de:** Era filho de Sebastião Sutil de Oliveira e de Catarina Soares; casou na capela do Capão Alto (15-07-1755) com Luzia de Almeida de Lima. (Lopes, 2004, p. 270) Foi o primeiro casamento de brancos realizado nessa capela. (Lopes, 2004, p. 57). Em 1776 era alferes da *Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais da Curitiba em Yapõ*

---

<sup>238</sup> Em nosso *corpus*, somente numa carta oficial de 1821 (Doc. 50, fól 2r, l. 20). Esteve presente, como alferes, na sessão de 28-07-1822.

(Doc. 1, fól. 1r, l. 08). Seu filho Miguel de Lima de Oliveira sentou praça na mesma *Companhia* em 14-02-1774. (Doc. 1, fól. 3r, l. 16-20).

**Oliveira, Lino Sutil de:** Vereador em 1808 (Doc. 26, fól. 1r, l. 29) e 1812 (Doc. 34, fól. 1r, l.17)

**Pais, Bernardo Moreira:** Vereador em 1811. (Doc. 31, fól. 1v, l. 09). Será o mesmo Bernardo Pais que figura no Doc. 1, fól. 3r, l. 11?

**Penteado, Antônio Rodrigues:** Indicado para capitão de uma das companhias de ordenanças em 16-12-1803. (Doc. 23, fól. 1r, l. 12-13). Seu inventário foi realizado em 1825. (Lopes, 2004, p. 169) Sua viúva Ana Floriana d'Almeida faleceu em 23-06-1851. (Lopes, 2004, p.172).

**Penteado, João Batista:** Vereador em 1799. (Doc. 11, fól. 1r, l. 29). Faleceu em 1847. Era casado com Maria Floriana de Almeida, falecida em 1845. (Lopes, 2004, p. 434-437).

**Pereira, José Rodrigues:** Vereador em 1801. (Doc. 16, fól. 1v, l. 17). Era natural de Beja (Portugal); casou-se em 03-02-1796 com Ana Maria, filha dos donos da fazenda Santa Cruz. Faleceu com cerca de 50 anos, em 30-06-1819. (Lopes, 2004, p. 95).

**Pereira, Manoel de Matos:** Vereador em 1799 (Doc. 11, fól. 1r, l. 27) e 1803 (Doc. 21, fól. 1r, l 27), (Doc. 23, fól. 1r, l. 23).

**Pinto, José Ferreira:** Vereador em 1798. (Doc. 4, fól. 1r, l. 30). Nasceu por volta de 1746. Era casado no Pitangui, em 1765, com Bárbara Antônia Pedrosa. (Lopes, 2004, p. 422; Negrão, v. 3, p. 647).

**Quadros, Bernardo Pereira de:** Vereador em 1797. (Doc. 3, fól. 1r, l. 30).

**Quadros, José Antônio de:** Vereador em 1822. (Doc. 55, fól. 1r, l. 27), (Doc. 55, fól. 2r, l.10).

**Ribas, Benedito Mariano:** Nasceu por volta de 1778, falecendo em 1839. (Lopes, 2004, p. 418-420) Em 1818, morava na fazenda *Pitangui*, mas era dono também da *São Miguel*. Seu

inventário realizou-se em 1840, sendo inventariante a viúva Maria Ferreira do Sacramento<sup>239</sup>, havendo doze filhos herdeiros. (Lopes, 2004, p. 178-179) Era vereador em 1816 (Doc. 35, fól. 1r, l. 27) e Capitão das Ordenanças em 1822. (Doc. 54 fól. 1r, l. 21-22) Um filho homônimo casou em 1837 com Maria do Rosário Carneiro e era um dos tropeiros castrenses na feira de Sorocaba, em 1877. (Diniz, 2003, p. 63).

**Ribas, Lourenço Marcondes:** Nasceu em 24-04-1796, filho de Francisco de Paula Ribas e Maria Joaquina Marcondes de Sá. Era alferes em 1822 (Doc. 55, fól. 2v, l. 2), tenente comandante da Sétima Companhia Miliciana em 1828 (Doc. 59, fól. 1r, l. 18).

**Sampaio, Gabriel da Silva:** Vereador em 1797. (Doc. 3, fól. 1r, l. 28).

**Santos, Antônio Gonçalves dos:** Vereador em 1799 (Doc. 11, fól. 1r, l. 30), 1802 (Doc. 19, fól. 1r, l. 27) e 1804. (Doc. 25, fól. 1v, l. 07).

**Santos, Manoel Pinto dos:** Juiz Presidente da Câmara em 1808. (Doc. 26, fól. 1r, l. 26).

**Silva, José Félix da**<sup>240</sup>: Teria nascido por volta de 1760, filho de João José da Silva e Mécia Catarina Passos. Casou-se com Onistarda Maria do Rosário, em fins de 1781 ou princípios de 1782. Ela era filha de Antônio Ferreira de Miranda, natural de Taubaté. (Lopes, 2004, p. 76-77). Foi o primeiro juiz ordinário - equivalente ao atual Prefeito - da vila de Castro, de 1789 a 1793. (Lopes, 2004, p. 79; Diniz, 2003, p. 36) Em 1796, foi nomeado capitão de ordenanças de Pirai - Mirim, Furnas e Castro. (Lopes, 2004, p. 81) Em sua sesmaria, dedicava-se à extração de ouro, bateado por escravos. Em 1800, mandou entregar na Casa de fundição de Sabará, uma onça, cinco oitavas e 60 grãos de ouro de vinte e um quilates. (Ritter, 1978, p. 290) Faleceu em 27 de abril de 1822, sendo sepultado em Castro. (Lopes, 2004, p. 87).

**Silva, José Nicolau da:** Vereador em 1819 (Doc. 42, fól. 1r, l. 18), 1820 (Doc. 47, fól. 1r, l. 21) e 1821. (Doc. 51, fól. 3r, l. 24).

**Silva, Manoel Machado da:** “Escrivaõ da Camera Orfaons Judicial e Notas nesta villa nova deCastro e seu Termo por Provisaõ Regia etcetera” em 1798. (Doc. 7, fól. 1r, l. 01).

<sup>239</sup> Conforme Negrão (v. 2, p. 249), seu nome era Maria Ferreira do Nascimento Ribas.

<sup>240</sup> Diniz (2003, p. 36 e 108) tem-no como José Felix da Silva Passos.

**Soares, Manoel:** Vereador em 1810. (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 20).

**Taques, Balduino José de Almeida:** Filho do capitão Ignacio Taques de Almeida e de Luiza Maria de Quadros, foi batizado na Igreja de Sant'Ana do Iapó em 29-01-1778, falecendo em 1865. (Baptista, 2002, p. 9) Vereador em 1810 (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 21), presente à vereação extraordinária de 28 de julho de 1822. (Doc. 55, fól 2v, l. 03). Por ocasião da revolução de 1842, “foi nomeado chefe da Legião da Guarda Nacional, dos municípios de Curitiba, Castro e Lapa.” (Rosas, 1992, p. 33).

### 8.3.2 Personagens Mencionados nos Documentos do *Corpus*

Devido à natureza do *corpus*, certo número de pessoas, quase sempre moradoras da Vila de Castro, são nele mencionadas, as quais figuram na relação infra.

**Almeida, Bernardino Correia de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de Antonio Correia Leme (doc. 1, fól. 2v, l. 06).

**Almeida, Diogo Bueno de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de Inácio de Sá (Doc. 1, fól. 2v, l. 26).

**Almeida, Francisco José Dias de:** Tenente. (Doc. 55, fól. 2v, l. 1).

**Almeida, Luis Castanho:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de Inácio de Sá (Doc. 1, fól. 2v, l. 21).

**Álvaro, José:** Pai de José Álvaro de Souza. (Doc. 1, fól. 1v, l. 05).

**Antônio, José:** Filho de João Ignacio, em 1776 era soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó (Doc. 1, fól. 1r, l. 23).

**Antunes, Antônio Francisco:** (Doc. 52 fól. 2v e 3r, l. 8).

**Antunes, Francisco:** Pai de José Antunes Maciel (Doc. 1, fól. 3r, l. 21) e Inácio Antunes Maciel (Doc. 1, fól. 4r, l. 29).

**Azevedo, Francisco Teixeira de:** Indicado para Sargento Mor das Ordenanças; era Capitão de Milícias em 1822. (Doc. 54 fól. 1r, l. 16-18).

**Bicudo, Paulo de Anhaia:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de João de Siqueira (Doc. 1, fól. 2v, l. 11).

**Branco, Antônio José Pereira:** Tenente. (Doc. 55, fól. 2v, l. 1-2).

**Brito, Antônio Florêncio de:** (Doc. 52 fól. 2v e 3r, l. 16).

**Camello, Antônio Teixeira:** Padre. (Doc. 56, fól. 1r, l. 07).

**Carneiro, Hermógenes:** Alferes da 3ª Companhia das Ordenanças, em 1819, indicado para o posto de capitão. (Doc. 45, fól. 1r, l. 14-15).

**Carvalhais, Álvaro Bartolomeu da Rocha:** Pai de José da Rocha Carvalhais. (Doc. 1, fól. 1r, l. 18-19).

**Carvalho, Manuel:** Pai de João de Souza. (Doc. 1, fól. 3v, l. 17) e José Rodrigues. (Doc. 1, fól. 4r, l. 01).

**Conde, Antônio de Lemos:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho do General<sup>241</sup> Jeremias de Lemos Conde (doc. 1, fól. 2v, l. 01-02).

**Conde, Jeremias de Lemos:** Era filho<sup>242</sup> de Manuel de Lemos Bicudo e de Maria de Lemos Conde, nascido em Paranaguá, mais ou menos em 1737. Foi juiz de órfãos na Vila Nova de Castro. (Lopes, 2004, p. 24) Em 1776 era tenente da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó (Doc. 1, fól. 1r, l. 06) Pai de Antônio de Lemos Conde.

<sup>241</sup> Consta como tenente no fól. 1r, l. 06 do mesmo documento 1.

<sup>242</sup> Segundo Negrão (v. 4, p. 128-129), Jeremias era filho órfão de Manoel de Lemos Conde; foi herdeiro, juntamente com seu padrastrô Rodrigo Felix Martins, de metade dos bens de Izabel Maria do Canto.

**Costa, Miguel Luís da:** Pai de Miguel Luís da Silva. (Doc. 1, fól. 3v, l. 07).

**Cruz, Antônio Vicente da:** Presente à vereação extraordinária de 28 de julho de 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 11).

**Domingues, Ana Maria:** (Doc. 52 fól. 2v e 3r, l. 24).

**Domingues, João Pais Domingues:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de outro João Pais Domingues (Doc. 1, fól. 3r, l. 26).

**Domingues, Vicente:** Presente à vereação extraordinária de 28 de julho de 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 14).

**Farias, Francisco de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Salvador de Farias. (Doc. 1, fól. 4r, l. 24).

**Farias, Salvador:** Pai de Francisco de Farias. (Doc. 1, fól. 4r, l. 24).

**Fragoso, João Soares:** Pai de Miguel José. (Doc. 1, fól. 4r, l. 06).

**Franca e Horta, Antônio José da:** Capitão General de São Paulo, de 1802 a 1811. (Doc. 28, fól. 1r, l. 15-16).

**Freitas, Matias de:** Pai de Matias de Freitas de Sampaio (Doc. 1, fól. 2r, l. 06).

**Furtado, Antônio:** Pai de Januário Furtado (Doc. 1, fól. 3v, l. 12) e Prizido Furtado (Doc. 1, fól. 4r, l. 15).

**Furtado, Januario:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Antônio Furtado. (Doc. 1, fól. 3v, l. 12).

**Furtado, Prizido:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Antonio Furtado. (Doc. 1, fól. 4r, l. 15).

**Gracia, Filipe:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Filipe Leme. (Doc. 1, fól. 3v, l. 32).

**Guimarães, José Gonçalves:** (Doc. 55, fól. 2v, l. 09).

**Ignacio, João:** Pai do soldado José Antônio. (Doc. 1, fól. 1r, l. 23).

**José, Miguel:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de João Soares Fragoso. (Doc. 1, fól. 4r, l. 06)

**Leite, Ivo Correia:** Morador da vila (Doc. 26, fól. 1r, l. 08).

**Leme, Antônio:** Filho de Antônio Leme. Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó (Doc. 1, fól. 1r, l. 27).

**Leme, Antonio Correia:** Pai de Bernardino Correia de Almeida. (Doc. 1, fól. 2v, l. 06).

**Leme, Filipe:** Pai de Francisco Rodrigues de Siqueira (Doc. 1, fól. 3r, l. 01) e Filipe Gracia (?) (Doc. 1, fól. 3v, l. 32).

**Lemes, Salvador:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de João Lemes da Silva. (Doc. 1, fól. 4r, l. 19).

**Lima, Francisco Luis de:** Pai de José Luís de Lima (Doc. 1, fól. 2r, l. 01).

**Lima, José Luís de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó (Doc. 1, fól. 2r, l. 01).

**Lobo, João Carneiro:** João Carneiro Lobo era filho de Luciano Carneiro Lobo. (Roderjan, 1992, p. 95) Capitão-mor em 1822 (Doc. 55, fól. 2r, l. 45).

**Lorena, Bernardo José de:** Capitão General de São Paulo, de 1788 a 1797. (Doc. 3, fól. 1r, l.13).

**Macedo, João Borges de:** Presente à vereação extraordinária de 28 de julho de 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 09).

**Machado, Antônio José de Campos:** Presente à vereação extraordinária de 28 de julho de 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 12).

**Maciel, Antonio Coelho:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de João dos Santos Maciel (Doc. 1, fól. 2v, l. 30).

**Maciel, Inácio Antunes:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Francisco Antunes. (Doc. 1, fól. 4r, l. 29).

**Maciel, João dos Santos:** Pai do soldado Antônio Coelho Maciel (Doc. 1, fól. 2v, l. 30).

**Maciel, José Antunes:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de Francisco Antunes (Doc. 1, fól. 3r, l. 21).

**Maria Primeira, Dona:** Rainha de Portugal de 1777 a 1816; o filho, D. João VI, era regente. (Doc. 35, fól. 1r, l. 06-07).

**Martins, Manuel:** Pai de José Martins de Oliveira. (Doc. 1, fól. 4r, l. 11).

**Mascarenhas, Francisco de Assis:** Conde da Palma, Capitão General de São Paulo, de 08-12-1814 a 1819. (Doc. 34, fól. 1r, l. 11).

**Melo, Luciano Antônio de:** Era ajudante em 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 06).

**Mello, Luis de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de filho de Manoel de Mello Rego. (Doc. 1, fól. 1r, l. 14).

**Miranda, Reginaldo Ferreira de:** Alferes. (Doc. 2, fól. 1r, l. 5-6).

**Moreira, Pedro da Silva:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de João da Silva Noronha (Doc. 1, fól. 3r, l. 06).

**Noronha, João da Silva:** Pai do soldado Pedro da Silva Moreira (Doc. 1, fól. 3r, l. 06).

**Novilher, Guilherme:** Pai de Patrício Pinheiro [Sênior] (Doc. 1, fól. 3v, l. 27).

**Novilher, Patrício Pinheiro:** Patrício Pinheiro, filho de Guilherme Novilher, era soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba. Nascido por volta de 1728. (Doc. 1, fól. 3v, l. 27) “Em 1770 Patricio Pinheiro Novilher entregou no porto de São Bento 2 alqueires de farinha e um de feijão.” (Lopes, 2004, p. 43) “Cristóvão da Silva Rosa casou-se com Teodora Pinheiro, filha de Patrício Pinheiro Novilher e de Maria Paes e tiveram um filho, Joaquim batizado no dia 8 de julho de 1778.” (Lopes, 2004, p. 484) Dois filhos de Patrício Pinheiro Novilher, Patrício (nascido por volta de 1760) e Luciano, eram soldados da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba (Doc. 1, fól. 2r).

**Nunes, Joaquim:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Francisco Antunes. (Doc. 1, fól. 4r, l. 34).

**Ohýnhausen, Joaõ Carlos Augusto de:** Capitão General de São Paulo de 1819 a 1821. (Doc. 45, fól. 1r, l. 23)

**Oliveira, Bento Soares de:** Pai de Salvador Soares de Oliveira. (Doc. 1, fól. 1v, l. 10).

**Oliveira, José Martins de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Manuel Martins. (Doc. 1, fól. 4r, l. 11).

**Oliveira, Miguel de Lima de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho do furriel José Sutil de Oliveira (Doc. 1, fól. 3r, l. 16).

**Oliveira, Salvador Luís de:** Presente à vereação extraordinária de 28 de julho de 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 12-13).

**Oliveira, Salvador Soares de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó. Filho de Bento Soares de Oliveira. (Doc. 1, fól. 1v, l. 10).

**Pais, Antônio Pompeu:** Vigário em 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 07-08) Empossado em 1821. (Diniz, 2003, p. 108).

**Pais, Bernardo:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de João Pais (Doc. 1, fól. 3r, l. 11).

**Pais, João:** Pai do soldado Bernardo Pais. (Doc. 1, fól. 3r, l. 11).

**Palhano, Antonio Álvares:** Pai de Francisco Álvares Palhano (Doc. 1, fól. 3r, l. 31).

**Palhano, Francisco Álvares:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de Antonio Álvares Palhano (Doc. 1, fól. 3r, l. 31).

**Palma, Conde da:** Francisco de Assis Mascarenhas, Capitão General de São Paulo, de 08-12-1814 a 1819. (Doc. 34, fól. 1r, l. 11).

**Pereira, João:** Era alferes em 1820 (Doc. 48, fól. 1r).

**Pimentel, Antonio de Souza:** Primeiro Cabo da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de José Álvaro Pimentel. (Doc. 1, fól. 1r, l. 09) Pai de José de Souza Pimentel. (Doc. 1, fól. 1v, l. 15).

**Pimentel, José de Souza Pimentel:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Antonio de Souza Pimentel (Doc. 1, fól. 1v, l. 15).

**Pimentel, José Álvaro:** Pai de Antônio de Souza Pimentel (Doc. 1, fól. 1r, l. 09) e Manoel Pereira de Souza (Doc. 1, fól. 1v, l. 01).

**Pinheiro, Joaquim:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Simão Pinheiro. (Doc. 1, fól. 1v, l. 24).

**Pinheiro, José:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Simão Pinheiro. (Doc. 1, fól. 1v, l. 20).

**Pinheiro, Patrício:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Patrício Pinheiro Novilher. (Doc. 1, fól. 2r, l. 21).

**Pinheiro, Salvador:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Simão Pinheiro. (Doc. 1, fól. 2r, l. 17).

**Pinheiro, Simão:** Pai de Joaquim, José e Salvador Pinheiro. (Doc. 1, fól. 1v, l. 20 e 24; fól. 2r, l.17).

**Pinto, Inácio de Oliveira:** Nomeado capitão do bairro de Pirai e Furnas.(Doc.6, fól. 1r, l.5-8).

**Pinto, Rodrigo:** Era alferes em 1820 (Doc. 48, fól. 1r).

**Pires, José Luis Pires:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho Vicente Luis (Doc. 1, fól. 2v, l. 16).

**Quadros, José Antônio:** (Doc. 55, fol. 1r, l. 27).

**Rego, Manoel de Mello:** Pai de Luís de Melo. (Doc. 1, fól. 1r, l. 14).

**Ribas, Francisco de Paula Ribeiro:** Coronel, comandante da tropa (Doc. 35, fól. 1r, l. 13; Doc. 41. fól. 1r, l. 7).

**Ribeiro, Domingos:** Quarto cabo da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Francisco Ribeiro. (Doc. 1, fól. 3v, l. 22).

**Ribeiro, Francisco:** Pai de DomingosRibeiro . (Doc. 1, fól. 3v, l. 22).

**Rocha, José Gaspar:** Padre em 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 08-09).

**Rodrigues, Antônio:** Pai de Francisco Xavier (Doc. 1, fól. 2r, l. 12).

**Rodrigues, José:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Manuel Carvalho. (Doc. 1, fól. 4r, l. 01).

**Sá, Inácio de:** Pai de Luís Castanho de Almeida e Diogo Bueno de Almeida (Doc. 1, fól. 2v, l. 21 e 26).

**Sampaio, Matias de Freitas de:** Segundo cabo da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó. (Doc. 1, fól. 2r, l. 06).

**Santos, Miguel Marques:** (Doc. 55, fól. 2v, l. 11-12).

**Silva, Barnabé Álvares da:** (Doc. 55, fól. 2v, l. 10).

**Silva, João Lemes da:** Pai de Salvador Lemes. (Doc. 1, fól. 4r, l. 19).

**Silva, José Loureirao:** Padre em 1822. (Doc. 55, fól. 2v, l. 08).

**Silva, Miguel Antônio da:** (Doc. 55, fól. 2v, l. 13).

**Silva, Miguel Luis da:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Miguel Luís da Costa. (Doc. 1, fól. 3v, l. 07).

**Siqueira, Francisco Rodrigues de:** Terceiro cabo da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó; filho de Filipe Leme (Doc. 1, fól. 3r, l. 01).

**Siqueira, João de:** Pai de Paulo de Anhaia Bicudo. (doc. 1, fól. 2v, l. 11).

**Souza, Joaquim de:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Manuel Carvalho. (Doc. 1, fól. 3v, l. 17).

**Souza, José Álvaro de:** Filho de José Álvaro. Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de José Álvaro Pimentel. (Doc. 1, fól. 1v, l. 05).

**Souza, Manoel Pereira de:** Filho de Antonio de Souza Pimentel. Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de José Álvaro Pimentel. (Doc. 1, fól. 1v, l. 01).

**Teixeira, João Álvares:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó, filho de Vitorino Teixeira. (Doc. 1, fól. 3v, l. 01).

**Teixeira, Vitorino:** Foi indicado para capitão da Quinta Companhia das Ordenanças em 1820 (Doc. 48, fól. 1r) Pai de João Álvares Teixeira (Doc. 1, fól. 3v, l. 01).

**Vieira, Luciano:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó. Filho de Patrício Pinheiro Novilher (Doc. 1, fól. 2r, l. 26).

**Xavier, Francisco:** Soldado da 3ª Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais de Curitiba em Iapó. Filho de Antonio Rodrigues (Doc. 1, fól. 2r, l. 12).

Dessa forma, verifica-se que um *corpus* como o presente, de natureza predominantemente oficial, encerra um notável riqueza antroponímica, a ser aproveitada em futuros estudos.

## 9 GLOSSÁRIO

Dentre as numerosas propostas para a elaboração de um glossário, optou-se por listar algumas lexias retiradas do *corpus*, com o propósito de elucidar seus significados no contexto documental analisado, a fim de permitir a melhor compreensão dos textos nos quais se inserem.

Como é natural em pesquisas deste gênero, deu-se preferência a termos mais ou menos arcaizados. Diz-se mais ou menos porque um arcaísmo (quase) nunca é completamente esquecido: Pode sobreviver em determinadas variedades geográficas (“neste caso, arcaísmo e falar rural se confundem”<sup>243</sup>), ou em obras literárias que procurem recriar um ambiente arcaico, ou também em círculos eruditos – caso evidente dos filólogos, museólogos e similares.

### **Estrutura dos verbetes**<sup>244</sup>:

Para fixar a estrutura do verbete, considera-se

- a entrada em caixa alta, com a mesma grafia constante no trecho de abonação;
- entre colchetes, a variante padrão-culta dicionarizada na atualidade, quando divergente da entrada;
- a abonação, com a respectiva localização no *corpus*: número do documento, recto ou verso do fólio e linha(s) em que ocorre; a mudança de linha é indicada com (|).

A informação semântica restringe-se à acepção contextual, com a seguinte estrutura:

- a) a acepção que pareceu mais adequada ao trecho em que figura a lexia;
- b) as definições extraídas dos dicionários de Bluteau, Morais Silva e Cunha, escolhidos pela importância que ocupam no meio acadêmico; a ordem dos dicionaristas no verbete segue o critério cronológico da primeira edição. A sigla **N. D.** significa “lexia não dicionarizada”, enquanto **N.C.** indica que o significado contextual não está registrado na obra.

<sup>243</sup> Vasconcelos 2006, p.112.

<sup>244</sup> Seguiu-se, em linhas gerais, o exposto em Silveira, 2004, p. 143 ss e Vasconcelos, 2006, p.111-112.

O dicionário de Cunha (2005) oferece um recurso notável: A datação dos vocábulos.

*Datação.* Para *todos* os vocábulos estudados foi indicada a data provável da sua primeira ocorrência na língua portuguesa. Sob esse aspecto fomos extremamente rigorosos, pois não omitimos sequer uma data. O fato, porém, de havermos atribuído uma data de primeira ocorrência para determinado vocábulo não significa, de modo algum, que essa data não possa ser recuada. A lexicologia histórica portuguesa ainda se encontra numa fase de lamentável atraso. (Cunha, XIII-XIV).

Cunha declara ter-se baseado especialmente no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado, pioneiro na datação de nosso vocabulário, consultando também outras obras, posteriores, que o corrigiram e completaram.

Para os vocábulos introduzidos no idioma no século XIX, Cunha adotou o critério de consultar uma coleção de dicionários editados nesse século, objetivando indicar, “pelo menos de maneira aproximada” as datas de dicionarização. Assim, figuram no corpo do dicionário as seguintes datas, com a respectiva documentação (Cunha, 2005, p. XV):

1813	MORAIS	<i>Dicionário</i> 2 <sup>a</sup> ed.
1844	MORAIS	<i>Dicionário</i> 5 <sup>a</sup> ed.
1858	MORAIS	<i>Dicionário</i> 6 <sup>a</sup> ed.
1871-1874	D. VIEIRA	<i>Dicionário</i> 1 <sup>a</sup> ed.
1881	C. AULETE	<i>Dicionário</i> 1 <sup>a</sup> ed.
1899	C. FIGUEIREDO	<i>Dicionário</i> 1 <sup>a</sup> ed.

Dessa forma, Cunha se propôs registrar ao menos uma data provisória (embora imprecisa) para a introdução de alguns milhares de vocábulos.

É inteiramente compreensível a provisoriedade de qualquer datação, sempre sujeita a ser corrigida por novas pesquisas. Em nosso *corpus*, ocorreram alguns vocábulos em data anterior à fixada no referido dicionário; são mencionados a seguir, ressalvada a hipótese de que a datação de Cunha se refira a um significado distinto do que figura em nossos textos. Pode ser o caso, por exemplo, de republicano, termo que, em nosso *corpus*, não significa adepto da república – e infenso, portanto, à monarquia.

Vocábulo	Datação em Cunha	Datação no corpus	Documento
bugre	1899	1820	Doc. 31, fól. 1r, l. 28
côngrua	1813	1803	Doc. 22, fól. 1r, l. 31
destacamento	1813	1811	Doc. 31, fól. 1r, l. 13
encomendado	1813	1803	Doc. 22, fól. 1r, l. 06-07
furriel	1813	1776	Doc. 1, fól. 1r, l. 08
gateado	1813	1776	Doc. 1, fól. 1r, l. 11
intimação	1844	1821	Doc. 50, fól. 1v, l. 19
republicano	1813	1803	Doc. 24, fól. 1r, l. 25
tropeiro	1844	1820	Doc. 46, fól. 1r, l. 12
valimento	1813	1803	Doc. 22, fól. 2r, l. 13

O recuo mais significativo é para *bugre*, datado de 1899 em Cunha, e encontrado em nosso corpus num manuscrito de 1820 – 79 anos antes, portanto.

Abreviaturas utilizadas para a informação gramatical, sempre se referindo ao emprego ora contextualizado:

*adj.* = adjetivo

*adv.* = advérbio

*f.* = feminino

*g.* = gênero(s)

*m.* = masculino

*pl.* = plural

*p.p.* = particípio passado

*s.* = substantivo

*t.* = transitivo

*vb.* = verbo

*vt.* = verbo transitivo

**ABSOLUTO [absoluto].** “...Todos | querem ficar pervingados, etotal mente | absolutos e exzentos dosmais serviços | de Sua Magestade...” (Doc. 4, fól.1r, l. 12-14)

**Significado:** Dispensado, isento.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *adj.* Desobrigado, livre de pena, obrigação.

**Cunha:** *adj.* | XIV, *asso-*, XIV, *aso-* XIV etc.| Do lat. *absolūtus*, de *absolvēre*.

**AFECTO [afeito].** “...ePater | nal aColhimento comque Vossa Excelencia atende as humildes | Suplicas dos tristtes eafectos vacalos, nos da Lugar a por | mos na respeitavel presença de Vossa Excelencia oflagelo, que | nos oprime ...” (Doc. 31, fól.1r, l. 6-9)

**Significado:** Oprimido.

**Bluteau:** N.C.

**Morais Silva:** *adj.* Tratado de qualquer modo, sacudido, torturado.

**Cunha:** *adj.* ‘sujeito a, dependente de’ XVII. Do lat. *affectus*.

**AJUDANTE.** “... poderes para Se estabelecer o novo imposto para pagamento dos Sargentos Mores e | aJudantes, dos Regimentos de Miliciaz ...” (Doc. 11, fól.1r, l. 6-7)

**Significado:** Oficial militar subalterno.

**Bluteau:** AJUDANTE de Tenente de Mestre de Campo General. Official de guerra, que serve ao ditto Tenente General, levando as ordens, que lhe der, ou vocaes, ou por escrito.

**Morais Silva:** *s. m. Mil.* Oficial subalterno que em cada unidade militar é encarregado de preparar o quarto de guarda, para o entregar ao capitão de inspecção, da instrução militar dos oficiais inferiores, dos vários serviços de secretaria e outros que lhe sejam ordenados pelos oficiais superiores do corpo. Antigamente denominavam-se *ajudante do major* ou *do sarjento-mor*.

**Cunha:** XIV. Do lat. *adjutans -antis*.

**ALCAIDE:** “Mandado Numero 1.º Para oAlcaide daSoldada do anno de 1814” (Doc. 43, fól. 4r, l. 02)

**Significado:** Oficial de justiça, encarregado da defesa das vilas.

**Bluteau:** Alcaide com vara. Ministro inferior da Justiça.

**Morais Silva:** *s.m.* Oficial de justiça; beleguim.

**Cunha:** ‘antigo oficial de justiça’ | XIII, *-cayde* XIII, *-calde* XIII, *-callde* XIV etc.

**ALFERES.** “Por se axar auzente o Alferes *daminha* companhia Regi= | naldo Ferreira deMiranda seis meses sem Licença ....” (Doc. 2, fól.1r, l. 5-6)

**Significado:** Oficial militar porta-bandeira.

**Bluteau:** O que leva a bandeira.

**Morais Silva:** *s. m. Ant.* Oficial do exército português, de posto imediatamente inferior ao tenente.

**Cunha:** *s.m.* ‘orig. cavaleiro árabe e, mais tarde, o que conduzia a bandeira nos combates’ ‘ext. posto de hierarquia militar em Portugal e no Brasil’ | Do ár. *al-fāris* ‘cavaleiro’.

**ALOJAMENTO.** “...faça Repremir este emnimgo fazendo | entrada por embetuba [Imbituva] athe chegarem aos | alojamentos, fazendo os retirar *para* mais lonje ...” (Doc. 16, fól.1r, l. 27-29)

**Significado:** Moradia.

**Bluteau:** He o lugar occupado pello exercito, depois de acabada a marcha.

**Morais Silva:** *s.m.* Aposento, morada, pousada.

**Cunha:** alojar XIV.

**ALVARINHO.** “..cara comprida cor alvarinho naris afilado...” (Doc. 1, fól. 2v, l. 3)

**Significado:** Branco, referindo-se à cútis.

**Bluteau:** Diminutivo de *alvar*. Branquinho.

**Morais Silva:** *adj.* O mesmo que *alvar*. Esbranquiçado, alvacento.

**Cunha:** N. D.

**ANDANTE.** “...paSando com esta falta naõ | só oComersio, como todos os habitantes, e an | dantes...” (Doc. 25, fól. 1r, l. 18-20)

**Significado:** Viandante, caminhante.

**Bluteau:** Viandante.

**Morais Silva:** *s. m.* O mesmo que *andador*. Pessoa que anda muito, andejo, caminhador.

**Cunha:** *adj. 2. g.* ‘que anda’.

**ANIMAL.** “...eu estava aprontando huma tropa de animaes, | *para* empregala no Real Servisso...” (Doc. 27, fól. 1r, l. 13-14)

**Significado:** Cavalgadura.

**Bluteau:** Qualquer besta.

**Morais Silva:** *s. m. Bras.* Besta de montar ou de tiro.

**Cunha:** Do lat. *animal*.

**ANTEPASSADO:** “Numero 15 Para pagar aoEscrivam daOuvidoria da Conta Somada | nosditos de Receita e despeza por ter tomado Contas | ao Procurador antepassado \_ \_ \_ \_ \_ 4\$ 745” (Doc. 43, fól. 4r, l. 23-25)

**Significado:** Anterior, predecessor.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *adj e p.p.* Já passado ou decorrido.

**Cunha:** XVI.

**ASESTIO** [**assistir**] “...naõ só= | voluntariamente aSestio com apolvora, para | as descargas que sederaõ ...” (Doc. 35, fól. 1r, l. 13-15)

**Significado:** Ajudar, socorrer.

**Bluteau:** Ajudar.

**Morais Silva:** *v. t.* Dar ou emprestar dinheiro, ou prestar socorro.

**Cunha:** *vb.* ‘estar presente, ser testemunha’ ‘ajudar, socorrer’ XV. Do lat. *ad-sistēre* ou *assistēre*, de *ad+sistēre*, reduplicação de *stāre*.

**BANDO:** “Recebemos em 6 do Corrente mez oOfficio | deVossa Excelencia datado de 24 de Março deste anno acom- | panhado doBando que Vossa Excelencia foi servido dirigirmos (...).” (Doc. 49, fól. 1r, l. 02-04)

**Significado:** Pregão, edital.

**Bluteau:** Entre nos, *Bando* he pregão de guerra, a som de caixa, com pena imposta aos transgressores de alguma ley militar.

**Morais Silva:** *s.m.* Pregão público, pelo qual se anuncia alguma ordem, ou decreto, e se denuncia talvez guerra, proclamação, (...).

**Cunha:** N. C.

**BENEFICIO** [**beneficio**]. “Nem ellas constituem por modo algum aCongrua dos Parochos, | Segundo as dispoziçoins deDireitoCanonico; mas sim as Oblaçoins, as Premissias | os Dizimos; e a uniaõ dos Beneficios Simples, na forma determinada | pello Concilio de Trento...” (Doc. 22, fól. 1r, l. 31-34)

**Significado:** Renda de um cargo eclesiástico.

**Bluteau:** Beneficio ecclesiastico (comummente fallando) he uma renda ecclesiastica, concedida a alguma pessoa secular, ou regular para todo o tempo da sua vida, com obrigação de rezar o Officio divino ou de exercitar algum outro ministerio espiritual &c.

**Morais Silva:** *s. m.* Officio eclesiástico a que anda anexa renda. || A renda desse cargo.

**Cunha:** XIII. *bena-* XIV | Do lat. *bĕnĕfĭcĭum*.

**BENESE** [**benesse**]. “...visto perceberem | os mesmos Parochos Congrua determinada para asua decente sustenta- | çãõ, alem dos Beneses, emais Ofertas ...” (Doc. 22, fól. 2r, l. 1-2)

**Significado:** Emolumentos paroquiais recebidos pelos clérigos.

**Bluteau:** Os benesses dos Clerigos, são os seus emolumentos, do Cura, v.g. o que lhe dão por bautizar, casar, sepultar.

**Morais Silva:** *s.m.* Emolumento que os curas e vigários e outros eclesiásticos têm provenientes do pé de altar, além dos dízimos ou cômguas que recebem.

**Cunha:** *s. 2g.* ‘emolumento paroquial’ | XVI *abenesse* XVI | Talvez do lat. *bēne* ‘bem’ + *esse* ‘ser’.

**BIXIGAS** [**bexigas**]. “... nariz afillado co sinais de Bixigas olhos pequenos...” (Doc. 1, fól. 2r, l. 9)

**Significado:** Variola.

**Bluteau:** Doença conhecida, que cobre o couro de bostelas.

**Morais Silva:** *s. f. pl.* Gênero de doença geral, febril, com erupção cutânea pustulosa; variola.

**Cunha:** *s.f.* ‘variola’ | XVII, *vexiga* XIV | Do lat. \**vessīca*, alteração de *vesīca*.

**BRASÃO.** “...edehum povo que | Só tem por brazaõ e Requeza aobediencia | efedelidade aCoroa dePortugal.” (Doc. 13, fól. 1r, l. 12-14)

**Significado:** Escudo de armas.

**Bluteau:** (Blazão) Figura representada no escudo das armas.

**Morais Silva:** *s. m.* Escudo de armas. *Ter alguma coisa por brasão*, por honra, por timbre.

**Cunha:** *sm.* ‘insignia ou distintivo de pessoa ou família nobre’ | XV, *blasão* XV | Do fr. *blason*.

**BUGRE.** “...naõ com | menos risco desermos emvadidos pelos Bugres pela | propinquidade desua vezinhança...” (Doc. 31, fól. 1r, l. 27-29)

**Significado:** Índio selvagem.

**Bluteau:** N. D.

**Morais Silva:** *s.m.* Nome depreciativo dado aos selvagens do Brasil.

**Cunha:** *adj. s2g.* ‘*deprec.* designação genérica dada ao índio, especialmente ao bravio e/ou guerreiro’ ‘*ext. rude, grosseiro*’ 1899.

**BURLESCO.** “... dous dias deCavallhadas, | eoutro dia de brulesco, eduas noutes | debaýles de Indios, (...). (Doc. 38, fól. 1r, l. 19-21)

**Significado:** Representação cômica.<sup>245</sup>

**Bluteau:** Jocosos.

**Morais Silva:** *adj.* Chocarreiro, zombeteiro.

**Cunha:** *adj.* ‘cômico, grotesco’ Do it. *burlesco*.

**CÂMARA [camara].** “Villa de Castro em Camara de 4 de Março | de 1808//” (Doc. 26, fól. 1r, l. 23-24)

**Significado:** Conjunto de vereadores; reunião da corporação municipal

**Bluteau:** Camara, ou Camera. As casas, & o Tribunal, em que o Presidente, Vereadores, &c. se ajuntão para tratar dos negocios concernentes ao bem publico de hua Cidade.

**Morais Silva:** *s.f.* Corporação de deputados, vereadores ou comerciantes. Edifício onde funciona qualquer dessas corporações.

**Cunha:** No sentido de assembléia (política, comercial, etc.) o voc. deve ter sido influenciado pelo fr. *chambre*; (...).

**CAPITÃO DO MATO.** “... Atendendo nos anesidade que | tem esta villa de Capitains do mato pa | ra Repremir alguns emsultos...” (Doc. 4, fól. 1r, l. 2-4)

**Significado:** Chefe de milícia destinada a reprimir os indígenas.

**Bluteau:** N. D.

**Morais Silva:** *s. m.* Chefe de uma milícia especial que, no tempo do Brasil colonial, se recrutava entre os habitantes dos bairros e povoados e se destinava a reprimir os ataques dos indígenas.

**Cunha:** N. D.

**CAPITÃO-GENERAL. [capitam general, capitão general]** “... Senhor DomAntonio | Manoel deMelo Castro e Mendoca | Governador eCapitam General desta | Capitania...” (Doc. 7, fól. 2r, l. 31-34)

**Significado:** Governado de capitania.

**Bluteau:** Tomase esta palavra [*capitam*] em diferentes sentidos. Algumas vezes significa o que manda hum exercito inteiro, ou huma armada grande, como Capitão General.

<sup>245</sup> Gregório de Matos “Descreve estando na Cajaiba huma cavallhada burlesca, que ali fizeram pelo Natal, huns folgazões.” Disponível em: < <http://www.cce.ufsc.br/%7Enupill/literatura/panca.html>>. Acesso em 15-10-2007.

**Morais Silva:** *s. m.* Governador de alguma capitania nas conquistas, cargo inferior ao de vice-rei.

**Cunha:** N. D.

**CAPITÃO-MOR. [capitão-mor]** “...estando presenteoCapitaõ-Mor | José Rodrigues Betim...” (Doc. 7, fól. 2r, l. 9-10)

**Significado:** Autoridade militar que comandava as milícias de uma vila.

**Bluteau:** Os officiaes da Camara elegem este. Deve ser das pessoas principaes da terra. Está obrigado a ter sempre prestes a sua gente para serviço del-Rey, & defençaõ da Cidade, Villa ou Concelho, donde he Capitaõ, (...).

**Morais Silva:** *s. m.* Autoridade militar que até o princípio do século actual comandava numa cidade ou vila a milícia chamada *ordenanças*.

**Cunha:** N. D.

**CAVALHADAS.** “...dous dias deCavallhadas, | eouttro dia de brulesco, eduas nouttes | debayles de Indios...” (Doc. 38, fól. 1r, l. 19-21)

**Significado:** Espécie de justa ou torneio.

**Bluteau:** N. D.

**Morais Silva:** *s. f. pl.* Diversão popular em que vários contendores, montados em cavalos ou jumentos, procuram com lanças ou canas, enristando-as, obter vários prémios, ordinariamente frangos ou patos e outras peças, suspensas de argolinhas.

**Cunha:** N. C.

**CHEYO, XEYO [cheio].** “...estatura alta xeijo de corpo cara comprida...” (Doc. 1, fól. 2v, l. 27)

**Significado:** Gordo, túrgido.

**Bluteau:** Cheo. Gordo. Repleto. Pareceis mais gordo, & mais cheo.

**Morais Silva:** *adj.* Nutrido, gordo.

**Cunha:** *adj.* ‘pleno, completo, repleto’ | XVII, *chêo* XIII, *cheo* XIII | Do lat. *plēnus*.

**COLADO.** “...incluzivamente ode levarem as Conhecenças pella desobriga da Quaresma, ou Sejaõ | Colados, ou encomendados os mesmos Parochos...” (Doc. 22, fól. 1r, l. 6-7)

**Significado:** Que goza de benefício eclesiástico.

**Bluteau:** Collação de beneficio ecclesiastico. A acção de o conferir, & prover alguém nelle.

**Morais Silva:** *adj. p. p.* Que goza de beneficio ecclesiastico; “pároco ou vigário *colado*”  
**colar:** *v. t.* Conferir beneficio ecclesiastico e vitalício a.

**Cunha:** **colar** *vb.* ‘nomear para beneficio ecclesiastico’ ‘investir na posse de (cargo, direito, título ou grau)

**CONCURSO.** “...por fugir oPovo do antigo Concurço, para não experi- | mentarem diariamente o desagrado do Respectivo Parocho...” (Doc. 22, fól. 2r, l. 34-35)

**Significado:** Afluência; concorrência.

**Bluteau:** Muita gente, que se vai ajuntando no mesmo lugar.

**Morais Silva:** *s. m.* Acto ou facto de muitas pessoas se dirigirem para o mesmo sítio; afluência, concorrência.

**Cunha:** N. C.

**CONGRUA [côngrua].** “Nem ellas constituem por modo algum aCongrua dos Parochos, | Segundo as disposiçõins deDireitoCanonico...” (Doc. 22, fól. 1r, l. 31-32)

**Significado:** Pensão que se concedia aos párocos.

**Bluteau:** Beneficio congruo. He o que basta para a terceyra parte da congrua sustentação.

**Morais Silva:** *s. f.* Remuneração que, por meio de contribuição ou derrama paroquial, se dá a curas, párocos, cónegos, para viverem onde não há os dízimos ecclesiasticos.

**Cunha:** *sf.* ‘pensão que se concedia aos párocos para sua conveniente sustentação’ 1813. Fem substantivado de *côngruo* ‘harmonioso, coerente’.

**CONHECENÇA.** “... aidentica questaõ das mesmas Conhecenças mandadas | agora Levar naCarta Circular...” (Doc. 21, fól. 1r, l. 8-9)

**Significado:** Antiga oferta feita aos vigários.

**Bluteau:** Premio, ou salario, estipendio, com que se reconhece algum serviço, & que depende da vontade, & arbitrio de quem a dá.

**Morais Silva:** *s. f.* Prémio, oferta voluntária feita a curas pelo pasto espiritual, por certos rendimentos, em relação aos quais não havia regra para se pagarem dízimos, ou devida e necessária a algum senhorio por qualquer bom ofício que faça, ou reconhecimento de vassalagem, sujeição.

**Cunha:** XIII.

**CONTINENTE:** “(...) alguns dos que de | zertaraõ das Guerrilhas que sedestinavaõ para as Fronteiras | do Continente doSul, (...)” (Doc. 40, fól. 1r, l. 05-07)

**Significado:** Grande massa de terras; antigo nome do Estado do Rio Grande do Sul.

**Bluteau:** Aquela parte da terra, que toda está junta a mayor superficie, camaraõ *Continente*.

**Morais Silva:** *s.m.* Espaço considerável de superficie sólida da Terra que pode percorrer-se sem passar o mar; terra firme.

**Cunha:** *adj.2g.* ‘orig. que conte[em algo]; ‘*ext.* grande massa de terra cercada pelas águas oceâncias’ XVIII.

**CORREDIO.** “...cabello corredio ruivo...” (Doc. 1, fól. 3r, l.19)

**Significado:** Liso, desembaraçado.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *adj.* Diz-se do cabelo (ou da barba) liso, não encrespado.

**Cunha:** *adj.* ‘corrediço, liso’ | XIV.

**CORREGEDOR.** “...chegou nestavilla oDoutor | Corregedor da Comarca de Correijam...” (Doc. 28, fól. 1r, l. 12)

**Significado:** Magistrado incumbido de corrigir os abusos das autoridades judiciárias.

**Bluteau:** Poem El-Rey aos *Corregedores* nas comarcas para emendarem, & castigarem os maleficios, que nellas se comettem, para cujo effeito vaõ correllas cada anno em correijão

**Morais Silva:** *s. m.* Magistrado superior, que fiscaliza a distribuição da justiça, o exercício da advocacia e o bom andamento dos serviços forenses.

**Cunha:** *s..* ‘magistrado, juiz’ XIV.

**CORTE.** “(...) oRespeitavel Se | nado da Camara da Cidade eCorte do Rio de Janeiro, (...)” (Doc. 55, fól. 1r, l. 05-06)

**Significado:** Cidade em que reside o soberano.

**Bluteau:** O lugar onde reside o Rey, assistido dos Officiaes, & ministros da casa Real.

**Morais Silva:** *s.f.* Paço, residência de um soberano.

**Cunha:** *s.f.* ‘orig. palácio real’ ‘o governo de um país monárquico’ ‘*ext.* ‘os que habitualmente cercar o soberano’. XIII. Do lati. vulg. *cōrs cortis* (clássico *cohors*)

**CORTES:** “(...) ese Ju- | raram as Bazes da Constituição, Decretadas pelas Cortes Ge | raes de Lisboa: (...). (Doc. 50, fól. 1r, l. 06)

**Significado:** Parlamento; reunião dos três estados da nação portuguesa.

**Bluteau:** Ajuntamento geral dos que tem voto nas materias concernentes ao bem commum do Reyno, & particular do Rey.

**Morais Silva:** *s. f. pl.* Assembleia onde se reuniam os procuradores das cidades e vilas com a nobreza e o clero, para proporem aos reis as leis que julgavam úteis ao Estado, votarem impostos e deliberarem sobre outras questões de interesse público.

**Cunha:** N. C.

**DELLEGADO [delegado].** “...em desagrado de *Vossa Excelencia* aquem como a dellegado de- | *Sua Alteza Real* detodooCoração, epronta *vontade* torno aoffere- | cer todos osmeos bens...” (Doc. 27, fól. 1r, l. 23-25)

**Significado:** Representante.

**Bluteau:** O ministro, a quem o principe communicou a sua authority para a decisaõ de algum negocio.

**Morais Silva:** *s. m.* Aquele que recebeu poderes ou incumbência de alguém para o representar.

**Cunha:** *adj. sm.* XV.

**DESAFORAR.** “...este Conselho he sumamente pobre, sem | patrimonio algum, aumenos quanto baste | paraas suas ordinarias despezas, que por iso a | huns poucos deannos estemos mo empenhado | eSem esperança dese desaforar delle...” (Doc. 37, fól. 1r, l. 16-20)

**Significado:** Isentar do pagamento de um foro.

**Bluteau:** Livrar do foro.

**Morais Silva:** *v. t.* Isentar do pagamento de um foro.

**Cunha:** XIV.

**DESOBRIGA.** “(...) o pezado emcargodepagar | anualmente 160 *reis* de desobriga quaresmal (...).” (Doc. 10, fól. 1r, l. 19-20)

**Significado:** Cumprimento do preceito católico da comunhão anual.

**Bluteau:** N. D.

**Morais Silva:** *s. f.* Cumprimento do preceito quaresmal.

**Cunha:** N. C.

**DESOBRIGAR.** “... Retirandose taobem *para* alonga estação de vinte tantas | Leguas, com ofribulo pretexto de hir adesobrigar os moradores | daFazenda do Limoeiro...” (Doc. 22, fól. 2r, l. 18-20)

**Significado:** Fazer cumprir o preceito quaresmal.

**Bluteau:** Desobrigarse da quaresma. He satisfazer ao preceito da confissão, & comunhão, que ordena a Igreja.

**Morais Silva:** *v. t.* Dispensar, isentar de alguma obrigação; livrar de compromisso; exonerar, quitar, absolver.

**Cunha:** *desobrigar XVI.*

**DESTACAMENTO.** “Sendo esta villa deCastro demuito Mo | derna fundação; igualmente composta deindividuos | nimiamente pobres: foce por consiquencia emCa | pas desofrer comtinuados destacamentos...” (Doc. 31, fól. 1r, l. 10-13)

**Significado:** Recrutamento de soldados.

**Bluteau:** Separação de uma parte do Exercito, para reforçar outra, para hum ataque, ou para outra facção.

**Morais Silva:** *s.m.* Acto ou efeito de destacar.

**Cunha:** 1813.

**[MEIA] DEVAÇA [devassa].** “*Para* pagar ao Escrivaõ Manoel Machado daSilva | Ordenado Preparatorios de Uzanças emeias deva | ças dos annos transatos” (Doc. 43, fól. 4r, l. 18-20)

**Significado:** Sindicância para apurar um fato criminoso.

**Bluteau:** O efeito da inquirição de um crime.

**Morais Silva:** *s.f.* Pesquisa de provas e inquirição de testemunhas, para averiguar um facto criminoso. Sindicância.

**Cunha:** XVI.

**DESTRITO [distrito].** “(...) Ordenarem ao Capitam [Mor] | desta Villa *para* no destrito de Seu Comando Chamar | gente (...)” (Doc. 57, fól. 1r, l. 15-17)

**Significado:** Circunscrição.

**Bluteau:** O espaço de lugar a que se estende qualquer jurisdição.

**Morais Silva:** s. m. Circunscrição territorial em que se exerce o governo, jurisdição ou inspeção de certa autoridade administrativa, judicial ou fiscal.

**Cunha:** sm. ‘divisão territorial a cargo de uma autoridade administrativa’ | *districto* XVII | Do lat. med. *districtus -us* ‘território dependente da cidade’, de *districtus* ‘preso, ligado’, part. pas. de *distringere*.

**DITO.** “(...) por baixa que se deu a Cerino Borges de Macedo, que o Cupava o dito emprego, (...)” (Doc. 23, fól. 1r, l. 08-09)

**Significado:** Referido.

**Bluteau:** Cosa ditta.

**Morais Silva:** adj. Pronunciado, mencionado, referido, aludido.

**Cunha:** adj. XIII. Do lat. *dictus*, part. pas. de *dicere*.

**EMCINUA [insinuar].** “...temos Rezolvido amandarnos Sem demora | o Procurador desta Camera, na forma que Vossa Excelencia nos emci= | nua...” (Doc. 10, fól. 1r, l. 7-9)

**Significado:** Sugerir, aconselhar.

**Bluteau:** Dar a entender. Indicar. Dar huma leve noticia de alguma cousa.

**Morais Silva:** v. t. Indicar, manifestar, aconselhar, avisar.

**Cunha:** vb. ‘pretender provar, dar a entender, induzir’ XIV. Do lat. *insinuare*.

**EMPREGO.** s. m. “...eaxar | em Francisco Ferreira de Andrade capacidade emeritos | para exzerser o posto de Alferes da mesma Companhia o no | meyo para o dito emprego...” (Doc. 2, fól. 1r, l. 10-13)

**Significado:** Cargo, serviço público.

**Bluteau:** Officio. Cargo.

**Morais Silva:** s. m. Lugar, colocação, função, cargo, officio, ocupação.

**Cunha:** XV. Deriv. regress. de *empregar*.

**EMSULTO [insulto].** “...obrabo Gentio que desde | o confins de Lages the o deste destrito, es | tam destruindo matando, queimando, rou | bando, efazendo Retirar os moradores de | medo dos seus emSultos...” (Doc. 16, fól. 1r, l. 6-10)

**Significado:** Agressão.

**Bluteau:** Injúria, ou violencia, que se faz a alguém improvisamente, & de ordinario sem causa.

**Morais Silva:** *s. m.* Agressão violenta, ataque.

**Cunha:** XVI, *ensulto* XV. Do lat. *insultāre* ‘saltar sobre, atacar’, de *in* + *saltāre*.

**ENCOMENDADO.** “...levarem as Conhecenças pella desobriga da Quaresma, ou Sejaõ | Colados, ou encomendados os mesmos Parochos...” (Doc. 22, fól. 1r, l. 06-07)

**Significado:** Pároco nomeado provisoriamente para uma freguesia.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s. m.* Pároco por encomendação, amovível. **encomendação:** Administração de igreja ou paróquia dada a sacerdote pelo prelado da diocese, sem nomeação do governo.

**Cunha:** 1813.

**ENTRADA.** “(...) faça Repremir este emnigo fazendo | entrada por embetuba athe chegarem aos | alojamentos, fazendo os retirar *para mais lonje* (...).” (Doc. 16, fól. 1r, l. 27-29)

**Significado:** Expedição militar.

**Bluteau:** Entrada violenta do inimigo em terras, cidades, &c.

**Morais Silva:** *s. f.* Rápida invasão militar em território inimigo; incursão, correria, algara, fossado. Expedição ao interior do país, no tempo do Brasil colonial, com o fito de exploração ou decativar os indígenas.

**Cunha:** XIII.

**ESFERA.** (...) he curta anossa Esfera| para instantania mente podermos dar hua Resposta.

(Doc. 10, fól. 1r, l. 05-06)

**Significado:** Talento, saber.

**Bluteau:** Qualidade, ou Capacidade.

**Morais Silva:** *s. f.* Extensão, maior ou menor da autoridade, de poder, de talento, de atribuições, etc.

**Cunha:** *s. f.* Do lat. tardio *sphēra*, de *sphaera* –*ae*, deriv. do gr. *sphaîra*.

**ESTAÇÃO [estação].** “... Retirandose taobem *para* alonga estação de vinte tantas | Leguas, com ofribulo pretexto de hir adesobrigar os moradores | daFazenda do Limoeiro...” (Doc. 22, fól. 2r, l. 18-20)

**Significado:** Estada.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s. f.* Estância, paragem, demora, estada em algum lugar.

**Cunha:** *sf.* ‘paragem ou pausa em um lugar’ ‘estada, parada’ | *estaçom* XIV | Do lat. *statio - ōnis*.

**FALTO.** “...cor morena pouca barba falto de hum dente adiante da *parte* | de sima...” (Doc. 1, fól. 4r, l. 21)

**Significado:** Carecido, falho.

**Bluteau:** Defectuoso. Não inteiro.

**Morais Silva:** *adj.* Que não tem, que perdeu alguma coisa.

**Cunha:** XVI.

**FINTA.** “...Coaze Sempre o Povo della Seve emvadido esse= | ra preciso algumas vezes Lançar algua Leve finta como por= | vezes tem acontecido...” (Doc. 10, fól. 1r, l. 16-18)

**Significado:** Contribuição pecuniária; tributo.

**Bluteau:** Tributo, que se paga ao Principe do rendimento da fazenda de cada subdito.

**Morais Silva:** *s. f.* Tributo lançado em proporção dos rendimentos de cada cidadão; derrama, imposto.

**Cunha:** *sf.* ‘imposto extraordinário’ XIII. De origem controversa.

**FREGUESIA.** “(...) todo *aquele* fregues desta freguezia (Doc. 26, fól. 1r, l. 18-19)

**Significado:** Povoação sob o aspecto eclesiástico.

*Bluteau:* A Igreja parochial. *Paroeciae templum, i. Neut.* O lugar da cidade, ou do campo em que vivem os freguezes.

**Morais Silva:** *s. f.* Circunscrição administrativa de uma paróquia; povoação sede dessa circunscrição.

**Cunha:** *free-* XIII, *ffréguisia* XIII, etc.

**FURRIEL.** “(...) Tenente Geremias de Lemos Conde | Alferes Bento Lemes da Rocha Carvalhais | Furriel Joze Sutil de Oliveira | *Primeiro* Cabo Antonio de Souza Pimentel (...)” (Doc. 1, fól. 1r, l. 06-09)

**Significado:** Antigo posto militar, entre cabo e sargento.

**Bluteau:** He o official, ao qual toca executar por menor a distribuição dos alojamentos feita pelo Mestre de Campo general, repartido a cada terço seu quartel, & as boletas para cada terço, conforme a quantidade da gente.

**Morais Silva:** *s.m.* Antigo posto militar, entre cabo e sargento.

**Cunha:** *s. m.* ‘antigo posto militar, entre cabo e sargento’ | *forriel* 1813 | Do fr. *fourrier*.

**GATEADO.** “...naris grande olhos gateados...” (Doc. 1, fól. 1r, l. 11)

**Significado:** Amarelo-esverdeado como os do gato

**Bluteau:** N. D.

**Morais Silva:** *adj. e p. p.* Relativo a gato, semelhante a gato.

**Cunha:** 1813.

**GENTIO.** “(...) expostas ao Risco do brabaro gentio (...)” (Doc. 15, fól. 1r, l. 12)

**Significado:** Selvagem.

**Bluteau:** Pagaõ.

**Morais Silva:** *s.m.* Aquele que segue a religião pagã; aquele que é idólatra, bárbaro, selvagem.

**Cunha:** *sm.* ‘pagão’ XIII. Do lat. *genetivus*.

**GOVERNANÇA.** “...tomamos possas nesta Camara das Governanças desta | villa...” (Doc. 26, fól. 1r, l. 4-5)

**Significado:** Governo.

**Bluteau:** Governo. Na *Governança* de seus bens.

**Morais Silva:** *s.f.* Administração, gerência, gestão.

**Cunha:** XV.

**GUERRILHA.** “(...) alguns dos que de | zertaraõ das Guerrilhas que sedestinavaõ para as Fronteiras | do Continente doSul, (...)” (Doc. 40, fól. 1r, l. 05-07)

**Significado:** Corpos provisórios de tropas.<sup>246</sup>

**Bluteau:** N. D.

**Morais Silva:** N. C.

**Cunha:** 1813. Do cast. *guerrilha*.

**ILLUMINAÇOENS [iluminação].** “... os festejos Seguintes, tres dias de Ilu | minaçoens por todas as Cazas...” (Doc. 3, fól.1r, l. 11-12)

**Significado:** Luminárias.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s.f.* Disposição simétrica de luzes em monumentos ou a volta deles, arraiais, para festas ou comemorações; luminárias.

**Cunha:** *illu-* XVI | Do lat. *illuminātio -ōnis*.

**INFANTA** “...para eifei | to deSe festejar anossa Infanta, sefize | ram por ella os festejos seguintes.” (Doc. 5, fól.1r, l. 5-7)

**Significado:** Princesa não herdeira da coroa.

**Bluteau:** Em Portugal, & Castella se dá este nome ás filhas dos Reys.

**Morais Silva:** *s.f.* Filha de rei ou de rainha; princesa não herdeira da coroa (em Portugal e em Espanha).

**Cunha:** *s.f.* XIII. Do lat. *infāns -antis* ‘que não fala, infantil’, de *fari* ‘falar’.

**INFANTE.** “...demos prencipio afestejar oNasimen | to dosereniSimo Infante Noso Senhor...” (Doc. 32, fól. 1r, l. 8-9)

**Significado:** Irmão do príncipe herdeiro.

**Bluteau:** Nos reinos de Portugal, & de Castella he o titulo, que se dá aos filhos dos Reys, abaixo do primogenito, que a este lhe chamaõ Principe.

---

<sup>246</sup> *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. Offícios e bandos do Capitão General Francisco de Assis Mascarenhas, Conde da Palma, aos funcionários da Capitania, no período de 1814 a 1817.* Edições Arquivo do Estado de São Paulo, v. 90, 1967. p. 111 e 113.

**Morais Silva:** *s. m.* Filho do rei. Imão do príncipe herdeiro.

**Cunha:** *adj. s2g.* ‘os filhos dos reis de Portugal ou da Espanha, mas não herdeiros da coroa’ | XIII, *ifante*, XIII etc. Do lat. *infāns -antis* ‘que não fala, infantil’, de *fari* ‘falar’.

**INFRIORES [inferior].** “(...) sena *Setima Companhia Melleci-* | anna havia hum official subalterno, | ou Infriores que seaxasse nas Circûns- | tancias das Ordens de *Sua Excelencia para* pode | rem ser propostos *para* oPosto de *Capitam* | de Ordenanças; (...)” (Doc. 59, fól. 1r, l. 02-07)

**Significado:** Oficial subalterno.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s.f.* Diz-se dos oficiais que têm a graduação de sargentos ou furriéis.

**Cunha:** N. C.

**INTIMAÇOENS [intimação]:** “(...) eperguntados elles dizem | haver aquelle metal com abundancia, eque naquel | le Rio ha pedras, que não savendo elles fazer huma | verdadeira exposiçãõ, pelo modo desuas intimaçoens | serem pedras preciosas, (...)” (Doc. 50, fól. 1v, l. 16-20)

**Significado:** Notícia, informação.

**Bluteau:** Intimar a alguém, he o mesmo que significarlhe, que se lhe move demanda. Donde finalmente veyo, que hoje *Intimar* quer dizer, significar alguma cousa & fazela saber com particularidade a alguém, ou declarar com authoridade do Magistrado.

**Morais Silva:** *s. f.* Acção ou efeito de intimar. Citação, mandado.

**Cunha:** intimar *v.t.* ‘avisar, cientificar, falar com arrogância ou mando’ XVII. Do lat. *intimāre* ‘fazer penetrar em’ || intimação 1844 |.

**LEVAR.** “...e que Sendo Rellativa | aidentica questaõ das mesmas Conhecenças mandadas | agora Levar naCarta Circular...” (Doc. 21, fól. 1r, l. 7-9)

**Significado:** Auferir.

**Bluteau:** Tomar.

**Morais Silva:** *v. t.* Perceber, auferir. Receber (certa quantia taxada como custo).

**Cunha:** *vb.* ‘transportar, retirar, afastar, induzir, tirar, roubar’ XIII. Do lat. *levāre*.

**LOGRADOR [logradouro].** “A Ronda deque setrata, como Ja fi- | zemos Ver no nosso Citado Officio foi Rezervada | na Erecção desta Villa para Logradores dos | moradores damesma (...).” (Doc. 56, fól. 1r, l. 23-26)

**Significado:** Espaço de uso público, numa povoação.

**Bluteau:** Campo publico de hũa Villa, ou lugar, onde todos podem mandar pastar o gado. Os Baldios são logradouros do Concelho, sem sua licença os de fóra não os podem lograr.

**Morais Silva:** *s.m.* Pastagem pública para os gados. Lugar público onde o povo pode espaiocer, como nos jardins.

**Cunha:** *sm.* ‘tudo que é ou pode ser fruído por alguém, pastagem pública’ 1813. ‘as vias e praças públicas de uma cidade’ XX.

**LONGE.** “...pelos grandes | longes aque Setem estendido os menSio | nados povos..” (Doc. 17, fól. 1r, l. 6-8)

**Significado:** Grande distância.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s.m.* Lonjura, distância.

**Cunha:** *adj. adv.* ‘distante, afastado’ ‘ a grade distância’ XIII. Do lat. *lõnge*, de *lõngus*.

**LUMINARIA [luminárias].** “...tres di | as de Luminarias: dous dias de touros, eva | rias dansas efestejos publicos...” (Doc. 5, fól. 1r, l. 11-13)

**Significado:** Iluminação pública festiva.

**Bluteau:** Luzes que se poem nas janellas, varandas, & em cima das torres, em festas publicas.

**Morais Silva:** *s. f. pl.* Iluminação pública festiva.

**Cunha: luminária:** *sf.* ‘aquilo que alumia’ | *lumynaria* XIV. Do lat. *luminariã*, nomin. neutro plural de *luminaris*.

**MANTIMENTO.** “...Contribuindo os moradores Compol | vora, exumbo, emantimentos perSizos..” (Doc. 16, fól. 1v, l. 1-2)

**Significado:** Gêneros, virtualhas.

**Bluteau:** Alimentos necessarios para o sustento da vida.

**Morais Silva:** *s. m.* Os géneros, as virtualhas; alimento.

**Cunha:** XIV, *manteimento* etc.

**MARINHA.** “(...) Segundo Corpo do Terço de Avulços da marinh|a de Parnagoa (...)”  
(Doc. 1, fól. 1r, l. 03-04)

**Significado:** Beira-mar, orla marítima.

**Bluteau:** Praya do mar.

**Morais Silva:** *s. f.* Beira-mar; margem. Litoral aposto (sic) à serra e aos campos.

**Cunha:** *s. f.* ‘litoral’ XIII, f. de *marīnus*, de *māre*.

**MERCES [mercê].** “...pois ovemos abuzar das merces, | que amera bondade de  
*VossaExcelencia* Liberaliza...” (Doc. 22, fól. 2r, l. 12-13)

**Significado:** Dádiva, benignidade.

**Bluteau:** Paga do mercenário, ou galardão, & recompensa, que se dá ao merecimento de  
alguem

**Morais Silva:** *s. f.* Benignidade, indulgência, favor.

**Cunha:** *sf.* ‘graça, benefício, proteção’ XIII *mercee* XIII etc. | Do lat. *mērces –ēdis* ‘salário,  
prêmio’, derivado de *merx mercis*.

**MELISIA [milícia].** “... estando as pessoas mais sufisien | tes desta villa oCupados  
naCompanh[ia] | da melisia auxiliar que *Vossa Excelencia* foi ser | vido mandar nova mente  
Eregir...” (Doc. 4, fól. 1r, l. 9-12)

**Significado:** Corpo de tropas auxiliares.

**Bluteau:** Gente de guerra.

**Morais Silva:** *s. f.* Leva temporária de homens feita em circunstâncias extraordinárias; corpo  
de cidadãos armados que não fazem parte das tropas ordinárias.

**Cunha:** *militias* pl. XIV | Do lat. *militīa*, de *miles -itis*.

**MELECIANOS [miliciano].** “... Esta ponte | ExselentiSimo Senhor, Sepode fazer Sem  
veixa | me deninguem, mandando *VossaExcelencia* que paraella | não haja Rezerva depeSoa  
alguma, dos Bairros | edestritos desta villa ehinda dos mesmos Me | Lecianos...” (Doc. 25, fól.  
1r, l. 22-27)

**Significado:** Soldado de tropa auxiliar.

**Bluteau:** Gente miliciana, he a gente bisonha & soldados de Ordenança, em que entraõ sapateiros, alfayates & outros officiaes mecanicos.

**Morais Silva:** *s. m.* Soldado de milicias.

**Cunha:** XVII.

**MODERNO.** “...Sendo esta villa deCastro demuito Mo | derna fundaçã; igualmente composta deindividuos | nimiamente pobres...” (Doc. 31, fól. 1r, l. 10-12)

**Significado:** Recente.

**Bluteau:** Cousa desta Era, destes ultimos annos, de pouco tempo a esta parte, respectivamente ao tempo antigo.

**Morais Silva:** *adj.* Recente.

**Cunha:** *adj.* ‘dos nossos dias, recente, atual, hodierno’ 1572. Do lat. tardio *modernus*, de *mōdus*, calcado em *hodiernus*, de *hodīe* ‘hoje’.

**NOVA MENTE [novamente].** “(...) estando as pessoas mais sufisien | tes desta villa oCupados naCompanh[ia] | da melisia auxiliar que *Vossa Excelencia* foi ser | vido mandar nova mente Eregir (...)” (Doc. 4, fól. 1r, l. 09-12)

**Significado:** Recentmente, há pouco tempo.

**Bluteau:** De pouco tempo, poucos dias a esta parte. Ultimamente.

**Morais Silva:** *adv.* Como novidade, pela primeira vez. Há pouco, recentemente.

**Cunha:** N. D.

**OBLAÇOINS [oblação].** “...segue claramente que os Dizimos saõ | Compreendidos naClace das Oblaçoins...” (Doc. 22, fól. 1v l. 12-13)

**Significado:** Oferta aos santos ou a Deus.

**Bluteau:** Oblaçã era o que se offerecia a Deos além das primicias, & hoje he o que se offerece ao parochio, fóra dos dizimos.

**Morais Silva:** *s. f.* Aquilo que se oferecea Deus; oferta, oferenda.

**Cunha:** *sf.* ‘oferenda feita a Deus ou aos santos’ | *oblaçon* XIII | Do lat. *oblātio -ōnis*.

**OBRAR.** “(...) queremos em tudo obrar | com asertto (...)” (Doc. 4, fól. 1r, l. 23-24)

**Significado:** Agir.

**Bluteau:** Fazer qualquer acção.

**Morais Silva:** *v. t.* Pôr em obra; realizar, praticar, fazer.

**Cunha:** XIII.

**OFFICIAL [oficial].** “Bejamos as maons de | *Vossa Excelencia* o Juis Prezidente emais officiais | daCamera...” (Doc. 12, fól. 1r, l. 12-14)

**Significado:** Vereador.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s.m.* Aquele que serve um emprego militar (de graduação superior à de sargento) ou civil a que corresponde certa graduação.

**Cunha:** *sm.* ‘aquele que tem um officio’ | *officiaes* pl. XIII.

**OFFICIO [ofício].** “(...) aquellas couzas que | denecessidade haõ deser feitas, por homens de Offi| cios proprio para ellas (...)” (Doc. 57, fól. 1r, l. 20-22)

**Significado:** Ocupação.

**Bluteau:** A ocupação que cada hum tem no seu estado.

**Morais Silva:** *s. f.* Modo de vida, ocupação; profissão.

**Cunha:** XIV, *officio* XIII. | Do lat. *officium* –i.

**ORDENANÇA.** “(...) em acto de Camera dodia de hoje | prezidida pelo Sargento Mor Jozé CarneiroLobo | Comandante Interino das Ordenanças por impedi | mento do Capitam mor Respectivo (...)” (Doc. 45, fól. 1r, l. 06-09)

**Significado:** Tropas auxiliares, que mantinham a ordem nas vilas.

**Bluteau:** [Longo verbete explicativo]

**Morais Silva:** *s.f.* Organização militar da força nacional, constituída em companhias de ordenanças pelo Regulamento de 10-XII-1570, também conhecido pelo nome de Regimento das Companhias de Ordenanças.

**Cunha:** | *-nãça* XIV | Do lat. med. *ordinantia*.

**OUVIDOR.** “(...) doBaxarel Joaõ Baptista Dosguimarains | Peixoto, Ouvidor dezertado davilla dePara | nagua, (...)” (Doc. 19, fól. 1r, l. 06-08)

**Significado:** Juiz posto pelos donatários de capitánias.

**Bluteau:** Oficial de justiça, que ouve, & despacha, conforme o Regimento da sua Ouvidoria. Há Ouvidor do crime, Ouvidor da Alfandega, Ouvido posto por ElRey em algum lugar, &c.

**Morais Silva:** No Brasil colonial, o juiz posto pelos donatários em suas terras, e depois o juiz de direito.

**Cunha:** *oydor XIII, ouvidor XIII etc.*

**PARADA.** “...pela Sua inata piedade ma | nde estabaleSer as mensSionadas paradas | pelo estilo antigo demorador amorador, | porque aSim não Servem devexame...” (Doc. 15, fól. 1r, l. 16-19)

**Significado:** Transporte de correspondência por meio de postilhões.<sup>247</sup>

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s. f.* Cada um dos lugares em que permaneciam, de posta em posta, os postilhões que levavam cartas, aviso, recados, e onde o que chegava pasava a incumbência a outro que partia, a fim de se fazer com mais rapidez.

**Cunha:** XVI.

**PASSO.** “(...) e como os Campos desta fazenda se de | videm com os fundos da dita Ronda por hum pe | queno arroio, neste quer fazer hum passo para por | elle se servir, (...)” (Doc. 56, fól. 1v, l. 26-29)

**Significado:** Vau num curso d’água por onde passam os viajantes.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s. m. Bras. do Sul:* Lugar num rio ou arroio onde há vau e onde costumam passar os viajantes.

**Cunha:** *s.m.* ‘o ato de andar’ ‘passagem’ XIII. | Do lat. *pāssus -us*.

**PEANHA.** “...fãs domesmo | valimento escudo para a sua defesa, e Peanha para subir athê ao= | mais elevado ponto...” (Doc. 22, fól. 2r, l. 13-15)

**Significado:** Pequeno pedestal, fixo à parede, que sustenta imagem, cruz, busto, etc.; suporte.

<sup>247</sup> “Sendo muito conveniente ao Serviço de El Rey Nosso Senhor, e nas actuaes circunstancias estabelecer p.<sup>r</sup> meio de Paradas hua linha de comunicação pela costa desta Capitania desde a Villa de Santos até o Destricto da Capitania de S.<sup>ta</sup> Catharina, (...)” (*Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. Offícios e bandos do Capitão General Francisco de Assis Mascarenhas, Conde da Palma, aos funcionários da Capitania, no período de 1814 a 1817.* Edições Arquivo do Estado de São Paulo, v. 90, 1967. p. 41).

**Bluteau:** He o que serve de soste alguma estatua, ou figura; chamase peanha, porque nella se assentaõ os pes da figura.

**Morais Silva:** s. f. Pequeno pedestal sobre que assenta imagem, cruz, busto, etc.

**Cunha:** *sf.* ‘pequeno pedestal sobre o qual assenta imagem, cruz, busto, etc.’ XVI. Do lat. tardio *pedānea*.

**PENCIONADO [pensionar].** “...o Sal. genero da *primeira* necessidade que gastaõ es= | tes povos já Seacha pensionado em Pernagoá em 2000reis, | Cada Alqueire para o mesmo imposto...” (Doc. 11, fól. 1r, l. 9-11)

**Significado:** Sobrecarregado com encargos.

**Bluteau:** N. D.

**Morais Silva:** Sobrecarregar com trabalhos.

**Cunha:** *pensão* *s.f.* ‘foro’ ‘tributo’ | pensões pl. XIV | Do lat. *pēnsio -ōnis*.

**PLAUZIVEL [plausível].** “Todos os habitantes deste destrito | portaõ plauzivel noticia puzeram Luminarias | nos dias 9, 10 e 11 por ordem deste Senado, (...).” (Doc. 49, fól. 1r, l. 11-13)

**Significado:** Digna de aplauso.

**Bluteau:** Cousa merecedora de applauso, ou que com razão ou sem razão se aplaude.

**Morais Silva:** *adj. 2. gén.* Que merece aplauso ou aprovação.

**Cunha:** *adj. 2 g.* ‘que merece aplauso’ ‘razoável, aceitável’ XVII. | Do lat. *plausibilis -e*.

**PREITO.** “...o solemne Juramento dePreito, e Homenagem...” (Doc. 36, fól. 1r, l. 4)

**Significado:** Homenagem; vassalagem.

**Bluteau:** Preito, & homenagem, ou pleito, homenagem (...).

**Morais Silva:** *s. m.* Juramento solene. Tributo de vassalagem.

**Cunha:** *sm.* ‘sujeição, dependência’ ‘homenagem’ XIII. Do a. fr. *plaid*, deriv. do lat. *placitum i*.

**DEPREZENTE [(de) presente].** “(...) a pouco espaço | embadindo a fazenda da Barra e Roubando | deprezente o Payol damesma Fazenda (...).” (Doc. 16, fól. 1r, l. 15-17)

**Significado:** Atualmente.

**Bluteau:** De presente, ao presente. *Nunc* ou *jam*.

**Morais Silva:** *De presente*, actualmente, presentemente.

**Cunha:** N. D.

**PREMISSIAS [primícias].** “Nem ellas constituem por modo algum a Congrua dos Parochos, | Segundo as dispozicoins de Direito Canonico; mas sim as Oblaçoins, as Premissias | os Dizimos; e a uniaõ dos Beneficios Simples...” (Doc. 22, fól. 1r, l. 31-33)

**Significado:** Os primeiros frutos da terra.

**Bluteau:** Na ley antiga, as primicias eraõ a parte das novidades, & frutos da terra, que se offerencia a Deos. (...) Das primicias naõ era taxada a quantidade como das Decimas.

**Morais Silva:** *s. f. pl.* Os primeiros frutos da terra.

**Cunha:** *s. f. pl.* ‘primeiros frutos’ XIII. Do lat. *primitiæ -arum*.

**PROPINA.** “(...) Terceiro Mandado da *quantia* de 75\$800reis asaber de | propinas e Audiencia Geral para o Doutor Ouvidor eseu Escrivam 40\$800 Reis (...)” (Doc. 51, fól. 1r, l. 18-19)

**Significado:** Gratificação paga a certos funcionários públicos.

**Bluteau:** Antigamente em Castella *Propina* era hũa merenda, que se dava em algumas juntas. Hoje se da a propina em dinheyro, ou em tantas varas de pano, & outras cousas usuaes. (...) Em Portugal se dão propinas aos Officiaes da Casa Real, aos Tribunaes, ao Reytor, Cancellario, Lentes, Licenciados, Bedeis, &c. da Universidade.

**Morais Silva:** *s. f.* Gratificação dada a qualquer funcionário por serviço prestado no exercício das suas funções.

**Cunha:** XVIII. Do lat. tardio *propīna*.

**PROPINQUIDADE [propinqüidade].** “(...) vivemos naõ com | menos risco desermos envadidos pelos Bugres pela | propinquidade desua vezinhança (...)” (Doc. 31, fól. 1r, l. 27-29)

**Significado:** Proximidade.

**Bluteau:** Propinquo. Proximo .

**Morais Silva:** *s. f.* Proximidade.

**Cunha:** XVI. Do lat. *propinquitās -ātis*.

**PROVISÃO [provisão].** “...avista da Provisão Regia expedida pelo Concelho ultramarino em que | Sua Magestade prohiibe aos Parochos olevarem as Conhecenças...” (Doc. 22, fól. 1r, l. 13-14)

**Significado:** Carta pela qual o governo confere dignidade ou expede instruções.

**Bluteau:** Patente, alvará, ou titulo, com que alguem he provido em algum Beneficio ou officio.

**Morais Silva:** *s. f.* Carta pela qual o governo confere mercê, cargo, dignidade, officio, etc., ou expede instruções e autoriza o exercício de uma profissão.

**Cunha:** *provison* XIV.

**QUARTEL.** “...mandamos Ordem ao Rematante para fa | zer Remeter os Quarteis Vencidos, ...”  
(Doc. 53, fól. 2r, l. 19-20)

**Significado:** Salário de um trimestre.

**Bluteau:** O dinheyro, que se paga de tres em tres mezes, ou o ordenado, & salario do qual se fazem quatro pagas no espaço de hum anno.

**Morais Silva:** N. C.

**Cunha:** *sm.* ‘a quarta parte’ | *-tees* pl. XV | Do cast. *cuartel*, deriv. do cat. *quarter*.

**QUINTO.** “(...) perdendo os tropeiros sua fazenda, o Estado | não Lucra os quintos do Registo da Coritiba, (Doc. 50, fól. 2r, l. 05-06)

**Significado:** Imposto de vinte por cento.

**Bluteau:** A quinta aprte de hũa fazenda, de hũa soma.

**Morais Silva:** *s. m.* Imposto de cinco por cento que o erário português cobrava das minas de ouro do Brasil

**Cunha:** *num. s. m.* ‘quinta parte’ XIII.

**REDITO [rédito]:** “(...) amesma necessidade de adiantar do dito Porto de Jaguaraiwa al | guns quarteis, para suprir adespeza deste Conselho, por não | ter outros reditos donde possa haver qualquer quantia (...).” (Doc. 51, fól. 1r, l. 30-32)

**Significado:** Rendimento.

**Bluteau:** Rendimento.

**Morais Silva:** *s.m.* Rendimento, lucro, produto.

**Cunha:** ‘lucro, ganho’ XVII. Do lat. *redītus*, *-ūs*.

**REIS [réis].** “...mandamos paSsar Edital com pena de seis | mil Reis e trinta dias decadeia..” (Doc. 26, fól. 1r, l. 17-18)

**Significado:** Plural de *real*, antiga moeda portuguesa.

**Bluteau:** Moeda bayxa de Portugal. He abreviatura de *reaes*.

**Morais Silva:** *s. m. pl. de real* (*s. m.*, na acepção de moeda). **real:** antiga moeda portuguesa.

**Cunha:** **real:** *sm.* ‘moeda portuguesa antiga’ **réis:** *s. m. pl.* ‘real’ XVIII.

**RELIGIAM [religião].** “(...) por encontrarem objeçõens por parte da Religiam carmelita (...)” (Doc. 41, fól. 1r, l. 08)

**Significado:** Ordem religiosa.

**Bluteau:** Ordem Religiosa, como quando se diz, A Religião de S. Domingos, de S. Francisco &c.

**Morais Silva:** *s. f.* Ordem religiosa; ordem de cavalaria.

**Cunha:** N. C.

**REPUBLICA [república].** “...destituida de pessoas | edoneas para oemprego desta Republica, são privilegiados os Mili- | cianos para não serem constringidos aos Cargos da Republica...” (Doc. 44, fól. 1r, l. 14-16)

**Significado:** Comunidade, interesse comum.

**Bluteau:** Republica algũmas vezes se toma géralmente por qualquer genero de estado, como quando se diz: O desprezo das leys a ruina da republica.

**Morais Silva:** *s. f.* Comunidade; grupo de indivíduos com interesses comuns.

**Cunha:** *sf.* ‘organização política de um Estado com vista a servir à coisa pública, ao interesse comum’ | *repruvica* XV. *repubrica* XV etc. | Do lat. *rēspūblica*.

**REPUBLICANO.** “...Pre | zedio oRepublicano Jozê Rodrigues | Pereira, *que* todos uniformemente | Elegeraõ para oReferido posto...” (Doc. 24, fól. 1r, l. 24-28)

**Significado:** O que se interessa pelo bem comum

**Bluteau:** *republico*: Zeloso do bem da Republica. Amigo do bem publico.

**Morais Silva:** *repúblico*. *s. m.* O que se interessa pelo bem da comunidade.

**Cunha:** 1813.

**REZERVA [reserva].** “Esta ponte | ExselentiSimo Senhor, Sepode fazer Sem veixa | me deninguem, mandando *VossaExcelencia* que paraella | não haja Rezerva depeSoa alguma, dos Bairros | edestritos desta villa...” (Doc. 25, fól. 1r, l. 22-26)

**Significado:** Dispensa.

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** *s. f.* Restrição, excepção, limitação, ressalva.

**Cunha:** XVII.

**ROCIO.** “*Dinheiro que* recebeo doProcurador seu antecessor \_\_\_34\$ 505, *reis*  
.....

Dito deforos do Rocio \_\_\_\_\_ 2\$ 240 (...)  
(Doc. 43, fól. 3r, l. 04 e 13)

**Significado:** Terreno comum; logradouro público.

**Bluteau:** Ressio, ou especie de prado na villa, ou na cidade.

**Morais Silva:** *Rossio*: *s. m.* Terreno que era roçado ou fruído em comum pelo povo; logradouro público.

**Cunha:** *rossio\_s.m.* ‘praça larga’ | XVI, *ressio* XIII | De etimologia controversa.

**ROMBO.** “...cara redonda alvarinho naris Rombo...” (Doc. 1, fól. 3v, l. 9)

**Significado:** Achatado.

**Bluteau:** Chato, & muy pequeno, falando em nariz, & em homem de nariz rombo.

**Morais Silva:** *adj.* Um tanto achatado.

**Cunha:** *adj. sm.* ‘que não é aguçado’ | *rombo* XV. Do lat. *rhombus*, deriv. do gr. *rhómbos*.

**RONDA.** “...mais Rondas emuito sufeci | entes para qualquer grande Tropa, ou Boiada, as | quais tem amesma acomodação eSegurança que a | Ronda da Questão;...” [Doc. 56, fól. 1r, l. 29-32]

**Significado:** Lugar onde dormem os animais, vigiados pelos tropeiros.<sup>248</sup>

**Bluteau:** N. C.

**Morais Silva:** N. C.

**Cunha:** N. C.

**SENADO.** “(...) oRespeitavel Senado da Camara da Cidade eCorte do Rio de Janeiro, (...)”  
(Doc. 55, fól. 1r, l. 05-06)

**Significado:** Câmara municipal.

**Bluteau:** O Senado da Camera de Lisboa. He hum Tribunal para o governo politico da Cidade, & dos officios, taxa, & provisao dos mantimentos; comõem-se de hum Presidente, que ha de ser Titular, ou ao menos Fidalgo nobilissimo, seis Vereadores, dous Procuradores da Cidade, o Juiz do Povo, quatro Mesteres officiaes, & hum escrivão.

**Morais Silva:** *s.m.* Câmara municipal ou os seus membros.

**Cunha:** *sm.* ‘câmara alta, nos países onde existem duas assembléias legislativas’ XIV,

**SERTÃO.** “...quei | mando Campo, eameasando com perigo aos | moradores da fronteira que confina com | os incultos certoens...” (Doc. 16, fól. 1r, l. 17-20)

**Significado:** Região do interior, afastada dos centros cultos.

**Bluteau:** Região, apartada do mar, & por todas as partes, metida entre terras.

**Morais Silva:** *s. m.* Lugar inculto, distante das povoações ou de terrenos cultivados; terra ou povoado afastado do litoral.

**Cunha:** *sm.* ‘região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas’ | *sertaão* XV, *sartão* XV | De etimologia obscura.

**SOLDADA.** “Mandado Numero 1.º Para oAlcaide daSoldada do anno de 1814”  
(Doc. 43, fól. 4r, l. 02)

**Significado:** Salário, soldo.

**Bluteau:** Salario de serviço.

---

<sup>248</sup> “Nas povoações por onde passavam as tropas havia sempre um logradouro destinado ao pouso e à feira: era a ronda. A ronda da Vila Nova de Castro – hoje, vila Rio Branco – era fechada e se comunicava com o centro por uma porteira mandada fazer pelo Capitão-mor José Carneiro Lobo, em combinação com o Coronel Antônio Joaquim da Costa Gavião, Comandante militar da vila de Curitiba, para evitar que as tropas perturbassem a vida dos moradores da povoação.” (Borba, 1986, p. 54-55)

**Morais Silva:** *s. f.* O soldo ou paga que se dá a obreiros, criados, militares, etc.; salário, ordenado, paga, mormente aos criados.

**Cunha:** *s. f.* ‘salário (militar), soldo’ | XIII.

**SUCIDIO [subsídio].** “...as Carnes devaca do aSougue, pa= | gaõ oSucidio Literario, os animais Cavalares, eVacum, pagaõ | o imposto em serocaba...” (Doc. 11, fól. 1r, l. 13-15)

**Significado:** Tributo destinado a uma finalidade específica.

**Bluteau:** Socorro de dinheyro, para sustentar gente de guerra.

**Morais Silva:** *s. m.* Auxílio, benefício que se dá a qualquer empresa.

**Cunha:** *sm.* ‘contribuição, auxílio, ajuda’ | *sossidio* XV | Do lat. *subsidiūm* -ī.

**SUBDITO [súdito].** “De Vossa Excelencia | Fieis subditos (...)” (Doc. 3, fól. 1r, l. 26-27)  
“De Vossa Excelencia | Suditos. (...)” (Doc. 4, fól. 1r, l. 27-28)

**Significado:** Pessoa sujeita a um superior.

**Bluteau:** O que tem obrigação de obedecer ao seu Prelado, Principe, Rey, &c.

**Morais Silva:** *Súbdito s.m.* : Aquele que está dependente da vontade de outrem.

**Cunha:** *adj. sm.* ‘que, ou aquele que está submetido à vontade de outrem’ | XVI, *subdito* XIV, *sobdito* XV | Do lat. *subdītus*, part. pass. de *sudēre*, ‘pôr debaixo’ ‘submeter’.

**SUFICIENTE.** “...Sefes Camera nestta | villa, no dia dezaSeis deste prezen | tte mes de Dezembro, para nella see | Leger tres homens sufisientes, para | opostto deCapitam...” (Doc. 24, fól. 1r, l. 10-14)

**Significado:** Capaz, hábil.

**Bluteau:** Capaz, Apto, Idoneo, &c.

**Morais Silva:** *adj.* Hábil, apto, capaz; competente.

**Cunha:** XIV.

**TAIPA.** “(...) puxar terras, pilar taipas, corta[r] e puxar madeiras, saõ Serviços que qualquer Pessoa | pode fazer (Doc. 57, fól. 1r, l. 10-12)

**Significado:** Parede feita de barro.

**Bluteau:** Fazem-se as paredes de taypa com terra pisada entre taboas, & algũas vezes pela boa qualidade da terra, & por bem feitas, durãõ estas paredes quase tanto, como as de pedra, & cal.

**Morais Silva:** *s.f.* Parede feita de barro amassado e calcado, em geral entre enxaméis atravessados por fasquias ou entre dois tabuõs. *Taipa de pilão:* Parede de cascalho e saibro socados.

**Cunha:** *sf.* ‘tabique, estuque, pau-a-pique’ | *tapia*, XIII, *tapea* XIV, *taypa* XIV | De origem duvidosa.

**TERÇO.** “(...) Segundo Corpo do Terço de Avulços da marinh|a de Parnagoa (...)” (Doc. 1, fól. 1r, l. 03-04)

**Significado:** Tropas correspondentes a um regimento.

**Bluteau:** Termo Militar. Responde ao que os Romanos chamavãõ Legião, & os Alemães, Francezes, &c. chamãõ Regimento.

**Morais Silva:** *s. m.* Troço de tropas correspondendo ao que hoje se chama regimento.

**Cunha:** *num.* ‘uma terça parte’ XIII. Do lat. *tertius*.

**TERMO.** “Manoel Machado daSilva | Escrivaõ daCamera Orfaons Judi | cial eNotas nesta villa nova | deCastro e seu Termo por Provisaõ | Regia etcetera.” (Doc. 7, fól. 1r, l. 01-05)

**Significado:** Circunscrição.

**Bluteau:** Termo de Villa, ou Cidade. He o destricto, ou espaço de terra, aonde chega a jurisdição dos juizes ordinarios, ou de Fóra, ou outras Justiças.

**Morais Silva:** *s.m.* Circunvizinhança, região ou território que se estende às abas da cidade, vila, etc.

**Cunha:** N. C.

**TOURO.** “(...) dous dias de touros, e eva | varias dansas e festejos publicos, (...)” (Doc. 5, fól. 1r, l. 12-13)

**Significado:** Tourada; corrida de touros.

**Bluteau:** [Longo verbete sobre as festas de touros]

**Morais Silva:** Menciona *correr touros* e *corrida de touros*.

**Cunha:** *sm.* ‘boi inteiro, não castrado’ XIII. Do lat. *taurus*.

**TRANSUMPTO [transunto].** “Com esta oCcaziaõ temos ahonra de pór na Respeitavel prezença | deVossa Excelencia o tranSsumpto daCarta, que estaCamera derige aSua | Excelencia Reverendissima...” (Doc. 21, fól. 1r, l. 2-4)

**Significado:** Traslado.

**Bluteau:** Traslado.

**Morais Silva:** *s. m.* Cópia de um escrito, de um modelo; traslado; cópia.

**Cunha:** *sm.* ‘cópia, traslado’ | *-sumpto XIV* | Do lat. *transumptus -us*, de *transũmẽre*, transportar e, este, de *sumẽre* ‘tomar’.

**TROPA.** “...por haverem mais Rondas emuito sufeci | entes para qualquer grande Tropa, ou Boiada, as | quais tem amesma acomodaçã eSegurança que a | Ronda da Questão...” (Doc. 56, fól. 1r, l. 29-32)

**Significado:** Caravana de animais de carga, ou gado de corte.

**Bluteau:** Manada, rebanho, bando, & as vezes se diz de Egoas.

**Morais Silva:** *s. f.* Grande porção ou caravana de animais de carga.

**Cunha:** *sf.* ‘grande porção de animais’ XVII. Do fr. *troupe*, provavelmente deriv. regress. de *troupeau*, a. fr. *tropol* ‘rebanho’.

**TROPEIRO.** “(...) tem | ella desfrutado em allugueis o dito Campo | servindo de Invernada para os tropeiros.” (Doc. 46, fól. 1r, l. 10-12)

**Significado:** Condutor de tropas.<sup>249</sup>

**Bluteau:**

**Morais Silva:** Aquele que conduz bestas de carga ou manadas de gado grosso, como cavalos e bois; condutor de tropas.

**Cunha:** 1844.

**UNIFORME.** “(...) e todos uniformes nos Congratulamos | Comaboa vinda de VossaExcelencia (...).” (Doc. 20, fól. 1r, l. 6-7)

<sup>249</sup> “Foi com os castelhanos que os paulistas aprenderam a cuidar desse negócio de animais. Deles trouxeram o nome. Antes, nenhum documento brasileiro conhece a palavra tropeiro, e muito menos a palavra tropa no sentido de rebanho de gado. Mas os futuros argentinos e peruanos já desde os últimos anos do século da descoberta e todo o século XVII usavam à vontade os dois termos. E no-os emprestaram.” “Em 1828 encontramos escrita a palavra, enfim; – ‘José Joaquim, exposto na casa do vigário João Gonçalves de Lima, (Cotia). 32 anos de idade, ‘é negociante tropeiro de animais do sul.’” (Almeida, 1971, p. 16 e 127)

**Significado:** Unânime, invariável.

**Bluteau:** Uniformes na opinião, na resolução, no parecer.

**Morais Silva:** *adj.* Que não manifesta variedade; cujas partes componentes são perfeitamente idênticas entre si.

**Cunha:** XVI. Do lat. *uniformis -e*.

**UNIFORMEMENTE.** “(...) elegeiraõ | uniformemente emprimeiro Lugar | aIgnacio deoliveiraPinto (...)” (Doc. 7, fól. 1r, l. 10-12) [1804]

**Significado:** De modo uniforme; por unanimidade.

**Bluteau:** Por um mesmo modo.

**Morais Silva:** *adv.* De modo uniforme; sem variação ou mudança.

**Cunha:** N. D.

**VALIDO.** “(...) Contando deCerto ser hum | dos seos expeciaes validos, e extribado nesta maxima fâs domesmo | valimento escudo para a sua defesa...” (Doc. 22, fól. 2r, l. 13-15)

**Significado:** Pessoa protegida; favorito.

**Bluteau:** Aquelle que tem valimento, que pode com alguém mais que outros.

**Morais Silva:** *s. m.* Aquele que tem valimento e privança com um potentado; favorito; privado.

**Cunha:** *sm.* ‘indivíduo particularmente protegido’ 1572.

**VALIMENTO.** “(...) Contando deCerto ser hum | dos seos expeciaes validos, e extribado nesta maxima fâs domesmo | valimento escudo para a sua defesa...” (Doc. 22, fól. 2r, l. 13-15)

**Significado:** Proteção; amparo por parte de um superior.

**Bluteau:** Favor, poder, amparo, mediania do Valido.

**Morais Silva:** *s. m.* Privança com um potentado, com alguém de quem se conseguem facilmente graças e favores.

**Cunha:** 1813.

**VASSALO.** “...comosou humilde Vassalo domeoSoberano...” (Doc. 27, fól. 1r, l. 20)

**Significado:** Súdito; vassalo.

**Bluteau:** Esta palavra, que hoje he synonymo de *Subdito*, antigamente era *Titulo* (...).

**Morais Silva:** *s. m.* Súdito de um soberano.

**Cunha:** *sm.* ‘súdito, subordinado’ XIII. De um lat. \**vassalus*, de *vassus* ‘servidor’.

**VAU.** “(...) sendo esta villa cituada aopé do | Rio chamado yapo, oqual por ser alguma couza | grande, por casualidade emalguns annos da | vau (...).” (Doc. 25, fól. 1r, l. 12-15)

**Significado:** Trecho raso de rio, lago ou mar, por onde se pode transitar a pé ou a cavalo.

**Bluteau:** A paragem por onde se possa passar hum rio, ou hũa lagoa, sem barco, sem nadar, & sem se enlodar.

**Morais Silva:** *s. m.* Lugar pouco fundo do rio ou do mar, por onde se pode transitar a pé ou a cavalo, sem necessidade de ponte, embarcação e sem sofrer perigo, normalmente.

**Cunha:** *sm.* ‘baixio, trecho raso de rio, lago etc., que se pode passar a pé’ | *uaao* XIII | Do lat. *vādum*.

**VEREAÇÃO [vereação].** “Sendo em Vereação Extrahordinaria de 28 | do corrente, (...).” (Doc. 55, fól. 1r, l. 02)

**Significado:** Sessão da câmara de vereadores.

**Bluteau:** Oficio de Vereador.

**Morais Silva:** *s. f.* Conjunto dos vereadores de uma Câmara Municipal

**Cunha:** *-çam* XIV.

**VEXAÇOENS [vexação].** “...nos movidos pelas comtinuadas | vexaçoens, *que* suporta este miseravel Povo...” (Doc. 31, fól. 1r, l. 2-3)

**Significado:** Vexame, opressão.

**Bluteau:** Perseguição, mau trato, trabalho que se dà a hũa pessoa.

**Morais Silva:** *s. f.* Opressão, tribulação, perseguição, mau trato.

**Cunha:** *uexaçom* XIV, *uexacion* XV | Do lat. *vexatio -ōnis*.

**VEIXAME [vexame].** “(...) Esta ponte | ExselentiSimo Senhor, Sepode fazer Sem veixa | me deninguem, mandando *VossaExcel* que paraella | não haja Reserva depeSoa alguma, dos

Bairros | edestritos desta villa ehinda dos mesmos Me | Lecianos (...).” (Doc. 25, fól. 1r, l. 22-27)

**Significado:** Opressão, aflição.

**Bluteau:** Vexação.

**Morais Silva:** *s. f.* Opressão, aflição, pesar.

**Cunha:** *sm.* ‘vexação, vergonha’ ‘ultraje’ 1746. Do lat. *vexāmen -inis*.

## 10 CONCLUSÃO

No trabalho presente, editou-se, com uma transcrição que procurou ser conservadora e atenta, um pequeno número de documentos originários do interior paranaense, destinados a entrar na constituição do acervo, sobre o qual se erguerá o conhecimento da história do português brasileiro. Na ausência desse acervo, as afirmações dos estudiosos ficam prejudicadas pela escassez da confirmação empírica e, algumas vezes, pelas generalizações apressadas.

Parece razoável crer, chegando ao fim desta tese, que se conseguiu demonstrar a utilidade – e, mesmo, necessidade – de editar manuscritos e publicá-los. Particularmente quando originários do Paraná, Estado em que muita coisa está por fazer em termos de edição desses textos, e numa época em que a sincronia por tão longo período imperou soberana. Ultimamente já se admite, sem grande contestação, a necessária aliança sincronia/diacronia, com naturais vantagens para ambas.

O exame filológico do *corpus* que, embora quantitativamente reduzido, abrange parte do século XVIII e as primeiras décadas do XIX, mostrou ser produtivo para o conhecimento da linguagem daquela época. Fizeram-se observações pertinentes de natureza ortográfica, em freqüente cotejo com o prescrito pelas gramáticas que provavelmente embasaram o conhecimento lingüístico dos escribas. Abordaram-se marcas de oralidade, sempre presentes nos textos escritos, apesar de policiados pela norma culta e pela finalidade com que eram redigidos. Levantou-se um bom acervo de topônimos e antropônimos, certamente útil para futuros estudos toponímicos e genealógicos. Confeccionou-se um glossário com lexias quase inteiramente arcaizadas, extraídas dos textos.

A cabeça encanecida do autor procurou trazer uma pedra a mais para a construção (que tem respeitáveis mestres-de-obras) do castelo que há de ser a Filologia Paranaense. Contribuir para ela, ainda que muito secundariamente, é uma alegria e uma satisfação intelectual.

## REFERÊNCIAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: Editora Universidade; Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Aspectos fonético-fonológicos e sistema ortográfico da língua portuguesa: interferências no binômio ensino-aprendizagem da escrita. In: AGUILERA, 1997, p. 129-143.

AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Diversidade fonética no Brasil*. Londrina: Editora UEL, 1997.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; CAVALHEIRO, Débora Ramos. Abreviaturas na língua portuguesa arcaica e contemporânea: convergências e divergências. *Signum: estudos da linguagem*. Londrina, nº 4, p. 7-25, 2001.

ALBUQUERQUE, Mário Marcondes de. *Pelos caminhos do sul – História e sociologia do desenvolvimento sulino*. [Curitiba?], s/ed., 1978.

ALKMIM, Tânia Maria (org.) Para a história do português brasileiro. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 2002. v. 3.

ALMEIDA, Aluísio de. Os caminhos do sul e a feira de Sorocaba. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 186, p. 96-173, 1945.

\_\_\_\_\_. *Vida e morte do tropeiro*. São Paulo: Martins, 1971.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. Estudo lingüístico de um manuscrito setecentista. *Polifonia*, Cuiabá, nº 4, p. 1-14, 2002.

\_\_\_\_\_. *Grafemas e diacríticos em manuscritos setecentistas*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-08.html>>. Acesso em: 31 dezembro 2004.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: Anhembi, 1955.

ASSALIM, Clarice. *A conservação de marcas gramaticais arcaicas em manuscritos e impressos do português do século XVIII: Ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros*. Tese (Doutorado) - FFLCH/USP, São Paulo, 2007.

AZEVEDO, Victor de. *Manuel Preto, "O herói de Guairá"*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

BAPTISTA, Vera Maria Biscaia Vianna. *Curitibanos dos Campos Gerais*. Curitiba: Fundação Cultural, 2002.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. *Para uma história do português colonial: Aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. Tratamento dos *Corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos. *A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: FAPERJ; UFRJ, 2005.

BARBOSA, Pe. A. Lemos. *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. [Organizada por José Pedro Machado]. Lisboa: Astória, 1957.

BASILIO, Margarida. Morfológica e castilhamente: Um estudo das construções X-mente no português do Brasil. *D.E.L.T.A.* São Paulo, nº 14 (especial), p. 15-25, 1998.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. 2. ed. Salvador: Livraria Progresso, 1956.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BENEDITO, Kathia Kobal et alii. Argumentação e retórica. *Estudos Lingüísticos XXXIII*. Taubaté, 2003. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2004/4publica-estudos-2004-sumario.htm>>. Acesso em: 17 dezembro 2005.

BICALHO, Maria Fernanda. As Câmaras Municipais no Império Português: o exemplo do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº 36, p. 251-280, 1998.

BLANCO, Ricardo Román. *Lâminas de paleografia*. São Paulo: USP; FFCL, 1956. v. 2 - texto.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.

BORBA, Oney Barbosa. *Os iapoenses*. [s. ed.], 1986.

BRASÍLIA. CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Autos de devassa da Inconfidência Mineira*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1977. v. 8.

BURNEY, Pierre. *L'orthographe*. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1970. [Coleção *Que sais-je?*, nº 685]

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à lingüística*. Porto Alegre: Globo, 1973.

CAETANO DE LIMA, *Orthographia da lingua portugueza*. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 2. ed. Rio de Janeiro: J.Ozon, 1964.

\_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMBRAIA, César Nardelli & MEGALE, Heitor. Critérios de transcrição desta lição semidiplomática da Carta de Caminha e comentários paleográficos. In: CUNHA, Antônio Geraldo da, CAMBRAIA, César Nardelli e MEGALE, Heitor. *A Carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justaliendar*. 2. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 2001. p. 13-21.

CARNEIRO, Odebal Bond. Desenvolvimento econômico e social do Paraná. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná*, Curitiba, v. 54, p. 429-443, 2003.

CASTRO. MUSEU DO TROPEIRO. *I Seminário do Tropeirismo*. Castro, 2004.

CINTRA, Geraldo. *Mente: Sufixo adverbial?* *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, nº 5, p. 73-83, 1983.

CLETO, Marcellino Pereira. *Dissertação a respeito da Capitania de S. Paulo, sua decadencia e modo de restabelecel-a*. *Annaes da Bibliotheca Nacional*. Rio de Janeiro, v. XXI, p. 193-254, 1900.

COHEN, Maria Antonieta et alii. BTLH – Banco de textos para pesquisa em lingüística histórica. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, nº 2, p. 119-142, 1998.

CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá -1549-1640*. (Manuscritos da Coleção de Angelis). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

COŞERIU, Eugenio. Sincronía, diacronía y tipología. In: *XI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas*. Actas publicadas por Antonio Quilis. Madrid, 1968. v. 1, p. 269-281.

COUTINHO, Ismael Lima. *Gramática histórica*. 6.ed. 2. reimpr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

CUESTA, Pilar Vásquez; LUZ, Albertina Mendes da. *Gramática portuguesa*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1971.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. 17. reimpres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CURITIBA. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E DO ESPORTE. *Fazenda Capão Alto*. Curitiba, 1985. (Cadernos do Patrimônio. Série Estudos, 1).

DEFFONTAINES, Pierre. *As feiras de burros de Sorocaba*. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, nº 19, p. 167-171, 1936.

DIAS, Augusto Epifânio da Silva. *Syntaxe historica portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Clássica, 1959.

DINIZ, João Maria Ferraz et alii. *Castro antiga – Cronologia*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

D'OLIVEYRA, Fernão. *Grammatica*. [Ed. de Olmar Guterres da Silveira]. Rio: [s. ed.], 1954.

DRABIK, Alexandre. A primeira invasão do território espanhol. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná*, Curitiba, v. 53, p. 9-19, 1900.

\_\_\_\_\_. Emancipação política do Paraná. Sesquicentenário. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná*, Curitiba, v. 54, p. 5-23, 2003.

ELLIS JÚNIOR, Alfredo. *A economia paulista no século XVIII – O ciclo do luar – O ciclo do açúcar*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1979.

\_\_\_\_\_. A queda do bandeirismo de apresamento. *Revista de História*, São Paulo (USP), nº 3, p. 301-307, 1950.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes*. Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura, 2006. Disponível em: <[http://www.prdagente.pr.gov.br/arquivos/File/municipios\\_origens\\_e\\_significados.pdf](http://www.prdagente.pr.gov.br/arquivos/File/municipios_origens_e_significados.pdf)>. Acesso em: 12 julho 2007.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. *As repúblicas municipais no Brasil (1532-1820)*. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1980.

FERREIRA, Tito Lívio. *A Ordem de Cristo e o Brasil*. São Paulo: Ibrasa, 1980.

FERREIRA, Tito Lívio. A terminologia imprecisa da nossa história. *Revista da Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, v. 11, fasc. 20, p. 528-538, 1956.

FIAD, Raquel Salek. A argumentação em cartas produzidas por alunos de ensino médio: Relação entre gênero do discurso e estilo. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, nº 36, p.131-145, jul./dez. 2000.

FILIPAK, Francisco. O tropeirismo meridional e seu legado sociolingüístico. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná*, Curitiba, v. 54, p. 43-52, 2003.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 2. ed. aum. São Paulo : Arquivo do Estado, 1990.

FLORES, Moacyr. Os tipos de tropeiros. In: CASTRO. MUSEU DO TROPEIRO. *I Seminário do Tropeirismo*. Castro, 2004. p. 11-38.

FREITAS, Afonso de E. *Vocabulário nheengatu*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GARCIA, Rodolfo. *Ensaio sobre a história política e administrativa do Brasil (1500-1810)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

GONÇALVES, Maria Filomena C. *As ideias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

GONÇALVES BARBOSA, Afrânio. O contexto dos textos coloniais. XIX. In: ALKMIM, Tânia Maria (org.) *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 2002, v. 3, p. 421-431.

GRACIA, Juan Antonio Frago. Criterio filológico y edición de textos indianos: Sobre documentos de la Nueva España. *Romance Philology*. University of California, Berkeley, v. 53, p. 119-135, 1999.

HAMMARSTRÖM, Göran. Type et typème, graphe et graphème. *Studia Neophilologica*, Upsala, v. 36, n° 2, p. 332-340, 1964.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Gulbenkian, 1986.

HUMMEL, Martin. Considerações sobre os tipos *Ela fala esquisito* e *Ela chega cansada* no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal. *Confluência*, Rio de Janeiro, n° 24, p. 43-70, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

LANGE, Francisco Lothar Paulo. *Campos Gerais: visões do paraíso*. Curitiba: [s/ed], 2002.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

LEÃO, Duarte Nunes de. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. [Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu]. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.

LIMA, Luis Caetano de. *Orthographia da lingua portugueza*. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736. Disponível em: < [http://purl.pt/8/2/1-658-p\\_PDF/1-658-p\\_PDF\\_24-C-R0072/1-658-p\\_0000\\_capa-13\\_t24-C-R0072.pdf](http://purl.pt/8/2/1-658-p_PDF/1-658-p_PDF_24-C-R0072/1-658-p_0000_capa-13_t24-C-R0072.pdf)>. Acesso em 04 janeiro 2006.

LINHARES, Temístocles. *Paraná vivo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

LLORACH, Emilio Marcos. Communication oral et graphique. In: MARTINET, André (dir.) *Le langage (Encyclopédie de la Pléiade)*. Paris: Gallimard, 1968, p. 513-568.

LOBATO, António José dos Reis. *Arte da grammatica da lingua portugueza, composta e offerecida ao Illmo. e Exmo. Senhor Sebastião José Carvalho*. Lisboa: Na Regia Officina Tipografica, 1770. Disponível em: < <http://purl.pt/196/2/>>. Acesso em 15 agosto 2006.

LOBO, Tânia (org.). *Cartas baianas setecentistas*. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 2001. Série Diachronica. Vol. 3.

\_\_\_\_\_. *Para uma sociolingüística histórica do português no Brasil: Edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. Tese (Doutorado) - São Paulo: FFLCH; USP, 2001.

LOPES, José Carlos Veiga. *Fazendas e sítios de Castro e Carambeí*. Curitiba: Torre de Papel, 2004.

MADUREIRA FEIJÓ, João de Moraes. *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portuguesa*. 2. impressão. Coimbra: Na Oficina de Luis Secco Ferreira, 1739.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português. Estudo lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

\_\_\_\_\_. Dos textos escritos à história da língua. In: HEAD, Brian e alii (org.). *História da língua e história da gramática – Actas do Encontro*. Braga: Universidade do Minho; Centro de Estudos Humanísticos, 2002. p. 231-249.

MARCO, Barbara de. Voice from the archives. I: Testimony of the Pueblo Indians on the 1680 Pueblo Revolt. *Romance Philology*, University of California, Berkeley, v. 53, p. 375-388, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUILHAS, Rita. *Norma gráfica setecentista – do autógrafo ao impresso*. Lisboa: INIC, 1991.

MARTINS, Romário. *História do Paraná*. 3. ed. Curitiba: Editora Guairá, 1953.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto; Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.

\_\_\_\_\_. Para uma história do português culto e popular brasileiro: Sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, Tânia Maria (org.) *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 2002. v. 3, p. 443-464.

MAURER JÚNIOR, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

\_\_\_\_\_. Lingüística histórica. *Alfa*, Marília, nº 11, março de 1967. p. 19-40.

MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli. Filologia Portuguesa no Brasil. *D.E.L.T.A.* São Paulo, nº 15 (nº especial), p. 1-22, 1999

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (org.). *Por minha letra e sinal*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

MIAZI, Maria Luísa F. *Introdução à lingüística românica*. São Paulo: Cultrix; Editora da USP, 1972.

MILLER, Stela. *A Conceição: Um poema autógrafa e inédito de Tomás Antônio Gonzaga*. Dissertação (Mestrado) - Assis: UNESP, 1990.

MIRANDA, Lílian Lisboa. Embates sociais cotidianos na São Paulo setecentista: o papel da câmara municipal e dos homens livres pobres. *Revista de História*, São Paulo (USP), nº 147, p. 53-69, 2002.

MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, nº 3 [141], p. 117-135, 2005.

MORAIS, Maria Aparecida Torres. Resenha a McMAHON, April. Understanding language change. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, nº 2, 1998. p. 247-264.

\_\_\_\_\_. Rastreamento aspectos gramaticais e sociohistóricos do português brasileiro em anúncios de jornais do século XIX. In: LOBO, Tânia. *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: FLP; USP, 2002. p. 69-125.

MORAIS SILVA, António de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1949 e ss.

MOREL PINTO, Rolando. *História da língua portuguesa – IV – Século XVIII*. São Paulo: Ática, 1988.

MURICY, José Cândido da Silva. *Viagem ao país dos jesuítas*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1975.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: MEC; Instituto Nacional do Livro, 1966.

NEBRIJA, Elio Antonio de. *Gramática castellana* [Introducción y notas de Miguel Ángel Esparza Ramón Sarmiento]. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, 1992.

NEGRÃO, Francisco. *Genealogia paranaense*. Reedição da Imprensa Oficial do Estado do Paraná. v. 1, Curitiba, 1926; v. 2, Curitiba, 1927; v. 3, Curitiba, 1928; v. 4, Curitiba: Imprensa Paranaense, 1929; v. 5, Curitiba: Imprensa Paranaense S/A, 1946; v. 6, Curitiba, 1950.

NUNES, José Noaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e morfologia)*. Lisboa: Clássica, 1956.

\_\_\_\_\_. *Crestomatia arcaica*. 6. ed. Lisboa: Clássica, 1967.

OLÉRON, Pierre. *L'argumentation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983. [Collection *Que sais-je?*]

OLIVEIRA, Oséias de. *Índios e jesuítas no Guairá: A redução como espaço de reinterpretação cultural (século XVII)*. Tese (Doutorado) - Assis: UNESP, 2003.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Vento, 2001.

LISBOA. CALOUSTE GULBENKIAN. *Ordenações manuelinas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro; IEGELSKI, Francine. O paraíso terrestre no Brasil: Os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire. *Revista de História Regional*, v. 7, nº 1, p. 47-72, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Pecuária e vida pastoril: Sua evolução em duas regiões brasileiras. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo (USP), nº 19, p. 55-78, 1977.

RABELLO, Elizabeth Darwiche. *As elites na sociedade paulista na segunda metade do século XVIII*. São Paulo: Editora Safady, 1980.

REIS, Paulo Pereira dos. Caminhos de penetração da Capitania de São Paulo. *Anais do Museu Paulista*, v. 31, p. 267-318, 1982.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Tréplica*. 4. ed. Salvador: Progresso Editora, 1956.

RIO DE JANEIRO. BIBLIOTECA NACIONAL *Autos de devassa da Inconfidência Mineira*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1936. v. 1 e 2.

RITTER, Marina Lourdes. *As sesmarias do Paraná no século XVIII*. Dissertação (Mestrado) - São Paulo FFLCH; USP, 1978.

ROCHA POMBO, José Francisco. Memória de Castro. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Curitiba, v. XXII, p. 75-94, 1974.

RODERJAN, Roselys Vellozo. *Os curitibanos e a formação de comunidades campeiras no Brasil Meridional (séculos XVI a XIX)*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1992.

ROSAS, José Pedro Novaes. *A fundação da cidade de Castro*. 2. ed. Castro: [s/ed.], 1993.

RYCHNER, Jean. Remarques sur les introductions phonétiques aux éditions de textes en ancien français. *Studia Neophilologica*, Upsala, v 34, n° 1, p. 6-21, 1962.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à comarca de Curitiba (1820)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1964. [Brasiliana, v. 315].

SAMARA, Eni de Mesquita; DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. São Paulo: Humanitas; FFLC; USP, 2005.

SANTOS, Corcino Medeiros dos. Algumas notas para o estudo da economia de São Paulo no final do século XVIII. *Estudos Históricos*, Marília, n.ºs 13 e 14, p. 85-112, 1974/1975.

SÃO PAULO. IMPRENSA OFICIAL. Terra paulista: histórias, artes, costumes. *A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

SCHIMIDLIN, Henrique Paulo. Os caminhos de Castro. In: CASTRO. MUSEU DO TROPEIRO. *I Seminário do Tropeirismo*. Castro, 2004. p. 58-70.

SEGURADO, Milton Duarte. Juizes e figuras judiciárias no Estado do Brasil. *Revista da Universidade Católica de Campinas*, Campinas, v. 14, nº 33, p. 129-140, 1970.

SERRÃO, Joel; MARQUES & A. H. de Oliveira (dir.). *Nova história da expansão portuguesa: O império luso-brasileiro (1750-1822)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1956.

SILVEIRA, Cláudia Damião Lopes de Almeida. *Edição de textos relativos à defesa, segurança e fiscalização portuária da Baixada Santista no período final do século XVIII e início do século XIX*. Dissertação (Mestrado) - São Paulo: FFLCH; USP, 2004.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *A formação histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

SOUSA, Ruy de. As primitivas municipalidades brasileiras. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, nº 37, p. 33-38, 1937.

SOUSA, Washington Luís Pereira de. *Na Capitania de São Vicente*. 2. ed. São Paulo: Martins Editora; Brasília: INL, 1976.

SOUZA, Nazarete de. Aspectos da nasalidade na carta de Pero Vaz de Caminha. *Revista Philologus*, nº 37. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/>>. Acesso em: 28 maio 2007.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica (Crítica textual)*. São Paulo: Cultrix; Editora da USP, 1977.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *História das bandeiras paulistas*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos; INL, 1975. t. 1.

TAVARES, Emmanuel Macedo. Carta e termo sobre a Expedição Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira: edição crítica. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, nº 113, p. 63-124, 1993.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. [Trad. Celso Cunha]. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Características gráficas de um texto português setecentista. In: *Anais do I Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/>>. Acesso em: 15 abril 2007.

TONIOLO, Ênio José. *Vocabulário de Tibagi*. Apucarana: Faculdade de Ciências Econômicas, 1981.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. Manuel Fernandes Ramos – um vereador sertanista. Aspectos da vida municipal de São Paulo no século XVI. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 179, p. 111-188, 1969.

VASCONCELOS, Celciane Alves. *Edição de manuscritos de Paranaguá do século XVIII: um percurso filológico*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

VASCONCELOS, José Leite de. *Estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1961.

\_\_\_\_\_. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

\_\_\_\_\_. *Opúsculos - Filologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. v. 1, parte 1.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia nacional*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1904.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WESTPHALEN, Cecília Maria. A imagem do Paraná. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº 408, p. 113-127, jul./set. 2000.

\_\_\_\_\_. Historiografia paranaense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, n° 343, p. 105-126, abr./jun. 1984.

\_\_\_\_\_. Paraná – Zona de trânsito. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Curitiba, v. VII, fasc. 4, p. 45-55, jul./dez. 1957.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

**ANEXO**  
**Fac-símiles e transcrições**

Campes geras 1776 Castro 12-2-1  
26. Fevereiro Castro ad: 238

© Narricula da<sup>a</sup> Camp. de Cavalari  
na da camp. Geray da Caritida emyapõ parte  
centa ao Segundo Corpo do Terço de Arco. da marinh  
a de Parnagou Reg. de S. P.

Cam. Fran. Carmo. Lado  
Ten. Jeronim de Almeida  
M. Berrolames da Rocha Caruathay  
Fornil Doze Sutil del. S. P.



1º Cabo An.º de Soera Pimentel G.º de Doze Al.º Pimentel n.º  
de S. Paulo Cavado de Id.º de Coarenta y tura alta ca  
ra Comprida Arado nary grande otho gateadoz qly te  
Com em brades grande Cabello Colado Sentou praes em  
19 de Fev. de 1779

1º Soldado Luiz de Mello G.º de Manuel de Mello Paço n.º de S. Paulo  
Id.º de Id.º de 26 annos y tura alta Cara Comprida ba  
rba de Sada otho pequeno preto Cabello preto Colado  
Sentou praes em 23 de Fev. de 1776

3º Doze da Rocha Caruathay G.º de M.º Berrolames da Rocha Car  
uathay n.º de Cor.º 1º de Id.º de 18 annos y tura al  
ta Cara Comprida Barba de Sada preto otho preto  
pequeno Cabello preto Crespo Sentou praes em 26  
de Fev. de 1776

4º Doze An.º G.º de S.º Ign.º n.º de Viçmas.º Cavado de Id.º de 29  
annos de mediana y tura delgado do corpo alvarinho Cara  
Comprida nary e Cabello otho gateadoz Cabello Louro Colado  
Sentou praes em 19 de Fev. de 1779

5º An.º Lem.º G.º de An.º Lem.º n.º de S.º Paulo Cavado de Id.º de 18 annos  
y tura alta em Cavado Cara Comprida mesmo Barba  
de Sada otho grande preto Cabello preto Colado Sentou  
praes em 26 de Fev. de 1776

Número do documento: 1	Número do documento no banco de dados: 249
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Relação	
Ementa: Listagem nominal dos soldados da Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais.	
Datação: 1776 <sup>250</sup>	
Autor: Francisco Carneiro Lobo	

- Matricula da *Terceira Companhia de Cavalaria*<sup>251</sup>  
 ria dos campos Gerais da Curitiba em *yapõ* perte  
 çente ao Segundo Corpo do Terço de *Avulços* da marinh  
 a de Parnagoa de *que* he
- 5    *Cappitam* Francisco Carneiro Lobo  
 Tenente Geremias de Lemos Conde  
 Alferes Bento Lemes da Rocha Carvalhais  
 Furriel Ioze Sutil de Oliveira
- 10    *Primeiro* Cabo Antonio de Souza Pimentel *filho* de Joze Aluaro Pimentel *natural*  
 de *Saõ* Paulo Cazado de *Idade* de Coarenta estatura alta ca  
 ra Comprida Rozado naris grande olhos gateados atesta  
 Com entradas grandes Cabello Corredio Sentou praça em  
 17 de *Feuereiro* de 1774 annos
- 15    Soldado Luis de Mello *filho* de Manoel de Mello Rego *natural* de *Vila* Itu caza-  
 do de *Idade* de 26 annos estatura Alta Cara Comprida ba  
 rba serrada olhos pequenos pretos cabelo preto CoRedio  
 Sentou praSa em 23 de *Março* de 1766 annos
- 20    3. Ioze da Rocha Carvalhais *filho* de Alvaro Bertolameo da Rocha Car  
 valhais *natural* de *Coritiba* Solteiro de *Idade* de 18 annos estatura al  
 ta Cara Comprida barba serrada e preta olhos pretos  
 pequenos Cabellos pretos Crespos Sentou praça em 26  
 de *Feuereiro* de 1776 annos
- 25    4. Ioze Antonio *filho* de Ioaõ Ignacio *natural* de Viamaõ cazado de *Idade* de 29  
 Annos de medianna estatura delgado de corpo aluarinho Cara  
 Comprida naris afillado olhos gateados Cabello louro Corredio  
 Sentou praça em 14 de *Feuereiro* de 1779 annos
- 30    5. Antonio Leme *filho* de Antonio Leme *natural* de *Saõ* Paulo cazado de *Idade* de 28 annos  
 estatura alta em Corpado Cara Comprida moreno barba ~  
 serrada olhos grandes pretos cabelo preto Corredio Sen  
 tou praSa em 26 de *Feuereiro* de 1776 annos

<sup>250</sup> O documento não está datado, mas provavelmente foi redigido logo após os recrutas sentarem praça, em 26-02-1776.

<sup>251</sup> No alto do fólío figuram anotações tardias a lápis; à esquerda: “Campos Geraes” e “26-Feveireiro”; ao centro: “1776” e “Castro”; à direita: “Castro”, “12-2-1” e “od. 238”

- 6 Manoel P.<sup>o</sup> de Sousa f.<sup>o</sup> de Av.<sup>o</sup> de Sousa Pimentel n.<sup>o</sup> de S. Paulo solto. de Id. de 18 annos yatura alta Cara comprida moreno nariz afilado othos pequenyos pretos Cabellos pretos Coladiao Sentoa praca em 26 de Fev. de 1776
- 7 Jose Alun. de Sousa f.<sup>o</sup> de Jose Alun. n. do Rio de Janeiro Casado de Id. de 20 annos de boa yatura Cara comprida Barbas S. Nadas e fendidas othos grandes gatacos nariz afilado Cabello Leuro Coladiao Sentoa praca em 26 de Fev. de 1767
- 8 Salvador Soares de Azevedo f.<sup>o</sup> de Bento Soares de Azevedo n. de Cor. solto. de Id. de 20 annos de mediana yatura Cara comprida moreno nariz afilado othos pequenyos pretos Cabellos pretos Coladiao Sentoa praca em 19 de Fev. de 1774
- 9 Jose de Sousa Pimentel f.<sup>o</sup> de Av.<sup>o</sup> de Sousa Pimentel n. de S. Paulo solto. de Id. de 16 annos de boa yatura Cara comprida do Cara comprida moreno nariz afilado othos pequenyos pretos Cabellos pretos Coladiao Sentoa praca em 26 de Fev. de 1776
- 10 Jose Pinho f.<sup>o</sup> de Simao Pinho n. de Cor. Casado de Id. de 18 annos yatura alta Cara comprida Cor moreno nariz afilado othos grandes pretos Cabellos pretos Coladiao Sentoa praca em 26 de Fev. de 1776
- 11 Jose Pinho f.<sup>o</sup> de Simao Pinho n. de Cor. Solto. de Id. de 25 annos yatura alta e luaninha Cara Redonda Barbas S. Nadas e fendidas nariz afilado othos grandes gatacos Cabellos Pretos e curvos Sentoa praca em 26 de Fev. de 1776



<b>Número do documento:</b> 1	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 250
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Relação	
<b>Ementa:</b> Listagem nominal dos soldados da Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais.	
<b>Datação:</b> 1776	
<b>Autor:</b> Francisco Carneiro Lobo	

6. Manoel *Pereira* deSouza *filho* de Antonio de Souza Pimentel *natural* de Saõ Paulo solteiro de Idade de 18 annos estatura alta cara com prida moreno naris afillado olhos pequenos pretos Cabellos preto Corredio sentou praça em 26 de Feuereiro de 1776 annos
- 5 7. Ioze Aluaro de Souza *filho* de Ioze Aluaro *natural* do Rio de Janeiro Cazado de Idade de 40 annos de boa estatura Cara Comprida barba serrada efendida olhos grandes gateados naris afillado Cabello Louro Corredio sentou praça em 20 de Setembro de 1767 annos
- 10 8 Salvador Soares de Oliveira *filho* de Bento Soares de Oliveira ~ *natural* de Coritiba Solteiro de Idade de 40 annos de mediana estatura Cara Comprida moreno naris afillado olhos pequenos pretos Cabello preto Coredio sentou prasa em 12 de Feuereiro de 1774 annos
- 15 9. Ioze de Souza Pimentel *filho* de Antonio de Souza Pimentel *natural* de Saõ Paulo Solteiro de Idade de 16 annos de boa estatura corpo delga do Cara Comprida moreno nariz afillado olhos pequenos pretos cabelo preto Corredio Sentou praça em 26 de feureiro de 1776 annos
- 20 10 Ioze Pinheiro *filho* deSimaõ Pinheiro *natural* de Coritiba Cazado de Idade de 18 annos, estatura alta Cara Comprida Cor morena naris afillado olhos grandes pretos Cabello preto Corredio Sentou prasa em 26 de Feuereiro de 1776 annos
- 25 11. Ioaquim Pinheiro *filho* de Simaõ Pinheiro *natural* de Coritiba Sol Teiro de Idade de 25 annos estatura alta aluarinho Cara redonda barba serrada efendida naris afillado olhos grandes gateados Cabellos Ruvios Crespos Sentou prasa em 26 de feureiro de 1776 annos

12 **João Luiz de Lima** f.º de **Ant. Luiz de Lima** n.º al. de **Bras. da Cor. de Id.º** de 34 annos y terna ordinaria **Cara** comprida a **uarinho** pouca **barba** **nariz** e **filado** **olhos** **pequenos** **gataado** **Cabello** **Castanho** **Co. Redio** **Sentou praça** em 23 de **Mar.º** de 1776

2º **Labo Maria de Freitas** des. **Paiz** f.º de **Maria de Freitas** n.º al. de **Cor.º** **Carado** de Id.º de 28 annos y terna ordinaria a **delgado** **Cara** comprida **Cor. morena** **barba** **selada** **nariz** e **filado** **Co. lincej** de **Bras. da Cor.º** **olhos** **pequenos** **pretos** **pouca** **Cabello** **pretos** **Coy.º** **Sentou praça** em 23 de **Mar.º** de 1776

**Salvador Fran.º de S.º** f.º de **Ant.º** **Nav.º** n.º de **Cor.º** **Salt.º** de Id.º de 32 annos y terna a **delgado** **Cara** comprida a **uarinho** **nariz** e **filado** **olhos** **grandes** **gataado** **Cabello** **Castanho** **Co. Redio** **Sentou praça** em 26 de **Febr.º** de 1776

3º **Severino Pinho** f.º de **Simão Pinho** n.º al. de **Cor.º** **Salt.º** de Id.º de 22 annos y terna a **delgado** **Cara** **Redonda** **Cor. morena** **nariz** e **filado** **olhos** **pequenos** **pretos** **Cabello** **pretos** **Co. Redio** **Sentou praça** em 26 de **Febr.º** de 1776

4º **Patrius Pinho** f.º de **Patrius Pinho** **Novilho** n.º al. de **Cor.º** **Salt.º** de Id.º de 16 annos y terna ordinaria **Cara** comprida a **uarinho** **nariz** e **filado** **olhos** **grandes** **gataado** **Cabello** **Castanho** **Co. Redio** **Sentou praça** em 26 de **Febr.º** de 1776

5º **Guiliano Vieira** f.º de **Patrius Pinho** **Novilho** n.º al. de **Cor.º** **Salt.º** de Id.º de 15 annos y terna ordinaria **Cara** **Redonda** a **uarinho** **nariz** e **filado** **olhos** **pequenos** **gataado** **Cabello** **Castanho** **Co. Redio** **Sentou praça** em 26 de **Febr.º** de 1776



<b>Número do documento:</b> 1	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 251
<b>Composição:</b> fól. 2r	
<b>Tipologia:</b> Relação	
<b>Ementa:</b> Listagem nominal dos soldados da Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais.	
<b>Datação:</b> 1776	
<b>Autor:</b> Francisco Carneiro Lobo	

- 5                   Ioze Luis deLima *filho* de Francisco Luis de Lima *natural* de Sorocaba cazado de *Idade* de 34 annos de estatura ordinaria Cara conprida aluarinho pouCa barba na riz afillado olhos pequenos gateados Cabello Castanho Corredio sentou praça em 23 de *Março* de 1766 annos
- 10                  *Segundo* cabo Matias de Freitas de Saõ Payo *filho* de Matias de Freitas *natural* de Coritiba cazado de *Idade* de 28 annos de estatura ordinari a delgado cara conprida cor morena barba serrada nariz afillado co sinais de Bixigas olhos pequenos pre tos pouco cabelo preto crespo sentou prasa em 23 de *Março* de 1776 annos
- 15                  Soldado Francisco Xavier *filho* de Antonio Rodriguez *natural* de Coritiba Solteiro de *Idade* de 19 annos estatura alta delgado cara conprida e alva rinho nariz afillado olhos grandes gateados cabelo castanho Corredio sentou praça em 26 de *Feuereiro* de 1776 annos
- 20                  3    Salvador Pinheiro *filho* de Simaõ Pinheiro *natural* de Coritiba solteiro de *Idade* de 22 annos estatura alta delgado cara redonda cor more na nariz afillado olhos pequenos pretos cabelo preto co Redio sentou prasa em 26 de *Feuereiro* de 1776 annos
- 25                  4    Patrisio Pinheiro *filho* de Patrissio Pinheiro novilher *natural* de Coritiba solteiro de *Idade* de 16 annos estatura ordinaria cara comprida aluarinho nariz afillado olhos grandes gateados cabelo castanho corredio sentou praça em 26 de *Feuereiro* de 1776 annos
- 30                  5    Luçianno Vieira *filho* de Patrisio Pinheiro Novilher *natural* de Coritiba solteiro de *Idade* de 15 annos estatura ordinaria cara Redonda aluarinho nariz afillado olhos pequenos gateados Cabello Castanho Corredio sentou prasa em 26 de *Feuereiro* de 1776 annos

- 6 Antonio de Leoy Comde f.º de Ven.º Jeremias de Leoy Comde n.º de Cor. Sol.º de Madrid de 7 años y la tura alta cara comprida alvarinho nariz afilada otros grandes vray Cabello Cayranho Coladas Sentou prova en 26 de Fev.º de 1776 a
- 7 Severdino f.º de Almeida f.º de An.º f.º de Lima n.º de muna geray Cavado de Id.º de 70 annos y tura ordinaria cara comprida a Cuarinho barba Buiva nariz afilada otros pequenos gateado Cabello Coladas Buiva Sentou prova en 28 de Mar.º de 1766 a
- 8 Paulo de Azevedo f.º de Sao.º de Ig.º n.º de Cor.º Cavado de Id.º de 35 annos de medianna y tura cara comprida cor morrada barba fendida nariz afilado otros pequenos gateado Cabello preto Craypo Sentou prova en 23 de Mar.º de 1766 a
- 9 Jose Luiz f.º de Vicente Luiz n.º de Id.º de Marco Cavado de Id.º de 35 annos de medianna y tura cara comprida cor morrada barba fendida nariz roma otros pequenos preto Cabello preto Coladas Sentou prova en 23 de Mar.º de 1766 a
- 10 Luiz Cayranho de Alm.º f.º de An.º de Id.º n.º de Id.º Cavado de Id.º de 35 annos y tura ordinaria cara comprida alvarinho barba Buiva nariz afilada otros grandes gateado Cabello Cayranho Coladas Sentou prova en 23 de Mar.º de 1766 a
- 11 Diogo Bueno de Alm.º f.º de An.º de Id.º n.º de Id.º Cavado de Id.º de 39 annos y tura alta de y.º do Craypo cara comprida barba fendida nariz afilado otros grandes gateado Cabello Cayranho Coladas Sentou prova en 23 de Mar.º de 1766 a
- 12 Antonio Coelho Maciel f.º de Sao.º de Santo Maciel n.º de Id.º Cavado de Id.º de 92 annos y tura baixa cara comprida barba fendida nariz afilado otros pequenos preto Cabello preto Coladas Sentou prova en 23 de Mar.º de 1766 a



<b>Número do documento:</b> 1	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 252
<b>Composição:</b> fól. 2v	
<b>Tipologia:</b> Relação	
<b>Ementa:</b> Listagem nominal dos soldados da Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais.	
<b>Datação:</b> 1776	
<b>Autor:</b> Francisco Carneiro Lobo	

- 6 Antonio de Lemos Comde *filho* do General Geremias de lemos Comde *natural* de *Coritiba* Solteiro de *Idade* de 17 anos estatura alta cara comprida cor aluarinho naris afilado olhos grandes azuis Cabello Castanho Corredio sentou pra
- 5 sa em 26 de *Feuereiro* de 1776 *annos*
- 7 Bernardino *Correia* de Almeida *filho* de Antonio *Correia* Leme *natural* das minas gerais cazado de *Idade* de 40 anos estatura ordinaria Cara Comprida aluarinho barba ruiva naris afilado olhos pequenos gateados Cabelo Corredio Ruivo
- 10 Sentou praça em 26 de *Março* de 1766 *annos*
- 8 Paullo de Anhaía Bicudo *filho* de Ioaõ de *Siqueira* *natural* de *Coritiba* cazado de *Idade* de 35 anos de medianna estatura cara comprida cor morena barba fendida naris afillado olhos pequenos gateados cabellos preto crespo Sentou prasa em
- 15 23 de *Março* de 1766 *annos*
- 9 Ioze Luis Pires *filho* de Vicente Luis *natural* de Santo Amaro Cazado de *Idade* de 35 anos de medianna estatura cara Redonda cor morena a barba fendida naris Rombo olhos pequenos pretos cabellos pretos corredios sentou prasa em 23 de *Março* de
- 20 1766 *annos*
- 10 Luis Castanho de Almeida *filho* de Ignacio de Sa *natural* da *Villa* de Itu cazado de *Idade* de 35 anos estatura ordinaria cara comprida aluarinho barba ruiva naris afillado olhos grandes gateados Cabello Castanho Corredio sentou praSa em 23
- 25 de *Março* de 1766
- 11 Diogo Bueno de Almeida *filho* de Ignacio de Sa *natural* de Itu cazado de *Idade* de 39 anos estatura alta xeyo de corpo cara comprida barba serrada fendida naris afilado olhos grandes gateados cabelo castanho Corredio Sentou praSa em 23 de *Março* de 1766 *annos*
- 30 12 Antonio Coelho Maciel *filho* de Joaõ dos Santos MaSiel *natural* da *cidade* do Porto cazado de *Idade* de 42 anos estatura baixa cara Redonda barba SeRada fendida naris afilado olhos pequenos pretos castanho preto corredio Sentou prasa em 23 de *Março* de 1766 *annos*

3º Cabo Fran.º Aviz de Segur. f.º de Felipe Ferraz n.º de Cor.º  
 Casado de Id.º de 22 annos de Mediana y taturado Casado  
 Redonda Cor moruna Carba Seçada Serdido nary  
 afilado o lhos pequenos pretos Cabello preto Coladiao Ser  
 tou prado em 23 de Maio de 1766

Soldado Pedro de S.º Mor. f.º de Joao de S.º Mor. n.º de Foz de  
 Casado de Id.º de 36 annos de gaturado alba Casado Comprido  
 Cor moruna Carba Seçada nary grande o lhos  
 grande pretos Cabello preto Coladiao Ser tou prado em 23  
 de Maio de 1766

3º Bernardo Puy f.º de Joao Puy n.º de Sorolaba Casado  
 de Id.º de 29 annos de Mediana y taturado Casado Comprido  
 Cor moruna Casal de huer dent de lima nary  
 grande o lhos pequenos pretos Cabello Coladiao Capitanho  
 Ser tou prado em 14 de Fev.º de 1772

4º Miguel de Almeida de S.º f.º de Paulo Jose Sutil de  
 S.º n.º de Cor.º Solteiro de Id.º de 29 annos y taturado al  
 ba Casado Comprido alvarinho nary grande o lhos grande ge  
 rados Cabello Coladiao Quisero Ser tou prado em 14 de Fev.  
 de 1772

5º Jose Antonio Masquil f.º de Fran.º Antonio n.º de Cor.º Ca  
 zado de Id.º de 26 annos y taturado Casado delgado Casado  
 Redonda alvarinho nary afilado o lhos pequenos gaturado  
 Cabello Coladiao Capitanho Ser tou prado em 16 de Fev.  
 de 1776

6º Joao Puy Dominguy f.º de Joao Puy Dominguy n.º de Cor.º  
 Casado de Id.º de 35 annos y taturado alba delgado Casado  
 Comprido Cor moruna Carba Seçada nary grande o lhos  
 grande pretos Cabello preto Crespo Ser tou prado em 23 de Maio  
 de 1766

7º Fran.º Alvar.º Palthano f.º de Ant.º Alvar.º Palthano n.º de  
 Cor.º Casado de Id.º de 28 annos Casado alba Casado  
 Comprido Cor moruna Carba Seçada nary grande o lhos  
 grande pretos Cabello preto Coladiao Ser tou prado  
 em 20 de Fev.º de 1766



<b>Número do documento:</b> 1	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 253
<b>Composição:</b> fól. 3r	
<b>Tipologia:</b> Relação	
<b>Ementa:</b> Listagem nominal dos soldados da Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais.	
<b>Datação:</b> 1776	
<b>Autor:</b> Francisco Carneiro Lobo	

- 5 *Terceiro Cabo Francisco Rodriguez de Sequeira filho de Felipe Leme natural de Coritiba cazado de Idade de 42 anos de Mediana estatura cara Redonda cor morena barba serrada fendida naris – afilado olhos pequenos pretos Cabello preto Corredio Sentou prasa em 23 de Março de 1766 annos*
- 10 Soldado Pedro da Silva Moreira filho de Ioaõ da Silva Noronha natural de Yirioca cazado de Idade de 36 anos de estatura alta cara comprida cor morena barba serrada naris grande olhos – grandes pretos Cabello preto Corredio Sentou prasa em 23 de Março de 1766 annos
- 15 3 Bernardo Pais filho de Ioaõ Pais natural de Sorocaba cazado de Idade de 23 anos de medianna estatura cara comprida cor morena co falta de hum dente de Sima naris – grandes olhos pequenos pretos Cabelo Corredio Castanho Sentou prasa em 14 de Feureiro de 1766 annos
- 20 4 Miguel de Lima de Oliveira filho do Furriel Ioze Sutil de O Liveira natural de Coritiba solteiro de Idade de 20 anos estatura alta cara comprida aluarinho naris grande olhos grandes gateados cabelo corredio ruivo sentou praSa em 14 de Feureiro de 1774 annos
- 25 5 Ioze Antunes Maciel filho de Francisco Antunes natural de Coritiba cazado de Idade de 26 anos estatura baixa delgado cara Redonda aluarinho naris afilado olhos pequenos gateados Cabello Corredio Castanho sentou praça em 26 de Feureiro de 1776 annos
- 30 6 Ioaõ Pais Domingues filho de Ioaõ Pais Domingues natural de Coritiba Cazado de Idade de 34 anos estatura alta delgado cara Comprida cor morena barba serrada naris grande olhos grandes pretos cabelo preto crespo sentou prasa em 23 de Março de 1766 annos
- 35 7 Francisco Aluares Palhano filho de Antonio Aluares Palhano natural de Coritiba cazado de Idade de 28 anos Estatura alta cara comprida cor morena barba serrada naris grande olhos grandes pretos Cabelo preto Corredio Sentou prasa em 20 de Setembro de 1766 annos

8 João e Alex. Tiar. f.º de 7 irmãos Tiar. n.º do Cor.  
 Carado de Id.º de 36 annos de Medicina y taturã Com  
 Comprido Barba e Barba eendida nariy grande  
 Colgado p.º Caido othry peguany Captaño Cabe  
 lly Colado Captaño Sen tou praca en 19 de Fev.  
 de 1774 e

9 Miguel Luiz de S.º f.º de Miguel Luiz de S.º f.º  
 de Cor.º Sobor.º de Id.º de 19 annos y taturã ordinario  
 Cara de donda aluerinho nariy Rombo othry gr  
 andy Captaño Cabele Colado Captaño Sen  
 tou praca en 26 de Fev.º de 1776 e

10 Daouario Portado f.º de Ab.º Gervasio n.º de Cor.  
 Carado de Id.º de 23 annos de Medicina y taturã Com  
 Comprido Cor morena Barba e Colada eendida nariy  
 agillado peguano othry grande prety Cabele pre  
 to Colado Sen tou praca en 23 de Mar.º de 1766 e

11 Joao de Sousa f.º de M.º Carvalho n.º de  
 Cor.º Sobor.º de Id.º de 15 annos y taturã Caiçen  
 Cara Comprido Cor morena nariy agillado othry  
 peguany prety Cabele preto Colado Sen tou pr  
 ca em 26 de Fev.º de 1776 e

2º Cabo Domingos Nib.º f.º de Fran.º Nib.º n.º de Cor.º ce  
 ra de de Id.º de 39 annos y taturã alca delgado Cara  
 Comprido aluerinho nariy grande othry grande gata  
 ady Cabele Colado Captaño Sen tou praca en 23  
 de Mar.º de 1766 e

Soldado Patrio Pinho f.º de Guilherme Novilther n.º de  
 Sebãra Carado de Id.º de 28 annos y taturã alca  
 Cara Comprido Cor morena pou ca Barba nariy gran  
 de othry peguany prety Cabele pou ca e Colado Sen tou  
 praca en 23 de Mar.º de 1766 e

3 Felino Prasilio f.º de Felipe Lemus n.º de Cor.º Carado  
 de Id.º de 39 annos de Medicina y taturã Cara de donda  
 Cor morena pou ca Barba nariy agillado othry  
 peguany prety Cabele Colado preto Sen tou pr  
 ca en 26 de Fev.º de 1776 e



Número do documento: 1	Número do documento no banco de dados: 254
Composição: fól. 3v	
Tipologia: Relação	
Ementa: Listagem nominal dos soldados da Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais.	
Datação: 1776	
Autor: Francisco Carneiro Lobo	

- 7 Ioaõ Aluares Teixeira *filho* de Vitorino Teixeira *natural* de Coritiba  
cazado de *Idade* de 36 annos de Mediana estatura cara  
comprida barba serrada fendida naris grande  
caRegado *para* baixo olhos pequenos castanho cabe  
5 llos corredio castanho Sentou prasa em 14 de Feuereiro  
de 1774 annos
- 8 Miguel Luis daSilva *filho* de Miguel Luis daCosta *natural*  
de Coritiba solteiro de *Idade* de 14 annos estatura ordinaria  
cara redonda aluarinho naris Rombo olhos gr  
10 andes castanho Cabello Corredio castanho sen  
tou praSa em 26 de Feuereiro de 1776 annos
- 9 Ianuario Furtado *filho* de Antonio furtado *natural* de Coritiba  
cazado de *Idade* de 23 annos de mediana estatura cara  
comprida cor morena barba serrada fendida naris  
15 afillado pequeno olhos grandes pretos cabelo pre  
to coRedio sentou praSa em 23 de Março de 1766 annos
- 10 Ioaquim de Souza *filho* de Manoel Carvalho *natural* de  
Coritiba solteiro de *Idade* de 15 annos estatura baicha  
cara comprida cor morena naris afillado olhos  
20 pequenos pretos cabelos preto Corredio sentou pra  
ça em 26 de Feuereiro de 1776 annos
- Quarto* cabo Domingos Ribeiro *filho* de Francisco Ribeiro *natural* de Coritiba ca  
zado de *Idade* de 33 annos estatura alta delgado cara  
comprida alvarinha naris grande olhos grandes gate  
25 ados Cabello corredio castanho sentou prasa em 23  
de Março de 1766 annos
- Soldado Patricio Pinheiro *filho* de Guilherme Novilher *natural* da villa de  
Sabara cazado de *Idade* de 48 anos estatura alta delgado ca  
Cara comprida cor morena pouca barba naris gran  
30 de olhos pequenos pretos cabelo pouco corredio sentou  
prasa em 23 de Março de 1766 annos
- 3 Felipe Grasia *filho* de Fellipe Leme *natural* de Coritiba cazado  
de *Idade* de 30 annos de ordinaria estatura cara Redonda  
Cor morena pouca barba naris afilado olhos pe  
35 quenos pretos cabelo corRedio preto sentou pra  
sa em 2[6]<sup>252</sup> de Feuereiro de 1776 annos

<sup>252</sup> Ms corroído

9 Jose Luiz f.º de M.<sup>te</sup> Carvalho n.º de Cor.º 16  
 de idade de 16 annos de ordinaria estatura cara  
 comprida cor morena nariz afilado olhos pegue  
 ras preto cabelo preto Co.º de d.º sentou praça  
 em 26 de Fev.º de 1776



10 Miguel Joze f.º de Joas. Joary Fragoso n.º de  
 Cor.º Carado de Id.º de 16 annos de ordinaria estatu  
 ra cara comprida alvarinho pouca barba e fe  
 lida nariz afilado olhos pegueiras Castanho cabelo  
 Castanho Co.º de d.º sentou praça em 26 de Fev.º  
 de 1776

11 Jose Martin.º de Alun.º f.º de M.<sup>te</sup> Martin.º n.º de M.<sup>te</sup> de S. Miguel  
 Carado de Id.º de 22 annos de ordinaria estatura cara redonda  
 Com sinais de bruxiga cor. morena nariz afilado olhos pegue  
 ras preto cabelo preto corpo sentou praça em 17 de Fev.º de 1776

12 Porirido Turado f.º de An.º Turado n.º de Cor.º 16  
 de idade de 17 annos de ordinaria estatura cara redonda cor. ma  
 rromada e de S.º de d.º nariz afilado olhos pegueiras preto  
 Cabello preto corpo sentou praça em 19 de Fev.º de 1774

13 Aluador Leon.º f.º de Joas. Leon.º de S.º n.º de S.º de S.º  
 Carado de Id.º de 38 annos de ordinaria estatura cara comprida  
 cor morena pouca barba e fe lida de S.º de d.º nariz afilado  
 olhos pegueiras preto cabelo preto Co.º de d.º sentou praça  
 em 10 de Fev.º de 1776

14 Fran.º de Fariy f.º de Aluador de Fariy n.º de Cor.º  
 de Id.º de 25 annos de ordinaria estatura cara  
 redonda alvarinho pouca barba nariz afilado olhos pe  
 gueras Castanho cabelo Co.º de d.º Castanho sentou praça  
 em 23 de M.<sup>te</sup> de 1776

15 Jose.º Antunio Malici f.º de Fran.º Antunio n.º de Cor.º  
 Carado de Id.º de 18 annos de ordinaria estatura cara  
 redonda alvarinho nariz afilado olhos gate  
 ras preto cabelo Co.º de d.º Castanho sentou praça em 26 de  
 Fev.º de 1776

16 Jose.º Antunio f.º de Fran.º Antunio n.º de Cor.º Carado de  
 Id.º de 23 annos de ordinaria estatura cara comprida  
 alvarinho pouca barba nariz afilado olhos gate  
 ras preto cabelo Co.º de d.º Castanho sentou praça em 23 de Fev.º  
 de 1776

Jos.º Carneiro Sobr.

<b>Número do documento:</b> 1	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 255
<b>Composição:</b> fól. 4r	
<b>Tipologia:</b> Relação	
<b>Ementa:</b> Listagem nominal dos soldados da Terceira Companhia de Cavalaria dos Campos Gerais.	
<b>Datação:</b> 1776	
<b>Autor:</b> Francisco Carneiro Lobo	

- 4    Iوزه Rodriguez filho de Manoel Carvalho natural de Coritiba solteiro de Idade de 16 anos de ordinaria estatura cara ~ Comprida Cor morena naris afilado olhos pequenos pretos cabelo preto corredio sentou praça aos 26 de Feuereiro de 1776 annos
- 5    5    Miguel Iوزه filho de Ioaõ Soares Fragozo natural de Coritiba cazado de Idade de 25 annos de ordinaria estatura Ra cara comprida aluarinho pouca barba efendida naris afillado olhos pequenos castanho cabelo – Castanho corredio Sentou praSa em 26 de Feuereiro de 1776 annos
- 10    6    Iوزه Martins de Oliveira filho de Manoel Martins natural da Ilha de Saõ Miguel cazado de Idade de 22 annos de ordinaria estatura cara redonda com sinais de bixigas cor morena naris afilado olhos pequenos preto cabelo preto crespo sentou prasa em 14 de Feuereiro de 1774
- 15    7    Prizado Furtado filho de Antonio Furtado natural de Coritiba solteiro de Idade de 27 annos de ordinaria estatura cara Redonda cor morena barba seRada naris afillado olhos pequenos preto Cabello preto crespo sentou praSa em 14 de Feuereiro de 1774
- 20    8    Salvador Lemes filho de Ioaõ Lemes daSilva natural de Sorocaba cazado de Idade de 38 annos de ordinaria estatura cara comprida cor morena pouca barba falto de hum dente adiante da parte de sima naris rombo olhos pequenos pretos cabelo preto corredio sento praSa em 20 de Setembro de 1766 annos
- 25    9    Francisco de Farias filho de Salvador de Farias natural de Coritiba cazado de Idade de 25 annos de ordinaria estatura cara redonda aluarinho pouca barba naris afillado olhos pequenos castanho cabelo corredio castanho sentou praSa em 23 de Março de 1766 annos
- 30    10    Ignacio Antunes Maciel filho de Francisco Antunes natural de Coritiba Cazado de Idade de 18 annos estatura baicha encorpado cara redonda aluarinho naris afilado olhos gateados cabelo corredio castanho sentou prasa em 26 de Feuereiro de 1776 annos
- 35    11    Ioaquim Antunes filho de Francisco natural de Coritiba cazado de Idade de 23 anos de ordinaria estatura cara comprida aluarinho pouca barba naris afillado olhos gateados cabelo coRedio castanho sentou praSa 23 de Outubro de 1774 annos
- Francisco Carneiro Lobo

2. Junho. Jm. Vaqueiro Almeida Cap. da Ordenancia da  
 Freguesia de Santa Anna do Rio de Janeiro

B. Nombram. Jm Paulo a 13 1787 <sup>12-2-2</sup> <sub>238</sub>  
 de Junho de 1787 Castro

**P**or se ausente a Jm. Vaqueiro Almeida Cap. da Ordenancia da  
 Freguesia de Santa Anna do Rio de Janeiro tendo au-  
 tidade e tempo utele tambem au. maj de C. und a  
 sus no. l. t. tendo por utele Causa q. se viu de algum  
 ag. v. r. e servio de sua Mag. p. r. v. i. n. a. s. t. e. r. d. f. u. i. e. l.  
 a. q. p. d. s. p. a. d. i. m. i. n. a. s. q. u. a. l. q. u. i. d. d. e. l. i. g. i. m. u. e. d. e. p. e. r.  
 e. m. b. r. a. n. t. e. r. r. e. d. e. t. e. r. d. e. C. a. p. i. t. a. n. i. a. m. e. r. i. t. a. d.  
 q. d. e. x. o. r. e. n. d. o. o. p. o. r. t. o. d. e. s. t. e. A. f. e. r. u. d. e. m. i. s. m. a. C. o. m. p. r. e. s. e.  
 n. i. q. u. e. d. e. t. e. m. p. r. e. q. u. e. n. d. o. p. o. r. t. e. m. d. e. l. i. m. d. e. C.  
 J. d. d. e. s. t. a. C. a. p. i. t. a. n. i. a. e. t. e. n. t. e. a. r. b. i. t. r. a. r. i. a.  
 i. n. g. e. r. e. p. r. e. c. i. a. d. o. r. e. q. u. e. c. o. n. s. i. d. e. r. a. p. o. p. o. s. i. t. a. p. r. o. n. o. m. i. n. a.  
 d. e. s. t. a. p. r. o. v. i. n. a. s. i. n. a. s. i. g. n. a. d. a. F. r. e. g. u. e. s. i. a. d. e. S. a. n. t. a. A. n. n. a.  
 d. e. S. a. n. t. a. A. n. n. a. d. e. S. a. n. t. a. A. n. n. a.

Jm. Vaqueiro Almeida

Aprove a nomeação e avendo a eu no seu nome e Al. m. e. Dor.  
 Jm. General aq. n. de seu nome e o He. papa e m. b. r. a. n. t.  
 na forma do Regim. das Ordenancias Villa de S. Paulo a 2 de  
 de Junho de 1787  
 Jm. Paulo de S. Paulo

Paulo de S. Paulo  
 de 1787



Número do documento: 2	Número do documento no banco de dados: 256
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Portaria	
Ementa: Nomeia Francisco Ferreira de Andrade para alferes da Companhia	
Datação: 2/junho/1787	
Autor: Inácio Taques de Almeida	

Ignacio Taques Almeida *Capitam* de ordenança da  
Freguezia de Santa Annado Hyapo etc.<sup>253</sup>

<Pede Nombramento. Sam Paulo a 13  
de Julho de 1787>

5 <RC> Por se axar auzente o Alferes da minha companhia Regi=  
naldo Ferreira de Miranda seis meses sem Licença tendo an  
tes deste tempo estado também auzente mais de hum a  
nno no sertão tendo por esta cauza perecido algum  
10 as vezes o serviço de Sua Magestade por si não ter ofiçial  
aquem possa detreminar qualquer deligençia, e axar  
em Francisco Ferreira de Andrade capacidade emeritos  
para exzerser o posto de Alferes da mesma Companhia o no  
medo para o dito emprego, avendo por bem a Sim o *Excellentissimo*  
15 *Senhor General* desta Capitania atentas as Sirconstan  
Çias expreçadas e para constar pa Sei aprezente nom[e]  
açãõ por mim Sómente a Signada Freguezia do Hyapo  
2// de Junho de 1787 annos

Ignacio Taques de Almeida

20 <Aprovo a nomeação havendo assim por bem o *Illustrissimo* e *Excellentissimo*  
*Senhor General* quem deve recorrer para lhe passar Nombramento  
na forma do Regimento das ordenanças villa de Coriytiba 24  
de Junho de 1787

O *Capitam* Mor Luis Ribeiro de Andrade>

25 <Passada a 28 de Julho  
de 1787.>

<sup>253</sup> Ao alto, na margem esquerda, há uma anotação a lápis, de outra mão: “2 de junho”; abaixo do despacho: “12-2-2”, “1787 od 238” e “Castro”.



Número do documento: 3	Número do documento no banco de dados: 257
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Apresenta boas vindas ao novo Governador, Antônio Manoel de Mello Castro e Mendonça	
Datação: 31/julho/1797	
Autores: Gabriel da Silva Sampaio, Cirino Borges de Macedo, Bernardo Pereira de Quadros, Domingos Leite	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>254</sup>

Arrespeitavel prezensa de *Vossa*  
*Excellencia* sobe o Iuiz Prezidente emais offe  
ciais daCameradesta villa a partcipar  
5 lhe o gosto com que Recebemos aventu  
roza noticia deque tem esta Capita  
nia afelecidade deseuer Governada  
por *Vossa Excellencia* na Esperansa de que *Vossa Excellencia*  
com sabia Reflexaõ emaduro Com  
10 selho hade fazer felises estes povos  
que hinda não acabaraõ de emchugar  
as Lagrimas que lhe deixa oIllustrissimo eExcellentissimo  
Senhor Bernardo José de Lorena que  
agora acaba de os governar, amesma fe  
15 Lecidade esperaõ estes povos no iLumi  
nado Governo de *Vossa Excellencia* Refletindo  
nas destintas coalidades Com que  
oCeo tam felis mente exornou a*Vossa Excellencia*  
em cujo governo apetesemos a*Vossa Excellencia*  
20 ComservaLo por deLatados annos.  
Apresioza vida efelis saude  
de*Vossa Excellencia* Goarde Deos muitos annos Com  
muitas felecidades como muito havemos  
persizo *Villa* deCastro em Camera de  
25 31 de Julho de 1797//

De *Vossa Excellencia*

Fieis subditos

Gabriel daSilva Sampaio

Cyrino Borges deMacedo

30 Bernardo Pereira de Quadros

Domingos Leite

<sup>254</sup> Logo abaixo do vocativo, há anotações a lápis, de outra mão; à esquerda, “Castro” e “31-julho”; ao centro, “1797”; à direita, “12-2-2”.

Ilmo Ex. Sr. Gov. do Estado

21-Fevereiro  
Castro

1798

12-2-4

Atendendo nos amos e si, da de que  
fazer esta villa de Cayri foy do matto pa  
re represento alguns em subto, represento  
nos ar. Ex. para nos facultad e poder  
nos nomear para ser em pro vi dos por v.  
Ex.

Tambem represento nos ar. Ex.  
que estando as questoes mais sufficien  
tes desta villa o Cupados mal com quada  
da meliora quadi fia que v. Ex. foy  
vido mandes novamente Creio Com  
querem ficad per vilegiados, do tal mande  
do Sr. Gov. e o X. rethor digno e Sr. vis  
de Sr. Mag. e ca. in. Topamos ar. Ex. de  
deyne mandados de lousas as per privilegios  
e e i ten soem que terr. ad in. e officio, co  
mo os del de dos e deo em del e i ten de  
Sr. vis. na Republica, e yodem Sr. Cidadão  
sem facultades e per o Sr. Gov. Ex. a  
mandos para juramentos e para Sr. Gov. e  
que for per tenente do Sr. vis. de Sr. Mag.  
gub. e, porque quer emoj em tudo e Sr. Gov.  
Com o Sr. Gov. e Sr. Gov. do Sr. Gov. Ex. a  
Sr. Gov. Ex. a. Vilymenta villa de Cayri  
Em Com. de 21 de Fev. 1798

Per. Ex. a  
Substij.

Manuel Jose de Araoz  
Joze Pereira Pinto  
Joze Luiz de Araoz  
Joze R. de Araoz  
Joze R. de Araoz



Número do documento: 4	Número do documento no banco de dados: 258
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Pedindo sejam declarados privilégios e isenções de oficiais e soldados.	
Datação: 21/fevereiro/1798	
Autores: Manuel José de Frias, José Ferreira Pinto, José Leite de Azevedo, Antonio Rodrigues Penteado, José Sutil de Oliveira.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>255</sup>  
 Atendendo nos anesidade que  
 tem esta villa de Capitains do mato pa  
 ra Repremir alguns emsultos, Representa  
 5 mos aVossa Excellencia para nos facultar o poder  
 mos nomear, para serem providos por Vossa  
 Excellencia  
 Tambem Representamos avossa Excellencia  
 que estando as pessoas mais sufisien  
 10 tes desta villa oCupados naCompanh[ia]  
 da melisia auxiliar que Vossa Excellencia foi ser  
 vido mandar nova mente Eregir Todos  
 Querem ficar pervilegiados, etotal mente  
 absulutos e exzentos dosmais serviços  
 15 de Sua Magestade, easim Rogamos a Vossa Excellencia se  
 digne mandarnos declarar os previlegios  
 e eizensoens que tem, asim os offeciais, co  
 mo os soldados sedevem ser eizentos de  
 servir na Republica, sepodem ser citados  
 20 sem facultade especial devossa Excellencia, e cha  
 mados para Juramentos epara tudo omais  
 que for pertensente aoserviço de Sua Ma  
 Gestade; porque queremos em tudo obrar  
 com aserto, ebeneplasito deVossa Excellencia  
 25 Deos Guarde aVossa Excellencia Felismente villa deCastro  
 Em Camera de 21 de Fevereiro de 1798//  
 De Vossa Excellencia  
 Suditos.  
 30 Manuel Jozé de Frias  
Iozé Ferreira Pinto  
Ioze Leite de azevedo  
Antonio-Rodriguez Penteado  
Ioze Sutil deOliveira

<sup>255</sup> Logo abaixo do vocativo, há anotações tardias, a lápis, de outra mão; à esquerda, “21-Fevereiro” e “Castro”; ao centro, “1798”; à direita, “12-2-4”.

21. Fevereiro Castro

Ilmo. Sr. Ex.º Vinte

1798 12-2-5

Com consequencia da Carta  
 da data de tres de Novembro passada por  
 V. Ex.º de regia esta Camara elomiga  
 quando elogia da Carta Regia para effe-  
 to de effe fijos a essa Junta Affira-  
 ram por elle effe fijos seguintes. Foy  
 de mda Cantada de tres de Junho de  
 o Santo Simo Salamento exposto nos  
 as 19, 20 e 21 de Novembro de 1798, em  
 mo de Com Sumas. e por S. M.º foy  
 as de Luminarias: duas dias de foy, e  
 rias danças effe fijos publicos para o  
 que Com Curas. Todos os moedores  
 Conforme as suas poses, mostrando  
 contentes a sua elegia e contenta-  
 mento, como foy de S. M.º da nossa  
 herma. D.º P.º V.º Ex.º m.º arm.º V.º  
 de Castro em Camera del 1 de Outubro de  
 1798.

Jo. V.º Ex.º  
Sub.º

Manuel Joz. de Azevedo  
 Joz. Ferreira Pinto  
 Joz. de Azevedo  
 Ant.º Pov.º de Azevedo  
 Joz. de Azevedo de Azevedo



<b>Número do documento:</b> 5	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 259
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Informando os festejos realizados para festejar a Infanta.	
<b>Datação:</b> 21/fevereiro/1798	
<b>Autores:</b> Manuel José de Frias, José Ferreira Pinto, José Leite de Azevedo, Antonio Rodriguez Penteadó, José Sutil de Oliveira	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>256</sup>  
 Em comSiquensia daCartta  
 datada de tres de Novembro pasado, que  
 Vossa Excellencia derigio aesta Camera, aCompa  
 5 nha[n]do aCopia daCarta Regia para eifei  
 to deSe festejar anossa Infanta, sefize  
 ram por ella os festejos seguintes. Tres dias  
 de miSa cantada, detres SaSerdotes com  
 oSantiSSimo Sacramento esposto nos di  
 10 as 18, 19, e 20 doprezente mes, eno ulti  
 mo dia com sermaõ e porsisaõ. tres di  
 as de Luminarias: dous dias de touros, eva  
 rias dansas efestejos publicos, para o  
 que concorreraõ todos os moradores  
 15 Conforme as suas posses, mostrando  
 Comtentes a sua alegria ecomtenta  
 mento, como fieis vaSalos da nossa So  
 berana. Deos Guardede aVossa Excellencia muitos annos villa  
 de Castro Em Camera de 21 de Fevereiro de 1798//  
 20 De Vossa Excellencia  
 Suditos  
Manuel Jozé deFrias  
Iozê Ferreira Pinto  
Ioze Leite de azevedo  
 25 Antonio-Rodriguez Penteadó  
Ioze Sutil deOliveira

<sup>256</sup> Logo abaixo do vocativo, há anotações, a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “21-Fevereiro” e “Castro”; ao centro, “1798”; à direita, “12-2-5”.

11. Junho - 1798

M<sup>o</sup> Ex<sup>o</sup> Sr. Senador

12-2-7

Com cumprimento do Sr. Sen. Sr.  
 Ex<sup>o</sup> de D<sup>ta</sup> de vinte e oito de Junho de  
 mil e setecentos e noventa e oito nome  
 mos para o Suprad e para do Capitão  
 e Baixo de Cirah e Curmas de Brito de  
 a villa em primeiro Lugar e depois  
 de servicia Certo, em segundo Lugar ao  
 Affrey Francisco Cortes de Andrade e  
 em terceiro Lugar a Luis de Mello Pego  
 Como Contas de Lealdade em d<sup>ta</sup> p<sup>o</sup>  
 Correr em todos elly todos p<sup>o</sup> com  
 vey mil e setecentos e noventa e oito  
 elly. no d<sup>ta</sup> p<sup>o</sup> que foy p<sup>o</sup> na  
 Expediente por ten<sup>o</sup> de Sr. Ex<sup>o</sup> q<sup>o</sup> manda  
 va o que for servido.

Deo e Sr. Ex<sup>o</sup> m. a. v. Nova  
 delgado em Camara de 11 de Junho de 1798

Sr. Ex<sup>o</sup>

Percebe e Substit<sup>o</sup>

Manuel Gora de Fria  
 Jose Fraz Pinto  
 Jose Leite de Azevedo  
 Antonio Rovi. Penteado  
 Ines de Azevedo



Número do documento: 6	Número do documento no banco de dados: 263
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Informa nomeação de Capitães do bairro de Pirai e Furnas.	
Datação: 11/junho/1798	
Autores: Manuel José de Frias, José Ferreira Pinto, José Leite de Azevedo, Antonio Rodrigues Penteado, José Sutil deOliveira	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>257</sup>  
 Em Comprimento da Ordem de *Vossa*  
*Excellencia* daData devinte eojto deAbril de  
 milesete sentos enoventa eojto nomea  
 5 mos para oCupar oposto deCapitampara  
 oBairro dePirahi eFurnas destrito des  
 ta villa em primeiro Lugar aIgnacio  
 deoliveira Pinto, emsegundo Lugar ao  
 Alferes Francisco Ferreira deAndrade, e  
 10 emterseiro Lugar aLuiz deMelo Rego  
 Como Consta daCertidaõ em cluza, por  
 Correr em todos elles todas as sirconstan  
 sias nesesarias para bem servirem aSua  
 Magestade nodito posto oque tudo pomos na  
 15 Respeitavel perzensa de *Vossa Excellencia que* manda  
 ra oquefor Servido.  
*Deus guarde aVossa Excellencia muitos annos.*  
*Villa Nova de Castro em Camera de 11 de Junho de 1798 annnos*  
*De Vossa Excellencia*  
 20 Reverentes suditos.  
Manuel Jozê de Frias  
Ioze Ferreira Pinto  
Iose Leite deazevedo  
Antonio Rodriguez Penteado  
 25 Iose Sutil deOliveira

<sup>257</sup> Logo abaixo do vocativo, há anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “11-Junho-1798”; à direita, “12-2-7”.



Número do documento: 7	Número do documento no banco de dados: 262
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Certidão	
Ementa: Certifica a escolha para Capitão do Bairro do Pirai e Furnas.	
Datação: 11/junho/1798	
Autor: Manoel Machado da Silva	

Manoel Machado daSilva  
 Escrivã daCamera Orfaons Judi  
 cial eNotas nesta villa nova  
 deCastro e seu Termo por Provizã<sup>258</sup>  
 5 Regia etcetera.  
 Certefico e portto por fé que  
 emCamera de onze de Junho de  
 mil eSeteSentos enoventa eojto  
 estando prezenteoCapitaõ-Mor  
 10 Iosé Rodrigues Betim elegeiraõ  
 uniformemente emprimeiro Lugar  
 aIgnacio deoliveiraPinto em segu  
 ndo Lugar ao Alferes Francisco Fe  
 reira deAndrade, eemterseiro  
 15 Lugar a Luis deMello Rego  
 por acharem serem capazes eteremsu  
 fisiencia para coalquer deles Ex  
 zerserem oCargo deCapitam do  
 Bairo doPirahi eFurnas aCoal  
 20 nomeasaõ fizeram [eHa] Luis Pre  
 zidente oCapitam Manoel José de  
 Frias emais offeciais daCamera opri  
 meiro veriador José Ferreira Pinto  
 eoSegundo veriador o Ajudante José  
 25 Leite deAzevedo e oterseiro veria  
 dor Antonio Rodrigues Penteadoeo  
 Procurador oTenente José Sutil de  
 oLiveira emprezensa dodito  
 Capitam Mor José Rodrigues Betim  
 30 tudo por detreminasaõ do *Illustrissimo*  
 e*Excellentissimo* Senhor DomAntonio  
 Manoel deMelo Castro e Mendoca  
 Governador eCapitam General desta  
 Capitania epor verdade de tudo  
 35 paso aprezenste nestavilla de Castro  
 emCamara de 11 deJunho de 1798 *annos*  
Manoel Machado daSilva

<sup>258</sup> No alto, há anotações, a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “11-Junho” e “1798”; na margem direita, “1798”; logo abaixo do vocativo, “Castro”.

24. Setembro - 1798

Almo. Sr. Sr. Sr.

12-2-6

Recubrimos a Carta de V. Ex.<sup>a</sup> da  
 data de vinte e seis de Junho, proximo pa-  
 sado, acompanhada do Alvará de pre-  
 vilégio das tropas Illustriíssimas por Co-  
 pia, o que prontamente mandamos au-  
 thorizar e cumprir para o seu  
 inteiro cumprimento e os dems delles  
 Magestade, na forma que V. Ex.<sup>a</sup> nos  
 remittiu, e que firmamos junto do  
 original a V. Ex.<sup>a</sup> da Carta de V. Ex.<sup>a</sup> de 1798.  
 Desta Camera de V. Ex.<sup>a</sup> de 21 de Setembro  
 de 1798.

De V. Ex.<sup>a</sup>  
 S. P.

Manuel J. de Souza  
 Jose F. Magalhães  
 Jose G. de Almeida  
 Ant. Rom. Pontado  
 Jose S. de Almeida



Número do documento: 8	Número do documento no banco de dados: 260
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Acusando recebimento de carta com alvará de privilégios.	
Datação: 21/setembro/1798	
Autores: Manuel José de Frias, José Ferreira Pinto, José Leite de Azevedo, Antonio Rodrigues Penteado, José Sutil de Oliveira.	

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor<sup>259</sup>  
 Recebemos a Carta de *Vossa Excellencia* da  
 tada de vinte edous de Iulho proSimo pa  
 Sado, acompanhada do Alvara depre  
 5 vilegios das tropas Meleciannas por Co  
 pia, oque prontamente mandamos Rezis  
 ttar nos Livros Competentes para Sedar  
 inteiro Comprimento as ordens de Sua  
 Magestade, naforma que *Vossa Excellencia* nosde  
 10 tremina, epara firmeza Junto Remete  
 mos a *Vossa Excellencia* a Certidaõ do Escrivaõ  
 desta Camera deoter comprido, villa  
 de Casttro emCamera de 21 de Setem  
 bro de 1798//  
 15 De *Vossa Excellencia*  
 Suditos.  
Manuel Joze de Frias  
Ioze Ferreira Pinto  
Ioze Leite de azevedo  
 20 Antonio-Rodriguez Penteado  
Ioze Sutil deOLiveira

<sup>259</sup> Logo abaixo do vocativo, há anotações, a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “21-Setembro-1798”; na margem direita, “12-2-6”.

21- Setembro

1798

Castro

Manoel Medeiros da Silva  
 Juiz da Camara da Bahia Judici-  
 cial da Bahia na Villa Nova  
 del Rey da Bahia como por Provi-  
 dom Regio 4<sup>a</sup>

122-6

Certifico em nome Regio 4<sup>a</sup> no  
 Livro que segue de Regio 4<sup>a</sup> na  
 Camara da Bahia de Bre-  
 villegios vindo por Copie de  
 a Casa de Governo delapida  
 mo de as. Paulo sobre fidei  
 gy fidei nodi do Livro de  
 a Villa de Castro verso do  
 Rey e a Villa de Castro  
 del Rey de a Villa de  
 Castro 21 de Setembro 1798  
 Manoel Medeiros da Silva



<b>Número do documento:</b> 9	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 261
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Certidão	
<b>Ementa:</b> Certidão de registro de alvará de privilégios.	
<b>Datação:</b> 21/setembro/1798	
<b>Autor:</b> Manoel Machado da Silva	

Manoel Machado daSilva  
 Escrivão daCamera Orfaons Judi  
 cial eNotas nesta villa nova  
 de Castro eSeo Termo por Provi  
 5 zam Regia etcetera<sup>260</sup>  
 Certefico emComo Registei no  
 Livro que Serve de Registo nes  
 taCamera hum Alvara de Pre  
 vilegios vindo por Copia daSe  
 10 cretaria do Governo daCapita  
 nia de SaõPaulo aCoal fica Re  
 gistada nodito Livro afolhas  
 SeSenta eCoatro verSo thé fo  
 lhas SeSenta eSeis epor verdade  
 15 detudo paSo a presente villa de  
 Casttro 21 deSetembro de1798//  
Manoel Machado daSilva

<sup>260</sup> Na margem esquerda, no alto, há anotações a lápis, de outra mão: “21-Setembro” e “1798”; na margem direita, “Castro”.



Número do documento: 10	Número do documento no banco de dados: 265
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Informando que a contribuição da vila, devido à sua escassez de meios, não poderá ser superior a 50\$000 reis por ano.	
Datação: 15/maio/1799	
Autor: Gabriel da Silva Sampayo	

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*<sup>261</sup>  
 Temos presente a Carta que Vossa Excellencia  
 foi servido derigirnos Com a data de 12 de Março e  
 sendo ella detanta ponderaçã, he Curta anossa Esfera  
 5 para instantania mente podermos dar hua Resposta Cer=  
 constanciada e Capas de Subir a Rial prezença de Sua Magestade  
 avista do que temos Rezolvido amandarmos Sem demora  
 o Procurador desta Camera, na forma que Vossa Excellencia nos emci=  
 nua para que instruido primeira mente de Libere Com acerto  
 10 Comos mais Representantes; [espaço] Nos Senhor Excellentissimo juntamo  
 nos em Camera Comos prencipais moradores desta Villa  
 edepois devarios pareceres, ouvidas as Suas Rezoins a Sen=  
 tamos que o mais que se podia ofrecer Sem muito detrimento des=  
 15 te povo eraõ 50\$000 reis Cada anno, porque esta Villa he  
 prencipiada denovo e Se acha estabelecida em hua fromteira  
 degentio, que Coaze Sempre o Povo della Seve em vadido esse=  
 ra preciso algumas vezes Lançar alguma Leve finta como por=  
 vezes tem acontecido para o Repremir; a Cresce mais O=onos  
 de se achar este Povo gravado com o pezado em cargo de pagar  
 20 anualmente 160 reis de desobriga quaresmal, e Oitenta reis ao de=  
 zimo porcada pessoa de Comfição que apennas chega atenrra  
 Idade de 7 annos extroquincoze poreste modo, desta Povoação  
 800\$- ou 900\$000reis: Cada anno alem de outras despezas de=  
 25 interros, emais imulimentos Parochiais; tendo em ci esta  
 Povoação hum grande numero de pobreza oriunda do gentio da=  
 terra. Sem estabelecimento que vivem de Selario detropas para  
 poderem cumprir com este obrigado onnos, esuposto que neste pais se=  
 achão estabelecimentos de fazendas de Criar animais Cavalares,  
 e Vacuns, que he o que forma o Capital da exportaçã, Contudo  
 30 nada uteliza esta Villa porque amaior parte dos donos Saõ mora  
 dores de outros destritos, onde Comsomem os frutos das mesmas fa=  
 zendas, poressio<sup>262</sup> motivo naõ tem esta Villa a opulencia que Representa  
 Temos posto na Respeitavel prezença de Vossa Excellencia os nossos  
 Centimentos, porem Contudo prostrados aos pes de Trono Com á=  
 35 mais profunda Sumiçã Rendemos as nossas vontades a=  
 tudo o que for do Rial agrado danossa Sobrana Senhora  
 Deos Guarde a Vossa Excellencia muitos annos Villa de Castro 15  
 de Maio 1799.  
*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*  
 40 Antonio Manoel de Melo Castro e Mendonça, Veiaõ  
 muito Reverentes as maos de Vossa Excellencia o Juis prezidente e officiais  
 da Camera da Villa de Castro  
 o Juiz prezidente Gabriel da Silva Sao payo

<sup>261</sup> Na margem esquerda, no alto, há anotações a lápis, de outra mão: “15-Maio”; logo abaixo do vocativo, ao centro, “1799”; na margem direita, “12-2-9”.

<sup>262</sup> Note-se o erro de grafiação: “poressio” por “por esse”



Número do documento: 11	Número do documento no banco de dados: 264
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Ofício	
Ementa: Dá as razões para não instituir novo imposto.	
Datação: 15/maio/1799	
Autores: Gabriel da Silva Sampayo, Manoel de Matos Pereira, Cerino Borges deMacedo, João Batista Penteado, Antônio Gonçalves dos Santos	

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*<sup>263</sup>

Recebemos a Respeitavel

Carta de *Vossa Excellencia* datada de 12 de Março do prezente anno em que nos ordena mandemos o nosso representante munido de poderes para Se estabelecer o novo imposto para pagamento dos Sargentos Mores e a Judantes, dos Regimentos de Miliciaz:

Nos *Senhor Excellentissimo* Lançando os Olhos da Comsideração portodo o terreno do nosso paiz não achamos establacimento solidado em que sepoça por esta empozição *que* ja não esteia pensionado, porque o Sal. genero da primeira necessidade que gastão estes povos já se acha pensionado em Pernagoá em 2000reis, Cada Alqueire para o mesmo imposto, as Agoas ardentes, e, Algodaõ que vem defora tambem estão pensionados para O patrimonio desta Camera, as Carnes devaca do Sougue, pagão o Sucidio Literario, os animais Cavalares, e Vacum, pagão o imposto em serocaba, desorte *que* ja dealgum modo vem o no Sso Pais apagar Novo imposto; porem comtudo *Senhor* nos é este povo estamos promptos com os nossos bems, com as nossas pessoas evidas para tudo o *que* for do Serviço danossa Rial *Senhora* e Sobrana Rainha. Temos posto na prezença de *Vossa Excellencia* os nossos Centimentos e *Vossa Excellencia* mandara o *que* for Servido. Deos Guarde a *Vossa Excellencia* muitos annos Villa de Castro 15 de Mayo 1799.

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Antonio Manoel de Melo Castro e Mendonça*

Vejam muito Reverente mente as maos a *Vossa Excellencia* o Juis presidente e mais officiais da Camera da Villa de Castro  
 O Juis presidente Gabriel da Silva Sao payo  
 O Vereador Manoel de Matos Pereira  
 O Veriador Cerino Borges deMacedo  
 o Vereador João Batista Penteado  
 o Pro Curador Antonio Gonçalvez dos Santos

<sup>263</sup> Logo abaixo do vocativo, há anotações a lápis, de outra mão; à esquerda, “15-Maio”; ao centro, “1799”; à direita, “12-2-8”.

Almo Ex. mo Senhor

31-Dezembro

1800

12-2-10

Logo que recebemos a Ordem de Vossa  
 Magestade Real Publicando a Lei de 17 de Maio de 1799.  
 Na qual se manda a todos os Juizes de  
 Serenidade das Vozes e Justicas publicas  
 e por Edital repartir a mais publica desta  
 villa, e Regi. da realidade desta freguesia.  
 De J. Pedro. Ex. Com o qual se nos  
 foy sem. villa de Leptio em Com. de  
 31 de Dezembro de 1800

Almo Ex. mo Sr. Antonio Manoel de Mello  
 Capta. Mordomo Rejany e mory de  
 V. Ex. a Vozes e Justicas e mory officij  
 de foy

Luiz Costanzo de Souza  
 Manoel de Mello

Antonio Manoel de Silva

Gabriel de Souza  
 Fran. Cor. de Andre



<b>Número do documento:</b> 12	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 266
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunicam ter recebido e publicado a ordem de Sua Alteza que faz mercê aos vassallos da conservação de suas posses.	
<b>Datação:</b> 31/dezembro/1800	
<b>Autores:</b> Luis Castanho de Araújo, Manuel de Matos Pereira, Antônio Machado e Silva, Gabriel de Oliveira Rosa e Francisco Ferreira de Andrade.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>264</sup>  
 Logo que Recebemos aOrdem deSuaAl  
 teza Real FedeliSima expedida por *Vossa Excellencia*  
 Naqual fas merSe aseus vassallos daCom  
 5 Servasaõ das suas poSes afizemos publicar  
 epor Edital naparte mais publica desta  
 villa, e Registrar nos Livros destaCamera  
     *Deus guarde aVossa Excellencia Com Saude para nos*  
 fazer bem. villa deCastro em Camera de  
 10 31 deDezembro de1800//  
 Illustrissimo eExcelentissimo *Senhor* Antonio ManoeldeMello  
 Castro eMendoça Bejamos as maons de  
*Vossa Excellencia* o Juis Prezidente emais officiais  
 daCamera  
 15 Luis Castanho de Araujo  
Manoel de Matos Pereira  
Antonio Machado eSilva  
Gabriel deoliveira Roza  
Francisco Ferreira de Andrade

<sup>264</sup> Logo abaixo do vocativo, há anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “31-Dezembro”; no centro, “1800” e à direita, “12-2-10”.

Almo Jmo Senhor

31-Dezembro

1800

12-2-11

O

omonyma submissa...  
...dever. Ex. dando por...  
...que...  
...mas...  
...fidelidade...

...31 de Dezembro de 1800

Almo Jmo Senhor...  
...Antonio Moura e Silva

Luiz Antonio de Araujo  
Manoel de...  
Antonio Moura e Silva



Gabriel de...  
Fran. Ferr. de...

<b>Número do documento:</b> 13	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 267
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Informando a realização de festas pelo nascimento da Sereníssima Infanta.	
<b>Datação:</b> 31/dezembro/1800	
<b>Autores:</b> Luis Castanho de Araújo, Manuel de Matos Pereira, Antônio Machado e Sillva, Gabriel de Oliveira Rosa e Francisco Ferreira de Andrade.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>265</sup>  
 Com amesma SubmiSaõ Respeito,  
 eveneraSaõ devida aoSuberano, Subimos  
 por meyo desta a Respeitavel prezença  
 5 de *Vossa Excellencia* dando parte de que fizemos  
 as festas Riais pelo NasSimento deNoSa  
 SereniSima Senhora Infanta; naõ Com  
 aquelle aparato, pompa, emagnefiSencia  
 que Requer taõ grande e augusto Nasci  
 10 mento, epediam os nosos bons desejos;  
 mas sim conforme apoSebelidade desta  
 villa pouco opolenta edehum povo que  
 Só tem por brazaõ e Requeza aobediencia  
 efedelidade aCoroa dePortugal.  
 15       AperSiosa vida de *Vossa Excellencia Deus*  
*Guarde por muitos annos villa de Castro emCamera de*  
*31 de Dezembro de1800*  
 Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Antonio Manoel de Me  
 llo Casttro eMendoça Bejamos as maons de *Vossa*  
 20 *Excellencia* o Juis Prezidentte emais offeciais da Came  
 ra  
           Luis Castanho de Araujo  
           Manoel de Matos Pereira  
           Antonio Machado eSillva  
 25       Gabriel deoliveira Roza  
           Francisco Ferreira de Andrade

<sup>265</sup> Logo abaixo do vocativo, há anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “31-Dezembro”; no centro, “1800” e à direita, “12-2-11”.

31-Dezembro

Manoel Machado de Silva e  
Lirio de Faria e Silva Juiz  
Mestre de Vila Rica e do  
maior Supplemento de 1800

1800

12-2-17

Ordem de pagamento ao  
Certo e de direito de  
Lirio de Faria e Silva Mestre de Vila Rica  
e do maior Supplemento de 1800  
monetaria Com o pagamento de 1000  
fins de 1799 e de 1000 de 1800  
de quem se deu com tanta mais  
capacidade de pagar e de pagar o que se  
de parte com a devida villa de  
Certo em nome de 31 de Dezembro  
de 1800

Manoel Machado de Silva



<b>Número do documento:</b> 14	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 268
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Certidão	
<b>Ementa:</b> Certifica que se realizaram festejos pelo nascimento da Infanta.	
<b>Datação:</b> 31/dezembro/1800	
<b>Autor:</b> Manoel Machado da Silva	

Manoel Machado daSilva Es  
 crivam daCamera Orfaons Judicial  
 eNotas nesta villa deCastro eseo Ter  
 mo por Suplementto *etcetera*<sup>266</sup>  
 5 Certefico efaço certo queem  
 festejo do NaSimento daSerenisima  
 Senhora Infanta fesSe nesta villa  
 as festas Seguinttes, tres dias de Lo  
 minarias Com Repiques deSino, eno  
 10 fim dos tres dias MiSa Cantada e  
 Tedeum Laudamos Comtentamento<sup>267</sup>  
 eaplauzo de todo este povo, o que tu  
 do paso emfé deverdade villa de  
 Casttro emCamera de 31 de dezem  
 15 bro de1800  
Manoel Machado daSilva

<sup>266</sup> Existem anotações a lápis, de outra mão; no alto, na margem esquerda, “31-Dezembro”; logo abaixo do vcativo, na margem direita, “1800” e “12-2-12”.

<sup>267</sup> Note-se o erro de grafiação: “Comtentamento” talvez por “com contentamento”



Número do documento: 15	Número do documento no banco de dados: 269
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Pedindo que as paradas sejam estabelecidas conforme o costume anterior, de um morador a outro.	
Datação: 16/março/1801	
Autores: Gabriel da Silva Sampayo	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>268</sup>  
 A Respeitavel prezença de *Vossa Excellencia*  
 Sobem o Juis Prezidente emais officiais  
 dacamera da villa deCastro, com a Repre  
 5 zentaSaõ do Veixame *que* Sofrem ospo  
 vos daquele Comtinente, na aSistencia  
*que* Saõ obrigados fazer nos pouzos estaba  
 Lecidos *para* as paradas; premsipal mente  
 10 aqueles moradores *que* moraõ Longe daEs  
 trada Geral deixando estes as Suas Ca  
 zas em puder deSuas mulheres filhos, eCri  
 anças expostas ao Risco do brabaro gentio  
 eaomesmo tempo, faltando ao trabalho  
 da agricultura *para* SustentaSaõ de  
 15 Suas pobres familias, pelo *que* Suplicamos  
 a *Vossa Excellencia* *que* pela Sua inata piedade ma  
 nde estabaleSer as menSionadas paradas  
 pelo estilo antigo demorador amorador,  
 20 porque aSim naõ Servem devexame, por  
 cuja merSe nos, e todos estes moradores  
 ficamos Suplicando a *Deus* pela Comserva  
 Saõ de *Vossa Excellencia* pela pas etranquil[id]ade  
 Com *que* nos tem Governado, apreSioza vida  
 de *Vossa Excellencia* o Ceo *Guarde* por *muitos annos* Como *muito* perSi  
 25 Zamos *Villa* deCastro em Camera de 16 de Março  
 de 1801// [espaço] *Illustrissimo eExcelentissimo* Senhor Governador  
*Capitam* General Antonio Manoel de Mello  
 Castro eMendoça Bejaõ *muito* Reverentes as be  
 nignas maons de*Vossa Excellencia* o Juis Prezidente e  
 30 mais officiais da Camera  
 O Juis Prezidente Gabriel daSilva Saopayo

<sup>268</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “16-Março”; à direita, “1801” e “12-2-12”.

Monsieur Le Comte de S. Paulo

7-Abri

1801

12-2-13

Affectionnel souvenir de M. de S. Paulo  
 Monsieur le Comte de S. Paulo  
 J'ai l'honneur de vous adresser par ce courrier  
 un petit ouvrage qui vous sera peut-être  
 agréable. C'est un recueil de quelques  
 notices sur l'histoire naturelle de  
 la province de S. Paulo, et sur  
 les productions de son sol. J'ai  
 cru que vous en seriez curieux,  
 et que vous en auriez besoin  
 pour votre cabinet. J'ai  
 voulu vous en offrir un  
 exemplaire, et vous  
 prie de m'en excuser si  
 je ne vous l'envoie  
 pas plus tôt. J'ai  
 l'honneur d'être  
 avec toute la  
 reconnaissance  
 possible,  
 Monsieur le Comte,  
 votre très humble  
 et très dévoué  
 serviteur,  
 M. de S. Paulo.



<b>Número do documento:</b> 16	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 271
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Relatam ataques dos índios e pedem que os reprimam.	
<b>Datação:</b> 07/abril/1801	
<b>Autores:</b> Gabriel da Silva Sampaio, José Rodrigues Pereira, Miguel Rodrigues de Araújo, Guilherme Pereira dos Santos e Antonio Gonçalves dos Santos.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>269</sup>  
 A respeitavel presença de Vossa Excellencia  
 sobem o Juis Prezidente emais officiais daCa  
 mera davilla deCastro que os povos moradores  
 5 dafronteira lhe Representaõ ovexame em que actu  
 almente seve com obrabo Gentio que desde  
 oconfins de Lages the o deste destrito, es  
 tam destruindo matando, queimando, rou  
 bando, efazendo Retirar os moradores de  
 10 medo dos seus emSultos, eprincipalmen  
 te o anno proximo paSado em que mata  
 raõ quatro Escravos do Capitam Francisco Luis  
 de oLiveira, queimando as Cazas, elogo em  
 humafazenda do Tenente Coronel Mano  
 15 el Gonçalves Guimarains, a pouco espaço  
 embadindo a fazenda da Barra e Roubando  
 deprezente o Payol damesma Fazenda, quei  
 mando Campo, eameasando com perigo aos  
 moradores da fronteira que confina com  
 20 os incultos certoens, fazendo Continuos fo  
 gos, deque sempre a perigo, pondo aos morado  
 res emConsternasaõ de naõ poderem plan  
 tar, por Costumarem fazer ciladas emata  
 rem nas RoSas, pelo quesuplicamos a Vossa  
 25 Excellencia para que mande as Suas ordens ao Capitam  
 Mor desta villa, para que com força de gen  
 te faça Repremir este emnimoigo fazendo  
 entrada por embetuba athe chegarem aos  
 alojamentos, fazendo os retirar para mais Lonje  
 30 deSorte que que poSaõ viver os liais vaçalos de  
 Sua Alteza Real, Livres doperigo, contribu

<sup>269</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “7-Abril”; à direita, “1801” e “12-2-13”.

15-2-13

Contribuindo os moradores Compil  
 vna, ed uombo, emantamentos p. vna Com  
 forme a Regulas multas q. se fixar p. vna  
 pedicao. Lemos representado a V. Ex. P. no  
 da duplicata que mandara q. se fizesse de  
 vna copia vinda de vna de V. Ex. fidelite  
 D. p. vna Com. Como muito se fizesse  
 vna de vna Com. de vna de vna de  
 1801.

Almo Ex. no Senhor Governador  
 Capitam General Antonio Manoel de  
 Alho Capto e Mordaca dejos. muito  
 Reverentes e benignos saudos de V. Ex.  
 e foy e videntia vna officio de vna  
 vna

Gabriel de Silva Saopayo  
 Jose Roiz Per. as  
 Miguel Roiz de vna  
 Guilherme Per. as  
 Antonio Goncalves de Santos



<b>Número do documento:</b> 16	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 272
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Relatam ataques dos índios e pedem que os reprimam.	
<b>Datação:</b> 07/abril/1801	
<b>Autores:</b> Gabriel da Silva Sampayo, José Rodrigues Pereira, Miguel Rodrigues de Araújo, Guilherme Pereira dos Santos e Antônio Gonçalves dos Santos.	

Contribuindo os moradores Compol  
 vora, exumbo, emantimentos perSizos Con-  
 forme a Regular multa *que* sefizer *para* aes  
 5       pedição; temos Representado aVossa *Excellencia* ano  
 sa suplica que mandara *oque* for Servido  
 apresiosa vida esaude de *Vossa Excellencia* feleCite  
 Deus por *muitos* annos Como muito dezejamos  
 Villa deCastro em Camera de 7 deAbril de  
 1801 //  
 10               *Illustrissimo eExcellentissimo* Senhor Governador  
 eCapitam General Antonio Manoel de  
 Mello Castro eMendoça bejaõ muito  
 Reverentes as benignas maons de*Vossa Excellencia*  
 oJuis Prezidente emais offeciais daCa-  
 15       mera  
Gabriel daSilva Saopayo  
Joze Rodriguez Pereira  
Miguel Rodriguez deAraujo  
Guilherme Pereira dos Santos  
 20       Antonio Gonçalves dos Santos

Castro

Almo. Ex. Senhor

Camara

26 Maio

1801

12-2-14

O Capitam Mo. de la villa de  
 Rodriguez Brito, no Excmto que pelo  
 mayor numero, de povo que tem de habitacion  
 te Continente, depois que se formou a  
 Companhia de ordenar os jobs grandes  
 longy e que se tem extendido a mensio  
 nado povo, se previu fazer mais jobs  
 piticos, como se fez Compante effe  
 cia, para cada Companhia. hebbido ter  
 aprimeiro, no bairro de Arrugeto, e segun  
 do no bairro de Estancubra, e tero tercio  
 no bairro de Regueiro, cuja Represen  
 tacao? porem se supozavel porem a de  
 ve Exa que mandou a que se fez a  
 representacao e de onde se fez a  
 m. anno villa de la villa con Clave de  
 26 de Mayo de 801

D. V. de V. Ex.

similiter subditos

- Juana de la Cruz
- Jose Peiró de la Cruz
- Miguel Peiró de la Cruz
- Juan Peiró de la Cruz
- Manoel de la Cruz e Souza



Número do documento: 17	Número do documento no banco de dados: 273
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Sugerem a criação de três companhias de ordenanças, no Carrapato, em Catanduva e Juaguaraíva	
Datação: 26/maio/1801	
Autores: Gabriel da Silva Sampayo, José Rodrigues Pereira, Miguel Rodrigues de Araújo, Guilherme Pereira dos Santos e Manuel da Rocha e Sousa.	

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*<sup>270</sup>

OCapitam Mor destta villa Iozê  
Rodrigues Betim, nos Representa que pelo  
mayor numero, dopovo que tem acreSido nes  
5 te Continente, depois que Seformaraõ as  
Companhias das ordenanças, pelos grandes  
longes aque Setem estendido os menSio  
nados povos, SepreSiza fazer mais tres Ca-  
10 pitaens, com os seus Competentes offe  
ciais, para cada Companhia: devendo ser  
aprimeira nobairro doCarrapato, asegun  
da no bairro deCatanduba, eaterseira  
nobairro de Jaguaraiba, cuja Reprezen  
tação pomos na Respeitavel presença de  
15 *Vossa Excellencia* que mandara oquefor servido.  
apresioza vida esaude de*Vossa Excellencia que guarde Deus*  
muitos annos. Villa deCastro em Camera de  
26 de Mayo de1801

De Vosa Excellencia

20 umildes suditos  
Gabriel daSilvaSaopayo  
Joze Rodriguez Pereira  
Miguel Rodriguez deAraujo  
Guilherme Pereira dos Santos  
25 Manoel daRocha e Souza

<sup>270</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “Castro”, “Camara” e “26-Maio”; à direita, “1801” e “12-2-14”.

*Da Importação dos Produtos e Manufaturas do Reino dos outros Partes do Brasil e das Países Estrangeiros na Circulação de Santos Anno de Santos no Anno 1801.*

<i>Partes d'onde</i>	<i>Tacunas</i>	<i>Uva</i>	<i>Vinagre</i>	<i>Sal</i>	<i>Algodão</i>	<i>Alfaca</i>	<i>Almofiz.</i>	<i>Arroz</i>	<i>Carvão</i>	<i>.....</i>	<i>Valor em mil R.</i>
<i>Pernambuco</i>	<i>Secas</i>	<i>Midas</i>	<i>Midas</i>	<i>Longas</i>	<i>Puras</i>	<i>Arroz</i>	<i>Midas</i>	<i>Alguns</i>	<i>Arroz</i>	<i>.....</i>	<i>Arredos</i>
<i>R. de Santos</i>											13275
		118									224
			64								64
				918							1590
											<u>15153</u>
<i>Desta Capit.</i>					192						5940
						145					290
											190
											25
											25
<i>Total</i>											<u>21603</u>

*A Importação do Reino foi 15153 } 21603 } Importar 10500.  
 Ditta desta Capitania 2 6450 }  
 A Importação do Reino foi 5161 } 11103 } Ditta desta Capitania 5942 }  
 Ditta desta Capitania 2 5942 }*



<b>Número do documento:</b> 18	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 270
<b>Composição:</b> bifól. 1v/2r	
<b>Tipologia:</b> Mapa	
<b>Ementa:</b> Produtos importados para a Paróquia de Sant'Ana de Castro	
<b>Datação:</b> Inícios de 1802	
<b>Autor:</b> José Rodrigues Betim	

1	<b>Mappa</b>											
	Da Importação dos Produtos e Manufacturas <sup>271</sup> do Reino dos outros Portos do Brazil é dos Paizes Estrangeiros na Parochia de Santa Anna de Castro no Anno de 1801											
	Portos donde Vierão	Fazendas	Vinho	Vinagre	Sal	Algodão	Assucar	Agoa Ardente	Arros	Farinha de trigo	.....	Valor em dinheiro
		Secas	Medidas	Medidas	Cargas	Pessas	Arrobas	Medidas	Alqueires	Arrobas	.....	Cruzados
5	Rio de Janeiro	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	13275
		.....	112	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	224
		.....	.....	64	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	64
		.....	.....	.....	318	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1591
		.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	15153
		.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	15759
10	Desta Captania	.....	.....	.....	.....	198	.....	.....	.....	.....	.....	5940
		.....	.....	.....	.....	.....	145	.....	.....	.....	.....	290
		.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	170
		.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	25
	Total	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	21603
15	A importação do Reino foi 15153											
	Ditta desta Capitania		6450	21603								
	A importação foi		5161			Por exportar 10500						
	Ditta desta Capitania		5942	11103		Iosê Rodriguez Betim						
	Capitam Mor											

<sup>271</sup> Note-se o erro de grafiação: “manufacturas” por “manufaturas”



<b>Número do documento:</b> 19	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 732
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Informa o comportamento do bacharel João Batista dos Guimarães Peixoto	
<b>Datação:</b> 21-04-1802	
<b>Autores:</b> Antônio Ferreira de Matos, José Ferreira Pinto, Bento da Rocha Carvalhais, Luciano Antônio de Melo Rego e Antônio Gonçalves dos Santos.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>272</sup>

Recebemos asempre respeitavel carta  
deVossa Excellencia datada de 23 de Feveiro doprezen  
te anno pela qual nos ordena Vossa Excellencia o infor  
5 memos sobre oComportamento, factos eComdu  
ta, doBaxarel Joaõ Baptista Dosguimarains  
Peixoto, Ouvidor dezertado davilla dePara  
nagua, porque todos os factos daforioza, Comdu  
ta daquelle Menistro, aComteSeraõ com os  
10 Juizes, eCamera, do anno demil oito sentos, na Cor  
reiçaõ que fes oditto Menistro nesta villa m[an]  
damos chamar amensionada Camara e Juizes [para]  
ComSua InformaSaõ darmos oque VossaExcellencia nos  
pede, aqual hade ver Vossa Excellencia daAttestaSam  
15 damesma Camera, e Juizes, que junto remetemos,  
nada mais temos denosa parte, que Informar  
aVossa Excellencia que mandaraoqualfor servido Deus  
Guarde aVossa Excellencia por muitos annos Como muito dezeja  
mos Villa de Castro em Camera de 21 deAbril de  
20 1802  
DeVossa Excellencia  
Suditos  
Antonio Ferreira deMattos  
Joze Ferreira Pinto  
25 Bento daRocha Carvalhais  
Luçiano Antonio de Mello Rego  
Antonio Gonçalvez dos Santos

<sup>272</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de outra mão; na margem, à esquerda: “Castro-21-Abril 1802”; à direita, “12-4-57”.



Número do documento: 20	Número do documento no banco de dados: 274
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Saudação ao novo Governador da Capitania	
Datação: 22/janeiro/1803	
Autores: Manuel José de Frias, José Rodrigues de Quevedo, José da Rocha Carvalhais e José Sutil de Oliveira.	

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

<Respondida a5 deAbril de 1803><sup>273</sup>

Cheyos domayor contentamento obser  
vamos em *Vossa Excellencia* huma nova Culuna, *que*  
5 sustenta opezado governo desta Capita  
nia, e todos uniformes nos Congratulamos  
Comaboa vinda de *VossaExcellencia* por quanto já  
a fama o tem promulgado termos em*Vossa Excellencia*  
huma Coluna *que* nos promette hum insta  
10 vel gosto esucitado felecidade eheyos de  
mayor apreso Respeito nos submetemos aos  
sabios preseitos de *VossaExcellencia* a quem *Deus guarde* por  
muitos annos felizes *eque* o aCompanhem cheyo de  
jubillos villa deCastro em Camera de 22 de Já  
15 neiro de 1803.

*DeVossaExcellencia*

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*  
Antonio José de Franca e Horta  
os mais Reverentes Suiditos  
20 Manuel Jozê de Frias  
Ioze Rodriguez de Quevedo  
Ioze da Rocha Carvalhais  
Ioze Sutil de OLiveira

<sup>273</sup> Logo abaixo desta linha, existem anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “29 - Janeiro - 1803”; na margem direita, “Paraná”, “Castro” e “12-2-15”.

18-Maio-1803

Ilmo. Sr. D. J. P.

Paraná  
Castro

12-2-16

Companhia e Casarão tomou a honra de vir na depositada mercancia  
de S. G. o transmissão de carta, que esta fôrma denega a sua  
C. P. M. a fim de que faga Comed o Parcelo da Igreja Ma-  
tão desta C. nos limites do Edital de S. Mag.  
de 28 de Abril de 1790 expedida pelo Conselho V. G. no  
Off. da fôrma da S. de S. e que sendo a mesma  
aidentica, quanto das mesmas Condições mandadas  
agora Ler na carta de venda q. em. Ex. P. de  
denega ao Parcelo, tem suscitado a conformação de seus ma-  
fideles, vindo se obrigados a sua Contribuição de que  
se havia recebido a Real Praxe e grandera de  
S. Mag.

Como não. V. G. bastantes, nem os cobidos prin-  
cipais de Direito Canônico, em que se estabeleceu a mesma  
Ordem; nem o interesse Publico q. Constitue sua Lei de  
perido, q. Comed as mesmas Parcelas nos limites de sua  
depositada Parcellagem, Supplicamos a S. G. haja de vir a  
ambição de que se nos mandados todos aquelles Officiaes  
q. se inscripturas da sua Conhecida Praxe e grandera

Assura de S. G. F. D. m. an. Villa de Castro em fa-  
mora de 18 de Maio de 1803.

Ilmo. Sr. D. J. P.  
Antonio Jose de Paula  
Hoste

De S. G.  
Humildemente

Manuel Jose de S. G.  
Jose de S. G.  
Jose Casnerio Lobo  
Jose de S. G.



Número do documento: 21	Número do documento no banco de dados: 275
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Resumo de correspondência dirigida ao bispo a respeito das conhecenças	
Datação: 18/maio/1803	
Autores: Manuel José de Farias, Manuel de Matos Pereira, José da Rocha Carvalhais, José Carneiro Lobo e José Sutil de Oliveira.	

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*<sup>274</sup>

Com esta oCCaziaõ temos ahonra de pór na Respeitavel prezença

deVossa Excellencia o tranSsumpto daCarta, que estaCamera derige aSua  
 Excellencia Reverendissima afim deque faça conter o Parocho da Igreja Ma  
 5 tris desta Villa nos justos Lemites daOrdem de Sua Magestade  
 de 28 de Abril de 1730 expedida pello Concelho vista aos  
 Officiaes daCamera daVilla de Itú, e que Sendo Rellativa  
 aidentica questaõ das mesmas Conhecenças mandadas  
 agora Levar naCarta Circular que o mesmo Excellentissimo Prelado  
 10 deregio aos Parochos, tem Suscitado aConsternaçaõ destes mo=  
 radores, vendo se obrigados a hua Contribuiçaõ deque  
 os havia izentado a Real Beneficencia e Grandeza de  
 Sua Magestade

E como<sup>275</sup> naõ seraõ bastantes, nem os Solidos prin=  
 15 cipios de Direito Canonico em queSeestabeleceo amesma  
 Ordem; nem o interece Publico, que constitue hua Lei Su=  
 perior, para Conter ao mesmo Parocho nos Limites de hua  
 Respeitoza Vasallagem, suplicamos a Vossa Excellencia haja deinterpor  
 20 em beneficio destes pobres moradores todos aquelles offisios  
 que Saõ inseparaveis da sua Conhecida Piedade e notoria  
 grandeza.

Apessoa de Vossa Excellencia Guarde Deus muitos annos Villa deCastro emCa=  
 mera de 18 de Maio de 1803.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor  
 25 Antonio José da Franca e  
 Horta

DeVossa Excellencia  
 humildes subditos  
Manuel Jozé de Farias  
Manoel de Matos Pereira  
Ioze da Rocha Carvalhais  
Ioze Carneiro Lobo  
Ioze Sutil de Oliveira

30

<sup>274</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “18-Maio-1803”; na margem direita, “Paraná”, “Castro” e “2-2-16”.

<sup>275</sup> Borrado.

Copia

Ono. P. S. S.

Havendo feito publica a carta Encyclica de S. Ex. datada em 6 de Novem-  
 bro do anno proximo passado, em que S. Ex. determina aos P<sup>res</sup>. Parocho q. se  
 concurrem nasone dos uros, e costumas estabelecidas nas suas Igrejas, e  
 inclusivamente de licentiam as concessoes nella de obriga da Quarta, ou de ja  
 cedoz, ou encomendadoz, ou mesmos Parocho, abren do sem este determinacao.  
 sua Consideravel Carta na Provincia Legia de 28 de Abril de 1730 em q.  
 sua Mag. interm. a p<sup>te</sup> de b<sup>te</sup>; ep. trata p. animando aos Parocho a que  
 se opohe as deliberacoes das mesmas Camaras, a p<sup>te</sup> de recorrer  
 aos Tribunaes Legios p. meio dos competentes Recusoz, em q. S. Ex. Nos arun-  
 cia os mais felizes successos, tem balanceado de tal sorte estes morido-  
 rez, avista da Provincia Legia expedida pelo senelto ultramarino em que  
 sua Mag. prohibe ab Parocho obzarem as concessoes, da carta Ency-  
 clica de S. Ex. em q. manda aos Parocho q. as deiram Contra aquillo me-  
 mo q. S. Mag. ja tem determinado, que nas podendo a sustentadoira de  
 ta entre os vros Limites do clero doio, do Imperio, Quorras avta  
 Camara, que substituido hum s<sup>o</sup> Moral, nelle se continuem os mo-  
 radores fundados na Ord. de Liv. 3. tit. 66. in principio, a auctorid. que  
 tem p. in suo Beneficio manter o sacro publico, e observancia dos  
 Liv. e Ordens que dimanam do Regio S<sup>o</sup>.

Esta adoutrina de S. Paulo na Epistola 13. aos  
 Romanos: Na 3. ao S<sup>o</sup> discipulo P<sup>ro</sup> onde se diz = Adone illor prin-  
 cipibus, & Potestatibus subditi estis; dicto obedere = era 2. de S. Paulo aos Ro-  
 manos. Esta a mesma doutrina doutrina, que S. Ex. tas deuta p. nos vras  
 Cientes Circunstancias nas podendo a p<sup>te</sup> de nos em forma alguma da observan-  
 cia dos Liv. e Ordens de S. Mag., vem a p<sup>te</sup> de p<sup>te</sup> em beneficio dos  
 P<sup>res</sup>, e de sua Provincia do mesmo S<sup>o</sup> naquella p<sup>te</sup> em que na Epistola  
 Provincia expressam prohibe Levarem os Parocho as concessoes nella de  
 obriga da Quarta.

Nem Mas substituem por modo algum a s<sup>o</sup> de os Parocho,  
 Legio as disposicoes de Direito canonico; mas sim as Obzoes, as Prun-  
 os Dirimoz, e a uniao dos Beneficio S<sup>o</sup> p<sup>te</sup>, na forma determinada  
 pelo senelto de Trento Sep. 24. Cap. 13. de Reformat. de q. trata tas bon-  
 Alexandre 4. no cap. 2. §. 3. de Decimis in septo.

Tambem da Ord. Liv. 3. tit. 66. §. 76 se folige q. os Dirimos se ja des-  
 tinados p. sustento dos Ministros da Igreja, sem que nulle, ordem  
 outro ajez se ja p. modo algum, que as concessoes Constituidas a p<sup>te</sup>  
 qua foras p. aduente substituidas dos Parocho, nem ainda mesmo  
 substituto de Obzoes, q. nella qual accepas, em nome de S. Ex. Est abia-  
 jus Lei non petita Spontanea largitio = Cujus definitio semai pode ex-  
 p<sup>te</sup> a deposito das mencionadas Conhecencias, que abem de S<sup>o</sup> p<sup>te</sup>  
 das em quantid. determinada, sao igualm<sup>te</sup> exp<sup>te</sup> e forquidas com violencia e  
 Coac<sup>o</sup>. Circunstancias nella que as semoita com toda a evidencia  
 que em nada Convem a definitio. Com a forma defendida.



Número do documento: 22	Número do documento no banco de dados: 276
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Reclamação contra a cobrança de conhecenças	
Datação: 12/maio/1803	
Autores: Manuel José de Frias, Manuel de Matos Pereira, José da Rocha Carvalhais, José Carneiro Lobo e José Sutil de Oliveira.	

Copia

*Excellentissimo e Reverendissimo Senhor*

Havendose feito publica a Carta Encyclica de *Vossa Excellencia* datada em 6 de

Novem=bro do anno proximo passado, em que *Vossa Excellencia* determina aos *Reverendos* Parochos, *que*

5 se=conservem napsosse dos uzos, e *Costumes* estabalecidos nas suas *Respectivas* Igrejas, e =

incluzivamente ode levarem as *Conhecenças* pella desobriga da *Quaresma*, ou *Sejaõ* *Colados*, ou *encomendados* os mesmos *Parochos*, abrindocom esta determinação hua concideravel brexa na *Provizaõ Regia* de 28 de *Abril* de 1730 em *que* Sua *Magestade* inteiramente as prohi=be; e por outra *parte* animando aos *Parochos* aque

10 Se oponhaõ as deliberaçoins das mesmas *Cameras*, athê aoponto de *Recorrerem* aos *Tribunaes Regios* por meio dos *Competentes Recursos*, em *que Vossa Excellencia* lhes anun

cia os mais felizes suceSsos; tem balanceado de tal Sorte estes morado= res, avista da *Provizaõ Regia* expedida pello *Concelho ultramarino* em que Sua *Magestade* prohi=be aos *Parochos* olevarem as *Conhecenças*, eda *Carta Ency=* *clica de Vossa Excellencia* em *que* manda aos *Parochos* *que* as *Levem*, *Contra* aquillo

15 mes=mo *que Sua Magestade* ja tem determinado, que não podendo a *Sentar* em coisa cer= ta entre os vastos *Limites do Sacerdocio*, edo *Imperio*, *recorreraõ* a esta *Camera*, que constituindo hum *Corpo Moral*, nelle reconhecem os mesmos moradores fundados na *Ordenaçãõ do Livro 8º titulo 66*. in principio, a *authoridade* que

20 tem *para* em *Seo* beneficio manter o *Sucego publico*, ea *observancia* das *Leis*, e *Ordens* que demanaõ do *Regio Trono*.

Está a doutrina de *Saõ Paulõ* na *Epistola / terceira* aos =

25 Romanos: Na *terceira* ao *Seo* discipulo *Tito* onde lhe dis = *Admone illos prin=* *cipibus*, et *potestatibus* *subditos* esse; *dicto* obedire = e na *segunda* de *Saõ Pedro* aos *Ro=* *manos*. Esta amesma *identica* doutrina que *Vossa Excellencia* taõ *doutamente* nos ensina =

30 Enestas *circunstancias* não podendo afastarnos em *Couza* alguma da *observan=* *cia das Leis*, e *Ordens* de Sua *Magestade*, vem afazerse *preciza*, em beneficio dos = *Povos*, asabia *Rezoluçãõ* do mesmo *Senhor* naquella *parte* em que na *Referida* *Provizaõ* expressamente prohi=be *Levarem* os *Parochos* as *Conhecenças* pella *des=* *obriga da Quaresma*.

35 Nem ellas constituem por modo algum a *Congrua* dos *Parochos*, *Segundo* as *despoziçoins* de *Direito Canonico*; mas sim as *Oblaçoins*, as *Premicias* os *Dizimos*; e a *uniaõ* dos *Beneficios Simples*, na forma determinada pello *Concilio* de *Trento* *sessãõ 24. Capitulo 13* de *Reformatione* *Deque* trata taõ bem

40 *Aleixandre Quarto* no *Capitulo segundo § oitavo* de *Decimis* in *Sexto*. *Tao* bem da *Ordenaçãõ Livro oitavo titulo 62 § 76* se *Colige* *que* os *Dizimos* sejaõ *des=*

tinados *para* o *Sustento* dos *Menistros da Igreja*, Semque neste, ou em = outro *Lugar* seveja por modo algum, que as *Conhecenças* constituaõ a *Con=* *grua* porçãõ *para* a *decente* *sustentaçãõ* dos *Parochos*, nem ainda mesmo *atitulo* de *Oblaçoins* *que* nasua *geral* *accepçãõ*, enomenclatura = *Est* *alicu=* *jus rei non petito* *spontanea* *Largitio* = *Cuja* *definiçãõ* *senãõ* *pode* *vere=* *ficar* a respeito das *mencionadas* *Conhecenças*, que alem de serem *pedi=* *das* em *quantidade* determinada, saõ igualmente *extorquidas* com *violencia*, e

45 coação: Circunstancias pellas quaes se mostra com toda a evidencia que em nada Convem a definição Com a Couza defenida.

Em confirmação dos q' fua ponderada sem bastante adoutrina de Van-Eyren hum  
dos grandes Canonicos que tem figurado na Republica das Letras; e que tra-  
tando p'ualias m. das Oblações nos. 33. part. 2.º Cap. 10. n. 6.º dei obg=

Oblaciones, praesertim in administratione Sacramentorum alia rector-  
atione Pastoralis dari Consuetas, plene Voluntarias, & Liberas esse de-  
bere ostendunt ut supra tit. 3.º Cap. 3.º ibique probatur omnino ve-  
fitione esse quicquam directe, vel indirecte pro Decimodi sunt  
oblationibus stipuleri; sed dum tamen permitti ut accipiantur quae  
ultra & liberaliter a fidelibus offeruntur: ac insuper quem so-  
lente Annis specis Simonis. Et super quibus in Receptione huius  
oblationum Cavari debet.

Quomodo Archid no Lugar Citado n.º 12. segue choram. que os Decimos São.  
Comprehendidos na fidei das Oblações, Simq. entre elles sejam p' modo de  
quem Contempuldas as fenhucenas; id ibi=

Cum ergo oblationes, uti & Decimis principaliter dari praesumentur  
in usus, & sustentationem sacerdotum Curam spiritualium pro-  
puli Offerentes sustentantium, Consequens est Oblaciones de jure Com-  
muni potius Vicario perpetuo, quam Pastori primitivo ad iudican-  
das esse.

Mas ainda que as fenhucenas sejam Comprehendidas na fidei das Obla-  
ções, Como §. Ep. de fidei, nunca podem os Leigos, em favor algum, ser  
obrigados a fazer oblações involuntarias. Visto que ellas ainda sem se con-  
firmadas por longo espaço de annos, não induzem obrigação alguma  
de sustentarem sempre, nem a este fim podem ser obrigados os Leigos  
ainda mesmo pelas Tribunaes superiores, Como segue o mesmo Van-  
Eyren p. 4.º tractado de Jur. Paroch. ad Decimas & Oblaciones Cap. 2.º  
§. 4.º propo finem pag. 297. ib=

Et sane Cum Oblaciones de sui natura sint Voluntarias, & Spontes  
Offerentes, de fidei Tribunalis Regia ad mittunt, & Laceri ex du-  
cturna Consuetudine Offerendi, ad Oblaciones faciendas, praesertim  
in certa, ac determinata quantitate, & specie Construi quuntur:  
eo quod oblationes illae quantumvis longe annorum serie Con-  
firmate, Simper intelligantur iuxta naturam Oblacionum Vo-  
luntarie, & Sponte factae; neque ullam sibi Crudi derid per-  
Continuationem actuum Oblacionem in futurum injici-  
non magis quam si quodam Abbatia per plura annos alicui  
familiae Religiosae ministrum, ac annuam alicui gratia, vel  
annuum Oblacionum Voluntarie, & Sponte offerre sine in-  
terruptione Continuarit.

Quando per inter os principis Letra que se intabulou a Ordem Regia  
na qual sua Mage. prohibe aos Parochos elevarem as fenhucenas juxta  
dos Obiga da quarta, em beneficio dos P'ros, visto que se intabulou



<b>Número do documento:</b> 22	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 277
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Reclamação contra a cobrança de conhecimentos	
<b>Datação:</b> 12/maio/1803	
<b>Autores:</b> Manuel José de Frias, Manuel de Matos Pereira, José da Rocha Carvalhais, José Carneiro Lobo e José Sutil de Oliveira.	

- Em Confirmação do que fica ponderado será bastante adoutrina de Van-Esper hum dos grandes Canonistas que tem figurado na Republica das Letras; e que tratando peculiarmente das Oblações no título 33 parte segunda Capitulo oitavo numero sexto dis oSeguinte
- 5 Oblationes, praesertim in administratione sacramentorum aliave functione Pastoralis dari Consuetas, plane voluntarias, et liberas esse debere ostensum ut Supra titulo octavo Capitulo tertio ibique probatum omnino veritum esse quidquam directe vel indirecte pro hujusmodi functionibus stipulari; sed dum taxa[t] permitti ut accipiantur quo
- 10 ultro, et liberaliter a Fidelibus offeruntur: ac insuper quem Solite omnis species simonia et turpes quaestus in Receptione harum oblationum Caveri debeat.
- O mesmo Autor no Lugar Citado numero 12. segue claramente que os Dizimos são Comprehendidos na Claxe das Oblações, sem que entre elles seja por modo algum Contempladas as Conhecenças; ut ibi =
- 15 Cum ergo oblationes, uti et Decimae principaliter dari praesumantur in usum, et sustentationem sacerdotum curam spiritualem, populi Offerentes sustinentium, consequens est oblationes de jure communi potius Vicario perpetuo, quam Pastori primitivo ad iudicandas esse
- 20 Mas ainda que as Conhecenças sejaõ comprehendidas na claxe das Oblações, como Vossa Excellencia declara, nunca podem os Leigos, em cazo algum ser obrigados a fazer oblações involuntarias, Visto que ellas ainda sendo continuadas por Longo expasso de annos, não induzem obrigação alguma de se fazerem sempre, nem a esse fim podem ser obrigados os Leigos
- 25 ainda mesmo pellos Tribunaes Superiores, como segue o mesmo Van-Esper paragrafo 4.º tractatu de Jur. Parachos. Ad Decimas et oblationes Capitulo secundo § quarto prope finem pagina 297. *ibidem* =
- Et sane cum oblationes de sui natura sint voluntariae, et sponte offerentes, difficulter Tribunalia Regia admitent ut laici ex d[i]ucturna consuetudine offerendi, ad oblationes faciendas, praesertim in certa, ac determinata quantitate, et specie constringuntur eo quod oblationes illae quantumvis Longe annorum serie continuatae, semper intelligantur justa naturam oblationum voluntariae et sponte factae; neque ullam sibi crediderint per-
- 30 continuationem actuum obligationem in futurum injici [?]
- 35 non magis quam si quodam Abbatia per plures annos alicui Familiae Religiosae menstruum, aut annuum alicui gravi, vel ponum oblationem voluntarie et sponte offerre sine interruptione continuaret.
- 40 Sendo pois estes os principios sobre que se estabaleceo a Ordem Regia na qual Sua Magestade prohibe aos Parochos o levarem as Conhecenças pella des Obriga da Quaresma, em beneficio dos Povos, visto perceberem

os mesmos Parocho (outra determinada para a sua devida sustentação,  
 além dos Rentes, emais Offertas permitidas por devavel  
 costume da Igreja; se evidente a fofura, e por plevidade, em que  
 atéy moradores se consideram, avista doq. V. Ep. determina aos Parocho,  
 e S. Mag. N.º proclama nada. P.º devida em 28 de Abril de 1730  
 dirigida ao Off.º da fofura da Villa de Itua, que junto se ofeneu  
 extrahida p.º Certidão do d.º da fofura Com os provimentos que  
 em observancia da mesma Ordem igualm.º se lhe requirio, o que  
 motiva, a que o Parocho se contenta nos justos limites de taes provimentos  
 documentos; e ao mesmo tempo fazei V. Ep. q.º o Parocho, no  
 devor do seu Ministerio, siga as regras determinadas, Com a qualid.º  
 que S. Paulo segue em hum Pastor, pois ovimos a fofura das moras,  
 que amara bondade de V. Ep. Liberaliza, Constando de certo se ha  
 de os expeias validos, e creditado nesta maxima faz domimo  
 valimento ouido p.º a sua defesa, e Planha para subid até ao  
 mais elevado ponto de por aos lhos Parocho em sua total du-  
 ração; e quando aultimo extremo de dupejad a Villa de Sa-  
 cardoty, retirandose taobem p.º a longa estaca de vinte tanty  
 Leguas, Com offitulo protecto de ter adu obligad os moradores  
 de fofura do limoito, onde atéy opida. Se cada, dispendo em  
 Milla, no dia 1.º, ao Povo da V.º e do ambito; dispendo ao mesmo  
 tempo sem dupeias ao mesmo Povo q.º a lode a fofura Com os Preci-  
 tos da duobriga, igualm.º p.º recendo, Com taes longa demora, os En-  
 fermos Com Ralca Manuel de Parra; Anna, m. de Jeronimo  
 de tal, e am. de Manuel Pereira, Cujos expirando a cada im.º  
 os ultimo momento de vida, Clama q.º Confia.º Sem haver  
 quem os socorra: a fofura mais ter falecido Ecolastica, m.º de  
 Pedro da Silva q.º foi interada sem a sustentação de sacerdote; Com  
 taes bem nesta mesma epoca, faleceu Joaquin de Souza, sem haver  
 quem se administram os sacramentos da Penitencia, e Eucaristia,  
 Com atéy a fofura q.º m.º mereim o justo depar, e a fofura de V. Ep.,  
 pois se ve atéy Pais em Comtinaes não praticada nos tempos por-  
 teritas; já experimentandose, Camido ofomecio; Templo, e Ecti-  
 vior danificado, E fugid o Povo do antigo Concurso, p.º não experi-  
 mentarem diariam.º o desagrad do respectivo Parocho, no qual senao  
 encontrá, a requito dos devores do seu Ministerio, motivo algum  
 de merced a benevola protecao de V. Ep. Am. p.º q.º nas mesmas fun-  
 coes de seu Parocho, as exercita Com b.ºs fofuras, Com  
 vingancy.



Se agrando, imanimemente a fofura de V. Ep. Am. senao de lates embone-  
 ficia dute miseravel Povo, suscitando outas novas Oppressões. Sendo

Número do documento: 22	Número do documento no banco de dados: 278
Composição: fól 2r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Reclamação contra a cobrança de conhecenças	
Datação: 12/maio/1803	
Autores: Manuel José de Frias, Manuel de Matos Pereira, José da Rocha Carvalhais, José Carneiro Lobo e José Sutil de Oliveira.	

os mesmos Parochos Congrua determinada para asua decente sustentação, alem dos Beneses, emais Ofertas permitidas por Louvavel Costume da Igreja; hê evidente aConfusão, eperplexidade, em que estes moradores seConsideraõ, avista do *que Vossa Excellencia* determina aos Parochos,

5 eSua Magestade lhes prohihe nadita Provizaõ datada em 28 deAbril de 1730 deregida aos Officiaes daCamera daVilla de Itu, que junto seoferece extrahida por certidaõ dos Livros daCamera com os provimentos que em observancia da mesma Ordem igualmente se lhes seguiraõ, oque motiva, aque oParocho seContenha nos justos Limites de taõ poderosos

10 documentos; e ao mesmo tempo fazer *Vossa Excellencia* que odito Parocho, nos Deveres doSeo Ministerio, siga as Regras determinadas, com as qualidades que Saõ Paulo requer em hum Pastor, pois ovemos abuzar das merces, que amerabondade de*VossaExcellencia* Liberaliza, Contando deCerto ser hum dos seos expeciaes validos, e extribado nesta maxima fâs domesmo

15 valimento escudo para a sua defesa, e Peanha para subir athê ao= mais elevado ponto de por aos seos Parochianos em hua total des= esperaçã; chegando aultimo extremo de despojar aVilla deSa= cerdotes, Retirandose taobem para alonga estação de vinte tantas Leguas, com ofribulo pretexto de hir adesobrigar os moradores<sup>276</sup>

20 daFazenda do Limoeiro, onde athê oprezente se acha, deixando sem MiSa nos dias santos, ao Povo da Villa, eseo ambito; deixando ao mesmo temposem Recurço ao mesmoPovo que acode aCumprir com os Precei= tos dadesobriga, igualmente perecendo, com taõ longa demora, os enfermos, como seachaõ Manoel dePaiva; Anna, mulher de Jeronimo de tal, e amulher de Manoel Pereira, Cujos esperando acada instante os ultimos momentos de vida; chamaõ para confição sem haver quem os socorra: acrecendo mais ter falecido Escolastica, mulher de Pedro da Silva que foi enterrada sem aSistencia de Sacerdote; como taõ bem nesta mesma epoca, faleceu Joaquim de Souza, sem haver quem lhe administrasse os Sacramentos da Penitencia, e Eucaristia;

30 Cazos estes acontecidos que muito merecem o justo reparo, eatenção de *Vossa Excellencia*, pois sevê este Pais em Consternação naõ praticada nos tempos preteritos; já experimentandosse banido oComercio; Templo eEdefi= cios danificados, por fugir oPovo do antigo Concurço, para naõ experi= mentarem diariamente o desagrado do Respectivo Parocho, no qual senaõ encontra, o Respeito dos deveres doSeo Menisterio, motivo algum de merecer abenevola proteção de *Vossa Excellencia Reverendissima* por que nas mesmas fun=

35 çoens do seo Parochiado, as exercita Com blasfemias eCom vinganças.

40 Se agrande, emanifesta Piedade de *Vossa Excellencia Reverendissima* senaõ desatar em bene= ficio deste miseravel Povo, Suscitaraõ outras novas opreçoins:  
Sendo

<sup>276</sup> Na margem esquerda, figura uma chave, abrangendo o trecho da linha 19 à 30.

Sendo tas bem agred. duvida em que actualm. de Mutua, e em que seada esta  
 mesma Camara afim de nas ser desautorizada pelo Parocho, da mesma  
 sorte que o tem sido na fozta Enyolica, nome a V. Ep. Am. aquem  
 suplica haja por bem suspender a execucao, e obstrucao da mesma  
 Carta Gerudat. a He deizas de S. A. P. Real aquem esta Camara  
 Recorre por meio do V. M. e Ep. Senhor Antonio Jose da  
 Franca e Costa, em fozta mas ja seada hum officio acite  
 Vespito, enovam. He participamos q. q. haja por bem de opor  
 na provincia de S. A. P. de fozta p. d. e Real beneficencia,  
 esperamos adiciao de sua devida q. tocando nos limites do sa-  
 cerdotio e do Imperio, nao pode ter algum outro julgador que  
 nao seja o Principe sobirano. = Appoia de V. Ep. Am. D. J. G.  
 J. m. an. Villa de Astu em fozta de 18 de Maio de 1808 = De V. Ep.  
 Am. = Reverentes e obditos = Manuel Jose de Frias = Manuel  
 de Matos Pereira = Jose da Rocha Cavalley = Jose Casanova  
 Lobo = Jose Sutil de Oros

Em. e Am. Sr.  
 D. Matheus de  
 Abreu Pereira



<b>Número do documento:</b> 22	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 279
<b>Composição:</b> fól. 2v	
<b>Tipologia:</b> Ofício	
<b>Ementa:</b> Reclamação contra a cobrança de conhecimentos	
<b>Datação:</b> 12/maio/1803	
<b>Autores:</b> Manoel José de Frias, Manuel de Matos Pereira, José da Rocha Carvalhais, José Carneiro Lobo e José Sutil de Oliveira.	

Sendo taõ bem agrande duvida em que atualmente flutua, e em que seacha esta mesma Camera afim denaõ ser desauthorizada pello Parocho, damesma sorte que otem sido naCarta Encyclica, Recorre aVossa Excellencia Reverendissima quem suplica haja por bem suspender aexecuçãõ eobservancia da mesma Exmo. e Illmo. Sr.

5 Carta Circular athé decizaõ de Sua Alteza Real quem esta Camera D. Matheos de  
recorre por meio do Illustrissimo eExcellentissimo Senhor Antonio Joze da Abreu Pereira  
Franca eHorta, emcuja maõ já seacha hum ofisio aeste  
respeito, enovamente lhe participamos *para que* haja por bem de opor  
na prezença deSua Alteza deCuja piedade e real beneficencia,

10 esperamos adecizaõ de hua duvida *que* tocando nos Limites dosa-  
cerdocio edo Imperio, naõ pode ter algum outro julgador, que  
naõ seje o Principe Soberano = A pessoa de Vossa Excellencia Reverendissima Deos Guarde  
por muitos annos Villa deCastro emCamera de 12 de Maio de 1803 = De Vossa Excellencia  
Reverendissima = Reverentes subditos = Manoel Ioze de Frias = Manoel

15 de Matos Pereira = Ioze da Rocha Carvalhais = Iose Carneiro  
Lobo = Iose Sutil de Oliveira



Número do documento: 23	Número do documento no banco de dados: 280
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Apresenta lista tríplice para Capitão da Companhia de Ordenanças.	
Datação: 16/dezembro/1803	
Autores: Manuel José de Frias, Manuel de Matos Pereira, José da Rocha Carvalhais, José Carneiro Lobo e José Sutil de Oliveira.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>277</sup>  
 Emcomprimento da ordem de Vossa Excellencia, da  
 tada de des deo j tubro do presente anno que nos fes  
 ver o Capitam mor desta villa José Rodrigues Be  
 5 tim para nomearmos tres homens para Vossa Excellencia  
 aprovar um delles que Servisse de Capitam de  
 huma das Companhias das ordenanSas desta villa  
 por baixa que Sedeo a Cerino Borges de Macedo, que  
 o Cupava odito emprego, enaõ ter confirmado a  
 10 Sua patente, nomeamos em primeiro Lugar, ao  
 menSionado Cerino Borges, em segundo a José  
 Ribeiro de Afonceca Leme, em terceiro a Antonio  
 Rodrigues Penteado, como consta da Certida[m]  
 em cluza por Concorrer em todos elles as circuns  
 15 tancias ne Se Sarias para bem servirem a Sua  
 Alteza Real no dito posto o que tudo fomos  
 na Respeitavel prezença de Vossa Excellencia que manda  
 ra o que for servido Deus Guarde a Vossa Excellencia muitos annos  
 villa nova de Castro em Camera de 16 de Dezembro de  
 20 1803//  
Jozê Rodriguez Betim  
 O Juis prezidente Gabriel da Silva Saopayo  
 Overeador Manoel de Matos Pereira  
 Overeador Joze Rodriguez Pereira  
 25 O vereador Iozê Carneiro Lobo  
 O perCurador Iozê Sutil de Oliveira

<sup>277</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “16-Dezembro”; na margem direita, “Paraná”, “Castro 1803” e “12-2-17”.



Número do documento: 24	Número do documento no banco de dados: 281
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Certidão	
Ementa: Certifica que se fez lista tríplice para Capitão da Companhia de Ordenanças.	
Datação: 16/dezembro/1803	
Autor: Manoel Machado da Silva	

Manoel Machado da SilvaEs  
 crivam daCamera Orfaons Judiceal  
 eNotas nesta villa nova deCastro e  
 seo termo por suplimento *etcetera*  
 5 Certefico eportto por fe que em  
 Comprimentto da Ordem do Illustri  
 Simo eExcelentiSimo Senhor Gover  
 nador eCapitam General desta Capi  
 tania datada de des de ojtubro do  
 10 prezente anno, Sefes Camera nesta  
 villa, no dia dezaSeis deste prezen  
 te mes de Dezembro, para nella see  
 Leger tres homens sufisientes, para  
 oposto deCapitam; dacompanhia das  
 15 ordenansas desta villa; por baixa  
 que se deo aCerino Borges deMacedo,  
 que oCupava odito posto deCapitam,  
 por naõ terComfirmado asua pa  
 tentte, naqual camera prezedio  
 20 oCapitam Mor José Rodrigues Betim,  
 Com o Juis Prezidente Gabriel da  
 Silva Saõ Payo, emais offeciais da  
 Camera, epor auzencia doSegundo ve  
 riador Jozê daRocha Carvalhais, Pre  
 25 zedio oRepublicano Jozê Rodrigues  
 Pereira, *que* todos uniformemente  
 elegeraõ para oReferido posto deCa  
 pitam, em primeiro Lugar aodito Ce  
 rino Borges deMacedo, emSegundo  
 30 Lugar aJosé Ribeiro deAfoncecaLima,  
 eem terseiro Lugar a Antonio Ro  
 drigues Penteado, deque detudo dou  
 minha fe, eme Reporto aomesmo Livro  
 35 deveanças por todos asignados, epor ver  
 dade paso a prezente certidam por mim  
 feita easinada villa de Castro 16 de De  
 zembro de 1803  
Manoel Machado daSilva



<b>Número do documento:</b> 25	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 282
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Acusando recebimento de ordem do Capitão General, e solicitando reparos na ponte sobre o Iapó.	
<b>Datação:</b> 13/março/1804	
<b>Autores:</b> Jose Morato do Canto, Manuel Ferreira Dias, Miguel Rodrigues de Araujo, João Batista Penteado e Antonio Goncalves dos Santos.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>278</sup>

A ordem de *Vossa Excellencia* de trinta de Janeiro do Corrente anno que fica Registada no livro Competente desta Camera; Arrecebemos cheyos da maior Satisfação; não só porque assim o devemos fazer, senão porque a mesma se derige a tão grande bem; e na forma da mesma ordem Com a Sistencia do Capitão Mor desta villa temos cuidado na execução della.

Agora também vimos aos pés de *Vossa Excellencia* e por na Sua Respeitavel presença, que sendo esta villa situada a pé do Rio chamado Iapó, o qual por ser alguma couza grande, por casualidade em alguns annos da vau; neste setem conservado a annos huma ponte, a qual abem tempo se acha cahida – Sem se poder levantar por ser este Conselho muito pobre, passando com esta falta não só o Comersio, como todos os habitantes, e antes; do que querendo *Vossa Excellencia* se informar mesmo na Sa Cidade não faltará quem se certifique que a *Vossa Excellencia* danossa verdade: Esta ponte Excellentissimo Senhor, se pode fazer sem veia me deninguem, mandando *Vossa Excellencia* que para ella não haja Reserva de Soa alguma, dos Bairros edestrutos desta villa e hinda dos mesmos Melcianos, e porque vemos e he tão notorio os desejos que *Vossa Excellencia* tem de felecitar a esta Capitania, podemos tudo na Sua Respeitavel presença para nos detreminar o que for servido Deos Goarde a *Vossa Excellencia* por muitos annos villa de Castro em Camara de 13 de Março de 1804

De *Vossa Excellencia*

<sup>278</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de outra mão; na margem esquerda, “13-Março-1804”; na margem direita, “Castro” e “12-2-18”.

13. Março 1841

81-2-21

Officio do mo. Senhor Antonio José de Sousa  
e Almeida

O. mais humil. e dep. subdito



José Morato de Castro  
Manoel Ferreira Dias  
Miguel Rodrigues de Araujo  
João Baptista Pontes  
Antonio Goncalves dos Santos

<b>Número do documento:</b> 25	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 283
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Acusando recebimento de ordem do Capitão General, e solicitando reparos na ponte sobre o Iapó	
<b>Datação:</b> 13/março/1804	
<b>Autores:</b> Jose Norato do Canto, Manoel Ferreira Dias, Miguel Rodrigues de Araujo, João Baptista Penteado e Antônio Goncalves dos Santos.	

*Illustrissimo eExcellentissimo* Senhor Antonio José da Franca  
e Hortta

Os mais humildessubditos

Jose Morato doCanto

5 Manoel Ferreira Dias

Miguel Rodrigues de Araujo

Ioão Baptista Penteado

Antonio Goncalves dos Santos

João Paulo

Paraná

4. Março

Gatto

12-2-19

1868

Com alicuidatunia, e acaá. damas  
 portu acaá pa. qm nodia. d. d. abonente. m.  
 Somamos, pofa nuda lamara da. Sacunony dulla  
 uita, eantes de termo, uitta ar ordery. Regio,  
 ar del. qm, uittamente do bonjeada dulla  
 mona no. Regeneru por publicos. hum mos ddd,  
 dulla merna uitta. Du Comia. Lilla. d. lat.  
 us ar. Prouidam. Decalamente. pua que. auu  
 Chms. dem. pedis. ay ad. Tinas. pagal. d. em. na  
 forma dulla. C. Prouidam. alijs. Regeneri  
 mento, mandamos. Expon. d. f. d. obliuendo  
 Vigoris. da. Pua. Lija. Regeneri. d. i. f. pa. que  
 Com. d. la. p. l. m. y. u. d. al. q. d. au. d. d. d. d.  
 Regeneri. mento, d. p. u. d. d. d. d. d. d. d. d.  
 d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d.  
 q. d. mandamos. p. f. d. d. l. l. l. l. l. l. l. l. l. l.  
 mel. l. i. j. i. t. r. i. a. l. l. l. l. l. l. l. l. l. l. l. l. l.  
 q. d. q. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d.  
 na. d. d. pagam. Com. m. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d.  
 de. 12. de. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d.  
 na. d. d. q. d. f. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d.  
 am. q. d.  
 de. 4. de. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d.  
 de. 18. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d. d.

D. B. G. da

Subdito obediente, e hum  
 Juiz Presidente Manoel Pinto dos Santos  
 Juiz do Juiz (Cruz Brs)  
 Vice da Serra Branca  
 Lino Subtit de Obri.



Número do documento: 26	Número do documento no banco de dados: 284
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Comunica tomada de posse e petição de um morador	
Datação: 04/março/1808	
Autores: Manuel Pinto dos Santos, José da Rocha Carvalhais, Vicente Ferreira de Ávila e Lino Sutil de Oliveira.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>279</sup>  
 Com adevida venia; Nesta accaõ damos  
 parte avosa *Excellentia*, que nodia 2// doCorrente mes,  
 tomamos possa<sup>280</sup> nesta Camara das Governancas desta  
 5 villa, eantes determos visto as ordens Regias, e  
 as deVossa *Excellentia*, eiuntamente doCorregedor desta Co  
 marca, nos Requeru por petiçaõ hum morador,  
 desta mesma villa, Ivo Correia Leite Relati  
 10 vas as provizoens decazamentos, para que ouve  
 Semos deempedir, as que senaõ pagaSem na  
 forma da Real Provizam; aCujo requeri  
 mento, mandamos RespondeSe o Reverendo  
 Vigario daVara, cuja reposta hé eSa, que  
 15 com ella fazemos ver aVossa *Excellentia*; avista dodito  
 requerimento, ereposta do dito Vigario, em  
 observancia dadita Provizaõ; eCarta de Vossa  
*Excellentia* mandamos paSar Edital com pena de seis  
 mil Reis e trinta dias decadeia, contra todo aquele  
 20 Fregues desta Freguezia quefor compriendido  
 no dito pagamento como manda a dita Provizaõ Regia  
 de 12 de Dezenbro de1806// que Vossa *Excellentia* manda  
 ra oquefor Servido. Deus *Guarde* aVossa *Excellentia* muitos  
 annos Villa de Castro em Camara de 4 de Março  
 de 1808// DeVossa *Excellentia*  
 25 Subditos obedientes, eServos  
 O Iuis Prezidente Manoel Pinto dos Santos  
Iozé daRocha Carvalhais  
Vicente Ferreira deAvila  
Lino Subtil de Oliveira

<sup>279</sup> Abaixo do vocativo, há anotações a lápis, de prováveis dois punhos distintos; na margem esquerda, “4-Março”; no centro, “Paraná” e “Castro”; à direita, “12-2-19” e “1808”.

<sup>280</sup> Note-se o erro de grafiação: “possa” por “posse”

Impr. do Nobre Senado

Supra da Senora. respectuei ordens de S. A. Real, junta por copia, e confidencia  
 a meu Ex. mo. Senado sobre a pratica de gumpio nella comenda. Pizo o meu  
 encargo, que, aquella ordens se comprehendia aquelle Juizo Superior da Ter-  
 rana Episcopal pelo uso e costume, e nas nos inferiores, nos quoy nunca sou-  
 ve, duvida alguma, nem uso em contrario. Villa de Castro y de Maro de  
 1808



João Baptista de Almeida  
 1808 de 12 de 1808

<b>Número do documento:</b> 26	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 285
<b>Composição:</b> fól. 2r	
<b>Tipologia:</b> Parecer	
<b>Ementa:</b> Informa que a ordem real só compreende o Juízo Superior da Câmara Episcopal.	
<b>Datação:</b> 04/março/1808	
<b>Autor:</b> Joze Gouveya de Athayde	

Senhores do Nobre Senado

Avista da Sempre respeitavel ordem de *Sua Alteza* Real, junta por copia; e as confissões a meo *Excellentissimo* Prelado sobre a pratica do aSumpto nella conteudo. Rezolueo-me

o mesmo, que aquella ordem sô comprehendia aquelle Iuizo Superior da Câmara Episcopal pelo uzo e costume, e naõ nos inferiores, nos quais nunca houve duvida alguã, nem uzo em contrario. Villa de Castro 4 de Marco de 1808

Ioze Gouveya de Athayde

Vigario da Vara

2. Janeiro - 1810

Ilmo Exmo Sr. e Ex. Sr.

12-2-21

1810

Carta

Respeitavel Carta de V. Ex.<sup>a</sup> datada a 19. de Outubro, me foi entregue a 25 de Dez.<sup>o</sup> immediato, q.<sup>o</sup> tenho a honra de receber, faço ver a V. Ex.<sup>a</sup> q.<sup>o</sup> me li. Sensivel e de agrado de V. Ex.<sup>a</sup> sobre a resposta q.<sup>o</sup> dei q.<sup>o</sup> de melhoras pedidas a mim, p.<sup>a</sup> a Expediç.<sup>o</sup> de Guarapuava. Não tome a confiança de desforçarmos ante V. Ex.<sup>a</sup> porq.<sup>o</sup> como Subdito de V. Ex.<sup>a</sup> recebo com toda a submissão a divida a ser relessão de quem não pode dar, e punir: e tou certo q.<sup>o</sup> V. Ex.<sup>a</sup> será a mesma resposta q.<sup>o</sup> eu estava apertando a uma Dropa de Animas, p.<sup>a</sup> de irregular no Real Serviço, e que Logo foy saber a foy mand. te foy de elle q.<sup>o</sup> apouar do meus estado em q.<sup>o</sup> me acho, e foy de m.<sup>a</sup> pessoa, e tudo q.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> suas p.<sup>a</sup> apr.<sup>o</sup> a lora da sua determinação. Se pello pouco q.<sup>o</sup> em outras occasioes tenho praticado em der. de a p.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> m.<sup>a</sup> e tenho, tive a gloria, e dignidade omnia de V. Ex.<sup>a</sup> de q.<sup>o</sup> Antecessor, e a lora m.<sup>a</sup> de bon. e fiel Vassallo, agora q.<sup>o</sup> não tenho em vitzas mostrar a V. Ex.<sup>a</sup> Suplicado foyros me excuraria p.<sup>a</sup> mostrar me alguma accão de agrado de V. Ex.<sup>a</sup> e tou certo de V. Ex.<sup>a</sup> como sou Camillo Vassallo de meus soberano, e por isso me Sensivel me de ser qualq.<sup>o</sup> castigo q.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> algum d.<sup>o</sup> cupavel de ser melhor da do, como me li. Sensivel qualq.<sup>o</sup> entrarem a ser relessão em de agrado de V. Ex.<sup>a</sup> a q.<sup>o</sup> como a delgado de J. Alameda de la de o foyros, e p.<sup>a</sup> de V. Ex.<sup>a</sup> como a foyros cor touros simes bony p.<sup>a</sup> de Real de V. Ex.<sup>a</sup> em a p.<sup>a</sup> de submissão. E receber todos os castigos q.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> V. Ex.<sup>a</sup> me foyros intimas. Com todo o respeito foyros a V. Ex.<sup>a</sup> q.<sup>o</sup> D. q.<sup>o</sup>



Ilmo Exmo Sr. e Ex. Sr.

Subdito omnia attento, e rever.<sup>te</sup> Sr.

8. de Junho 2. de Junho de 1810

Joselly da Silva

Número do documento: 27	Número do documento no banco de dados: 287
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta	
Ementa: Justifica-se por não ter fornecido animais para a expedição a Guarapuava e demonstra humilde arrependimento por ter desagradado a autoridade.	
Datação: 02/janeiro/1808	
Autor: Joze Felles da Silva	

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.*<sup>281</sup>  
 Arespeitavel carta deVossa Excellencia datada a 19// de Outubro, me=  
 foi entregue a 25 deDezembro; emediatamente, que tenho a onrra de=  
 recebela, Faço ver aVossa Excellencia quanto mehê sensivel odezagrado de=  
 5 VossaExcellencia sobre aresposta, que dei, quando meforaõ pedidos animaes,  
 para a Expedissaõ de Guarapuava: Não tomô a confiança de -  
 desfarçarme ante VossaExcellencia: porque como Subdito deVossaExcellencia re=  
 cebo com toda aSubmissaõ divida areprehensaõ de quem  
 10 mapode dar, epunir: estou certo, que Vossa Excellencia verâ namesma  
 resposta, que eu estava aprontando humatropa de animaes,  
 para empregala no Real Servisso, o que LogoFis saber aoCo=  
 mandante dizendolhe, que apesar do mizero estado, em que meacho, o=  
 fferencia minha pessoa, etudô quanto possuo, para oprimeiro aceno daSua  
 15 praticado emServiço do Principe, meoSenhor, tive agloria, e-  
 destinta onrra deVossa Excellencia e Seos Antecessores exaltarme  
 debom, eFiel Vassalo, agora, que só tenho em vistas mostrar a-  
 Vossa Excellencia duplicado fervor meexcuzaria prestarme ahuma  
 20 accaõ taõ do agrado deSua Alteza Real? Eusou sudito deVossa Excellencia  
 comosou humilde Vassalo domeoSoberano, eporisso taõ  
 sensivel mehadeser qualquer castigo, que por algum descupav-  
 el erro mefor dado, como mehê sensivel qualquer estranhamento  
 ereprehensaõ em desagrado deVossa Excellencia aquem como a dellegado de-  
 25 Sua Alteza Real detodooCoraçãõ, epronta vontade torno aoffere-  
 cer todos osmeos bens para oReal Serviço, eminha pessoa, para submi=  
 ssamente receber todos oscastigos, que por Vossa Excellencia meforem intima=  
 dos. Com todo orespeito bejo as maõs de Vossa Excellencia que Deus Guarde  
 Illustrissimo e Excelentissimo Senhor”  
 De Vossa Excellencia  
 Subdito omais attento, ereverente  
 Criado  
 30 Villa de Castro 2// de Janeiro de 1808. IozeFelles daSilva

<sup>281</sup> Ao lado do vocativo, constam anotações tardias, a lápis; à esquerda: “2-Janeiro-1810”; à direita, no alto: “12-2-21”, “1810” e “Castro”



Número do documento: 28	Número do documento no banco de dados: 286
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Explica o atraso em prestar contas do rendimento do Conselho.	
Datação: 02/outubro/1808	
Autores: Manuel Pinto dos Santos, José Sutil de Oliveira, José Soares de Oliveira, Vicente José de Góis e Lino Sutil de Oliveira.	

*Excellentissimos e Illustrissimos Senhores Governadores*<sup>282</sup>  
 Recebemos aRespeitavel carta deVossa Exselen  
 cia e Senhorias, datada de 17 deSetembro pre  
 terito, em que nos adevertem a falta que temos  
 5 tido em não termos dado, aConta do rendimento  
 desteComSelho, do anno de1807// aoque Res  
 pondemos aVossa Excellencia; eSenhorias, que aCauza tem  
 cido, primeiro, por que oProcurador daquelle anno  
 não deu as suas Contas notempo proprio; por incon  
 10 venientes, Segundo por que immediatamente  
 que estas Setomaraõ, chegou nestavilla oDoutor  
 Corregedor da Comarca de Correçam onde Subiraõ para o mesmo os li  
 vros daReceita edespeza do mesmo Concelho dos quais  
 setiraõ as contas para as Remeter, a SeCretaria doGo  
 15 verno, naforma ordenada, epraticado; e como desta  
 Correçam não ficaraõ os referidos livros, por isto inda não  
 podehir, aConta eneste mesmo acto esCrevemos aoReferido  
 Doutor Corregedor indo em carta domesmo oContheudo naconta de  
 20 Vossa Excellencia eSenhorias em que nos aplicam para que lhe fa  
 ça vir os Livros, para por elles darmos aconta, que Vossa Excellencia eSe  
 nhorias, ordenaõ; Deus Guarde a Vossa Excellencia, eSenhorias, muitos  
 annos, villa deCastro em Camara de 2 de outubro de  
 1808 De Vossa Excellencia; e Senhorias  
 Subditos Atenciozos  
 25 O Iuis prezidente Manoel Pinto dos Santos  
Ioze Sutil de Oliveira  
Ioze Soares de Oliveira  
ViSente Joze de Gois  
Lino Sobtil de Oliveira

<sup>282</sup> Abaixo do vocativo encontram-se anotações a lápis, de dois punhos distintos; na margem esquerda, “2-Outubro”; à direita, “Paraná 1808”, “12-2-20” e “Castro”.

30- Setembro

Mano Mano Souto

1810

Souto

12.2.22

Em consequencia da Ordem Regia que  
vejo ayta Comera de tributa pela Comido  
ria Real dehta Comera. e sy em conformia  
de mesma enoncaas. Junta para de qua de son  
terris os cargos de dny Piloto de pley moria  
naquelle demoyor prohibida, e mbe qn  
cia, que ofusca o dny.

Estimamos vs com  
forme as Sabias intencoes e Collegio Alia  
ra Relativo, e de ayta de H. Ca. que deo se  
de por m. a. m. a. villa de luytho com Comera de  
Bo de 76. 1810.

De V. Ca.

Mano Mano Souto Antonio  
Souto de Franco e Souto

Desemb. Subdito



Joze Ant. de Lacerda  
Joze Ferr. Pinto  
Mano et Souto  
Baldomiro Joze de Almeida Souto  
Miguel Roiz da A.

<b>Número do documento:</b> 28 (a)	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 288
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Informa a nomeação de juiz e piloto das sesmarias	
<b>Datação:</b> 30-09-1810	
<b>Autores:</b> Joze Sutil de Oliveira, José Ferreira Pinto, Manuel Soares, Balduino José de Almeida Taques e Miguel Rodrigues de Araújo.	

Illustrissimo eExcelentissimo Senhor<sup>283</sup>

Em consequencia da Ordem Regia que  
veyo aesta Camera destrebuida pela Ouvido  
ria Geral desta comarca. Sefes emComferencia  
5 de Camera anomeaçã Junta para os que devem  
Servir os Cargos. de Juis e Piloto das sismarias.  
nas pessoas demayor probidade, eemteligen  
cia, que oferese o Pais.

Estimaremos va com  
10 forme as Sabias intençoens doRegio Alva  
rá Relativo, edo agrado deVossa Excellencia queDeos Goar  
de por *muitos* annos villa deCastro em Camera de  
30 de *Setembro* de 1810./.

DeVossaExcellencia

15 Illustrissimo eExcellentissimo Senhor Antonio  
Iosé daFranca eHorta

Reverentes Subditos

Ioze Sutil deOliveira

Ioze Ferreira Pinto

20 Manoel Soares

Balduino JozedeAlmeida Taques

Miguel Rodriguez deAraujo

<sup>283</sup> Abaixo do vocativo encontram-se anotações a lápis, de dois punhos distintos; na margem esquerda, “30-Setembro”; à direita, “1810”, “Castro” e “12-2-22”.

17-Dezembro

Off. mo. do Ex. mo. Senhor

1810

Castro

12-2-23

Deo. presente Officio q' O. Ep. as  
 foi servido em 27 de Maio de presente a  
 mo. no qual me faz presente honras. Com a  
 Dilecto e liberal para a conquista de Jaraguá  
 em que S. S. R. tanto se interessou; bem  
 quizera dar provas de hum Obediente Constante  
 e fiel mas os interesses do B. não permitiram  
 Satisfazer os desejos que tinha. Comto de po-  
 de O. Ep. as. e para q' se fosse tenden-  
 tes na Obediencia de hum Augusto Senhor se  
 ordenado por O. Ep. as. não disporei demonstrar  
 unido de tempo assimto fiel Obediente.  
 Desse modo a O. Ep. as. de 17 de Junho de 1810.  
 Foy da Secretaria 17 de Junho de 1810.

J. O. Ep. as.

Com mais Obediente e Fiel



Com a Obediencia de hum Augusto Senhor

<b>Número do documento:</b> 29	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 289
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta	
<b>Ementa:</b> Agradece as referências feitas e põe-se à disposição para a conquista de Guarapuava	
<b>Datação:</b> 17/dezembro/1810	
<b>Autor:</b> Joze Felis da Silva	

*Illustrissimo e Excellentissimo* Senhor<sup>284</sup>

Tenho presente Officio *que Vossa Excellencia*  
foi Servido emviar-me a 27 de *Setembro* do presente a=

nno no coal me fas adestinta honrra considerarme

5 *Zelozo, eliberal para a Conquista deGarapuava,*  
*em que Sua Alteza Real tanto Se interessa; bem*  
*quizera dar provas de hum VaSalo Constante*  
*e fiel mas os enteresses do Pais não premitem*  
*Satisfazer os dezejos que tenho; Comtudo po=*  
10 *de Vossa Excellencia realizarce que para quanto for tenden*  
*te aoServiSo detaõ Augusto Senhor /e*  
*ordenado por Vossa Excellencia / não deixarei demonstrar*  
*emtudo o tenpo aminha fiel VaSalagem.*

*Deos Goarde aVossa Excellencia delatados annos*

15 *Fazenda daFortaleza 17 de Dezembro 1810.*

*De Vossa Excellencia*

Omais obediente subdito

Ioze Felis daSilva

<sup>284</sup> Abaixo do vocativo encontram-se anotações a lápis, de dois punhos distintos; na margem esquerda, “17-Dezembro”; à direita, “1810”, “Castro” e “12-2-23”.



<b>Número do documento:</b> 30	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 290
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Certidão	
<b>Ementa:</b> Certifica o registo de carta recebida do General da Capitania, Antônio José França e Horta.	
<b>Datação:</b> 01/fevereiro/1811	
<b>Autores:</b> Manoel Machado da Silva	

Manoel Machado daSilva  
 Escrivão daCamera Orfaons Ju  
 dicial eNotas nesta villadeCas  
 tro eseo termo por Provizaõ Re  
 5 gia *etcetera*<sup>285</sup>  
 Certefico eporto por fe que  
 registey nolivro de registos des  
 ta Camera huma Carta de o  
 fficio do IllustriSimo eExcelen  
 10 tiSimo Senhor General desta  
 Capitania Antonio Joze daFran  
 ca e Horta escrita aofalecido  
 Capitam Mor desta villa oqual  
 officio mefoy dado pello Capi  
 15 tam Cerino Borges deMacedo  
 oqual fica registado nolivro de  
 registos destaCamera, desde folhas  
 trintaeseis the folhas trintase  
 te verço o referido he verda  
 20 de emfe doque passo apresente  
 Certidaõ. villa deCastro aprime  
 ro de Fevereiro. de 1811./.  
Manoel Machado da Silva

<sup>285</sup> No alto, encontram-se anotações a lápis, de pelo menos dois punhos distintos; na margem esquerda, “Camara”, “1811” e “1-Fevereiro”; na margem direita, “12-2-24” e “Castro”.



Número do documento: 31	Número do documento no banco de dados: 291
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Pedem dispensa da recruta que formará tropas para a expedição de Guarapuava.	
Datação: 29/junho/1811	
Autores: Luís Castanho de Araújo, Diogo Bueno de Almeida, Bernardo Moreira Pais, Vicente José de Góis e José Veloso de Carvalho.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>286</sup>

Por quanto nos movidos pelas comtinuadas  
vexações, *que* suporta este miseravel Povo, empelidos  
pela testemunhas prezenciaes detantos, etam grandes  
5 emcomodos praticados entre nos neste Pais onde habita  
mos, animados pela experiencia do benigno, ePater  
nal aColhimento comque *Vossa Excellencia* atende as humildes  
Suplicas dos tristes eefectos vacalos, nos da Lugar a por  
10 mos na respeitavel prezença de *Vossa Excellencia* oflagelo, que  
nos oprime: Sendo esta villa deCastro demuito Mo  
derna fundaçãõ; igualmente composta deindividuos  
nimiamente pobres: focé por comsiquencia emCa  
pas desofrer continuados destacamentos, efrequentes  
15 para aexpedição deGarapuaba; sem que ella ame  
ase huã total ruina oufinal destruiçãõ; edefacto  
nos avemos gemer debaixo desua imfragavel ex  
tençãõ; por que sendo transportados os miseraveis po  
bres para qual Expediçãõ por tres mezes, por *que* ja não  
20 ha mais gente *para* os render, ficaõ retidos por seis  
oumais mezes, eporque huma taõ longa auzencia de  
suas Cazas lhes rezulta taõ grandes prejuizos; desta  
maneira esCandalizados apenas saõ exzemplos  
25 daquele destacamento, na mesma aççãõ. Com suas  
familias sevaõ transportando para oComtinenté  
doSul fugitivamente edesta forma setem des  
povoado esteComtinenté onde vivemos não com  
menos risco desermos emvadidos pelos Bugres pela  
propinquidade desua vezinhança: eacresendo  
30 mais aonoso clamor; afalta demantimentos  
que exprementamos pelamesma razaõ pondera  
da. E como temos emvista aExzençaõ dada por  
*Vossa Excellencia* aos habitantes davilla doPrincipe *para*  
não serem tirados *para* aquela Expedisaõ. Por tan  
35 to tendo Lugar napiedoza atençãõ de*Vossa Excellencia* esta  
nosa humilde Suplica rogamós nos queira izentar  
desahirem desta villa para aquela expediçãõ pesoa[s]

<sup>286</sup> Logo abaixo do vocativo, encontram-se anotações a lápis, de punhos diferentes; na margem esquerda, “Camara”, “1811” e “29-Junho”; na margem direita, “12-2-25” e “Castro”.

Los señores magistrados y ayuntamiento: Siento y llevo  
 agrado de ver que a quien deija un buen apellido  
 queda por siempre. Que Dios Guarde V. M. de las cosas con  
 Comercio de 29 de Julio de 1811.

De V. M.

Subditos Leales.

Luis Castaño de Urbino

Diego Bueno de Almeida

Bernardo de la Cruz

Yisente José de la Cruz

Don Velloso de la Cruz







Número do documento: 32	Número do documento no banco de dados: 293
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Informa os festejos por ocasião do nascimento do Infante.	
Datação: 15/junho/1812	
Autores: Cirino Borges deMacedo, Bento da Rocha Carvalhais, Joaquim José Borges, Paulino José de Góis e Vicente Ferreira de Ávila.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>287</sup>  
 Com todo o devido respeito da Cópia da Carta  
 regia de 2 de Novembro do anno proSimo pa  
 Sado do Principe Regente NoSo Senhor, por  
 5 avizo que *Vossa Excellencia* fes em 17 de Novem  
 bro do mesmo anno, respondemos a *Vossa Excellencia*  
 que Nodia 17 de Mayo deste prezente  
 anno demos principio a festejar o Nasimen  
 to do serenissimo Infante Noso Senhor  
 10 os quais tiverão fim no dia 29 do mesmo  
 mes com festejos de Igreja, Luminarias, Bu  
 nesso [burlesco], Touros e Cavalhadas, como consta da  
 Certidão Junta do Escrivão que remetemos  
 a *Vossa Excellencia* em resposta do mesmo avizo que  
 15 *Vossa Excellencia* nos derigiu. Servindo esta tambem  
 de parte do mesmo festejo. *Deus Guarde a Vossa Excellencia*  
 por muitos annos Villa de Castro em Camara de 15 de  
 Junho de 1812

De *Vossa Excellencia*  
 20 Humildes Subditos  
Cyrino Borges deMacedo  
Bento da Rocha Carvalhais  
Ioaquim Iozé Borgez  
Paulino Iozê de Góis  
 25 Vicente Ferreira de Avilla

<sup>287</sup> Encontram-se anotações a lápis, de outros punhos: Na margem superior, á esquerda, “Camara”; logo abaixo do vocativo, á esquerda, “Castro” e “15-Junho”; no centro, “1812”; na margem direita, “12-2-26”.



<b>Número do documento:</b> 33	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 294
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Certidão	
<b>Ementa:</b> Certifica que se realizou uma semana de comemorações pelo nascimento do Sereníssimo Infante.	
<b>Datação:</b> 15/junho/1812	
<b>Autor:</b> Manoel Machado da Silva	

Manoel Machado daSilva Escri  
vaõ daCamera Orfaons Judicial eNo  
tas nesta villa deCastro eseo termo  
por Provizaõ Regia etcetera<sup>288</sup>  
5 Certefico eporto por fe que no  
dia deZasete deMayo deste prezen  
te anno se prencipiou a solenizar  
ofelis Nasimento doSereneSimo Se  
nhor Infante oqual durou athe no  
10 dia vinte eCoatro domesmo mes Com  
os festejos Seguintes, tres dias de Ilu  
minaçãoens por todas as Cazas que Com  
poem esta villa, hum dia deMisa  
Cantada, com sermam eSantiSi  
15 mo Sacramento exposto, eno ense  
rar Se porSiSaõ pelas ruas, e Tedeu  
Laudamos nofim; huma Noute  
deBunceros<sup>289</sup> publicos, huma tarde  
de Touros, eoutra deCavallhadas: Cujos  
20 factos eu prezensiey oCularmente  
praticados. Todo o referido he ver  
dade que por meser mandado opacto  
de veriança feita paSaSe paSo  
aprezente Certidaõ emfe deverdade  
25 villa deCastro emCamera de 15 de  
Junho de1812/.

Manoel Machado daSilva

<sup>288</sup> Encontram-se anotações a lápis, de outros punhos: Na margem superior, á esquerda, “Castro”, “1812” e “15-Junho”; na margem direita,, “12-2-26”.

<sup>289</sup> Note-se o provável erro de grafiação: “bunceros” por “burlescos”

1814.

M. E. de Souza

30. Dezembro

12-2-27

A Regada del. Ex.º de J.º de J.º  
 no d.º de Copitonia, Nos tem emido de  
 a.º de J.º de J.º emuito Comtentamento, epe  
 La obrigaes de ludo de ludo por tempo  
 desta ludo e m.º de l.º de l.º de l.º  
 epe in ludo de l.º de l.º de l.º  
 permuito am.º de l.º de l.º de l.º  
 de 30 de Dezembro de 1814.

Del. Ex.º

M. E. de Souza

Subtidos m.º de l.º de l.º

Cyrino Borges e Moura  
 Antonio Domingues Garcia  
 Alexo Goncalves e Martes  
 Paulino Joze de Goy  
 Lino Sattet de Oliveira



<b>Número do documento:</b> 34	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 295
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Saúdam o novo Governador da Capitania, e oferecem seus préstimos.	
<b>Datação:</b> 30/dezembro/1812	
<b>Autores:</b> Cirino Borges de Macedo, Antonio Domingues Garcia, Álvaro Gonçalves Martins, Paulino José de Gois e Lino Sutil de Oliveira.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>290</sup>

A chegada deVossa Excellencia para ofelis Gover  
no destaCapitania, Nos tem enchido de  
Satisfação emuito Comtentamento, epe

5 La obrigação de suditos himos meyo  
desta beijar as maons deVossa Excellencia eofereser  
anosa inutilidade. Deus Guarde aVossa Excellencia  
por muitos annos Villa deCastro emCamera  
de 30 de Dezembro de1812 ./.

10 DeVossa Excellencia

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dePalmas

Subditos muitos atenciosos

CyrinoBorges deMacedo

Antonio Domingues Garcia

15 Alvaro Gonçalves Martins

Paulino Jozê de Gois

Lino Subtil de Oliveira

<sup>290</sup> Existem anotações a lápis, de outros punhos: Na margem superior, á esquerda, “1814” e abaixo do vocativo, “30-Dezembro” ; na margem direita, também abaixo do vocativo, “12-2-27”.

Almo. Ex. Sr. Conde de Palma

1816.

17. junio

12-2-28

En consecuencia de Orden del Ex. de  
 13 de Abril referidas y publicadas en el  
 Boletín de esta Real Audiencia, y en consecuencia  
 ando ofensas al pelo salubrimiento de esta  
 Real Audiencia a D. Melchor de Sotomayor D.ña  
 Maria Guimaraes, Nodena de los Condes de  
 Leiros officio en la Iglesia Matriz de esta  
 La ultima ando de media hora a ser impo  
 nido de quebra dos Reys Guandos, con lo a  
 to por las leyes publicas, que se han de ser  
 atropo Melchor de Sotomayor, con mandado de pelo  
 Coronel Francisco de Paula Ochoa, que nas. H.  
 voluntariamente obytio con a ploria, para  
 ay de cargo que se le as, asim como fern  
 con fern on ay e igual mente a Procurador  
 de esta Audiencia a D. Alfonso Vicente Ferrera  
 de la villa de Laventorion nas Matriz heuro  
 muito Rica Menduella Cubillo tudoda  
 preta, todo que se ha de de qual tenero, e  
 todo a may de por ay for ab. feto ay de la  
 de la Audiencia. Ficamos muito prompto ya  
 va a fueros de servicio del Ex. que D. J. de  
 por m. a villa de Laventorion en forma del 7 de  
 Junio de 1816.

En su virtud, etc. obediente y fco.

Benedicto Mariano Ribera  
 Paulino Jose de Goy  
 Joaquin Jose Borque  
 Antonio Bermudez Garcia  
 Vicente Ferrera de la villa



Número do documento: 35	Número do documento no banco de dados: 296
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Informa as cerimônias realizadas no falecimento de Dona Maria I	
Datação: 17/junho/1816	
Autores: Benedito Mariano Ribas, Paulino José de Góis, Joaquim José Borges, Antônio Domingues Garcia e Vicente Ferreira de Ávila.	

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor Conde dePalma*<sup>291</sup>

Em comsiquensia da Ordem de *Vossa Excellencia* de  
13 de Abril sefes publicar o Edital desta  
Camera nodia nove doCorente, prencepi  
5 ando ofuneral pelo falecimento denossa Au  
gusta Soberana aFidelisima Senhora Dona  
Maria Primeira, Nodia des com tres su  
sesivos officios na Igreja Matris destavi  
La ultimandose nodia treze aserimo  
10 nia daquebra dos Reaes Escudos, emCoa  
tro praças mais publicas, guarnecidos com  
atropa eMeliciannos, commandada pelo  
Coronel Francisco dePaula Ribas, quenaõ só=  
voluntariamente aSestio com apolvora, para  
15 as descargas que sederaõ Asim como tam  
bem tomou aSý eigualmente oProcurador  
destaCamera o Alferes Visente Ferreira  
deAvilla Levantaram naMatris hum  
muito rico MauZuleu Cuberto tudo de  
20 preto, etodo guarnecido degalaõ deouro, e  
todas as mais despezas foraõ feitas aCusta  
destaCamera. Ficamos muito promptos pá  
ra oque for doServiço de*Vossa Excellencia* que *Deus Guarde*  
por *muitos annos* villa deCastro emCamera de 17 de  
25 Junho de1816./.

*DeVossa Excellencia*  
Suditos *muito* obedientes eCriados

Benedito MarianoRibas  
Paulino Ioze de Gois  
Ioaquim Ioze Borges  
30 Antonio Domingues Garcia  
Vicente Ferreira deAvilla

<sup>291</sup> Logo abaixo do vocativo, encontram-se anotações a lápis, de punhos distintos; na marem esquerda, “1816” e “17-Junho”; na margem direita, “12-2-28”.

8. Fevereiro

M<sup>mo</sup> e C<sup>mo</sup> J. Santos  
Castro - 1817

12-2-29

O Officio de O. G. de 13 do Mes passado, no qual participamos a V. Mage. Sua Mage. e promette o solemn-ne Juramento de Fieis, e Homensagem: Dia para Nos dos mais venturosos successos: Dia que sua memoria passara de Doacoes em Doacoes a elle e a tendencia amais da talhada Patria: Dia que nos videntes Reinos, promette as annunciis da segurança, fidelidade Publica, avista da bem passavel, e bem reconhecida Regencia de tuon Soberano, do tado, e puerido de fragante Subdoria, relevante prudencia, e esuberantes virtudes: Com disjuncto e acoidado a Castellagem dos Membros desta Camara, das Autoridades constituidas, e mais habitantes do Districto, para com amais officios jubilo acompanharmos a festiva celebração daquelle assignado Dia, q' sera abençoado pela Divina Omnipotencia, no qual pretendemos separar em execucao os Planos, que ficamos de fallando.

Deos guarde a O. G. p. m. an. Vila de Castro com Camara de 8 de Fev. de 1817

Joze Manoel Ferr.  
 Vilante Joze Fagaj  
 Joze Borges de Alvaud.  
 Paulino Joze de Gaj  
 Joze Barbosa Leite



<b>Número do documento:</b> 36	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 297
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunica recebimento de ofício informando que dia no 6 de abril o rei fora juramentado	
<b>Datação:</b> 08/fevereiro/1817	
<b>Autores:</b> José Manuel Ferreira, Vicente José de Góis, José Borges de Macedo, Paulino José de Góis e Joaquim Barbosa Leite.	

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*<sup>292</sup>

O Officio de *Vossa Excellencia* de 13 do Mes passado, no qual participanos ofilis Dia 6 de Abril, em que Sua Magestade prem[e]dita o solem-ne Iuramento dePreito, e Homenagem:

5 Dia para Nos dos mais venturozos suceSsos: Dia que Sua memoria passara de Geraçoins em Geraçoins athe extender-se amais dilatada Posteridade: Dia, que nos unidos Reinos, promete os anuncios da segurança efelecidade Publica, avista da bem palpavel, e bem reconhecida Regencia

10 de hum Soberano, dotado, e pessuido de fragante Sabedoria, relevante prudencia, e exuberantes vertudes: tem disposto e= acordado a Vassalagem dos Membros desta Camera, das- Authoridades constituídas, e mais habitantes do Destricto, para com omais efficas jubilo acompanharmos ofestival

15 aplauzo daquele asignalado Dia, *que* será abensoado pela Devina Omnipotencia, noqual pretendemos seponha em execuçaõ os Planos, que ficamos detalhando.

Deos guarde a *Vossa Excellencia* por *muitos annos* Vila deCastro em Camera de 8 de *Fevereiro* de 1817

20 Jozé Manoel Ferreira  
Vicente Joze deGois  
Iozé Borges deMacedo  
Paulino Joze de Gois  
Ioaquim Barbosa Leite

<sup>292</sup> Encontram-se anotações a lápis, de punhos distintos; no alto, na margem esquerda, “8-Feveireiro”; logo abaixo do vocativo, à direita, “Castro – 1817” e “12-2-29”.



Número do documento: 37	Número do documento no banco de dados: 298
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Informa os festejos realizados na vila.	
Datação: 29/setembro/1817	
Autores: José Manuel Ferreira, Bento da Rocha Carvalhais, Paulino José de Góis, Joaquim José Borges e Joaquim Barbosa Leite.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor.<sup>293</sup>

Em comprementto dosempre respeitavel  
avizo Regio quepor ellefoy *Vossa Excellencia* Servido Man  
dar nos por officio de13 deJaneiro deste anno que  
5 nos deregio afim deque ouveSemos defazer nesta.  
villa os festejos quedeviduamente somos obriga  
dos asolenizar Comforme *Vossa Excellencia* nos detremina  
va, cujo prencipio teria desde odia Seis deAbril  
proximo emdiante. E nada mais se pode fa  
10 Zer senaõ oque consta daCertidaõ Junta que pa  
rahiço mesmo foi nos nesesario ademetir as o  
fferttas dadas por muitas peSoas dopovo volun  
tariamente, entre as quais alguns que mais se  
distingueraõ Na ocaziaõ tanto por dadivas mais  
15 avoltadas, como por prestimo desuas peSoas, visto  
que este Conselho he sumamente pobre, sem  
patrimonio algum, aumenos quanto baste  
paraas Suas ordinarias despezas, que por iSo a  
huns poucos deannos estemos mo<sup>294</sup> empenhado  
20 eSem esperança dese desaforar delle; cazo este  
denos deixar tanto Centidos, Como emvergonhados  
deaprezentarmos a*Vossa Excellencia* hum taõ Lemitado  
festejo, por dever ser mayor pela nasam *Deus Guarde*  
a*Vossa Excellencia* villa de Castro emCamera de29 de Se  
25 tembro de1817./.

De*Vossa Excellencia*

Subditos obedientes

O Iuis Prezidente Ioze Manoel Ferreira  
O veriador Bento daRocha Carvalhais  
30 O Virador Paulino Jozé de Gois  
O verador Ioaquim Iozé Borges  
Procurador Ioaquim Barbosa Leite

<sup>293</sup> Encontram-se anotações a lápis, de punhos distintos; no alto, na margem esquerda, “1814 - 1817” e “29-Setembro”; logo abaixo do vocativo, à direita, “1817” e “12-2-30”.

<sup>294</sup> Note-se o erro de grafiação: “estemos mo” por “temos nos”



<b>Número do documento:</b> 38	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 299
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Certidão	
<b>Ementa:</b> Certifica que foram realizados festejos pela coroação do rei.	
<b>Datação:</b> 29/setembro/1817	
<b>Autor:</b> Manoel Machado da Silva	

Manoel Machado da Silva<sup>295</sup>  
 Escrivão da Camera Orfaons Judicial  
 e Notas nesta villa de Castro esse ter  
 mo por Provisão de Suplemento do  
 5 Meretissimo Doutor Corregedor da Comar  
 Ca etcetera  
 Certifico e porto por fe que  
 em festejos Reais feitos nesta villa  
 pela Coroação de El Rey No So Se  
 10 nhor Comforme se detreminou pe  
 La Secretaria do Excellentissimo Governo  
 desta Capitania de 13 de Janeiro  
 do presente anno, se fez desde o dia  
 seis de Abril the odia oito domes  
 15 mo que prezensiey o seguinte=  
 tres dias de Luminarias; tres dias de  
 Mi Sa cantada, com o Senhor  
 exposto, dous dias de Porsisaõ; e  
 hum Sermam; dous dias de Cavalhadas,  
 20 e outro dia de brulesco, eduas noutes  
 de baýles de Indios, O referido he  
 verdade em fe do que pa So aprezen  
 te Certidaõ por meser pedida e  
 mandada [em]<sup>296</sup> acto da camera villa  
 25 de Castro em Camera de 29 dese  
 tembro de 1817./.  
Manoel Machado da Silva

<sup>295</sup> No alto, encontram-se anotações a lápis, de punhos distintos; na margem esquerda, “29-Setembro”; na margem direita, “12-2-30” e “1817”.

<sup>296</sup> Borrado.

Ex. mo M. mo Sr.

12-2-49

Com observancia da Ordem de V. Ex. a  
A. J. a datada de 2 de Deabr.º de 1817 proce-  
dendo a nomeação dos Capitães p.ª mais tres  
Companhias de Ordenanças desta V.ª co-  
mo consta da Cert.ª em q.ª inclusa remete

D. J. a V. Ex. a A. J. a  
p.ª m.ª V.ª de Castro em Camr.ª de 26 de  
Marco de 1818

D. V. Ex. a A. J. a

Ex. mo M. mo Sr. Governador Intermittente

Amizoso Subdito

Cap. Luciano Carrilho

Juy Provis. Joay Barbosa

Juy. Bis. de Lisboa

Moro J. G. Franga

Bento de S. J.

Bernardo de G. G.



Número do documento: 39	Número do documento no banco de dados: 347
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Comunicando a nomeação de capitães de ordenanças	
Datação: 24/março/1818	
Autores: Luciano Carneiro Lobo, Joaquim Barbosa Leite, Joaquim Pereira de Oliveira, Manuel Gomes França, Bento da Rocha e Bernardo José Gomes.	

**Excellentissimos e Illustrissimos Senhores**<sup>297</sup>  
**Em observancia da Ordem de Vossa Excellencia e**  
**Suas Senhorias datada de 2 de Dezembro de 1817 proce.**  
**demos a nomeaçã dos Capitaens para mais tres**  
5 **Companhias de Ordenanças desta Villa co**  
**mo consta da Certidam que incluza remete**  
**mos**  
**Deus Guarde a Vossa Excellencia eSuas Senhorias**  
**por muitos annos Villa de Castro em Camera**<sup>298</sup> **de 24 de**  
10 **Março de 1818**  
**De Vossa Excellencia e Suas Senhorias**  
**Excellentissimos e Illustrissimos Senhores Governadores Interinos**  
**Atenciozos Subditos**<sup>299</sup>  
**Capitammor Luciano Carneiro Lobo**  
15 **o Iuis Prezidente Ioaquim Barboza Leite**  
**Ioaquim Pereira deOliveira**  
**Manoel Gomes França**  
**Bento daRocha**  
**Bernardo Ioze Gomes**

<sup>297</sup> Logo abaixo do vocativo, encontra-se a anotação a lápis, de outro punho: “12-2-49”

<sup>298</sup> *Camera* ou *Camara*.

<sup>299</sup> Na margem esquerda, há um brasão com selo.

1. Abril

Como V. M. e M. Senhores

1818

Laguariahyva

12-3-23.

Tendo-se promulgado nesta V. M. Decreto pela qual foi  
 S. M. servido perdoar a desercão e a que se seguiu  
 dentro de dois meses depois da publicação de  
 tem occorrido apresentarem se alguns dos que de  
 restaram das Guerrilhas que se destinavam p. as Fronteiras  
 do Contin. do Sul, fundada no mencionado Decreto  
 ordeno dado por apresentadas aquelles que sahiraõ  
 do corpo das Ordenanças do meu Comd. e q. participo  
 al. C. e S. para sobre este objecto mandarem  
 como foram servidos.

J. J. al. C. e S. por muitos annos

Fazenda de Laguariva 01. de Abril de 1818.

Dev. C. e S.

Como V. M. e M. Senhores Governadores Intr. da Cap. nia

Omair Viveente Suddito



Luciano Carrer. Filho  
Cap. 1.º

<b>Número do documento:</b> 40	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 389
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunica apresentação de desertores	
<b>Datação:</b> 01/abril/1818	
<b>Autor:</b> Luciano Carneiro Lobo	

*Excellentissimo e Illustrissimos Senhores*<sup>300</sup>

Tendo-se promulgado nesta *Villa* o Decreto pela qual foi  
*Sua Magestade* servido perdoar as dezerçõins aosque seâprezen  
tarem dentro dedous mezes depois dapublicaçãõ delle  
5 tem ocorrido apresentaremse alguns dos que de  
zertaraõ das Guerrilhas que sedestinavaõ *para* as Fronteiras  
do *Continente* doSul, fundada nomençõonado Decreto-  
os tenho dado por apresentados aqueles que sahiraõ  
doCorpo das Ordenanças domeu Comando o*que* parteçipo  
10 a*Vossa Excellencia* e *Senhorias* para sobre este objecto mandarem-  
como forem servidos.

*Deus Guarde* a*Vossa Excellencia* e*Senhorias* por muitos annos  
Fazenda deIaguariaiva o 1º deAbril de 1818.

De*Vossa Excellencia* e *Senhorias*

15 *Excellentissimo Illustrissimos Senhores Governadores Interinos daCapitania*  
O mais reverente suditto  
Luçiano Carneiro Lobo  
*Capitam Mor.*

<sup>300</sup> Logo abaixo do vocativo, encontram-se anotações a lápis, de punhos distintos: À esquerda, “1-Abril”; no centro, “1818”; à direita, “Jaguariahyva” e “12-2-23”.

29. Dezembro - 1818

III<sup>mo</sup> Ex. S<sup>no</sup>

12-2-31

Devo ao Em. Consequencia do respectavel dep. da Ex.<sup>a</sup>  
em corpo de camara informar sobre de que nome do dep. que incluzo  
lemeto; atendo com vista sobre este objeto, nao pude fazer n.  
em com aquela brevid. necessaria nem entr. pela Razao que  
passo apor na respectavel Presencia da Ex.<sup>a</sup> o Coronel Gradizado  
Fran. de Paula Rib. Cab. p. proprio se a defender o pretendido de  
ito de sup. por encontrarem objecoes por parte da Religam Carmelita  
pela quãta deoitenta e duas mil \$, que recebe dos mermos sup. Joao  
Pereira de Alim. Proador mais velho deste Senado vive de adavogar  
ainda, que com menor. Conceito que o Coronel e por isto peido de pe  
Lo mesmo a fim de nao encontrar obstaculo apresentando se em cam  
ra hum Tequorim. em que dava adita camara de suspecta som fun  
damento mais influencia Com o sup. dasse p. sup. do. do. Sen  
do o mais individuo desta camara homem, nimiam. ignorante, temete  
ram. Se deo todos de suspectos: intendendo eu o contrario informei  
av. Ex.<sup>a</sup> que me pareceo verd.: v. as arizatas informacoim, que tive  
antes de pagar a informar: este, S<sup>no</sup>. foi omotivo porque vai a informa  
cao assignada tao som. por mim Devo Lembrar av. Ex.<sup>a</sup> que  
emq. tivormos a infelicid. de que este Coronel habita neste Paiz  
sempre sempre agitado por suas intrigas acabas por tal vez tenha  
chegado a prez. dos Predecessores de v. Ex.<sup>a</sup> o precivo procedem. de te  
inquieta dor da tranquillid. publica eu de rejaia que v. Ex.<sup>a</sup> tomar  
do em consideracao todo o expellido mandada a os obradores e pro  
curador adica respectavel pres. p. darem omotivo de nao quorem  
ajudarme a informar e juntam. mandandose em formar por pres  
as de fe o conceito nao. so p. perpetuasse a verd. como p. p. vi  
denear tantas extrocsim. sugiridas por este homem a quem  
mandou em outro tempo ex. p. triarce da coritiba o Prodecor  
der. Ex.<sup>a</sup> o S<sup>no</sup> Antonio Jose de Gama e orta sendo Cap. am



Número do documento: 41	Número do documento no banco de dados: 300
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Dá informação sobre requerimento	
Datação: 29/dezembro/1818	
Autor: Joaquim Barbosa Leite	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor<sup>301</sup>  
 Devendo eu Emconsequencia do respeitavel despacho de Vossa Excellencia  
 em corpo decamera informar sobre o Requerimento do<sup>302</sup> Suplicantes que incluzo  
 remeto; atestando com verdade sobre este objeto, o não pude fazer n=  
 5 em com aquela brevidade neceSaria, nem entretanto pela<sup>303</sup> razoins que  
 paSo apor na respeitavel Prezença deVossa Excellencia o Coronel Graduado  
 Francisco de Paula Ribeiro Ribas: proporse<sup>304</sup> a defender o pertendido dire  
 ito dos suplicantes; por encontrarem objeções<sup>305</sup> por parte da Religiam carmelita  
 pela quatia<sup>306</sup> deoitenta edous mil Reis, que recebeo dos mesmos suplicantes João  
 10 Pereira deoliveira Breador mais velho deste Senado vive de adevogar  
 ainda, que com menor conceito que o dito coronel epor isso peitado pe  
 lo mesmo afim denão emcontrar obstaculos apresentandose emcama  
 ra hum requerimento emque dava adita camera desuspeita sem fun  
 damento mais influencia com o Juis dasses<sup>307</sup> por suspeito o dito Procurador sen=  
 15 do os mais individuos desta Camera homeins, nimiamente ignorantes temetu  
 osamente<sup>308</sup> sederaõ todos de suspeitos: intendendo eu o contrario informei  
 aVossa Excellencia o que mepareceo verdade vistas as eizatas informaçoins, que tive  
 antes depaçar a informar: este, Senhor foi o motivo por que vai ainforma=  
 20 ção aSignada taõ somente por mim Devo Lembrar aVossa Excellencia que  
 emquanto tivermos ainfelicidade deque este coronel habite neste Pais  
 sempre seremos agitados por suas intrigas e cabalas pois talvez tenha  
 chegado aprezenca dos PredeSeçores de Vossa Excellencia o opeçivo procedimento deste  
 inquietador da tranquillidade publica eu dezejaria que Vossa Excellencia toman  
 do em concideraçãõ todo o expendido mandase ir os breadores e pro  
 25 curador asua Respeitavel prezença para darem osmotivos de não quererem  
 ajudarme ainformar ejuntamente mandandose emformar por peço  
 as de fé o conceito não só para perpetuarsse a verdade como para prvi=  
 denciar<sup>309</sup> tantas extroçoins sugiridas por este homem aquem  
 mandou em outro tempo expatriarce da Coritiba o Prodeceçor  
 30 deVossa Excellencia o Senhor Antonio Jozé da Franca eorta sendo Capitam

<sup>301</sup> Logo abaixo do vocativo, encontram-se anotações a lápis, de punhos diferentes: “29-Dezembro-1818” e “12-2-31”.

<sup>302</sup> Note-se o erro de grafiação: “do” por “dos”

<sup>303</sup> Note-se o erro de grafiação: “pela” por “pelas”

<sup>304</sup> Note-se o erro de grafiação: “proporse” por “propôs-se”

<sup>305</sup> O til encontra-se sobre o “s”, quase após o final da palavra.

<sup>306</sup> Note-se o erro de grafiação: “quatia” por “quantia”

<sup>307</sup> Note-se o erro de grafiação: “dasse” por “desse”

<sup>308</sup> Note-se o erro de grafiação: “temetuosamente” talvez por “temerosamente”

<sup>309</sup> Note-se o erro de grafiação: “prvidenciar” por “providenciar”

General da Capitania Tenho a honra de adre Ex<sup>a</sup>  
 Com vossa Ex<sup>a</sup> e sentimento humilde de meu captao e  
 teço adre Ex<sup>a</sup> a rigorosa laude etoda nas p<sup>tes</sup> de q<sup>ta</sup> D<sup>o</sup> D<sup>o</sup>  
 villa de castro 29 de dez<sup>o</sup>  
 de 1818a D. J. Ex<sup>a</sup>

Com toda veneração e respeito  
 Vobis e mil de e reverente serro

Jos. Barbosa Leite  
 Luis Peres



<b>Número do documento:</b> 41	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 301
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Dá informação sobre requerimento	
<b>Datação:</b> 29/dezembro/1818	
<b>Autor:</b> Joaquim Barbosa Leite	

General desta Capitania. Tenho representado a Vossa *Excellencia*  
 com verdade esentimentos humildes de meu coraçam e ape  
 teço a Vossa *Excellencia* vigorosa saude etodas as felicidades equé *Deus* *Guarde*  
 villa de castro 29 dedezembro

5 de 1818 annos

De Vossa *Excellencia*

Com toda Veneraçã e Respeito

Sudito Umilde e Reverente Servo

Joachim Barbosa Leite

10

Iuis Prezidente

Ex. mo e Ill. moes Sr. Governadores Anteriores

A respeitavel presença de V. Ex. e S. S. fa  
 ximus subir o requerim. to dos Vereadores e  
 Procurador q. sepeirao os annos passados  
 de 1818 conforme p. allos nos li Supli  
 cado e conformando nos <sup>nos</sup> Suplicas, fo  
 he o. to de Vereação daquelle dia 26 de Junho  
 de 1.º anno, participamos a V. Ex. e S. S. q.  
 da S. lta. <sup>com</sup> nullo feita consta los heridos de  
 quereim. to dos p. to averbando a Cam. a de supli  
 ca, como p. q. nos conformamos.

D.º G.º a V. Ex. e S. S. m.º a.º V.º de  
 Castro 14 de Junho de 1819 em Cam. a

De V. Ex. e S. S.

Seus. to Sub. to

Sej. P.º.º Antonio da Silva Feira

Antonio Dominguez Garcia

Jose Nicolas da S. Agg.

Antonio de Mello

Bernardo Jose Gomes



<b>Composição:</b> fól. 1r
<b>Tipologia:</b> Carta oficial
<b>Ementa:</b> Encaminha requerimento e informa suspeição da Câmara
<b>Datação:</b> 14/janeiro/1819
<b>Autores:</b> Antônio da Silva Leiria, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva, Antônio de Melo e Bernardo José Gomes.

*Excellentissimo e Illustrissimos Senhores Governadores Interinos*

A respeitavel presença de *Vossa Excellencia e Suas Senhorias* fa

zemos subir o requerimento dos Vereadores, e

Procurador *que* serviraõ o anno proximo pas

5 sado de 1818 conforme *por* elles nos hé Supli

cado, e conformando nos a *mesma* Suplica, so

bre o termo de Vereança daquelle dia 26 deDezembro

do *dito* anno, participamos a *Vossa Excellencia e Suas Senhorias* *que*

da declaraçam nelle feita consta ter havido Re

10 querimento das partes averbando a Camara<sup>310</sup> desuspei

ta, cauza *por que* não informaraõ.

*Deus* Guarde a *Vossa Excellencia e Suas Senhorias* muitos annos Villa de

Castro 14 de Janeiro de 1819 em Camara<sup>311</sup>

*De Vossa Excellencia e Suas Senhorias*

15 Reverentes Subditos

O Iuis Prezidente Antonio daSilva Leiria

Antonio Domingues Garcia

Ioze Niculao daSilva

Antonio de Mello

20 Bernardo Ioze Gomes

<sup>310</sup> “Camara” ou “Camera”

<sup>311</sup> “Camara” ou “Camera”

Ex.<sup>ma</sup> e Ill.<sup>mas</sup> Senhores Governadores Anteriores

Castro 3. Maio

1819

12-2-33

Remetemos a V. Ex.<sup>ma</sup> e Senhorias as Relações  
de receita e despesa deste Conselho no anno proximo  
mo passado de 1818, naq.<sup>ta</sup> forma de rraza por não  
se terem legalizado as ditas Contas fôrmo hoje.

D.<sup>o</sup> G.<sup>o</sup> e V. Ex.<sup>ma</sup> e Sen.<sup>as</sup> m.<sup>as</sup> d.<sup>as</sup>  
V.<sup>o</sup> de Castro 3 de Maio de 1819

Juis presidente. Antonio da S.<sup>ta</sup> Lúcia  
Antonio Dominguez Garcia  
Jose Nicolas da Silva  
Jose Borges de Alcaudo.  
Vicente Jose Leij



<b>Número do documento:</b> 43	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 305
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Remete as relações de despesa e receita do Conselho	
<b>Datação:</b> 03/maio/1819	
<b>Autores:</b> Antônio da Silva Leiria, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva, José Borges de Macedo e Vicente José de Góis.	

*Excellentissimo e Illustrissimos Senhores Governadores Interinos*<sup>312</sup>

Remetemos a *Vossa Excellencia* e *Senhorias* as Relações

de Receita e despesa deste Conselho no anno proximo

passado de 1818 no *que* houve demora por não

5 se terem legalizado as ditas contas senão hoje.

*Deus* Guarde a *Vossa Excellencia* e *Senhorias* muitos annos

Villa de Castro 3 de Maio de 1819

O Luis Prezidente Antonio da Silva Leiria

Antonio Dumingues Garcia

10 Ioze Niculao da Silva

Jozê Borges de Macedo

Vicente Joze de Gois

<sup>312</sup> Logo abaixo do vocativo, encontram-se anotações a lápis, de punhos diferentes; à esquerda, “Castro 3-Maio” e “1819”; à direita, “12-2-33”.

Relatório da Junta de Regimento do Armeado  
do Distrito de Curitiba em 1.º de Junho de  
1819. extrahido dos Livros de Regimen-  
to, na forma seguinte

Receitas

Receitas de 1818, p. 1819. - - - - -	38505,00
Das Escriçoes - - - - -	148500,
Das Contas do Livro - - - - -	28760,
Deleturas de Gado q. pagaram. a 8000 -	8320,
Com ar	238085,

Despesas

Despesas com os estudos neste dito anno  
p. a supprer a elliguel e Monique das  
suas e a brivem que foi desta terra.  
Despesa com o que a d. d. a. m. a.  
eposta de preparatario de d. d. a. m. a.  
sim mais de Antonio e d. d. a. m. a.  
ue, tam bem de d. d. a. m. a. p. man  
dado de d. d. a. m. a. a. d. d. a. m. a. 28620,  
Das abatas na Junta, f. d. d. a. m. a.  
Liquidaçoes mud. do d. d. a. m. a. d. d. a. m. a. 208445,

Antonio da Silva Lira  
Antonio Dominguez Garcia  
Jose Nalubao da Silva  
Joaquim Jose Roque  
Vicente Jose Pegaj



<b>Composição:</b> fól. 2r
<b>Tipologia:</b> Relação
<b>Ementa:</b> Relação da receita e despesa do Conselho em 1818
<b>Datação:</b> 03/maio/1819
<b>Autores:</b> Antônio da Silva Leiria, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva, Joaquim José Borges e Vicente José de Góis.

Relação da Receita e despesa do Conselho desta villa de Castro, em o Anno de 1819. extrahida dos Livros Competentes, na forma seguinte

5	Receita		
	Rezultou de 1818, para 1819	_____	3\$ 505, reis
	Das Aferisoens	_____	14\$ 500,
	Dos Foros do Rucio	_____	2\$ 760,
	De Cabeças de Gados que pagaraõ a 80, reis	___	2\$ 320,
10			Soma 23\$ 085,
	Despeza		
	Dispendeu o Concelho neste dito anno, para se pagar a Miguel Marques dos Santos Es Crivam que foi desta Camara <sup>313</sup>		
15	de papel com que a Sestio a mesma Câmara <sup>314</sup> e parte de preparatorios de Vranças, e assim mais a Antonio Maxado Silva, tambem de papel, tudo por mandado dos Vereadores aquantia de		2\$ 640,00,
20	Que abatidos na Receita, ficam, Liquidos em mão do Procurador	_____	<u>20\$ 445,</u>
	<u>Antonio da Silva Leiria</u>		
	<u>Antonio Domingues Garcia</u>		
	<u>Ioze Nicolau da Silva</u>		
25	<u>Ioaquim Iozé Borgez</u>		
	<u>Vicente Joze de Góis</u>		

<sup>313</sup> “Camara” ou “Camera”

<sup>314</sup> “Camara” ou “Camera”

Relação da receita deste Conselho no anno  
de 1818 extractada das Contas tomadas em laudav  
no Provisorado daquelle anno no livro della

D.º q.º recibos do Provisorado seu antecessor	328454
D.º de resto das applicações, arremat.º de munguçu e foras do anno de 1817	169020
D.º da arrecadação do Porto de Jaguarivã pertencente ainda ao termo q.º findo em 1817	1248678
D.º da arremat.º das applicações do anno de 1818	129000
D.º q.º pagou hum Official q.º depois de felletor passado Uranga se eximiu e depozou a seu alho por este ja haver pago	59160
D.º de foras do Rio	29260
D.º das Cartas de Pass	38230
	<hr/>
	Suma 1979824



Número do documento: 43	Número do documento no banco de dados: 307
Composição: fól. 3r	
Tipologia: Relação	
Ementa: Relação da receita e despesa do Conselho, no ano de 1818.	
Datação: 03/maio/1819	
Autores: Antônio da Silva Leiria, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva, Joaquim José Borges e Vicente José de Góis.	

	Relaçõ da Receita deste Conselho no anno	
	de <u>1818</u> extrahida das Contas tomadas emCamera	
	aoProcurador daquelle anno noLivro della	
	<i>Dinheiro que</i> recebeo doProcurador seu antecessor ___34\$ 505, <i>reis</i>	
5	<i>Dito</i> de resto das afferçoins, arremataçam dous ongeze [?]	
	e foros doanno de 1817 _____ 16\$ 040,	
	<i>Dito</i> da arremataçã doPorto de Jaguariaiba	
	pertensente ainda aotermo <i>que</i> findo em 1817 _____124\$ 670	
	<i>Dito</i> da arremataçam das afferçoins doannode 1818 __ 12\$ 000	
10	<i>Dito que</i> pagou hum Official <i>que</i> depois deselheter	
	passado Uzança se izentou e reposaoConselho	
	por este ja haverpago _____ 5\$ 160	
	<i>Dito</i> deforos do Rocio _____ 2\$ 240	
	<i>Dito</i> das Cabeças de Rezes _____ 3\$ 280	
15		Soma
	197\$ 844	



<b>Número do documento:</b> 43	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 308
<b>Composição:</b> fól. 4r	
<b>Tipologia:</b> Relação	
<b>Ementa:</b> Relação da receita e despesa do Conselho, no ano de 1818.	
<b>Datação:</b> 03/maio/1819	
<b>Autores:</b> Antônio da Silva Leiria, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva, Joaquim José Borges e Vicente José de Góis.	

Despeza	
	Mandado Numero 1.º Para oAlcaide daSoldada do anno de 1814 _____ 8\$ 000
	Numero 2.º Para odito <sup>315</sup> da Soldada doannode 1816 _____ 8\$ 000
	Numero 3.º Para odito da dita doannode 1817 _____ 8\$ 000
5	Numero 4.º Para pagar as Propinas doEscrivam daCamera <sup>316</sup> _____
	Numero 5.º Real e Mandado daOuvidoria para o mesmo fim _____ 20\$ 270
	Numero 6.º Para pagar a Audiencia geral deProvimentos aMandado _____ 24\$ 270
	Numero 7.º Para pagar aoEscrivam daOuvidoria que este Conselho lhe devia _____ 25\$ 970
10	Numero 8.º Para pagar o Ordenado e meias Custas de huma Devaça ao Escrivam desta Camara eS. <sup>am</sup> [?] _____ 18\$ 940
	Numero 9.º Para pagar papel que se gastou em Camara oanno de 1817 _____ 1\$ 000
	Numero 10 Para pagar miudezas gastas naapozentadoria _____ 7\$ 100
15	Numero 11 Para pagar aoScrivam meias custas deduas Devaças _____ 2\$ 700
	Numero 12 Para se pagar Ordens Edital e Uzanças dos Offi ciais que actualmente Servimos, aoEscrivam daOuvidoria _____ 41\$100
20	Numero 13 Para pagar ao Escrivão Manoel Machado daSilva Ordenado Preparatorios de Uzanças emeias deva ças dos annos transatos _____ 22\$ 000
	Numero 14 Para pagar aoAlcaide acusta doSalario do annode 1818 _____ 2\$ 240
25	Numero 15 Para pagar aoEscrivam daOuvidoria da Conta Somada nosditos de Receita e despeza por ter tomado Contas ao Procurador antepassado _____ 4\$ 745
	Soma _____ 194\$
	339
	Importou a Receita _____ 197\$

<sup>315</sup> “dito” ou “ditto”

<sup>316</sup> “Camera” ou “Camara”

844  
Remaneceu e passou aoutroProcurador \_ \_ \_ \_ \_  
505  
30 Villa deCastro 3 de Maio de 1819 3§

3 Junho - 1819

Ilmo e Exmo Sr.

12-2-34



Donos senhores, pelo officio p. V. Ex. dirigido na data de 16 de Abril do  
presente anno. Nos Exmos. Srs. Longo e Lemos pelaquelle  
q. nos accusa o acto q. occorreu de V. Ex. p. nos dar a sua  
noticia deo annunciado a nossa ventura q. em virtude da ordem  
de V. Ex. a Superior anno passado q. em virtude da

Quemnos intelligencia de  
quelles sentenças q. pro d. n. m. a. e. b. e. c. de S. Ex.  
e clausula q. ante nos compromettidos a nos todos as mudicas p.  
conformidade das Enquistas instrucões p. V. Ex. p. nos

Enquistas q. nos de V. Ex. nos p. m. d. S. Ex. S. Ex. S. Ex.  
vita d. n. h. u. a. p. q. u. e. n. d. a. t. a. n. d. a. q. u. e. i. s. t. e. c. o. n. s. t. i. t. u. i. d. a. d. e. p. u. s. t. a. s.  
e. l. o. r. a. s. p. a. m. p. r. e. g. o. d. e. i. t. a. R. e. p. u. b. l. i. c. a. S. a. o. p. r. i. v. i. l. i. j. i. n. i. d. a. o. r. M. e. l. i. c. i. a. n. o. s.  
e. i. a. n. o. s. p. n. o. s. S. e. n. h. o. r. e. s. L. e. n. t. e. r. a. n. q. u. i. d. o. s. n. o. s. L. e. g. i. s. l. a. d. o. d. e. R. e. p. u. b. l. i. c. a.  
q. d. a. r. q. u. e. p. o. n. s. n. o. i. h. a. b. i. m. o. s. p. e. r. t. e. i. m. p. r. e. g. o. v. e. l. t. a. d. e. a. b. s. t. a. d. a. n. o. s. L. e. g. i. s. l. a. d. o. s.  
p. e. M. e. l. i. c. i. a. n. o. s. v. e. m. p. e. i. s. t. o. a. b. s. t. u. r. a. d. o. u. q. u. e. q. u. e. r. e. m. n. u. m. o. d. e.  
p. s. t. a. r. d. a. s. O. r. d. e. n. a. n. c. i. a. d. e. i. t. e. c. o. n. s. t. i. t. u. i. d. a. S. e. n. h. o. r. e. s. a. s. s. e. i. n. f. o. r. m. a. d. o.  
S. e. n. h. o. r. e. s. n. o. s. p. r. e. g. u. e. a. s. a. s. s. e. i. n. e. m. b. i. c. h. o. d. e. p. o. l. i. t. i. c. a. n. o. s. q. u. e. l. a. s. n. o. s.  
d. e. t. e. r. m. i. n. a. d. e. L. e. g. i. s. l. a. d. o. s. a. l. g. u. n. a. s. L. e. g. i. s. l. a. d. o. s. p. e. n. d. i. t. a. s. t. u. E. x. m. o. S. r.  
h. u. a. d. e. l. l. a. s. a. g. r. a. n. d. e. p. o. l. i. t. i. c. a. i. n. q. v. e. l. t. a. L. e. g. i. s. l. a. d. o. s. q. d. V. Ex. S. e. n. h. o. r. e. s.  
d. e. c. o. n. f. o. r. m. a. d. a. s. L. e. g. i. s. l. a. d. o. s. q. a. n. n. u. a. l. m. e. n. t. e. S. e. n. h. o. r. e. s. p. e. l. a. S. e. n. h. o. r. e. s.  
v. e. l. t. a. d. e. E. s. t. a. d. o. v. e. n. d. o. q. o. r. d. e. t. o. r. e. s. d. e. l. l. a. n. o. s. t. e. c. h. e. g. u. e. p. a. s. d. i. s.  
p. o. r. t. a. s. a. n. n. u. a. s. p. o. r. f. a. c. t. a. d. e. P. a. t. r. i. m. o. n. i. o. q. t. u. e. L. e. g. i. s. l. a. d. o. s. p. a. s. n. o. s.  
d. e. p. o. r. t. a. s. e. i. g. u. a. n. t. e. o. G. e. n. t. i. l. e. B. a. r. b. a. r. o. E. x. m. o. S. r. S. e. n. h. o. r. e. s. d. e. p. o. r. t. a. d. e.  
v. e. l. t. a. d. e. c. o. n. t. i. n. u. a. n. t. e. v. e. l. t. a. d. e. S. a. b. u. n. d. a. n. t. e. n. o. s. v. e. n. d. i. a. n. a. s. d. e. i. t. a.  
m. u. n. i. c. i. p. a. l. d. e. l. l. a. s. d. e. f. e. r. r. e. n. t. e. L. e. g. i. s. l. a. d. o. s. q. p. a. l. g. u. n. a. s. m. o. r. a. d. o. n. a. s.



Número do documento: 44	Número do documento no banco de dados: 309
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Congratula-se com o Governador e refere-se aos privilégios dos Milicianos	
Datação: 03/junho/1819	
Autores: Bento da Rocha Carvalhais, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva e Vicente José de Góis.	

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*<sup>317</sup>

Fomos onrados, pelo officio por *Vossa Excellencia* dirigido na data de 26 de Abril des-

te prezente anno. Nos/ *Excellentissimo Senhor* / nos congratulamos pela *felicidade*,  
 5 *que* nos anuncia o recto governo de *Vossa Excellencia* pois nas azas da fama  
 nos tem sido anunciado anossa ventura, *que* immortaliza onome  
 de *Vossa Excellencia*, e assegura anossa prosperidade.

Ficamos inteligenciados dos

Piedosos sentimentos, *que* predominam oCoração bemfazejo de *Vossa Excellencia*,  
 e da noSsa parte nos comprometemos apor todas as medidas, *para*  
 10 conformidade das Respeitaveis instruçoens por *Vossa Excellencia* prescriptas

Temos depor na

Respeitavel prezença de *Vossa Excellencia* nossas Umildes supplicas. Sendo /*Senhor*/  
 esta Villa hũa pequena cabana, eporisso destituída depessoas  
 idoneas *para* oemprego desta Republica, são privilegiados os Mili-  
 15 cianos *para* não serem constrangidos aos Cargos da Republica,  
*quando* as peSsoas mais habeis *para* este emprego estaõ alistados nos Cor-  
 pos Melicianos, vem por isso aSer pezado aopequeno numero de  
 pessoas das Ordenanças deste destricto, Sendo aSsim forçozo a  
 hum efectivo emprego, aSsim inibidos depoderem cuidar nas  
 20 Suas familias; ebem aSsim como *Vossa Excellencia* naque nos dirigio nos  
 determina lhe Representemos algumas couzas precisas, he *Excellentissimo Senhor*  
 hua dellas agrande pobreza em *que* este concelho Seve *que* *Vossa Excellencia* Sepo-  
 de emformar das contas *que* anualmente Sobem pela sua Secreta-  
 ria ado<sup>318</sup> Estado, vendo *que* os rectotos<sup>319</sup> delle não lhe chega *para* as dis-  
 25 pezas annuais por falta de Patrimonio *que* lhe Renda *para* as mesmas  
 dispezas; eigualmente o Gentio Barbaro, *Excellentissimo Senhor*, setem dezaforado  
*muito* *que* continuamente estam sahindo nas vezinhanças desta  
 mesma villa, em deferentes lugares, *que* ja alguns moradores

<sup>317</sup> Logo abaixo do vocativo, encontram-se anotações a lápis, de diferentes punhos; à esquerda, “3-Junho-1819” e à direita “12-2-34”.

<sup>318</sup> Note-se o erro de grafiação: “ado” por “do”

<sup>319</sup> Note-se o erro de grafiação: “rectotos” por “redictos”



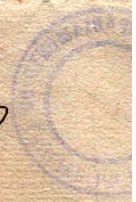
Com a honra de seu legado de seus factos por intermichados,  
q' a fessal viram tornando lottas dos lugares ja possuidos:  
neste termo obrigamos q' atencidado as circunstanças  
por desactas haja V. Ex.<sup>a</sup> de providencias q' temo aqun  
tentado no caso de poder ser.

Ajutamos a V. Ex.<sup>a</sup> Saude,  
e priorquid. q' D. al. de. por m. amos. Carho em la-  
mud. de B. Junho de 1819

J. J. Ex.<sup>a</sup>

M. mil. ch. e. Coarrenta Subditos.

Ante q' no presente Bento do Rocha Corvelho  
Antonio Dominguez Garcia  
Jose Nicodao Galdikoa  
Vicente Jose de Guay



<b>Número do documento:</b> 44	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 310
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Congratula-se com o Governador e refer-se aos privilégios dos Milicianos	
<b>Datação:</b> 03/junho/1819	
<b>Autores:</b> Bento da Rocha Carvalhais, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva e Vicente José de Góis.	

Moradores tem largado de Seus Sítios por intimidados,  
*que* a final viram tomando Contas dos lugares ja povoados:  
 nestes termos dezejamos, *que* atendendo as circunstancias  
 ponderadas haja *Vossa Excellencia* deprovidenciar o *que* temos Repre  
 5 zentado no cazo depoder ser.

Apetecemos a *Vossa Excellencia* Saude,  
 eprosperidades e *que Deus* o *Guarde* por *muitos* annos. Castro em Ca-  
 mera de 3, Junho de 1819

De *Vossa Excellencia*

10 Umildes e Reverentes Subditos

O Iuis Prsidente Bento da Rocha Carvalhais  
Antonio Dumingues Garcia  
Ioze Niculao DaSilva  
Vicente Joze de Gois

Supl. e. Coronel Secretario de esta  
Proposta esta em tuclo conforme ao dis  
posto nas Rescas Ordens de S. Mage. Jm  
Paulo 2 de Dezembro de 1819.

Paulo Patente. S. Paulo 3 do  
Dezembro de 1819.

2-Novembro - 1819

Castro 12-2-35  
1819

Em cumprimento a Ordens de V. Ex. de 30 de Maio  
passado passada em acto de Camara de dia de hoje  
prezidencia do Sr. Tenente Major Jose Carneiro Lobo  
Commandante Interino das Ordens de S. Mage. Jm  
m. de Cap. Rescriptiva se proceder a nomeação  
de tres honrosos benemeritos p. V. Ex. apertadas  
e qual bem lhe parecer p. ocupar o cargo de Cap.  
de 3.ª Comp. das Ordens deste Districto hinc  
do em primeiro lugar nomeado Joaquim Jora e  
Bojga em qualid. de Alfy. da m. Comp.  
nhica em 2.º lugar Horrojenus Casar. p. for um  
logo Sarg. de m. corpo e ter des tenentes meritos.  
p. ocupar o cargo proposto e em terceiro lugar o Sr.  
quinto Antonio das. Liria. De S. Mage. Jm  
p. m. a. V. de Castro em Cam. de 2 de Maio  
de 1819

De V. Ex.

Officio Ex. S.º João Carlos Augusto de Cujubassan



Os mais devotos subditos

Jose Carneiro Lobo  
Antonio Dominguez Garcia  
Jose Nicetas da Silva  
Gener. Bento Leal  
Vicente Jora Bojga

Número do documento: 45	Número do documento no banco de dados: 311
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Informa membros da lista tríplice para Capitão das Ordenanças	
Datação: 02/setembro/1819	
Autores: José Carneiro Lobo, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva, Generoso Pinto Leal, Bernardo José Gomes e Vicente José de Góis.	

<Informe o Senhor Coronel Secretario se Illustrissimo e Excellentissimo Senhor  
 esta  
 Proposta está em tudo conforme ao dis  
 Posto nas Reais Ordens de Sua Magestade Sam <Passe Patente Sam Paulo 3 de  
 Paulo 2 de Dezembro de 1819> Dezembro de 1819><sup>320</sup>  
 5 Em Cumprimento a Ordem de Vossa Excellencia de 30 de Setembro  
 proximo passado em acto de Camera dodia de hoje  
 prezidida pelo Sargento Mor Jozé CarneiroLobo  
 Comandante Interino das Ordenanças por impedi  
 10 mento do Capitam mor Respectivo se procedeo a nomeaçã  
 de tres homens benemeritos para Vossa Excellencia aprovar  
 o qual bem lhe parecer para ocupar o posto deCapitam  
 da 3.<sup>a</sup> Companhia das Ordenanças deste Destricto hin  
 do em primeiro lugar nomeado Joaquim Jozé  
 15 Borges em qualidade de Alfferes da mesma Compa  
 nhia em 2.º lugar Hermogenes Carneiro por ser an  
 tigoSargento do mesmo corpo, e ter distinctos merecimentos  
 para ocupar oCargo proposto, e em terceiro lugar oSar  
 gento Antonio daSilva Leiria.  
 Deus Guarde aVossa Excellencia  
 20 por muitos annos Villa deCastro em Camara<sup>321</sup> de 2 de Setembro  
 de1819  
 De Vossa Excellencia  
 Illustrissimo e Excellentissimo Senhor João Carlos Augusto de Ohýnhausen  
 Os mais Reverentes Subditos  
 25 Jozé Carneiro Lobo  
Antonio Domingues Garcia  
Ioze Niculao daSilva  
Generozo Pinto Leal.  
Bernardo Joze Gomes  
 30 Vicente Joze de Gois

No verso do fôlio: despacho do Secretário do Governo

<sup>320</sup> Logo após os despachos, encontram-se inscrições a lápis, de diferentes punhos; à esquerda, “2-Novembro-1819”; à direita, “Castro”, “12-2-35” e “1819”.

<sup>321</sup> “Camara” ou “Camera”

17 Agosto

M. e C. Senhor

1820

12-2-36

Castro

Leioz, entregue da Ordem de V. Ex. de 22 de  
 mes passado q. informamos a exigencia portavel da  
 G. D. Maria Lucia de Almeida, Teltativa, assigna  
 ria q. leguenda tem de Tacumbava, e cordachira  
 ut. poderios Informar a V. Ex. q. elle n. n. n. n.  
 nos tem desfrutado esse Campo portavel da  
 chamanda posse sem titulo, e q. the opor.  
 onao. tem p.ocado Com. animal, p.ri. antes  
 todo este decurso de tempo pacado, tem  
 elle desfrutado em abugueij sol. Campo  
 servido de Tuvimada p. astropeiros, Como  
 de p.ri. Saucha Mad. tendo animal  
 de Ciad, p.ello q. mandava V. Ex. sobre  
 este Objecto Como foi servido. D. G.  
 a V. Ex. p. Mo. de V. de Castro un Cam  
 ra de 17 de Agosto de 1820.



M. e C. Senhor De V. Ex.  
 M. e C. Senhor João Carlos Augusto de Cujmbarum

O. J. Presidente Joaquim José Borges  
 Francisco de Sales  
 Bernardo José Gomes  
 Silvan de Fominguá Garcia  
 Vicente José Leij

Número do documento: 46	Número do documento no banco de dados: 313
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Informa que Maria Lúcia de Menezes tem a posse de um campo no Tucunduva	
Datação: 17/agosto/1820	
Autores: Joaquim José Borges, José Nicolau da Silva, Bernardo José Gomes, Vicente Domingues Garcia e Vicente José de Góis.	

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor<sup>322</sup>  
 Foinos entregue da Ordem de *Vossa Excellencia* de 28 do  
 mes passado *para* informarmos a exigência pertendida  
 por *Dona* Maria Lucia de Menezes Rellativamente asismar  
 5 ria, *que* Requerido tem do Tucunduva e verdadeira=  
 mente podemos Informar a *Vossa Excellencia* *que* ella amuitos an  
 nos tem desfrutado este Campo pertendido  
 chamandoce aposse sem titullo, *eque* the o *prezente*  
 o não tem povoado Com animais pois antes  
 10 todo este decurço de tempo paçado, tem  
 ella desfrutando<sup>323</sup> em allugueis o dito Campo  
 servindo de Invernada *para* os tropeiros. Como  
 de *prezente* seacha Mad.<sup>e324</sup> temdo animais  
 de Criâr; pello *que* mandara *Vossa Excellencia* sobre  
 15 este Objecto como for servido. *Deus* *Guarde*  
 a *Vossa Excellencia* por *muitos annos* *Villa* de Castro emCame=  
 ra de 17 de Agosto de 1820.  
 De *Vossa Excellencia*  
 Illustrissimo e Excellentissimo Senhor João Carlos Augusto de Oýnhausien  
 20 Suditos Reverentes  
 O Iuis Prezidente Ioaquim Iozé Borges  
Ioze Niculau daSilva  
Bernardo Ioze Gomes  
Vicente Domingues Garcia  
 25 Vicente Joze deGois

<sup>322</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de punhos diferentes; à esquerda, “17-Agosto”; à direita, “1820”, “12-2-36” e “Castro”.

<sup>323</sup> “desfrutando” por “desfrutado”

<sup>324</sup> Provável erro do escriba: Pretendia escrever *mantendo*.



<b>Número do documento:</b> 47	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 314
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Acusam recebimento de ofícios e cumprimento de determinações	
<b>Datação:</b> 02/novembro/1820	
<b>Autores:</b> Joaquim José Borges, Antônio Domingues Garcia, José Nicolau da Silva, Generoso Pinto Leal e Vicente José de Góis.	

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*<sup>325</sup>

Em Camera de dous de *Novembro* do presente anno abrimos  
oOfficio que *Vossa Excellencia* nos enviou com hum Edi-  
tal que oacompanhava *para* ofazermos pu  
5 blicár e Registrar oque logo se deu *Comprimento*  
conforme nos foi determinado; Ebem assim  
outro Oficio datado de 18 de Agosto deste  
mesmo Anno em que nos determina fa  
çamos os Contratadores, ou seus adminis  
10 tradores apresentarnos Documentos Legais  
e Condiçoins de seus Contratos, e en todo  
omais Contheudo paçamos a dár as Nece  
çarias providencias *Deus Guarde aVossa Excellencia*  
por *muitos annos Villa* de Castro em Camera de  
15 2 de *Novembro* de 1820.

De *Vossa Excellencia*

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor* Ioaõ Carlos Augusto de Ohýnhauzem

Suditos Reverentes

O Iuis *Prezidente* Ioaquim Iozé Borges

20 Antonio Domingues Garcia

Ioze Niculao daSilva

Generozo Pinto Leal

Vicente Joze deGois

<sup>325</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de punhos diferentes; à esquerda, “2-Novembro-1820”; à direita, “12-2-37”.

Informe ao M. Com. Secret. de vista das Ordens de  
S. Paulo, S. Paulo 6 de Dezembro de 1820

M. e Exp. Senhor

16- Novembro

Paragens mais Commandante das Ordenanças satisfi-  
ca seg. exige na informação o Secretario deste Governo.  
S. Paulo 9 de Dezembro de 1820

12-2-38  
Carta 1820

S. Paulo 21 de  
Janeiro de 1821

Em observancia da Ordem de V. Ex. de  
28 de Agosto de preter anno passado a fazer no-  
meação p. Capitão da Quinta Comp. das Or-  
denanças desta Villa e o mesmo p. bemp  
Nomeamos p. d. d. d. Emprego Emprego  
Lugar de Siqueira de Siqueira de Siqueira  
Em seguida a Jorge Antonio de Siqueira e  
emp. Siqueira de Siqueira Siqueira de Siqueira  
quay achamos os Siqueiras negociacion  
para o d. d. d. Emprego. Por ser um adu. egil  
e de intima Siqueira. Siqueira de Siqueira  
and nad. nomeamos ao M. S. d. Siqueira  
q. em seguida Nomeação foi em seguida  
Lugar, nome ao M. Siqueira Siqueira  
q. nam. foi em terceiro Lugar, p. o M.  
Jorge Siqueira Siqueira Siqueira de Siqueira  
p. mudar-se p. a V. de Sorocabá, e o M.  
Siqueira Siqueira Siqueira Siqueira de Siqueira  
de mencionada Comp. de baixo obedi-  
mandada V. Ex. o que foi Siqueira. S.  
S. a S. p. p. m. a. S. de Castro em Came-  
ra de Siqueira de 1820.



M. e Exp. Senhor  
M. e Exp. Senhor José Carlos Augusto de Oliveira  
Respectuosamente Siqueira  
Jorge Carneiro Lobo  
Jorge Siqueira de Siqueira  
Bernardo Siqueira  
Luiz José Siqueira e Gracia  
Vicente Siqueira de Siqueira

<b>Número do documento:</b> 48	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 315
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunica nomeação para capitão da Quinta Companhia das Ordenanças	
<b>Datação:</b> 18/novembro/1820	
<b>Autores:</b> José Carneiro Lobo, José Nicolau da Silva, Bernardo José Gomes, Vicente Domingues Garcia e Vicente José de Góis.	

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor

<Informe o *Senhor* Coronel Secretario ávista das Ordens de Sua Magestade Sam Paulo 6 de Dezembro de 1820./><sup>326</sup>

<O Sargento mór Commandante das Ordenanças satisfaça o *que* exige na informação o Secretario deste Governo. Sam Paulo 9 de Dezembro de 1820./ >

5 Emobservancia da Ordem de *Vossa Excellencia* de= 28 de Agosto doprezente anno passemos afazer nomeação para Capitão da Quinta Companhia das Ordenanças desta Villa e ouvemos por bem

10 Nomearmos para o dito Emprego em primeiro Lugar a Miguel Rodrigues de Araujo Em segundo aJoze Antonio de Mello, e em Terseiro ao Sargento Viturino Teixeira nos quais achamos os Requezitos neSseçarios

15 para o dito Emprego por serem aSâz agil, e de inteira suficiencia. Nesta oCaziam não nomeamos ao Alferes Joaõ Pereira *que* em segunda Nomeação foi em Segundo lugar, nem ao Alferes Rodrigo Pinto

20 *que* na mesma foi em terceiro Lugar, por o Alferes Joaõ Pereira estarseaprontando para mudarse para a Villa de Sorocaba, e o Alferes Rodrigo Pinto morar muito distante da mencionada Companhia de baixo do*que*

25 mandara *Vossa Excellencia* o que for servido. *Deus Guarde a Vossa Excellencia por muitos annos* Villa de Castro em Camera de 18 de Novembro de 1820.

De*Vossa Excellencia*

30 Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ioaõ Carllos Augusto de Ohýnhauzem Reverentes suditos

Iozé Carneiro Lobo

Ioze Niculau da Silva

Bernardo Ioze Gomes

Vicente Domingues Garcia

35 Vicente Ioze de Gois

Verso do fólío contém despacho.

<sup>326</sup> Logo após os despachos, encontram-se inscrições a lápis, de diferentes punhos; à esquerda, “16-Novembro”; à direita, “12-2-38”, “Castro” e “1820”. Na margem esquerda, consta o despacho: “*Pede Patente Sam Paulo 27 de Janeiro de 1821./.*”

R. off. de M. en que se pide en forma de compare-  
 tom off. de M. en que se pide en forma de compare-  
 denas, así como en el punto de q. na & Comp. de q. don Cuchmand  
 or q. de xad. suficiente. moas. indytrito m. de q. m. de q. de q. de q.  
 tas. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q.  
 y de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q.  
 e. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q.

M. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q.  
 de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q.  
 de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q.  
 de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q. de q.



<b>Número do documento:</b> 48 (a)	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 319
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Informa não haver oficiais ou inferiores na 3ª Companhia que possam servir nas Ordenanças	
<b>Datação:</b> 09/janeiro/1821	
<b>Autor:</b> Manuel José de Frias	

Referente officio de VossaSenhoria em que mepede emforme senaminha Companhia tem officiais ou emfrieores, que pocaõ emtrar nosServiSos das ordenancas, ao que passo aresponder. /He que na 3ªCompanhia deque sou CuMandante os que seaxaõ sufceiente<sup>327</sup> moraõ emdestrito muito deferente, que secon

5 tar desua abitacaõ aodestrito ondeVossa Senhoria quer nomear Companhia 14 ou 16 lego as dedistancia, heo que poso emformar aVossa Senhoria Deus Guarde por muitos annos

Villa deCastro 9 de Janeiro de 1821

Illustrissimo Senhor Sargento Mor Cumandante

Jozê Carneiro Lobo

10

Manuel Joze deFrias

Capitam CuMandanteda 3ª Companhia

<sup>327</sup> Note-se o erro de grafiação: “sufceiente” por “suficiente”

Ilmo. Sr. Ex. Sr.

15 Junho - 1821

12-2-37

Recebemos em 6 do Cor. Mex o Officio  
 de V. Ex. datado de 2 de Março deste anno com  
 parrhaço do Dano que V. Ex. foi servido dirigirnos  
 pelas paradas das Villas da mesma Estrada qual Sen-  
 do Srto em Camara de Solo Cor. Mex. tivemos o ma-  
 ior d'ubilo e Saptisfaccia pelo Srto Senhor Cong.  
 e Alissimo nos queis felicitar, dando a Suenas  
 del Nono Augusto e Sao querido Monarchas  
 Thom Principe que cada Vexonai nos assegura a  
 stanna felicitade. Todos os habitantes deste duto  
 portao plauxivel noticia quixeram duminarias  
 no dia 9, do est por ordem deste Senado, e qual  
 ahandone no tne e Sem meido de paxi outras partes  
 como os habitantes do duto offerecem aos Sen hu-  
 mides de paxi e para Conservacio do Senis  
 Srto Principe e de Sros Augusto Pruseuores.

D. G. a V. Ex. m. an. Castro em Ca-  
 mara de Solo Junho de 1821  
 Luis Peris. Juiz Almo Sr. Senio.



Bento do S. do Sr. Sr. Sr.  
 Miguel Peris Sr.  
 Antonio de Souza Sr.  
 Bernardo de Souza Sr.

<b>Composição:</b> fól. 1r
<b>Tipologia:</b> Carta oficial
<b>Ementa:</b> Informam a realização de festejos pelo nascimento do príncipe
<b>Datação:</b> 15/junho/1821
<b>Autores:</b> Aécio Álvares Moniz Gavião, Bento da Rocha Carvalhais, Miguel Rodrigues de Araújo, Antônio Novais Coutinho e Bernardo José Gomes.

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*<sup>328</sup>

Recebemos em 6 do Corrente mez oOfficio  
deVossa Excellencia datado de 24 de Março deste anno acom-  
panhado doBando que Vossa Excellencia foi servido dirigirnos  
5 pelas paradas das Villas daSetima Estrada, oqual sen  
do visto em Camara de 8 do Corrente mez, tivemos oma  
ior jubilo esaptisfação pelo feliz Penhor comque  
oAltissimo nos quis felicitar, dando á Sucessão  
de Nossos Augustos, e taõ queridos Monarchas  
10 Hum Principe que cada vez mais nos assegura a  
nossa felicidade: Todos os habitantes deste destrito  
portaõ plauzivel noticia puzeram Luminarias  
nos dias 9, 10 e11 por ordem deste Senado, o qual  
achandosse pobre eSem meios defazer outras festas  
15 com os habitantes do destricto offeressem aos Ceos hu  
mildes deprecaçoens para Conservação doSerenis  
simo Principe ede Seos Augustos Predecessores.

*Ds Guarde aVossa Excellencia muitos annos* Castro em Ca  
mara de 15 de Junho de 1.821

20 O Juis Presidente Aecio Alvares Moniz Gaviaõ  
Bento daRocha Carvalhais  
Miguel Rodriguez de Araujo  
Antonio Novais Coitinho  
Bernardo Ioze Gomes

<sup>328</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de punhos diferentes; à esquerda, “15-Junho-1821”; à direita, “12-2-39”.



<b>Número do documento:</b> 50	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 322
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunicam juramento das bases da Constituição e pedem melhoras nas estradas	
<b>Datação:</b> 30/setembro/1821	
<b>Autores:</b> Joaquim Carneiro Lobo, Bento da Rocha Carvalhais, Miguel Rodrigues de Araújo, Rodrigo Félix Martins e Bernardo José Gomes.	

*Excellentissimo* Senhor.<sup>329</sup>

Recebemos oOfficio de *VossaExcellencia* datado de 28 de Junho deste anno, ecom elle oTermo deVereança Geral e Extrahordinaria da Camara dessa Cidade, aRequerimento doPovo, e

5 Tropas, naquãl seformou o *Excellentissimo* Governo Provizorio, ese Juraram as Bazes da Constituição, Decretadas pelas Cortes Ge

raes de Lisboa: em consequencia doque no dia 9 do prezente mez foi convocado por esta camara oPovo desta Villa eSeu destri

10 cto, aduas<sup>330</sup> *Companhias* de Melicias desta Villa, etodas as Autho

ridades, servindo-nos de Exemplar o Termo que por *Vossa Excellencia* nos foi remetido, com toda a solemnidade sejurou a

Observancia das ditas Bazes, que aesse tempo Ja nesta existia oimpresso dellas Remetido pelo *Doutor Ouvidor* daComarca,

15 assim como Obediencia aSua Magestade, e ao *Excellentissimo* Governo Provizorio, oque tudo Sendo feito por termono

Livro deVereanças, onde todos assignaraõ, seRegistou no Livro competente desta Camara, eSeleo epublicou atodo

Povo eTropa, que Se achava Reunido no pateo deste Conse

lho.

20 Igualmente Recebemos oOfficio de*Vossa Excellencia* de 9 de Agosto acompanhando aCopea das Bazes da Consti

tuição, as quais por se acharem Ja publicadas, e Jura das como fica dito no paragrafo antecedente, as man

damos Registrar no Livro Competente.

25 Hoje em Camara de 30 do corrente se abrio

humã Circular datada de 8 de Agosto, dirigida por *Vossa Excellencia* as camaras das Villas daSetima Estrada, aqual fizemos

Registrar, eseguir aVia damesma Estrada, epor ella ficamos

<sup>329</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de punhos diferentes; à esquerda, “30-Setembro”; à direita, “Castro 1821” e “12-2-40”.

<sup>330</sup> Note-se o erro de grafiação: “aduas” por “asduas”

Ficamos com a inteligência de os Illos Senhores  
 que são nomeados para deputados que devem se  
 reunir esta Provincia no Iluminado Congresso das  
 Cortes Nacionais de Lisboa, como na real cédula  
 nos hezida humna memoria ou apontamento do  
 que por algum destes Provincias, como na cédula  
 real referida de S. Ex.<sup>a</sup> seguinte:

Que ao norte desta Villa em distancia de 16 de  
 goas ha humna paragem de campos e bosques, de  
 nominada os Agros habitados de gentios, que he  
 toda e banhada pelo Rio Tubaji, na qual ha grande  
 noticia poder utilizar não só a Provincia, como a  
 Nação e Estado, pela muita quantidade que se considera  
 ter tanto ouro, como de pedras, pois que tem em naquel  
 la paragem apantado alguns gentios, empredados de  
 cura pedradores no peo cor, e que quantos elle dizem  
 haver aquelle metal com abundancia, e que naquel  
 de lis ha pedras, que não havendo elle fazer humna  
 Verdadeira exportação, pelo modo de suas intimas veni  
 beram poder preciar, e por isso nos lembramos fazer  
 esta memoria para que parando a S. Ex.<sup>a</sup> a comuni  
 car aos Illos Senhores deputados. e proximo a esta  
 Provincia, assim como:

Que sendo a maior parte do habi  
 tante desta cidade, tropeiros que girão com o negocio de  
 animais, dada a capitania de S. Pedro do Rio grande  
 a esta Provincia, estes experimentos continuem.



<b>Número do documento:</b> 50	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 323
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunicam juramento das bases da Constituição e pedem melhoras nas estradas	
<b>Datação:</b> 30/setembro/1821	
<b>Autores:</b> Joaquim Carneiro Lobo, Bento da Rocha Carvalhais, Miguel Rodrigues de Araújo, Rodrigo Félix Martins e Bernardo José Gomes.	

Ficamos bem inteligenciados dos *Illustrissimo*<sup>331</sup> Senhores  
 que Sam nomeados para Deputados que devem repre  
 zentar esta Provincia no Illuminado Congresso das  
 Cortes Nacionaes de Lisboa, e como na mesma circular  
 5 nos he pedida huma memoria ou apontamento do  
 que for abem desta Provincia, pomos na Respeita  
 vel prezenca de *Vossa Excellencia* o seguinte  
 Que ao norte desta Villa em distancia de 14 Le  
 goas ha huma paragem de Campos e Matos, de  
 10 nominada os Agudos habitação de Gentio, que he cor  
 tada e banhada pelo rio Tubaji, na qual ha grandes  
 noticias poder utilizar na ã Só a Provincia, como a  
 Nação e Estado, pela muita riqueza que se considera  
 ter tanto de ouro, como de pedras; pois que tendo-se naquel  
 15 las paragens apanhado alguns gentios, compedaços de  
 Ouro pendurados no pescosso<sup>332</sup>, e perguntados elles dizem  
 haver aquelle metal com abundancia, e que naquel  
 le Rio ha pedras, que na ã savendo elles fazer huma  
 verdadeira exposição, pelo modo de suas intimações  
 20 serem pedras preciosas, e por isso nos Lembramos fazer  
 esta memoria para que parecendo a *Vossa Excellencia* a communi  
 car aos *Illustrissimos* Senhores Deputados Representantes desta  
 Provincia, assim como:  
 Que sendo a maior parte dos habi  
 25 tantes deste destrito, tropeiros que giraõ com o negocio de  
 animais, desde a Capitania de São Pedro do Rio Grande  
 até esta Provincia, estes experimentaõ continuamente gravis

<sup>331</sup> Note-se o erro de grafiação: “*Illustrissimo*” por “*Illustrissimos*”

<sup>332</sup> Borrado o final da palavra.

O  
 Gravissimo prejuizo pelo maior Cam. que tem de  
 pagar, como he hum grande certid, que fica entre as S.<sup>as</sup>  
 de Principe, e de Lagos, onde as C. das perrenem tropas in-  
 tinas, e sem esta perda de danno nas a Provincia, e a hum  
 Estado, por que perdendo os tropeiros seus fardos, o Estado  
 nas duvas orquintor do huij d'alo utiba, e agrando n.º de  
 arima que fica naquella Caminha, abrimos mais os Ca-  
 minhos que d'ante d'ella sahem para a d'esper. <sup>da</sup> p.º prohibi-  
 tum a exportação e importação, dos generos que a prode-  
 rias feliitar. Seguente nos lembramos por na pua  
 de S. Ex.º que melhor Consequencia nos apontamento.

Deo. J. a S. Ex.º m. anno. 1.º de Outubro de 1821  
 de 30 de Set. 1821

Affmos. de  
 M.º Sr. do Ex.º  
 Governo Provincial.

De S. Ex.º

Substitos Camaristas.

Sr. Preside. Sr.º Cam. do 1.º  
 Sr.º Sr.º Sr.º Sr.º Sr.º Sr.º  
 Visiador Miguel Ruiz de Ar.  
 Visiador Rodrigo Felles M.  
 Procurador Bernardo Soze Gomez



<b>Número do documento:</b> 50	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 324
<b>Composição:</b> fól. 2r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunicam juramento das bases da Constituição e pedem melhoras nas estradas	
<b>Datação:</b> 30/setembro/1821	
<b>Autores:</b> Joaquim Carneiro Lobo, Bento da Rocha Carvalhais, Miguel Rodrigues de Araújo, Rodrigo Félix Martins e Bernardo José Gomes.	

Gravissimos prejuizos pelos mãos *caminhos* que tem de  
passar, como he hum grande Sertão<sup>333</sup>, que fica entre as *Villas*  
do Principe eade Lages, onde as *Veze* peressem tropas in  
teiras, sendo estas perdas damnozas aProvincia, e athe aomesmo  
5 Estado; pois que perdendo os tropeiros sua *fazenda*, o Estado  
naõ Lucra os quintos do *Registo* daCoritiba, dogrande *numero* de  
animais que fica naquelle caminho, assim mais os Ca  
minhos que desta Villa sahem para as *deferentes partes* prohi  
10 bem aexportaçã e importaçã, dos generos que apode-  
riaõ felicitar: Hequanto nos Lembramos por na *prezença*  
deVossa *Excellencia* que melhor corregirá nosso apontamento.  
Deos *Guarde* aVossa *Excellencia* muitos annos. *Villa* de Castro em Camara  
de 30 de *Setembro* de1821//  
*Illustrissimos Senhores* do *Excellentissimo*  
Governo Provisorio  
15 DeVossa *Excellencia*  
Subditos Camaristas  
O Iuis *Prezidente* Joaquim Carneiro Lobo  
overador Bento daRocha Carvalhais  
Veriador Miguel Rodriguez de Araujo  
20 Veriador Rodrigo Felles Martins  
Procurador Bernardo Ioze Gomes

<sup>333</sup> “A denominação de ‘sertão’ designava, na época, regiões desconhecidas ou despovoadas. No século XVII, os Campos de Curitiba, que se localizavam entre esta vila e a Borda do Campo, início das matas da Serra do Mar, eram chamados de ‘Sertão de Paranaguá’. Para o sul e sudoeste, estaria situado o ‘Sertão de Curitiba’, (...).” (Roderjan, 1992, p. 159)



Número do documento: 51	Número do documento no banco de dados: 326
Composição: fól. 1r (contém mapa)	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Apresenta a conta de receitas e despesas da Câmara e pede melhorias nas estradas.	
Datação: 22/outubro/1821	
Autores: Joaquim CarneiroLobo, Miguel Rodrigues de Araújo, José Nicolau da Silva, Vicente José de Góis e Bernardo José Gomes.	

Illustrissimos e Excellentissimos Senhores.<sup>334</sup>

Em 8 do Corrente mez de *Outubro* Recebemos hum circular de *Vossas Excellencias* com data de 19 de Julho passado, *que* pelo *Excellentissimo* Governo vinha derigida ás Camaras das *Villas da Sétima Estrada*,  
5 aqual emedeatamente mandamos Registrar no *Livro Competente* elogio seguir a *Via* deseu destino; em *consequencia* daqual fizemos extrahir dos *Livros* da Receita e Despeza deste conselho, aconta que incluza Remetemos.  
10 Apezar deque na Conta que Remetemos, seve haver hum Liquido da *quantia* de 70\$574 *reis* hede advertir, *que* havendo este Liquido nas contas de 1820, não chegou *para* as despezas da Correição; pois que Sendo esta feita em 1821, asua despeza foi da *quantia* de 146\$295 *reis* como seVé dos Mandados *que* vem aser oprimeiro mandado da *quantia* de 20\$000 *reis* de Ordenados pertencentes  
15 ao *Escrivam* da Camara do *Real Dezembargo* do Paço, dos annos de 1819 e 1820, segundo mandado da *quantia* de 49\$685 *reis* a Saber 39\$960 *reis* das vereanças, e 9\$725 *reis* decustas das contas tomadas nos *Livros* da Receita e Despeza, Terceiro Mandado da *quantia* de 75\$800 *reis* asaber de propinas e Audiencia Geral para o *Doutor Ouvidor* eseu *Escrivam* 40\$800 *Reis* e  
20 35\$000 *reis* da Importancia dedois *Livros* e Rubricas, dos mesmos hum *para* Registo da Camara, e outro *para* adespeza da mesma e 810 *reis* importancia dos tres Mandados e assignaturas, que vem afazer a *quantia* sobredita de 146\$295 *reis* Vindo aficar esta Camara alcansada com o Seu Procurador que ábonou na *quantia* de 75\$721 *reis* He de advertir tambem que na mesma conta que Remetemos vai carregada na Receita de 1820 a *quantia* de 71\$260 de dois quarteis adi  
25 antados do Rendimento do Porto de Jaguaraiava, cuja *quantia* he pertencente ao anno de 1821, como na Correição *que* neste anno se hade fazer, indespinsavelmente hade haver a mesma necessidade de adiantar do dito Porto de Jaguaraiava alguns quarteis, *para* suprir adespeza deste Conselho, por não ter outros renditos donde possa haver qualquer *quantia* *que* lhe seja

<sup>334</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de punhos diferentes; à esquerda, “22-Outubro”; ao centro e à direita, “Castro”, “1821” e “Maço 12-2-41”.



<b>Número do documento:</b> 51	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 327
<b>Composição:</b> fól. 2r (fólio embutido no bifólio)	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Apresenta a conta de receitas e despesas da Câmara e pede melhorias nas estradas.	
<b>Datação:</b> 22/outubro/1821	
<b>Autores:</b> Joaquim CarneiroLobo, Miguel Rodrigues de Araújo, José Nicolau da Silva, Vicente José de Góis e Bernardo José Gomes.	

5           Necessaria ficará extinto oRendimento do trieno<sup>335</sup> daquel  
 le Porto, em 1821, quandoelle hade findar em 31 deDezembro  
 de1823, enos annos de1822 e1823 não terá esta Camara  
 com *que* suprir amais pequena eUrgente *necessidade* mas te  
 10           mos que por *naprezença* deVossas *Excellencias* que não são só as Despezas  
 das Correioens, as *que* sedevem saptisfazer por este Conselho, mas  
 tambem os Ordenados dos Officiais daCamara como *Excellentissimo* Al-  
 caide, ePorteiros, aos quais seestá devendo os Ordenados dehuns  
 poucos de annos atrasados, assim como *immenças nececidades* tan  
 15           to daCamara, como publicas. Esta Villa acaza *que* serve  
 de Paços doConselho, eCadeia he hũa caza de aluguel, emuito  
 Velha, que os prezos que nella entrem anaõ ser tronco, ou cor  
 rentes não sepoderaõ dar por seguros, assim como ainsufe-  
 ciencia dacaza daCamara, que por falta de maior, senaõ tem  
 20           podido Reparar com decencia.  
 Outra *necessidade* que sendo pu  
 blica, hedas mais Urgentes, que he aPonte do Rio Iapó  
 que amuito tempo seacha cahida, cauzando por isso gran  
 des vexames eTranstornos aos Viajantes, *principalmente*  
 25           emtempo de Enxentes, que <com> Risco desuas Vidas passaõ este  
 Rio em pequenas Canoas, emuito mais sendo esta Ponte na Es  
 trada Geral da Capital desta Provincia, onde *continuamente*  
 gira *immenço* Povo, e aVultado commercio, devendo por  
 este motivo cuidar-se naSua Reedificação, como tam  
 30           bem na Conservaçãõ della, assim como nas deferentes  
 sahidias desta Villa, ha pequenos arroios, *que* notempo  
 de enchentes são invadiaveis, oque assim não aconte  
 ceria se esta Camara tivesse meios para fazer humas  
 pequenas Pontes, com as quais franqueasse em todo o  
 tempo huma prompta Passagem.     Porem Lem  
 brandosse esta Camara dafelicidade deter hum *Excellentissimo*  
 Governo, Composto detaõ Illustres, como Sabios, e

<sup>335</sup> Note-se o erro de grafiação: “trieno” por “trienio”

Conta da Recuita Duplex da Amara da 1<sup>a</sup> de Castro no Anno de 1820

	Recuita		Duplexa
Liquido que de anno de 1819 passou para o de 1820		Importancia demandada N. 1 <sup>o</sup>	94764
Importancia das Affiancans	894265	D. de Mandado N. 2 <sup>o</sup>	64367
D. das Cabecas de Juro Contado	11000	D. de Mandado N. 3 <sup>o</sup>	24250
Pendimentos do Curral do Comella	14500	D. de Mandado N. 4 <sup>o</sup>	4580
D. do Juro do Alho	4800	D. de Mandado N. 5 <sup>o</sup>	12040
D. do quartel de Santarom, em subido	24520	D. de Mandado N. 6 <sup>o</sup>	184590
or do Curral de Laguarim, a qual alleneo		D. de Mandado N. 7 <sup>o</sup>	66860
na Amara de 1819 para de 1820	714260		1064531
<b>Soma a Recuita R\$.</b>	<b>1974125</b>		
<b>Soma a Duplexa R\$.</b>	<b>1064531</b>		
<b>Lira Liquido R\$.</b>	<b>904574</b>		



Visto de Castro em Amara de 21 de Maio de 1820  
 Prizal. José Carlos  
 Miguel Ribeiro  
 José Niteidas da Silveira  
 Vicente José Pigeij  
 Bernardo José Gomes

1064531  
 12-2-4/5

<b>Número do documento:</b> 51	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 328
<b>Composição:</b> fól. 3r	
<b>Tipologia:</b> Relação	
<b>Ementa:</b> Receita e despesa da Câmara da Vila de Castro no ano de 1820	
<b>Datação:</b> 21/outubro/1821	
<b>Autores:</b> Joaquim CarneiroLobo, Miguel Rodrigues de Araújo, José Nicolau da Silva, Vicente José de Góis e Bernardo José Gomes.	

Carta da Receita e Despeza da Camara da Villa de Castro no Anno de 1820//

	<u>Despeza</u>	<u>Receita</u>		
	Liquido que do anno de 1819 passou para		Importancia do mandado N.º 1.º ...”	9\$
	764			
	o anno 1820 .....	“ 89\$ 945	Dita do Mandado N.º 2.º .....	“ 6\$
	367			
5	Importancia das Aferiçõins.....	“ 11\$ 000	Dita do Mandado N.º 3.º .....	“ 3\$
	250			
	Dita das Cabeças de Gado Cortado .....	” 1\$ 000	Dita do Mandado N.º 4.º .....	“ \$
	680			
	Rendimento do Curral do Conselho .....	“ \$ 800	Dita do Mandado N.º 5.º .....	“ 1\$
	040			
	Dito dos foros do Rocio.....	” 2\$ 250	Dita do Mandado N.º 6.º .....	“ 18\$
	590			
	Dois quartéis adiantados, aos Subsidi-		Dita do Mandado N.º 7.º .....	“ 66\$
	860			
10	os do Porto de Iguaraiva, que se vence			
	ram em 31 de Agosto de 1821.....	” 71\$ 260		
	-----			
	-----			
	Soma a Receita Reis .....	177\$ 125		106\$
	551			
	-----			
15	Soma a Despeza Reis.....	106\$ 551		
	-----			
	Fica Liquido Reis.....	70\$ 574		
20	-----			
	Villa de Castro em Camara de 21 de Outubro 1821// <sup>336</sup>			
	o Prizedente <u>Joaquim Carneiro Lobo</u>			
	<u>Miguel Rodriguez de Araujo</u>			
	<u>Iose Nicolau da Silva</u>			
25	<u>Vicente Joze de Góis</u>			
	<u>Bernardo Ioze Gomes</u>			

<sup>336</sup> Na margem direita, consta uma anotação de outro punho, a lápis, na vertical: “Maço 12-2-41<sup>a</sup>”

Providentes Senhores, Leva ap<sup>ta</sup> de S. Exp<sup>ta</sup> a  
 sua Magestade, e a Villa seguinte.  
 Que no d<sup>to</sup> d<sup>to</sup> Villa ha o Porto da Agua  
 raiua do rendimento do qual esta Camara nao p<sup>o</sup>se  
 ter de a ter a parte, Queberis as outras duas partes  
 a Camara da Villa de Loreto, o que faz com esta Ca  
 mara de vez a sempre emprenhada, seipando de pagar  
 ao seu empregado, e de olhar para o beneficio pu  
 blico, o que assim nao acontecerá quando S. Exp<sup>ta</sup> de  
 ja o servico mandar que se mande daquelle Porto de  
 Agua raiua no seu Porto, entre nesta Camara, e assim  
 Queberis o seu Rexame, e pagar o seu do publico,  
 pagar ao seu empregado, e acabar com o seu a camu  
 para com o seu Procurador, nas devidas de rendi  
 mento do seu d<sup>to</sup> d<sup>to</sup> Patrimonio da outra da  
 mara, e esta Camara expira a ser provida p<sup>o</sup> S. Exp<sup>ta</sup>  
 de sua Magestade. D. J. a S. Exp<sup>ta</sup> m. a. S. de  
 Castro em Camara de 22 de Set. de 1826

Mos D<sup>no</sup> S. de  
 S. Exp<sup>ta</sup> do  
 S. Governo Provisorio.



D. N. S. Exp.

Provid. de S. Exp<sup>ta</sup> Submisso de verente Camara  
 Miguel Reis de S.  
 Jose de Azevedo da Silva  
 Vicente Jose de Goy  
 Bernardo Jose Gomes

Número do documento: 51	Número do documento no banco de dados: 329
Composição: fól. 4r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Apresenta a conta de receitas e despesas da Câmara e pede melhorias nas estradas.	
Datação: 22/outubro/1821	
Autores: Joaquim CarneiroLobo, Miguel Rodrigues de Araújo, José Nicolau da Silva, Vicente José de Góis e Bernardo José Gomes.	

E providentes Senhores, Levo aprezenca de *Vossas Excellencias* a Sua Representaçã, eaNotta Seguinte.

Que nodestrito desta Villa ha oPorto de Jagua raiva, do Rendimento doqual esta Camara naõ perce

5 be Senaõ aterça parte, Recebendo as outras duas partes aCamara daVilla deCoretiba, oque faz com esta Camara seveja sempre empenhada, deixando depagar aos seus empregados, edeolhar para oBeneficio Publico, oque assim naõ acontecerá, quando *Vossas Excellencias* Se

10 jaõ Servidos mandar que oRendimento daquele Porto de Iaguaraiwa noSeu todo, entre nesta Camara, para assim acabar os seus Vexames, reparar para oBem dopublico, pagar aos Seus Empregados, e acabar com oSeu alcance para com os Seus Procuradores, naõ devendo Ser oRendimento doSeu Destrito, Patrimonio das outras Ca

15 maras, e esta Camara espera Ser provida por *Vossas Excellencias* deSua Representaçã. *Deus Guarde aVossas Excellencias* muitos annos Villa de Castro em Camara de 22 de *Outubro* de1821//

*Illustrissimos e Excellentissimos Senhores do DeVossas Excellencias*

20 *Excellentissimo* Governo Provizorio.

Submissos eReverentes Camaristas.

O Prizidente Ioaquim CarneiroLobo

Miguel Rodriguez deAraujo

Iose Niculao daSilva

25 Vicente Joze de Gois

Bernardo Ioze Gomes

12-2-42

Ilmo. Sr. D. Ep. Lus.

2. Articulo

Castro 1821

En Oito do proxecto Mes de Outubro  
 recibí hum. circular que vinha dirigida  
 de Sr. D. Joazeiro para todos Juizes de Ousos  
 da Vila da Estrada, ordenando me remittessem  
 Conta corrente dos ditos, que se acharem violada  
 os Ousos, e quantas das ditas, com de taxadas dos  
 nomes dos Devedores, e qualid. da hipoteca, e assim  
 como se tiverem sido remittidos para a casa dos ditos  
 contas, e na idade, e conformid. da dita circular  
 remittida a Sr. D. Ep. acosta junta, que he o seguinte  
 Copia D. J. a Sr. Ep. m. a. Villa de Castro del

de 8 de Maio de 1821  
 Ilmo. Sr. D. Ep. Lus. do Sr.  
 Governador Francisco

J. D. Ep. Lus.

Atento Subdito.



Vize-Vi. da Torre e Gomez

Número do documento: 52	Número do documento no banco de dados: 330
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Apresenta ao Governo Provisório a conta corrente do Cofre dos Órgãos	
Datação: 22/outubro/1821	
Autor: José Ribeiro da Fonseca Leme	

*Illustrissimos e Excellentissimos Senhores*<sup>337</sup>

Em oito do prezente mez de Ou-

tubro Recebi hum[a] Circular que Vinha deregida

desse *Excellentissimo* Governo para todos os Juizes de Orfãos

5 das *Villas* da *Sétima* Estrada, ordenandome Remettesse hũa

Conta Corrente dos dinheiros que se achavam no Cofre

dos Orfaõs, os que estaõ dados ajuros, com declaraçaõ dos

nomes dos Devedores, equalidades das hipotecas assim

como oque tiver sido Remetido para a Caixa dos Des

10 contos dessa Cidade: ena conformidade daditta Circular

Remeto a *Vossas Excellencias* a conta Junta, que he oque ha neste

Cofre. *Deus Guarde a Vossas Excellencias muitos annos* Villa de Castro 22

de *Outubro* de 1821//

*Illustrissimos e Excellentissimos Senhores* do *Excellentissimo* De *Vossas Excellencias*

15 Governo Provizorio.

Attento Subdito.

Joze Ribeiro da fONSECA LEME

<sup>337</sup> Ao lado do vocativo, na margem esquerda, consta uma anotação a lápis, de outro punho: “12-2-42”; abaixo do vocativo, existe, na margem esquerda, também a lápis, a anotação “22-outubro”; à direita, “Castro” e “1821”.



Conta dos Dinheiros que se achão no Caixa da Cofaria da Vila de Castro em 15 de Setembro de 1826 e a caixa de Dinheiros da Escritura e de hipotecas

*Dentro no Caixa*

Primeira Remessa para a caixa dos Dinheiros da Vila de Castro em 23 de Junho de 1826			1039222
Segunda Remessa para a mesma caixa em 10 de Abril de 1826			1078222
Escrituras e hipotecas			2216045
Antonio Francisco Antonio, Compadre e hipotecas de bens da Vila de Castro de Principal	629355		
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	249005	739361	
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	549565		
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	369001	1209517	
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	619369		
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	469089	959438	
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	1319618		
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	59426	1379036	
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	42958		
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	9333	419589	
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	349361		
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	809161	4209520	
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	789070		
Lira de ouro de 15 de Setembro de 1821	139187	929257	
Villa de Castro em 15 de Setembro de 1826			9716368
Somada tudo			32859815

João de Castro

João de Castro

<b>Número do documento:</b> 52	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 331
<b>Composição:</b> fól. 2v e 3r	
<b>Tipologia:</b> Relação	
<b>Ementa:</b> Conta dos dinheiros que se achavam no Cofre dos Órfãos	
<b>Datação:</b> 21/outubro/1821	
<b>Autores:</b> Joze Ribeiro da Fonseca Leme	

Conta dos Dinheiros que se achão no Cofre dos Orfaõs desta *Villa* de Castro, dos Remetidos para aCaixa dos Descontos, das Escripturas eSuas hipotecas.

Dentro no

Cofre..... 103\$  
222

Primeira Remessa para aCaixa dos Descontos da Cidade de *Saõ* Paulo, em 23 de Janeiro de 1821, da*quantia* de .....1:078\$  
272

5 Segunda Remessa para amesma em 11 deAbril domesmo anno a quantia de ... 1:132\$ 773 2:211\$ 045

Escripturas Seus devedores e Hipotecas.

Antonio Francisco Antunes, comfiados e hipoteca deBens de Raiz, deve dePrincipal ..... 62\$ 355  
10 Iuros Vencidos the 15 de *Outubro* de 1821 ..... 31\$ 006 93\$  
361

O Falecido Capitaõ Mór Ioze Rodrigues Betim, Comfiados e hipoteca deBens de Raiz *Deve principal* ..... 64\$ 516  
Iuros Vencidos the 15 de *Outbro* de 1821 ..... 56\$ 001 120\$  
15 517

O Falecido Antonio Florencio de Brito, Comfiados e hipoteca deBens deRaiz, Deve deprincipal..... 61\$ 369  
Iuros Vencidos the 15 de *Outubro* de 1821 ..... 14\$ 089 75\$  
458

OCapitam Ioze Subtil de Oliveira, Confiados ehipoteca de Bem de Raiz, deve deprincipal..... 151\$ 618  
20 Iuros Vencidos the 15 de *Outubro* de 1821 5\$ 426 157\$  
044

Anna Maria Domingues, comfiados ehipoteca de Bem de Raiz, Deve dePrincipal..... 11\$ 056  
25 Iuros Vencidos the 15 de *Outubro* de 1821 \$ 333 11\$  
389

O Falecido Coronel Francisco dePaula Ribas, com hipoteca de Bem deRaiz, Deve dePrincipal..... 340\$ 361  
30 Iuros Vencidos the 15 de *Outubro* de 1821 . 80\$ 161 420\$  
522

Ioze Borges de Macedo, comfiados, ehipoteca deBens de Raiz, Deve de Principal ..... 78\$ 070  
Iuros Vencidos the 15 de *Outubro* de 1821 ... 15\$ 187 93\$  
35 257

Villa de Castro em Camara de 21 de *Outubro* de 1821// Soma tudo Reis. 3:285\$  
815

Joze Ribeiro da Fonseca Leme



<b>Número do documento:</b> 53	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 332
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunicam recebimento de officios; apresentam conta da receita e da despesa; queixam-se da situação da casa da Câmara e cadeia, e das pontes	
<b>Datação:</b> 13/janeiro/1822	
<b>Autores:</b> Joaquim Carneiro Lobo, Bento da Rocha Carvalhais, Miguel Rodrigues de Araújo, Antônio Novais Coutinho e Bernardo José Gomes.	

Illustrissimos e Excellentissimos Senhores<sup>338</sup>  
 Em 5 do corrente mez de Janeiro Recebemos huma Circular que  
 por esse Excellentissimo Governo vem derigida as Camaras das Villas da Setima Es  
 trada datada de 5 de Outubro do anno passado, aqual acompa  
 5 nha as Instruçoens que Sedevem Seguir na Construçaõ  
 das Estradas, enomesmo dia 5 do Corrente Recebemos outra Cir  
 cular de Vossas Excellencias com data de 6 de Novembro, que tambem Segue  
 as Camaras da Setima Estrada, que acompanha o Bando que  
 nessa Cidade Se publicou, para quem quizer a Brir Escolla de  
 10 primeiras Letras, o que tudo fizemos publicar e Registrar  
 no Livro Competente e Seguir a Camara emediata dadita Estra  
 da na forma do Estillo.  
 Em 22 de Outubro de 1821// Escreveo esta Camara a esse  
 Excellentissimo Governo hum Officio que acompanhava a Conta da Receita,  
 15 edespeza della, enomesmo Representava-mos a Vossas Excellencias as  
 Vexaçõens em que ella Se Vé Continuamente e Seu alcance, e  
 como athe gora não temos ti[[di]]do<sup>339</sup> Soluçãõ alguma, Lem  
 brando-nos talves, que esta demora Seria procedida no  
 Retardamento do dito Officio pelas paradas, para onde foi derigido, ou  
 20 muitas vezes descaminho das mesmas paradas, como tem alguãs  
 vezes acontecido, novamente transcrevemos a nossa Reprezen  
 taçaõ, daquele Officio para com a Resposta de Vossas Excellencias nos  
 Saber-mos derigir, o qual artigo della he o seguinte  
 Apezar de que na conta que Remetemos, Se Vé haver  
 25 hum Liquido da quantia de 70\$ 574 reis he de advertir que haven  
 do este Liquido nas contas de 1820, não chegou para as des  
 pesas da Correiaõ; pois que Sendo esta feita em 1821, a Sua  
 despeza foi da quantia de 146\$ 295 reis como Se Vé dos mandados que vem  
 a Ser. Primeiro Mandado da quantia de 20\$ 000 reis de Ordinarias pertencen  
 30 te ao Escrivam da Camara do Real Dezembargo do Paço dos annos de 1819,  
 1820.- Segundo Mandado da quantia de 49\$ 684 reis a Saber 39\$ 960 reis  
 de Uzaças, e 9\$ 725 reis de Custas das Contas tomadas nos Livros  
 de Receita edespeza.- Terceiro Mandado da quantia de 75\$ 800 reis de Pro  
 pinas, e Audiencia Geral para o Doutor Ouvidor e Seu Escrivam 40\$ 835 reis  
 35 importancia de dois Livros, e Rubricas dos mesmos hum para Registo  
 da Camara, outro para adespeza da mesma, e 810 reis de tres mandados  
 e assignaturas, que Vem a fazer a quantia Sobredita de 146\$ 295 reis Vin  
 do aficar esta Camara alcançada para com o Seo Procurador que  
 abonou na quantia de 75\$ 721 reis Hede advertir que tambem nas

<sup>338</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de punhos diferentes; à esquerda, “13-Janeiro” e “12-2-43”; no centro, “1822” e “Castro”.

<sup>339</sup> Note-se o erro de grafiação: “tidido” por “tido”



<b>Número do documento:</b> 53	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 333
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunicam recebimento de officios; apresentam conta da receita e da despesa; queixam-se da situação da casa da Câmara e cadeia, e das pontes	
<b>Datação:</b> 13/janeiro/1822	
<b>Autores:</b> Joaquim Carneiro Lobo, Bento da Rocha Carvalhais, Miguel Rodrigues de Araújo, Antônio Novais Coutinho e Bernardo José Gomes.	

Mesmas Contas *que* Remetemos Vai Carregada na Receita de 1820  
 aquantia de 71\$260 reis dedois quarteis adiantados, dos Rendimentos do Porto  
 de Jaguaraiua, cuja *quantia* he pertencente ao anno de 1821, e como  
 na *Correçam que* este Anno Seha defazer, indespencavelmente ha de ha  
 5 ver amesma *necessidade* de adiantar dodito Porto de Jaguaraiua al  
 guns Quarteis, para Suprir a despeza deste Conselho, por não  
 ter outros redditos donde possa haver qualquer *quantia que* lhe seja  
 necessaria ficará extincto o *Rendimento* do trienio daquelle  
 Porto em 1821, *quando* elle há de findar em 31 de *Dezembro* de  
 10 1823, enos annos de 1822 e 1823 não terá este *Conselho* com  
*que* Suprir amais pequena e *Urgente* *necessidade* Mais temos *que*  
 pôr na *prezença* de *Vossas Excellencias que* não são só as despezas das *Correi*  
*çoens* as *que* sedevem Saptisfazer por este *Conselho*, mas tambem  
 os Ordenados dos *Offeciais* da *Camara*, Como *Excellentissimo* Alcaide,  
 15 *Porteiro*, aos quais Se esta devendo os Ordenados dehuns poucos  
 de annos atrasados; assim como as *immenças necessidades* tan  
 to da *Camara*, como *Publicas*: nesta *Villa* a *Caza que* Serve de  
 Paços do Conselho, e *Cadeia* he húa *caza* de aluguel emuito  
 20 *velha, que* os *prezos* que nellas entrarem anaõ ser tronco, ou  
*correntes* não sepoderaõ dar por seguros, assim como a *insufe*  
*ciencia* da *Caza* da *Camara que* por falta de meios senaõ tem  
 podido reparar com decencia. Outra *necessidade que* sendo *Pu*  
*blica* he das mais *Urgentes, que* he a *Ponte* do Rio *Hiapó*  
 25 *que* amuito tempo Se acha cahida, cauzando porisso graves  
*Vexames*, *etranstornos* aos *Viajantes*, principalmente no  
*tempo* de enchentes, *que* com risco de *Suas Vidas* passaõ este Rio  
 em pequenas canoas, emuito mais sendo esta *Ponte* na *Es*  
*trada Geral* da *Capital* desta *Provincia* onde continuamente gira  
 30 *immenço* *Povo*, e avultado *commercio*, devendo por este  
 motivo cuidar-se na *Sua* *rehedificaçaõ*, como tam  
 bem na *conservaçaõ* della; assim como nas *deferentes*  
*Sahidas* desta *Villa* há *pequenos* *arroios, que* no *tempo* de *enxen*  
*tes* são *invadiaveis*, oque assim não aconteceria Se esta *Ca*  
 35 *mara* tivesse meios para fazer húas *pequenas* *pontes*, com as *quaes*  
*franqueasse* em todo o *tempo* húa *prompta* *passagem*.  
*Porem* Lembrandosse esta *Camara* da *felicidade* de ter hum  
*Excellentissimo* *Governo*, Composto de taõ *Illustres*, como *Sabios*, e  
*providentes* *Senhores* *Leva* *aprezença* de *Vossas Excellencias* a *Sua* *Reprezen*  
 40 *taçaõ*, e a *Notta* *Seguinte*. *Que* no *Destrito* desta *Villa* há  
 o *Porto* de *Jaguaraiua*, do *rendimento* do qual esta *Camara*  
 não recebe mais *que* a *terça* parte, *Recebendo* as outras duas



<b>Número do documento:</b> 53	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 334
<b>Composição:</b> fól. 2r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Comunicam recebimento de ofícios; apresentam conta da receita e da despesa; queixam-se da situação da casa da Câmara e cadeia, e das pontes	
<b>Datação:</b> 13/janeiro/1822	
<b>Autores:</b> Joaquim Carneiro Lobo, Bento da Rocha Carvalhais, Miguel Rodrigues de Araújo, Antônio Novais Coutinho e Bernardo José Gomes.	

Partes aCamara daVilla de Coretiba, *que* fá[s] com*que* esta cama[ra]  
se veja sempre empenhada, deixando de pagar aos seu[s]  
Empregados, ede olhar *para* obeneficio Publico, o*que* assim  
não acontecerá, *quando Vossas Excellencias* sejaõ servidos mandar que  
5 oRendimento daquelle Porto de Jaguaraiva no Seu  
todo entre nesta camara, *para* assim se acabar os Seos [ve]  
xames, Reparar *para* obem do Publico, pagar aos Seos  
empregados, e acabar com oSeu alcance, *para* com os  
seus Procuradores, não devendo ser o Rendimento deste D[es]  
10 tricto, Patrimônio das outras camaras; E esta camar[a]  
espera deSer provida por *Vossas Excellencias* desua Representaçãõ  
E como esta camara mandasse suspender ao [Re]  
matante aRemessa dos dinheiros; por esta conta esta[r]  
afecta aesse *Excellentissimo* Governo, agora Recebemos *Officio* da Camara  
15 daVilla de Coretiba, e junto com omesmo copea daResposta que  
oDoutor Ouvidor da Comarca, deo á Representaçãõ daquella Ca  
mara, mandando *que* se inviassem os dinheiros Vencidos  
adita camara, e como esta não podia contrariar aquell[a]  
determinaçãõ, mandamos Ordem ao Rematante *para* fa  
20 zer Remeter os Quarteis Vencidos, eSuplicamos a*Vossas Excellenci*[as]  
adecizaõ denossa Representaçãõ, Sobre este Objeto *para*  
nossa determinaçãõ. *Deus Guarde* a*Vossas Excellencias* muitos annos Villa deCa[s]  
tro em Camara de 13 de Janeiro de1822.  
*Illustrissimos e Excellentissimos Senhores do Excellentissimo*  
25 *Governo* Provizorio desta *Provincia*  
De*Vossas Excellencias*  
Submissos Camaristas  
Joaquim CarneiroLobo  
Bento daRocha Carvalhais  
30 Miguel Rodriguez deAraujo  
Antonio Novais Coitinho  
Bernardo Joze Gomes

P. Pat. aq. nome ad  
Palacio de S. Carlos  
Ode de S. Carlos

1822

12-2-44

Prto Miller  
S. J. e. G. (S)

5 Junho

Luiz Vicente de Freitas  
Civill da Amara O. S. A. Tabel  
Vicio e ancipos nesta Villa de Castro,  
S. C. termo P. Aruizad Regia. R.

X

Certifico que na Mercancia delimitada os  
to de S. Carlos proximo passado, se pro  
curou a Ciudad de S. Carlos e de  
Ordenancia desta Villa de Castro, e  
arranjo de achos Vago, cuja Ciudad  
foi feita a requerimento do Sr.  
Cap. M. J. de S. Carneiro Lobo, na  
conformidade das Ordens do Sr.  
Governor desta Provincia, na delib.  
e carida apresentada, e a paratidade  
de S. Carlos para o S. Carlos e de  
gar o capitam de S. Carlos Francisco  
Teixeira de S. Carlos, em S. Carlos de  
gar o capitam das Ordenancias Bal  
de S. Carlos de S. Carlos, e em S. Carlos  
ro Lugar, o capitam das Ordenancias  
de S. Carlos e S. Carlos de S. Carlos. O Sr.  
vicio de S. Carlos de S. Carlos. Villa  
de Castro de S. Carlos de S. Carlos de  
Luiz Vicente de S. Carlos de S. Carlos  
civill da Amara de S. Carlos de S. Carlos

Luiz Vicente de Freitas



<b>Número do documento:</b> 54	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 335
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Certidão	
<b>Ementa:</b> Certifica a constituição de lista tríptica para sargento-mor das ordenanças	
<b>Datação:</b> 05/junho/1822	
<b>Autor:</b> Luis Vicente de Faria Freire	

Luiz Vicente deFaria Freire  
 Escrivam daCamara Orfãos, Tabel  
 llião e anexos nesta Villa de Castro, e  
 5 Seo termo por Provizaõ Regia. etc.<sup>340</sup>  
 Certefico que naVereança deVinte oi  
 to deMaio proximo passado, Se pro  
 cedeo a Eleiçaõ deSargento Mor das  
 Ordenanças desta Villa de Castro, por  
 10 o mesmo Se achar Vago, Cuja Eleiçaõ  
 foi feita aRequerimento do *Illustrissimo*  
*Capitam* Mór Joze Carneiro Lobo, na  
 Conformidade das Ordens do *Excellentissimo*  
 Governo desta Provincia, naditta Ve  
 15 reança apresentada, e apluralidade  
 deVottos foram elleitos eprimeiro<sup>341</sup> Lu  
 gar oCapitam deMelicias Francisco  
 Teixeira deAzevedo, em Segundo Lu  
 gar oCapitam das Ordenanças Bal  
 20 duino deAlmeida Taques, e em tercei  
 ro Lugar, oCapitam das Ordenanças  
 Beneditto Mariano Ribas. O Refe  
 rido he Verdade deque doufé. Villa  
 deCastro 5 de Junho de1822 e Eu  
 25 Luis Vicente deFaria Freire Es  
 crivam daCamara oescrevj, e assignej.  
Luis Vicente deFariaFreire

<sup>340</sup> Ao alto, à esquerda, consta o seguinte despacho: <Passe-se.Patente ao 1.º nomeado | Palacio do Gov. de S.Paulo | 3 de Agosto de 1822/. | Pinto Müller | Souza eG XX[?]>  
 Ainda na margem superior, ao lado do despacho, existem anotações a lápis, de diferentes punhos: “1822” e “12-2-44”; a seguir ao despacho, na mmargem esquerda, “5-Junho”.

<sup>341</sup> Note-se o erro de grafiação: “eprimeiro” por “emprimeiro”



Número do documento: 55	Número do documento no banco de dados: 341
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Ata (cópia)	
Ementa: Termo de vereação, em que se pede a convocação de uma Assembléia Geral das Províncias	
Datação: 28/julho/1822	
Autor: Luis Vicente de Faria Freire	

Copia

5 Senhor = Sendo em Vereação Extrahordinaria de 28 do corrente, Lidos em Prezença do Povo Tropa e Nobreza desta Villa, o Termo de Vereação Extrahordinaria que Selle brou em 23 de Maio deste anno, o Respeitavel Senado da Camara da Cidade e Corte do Rio de Janeiro, a Falla que o mesmo pela Vos do Seu Prezidente derigio a *Sua Alteza Real*, ea Representação do Povo da mesma Cidade, foi por todos muito aplaudido, dizendo que esses mesmos

10 são os Seos unanimes Sentimentos, pedindo-nos que os pusesse-mos na Augusta Prezença de *Sua Alteza Real* He por isso que este Senado, unindo Suas Suplicas as do Povo, e Camara dessa Cidade, tem a honra de Subir a Augusta Prezença de *Vossa Alteza Real* Rogando

15 queira promover a felicidade deste Reino do Brazil, em mandar convocar quanto antes huma Assembléia Geral das Provincias delle, afim de o Livrar dos emminentes perigos que o ameassão, o que esperamos Obter confiados no Glorioso Titulo que

20 *Sua Alteza Real* Sedignou asseitar, de Defençor Perpetuo do Reino do Brazil, para cuja conservação Offeremos nossas Vidas. Deos queira prosperar a *Vossa Alteza Real* e guarde pormuitos annos para fellecidade Nossa. *Villa de Castro* em Vereação Extrahordinaria de 28 de Julho de 1822. = De *Vossa Alteza Real* = Vassallos Fieis - Joaquim Barboza Leite = Joaõ Baptista Penteado = Joze Antonio de Quadros = Miguel da Rocha Ferreira = Antonio Domingues Garcia.

30 Esta Conforme o Original  
O Escrivam da Camara  
Luis Vicente de Faria Freire



<b>Número do documento:</b> 55	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 342
<b>Composição:</b> fól. 2r	
<b>Tipologia:</b> Ata (cópia)	
<b>Ementa:</b> Termo de vereação, em que se pede a convocação de uma Assembléia Geral das Províncias	
<b>Datação:</b> 28/julho/1822	
<b>Autor:</b> Luis Vicente de Faria Freire	

Copia

Termo de Vereação Extrahordinaria que SeSelebrou em 28 de Julho de 1822 para o qual foram convocados, o Povo, Tropa e Nobreza.

- 5 Aos vinte oito dias do Mez de Julho demil oito Centos e vinte e dois annos nesta Villa da Senhora Santa Anna de Castro Commarca deParanagua eCoritiba, em as Cazas daCamara ePassos do Conselho della onde foram Reunidos o Juiz Presidente oAlferes Ioaquim Barboza Leite, eos Vereadores Joaõ Baptista Penteado, Ioze Antonio de Quadros, Miguel daRocha Ferreira eoProcurador Antonio Domingues Garcia, com migo Escrivam deSeu Cargo adiante nomeado, eSendo ahi taõ bem convocados para a mesma Vereação, todos os com que tem servido, Povo e tropa lhes foi Lido oTermo deVereação Extrahordinaria que Se Selebrou pelo Senado da Camara daCidade eCorte do Rio de Janeiro; falla que o mesmo Senado dirigio pela Voz do Seu Presidente a Sua Alteza Real o Principe Regente Constitucional, e Defensor Perpetuo doReino do Brazil, e Representaçam que o mesmo Senado por parte do Povo daquella Cidade apresentou ao Mesmo Augusto Senhor: O que Sendo tudo dido<sup>342</sup>, pelo bom Povo, eTropa foi Representado aesteSenado dizendo que elles adoptavam para Si a mesma Representaçam que pelo Senado da Camara da Corte do Rio de Janeiro foi apresentada a Sua Alteza Real por parte do Povo da mesma ESendo tambem por este Senado adoptado afalla que o mesmo Senado daCamara do Rio de Janeiro dirigio aAugusta Prezença deSua Alteza Real e assentandosse em Sepedir [Ao Mesmo]<sup>343</sup> Augusto Senhor, que com amaior brevidade fosse Servido convocar huma Assembleia Geral das Provincias deste Reino: O que Sendo anunciado aoPovo, Tropa, eNobreza, que esta Camara Offerecia a Sua Alteza Real por parte deste Povo, a mesma Representaçam que a Sua Augusta Prezença tinha Subido por parte doPovo da Cidade eCorte do Rio de Janeiro, ao qual anuncio, foraõ dados por todas as Pessoas que estavaõ presentes os Vivas Seguintes = Viva a Nossa Santa Relligião – Viva a Constituçam = Viva ElRei Constitucional = Viva o Principe Regente Constitucional eDefensor Perpetuo do Reino do Brazil = Viva aPrinzeza Real = Viva aAssemblea Geral doBrazil = Vivam as Cortes de Lisboa = Viva a Uniam do Brazil com Portugal = Detudo para constar Sefez o presente Termo que assignaram, e Eu Luis Vicente deFaria Freire Escrivam daCamara que oEscrivj = Ioaquim Barboza Leite = Ioaõ Baptista Penteado = Ioaõ Antonio de Quadros = Miguel daRocha Ferreira = Antonio Domingues Garcia = O Coronel Luciano Carneiro Lobo – OCapitam Mór Ioaõ Carneiro Lobo - oCapitaõ Manoel Iose de Novaes Guimarães – Ocapitam Manoel Iose de Frias - oTenente

<sup>342</sup> Note-se o erro de grafiação: “dido” por “dito”

<sup>343</sup> Dobra no papel, tornando as duas palavras pouco legíveis.



<b>Número do documento:</b> 55	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 343
<b>Composição:</b> fól. 2v	
<b>Tipologia:</b> Ata (cópia)	
<b>Ementa:</b> Termo de vereação, em que se pede a convocação de uma Assembléia Geral das Províncias	
<b>Datação:</b> 28/julho/1822	
<b>Autor:</b> Luis Vicente de Faria Freire	

**Tenente Francisco Ioze Dias deAlmeida – oTenente Antonio  
Iose Pereira Branco – oAlferes Lourenço Marcondes Ribas  
oCapitam Benedito Mariano Ribas – oCapitaõ Balduino  
deAlmeida Taques – oCapitaõ Francisco Teixeira deAzevedo – O  
5 Capitam Ioaquim Iose Borges – oCapitam Miguel Rodriguez deAraujo -  
oAjudante Lucianno Antonio deMello – oAlferes Rodrigo Fé  
lis Martins – oAlferes Alvaro Gonçalvez Martins – O Vigario Antonio  
Pompeo Pais – oPadre Ioze Loureiro daSilva – oPadre Iose  
Gaspar daRocha – Ioaõ Borges deMacedo – Ioze Gonçalvez Guimarães-  
10 Generozo Pinto Leal – Bernabé Alvares daSilva – Ber  
nardo Iose Gomes – Antonio Vicente daCruz – Miguel Mar  
ques dos Santos – Antonio Iose de Campos Maxado – Salvador  
Luis deOliveira – Vicente Iose de Gois – Miguel Antonio daSilva -  
Vicente Domingues.**

15

Esta conforme  
O Escrivam da Camara  
Luis Vicente deFaria Freire

29-julho - 1822

M<sup>mes</sup> e G<sup>mes</sup> S<sup>res</sup> honrosos

Em 18 de Cor. mês a Julho Recebemos hum Officio do Senado da  
 Camera da Cidade, e Cid. de São Paulo, e com elle, os impressos  
 da Vereação. Extraordin. que em. Senado de Lisboa em 23 de  
 Maio d'este anno, adim com a pfalla, que em. Senado, e  
 p<sup>re</sup>sentação de São daquelle Cid. levaram a presença  
 Augusta, de sua Magestade Real, e Principe Regente con-  
 te lucional, e D<sup>os</sup> Offic<sup>os</sup> B<sup>os</sup> p<sup>re</sup>sentes de Reino de Portugal  
 em consequencia do q<sup>ue</sup> se convoca São, Tropa, e Nobreza  
 e em Vereação. Extraordin. de 28 de este presente mês de Julho  
 hum Copromittido a sua Magestade Real de cujo Comittido  
 a copia, adim Com. das Termas de Vereação

E como esta Camera real. tenha outro expedien-  
 te p<sup>er</sup> a Camera da Sobrad. Copromittido. q<sup>ue</sup> vai incorra  
 no obsequio da Camera de São de Janeiro. Supplicamos a V. S.  
 q<sup>ue</sup> a Camera da m. p<sup>er</sup> a Camera p<sup>er</sup> este favor e t<sup>er</sup>ta  
 Breveza Augusta de São. H. H.

Hoje Recebemos as Circulares q<sup>ue</sup> adim G<sup>mes</sup> S<sup>res</sup> ex  
 p<sup>re</sup>sentes as Camaras das V. da V. Alçada de 28 de 28  
 29 de Maio as q<sup>ue</sup> firmam Copromittido. longu. este  
 q<sup>ue</sup> a V. de São de São.

Deo. Co. V. S. Das Torres Castro em Cam  
 ra de 29 de Julho de 1822.

M<sup>mes</sup> e G<sup>mes</sup> S<sup>res</sup>  
 M. e G. S. S. S.  
 Gov. Provisorio desta Provincia

De V. S.  
 Subs. do M. Camaristas  
 Joaq. Barbosa Leite  
 João Baptista Costa  
 João Antonio de Carvalho  
 Miguel de Santa Teresina  
 Antonio Serrão

Número do documento: 55	Número do documento no banco de dados: 340
Composição: fól. 3r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Participam a vereação extraordinária do dia anterior	
Datação: 29/julho/1822	
Autores: Joaquim Barbosa Leite, João Batista Penteado, José Antônio de Quadros, Miguel da Rocha Ferreira e Antônio Domingues Garcia.	

Illustrissimos e Excellentissimos Senhores<sup>344</sup>  
 Em 18 do Corrente mês<sup>345</sup> Julho Recebemos hum Officio do Senado da  
 Camera da Cidade, e Corte do Rio de Janeiro e Com elles os impreços  
 da Vereação Extraordinaria que o mesmo Senado Sellebrou em 23 de  
 5 Maio deste anno; a Sim como a falla, que o mesmo Senado, e Re  
 presentação do Povo daquela Cidade levaram a Prezença  
 Augusta, de Sua Alteza Real, o Principe Regente Con[s]<sup>346</sup>  
 tetucional, e Deffençôr Perpetuo do Reino do Brazil  
 em Consequencia do que se convocou Povo, Tropa, e Nobreza  
 10 e em Vereação Extraordinaria de 28 deste presente mês effês  
 hũa Representação a Sua Alteza Real de Cujas Remetemos  
 a Copia, assim Como do Termo de Vereação.  
 Como esta Camera não tinha outro expedien  
 te para a Remeça da Sobredita Representação a qual vai incerrad[a]  
 15 Noscripto da Camera do Rio de Janeiro Suplicamos a Vossas  
 Excellencias a Remeça da mesma para o dito Senado para este fazer subir [a]  
 Prezença Augusta de Sua Alteza Real.  
 Hoje Recebemos as Sirculares, que esse Excellentissimo Governo ex  
 pedio as Camaras das Villas da Setima Estrada, dactadas de 24,  
 20 e 29 de Maio as quaes fizemos Registrar no Livro Competente esse  
 guir a Via de Seu destino.  
 Deos Guarde a Vossas Excellencias muitos annos Castro em Cam[e]  
 ra de 29 de Julho de 1822.  
 Illustrissimos e Excellentissimos Senhores do Excellentissimo  
 25 Governo Provisorio desta Provincia  
 De Vossas Excellencias  
 Subditos e attentos Camaristas  
Joaquim Barboza Leite  
João Baptista Penteado  
 30 Joze Antonio de Quadros  
Miguel da Rocha Ferreira  
Antonio Domingues Garcia

<sup>344</sup> Logo abaixo do vocativo, há uma anotação a lápis, de outro punho; “29-Julho-1822”.

<sup>345</sup> Note-se o erro de grafiação: “a” por “de”

<sup>346</sup> Margem danificada, tornando ilegíveis as últimas letras de algumas palavras.

15. Setembro

Mosmos e Sr. Senhores.

1822

12-2-45



Em do do Mex de Agosto Reuberno or Off.  
 do Sr. Ep. de S. Thom. Mex, e as seus conteúdos  
 exponemos. Que esta Camara em a deliberação des  
 Camara, em 10 de abril de 1822, humna Representa-  
 tação, por mais do Sr. Antonio Luiz. Corneio,  
 que presentem. Se achou nua ad; pela qual Sr.  
 N. Ep. bem poderad vir no Conhecimento do que pode  
 nos expedir e informar, aly representação do Sr.  
 Proprietario, que transitou para o Contm. do Sr.  
 venoso acres. em no, que a Representação q. pelo  
 Cap. Mo. desta Villa foi remetida a Sr. D. no  
 Governo, em nome do Sr. Proprietario, nua q. elles  
 foi tentada, mas em pelo Sr. Cap. Mo., an-  
 dando de Caixa em Caixa, dispondo os para assi-  
 gnar, ja com Caruias a hum, ja com impo. rixas  
 de sua authorid. a outros e tanto se mostra que  
 proseremo fazer, com quem se notou de seu  
 nho, e a the o. Enveo por sua propria Letra, cu-  
 jo para em nome por, e lino nua. Se apre-  
 sentara. A Conda de que Letra, como se fi-  
 zemos ver no novo Citado Off. foi persuada  
 na Orecão desta Villa para Logradores dos  
 moradores da m. e pelo Provm. do Sr. Gov.  
 fazem com a mais efficacia Limbrar a esta Ca-  
 mara, que nella se nao consentao a trocas q.  
 passam, por haverem mais Conda em. Super-  
 enter para qual q. grande Prop. ou Boiada, as  
 que tem a m. a comodação e segurança que a  
 Conda do Quarta, e por que os moradores desta  
 continuam. Se não prejudicou em suas Orecões,  
 por não terem seguros Logradores em quanto



Número do documento: 56	Número do documento no banco de dados: 337
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Manifestam-se sobre a “representação dos tropeiros” referente ao espaço destinado à ronda	
Datação: 15/setembro/1822	
Autores: Manoel José Novais Guimarães, João Batista Penteado, José Antônio de Quadros, Miguel da Rocha Ferreira e Antônio Domingues Garcia.	

*Illustrissimos e Excellentissimos Senhores.*<sup>347</sup>

Em 20 do Mez de Agosto Recebemos os *Officios* de *Vossas Excellencias* de 3 e 5 domesmo Mez eao Seu Conteudo respondemos.

5 Que esta Camara em 24de Junho des  
te anno, inuiu aprezença de *Vossas Excellencias* huma Reprezen-  
taçaõ, por maõ do Reverendo Antonio Teixeira Camello  
que presentemente Se acha nessa Cidade; pela qual *Vossas*  
10 *Excellencias* bem poderaõ Vir no Conhecimento doque pode  
mos responder e informar, arepresentaçãõ dos  
tropeiros que tranzitaõ para o Continente do Sul,  
Edenovo acrescemos, que arepresentaçãõ *que* pelo  
15 *Capitam Mór* desta Villa foi remetida aesse *Excellentissimo*  
Governo, em nome dos Tropeiros, nunca por elles  
foi tentada, mas Sim pelo ditto *Capitam Mór*, an-  
dando de caza, em caza, dispondo-os para assi-  
gnar, Já com caricias ahuns, Já com impozicaõ  
de Sua *authoridade* aoutros etanto Se mostra que  
20 opoderemos fazer, com quem lhe notou oRescu-  
nho, e athe oEscreveo por Sua propria Letra, cu-  
jo para em nosso poder, eSendo *necessario* se apre-  
zentarã.

A Ronda deque setrata, como Ja fi-  
zemos Ver no nosso Citado *Officio* foi Rezervada  
25 na Erecçaõ desta Villa para Logradores dos  
moradores damesma epelos provimentos dos *Senhores Ouvidores*  
fazem com amaior efficacia Lembrar aesta Ca-  
mara, que nella Senaõ consintaõ as Tropas *que*  
30 passam, por haverem mais Rondas emuito sufeci-  
entes para qualquer grande Tropa, ou Boiada, as  
quais tem amesma acomodaçãõ eSegurança que a  
ronda da Questaõ; eporque os moradores desta *Villa*  
continuamente Sofraõ prejuizos em Suas Creaçoês,  
por naõ terem Seguros Logradores emque as te

<sup>347</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de diferentes punhos: à esquerda, “15-Setembro”; à direita, “1822” e “12-2-45”.



<b>Número do documento:</b> 56	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 338
<b>Composição:</b> fól. 1v	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Manifestam-se sobre a “representação dos tropeiros” referente ao espaço destinado à ronda	
<b>Datação:</b> 15/setembro/1822	
<b>Autor:</b> Manoel José Novais Guimarães, João Batista Penteado, José Antônio de Quadros, Miguel da Rocha Ferreira e Antônio Domingues Garcia.	

Tenhaõ, por essa Razaõ esta Camara tendo em Vista  
 tudo quanto for, promover o Bem do publico, pôs  
 em execuçaõ os repetidos Provimientos, *que* Vedaõ  
 a entrada de Tropas naditta Ronda, e para tal  
 5 execuçaõ So fechandosse, como esta acordado  
 em Camara e pela Vontade Geral e publica,  
 como Se manifesta do assignado que com onos  
 so citado *Officio* remetemos, cujas assignaturas  
 foram feitas em Camara Lendosse atodos os  
 10 assignantes o Termo de Vereança para ofim  
 do ditto fexamento: Admirandosse muito esta  
 Camara de Ver alguns Sujeitos assignados  
 nadenominada Representaçãõ dos Tropeiros,  
 tendo assignado em Camara, dizendo hum  
 15 Celebre Manoel Gomes França, que foi em  
 ganado pela Camara de Cujo Ditto esta Ca  
 mara Sedá por muito aggravada, e pede  
 a *Vossas Excellencias* huma Exemplar Saptisfaçaõ, que  
 ella Sepatentee Se elle foi aliciado pela Ca  
 20 mara, ou por quem ofoi.

Ainda mesmo *Excellentissimos* Senhores mais nos  
 Consta, que Sendo quem pertende Obstar ofexa  
 mento daditta Ronda, he o *Capitam* Mór desta *Villa*  
 e que este tem em Vista Comprar afazenda do  
 25 Maracanã do fallecido *Tenente* Coronel Joze Felis  
 daSilva, e como os Campos desta fazenda se de  
 videm com os fundos daditta Ronda por hum pe  
 queno arroio, neste quer fazer hum passo *para* por  
 elle se servir, cujo *procedimento* faria que adita Ron  
 30 da ficasse invadida com continuas passagens, e para

Não nada a Servir, ficando assim o morador  
 na dita Sida, com os Logradores e Sacrificados  
 a Montade, e interese dos Cap. Mo. Esta he do  
 Sr. Imperial Informaçes que podemos dar  
 a Representaçes Chama da dos Proprietos, e aldis  
 do Cap. Mo. d. dita S. q. que apuxar de tude em  
 pudente Camara, com Confiança e q. reporto  
 da Representaçes que a S. Mo. Ex. iniciou em 24  
 de Junho duto anno.

Deo J. a S. Mo. Ex. m. anno. S. de  
 delavros em Camara de 15 de Mo. de 1822.

Affmos  
 J. P. e Ex. Mo. S. do Ex.  
 Governo Provisorio duto Prov.

D. De S. Mo. Ex.

Affmos Submimos Camaristas.

Manoel Jose Nouair Fumiering  
 Joas Baptista Portead  
 Joze Antonio de Guadalupe  
 Miguel da Rocha Sert  
 Antonio Dominguy Garcia



<b>Número do documento:</b> 56	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 339
<b>Composição:</b> fól. 2r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Manifestam-se sobre a “representação dos tropeiros” referente ao espaço destinado à ronda	
<b>Datação:</b> 15/setembro/1822	
<b>Autores:</b> Manoel José Novais Guimarães, João Batista Penteado, José Antônio de Quadros, Miguel da Rocha Ferreira e Antônio Domingues Garcia.	

5 Mais nada servisse, ficando assim os morado-  
 res desta Villa, com Seos Logradores Sacrificados  
 aVontade, einteresse doditto Capitam Mór; E estahe *Excellentissimos*  
*Senhores* aimparcial Informaçã que podemos dar  
 aRepresentaçã Chamada dos Tropeiros; / e alliás  
 do Capitam Mór desta Villa / que apezar detudo Sem  
 pre esta Camara, com confiança espera Resposta  
 daRepresentaçã que aVossas *Excellencias* inuiu em 24  
 de Junho deste anno.

10 Deos *Guarde* aVossas *Excellencias* muitos annos. Villa  
 deCastro em Camara de15 deSetembro de1822.

DeVossas *Excellencias*

Illustrissimos e *Excellentissimos* Senhores do *Excellentissimo*  
 Governo Provizorio desta Provincia

15 Attentos eSubmissos Camaristas.

Manoel Jose Novais Guimaraens

Ioão Baptista Penteado

Ioze Antonio de Quadros

Miguel da Rocha Ferreira

20 Antonio Dumingues Garcia

22 - Novembro

Il. mos. Sr. D. J. P. Sr.

1822  
Castro

12-2-47



A Camara Cívica da grande villa de Castro, de  
 des. Consequas hunda Igreja nosta Villa, para hua  
 prompta Administracao dos Sacramentos, e  
 celebiam todas as funcoes Espirituais, e de  
 a antiga Igreja desta Villa, p. m. Villa, emal con-  
 tructa, de alha proxima a Castro, havendo o pre-  
 cipeo do anno hua que p. falta de meios, se  
 mto. atrazo, a pexa de que o servico q. nella se  
 faze, como se a puxa de terras, p. lha de terras, e  
 p. p. mandeiras, das servicoes que qualq. Cerrado  
 pode fazer, e irro de Sombroo esta Camara p. m.  
 na prox. C. p. m. e m. a m. g. t. u. d. p. m. o. t. h. e. r. d. e. l.  
 N. E. a. esta n. e. m. d. Publica Religioza, para que  
 deo de agras do N. E. a. O. m. d. a. r. e. m. a. o. C. p. m. d. o.  
 desta Villa p. m. d. e. m. d. e. t. e. d. e. l. e. u. C. m. a. n. d. e. C. h. e. m. a.  
 gente p. m. d. e. t. a. l. h. e. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 a p. m. d. e. t. a. l. h. e. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 Chica de Castellas, Villa e Caridade, e m. d. e. a. e. r.  
 m. d. e. a. e. r. p. m. d. e. t. a. l. h. e. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 d. e. m. d. e. a. e. r. p. m. d. e. t. a. l. h. e. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 cio p. m. d. e. t. a. l. h. e. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 m. d. e. a. e. r. p. m. d. e. t. a. l. h. e. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 de l. e. u. h. a. b. i. t. a. n. t. e. s. p. a. r. a. p. e. n. e. n. t. a. r. i. a. n. i. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 C. m. a. n. d. e. r. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 de l. e. u. h. a. b. i. t. a. n. t. e. s. p. a. r. a. p. e. n. e. n. t. a. r. i. a. n. i. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 m. d. e. a. e. r. p. m. d. e. t. a. l. h. e. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 meo que p. m. d. e. t. a. l. h. e. p. a. r. a. a. n. i. m. d. e. p. r. o. d. e. r. c. o. n. s. e. l. i. u.  
 e l. o. m. c. o. m. p. a. n. e. a. C. h. e. m. a. q. u. e. N. E. a. O. m. d. e. a. r. O. n. d. e. m. e. n. d.



Número do documento: 57	Número do documento no banco de dados: 344
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Sugerem o “chamamento de gente do distrito” para a conclusão das obras da igreja	
Datação: 02/novembro/1822	
Autores: Manuel José Novais Guimarães, João Batista Penteado, José Antônio de Quadros, Joaquim José Borges e Antônio Domingues Garcia.	

**Illustrissimos e Excelentissimos Senhores**<sup>348</sup>  
**Esta Cama**<sup>349</sup> **Vendo agrande necessidade, de fa**  
**zer conservar huma Igreja nesta Villa, para hua**  
**prompta Administração dos Sacramentos, e S[e]**<sup>350</sup>  
5 **Selebram**<sup>351</sup> **todas as funçoens Espirituais, e Vendo q[ue]**  
**a antiga Igreja desta Villa, por muito Velha, e mal Con[s]**  
**truida, Se acha proxima a Cahir, havendosse pri[n]**  
**cipiado a muitos annos hũa que por falta de meios, se acha**  
**em muito atrazo; apezar do que o Serviço que nella Se**  
10 **requer, como Saõ puxar terras, pilar taipas, corta[r]**  
**e puxar mandeiras**<sup>352</sup>, **saõ Serviços que qualquer Pessoa**  
**pode fazer, por isso se Lembrou esta camara pôr**  
**nas prezenças respeitaveis, e mais que tudo piedozas, de**  
**Vossas Excellencias esta necessidade Publica e Religioza, para que**  
15 **Sendo do agrado de Vossas Excellencias Ordenarem ao Capitam [Mor]**  
**desta Villa para no destrito de Seu Comando Chamar**  
**gente por detalhe, para assim se poder concluir**  
**a principiada Igreja, emquanto alguãs Pessoas**  
**cheias de Relligião, zello e caridade, com Suas Es**  
20 **mollas, fazem promptifar**<sup>353</sup> **aquellas couzas que**  
**denecessidade haõ deser feitas, por homens de Offi**  
**cios proprio para ellas Esta camara pella**  
**[necessidade]**<sup>354</sup> **emque Se Ve, esta Villa da Igreja, Pobreza**  
**de Seus habitantes para precariamente poderem**  
25 **Concorrer, falta de meios ou fundos da Padroeira**  
**Se Vé na necessidade de Representar a Vossas Excellencias ounico**  
**meio que poderá conseguir a concluzaõ dadita Igreja,**  
**ecom confiança Espera que Vossas Excellencias Ordenem**

<sup>348</sup> Logo abaixo do vocativo, existem anotações a lápis, de outros punhos; à esquerda, “2-Novembro”; à direita, “1822”, “Castro” e “12-2-47”.

<sup>349</sup> Note-se o erro de grafiação: “Cama” por “Camara”

<sup>350</sup> Margem do manuscrito danificada, impedindo a leitura correta das últimas letras de algumas linhas.

<sup>351</sup> Note-se o erro de grafiação: “Selebram” por “Selebrem”

<sup>352</sup> Note-se o erro de grafiação: “mandeiras” por “madeiras”

<sup>353</sup> Note-se o provável erro de grafiação: “promptifar” por “promptamente”

<sup>354</sup> Note-se o erro de grafiação: “neicd.” por “necessidade”



Número do documento: 57	Número do documento no banco de dados: 345
Composição: fól. 1v	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Sugerem o “chamamento de gente do distrito” para a conclusão das obras da igreja	
Datação: 02/novembro/1822	
Autores: Manuel José Novais Guimarães, João Batista Penteado, José Antônio de Quadros, Joaquim José Borges e Antônio Domingues Garcia.	

**Ao Capitam Mór desta Villa para ochamamento de<sup>355</sup>**  
**gente do Destrito deSeu Comando, para oditto Ser**  
**viço, oque assim Esperamos nas providentes, e**  
**Relligiozas determinaçoens deVossas Excellencias aquem**  
5                    **Deos Guarde muitos annos. Castro em Cama**  
**ra de 2 de Novembro de 1822.**  
**DeVossas Excellencias**  
**Illustrissimos e Excellentissimos Senhores do Excellentissimo**  
**[Governo] da Provincia deSam Paulo.**  
10                   **Respeitozos e Attentos Camaristas**  
                      **Manoel Jose Novaiz Guimaraez**  
                      **loaõ Baptista Penteado.**  
                      **Joze Antonio de Quadros**  
                      **Ioaquim Iozê Borges**  
15                   **Antonio Domingues Garcia**

<sup>355</sup> Na margem superior, à esquerda, existe a seguinte anotação, de outro punho, a lápis: “2-11-1822”.

2. Dezembro Castro

Ilmos e Ex. Srs.

1822

12-2-48

De nossa Obrigação dizer nos  
 a V. Ex. que o Officio que junto vai para  
 do nas terras de Curitiba, pelo terreno de  
 Porto Abalta que de <sup>mo</sup> sabe, não  
 Colômbia Villa Sivas agora já temete  
 nos, mas queridate Camara invialto  
 parada, temendo de de cam, amimome  
 presumimos, que de variadonno Off. q.  
 de V. Ex. Joazeiro dirigimos em <sup>mo</sup> de a  
 ntes de <sup>mo</sup> Joazeiro, get de de ainda nas ter e  
 to Camara de <sup>mo</sup> Joazeiro.

O Deo. Guard. a V. Ex. m. a.  
 Castro em Camara de de de de 1822.

Ilmos e Ex. Srs. do Ex.  
 Gov. do Prov. de S. Paulo.

O De V. Ex.



Supervisor Camarista  
 Manoel Jose de Araujo Guimaraes  
 Joao Baptista Pintado  
 Joze Antonio de Quadros  
 Manoel Jose de Araujo  
 Antonio Jose de Araujo

Número do documento: 58	Número do documento no banco de dados: 346
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Explicam tardança na remessa de um officio.	
Datação: 02/dezembro/1822	
Autores: Manoel José Novais Guimarães, João Batista Penteado, José Antônio de Quadros, Manuel José de Farias e Antônio Domingues Garcia.	

**Illustrissimos e Excellentissimos Senhores**<sup>356</sup>  
**He denossa Obrigaçam dizer-nos**<sup>357</sup>  
**aVossas Excellencias que oOfficio que Junto vai fexa**  
**do não tem Sido remetido pela tardança do**  
5 **Porte Malla que desde que o mesmo Sefez, não**  
**Voltou aesta Villa Senão agora que oRemete**  
**mos, enão querer esta camara inviallo por**  
**parada, temendo Leve desCaminho assim como**  
10 **prezumimos, que Levaria onosso Officio que**  
**a esse Excellentissimo Governo dirigimos em 24 de Ju**  
**nho deste anno, por delle ainda não ter Es**  
**ta Camara Resposta.**  
**Deos Guarde aVossas Excellencias muitos annos**  
**Castro em Camara de 2 de Dezembro de 1822.**  
15 **Illustrisimos e Excellentissimos Senhores do Excellentissimo**  
**Governo daProvincia deSão Paulo.**  
**De Vossas Excellencias**  
**Respeitosos Camaristas.**  
**Manoel Jose Novaiz Guimaraens**  
**Ioão Baptista Penteado**  
20 **Ioze Antonio de Quadros**  
**Manuel Jozê deFarias**  
**Antonio Domingues Garcia**

<sup>356</sup> À esquerda do vocativo, existem duas anotações a lápis, de outro punho: “2-Dezembro” e “Castro”. Abaixo do vocativo, “1822” e “12-2-48”.

<sup>357</sup> Note-se o erro de grafiação: “dizer-nos” por “dizermos”

Recebi officio de V. Ex. Collativo a menta  
do commando de senat. Comp. Mellici-  
ana ha vid hum official subalterno,  
ou Inferior que se arcafe nas Circun-  
stancias das Ordens de S. Jo. p. p. p. p.  
sem ser proprio p. do Porto de Cap.  
de Ordenancia; o que sou a respon-  
der a V. Ex. que na Comp. de meu Com-  
mando nad. tem Officiaes nem Inferio-  
res, q. se arcafe nas Circunstan-  
cias das Ordens mencionadas. N. q. p. p.  
Informar a V. Ex. q. de S. Jo. de  
S. de Castro de Sant. de 1828

D. S. J.

Officio  
M. Tenente Sarg. M. Com. das Ordens de S. Jo. de Castro de Sant. de 1828

M. S. J.



José Manoel Ribes  
Tenente Com. da T. Comp. Melliciana

Número do documento: 59	Número do documento no banco de dados: 318
Composição: fól. 1r	
Tipologia: Carta oficial	
Ementa: Informa não haver oficial subalterno na 7ª Companhia que possa ser proposto para o posto de Capitão de Ordenanças	
Datação: 07/janeiro/1828	
Autores: Lourenço Marcondes Ribas	

Recebi oOfficio de *Vossa Senhoria* Rellativamente  
 para o exame de sena *Setima Companhia* Melleci-  
 anna havia hum official subalterno,  
 ou Infriores que seaxasse nas Circûns-  
 5 tancias das Ordens de *Sua Excellencia* para pode  
 rem ser propostos para oPosto de Capitam  
 de Ordenanças; oque Sou a respon=  
 der a*Vossa Senhoria* que na *Companhia* de meu Com  
 mando não tem OFeciais nem Infrio=  
 10 res, *que* se axem nas Circunstancias das  
 Ordens mencionadas; Hê o*que* poço  
 Informar a *VossaSenhoria*. *que Deus Guarde* da  
*Villa* de Castro 7 de Janeiro de 1828  
 De*Vossa Senhoria*  
 15 *Illustrissimo* Senhor Sargento Mor Comandante das Ordenanças Ioze Carneiro Lobo  
 Muito *Venerador*  
Lourenço Marcondes Ribas  
 Tenente Comandante da *Setima Companhia Meleciana*<sup>358</sup>

<sup>358</sup> Dobra do papel, dificultando a leitura.

Y<sup>mo</sup>  
Coronel Secretario

Obedecendo ao respectavel despo de V<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup>  
V<sup>o</sup> General passo a informar sobre os p<sup>os</sup> portos p<sup>a</sup> Ca  
p<sup>ta</sup> da Orden<sup>a</sup> desta Div<sup>is</sup>o<sup>es</sup> e B<sup>o</sup> de V<sup>o</sup> proximo periodo  
a q<sup>u</sup>o vou a responder a V<sup>o</sup> q<sup>u</sup> dos Off<sup>es</sup> dos Cap<sup>es</sup> de Melhi  
ior desta Div<sup>is</sup>o<sup>es</sup> e V<sup>o</sup> q<sup>u</sup> nat<sup>o</sup> Comp<sup>o</sup> nao tem q<sup>u</sup> esteja atto  
p<sup>o</sup> entrar p<sup>o</sup> as Orden<sup>es</sup>, e q<sup>u</sup> na B<sup>o</sup> sehem de ter alguns com  
V<sup>o</sup>ficiarios podem estar moros<sup>o</sup> em distancias m<sup>o</sup> longe e p<sup>o</sup> isso  
nao podem ser nomeados pella de f<sup>o</sup>culda de de poderem fa  
zer o servico q<sup>u</sup>o for p<sup>o</sup>visso; E do Corpo das Orden<sup>es</sup>  
q<sup>u</sup> serv<sup>o</sup> no meador tolos estao emido de ho p<sup>o</sup> 30 ann<sup>os</sup>, e da  
mesma forma o Serg<sup>o</sup> da mesma Comp<sup>o</sup> e tem servido te<sup>o</sup>  
p<sup>o</sup>vi nomeada, e tem a id<sup>ade</sup> de ho ann<sup>os</sup> p<sup>o</sup> 30 ann<sup>os</sup>, he o q<sup>u</sup> passo in  
formar a V<sup>o</sup> de V<sup>o</sup> p<sup>o</sup> m<sup>o</sup> e V<sup>o</sup> de Contro<sup>l</sup> do de Jan<sup>o</sup>  
de 1841

D. S. S.

Y<sup>mo</sup>  
Coronel Manuel da Cunha de M<sup>o</sup> Cou<sup>to</sup>



V<sup>o</sup>re Carnel Lobo  
m<sup>o</sup>  
Carg<sup>o</sup> Com<sup>o</sup>

<b>Número do documento:</b> 60	<b>Número do documento no banco de dados:</b> 317
<b>Composição:</b> fól. 1r	
<b>Tipologia:</b> Carta oficial	
<b>Ementa:</b> Informa sobre os propostos para capitão das ordenanças	
<b>Datação:</b> 18/janeiro/1841	
<b>Autores:</b> José Carneiro Lobo	

Illustrissimo Senhor Coronel Secretario  
 Obdecendo ao respeitavel<sup>359</sup> despacho do Illustrissimo e Excellentissimo  
 Senhor General passo a informar Sobre os propostos para Ca  
 pitam da Ordenança deste Destrito feita a 18 de Novembro proximo pasado  
 5 aoque Sou a responder a VossaSenhoria que dos Officios dos Capitains<sup>360</sup> de Milici  
 [[ci]]as desta Villa vera Vossa Senhoria que na Setima Companhia naõ tem quem esteja  
 atto  
 para entrar para as Ordenanças e que na Terceira se bem dis ter alguns com  
 Soficientes porem estes moraõ em distancias muito longe e por isso  
 naõ podem ser nomeados pella deficuldade de poderem fa  
 10 zer oSirvisso quando for percizo; Os do Corpo das Ordenanças  
 que foraõ nomeados todos estaõ em idades de 40 para 50 annos e da=  
 mesma forma oSargento da mesma Companhia e tem cervido tê o  
 prezente namesma e tem aidade de 40 annos para Sima, hê oque posso in  
 formar a Vossa Senhoria Deus guarde por muitos annos Villa de Castro 18 de  
 Janeiro  
 15 de 1841

DeVossaSenhoria

Illustrissimo Senhor Coronel Manuel da Cunha de Azeredo Coutinho

Iozê CarneiroLobo

Sargentomor Comandante

<sup>359</sup> Note-se o erro de grafiação: “respetavel” por “respeitavel”

<sup>360</sup> “Capitains” ou “Capitaens”